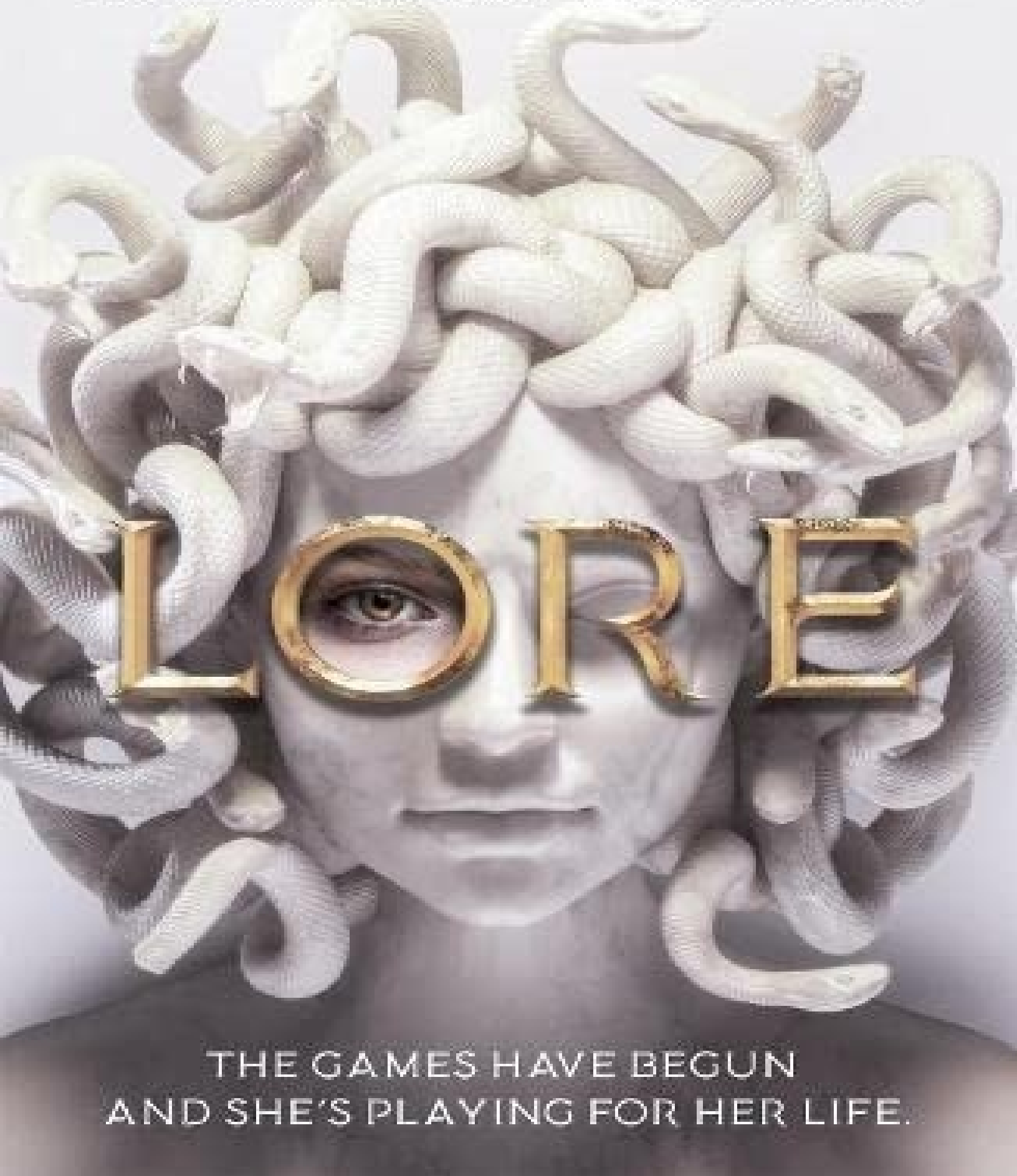
NO. 1 *NEW YORK TIMES* BESTSELLING AUTHOR

ALEXANDRA BRACKEN



Copyright © 2021 por Alexandra Bracken

Todos os direitos reservados. Publicado pela Hyperion, uma marca da Buena Vista Books, Inc. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, sem permissão por escrito da editora. Para informações, endereço Hyperion, 125 West End Avenue, New York, New York 10023.

Desenhado por Marci Senders

Arte da capa © 2021 por Billelis

Marble imagem © 2021 por Stone/Shutterstock

Desenho da capa por Marci

Senders ISBN 978-1-368-00231-8

Visite www.hyperionteens.com

Conteúdo

Página de Título

Copyright

Dedicação

Living Lines

Dead Lines

O Poema da Origem

Prólogo

Parte Um: Cidade dos Deuses

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Dez Anos Antes

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Quatorze

Quinze

Parte Dois: Carregando Fogo

Dezessete

Dezessete

Dezoito

Dezenove

Vinte

e um

Sete Anos Antes

Vinte e Dois

Vinte e Três

Vinte e Quatro

Vinte e Cinco

Vinte e Seis

Vinte e Sete

Vinte e Oito

Parte Três: Imortal

Vinte e Nove

Trinta

e Um

Trinta e Dois

Trinta e Três

Trinta e Quatro

Trinta e Cinco

Trinta e Seis

Trinta e Sete

Parte Quatro: Dark Rivers

Sete Anos Antes

Trinta e Oito

Trinta e Nove

Quarenta e

Sete Anos Antes

Quarenta e Um

Quarenta e Dois

Sete Anos Antes

Quarenta e Três

Parte Cinco : Mortal

Quarenta e Quatro

Sete Anos Antes

Quarenta e Cinco

Quarenta e Seis

Quarenta e Sete

Quarenta e Oito

Quarenta e Nove

Cinqüenta

e Um

Cinqüenta e Dois

Cinqüenta e Três

Cinquenta e Quatro

Cinquenta e Cinco

Cinquenta e Seis

Cinqüenta e Sete

Cinqüenta e Oito

Elenco de Personagens

Agradecimentos

Sobre o Autor

Para minha família grega. Σας αγαπώ όλους.

O senhor do céu ergueu-se brilhante contra a queda

do crepúsculo e falou: Ouçam-me, herdeiros sangrentos

daqueles homens orgulhosos que se aventuraram na

escuridão para matar aqueles monstros e reis do passado.

Eu os chamo para um agon final para

ganhar sua própria glória duradoura. Nove deuses

me traíram e agora exigem uma vingança cruel.

Por sete dias na virada de sete

anos eles andarão como mortais para que vocês, homens, e todos os seus herdeiros daqui em diante, possam quebrar seu próprio caminho predestinado e transformar seu fio de vida em

ouro imortal. Revele sua força e habilidades e

eu o recompensarei com o manto

e o poder imortal do deus cujo sangue

mancha sua lâmina ousada. Por esta chance eu peço muito.

Reúna-se no umbigo do mundo conhecido

e comece sua caçada quando o dia nascer.

Assim será até aquele dia final

em que permanece aquele que é refeito inteiro.

Zeus em Olímpia,

traduzido por Kreon da Odisseides.

Ele acordou com a sensação de terreno áspero abaixo dele e o fedor de sangue mortal.

Seu corpo foi mais lento para se recuperar do que sua mente. Sensações indesejadas queimaram por ele enquanto sua pele se apertava como argila recém-queimada.

O orvalho da grama penetrou nas costas de seu fino manto azul, e ele sentiu a sujeira respingar em suas pernas e pés nus. Um calafrio humilhante passou por ele, varrendo do couro cabeludo ao calcanhar. Pela primeira vez em sete anos, ele pegou um calafrio.

O sangue mortal que fluía através dele era como lodo comparado à luz do sol líquida do icor que havia queimado todos os vestígios de sua mortalidade e o liberado de volta ao mundo. Por sete anos, ele varreu terras próximas e distantes, atiçou os corações cruéis de assassinos, nutriu as brasas dos conflitos em chamas. Ele tinha sido a própria raiva.

Voltar a sentir os limites de um corpo. . . para ser derramado de volta neste vaso fraco. . .

era tormento o suficiente para fazê-lo sentir pena dos antigos deuses. Eles viveram essa atrocidade duzentas e doze vezes.

Ele não iria. Este seria seu sabor final da mortalidade.

Seus sentidos estavam embotados, mas ele reconheceu a cidade e seu grande parque. O

cheiro de grama aparada misturando-se a um tênue esgoto. O som do tráfego ao longe. A sensação elétrica e inquieta de suas veias nas profundezas da rua.

Os cantos de sua boca se esticaram desajeitadamente, forçados a se lembrar de como sorrir. Tinha sido sua cidade uma vez, em sua vida mortal; as ruas lhe ofereceram riquezas, e os gananciosos lhe venderam pedaços de poder. Manhattan uma vez se ajoelhou diante dele, e o faria novamente.

Ele rolou, mudando para um agachamento. Quando ele estava seguro de seus membros, ele se levantou lentamente até sua altura total.

Sangue escuro fluía em rios ao redor dele. Uma jovem, com a máscara arrancada do rosto, olhou para ele com olhos cegos da beira da cratera. Uma faca ainda estava enterrada em sua garganta. A cabeça de um homem, separada de seu corpo, trazia a máscara de um cavalo. Uma adaga estava equilibrada em uma mão flácida que não tinha dedos.

Houve um leve arrastar de passos à sua direita. Ele pegou uma espada que não estava mais ao seu lado. Três figuras saíram de debaixo da sombra das árvores próximas.

Atravessaram a trilha pavimentada entre eles, seus rostos escondidos por máscaras de bronze, cada uma com o rosto de uma serpente.

Sua linhagem mortal. A Casa de Kadmos. Eles vieram buscá-lo, seu novo deus.

Ele esticou o pescoço até rachar, observando a aproximação deles. Os caçadores ficaram impressionados, e isso o agradou. Seu antecessor, o último novo Ares, não era digno de manter o manto do deus da guerra. Tinha sido um prazer indescritível matá-lo e reivindicar seu direito de primogenitura sete anos atrás.

O mais alto dos três caçadores deu um passo à frente. Belém. O novo deus assistiu, divertido, enquanto o jovem arrancava as flechas dos corpos em uma colheita implacável.

Uma pena que seu único filho sobrevivente tivesse nascido um bastardo. Ele não poderia ser o herdeiro de Aristos Kadmou, o mortal que o novo deus havia sido.

Ainda assim, seus lábios se curvaram, e ele acolheu o brilho de orgulho ao ver o jovem.

Belen ergueu a máscara e baixou o olhar respeitosamente. O deus estendeu a mão, sentindo ao longo das linhas de seu rosto. A do menino era muito parecida com a dele agora. A casca cicatrizada de décadas havia sido arrancada do deus quando ele ascendeu, deixando-o jovem novamente. Em seu auge, para sempre.

"O mais honrado de todos nós", disse Belen, ajoelhando-se. Ele ofereceu ao novo deus um pacote enrolado da bolsa em seu quadril - uma túnica de seda carmesim para substituir a hedionda azul-celeste que ele usava agora. “Nós damos as boas-vindas a você e oferecemos o sangue de seus inimigos em homenagem ao seu nome, como um sinal de nossa lealdade eterna. Estamos aqui para protegê-lo com nossas vidas até que chegue a hora de você renascer novamente no poder.”

As palavras eram cascalho na garganta do novo deus. "Além disso."

“Sim, meu senhor,” Belen disse.

Mais caçadores se aproximaram por trás de Belen, todos encapuzados com o preto de um caçador. Arrastaram uma figura também vestindo uma túnica azul-celeste.

“Traga-o para mim,” ele disse a Belen.

Dois SUVs pretos, com as luzes apagadas, se aproximaram da rua próxima e dirigiram sobre a grama para alcançá-los. Os Kadmides então começaram seu trabalho. Eles desenrolaram lonas na grama do Central Park e rolaram os caçadores mortos sobre elas.

Eles reviraram o solo. Substituiu a grama ensanguentada. Carregou as carcaças brutalizadas no porta-malas de outro SUV parando atrás deles.

Esse mesmo ritual, ele sabia, estava sendo realizado pelas outras linhagens do parque.

O cativo atacou novamente enquanto era puxado para frente, golpeando os caçadores mais próximos com seu crânio como um animal raivoso. Eles cortaram os tendões de seus tornozelos para impedi-lo de usar sua velocidade

aumentada para escapar. Boa.

Os caçadores o forçaram a ficar de joelhos. O novo deus se abaixou para arrancar o capuz de sua cabeça.

Olhos dourados ardiam enquanto olhavam para ele, as faíscas de poder girando com fúria. O sangue escorria de um ferimento em sua testa, manchando sua pele e túnica outrora luminosas.

"Seu último poder útil foi tirado de você", disse o novo deus. Ele agarrou um punhado do cabelo castanho encaracolado do velho deus e puxou a cabeça para trás, forçando seu olhar para cima.

“Eu sei o que você deseja, Godkiller,” o velho deus disse na língua antiga. "E você nunca vai encontrá-lo."

Ele só precisava saber que não tinha sido destruído. A raiva do novo deus era seu próprio tipo de euforia. Ele trouxe o fio afiado de sua lâmina para a carne mortal e macia do velho deus.

O novo deus sorriu.

“Trapaceiro. Mensageiro. Viajante. Ladrão”, disse o novo deus. Então ele enfiou a lâmina nos ossos sulcados da espinha do prisioneiro. "Nenhuma coisa."

O sangue brotou da ferida. O novo deus bebeu profundamente a visão do medo do velho deus — aquela dor, aquela descrença — enquanto seu poder se desvanecia. Uma pena que o novo deus não pudesse adicioná-lo ao seu.

“É o jeito das coisas, não é?” disse o novo deus. Ele se inclinou, observando enquanto a última chama de vida deixava os olhos do velho deus. “O caminho de seu pai, e o pai dele antes dele. Os velhos deuses devem morrer para permitir que os novos ressurjam.”

O parque estava em silêncio ao redor deles, exceto pelos sons molhados da lâmina de serra do novo deus, e o estalo revigorante quando ele finalmente separou a cabeça de seu corpo. O novo deus empurrou a cabeça de Hermes alto o suficiente para seus seguidores verem.

Os caçadores sibilaram de prazer, batendo os punhos contra o peito. O novo deus

deu uma última olhada nele antes de jogar a cabeça na lona mais próxima com os outros restos. Na manhã seguinte, não haveria sinal dos oito deuses que apareceram como relâmpagos dentro dos limites do Central Park, ou daqueles caçadores que caíram em suas tentativas de matá-los.

A cidade zumbia ao redor dele, doendo com o caos mal contido. Cantou para ele uma canção de terror vindouro. Ele entendeu esse desejo - ser liberado.

“Eu sou a Ira.” O novo deus se ajoelhou, mergulhando os dedos na lama sangrenta. "Eu sou seu mestre." Ele os arrastou para baixo sobre suas bochechas. “Eu sou sua glória.”

Os caçadores ao redor dele levantaram suas máscaras para fazer o mesmo, espalhando a terra úmida em seus rostos ansiosos.

Uma nova era estava ao seu alcance, esperando ser conquistada por alguém forte o suficiente para ousar.

“Agora”, disse o novo deus, “começamos”.

SUA MÃE UMA VEZ lhe dissera que a única maneira de realmente conhecer alguém era lutar com eles. Na experiência de Lore, a única coisa que a luta realmente revelou foi o ponto em seu corpo que alguém menos queria levar um soco.

Para seu oponente, aquele ponto era claramente a nova tatuagem em seu seio esquerdo, o que ainda estava coberto com um curativo.

Lore trouxe suas luvas de catorze onças e as deixou absorver outro golpe desleixado.

Seus tênis chiaram sobre os tapetes azuis baratos quando ela deu um passo para trás.

As linhas de fita adesiva prateada segurando o anel improvisado estavam, depois de cinco lutas naquela noite, começando a descascar com a umidade e o calor. Ela grunhiu enquanto batia no mais próximo com o calcanhar.

O suor escorria por seu rosto até que tudo o que ela podia provar era o sal. Lore se recusou a limpá-lo, mesmo quando ardia em seus olhos. A dor era boa. Isso a

manteve focada.

Isso - a luta - não era nada mais do que um mau hábito recente, que lhe trouxe uma libertação desesperadamente necessária após a morte de Gil seis meses atrás. Mas sua promessa original de apenas uma partida havia desaparecido quando ela sentiu aquela onda familiar de adrenalina.

Uma luta tinha sido suficiente para quebrar a dor mortal, para tirá-la de sua cabeça e

voltar para seu corpo. Duas brigas desconectaram a dor profunda em seu coração. Três tinham trazido uma quantia surpreendente de dinheiro.

E agora, semanas depois, a luta quinze estava dando a ela exatamente o que ela estava desesperada para aquela noite: uma distração.

Lore disse a si mesma que poderia parar a qualquer momento. Ela poderia parar quando já não se sentia bem. Ela poderia parar quando desenterrasse muito do que ela havia enterrado.

Mas Lore não estava lá. Ainda não.

O porão apertado da Red Dragon Fine Chinese Food estava sufocante. A pressão quente de muitos corpos cercava os tapetes. A multidão se moveu como os lutadores fizeram, formando o limite não oficial do ringue enquanto eles agarravam seus copos Solo e tentavam evitar derramar sua bebida de primeira linha.

Contas e apostas fluíam ao redor dela, mão a mão, até chegarem a Frankie, o organizador do ringue. Lore olhou para ele enquanto ajustava a ordem e as apostas das próximas duas lutas, sempre menos interessado no vencedor do que nos ganhos.

O vapor desceu as escadas da cozinha acima deles, dando ao ar uma qualidade acetinada. O cheiro de frango kung pao era uma alternativa deliciosa para o fedor de vômito velho e cerveja que assombrava as boates fechadas pelas quais o ringue geralmente circulava.

A multidão não parecia se importar; o que fosse preciso para lhes dar alguma ilusão de vantagem. A lista exclusiva de Frankie parecia muito menos exclusiva

hoje em dia: modelos, tipos de cena artística e empresários passando seus pequenos sachês de pó branco agora eram frequentemente acompanhados por crianças de escolas particulares testando os limites da apatia de seus pais.

Seu oponente era um garoto mais ou menos da idade dela – todo pele macia, sem marcas e confiança imerecida. Ele riu, curvando um dedo para ela quando a escolheu entre todos os lutadores disponíveis de Frankie. Lore decidiu destruí-lo e destruir qualquer pedaço esfarrapado de seu orgulho que restava bem antes de ele chamá-la de menininha e soprar um beijo bêbado para ela.

"Deixe-me adivinhar", disse ela em torno de seu protetor bucal. Lore apontou para o curativo no peito do adolescente, cobrindo sua nova arte corporal. "Viva Ria AME? Rosé o dia todo?"

Suas sobrancelhas baixaram enquanto a multidão ria. O menino balançou uma luva na cabeça dela, grunhindo com o esforço. O movimento, combinado com sua força fraca, deixou seu peito bem aberto. Lore tinha um alvo claro quando ela bateu a luva em sua pele macia e pintada.

Os olhos do menino se arregalaram, sua respiração ofegante. Seus joelhos bateram no tapete.

"Levante-se", disse Lore. "Você está envergonhando seus amigos."

"Você... seu estúpido bi..." O garoto engasgou um pouco com seu protetor bucal. Lore se perguntou quanto tempo levaria antes que ele derretesse, e agora ela tinha sua resposta: cinco minutos.

"Tenho certeza que você não vai me chamar assim", disse ela, circulando-o, "quando você é o único de quatro."

Ele lutou para ficar de pé, fumegando. Ela revirou os olhos.

Não é mais tão engraçado, não é? Lore pensou.

Gil teria dito a ela para se afastar do garoto estúpido - ele sempre foi rápido em lembrar Lore daquele jeito sem julgamento e avô dele que ela não tinha que pular em todas as brigas que se apresentavam. A verdade era que o homem teria odiado isso, e Lore também sofreu a culpa disso. De decepcioná-lo.

Mas Lore tentou outras maneiras. Nenhum deles a ajudou a passar pela onda esmagadora de perda como uma boa luta fez. E agora não era apenas da morte de Gil que ela precisava escapar; havia um novo medo arranhando sob sua pele.

Era agosto, e a caça havia voltado para sua cidade.

Apesar de seus melhores esforços para seguir em frente, para esquecer a vida sombria que ela deixou para trás e entrar na luz do sol de uma nova e melhor, uma parte de sua mente ainda estava sintonizada com a lenta contagem regressiva dos dias. Seu corpo ficou mais apertado, seus instintos mais aguçados, como se estivesse se preparando para o que estava por vir.

Ela começou a ver rostos familiares pela cidade duas semanas antes, fazendo seus preparativos finais para esta noite. O choque veio como uma facada nos pulmões; cada avistamento era a prova de que toda a sua esperança, todo o seu pedido silencioso, não deu em nada. Por favor, ela pensou de novo e de novo nos últimos meses, que seja Londres neste ciclo. Que seja Tóquio.

Que seja em qualquer outro lugar, menos na cidade de Nova York.

Lore sabia que ela não deveria ter se aventurado esta noite, não enquanto a matança estivesse no auge. Se um único caçador a reconhecesse, as linhagens não seriam apenas deuses caçadores. Eles estariam querendo esfolá-la também.

Do canto do olho, Lore viu Frankie verificar seu ridículo relógio de bolso e dar o sinal de embrulho. Lugares para ir, dinheiro para esfregar na cara dele, ela supôs.

“Já terminou?” perguntou Lore.

Aparentemente, o álcool decidiu atingir o menino de uma vez. Ele perseguiu Lore ao redor dos tatames com seus punhos desajeitados e balançando, ficando mais irritado enquanto o riso da multidão explodia.

Quando ela se virou para evitar um golpe, seu colar balançou de onde ela o havia enfiado por baixo da camisa. O encanto nele, uma pena de ouro, pegou a luz fraca e brilhou. A luva de seu oponente a atingiu. De alguma forma, ele deve ter se enganchado em sua

corrente fina, porque quando Lore se mexeu novamente, o fecho quebrou e, de repente, o amuleto estava no chão a seus pés.

Lore usou seus dentes para soltar o velcro de sua luva e deslizou sua mão livre. Ela se abaixou quando seu oponente balançou novamente, rapidamente pegando o colar e colocando-o no bolso de trás de sua calça jeans por segurança. Quando ela colocou a luva de volta, seu corpo esquentou com uma nova onda de ressentimento.

Gil tinha dado a ela.

Lore voltou-se para o menino, lembrando-se de que não poderia matá-lo. Ela poderia, no entanto, quebrar seu lindo narizinho.

O que, para os aplausos da multidão, ela fez.

O sangue jorrou de seu rosto enquanto ele xingava.

— Acho que já passou da hora de dormir, garotinho — disse ela, olhando para Frankie para ver se ele ligava para a partida. “Na verdade...”

Ela viu o punho saindo na borda de sua visão, e se virou bem a tempo de levar o golpe no lado de sua cabeça, não em seu olho. O mundo cintilou em preto, depois explodiu em cores novamente, mas ela conseguiu ficar de pé.

O menino exclamou em vitória, erguendo os braços no ar, o nariz ainda sangrando. Ele cambaleou em direção a ela, e no momento em que ela percebeu o que estava acontecendo foi o único momento que ela teve.

Lore instintivamente levantou as luvas para proteger o peito, mas não era isso que ele queria. O menino trancou um braço em volta do pescoço dela e apertou os lábios nos dela.

O pânico estava cegando, explodindo sobre a pele de Lore como gelo; isso a trancou fora de sua própria mente. Ele pressionou seu corpo mais apertado contra o dela, sua língua desajeitadamente a lambendo enquanto a multidão uivava ao redor deles.

Algo se abriu dentro dela, e a pressão que vinha se acumulando em seu peito por semanas foi liberada com um rugido de fúria. Ela enfiou o joelho com força entre as pernas dele. Ele caiu como se ela tivesse cortado sua garganta, gritando todo o caminho.

Então ela se lançou.

A próxima coisa que Lore percebeu foi ser puxada do chão ainda chutando e rosnando.

Suas luvas estavam salpicadas de sangue, e o que restava de seu rosto estava irreconhecível.

"Pare!" Big George, um dos seguranças de Frankie, deu-lhe uma pequena sacudida.

“Querida, ele não vale a pena!”

O coração de Lore bateu contra suas costelas, batendo rápido demais para ela recuperar o fôlego. Seu corpo tremeu quando Big George colocou seus pés de volta no chão, segurando-a até que ela lhe deu um aceno de cabeça dizendo que estava bem. Por sua vez, Big George caminhou até o garoto gemendo no tapete e o cutucou com o pé.

Quando as batidas nos ouvidos de Lore diminuíram, ela percebeu que a sala havia caído completamente em silêncio, exceto pelas batidas e barulhos na cozinha no andar de cima.

Um horror lento deslizou por ela, dando um nó em torno de seu coração. Dentro de suas luvas, seus dedos se curvaram ao ponto de doer. Ela não tinha apenas perdido o controle.

Ela voltou para uma parte de si mesma que pensou ter matado anos atrás.

Esta não sou eu, ela pensou, enxugando o suor do lábio superior. Não mais.

Havia mais na vida do que isso.

Desesperada para recuperar o pagamento de sua noite, Lore ignorou a bílis, e o ódio singular e agudo que ela tinha pelo pedaço de sujeira no chão, e colocou um sorriso tímido em seu rosto. Ela ergueu as mãos e deu de ombros.

Os espectadores a recompensaram com aplausos, erguendo seus copos no ar.

"Você não ganhou - você trapaceou", o menino estava dizendo. "Não foi justo -

você trapaceou!"

Essa era a coisa com garotos como ele. O que ele estava sentindo naquele momento, aquela raiva, não era o mundo caindo sobre ele. Era uma ilusão destruidora, aquela que lhe dizia que ele merecia tudo, e que isso lhe era devido simplesmente porque ele existia.

Lore tirou as luvas e se inclinou sobre o menino. A multidão se calou, seus rostos tão ansiosos quanto corvos famintos.

“Talvez seu próximo deva ser Não posso vencer por perder?” ela disse docemente enquanto pressionava com força contra seu curativo, desta vez com a mão nua. O sino tocou sobre o som de seu grito indignado, encerrando a partida. Big George o arrastou de volta para seu grupo de amigos.

Lore começou a voltar para Frankie. Tinha sido um erro vir aqui esta noite. Mesmo agora, ela não sabia dizer se seu corpo queria que ela corresse ou gritasse.

Ela chegou à beira do ringue quando ele gritou: “Próxima partida: Golden contra o desafiante Gêmeos”.

Lore deu a ele um olhar irritado, que ele retornou com seu habitual sorriso despreocupado. Ele mostrou-lhe cinco dedos. Ela balançou a cabeça, e ele acrescentou mais três. Notas amassadas balançavam no ar ao redor dela, esvoaçando enquanto a multidão corria para fazer suas apostas.

Ela precisava ir para casa. Ela sabia disso, mas. . .

Lore levantou todos os dez dedos. Frankie fez uma careta, mas acenou de volta para o ringue. Ela colocou as luvas de volta e se virou. Se fosse um dos amigos do menino, pelo menos ela poderia se divertir.

Não era.

Lore recuou. Seu oponente estava do lado de fora da luz lançada pela luminária acima, claramente dando boas-vindas à escuridão. O jovem deu um passo à frente, o suficiente para que o brilho fraco atingisse a máscara de bronze que obscurecia seu rosto.

Sua respiração ficou pesada em seus pulmões.

Caçador.

UMA ÚNICA PALAVRA BRILOU em sua mente. Corre.

Mas seus instintos exigiam algo mais, e seu corpo escutou. Ela deslizou para uma postura defensiva, sentindo o gosto de sangue enquanto mordia o interior da boca. Cada parte dela parecia vibrar, eletrizada pelo medo e fervor.

Você é uma idiota, Lore disse a si mesma. Ela teria que matá-lo na frente de todas essas pessoas, ou encontrar uma maneira de levar a luta para fora e fazê-la ali. Essas eram as únicas opções que ela se permitiu considerar. Lore não estava prestes a morrer em tapetes encharcados de bebida no porão de um restaurante chinês que nem sequer servia mapo tofu.

Seu oponente se elevou sobre Lore de uma maneira que ela tentou fingir que não achava alarmante. Ele tinha pelo menos uma vantagem de quinze centímetros, apesar de sua própria estrutura alta. Sua camisa cinza simples e calça de moletom eram muito pequenas, estendendo-se sobre sua forma atlética. Cada músculo de seu corpo era tão perfeitamente definido quanto aqueles homens que ela tinha visto nos vasos antigos de seu pai. A máscara que ele usava era uma expressão furiosa de um homem quando ele soltou um grito de guerra.

A Casa de Aquiles.

Bem, Lore pensou fracamente. Merda.

“Eu não luto com covardes que não mostram seus rostos,” ela disse friamente.

A resposta foi calorosa, retumbando com uma risada reprimida. “Eu imaginei isso.”

Ele levantou a máscara e deixou-a cair na borda do ringue. O resto do mundo foi queimado.

Você está morto.

As palavras ficaram presas em sua garganta, sufocando-a. A multidão empurrou Lore para frente nos tapetes, mesmo quando ela recuou um passo, mesmo

enquanto lutava por ar que parecia não vir até ela. Os rostos ao redor dela ficaram borrados na escuridão na borda de sua visão.

Você deveria estar morto, pensou Lore. Você morreu.

"Surpreso?" Havia uma nota esperançosa em sua voz, mas seus olhos estavam procurando. Ansioso.

Rícino.

Toda a promessa em suas feições havia se aguçado e definido quando a plenitude da juventude deixou seu rosto. Era surpreendente o quanto sua voz se aprofundou.

Por um momento horrível, Lore estava convencida de que ela estava em um sonho lúcido.

Que isso só terminaria do jeito que sempre acontecia quando ela sonhava que seus pais e irmãs ainda estavam vivos. Ela não tinha certeza se ficaria doente ou começaria a soluçar. A pressão cresceu em seu crânio, imobilizando-a, sufocando qualquer alegria que pudesse ter sangrado por seu choque.

Mas Castor Achilleos não desapareceu. As dores das lutas anteriores de Lore ainda estavam lá, latejando. O cheiro de bebida e comida frita estava por toda parte. Ela sentiu cada gota de suor grudada em sua pele, descendo pelo rosto e pelas costas. Isso era real.

Mas Lore ainda não conseguia se mexer. Não conseguia desviar o olhar de seu rosto.

Ele é real.

Ele está vivo.

Quando um sentimento finalmente rompeu a dormência, não foi o que ela esperava. Era raiva. Não selvagem e consumidora, mas tão afiada e implacável quanto suas lâminas de prática já foram.

Castor estava vivo, e ele a deixou entristecê-lo por sete anos.

Lore passou uma luva em seu rosto, tentando se reorientar, mesmo quando seu corpo parecia que poderia se dissolver. Esta foi uma luta. Ele já tinha dado o primeiro golpe, mas esta era a pessoa que uma vez tinha sido sua melhor amiga, e ela sabia a melhor maneira de revidar.

“Por que eu ficaria surpreso?” Lore conseguiu sair. “Eu não tenho ideia de quem você é.”

Um lampejo de incerteza passou pelo rosto de Castor, mas desapareceu quando ele ergueu uma sobrancelha e deu a ela um pequeno sorriso conhecedor. Ao lado dela, vários homens e mulheres na platéia vibraram e começaram a sussurrar.

Não havia como mandá-lo embora sem fazer uma cena, e não havia como ela deixá-lo sair deste porão completamente ileso depois de tudo o que aconteceu. Lore se virou para dar o sinal para Frankie, esperando que ninguém pudesse ver seu coração tentando sair do peito.

O sino tocou. A multidão aplaudiu. Ela se abaixou em uma posição de luta.

Vá embora, ela pensou, olhando para Castor por cima das luvas. Me deixe em paz.

Ele não se importou o suficiente para tentar encontrá-la nos últimos sete anos, então qual era o objetivo disso? Para zombar dela? Para tentar forçá-la a voltar?

Como diabos ele faria.

"Por favor, seja gentil." Castor ergueu as mãos, olhando para uma fenda em uma de suas luvas emprestadas. “Faz tempo que não faço sparring.”

Não só ele estava vivo, ele terminou seu treinamento como um curandeiro em vez de um lutador, como planejado. Sua vida tinha acabado exatamente como deveria, sem ela ali para interrompê-la.

E ele nunca tinha vindo para encontrá-la. Nem mesmo quando ela mais precisava dele.

Lore ficou leve em seus pés, circulando ao redor dele. Sete anos se estenderam entre eles como o mar escuro como o vinho.

“Não se preocupe,” ela disse friamente. “Vai acabar rápido.”

"Não muito rápido, eu espero", disse ele, outro sorriso puxando seus lábios.

Seus olhos escuros captaram a luz das lâmpadas balançando no alto, e as íris pareciam lançar faíscas. Ele tinha um nariz comprido e reto, apesar do número de vezes que o quebrou lutando, uma mandíbula cortada em ângulos perfeitos e maçãs do rosto como lâminas.

Lore deu o primeiro soco. Ele se inclinou para o lado para evitá-lo. Ele foi mais rápido do que ela se lembrava, mas seus movimentos cambalearam. Por mais forte que seu corpo parecesse, Castor estava sem prática. Isso a fez pensar em uma máquina enferrujada lutando para encontrar seu fluxo normal. Como se para confirmar as suspeitas de Lore, ele se inclinou um pouco demais e teve que verificar seu equilíbrio para não tropeçar.

"Você está aqui para lutar ou não?" ela rosnou. “Eu sou pago pelo jogo, então pare de desperdiçar meu tempo.”

“Eu nem sonharia com isso”, disse Castor. "A propósito, você ainda está deixando cair o ombro direito."

Lore fez uma careta, resistindo ao desejo de corrigir sua postura. Eles já estavam perdendo seu público. O piso do porão estremeceu quando a multidão bateu os pés em uma batida de condução, tentando forçar uma mudança no ritmo da luta.

Castor parecia ler a sala corretamente, ou ele tinha se espalhado por bebidas suficientes, porque seu rosto estava com um foco recém-descoberto. As lâmpadas continuavam balançando em suas correntes, lançando sombras. Ele teceu dentro e fora deles, como se conhecesse o segredo para se tornar a própria escuridão.

Ele fintou para a direita e lançou um soco indiferente em seu ombro.

Fury pintou o mundo de Lore de um branco escaldante. Isso era o quão pouco ele a respeitava agora. Ele não a via como uma oponente digna. Ele a via como uma piada.

Lore deu um soco em seu rim, e quando seu corpo se curvou, sua mão esquerda bateu em sua orelha. Ele cambaleou, eventualmente caindo de joelhos quando

não conseguiu recuperar o equilíbrio.

Ela deu outro soco, este diretamente em seu rosto, mas ele teve bastante juízo para bloqueá-lo. O impacto reverberou em seu braço.

“Continue brincando comigo,” ela o avisou. “Veja como isso termina para você.”

Castor olhou para ela através do cabelo escuro e rebelde que tinha caído em seus olhos, sua pele cor de marfim corada. Ela olhou de volta. O suor escorria do queixo de Lore, e seu corpo ainda estava pulsando com a força da tempestade dentro dela. As luzes oscilantes dançavam em suas íris escuras novamente, quase hipnoticamente. Os últimos traços de humor deixaram seu rosto como se ela mesma os tivesse arrancado.

Ele disparou para frente, prendendo um braço atrás dos joelhos dela e puxando-os debaixo dela. Em um momento, Lore estava de pé; no próximo, ela estava deitada de costas, ofegante. A platéia aplaudiu.

Ela levantou a perna para empurrá-lo para longe dela, apenas para ouvir a voz agradável de Frankie gritar: "Sem chutes!"

Direito.

Lore rolou com força para a esquerda, chegando à beira do tapete e de pé novamente.

Desta vez, quando ela lançou um voleio em Castor, ele estava pronto, enfrentando seu golpe por golpe. Ela se abaixou e balançou, afundando na corrente da luta. Seus lábios se curvaram em um sorriso involuntário.

Houve movimento no topo da escada do porão quando alguém desceu. Aquele olhar custou a Lore – Castor puxou o braço para trás e lançou um poderoso golpe em seu estômago.

Ela ofegou, tentando resistir a dobrar a cintura. Os olhos de Castor se arregalaram, quase com medo.

"Você está o-?" ele começou.

Lore abaixou a cabeça e a dirigiu direto para o peito dele. Foi como bater em

uma parede de cimento. Cada junta de seu corpo sofreu, e sua visão estava pontilhada de preto, mas ele caiu, e ela caiu com ele.

Castor os rolou para ficar por cima, tomando cuidado para não esmagá-la com seu peso enquanto a prendia no tapete. Lore ficou satisfeita ao ouvi-lo respirar tão forte quanto ela.

“Você morreu,” ela conseguiu engasgar enquanto lutava contra o aperto.

"Eu não tenho muito tempo", disse ele. Então ele mudou para a língua antiga. "Eu preciso de sua ajuda."

O sangue dela esfriou com as palavras dele, faladas na língua que ela tentou se forçar a esquecer.

"Algo está acontecendo", disse ele. A luta tinha aquecido seu corpo até que estava quase queimando ao toque. “Não sei em quem posso confiar.”

Lore virou o rosto. “E esse é o meu problema como? Estou fora."

“Eu sei, mas também preciso avisá-lo— Droga,” Castor respirou, então praguejou novamente na língua antiga para garantir. Ele mudou suas posições para que Lore rolasse em cima dele. Ela estava vagamente ciente da platéia cantando a contagem obrigatória de oito. Tarde demais, ela percebeu que ele a estava deixando vencer.

“Seu idiota,” ela começou.

Seu olhar estava fixo na escada, na figura que ela vislumbrou antes. Evander — parente de Castor e companheiro ocasional de brincadeiras dos dois quando eram crianças.

Van usava um simples manto preto de caçador, com um brilho de algo dourado preso logo acima do coração. Sua pele escura brilhava com o vapor rolando atrás dele da cozinha, o tom frio como uma pérola. Ele cortou o cabelo rente, o que só serviu para destacar o quão devastadoramente bonito ele era. Seus olhos estavam afiados quando ele sinalizou algo para Castor.

“O tempo acabou”, disse Castor. Lore não tinha certeza se ele estava falando sobre a partida ou qualquer outra coisa.

“Espere,” Lore começou, embora ela não soubesse por quê. Mas Castor já a havia tirado de cima dele. As mãos dele se demoraram na cintura dela um segundo a mais do que qualquer um deles parecia perceber.

“Ele está procurando algo, e não sei se é você”, disse Castor.

A cabeça de Lore ficou leve enquanto suas palavras afundavam. Havia apenas um que importaria. Ela lutou por sua próxima respiração. Ela lutou contra a estática crescendo em seus ouvidos.

“Você pode ter acabado com o Agon, mas não acho que acabou com você. Tome cuidado." Seu olhar se tornou intenso quando ele se abaixou e sussurrou em seu ouvido.

“Você ainda luta como uma Fúria.”

Castor recuou, fazendo uma reverência, aceitando vaias da multidão e uma taça Solo vermelha que lhe foi oferecida. Ele empurrou a platéia, indo direto para as escadas.

Quando Castor o alcançou, Evander agarrou seu braço e, juntos, eles desapareceram na cozinha sufocante.

Alguém agarrou o pulso de Lore, tentando puxar seu braço no ar, mas Lore já estava se movendo, abrindo caminho entre a multidão.

O que você está fazendo mesmo? sua mente gritou para ela. Deixa eles irem!

Ela colidiu com alguém perto da escada, com força suficiente para que ele fosse enviado tropeçando contra a parede próxima. Lore se virou, meio pedido de desculpas já escapando de seus lábios, quando viu quem era.

Merda.

Sua pele era branca como osso, seus olhos escuros quase comicamente arregalados quando encontraram os dela. Corte de cabelo ousado e vagamente hipster. Armação skinny e jeans mais skinnier. Colar feito de crina de cavalo trançada.

Milhas.

Inacreditável, ela pensou. Como diabos esta noite conseguiu ficar pior?

"Espere aqui!" ela pediu.

Em seu aceno atordoado, Lore correu para a cozinha, ziguezagueando entre os cozinheiros irritados e o véu de vapor até encontrar a porta de emergência avariada e irromper na rua escura.

O ar brilhava vermelho das luzes traseiras do SUV que se afastava em alta velocidade.

Uma única xícara Solo vermelha rolou em direção aos pés dela, algo escuro manchado na lateral dela.

Tinta.

Ela o virou para a fraca luz de segurança acima da porta, tentando analisar os traços irregulares de cada letra. Seu pulso batia descontroladamente em suas têmporas.

Apodraskinda.

Um jogo de criança. Esconde-esconde.

Um desafio. Venha me encontrar.

Lore jogou o copo em uma lata de lixo próxima e foi embora.

O CALOR EM SEU corpo tinha diminuído quando Lore fez seu caminho de volta para o porão. Ela não viu Miles enquanto cortava a multidão e foi pegar sua mochila e o pagamento da noite de Frankie. Ela apenas escutou as instruções dele sobre onde seriam realizadas as partidas da próxima semana, contou suas contas para ter certeza de que ele não a estava traindo e tentou ignorar o pulsar em suas veias.

Ele está procurando por algo, e não sei se é você.

Um estremecimento passou por ela. Ela balançou a cabeça, limpando a voz e o rosto de Castor de sua mente para se preparar para o que estava por vir.

Miles estava esperando por ela do lado de fora. Nos poucos minutos que Lore levou para voltar para a rua, ele conseguiu ficar sem fôlego - seja de andar de um lado para o outro, ensaiando qualquer discurso que ele estava prestes a dar a ela, ou uma combinação de

ambos. Ele parou quando ela entrou pela porta, fingindo que estava checando seu telefone o tempo todo.

O que quer que ela esperasse que ele dissesse, não era "Quer comer algo no Martha's?"

Lore hesitou. O que ela queria era ir para casa, tomar banho e dormir pelos próximos seis dias, até que essa caça nojenta chegasse ao fim e o próximo ciclo de sete anos começasse. Mas Miles teve um efeito estabilizador sobre ela.

"Claro", disse ela com indiferença forçada. Ainda parecia que havia relâmpagos sob sua pele. "Parece bom para mim."

Ele ergueu uma sobrancelha. “Você definitivamente está pagando desta vez.”

"Eu sou?" ela disse, deixando-se levar de volta ao seu ritmo confortável. "Ou eu vou agitar esses cílios e ter nossa refeição por conta da casa?"

“Quando, em toda a sua vida,” Miles começou, genuinamente curioso, “isso já funcionou para você?”

"Desculpe", disse Lore. “Sou adoravelmente persuasivo.”

Ela os agitou agora, mas seu rosto doía dos golpes que ela havia levado, e o inchaço provavelmente não ajudou muito, também.

Miles abriu a boca para dizer mais alguma coisa, mas mudou de ideia.

"O que?" ela perguntou.

"Nada", disse ele, olhando para o céu nublado. "Devemos ir antes de tomarmos o banho que apenas um de nós precisa?"

O ar pingava de umidade e estava perfumado com o lixo ensacado empilhado para coleta na manhã seguinte. Um táxi passou voando, levantando uma onda de

água da sarjeta.

Estava chovendo há dias, e Lore sabia que havia mais por vir.

“Estou usando um perfume do melhor lo mein e BO”, disse Lore. “Não há explicação para o gosto com você.”

Isso, é claro, não era verdade. Miles tratou seu corpo como uma obra de arte, deixando-o falar por ele – seus humores, seus interesses e as pessoas que ele carregava em seu coração. Sua pele era colorida por uma variedade de tatuagens, de lindos florais e videiras que envolviam seu torso, a rostos de arte moderna que ele mesmo havia desenhado, a montanhas, olhos e faixas de formas que só ele sabia o significado. Lore sempre gostou mais das simples tatuagens hangul em seu pescoço por causa da história por trás delas. A frase era algo que sua avó costumava dizer a ele quando ele ligava para ela e seus pais em casa na Flórida aos domingos: Eu te amo mais a cada nascer do sol.

Quando ele os mostrou a ela, ela o repreendeu por mais uma tatuagem, lambendo o dedo e fingindo tentar limpá-los com o dedo, mas ela brilhou com orgulho o resto da noite.

Eles caminharam até a estação de metrô da Canal Street para pegar o trem A até a 125th Street. Lore estava no meio da escada quando ouviu o trem se aproximando e sentiu a

rajada reveladora de ar passar pela estação. Ela correu, tirando o MetroCard do bolso de trás e passando pelo leitor. Miles, nunca pronto, soltou um som estrangulado e remexeu na carteira.

“Espere, não... ack...” Miles passou seu cartão novamente, recebendo uma mensagem de erro.

Eram três e meia da manhã, mas o serviço de metrô desacelerou nas horas vagas, deixando o vagão cheio. Ela pegou a porta se fechando com o antebraço assim que Miles quase mergulhou.

Ele deu um tapa no ombro dela enquanto o trem avançava.

"Martha", disse ela. "Com fome."

"Táxi", disse ele. "Fácil."

"Dinheiro", disse ela. “Desperdício.”

O carro esvaziou em Columbus Circle, liberando os assentos na frente deles. Miles sentou-se e imediatamente pegou seu telefone. Lore respirou fundo, esfregando a mão na testa. Com seu corpo imóvel, havia apenas o caos de seus pensamentos.

Ele está procurando por algo, e não sei se é você.

Lore ficou perturbado ao ver os caçadores na cidade. Ela sabia que tinha medo de Aristos Kadmou — ou quem quer que ele fosse como um deus — encontrá-la. Ela seria ainda mais cuidadosa agora e deixaria a cidade mais tarde naquele dia, afastando-se da luta e dele. De todos eles.

Mas o sentimento dominante nela não era terror. Lore sabia que podia se esconder porque tinha feito isso com sucesso nos últimos três anos. Em vez disso, havia uma inquietação em seu corpo que ela não conseguia eliminar, um aperto indesejável em seu peito toda vez que sua mente conjurava o rosto de Castor.

Viva, ela pensou, ainda se sentindo estranhamente atordoada com o pensamento.

Miles fez um barulho de consternação ao lado dela. Lore olhou assim que ele fechou um de seus aplicativos de namoro.

"O que aconteceu com o cara com quem você saiu na sexta-feira?" Lore perguntou, acolhendo a distração. “Achei que ele tinha potencial. Usuario?"

“Noah,” Miles disse, fechando os olhos e respirando fundo, como se quisesse se fortalecer. “Voltei ao apartamento dele e conheci todos os quatro hamsters dele.”

Lore virou-se para ele. "Não."

“Ele os nomeou em homenagem às suas primeiras-damas favoritas,” Miles continuou, parecendo aflito. “Jackie tinha um chapéu de caixa de pílulas feito de feltro e esmalte. Ele me fez alimentá-los. Com pequenas tiras de alface. Alface, Lore. Alface."

"Por favor, pare de dizer alface", disse Lore. “Você poderia dar um tempo no namoro, você sabe.”

“Você poderia tentar,” ele apontou. Ele se mexeu um pouco em seu assento. "Eu nunca te perguntei isso antes, porque eu não queria bisbilhotar."

"Mas . . . ?” ela preencheu.

“Mas,” ele começou. “É apenas aquele cara, e a maneira como você reagiu a ele. . .”

Sua mão apertou a alça da mochila.

"Como eu deveria agir quando ele veio para mim assim?" perguntou Lore. “Ele merecia ter seu rosto reorganizado. Talvez ele pense duas vezes antes de fazer isso com as garotas.

“Oh, não, ele definitivamente mereceu,” Miles disse rapidamente. “Ele provavelmente merecia pelo menos mais trinta segundos sólidos disso. Na verdade, eu estava falando sobre o outro.”

“O outro,” ela repetiu. Seu coração deu um chute forte.

“O cara que parecia ter sido moldado a partir de cada uma das minhas fantasias de infância,” Miles esclareceu prestativamente.

A voz de Castor estava quente em sua mente. Você ainda luta como uma Fúria.

"E ele?" perguntou Lore.

"Você parecia conhecê-lo", disse Miles.

"Eu não", disse ela bruscamente. Não mais.

Para impedir qualquer outra pergunta, ela encostou a cabeça no ombro de Miles, deixando o balanço do trem acalmá-la até que ela pudesse respirar fundo pela primeira vez da noite.

O trem entrou na rua 125, caindo em seu ritmo habitual de partidas e paradas em cada estação. Mas ela estava com muito medo de fechar os olhos na chance de o

rosto de Castor, brilhante e esperançoso, estar lá para levá-la às memórias do mundo que ela deixou para trás.

Estava tudo tranquilo na parte alta da cidade quando eles finalmente saíram do metrô e viraram na direção do Martha's Diner.

O Harlem parecia uma terra estrangeira quando Lore se mudou para o aconchegante apartamento de Gil na 120th Street; sua família sempre viveu em Hell's Kitchen, e ela nunca teve um motivo para ir ao norte da 96th. Mas nesse ponto, sua família estava morta há quatro anos, e ela passou a maior parte desse tempo morando no exterior.

Voltar para a cidade foi como receber roupas velhas que ela havia dado para outra pessoa. Nada se encaixa. Tudo era o mesmo, mas de alguma forma diferente.

Mas Lore tinha estimado os três anos que se seguiram, até aquele momento fatídico seis meses atrás, quando Gil morreu - atropelado por um carro enquanto atravessava a rua, de todas as coisas. Depois, seu primeiro instinto foi fazer as malas e partir, apenas para descobrir que não era tão simples. Gil havia deixado para ela o arenito e tudo dentro dele.

Lore poderia ter vendido a casa em um piscar de olhos e ido a qualquer lugar. Miles estaria bem, mesmo que encontrar um novo lugar na cidade fosse uma dor de cabeça.

Mas cada vez que ela pensava seriamente sobre isso, as ruas pareciam envolvê-la. As vitrines familiares, as crianças brincando na varanda duas portas abaixo, a Sra. Marks lavando a calçada toda segunda-feira de manhã às dez horas. . . isso a acalmou. Parou a sensação de que seu peito poderia ceder com o peso do choque e da dor.

Então Lore tinha ficado. Apesar de todas as suas complicações exaustivas e aglomerações, a cidade sempre foi seu lar. Ela entendia sua personalidade difícil e estava grata por ter dado a ela uma, porque nos momentos mais sombrios de sua vida, essa resiliência por si só a salvou.

De certa forma, ela sentiu que seu novo bairro a escolheu e não o contrário, e ela queria ser reivindicada por algo. E, realmente, aquela era Nova York para você. Sempre tinha uma palavra a dizer e, se você fosse paciente o suficiente, levava

você aonde precisava ir.

Eram quatro horas da manhã, mas Lore não ficou surpresa ao ver outra pessoa comendo cedo no Martha's, mesmo em um mês tão tranquilo quanto agosto.

"Ei, Sr. Herrera", ela chamou, enxugando os pés no tapete velho.

“Ei você mesma, Lauren Pertho,” ele disse, com a boca cheia de seu sanduíche de café da manhã.

Lore usava esse nome há anos, mas ainda tinha a tendência de pegá-la desprevenida.

“Como você está, Mel?”

“Seco, pelo menos,” Mel disse atrás do balcão do restaurante. Ela olhou para cima de onde ela estava contando o registro. "Vocês dois querem que seus costumeiros vão embora?"

“Criaturas de hábito,” Miles confirmou. "Você tem alguma cerveja descafeinada?"

"Vou colocar um pote para você", disse ela. "Chantilly?"

Miles tinha o paladar de uma criança que comia sobremesa em todas as refeições.

"Chocolate granulado?"

"Você entendeu, querida", disse Mel, entrando na cozinha para começar a fazer o pedido.

Um prato Triple Lumberjack para Lore e panquecas de chocolate do Mickey Mouse com chantilly extra e xarope de bordo para Miles.

"O que?" disse Miles. "Sem comentários? Nenhuma piada sobre minha ingestão de açúcar?”

Levou um momento para Lore perceber que ele estava falando com ela. Ela olhou para

cima de onde seu olhar havia caído no chão.

“Vou ficar com dor de estômago só de te observar,” Lore disse, recostando-se na lateral de uma das cabines cobertas de vinil. Seu pulso saltou, como se ela tivesse sido pega fazendo algo que não deveria.

Miles a encarou por um momento, mas manteve a voz leve. “Rico vindo de alguém que come uma refeição destinada a três pessoas.”

“Apetite saudável”, disse Herrera enquanto pagava sua conta, “menina saudável”.

"Exatamente", disse Lore, lutando para se concentrar nele. “Como está meu Bonito Bo?”

Bo, o Gato da Bodega, apareceu dois anos atrás, reivindicou a loja do Sr. Herrera para seu reino e nunca mais saiu. A primeira vez que ela o viu, Lore o confundiu com um rato extremamente grande, e se perguntou seriamente se ele não tinha saído do Submundo.

Agora, sua atividade favorita no final da manhã de domingo era sentar no banco do lado de fora da loja e compartilhar o salmão defumado de seu bagel com seu amigo mal-humorado.

"Ele comeu doze barras de chocolate, vomitou nos produtos e destruiu uma prateleira de toalhas de papel", disse Herrera, indo em direção à porta. “E agora eu tenho que levar o demônio ao veterinário.”

"Você precisa que eu cuide da loja para você?" perguntou Lore. Ela gostava de fazer isso, especialmente depois que os clientes da hora do rush da manhã vinham para o café, e ela podia sentar e ler um livro até que os almoços chegassem para dizimar o estoque de sanduíches e sushi pré-fabricados.

"Não desta vez", disse Herrera. “Meu sobrinho está aqui. Talvez você gostaria de conhecê-lo? Ele é um ano mais novo que você, garoto esperto...

— Ele sabe lavar roupa? Miles perguntou sério. “Ou cozinhar? Ela precisa de alguém para preencher as lacunas em suas importantes habilidades para a vida.”

Sr. Herrera riu, acenando para ele enquanto ele saía para abrir sua loja.

Lore não tinha certeza por que ela tinha oferecido, sabendo que ela estava mais do que provavelmente deixando a cidade hoje. A presença de Castor, não importa seu aviso, deveria tê-la feito correr imediatamente, com ou sem suprimentos.

Ela esfregou os braços no lugar onde ele os havia segurado, e ficou surpresa ao descobrir que sua pele estava quente apesar do frio que a atravessava. Ela simplesmente não esperava. . . ele. O todo dele. Aqueles olhos suaves familiares. Sua altura. A força de seu corpo.

A maneira como ele sorriu para ela.

“Lore—Lore,” Miles disse novamente, desta vez com mais força.

Ela olhou para cima novamente. "O que?"

"Eu disse, é sobre dinheiro?"

Lore olhou para ele, confusa. “E o dinheiro?”

Miles deu-lhe um olhar. “Se for, eu posso começar a pagar o aluguel. Mas eu pensei que Gilbert tinha deixado dinheiro para você também. . . ?”

Fiel à sua forma exasperantemente gentil e seu amor por surpresas, Gil deixou para seus dois “netos honorários” uma generosa soma de dinheiro, mas Lore ainda não havia tocado, exceto para fazer a manutenção do brownstone. Não parecia certo usá-lo para qualquer outra coisa.

"É o dinheiro de Gil", disse Lore.

Miles pareceu entender. “Bem, você poderia conseguir um emprego de barista em meio período como todo mundo. É basicamente um rito de passagem. Você pode até cobrar pelas aulas de autodefesa.”

Ela balançou a cabeça, tentando concentrar sua teia exausta de sentimentos e pensamentos no único fio de sua conversa.

“Eu não vou acusar ninguém que queira aprender a se proteger,” Lore disse, mantendo a voz baixa. O dono da academia da 125th a deixava usar alguns de seus equipamentos quando estava frio demais para correr ao ar livre em troca de

dar aulas gratuitas, e isso era mais do que suficiente para ela. “E não é sobre o dinheiro.”

"Tem certeza? Porque você está reutilizando os mesmos três sacos Ziploc brutos no ano passado”, disse Miles.

Ela levantou um dedo. “Eles não são nojentos, porque eu os lavo todas as vezes. O que você está fazendo para salvar o meio ambiente?”

Suas sobrancelhas se ergueram. Ele estava estagiando naquele verão na Câmara Municipal e estudando desenvolvimento urbano sustentável em Columbia.

"Não responda isso", disse Lore.

Miles estava fazendo aquela coisa que ela odiava onde ele esperava que ela falasse enquanto parecia extremamente compassivo e compreensivo.

“Além disso,” ela disse, “eu tenho um trabalho. Eu sou o super, lembra?

Lore veio originalmente trabalhar para Gil como zeladora, mas seu papel se expandiu depois que ela trocou as baterias dos detectores de fumaça – o que dizia tudo sobre o limite de conhecimento de tecnologia em seu prédio na época.

“A propósito, Super, você pode subir e consertar minha janela antes do inverno?”

Lore fez uma careta, alisando a mão sobre a massa de frizz que a chuva havia dado a ela.

"Ok, é um pouco sobre o dinheiro", ela admitiu, "mas é sobre outras coisas também."

"Coisas de Gil?" Miles pressionado.

Ela puxou o colar do bolso, examinando o lugar onde a corrente de ouro havia se partido.

Seu pescoço parecia estranho sem ele; Gil tinha dado a ela três anos atrás, em seu primeiro aniversário depois de voltar para a cidade, e ela só o tirou uma vez desde então.

Uma pena caída de uma asa não está perdida, Gil lhe dissera, mas livre.

Isso a lembrou disso, do que ela ganhou quando se ofereceu para trabalhar para Gil, todos os dias. Ela foi contratada para ajudar a cuidar dele depois que ele teve uma queda feia e ficou claro que ele não poderia continuar morando sozinho, mas ele fez muito mais por ela. Ele tinha sido um amigo, um mentor e um lembrete de que nem todos os homens eram tão duros e cruéis quanto aqueles com quem ela cresceu.

“Já faz alguns meses. . .” Miles começou.

“Já faz seis,” Lore disse bruscamente.

"Seis", disse ele, assentindo. “Nós realmente não falamos sobre isso com tanta frequência—” Lore abriu a boca para descartar isso, mas ele ergueu a mão. “Tudo o que quero dizer é que estou aqui e sempre quero falar sobre ele.”

"Bem, eu não", disse Lore. Gil havia dito a ela que às vezes você tinha que afastar as coisas ruins até que elas te deixassem em paz para sempre. Um dia sua perda não doeria tanto.

"Você sabe . . .” Miles disse em um tom familiar.

“Eu não estou interessada na escola,” ela disse a ele, pela centésima vez. “Você nem parece gostar disso.”

“Você não tem que gostar de algo que você precisa,” Miles apontou.

“Você não precisa fazer algo que não goste,” Lore retrucou.

Miles soltou um suspiro pelo nariz. "Eu apenas penso . . . o que quer que tenha acontecido com você, você tem que começar a pensar em seu futuro, caso contrário, seu passado sempre o impedirá.”

Lore engoliu em seco, mas não conseguiu limpar o aperto em sua garganta. “Como você descobriu sobre o anel, afinal? Você me seguiu ou algo assim?”

“Eu saí com meu amigo da escola ontem à noite e ele começou a falar sobre esse ringue de luta super-louco e super-secreto e mencionou uma garota com uma cicatriz que ia do canto externo do olho até o queixo, e eu disse , uau, isso soa

como meu amigo Lore. . . .”

Sem pensar, ela esfregou aquele lado do rosto contra o ombro. A cicatriz era fina, mas não havia desaparecido com a idade.

“Seu amigo não era o cara que eu bati, certo?” ela perguntou. "Apenas checando."

“Não, mas nunca fiquei tão maravilhado e aterrorizado ao mesmo tempo em toda a

minha vida”, disse Miles.

Seu telefone tocou estridente, fazendo os dois pularem.

“Esse é o seu alarme?” Lore perguntou, sua mão ainda pressionada contra o peito. Eles moravam na mesma casa há anos e ela nunca tinha ouvido nada parecido.

“Mais ou menos,” ele disse, então atendeu a ligação com “Mãe, o que você está fazendo acordado? São quatro horas da manhã— Você absolutamente não precisa imprimir esses formulários agora, escreva um bilhete para si mesmo para fazê-lo em uma hora normal e

— Não, você volte para a cama— Bem, se eu não fosse acordada, você teria me acordado... Ma. Volte para a cama!”

As palavras abafadas da Sra. Yoon estavam cheias do tipo de energia que ninguém deveria ter tão cedo. Lore observou enquanto Miles fechava os olhos e inspirava paciência.

“Ah. Multar. Você verificou todos os cabos, certo? ele perguntou. "Certificou-se de que eles não se soltaram?"

Miles enviou a Lore um olhar de desculpas, mas ela não se importou. Foi legal, na verdade. Se nada mais, deu a ela a oportunidade de tentar imaginá-lo crescendo como um bebê gótico em meio às palmeiras e tons pastéis brilhantes da Flórida. Ele era filho único e, às vezes, como agora, isso realmente mostrava.

Miles respirou fundo novamente. “Você realmente ligou a impressora? O botão

deve estar brilhando.”

Lore ouviu a risada tímida da Sra. Yoon em resposta e seu amoroso “Obrigado, Michael”.

Miles levou a mão ao rosto exasperado, seja com a pergunta dela ou com o nome dele, que apenas sua família usava, e disse a ela que a amava tanto em coreano quanto em inglês, e desligou o telefone.

“Ela me fez mudar o toque quando fui para casa no mês passado”, disse Miles. “Ela pensou que eu não estava respondendo porque o antigo era muito quieto, e agora me sinto muito culpado para mudar isso.”

Lore sorriu, mesmo quando algo torceu fundo em seu peito. Você nunca perdia chamadas assim até que elas parassem de vir. “Ela só quer ouvir sua voz.”

Ela quer que você se lembre dela, pensou Lore. Sua mente vagou, de repente solta. O

mundo ao seu redor tornou-se um halo de escuridão até que ela só viu o rosto de Castor, e a forma como as sombras o acariciaram.

“Ei,” Miles disse de repente. “Você está bem, não está?”

“Eu estou bem,” Lore insistiu.

Ela seria. Para ele. Para ela mesma.

Para Gil.

"Pronto para ir?" ela perguntou quando Mel voltou da cozinha com seus pedidos.

“Prometa-me que você estará segura,” Miles disse, pegando sua mão antes que ela a puxasse de volta. “Eu não me importo se você precisa continuar lutando, eu só não quero ver você machucada.”

Tarde demais para isso, pensou Lore.

Eles voltaram para a luz fraca da rua, segurando seus cafés da manhã e cafés. A tempestade se transformou em uma mortalha de névoa fina. A cidade de Nova

York era um dos poucos lugares do mundo que parecia mais sujo depois da chuva, mas Lore adorava.

Enquanto voltavam para casa, Lore decidiu que diria a Miles que passaria os próximos dias viajando, mesmo que isso significasse pegar um ônibus e dormir na floresta onde ninguém poderia encontrá-la.

Naquele momento, porém, nada soava melhor do que passar o resto de sua manhã de domingo na cama. Lore enrolou o braço no de Miles enquanto eles caminhavam pela rua sonolenta, Miles cantarolando uma música que ela não reconheceu. Ela tentou não pensar em nada.

Eles estavam a um quarteirão do arenito quando Miles parou de repente, empurrando-a um passo para trás.

"O que?" ela perguntou.

Ele se inclinou mais perto da parede do Martin's Deli, o lugar que baniu Lore por reclamar de seus bagels vergonhosamente velhos, e passou os dedos por uma mancha de alguma substância escura. Lore o puxou de volta com horror.

“Ok, acho que você precisa de uma atualização sobre as regras de Nova York – um, não aceite nada que alguém tente passar para você na Times Square; dois, não toque em substâncias misteriosas no chão e nas paredes...”

“Eu acho que é sangue,” Miles interrompeu.

A mão de Lore caiu longe dele.

Ele girou, procurando no chão. “Puta merda. Há muito disso. . . .”

Houve. Lore tinha confundido as gotas respingadas no cimento com chuva, mas agora ela podia ver o sangue escuro escorrendo pela sarjeta quando a tempestade começou a sério.

Miles avançou, virando a cabeça para procurar a pessoa sangrando. Lore o pegou pela parte de trás da camisa com uma mão e, depois de passar para ele seu recipiente de comida e café, puxou o canivete em seu chaveiro com a outra.

“Fique atrás de mim,” ela ordenou.

Era como rastrear uma presa ferida. A vítima parecia estar cambaleando, movendo-se de apoio em apoio — um poste de luz, um corrimão, um carro estacionado. Com uma sensação crescente de pavor, Lore percebeu que eles estavam indo na direção do arenito.

O aperto de Lore em sua lâmina cega aumentou quando eles se aproximaram. O caminho sangrento virou em direção à porta e aos vasos de flores alegres que Gil havia colocado nos degraus da frente.

Miles engasgou, e Lore seguiu seu olhar.

Uma mulher estava sentada com as costas encostadas na velha varanda de arenito ao lado das latas de lixo vazias. Suas vestes azul-celeste estavam encharcadas de chuva.

Lore sentiu o ar acelerar ao redor dela, como no momento antes de um relâmpago.

“Mostre-me suas mãos,” Lore engasgou, levantando sua própria lâmina patética.

Os olhos da deusa eram da cor da fumaça do sacrifício, manchas de ouro brilhando nas íris, flutuando como brasas. A única sugestão de poder divino suprimido.

Eles a chamavam de deusa de olhos cinzentos, mas Lore entendia agora que não era por causa de sua cor. Foi porque quando ela olhou para você, do jeito que ela olhava para Lore agora, sua verdadeira idade foi revelada. Guerras, civilizações, monstros, morte, tecnologia, exploração — aqueles olhos viram milênios passarem e os mediram da maneira que Lore casualmente notaria a hora do dia.

Fios de cabelo dourado polido estavam espalhados pelo rosto da deusa como cicatrizes bem merecidas. Mesmo em sua forma atual, ela era inquietantemente impecável, suas feições ousadas e perfeitas em sua simetria.

A deusa se inclinou para trás, puxando a palma da mão para longe de onde havia sido pressionada contra o quadril oposto. Quando caiu em seu colo, os dedos longos e elegantes se curvaram como garras.

A mão estava vazia, mas manchada de sangue.

Lore olhou, meio ciente de que ela baixou o próprio braço.

A deusa se inclinou para frente, fazendo com que a lágrima em seu lado jorrasse com sangue quente e fedorento. Muito grande e irregular para uma flecha ou bala. Uma lâmina, então. Essa ferida tinha que ter vindo de um profissional.

Seus pensamentos eram todos lógicos, mas Lore sentiu como se estivesse passando por um sonho.

“Alguém claramente tinha o seu número,” Lore engasgou. “Azar com o pouso?”

“Atende-me.”

Lore saltou. Meio morto ou não, cada uma das palavras da deusa soou como uma

espada atingindo um escudo. Eles vibraram ao longo dos nervos de Lore até que todos os pelos de seu corpo se arrepiassem. Fazia tanto tempo desde que ela ouviu alguém falar uma forma tão pura da língua antiga, levou um momento para sua mente traduzi-la.

Quando ela o fez, sua voz era um sussurro fino. "O que você disse?"

Os olhos da deusa estavam desfocados agora, perdendo rapidamente um pouco de seu aço. Não havia medo em seu rosto quando ela voltou a mão ao seu lado para pressionar contra a ferida, apenas amarga descrença. Rancor. Quando ela falou novamente, suas palavras foram difíceis, mas o comando parecia ecoar na alma de Lore.

"Participar . . . para mim . . . mortal."

Então, Athena, de olhos cinzentos, caiu no cimento e perdeu a consciência.

"MEU DEUS!"

A voz em pânico de Miles tirou Lore de seu próprio choque. Quando ela se virou para ele, seu rosto já estava iluminado pelo brilho de seu celular. Suas mãos tremiam enquanto ele manuseava os números.

Lore arrancou o telefone de suas mãos, encerrando a ligação antes que pudesse se conectar.

"O que você está fazendo?" ele chorou. "Ela precisa de ajuda! Senhora? Senhora, você pode me ouvir?”

"Pare!" Lore disse bruscamente. "Fale baixo!"

"Você conhece ela?" Miles parecia que estava prestes a começar a arranhar o rosto. “Oh não, o sangue—eu só—” Ele engasgou, tossindo em seu punho.

Lore falou sem pensar. "Eu sim. Ela é como... Ela é uma lutadora também.

“Ela tem que...” Miles engasgou novamente. “Desculpe-eu apenas- Hospital. Ela precisa do hospital. E a polícia.”

Lore jurou, sua mente correndo. Se eles trouxessem a deusa, a polícia iria querer questionar Lore, colocando seu nome e possivelmente uma foto em seu sistema. E as linhagens sempre colocavam pelo menos alguns caçadores em cada hospital, na esperança de que um bom samaritano pudesse, sem saber, ligar para os serviços de emergência e entregar um deus diretamente a eles. Mas Athena havia rastreado seu cheiro e sangue até aqui para qualquer um dos cães da linhagem rastrear, direto para o santuário de Lore. Colocando Miles em risco e forçando Lore a fazer algo a respeito.

Lore manteve os dedos pressionados contra o pescoço da deusa, verificando o pulso.

Agora mesmo, o icor da deusa estava tão vermelho quanto o sangue de qualquer humano, e estava se acumulando ao redor dos joelhos e tênis de Lore.

Merda, ela pensou, sentindo-se impotente pela primeira vez em anos. Ela tinha que trazer a deusa para dentro. Agora.

“Nenhuma polícia,” Lore disse rapidamente, lutando por uma desculpa razoável. “Não, ela... Ela não tem seguro. Você pode ir destrancar a porta e me ajudar a carregá-la?

Lore lutou para prender o braço de Athena em seu pescoço. Mesmo na forma mortal, a deusa tinha mais de um metro e oitenta de altura e, como Lore e Miles descobriram rapidamente, seu corpo estava escorregadio tanto pela chuva quanto pelo sangue.

Eles chegaram à entrada antes de deixá-la cair no ladrilho xadrez preto e branco. Lore deixou Miles para trás enquanto ela corria para o armário de roupa de cama no andar de cima, pegando lençóis e toalhas extras e jogando-os sobre o corrimão.

Quando ela voltou para baixo, Lore fechou as venezianas da janela saliente na sala da frente, isolando-a como uma fortaleza. Miles acendeu as luzes do teto.

A tela da TV acima da lareira era um espelho preto quando Lore tirou a mesa de centro do caminho. Miles estendeu os lençóis escuros e Lore percebeu com uma pontada que eram de Gil.

"O que está acontecendo?" Miles perguntou enquanto arrastavam a forma de bruços de Athena. "Lore - sério, o que diabos está acontecendo?"

A deusa gemeu. Lore olhou para a entrada, o sangue manchado lá, e lembrou que eles tinham outro problema muito grande.

“Eu preciso que você faça algo,” Lore disse a ele enquanto se ajoelhava ao lado de Athena. “Eu preciso que você vá ao Sr. Herrera e peça quantos recipientes de alvejante ele tem— Espere. Não o alvejante comum, o alvejante de oxigênio, a menos que o alvejante comum seja tudo o que ele tem.”

“Oxigênio – o quê?” Miles perguntou impotente.

"Alvejante de oxigênio, tantos quanto ele tem", disse Lore. "Diga a ele para colocar na minha conta."

“Bodegas têm guias?” perguntou Miles.

“Vá,” Lore disse, jogando o braço em direção à porta. “E se apresse.”

Miles parecia atordoado demais para fazer qualquer coisa além do que ela havia pedido.

Ele pulou sobre o sangue, engasgando uma última vez antes que a porta se fechasse atrás dele.

Os cheiros habituais de sândalo e livros velhos da casa desapareceram sob o fedor quente de sangue. O estômago de Lore deu uma guinada violenta quando

ela virou a deusa de costas. Ela rasgou o tecido da túnica arruinada, tentando dar uma olhada melhor na ferida. O sangue derramou sobre seus dedos.

"Droga", ela sussurrou.

O fígado e o rim foram perfurados. Lore conhecia esse trabalho; era um especialista cortado por uma léaina — uma das jovens enviadas pelas linhagens para caçar deuses e trazer de volta a presa ferida para seu líder matar.

Ela pressionou uma toalha nele, tentando estancar o fluxo de sangue. "Acordar. Acordar!"

Os olhos de Athena rolaram sob as pálpebras fechadas.

Lore fez a única coisa que ela podia pensar. Ela deu um tapa no rosto da deusa.

Seus olhos cinzas se abriram, piscando rapidamente.

“Eu pediria desculpas,” Lore conseguiu. “Mas você mereceu.”

O ar nos pulmões de Lore de repente parecia escaldante. Ela ficou surpresa com seu medo naquele momento, o lampejo de arrependimento que ela teve quando atingiu Athena. Anos de condicionamento para odiar os velhos deuses desapareceram quando ela viu as faíscas de poder queimando no olhar de Athena.

Você só conseguia se convencer de que algo era uma presa até que ela se virasse e mostrasse seus dentes.

A deusa soltou uma tosse úmida, sua cabeça rolando contra o chão. Mesmo em um corpo mortal, havia algo frio, quase estranho, em sua aparência de perto. Seu corpo era um recipiente antinatural. Um feito para ser morto.

Lore pressionou as mãos contra as coxas, tentando parar o tremor involuntário nelas. Ela não a mataria. Ela não queria o poder de um deus. Ela não queria nada disso.

“É ruim, não é?” Lore perguntou, deixando uma imprudência selvagem tomar conta de seu medo. “Cara, mortalidade. Que chato. Atrevo-me a perguntar quem te pegou?

Este momento tinha sido mais de mil anos em formação. Athena sobreviveu a duzentos e onze ciclos do Agon apenas para o número dois e doze pegá-la.

O tom de mel da pele de Atena empalideceu quando a morte encontrou seu caminho. A deusa era uma das últimas originais ainda no Agon, sendo os outros Hermes e Ártemis e, talvez, Apolo. Ela tinha sido um alvo impossível. Ela era muito forte, muito rápida, muito inteligente.

Até agora.

Eles estudaram um ao outro. Se Athena estivesse tentando avaliar o valor de Lore, sua força, Lore teria sido a primeira a dizer a ela para não se incomodar.

"Estou fora." Havia muitas palavras bonitas que Lore poderia ter usado para bajular a deusa. Para rastejar e apelar para a vaidade e orgulho exaustivos de sua espécie. Lore não se importava em se lembrar de nenhum deles. "E eu não vou deixar você ou qualquer outra pessoa me puxar de volta."

A deusa olhou fixamente, a linha severa de sua boca nunca relaxando uma vez. Lore não

esperava mais nada. Não haveria flexão; como uma lâmina, Atena seguraria, ou ela quebraria.

"Eu sei que você fala esta língua", disse Lore, recusando-se a dar à deusa o que ela claramente queria. A língua antiga era uma mistura de muitos dialetos antigos que acabaram se tornando o grego moderno, mas a versão de Atena era de qualidade épica.

“Seja lá o que você veio aqui, não há nada para encontrar,” Lore continuou. “Se isso é um truque e você está aqui para se vingar, é tarde demais. Todos os outros que levam meu nome estão mortos. Eu sou a última das Perseides. A Casa de Perseu se foi.”

A expressão no rosto de Athena disse a Lore que a deusa já sabia exatamente quem ela era.

O medo a atravessou. Lore havia parado de acreditar no Destino e nas velhas que cuidavam dele anos atrás, mas isso era demais para ser mera coincidência, especialmente após o aviso de Castor.

Atenda a mim, ela disse. Ajude-me.

“Você me encontrou,” Lore disse, orgulhosa de quão firme sua voz soava. “Diga-me o que você quer, e faça isso rápido. Eu sei que este é um conceito difícil para você, mas seu tempo está se esgotando e meus planos para esta manhã não incluem um concurso de olhares estranho com uma divindade. Por que você não começa com quem tentou te matar?”

Athena encontrou seu olhar novamente quando ela disse, sua voz mais fraca agora:

“Minha irmã.”

Um pavor frio deslizou pelo corpo de Lore. "Como assim, Artemis?"

A deusa franziu o cenho. Sua outra irmã, Afrodite, havia sido eliminada por um caçador há um século, e um novo deus com seus poderes havia nascido. Esse novo deus durou apenas um ciclo antes que outro caçador o matasse sete anos depois. Era um tipo mórbido de revezamento de maratona, com poder imortal como o bastão sendo passado entre as linhagens.

"Eu pensei que vocês dois sempre trabalharam juntos", disse Lore. “O que aconteceu com aquela pequena aliança divertida com a qual você aterrorizava todo mundo?”

“Virou. . . em mim”, disse Athena, pressionando a palma da mão ao seu lado novamente.

“Traído. O impostor de Ares. . . ele . . . veio atrás de mim. . . no Despertar — Artemis me atrasou, escapou.”

“Isso é frio,” Lore disse com leve apreciação. “Até para ela.”

“Alianças se formam a partir da necessidade. . . quebrar com medo. . . .” Athena lutou pelas palavras. "Agora . . . necessidade . . . proteção. Até eu . . . curar. Amarre seu destino.

. . para mim."

Vincule seu destino ao meu. Lore estremeceu.

"Por que diabos eu faria isso", disse Lore, "quando eu posso sentar aqui e assistir você morrer em vez disso?"

Apesar de perder temporariamente sua imortalidade, os deuses mantiveram uma lasca de seu poder para se defender. Em seu auge, seus verdadeiros poderes foram abrangentes; o que restou deve ter parecido uma triste pantomima e, pior, apenas Apolo parecia ter sido deixado com a capacidade de curar a si mesmo e aos outros. Atena podia ser fisicamente mais forte do que os outros oito deuses do Agon, capaz de nivelar prédios inteiros, mas não ia fazer nenhum bem a ela agora.

Os passos rápidos de Miles bateram na porta da frente. Lore ficou de pé, dando à deusa um último olhar duro. Atena visivelmente se irritou com a impertinência disso.

“Não diga uma palavra para ele quando ele entrar,” Lore disse. “Finja que está dormindo.”

“Não me abandone,” Athena disse fracamente. “Eu proíbo.”

“Sim, bem, eu te proíbo de morrer agora,” Lore disse, seu pulso saltando. "Eu tenho que limpar depois de você antes que os cães de caça encontrem seu rastro e levem os caçadores até aqui."

O olhar de Atena cintilou.

Merda, Lore pensou miseravelmente. A deusa poderia sangrar, ela poderia cair na inconsciência, mas ela nunca teria esquecido um detalhe estratégico tão crucial se não estivesse em apuros absolutos.

A porta da frente se abriu. "Eu tenho eles!"

As narinas da deusa se dilataram, mas ela fez o que Lore pediu.

“Obrigado,” Lore disse a Miles. “Agora suba e vá para a cama.”

"Espere o que?" ele perguntou, tentando segui-la de volta para fora. "O que você está fazendo?"

"Vou limpar antes que alguém veja o sangue e chame a polícia", disse Lore. "E

você está subindo para a cama."

Miles olhou para a forma inerte de Athena.

"Ouça-me", disse Lore, sua voz de aço. Miles se encolheu, mas ela não podia sentir pena, não por isso. Ele não tinha ideia do que ele tinha sido arrastado. “Vá para cima. Não atenda a porta. Se você vir alguém suspeito do lado de fora, me ligue.”

Ela saiu antes que ele pudesse apresentar outro protesto, ou, pior, fazer outra pergunta.

Ela desceu os degraus da frente do brownstone, curvando-se para o portão que levava ao apartamento do porão que agora usava para armazenamento. Quase não haveria tempo.

O sol estava nascendo atrás da cortina de nuvens, assim como os nova-iorquinos.

Lore despejou dois recipientes de alvejante em um balde e o levou de volta para fora para misturar a água da mangueira de seu vizinho. Ela usou uma escova de aço e o poder de

seu próprio terror para esfregar a poça de sangue que Atena havia deixado perto das latas de lixo, até que sua cabeça ficou leve e suas mãos ardiam com os produtos químicos.

Lore começou a jogar a água ensanguentada do balde nas sarjetas. . . apenas para parar.

Ela observou a chuva correr ao longo da calçada e no bueiro.

Ela não seria capaz de mascarar o cheiro de sangue, ou o fedor da própria deusa, e agora ela estava coberta de ambos. O melhor que Lore conseguiu foi confundir os caçadores com muitas trilhas, e esperar que eles se esfarrapados antes de encontrar o caminho para a casa da cidade, e para Miles.

Lore seguiu o caminho que Athena havia tomado, limpando e enxaguando até que a chuva lavasse as manchas visíveis e tudo escorresse para as sarjetas. Ela traçou uma trilha larga em arco ao redor do bairro, deixando respingos de água sanitária ensanguentada aqui e ali.

Quando Lore finalmente avistou o Central Park, ela tirou os sapatos e as meias sujas, seu rosto se contorcendo de desgosto enquanto ela pisava descalça na calçada rachada. Ela partiu antes que pudesse se permitir pensar muito sobre o que estaria pegando, e partiu em um caminho aleatório, serpenteando pelas ruas, parando apenas para despejar os sapatos e as meias, um de cada vez, em latas de lixo espalhadas. lixeiras.

Quando ela se aproximou do brownstone novamente, Lore jogou sua jaqueta leve na traseira de um caminhão de lixo em movimento e enfiou seu jeans e camisa no chassi de dois caminhões de entrega diferentes estacionados perto da bodega do Sr. Herrera.

Em vez de passar pela porta da frente, Lore entrou pelo porão. O cheiro da colônia de sândalo de Gil estava por toda parte, junto com um leve mofo e poeira. Vasculhando as cubas de armazenamento que ela havia abandonado lá embaixo, Lore colocou de lado uma caixa contendo a vasta coleção de gravatas-borboleta com tema natalino de Gil e encontrou um velho par de shorts e uma camiseta no recipiente abaixo dela.

Lore vestiu-os rapidamente, despejando suas roupas sujas em um saco de lixo. Ela respirou fundo várias vezes até que o fedor químico desapareceu e seu pânico deu lugar a uma raiva renovada.

Arrastando-se pela escada interna, ela voltou para o silêncio do primeiro andar da casa.

Um pouco da tensão em suas costas e ombros diminuiu quando ela deu uma olhada ao redor, e ela quase conseguiu rir. Miles havia limpado o sangue do corredor e apagado as luzes da sala, e havia deixado um copo de água e um frasco de aspirina ao lado de Athena.

Útil, Lore pensou com uma onda de afeto por ele.

Ela olhou para a esquerda. Miles não tinha apenas trancado a porta; ele também reforçou a maçaneta com o encosto de uma cadeira – como se isso impedisse os caçadores de colocar explosivos suficientes para explodir a frente da casa.

A cabeça de Athena virou ao som dos passos de Lore se aproximando. Ela abriu os olhos novamente; eles brilhavam na relativa escuridão do quarto. Sua mão segurou a toalha contra a ferida.

O ar estava tão parado ao redor dela, o silêncio tão antinatural.

“Você quer que eu ajude a protegê-la, e, suponho, a escondê-la das mesmas pessoas que ficariam felizes em me matar também,” Lore sussurrou. "Mas tu já sabes isso. É por isso que você veio aqui, não é?

Athena deu um leve aceno de cabeça.

"Então, exatamente o que há nisso para mim?" Lore disse, dando mais um passo mais perto. “Eu percebo que esta é uma experiência nova para você, mas mesmo se você se curar mais rápido que o mortal comum, você não está exatamente indo bem. Então, por que eu ligaria minha vida a uma que pode não durar algumas horas, muito menos alguns dias?”

"Ouvi . . . o que aconteceu com você. . .” disse Atena. “Os anos entre . . . Pesquisado. . .

para você . . .”

Os pelos do corpo de Lore se arrepiaram.

No final de cada Agon, os deuses, novos e antigos, recuperavam sua imortalidade, mas permaneciam no mundo mortal, incapazes de retornar a qualquer lar que conheceram.

Os novos deuses, cheios de poder, manifestaram formas físicas e viveram prodigamente, manipulando o funcionamento do mundo para preencher os cofres de suas linhagens mortais. Mas os antigos deuses, com seu poder sempre em declínio, geralmente escolhiam

permanecer incorpóreos. Isso os tornava indetectáveis enquanto se moviam pelo mundo, tentando planejar contingências para a próxima caçada ou buscando vingança contra aqueles que tentaram matá-los. A ameaça dessa vingança era a razão pela qual os caçadores sempre usavam máscaras.

“Você me procurou?” disse Lore. "Por que?"

"Eu acreditei . . . você poderia ser . . . persuadido a me ajudar. . . . Eu ouvi o seu. . . nome . .

. das outras linhagens. . . . Sua família . . . assassinado. Mãe . . . pai . . . irmãs", disse Athena, sua respiração ofegante. "Eles ligaram para você. . . perdido. Alguns acreditaram.

. . morto."

A garganta de Lore travou até que ela quase não conseguia falar. "O que você sabe sobre isso?"

Athena olhou para ela novamente, desta vez com a expressão de alguém que já sabia que tinha vencido. "Eu sei . . . quem os matou".

A MEMÓRIA ROSA AFIADA e verdadeira, cortando todas as barreiras que Lore construiu em torno dela. A forma como a porta do apartamento de sua família parecia quando ela

se aproximou naquela manhã. O silêncio arrepiante lá dentro. O cheiro de sangue.

Lore respirou fundo e pressionou a mão nos olhos, com força suficiente para que a luz e as cores dançassem sob suas pálpebras. Distraiu sua mente da trilha escura que havia começado novamente, mas apenas por um momento.

Ela não sabia como manteve a voz tão calma ao dizer: "Já sei quem os matou. Aristos Kadmou da Casa de Kadmos." O novo Ares, a partir do último Agon.

"O falso deus pode ter . . . ordenou suas mortes. . . mas quem segurou a lâmina?" Atena pressionou. "Pois não era ele. Ele era apenas um deus recém-nascido. . . ."

O corpo de Lore se apertou ao ponto da dor.

"Não importa. Foi ele quem deu a ordem", disse Lore. "Ele era o chefe de sua linhagem, e então se tornou seu deus. Eles são todos responsáveis, até o último homem, mulher e criança que se ajoelha diante dele, mas só ele tinha o poder de colocar tudo em movimento."

E sua linhagem tinha obedecido sua ordem, assassinando seus pais e duas irmãzinhas de forma tão selvagem que os Kadmides levaram semanas para limpar o apartamento o suficiente para esconder a evidência. No final, eles ainda tiveram que purificá-lo com chamas. De acordo com o Departamento de Polícia

da cidade de Nova York, a família ateou o fogo depois de uma disputa de aluguel e deixou a cidade, para nunca mais ser ouvida.

Ninguém na Casa de Kadmos jamais reivindicou a responsabilidade pelos assassinatos, ou jamais o faria. Os caçadores fizeram um juramento de sangue séculos atrás para nunca matar intencionalmente um caçador de outra linhagem entre os ciclos do Agon.

Tinha sido a única maneira de assegurar a paz entre eles.

Sua família havia sido assassinada na manhã seguinte à conclusão do Agon, quando aquele juramento deveria tê-los protegido. Os Kadmides tinham quebrado um voto sagrado, mas nenhuma outra casa era poderosa o suficiente para desafiá-los, e nenhum deus jamais ouviu suas orações.

“Por que você . . . não os vingar?” Atena ofegou. “Esses muitos anos. . . você não fez nada. . . . Você . . . não reconheça o seu. . . moira. . . . Você nunca procurou. . . ponê. . . só caiu. . . para . . . os piores ajudantes. . . .”

Lore afundou no chão, suas pernas dobrando debaixo dela. Ela apoiou as mãos ao lado deles, lutando contra a pressão familiar que se expandia em seu peito. Sua moira — seu destino na vida, seu destino.

"Essas palavras não significam nada para mim agora", disse ela com a voz rouca. Mas ouvi-los parecia cicatrizes sendo cortadas.

Poiné. Vingança.

Aidos. Vergonha.

Uma vida sem a excelência da areté e as posses conquistadas do tempo. De nunca

atingir kleos.

"Eu era apenas uma garotinha", disse Lore, mal ouvindo suas próprias palavras. “Eles teriam me matado também. Eu não era forte o suficiente para lutar contra todos eles. E

eu sabia que nunca poderia chegar até ele, não depois que ele ascendeu.”

Nos anos seguintes, ela tinha matado para não ser morta. Ela viajou a pé, de barco, de avião, só para voltar à cidade que a havia criado. Ela escapou do labirinto de juramentos que foram projetados para prendê-la até o dia em que o Agon a chamou para sacrificar seu último batimento cardíaco.

Mas Lore não tinha feito nada para vingar sua família.

O lábio de Athena se curvou. “Desculpas. . . Essas mentiras você conta a si mesmo. . .

Você nunca foi. . . uma mera . . . garotinha. Ouvi . . . o que os outros sussurraram sobre você. . . que você foi o melhor de sua geração. . . que era uma pena. . . você nasceu em uma linhagem diferente. . . .”

“Você está mentindo,” Lore sussurrou, incapaz de parar o calafrio involuntário que a percorreu. Anos atrás, essas palavras teriam significado tudo para ela - ela ansiava por reconhecimento das mesmas pessoas que se recusaram a dar a ela.

"O espartano . . . eles chamaram você,” Athena respirou. “Pequena Górgona. . . Eu procurei por você. . . escolheu você. . . conhecendo essa habilidade. . . sabendo que você não é mais um dos caçadores. . . . Mas você tem . . . nunca foi fraco. . . nunca impotente.

. . . Então eu pergunto . . . por que você não fez nada. . . para vingar sua família?”

Lore puxou os braços para perto do peito, jogando as palavras de Gil como um escudo.

Mas não havia proteção contra a verdade. “Não é... Você não entenderia. A única coisa real neste mundo é o que você pode fazer pelos outros. Como você pode cuidar deles.”

A deusa bufou com escárnio.

“Tudo o que você sabe,” Lore continuou, odiando a espessura em sua voz, “tudo que você sempre se importou é poder. Você não sabe querer outra coisa, e por causa disso, você não vai acreditar em mim quando eu disser que também não quero reivindicar o poder dele. Não quero fazer parte desse jogo doentio.”

"Então, o que é . . . que você deseja?” Atena perguntou.

As palavras explodiram de Lore, selvagens e dolorosas. "Para ser livre."

“Não,” Athena disse, sua voz difícil. “Não é isso. O que você faz . . . negar a si mesmo?”

Uma visão floresceu em sua mente, ardente e pura, mas Lore balançou a cabeça.

"Mentira . . . você mesma . . . mas não para mim”, disse Athena. "Você sabe . . . você nunca será. . . livre enquanto as sombras de sua família. . . sofrer e vagar. . . . Nunca descansa enquanto vive.”

Lore pressionou os punhos nos olhos, tentando encontrar as palavras para protestar.

“Você nega sua herança. . . . Você nega honra. . . . Você nega seus ancestrais e seus deuses. . . . Mas isso você não pode negar”, disse Athena. “Isso, você sabe que é verdade.

Conte-me . . . o que você deseja.”

A verdade finalmente escapou de sua jaula. "Eu quero matar ele."

Lore negou isso por anos, forçou a verdade dentro dela. Tudo em nome de ser boa, de merecer a nova vida que ela recebeu. Ela não estava envergonhada do quanto ela queria isso, ou quantas vezes ela sonhava com a morte dele, mas do quão ingrata ela se sentia pela segunda chance que trabalhar para Gil lhe dera.

“Mas eu não posso,” Lore continuou, sua garganta doendo. “Mesmo se eu pudesse chegar perto o suficiente para tentar, matar Aristos significaria tomar seu poder. Eu não quero ser um deus. Eu só quero viver. Eu quero saber que minha família é . . . em paz."

"Então eu vou matá-lo para você."

Lore olhou para a deusa incrédula.

"Eu vou matar o falso Ares em seu nome", disse Atena, lutando para respirar. “Se você jurar. . . você vai me ajudar. . . se você jurar. . . para vincular seu

destino ao meu até . . .

esta caçada termina. . . ao nascer do sol. . . no oitavo dia".

O coração de Lore começou a acelerar novamente, galopando em seu peito.

Isso era algo. Também não destruiria apenas Aristos Kadmou. Um deus não poderia tomar o poder de outro deus. Atena estaria efetivamente removendo o perigoso poder de Ares do Agon – e do mundo mortal – completamente.

"Ligue seu destino ao meu," a deusa disse novamente, oferecendo sua mão ensanguentada. "Seu coração . . . dói por isso. . . ."

O rosto de Gil, seu habitual sorriso cheio de dentes, passou pela mente de Lore.

Sinto muito, pensou ela, agonizante.

Então ela assentiu.

Os dentes de Athena estavam manchados de sangue enquanto ela os mostrava. "Você sabe o que significa, não sabe? O que o juramento implica?"

"Eu faço."

Seu próprio bisavô muitas vezes tinha sido uma história de advertência, tendo tolamente vinculado seu destino ao Dioniso original. O velho deus precisava de proteção dos descendentes de Kadmos. Embora ele próprio tivesse nascido naquela linhagem através de sua mãe mortal, Dionísio havia amaldiçoado seus parentes – e o próprio Kadmos –

quando eles se recusaram a acreditar que ele havia sido gerado por Zeus.

No instante em que o velho deus morreu, encurralado e massacrado como um javali, o coração do ancestral de Lore parou em seu peito.

O mais forte de sua geração, desaparecido no tempo que levou para piscar, lembrado para sempre por seus parentes como um traidor da lâmina - e, como seu próprio pai acreditava, a verdadeira causa da animosidade secular entre as Casas de Perseu e Kadmos.

Lore estaria concordando em proteger Atena com sua vida, protegê-la e confiar na esperança de que a deusa não morresse dessa ferida ou de qualquer outra. Era um risco que ela teria que correr. Um juramento era, afinal, uma maldição que você colocava sobre si mesmo – ela seria condenada se falhasse, e condenada se conseguisse. Mas ela nunca teria uma oportunidade como esta novamente.

Lore tentou se lembrar das palavras que seu pai e sua mãe sempre usaram para fazer seus juramentos, mas não conseguiu invocar o nome de nenhum deus.

"Eu vou ajudá-lo a sobreviver esta semana, e você vai destruir o deus uma vez conhecido como Aristos Kadmou, o inimigo do meu sangue", disse Lore calmamente. Ela pegou a mão fria da deusa na sua. “Se essa é a barganha, então eu juro pelos poderes abaixo que manterei minha promessa ou enfrentarei a ira dos céus.”

A deusa assentiu. “Então eu vinculo minha vida mortal à sua. . . Melora, filha de Demos, descendente de Perseu. . . Devo cair. . . você vai se juntar a mim. Você deve morrer no Agon. . . Eu também vou perecer. Essa é a promessa que fazemos um ao outro.”

O calor envolveu suas mãos unidas, perseguido por um calafrio ao longo das cristas da coluna de Lore como a ponta de uma faca. Que perfeito que o poder de Atena veio apenas na forma de aço e dor.

"Está feito?" perguntou Lore.

Sua resposta foi o sorriso cruel e sangrento da deusa.

Lore se afastou, levantando-se instável. Uma sensação de faíscas espalhadas por sua pele como estrelas no céu, afundando na medula de seus ossos.

"Precisamos parar o sangramento", disse Lore, olhando para o ferimento de Athena. “Não sei se tenho linha para costurar.”

A deusa balançou a cabeça. "Queime-o fechado."

Lore se levantou, sentindo-se meio removida de seu próprio corpo, e foi para a cozinha.

Ela segurou uma das facas de trinchar sobre o fogo do fogão a gás até que o

metal brilhasse tão dourado quanto as manchas nos olhos de Athena.

Miles, ela pensou distante. Ela precisava checar Miles assim que isso terminasse.

Mas ele já tinha descido para ver como ela estava.

Miles estava sentado na escada, seu olhar ainda fixo no que podia ver da sala através do velho corrimão de madeira. Não parecia haver uma gota de cor em seu rosto, e Lore sabia, mesmo antes de olhar para ela e a faca em suas mãos, que ele tinha ouvido tudo.

"Eu acho", ele disse finalmente, sua voz rouca, "é melhor você me dizer o que diabos está

acontecendo."

FICARAM EM SILÊNCIO por vários minutos depois que Lore terminou de dar a Miles uma explicação implacavelmente reduzida sobre o Agon, os nove deuses que ele havia sido criado para punir - incluindo aquele cuja ferida ela havia fechado na sala de estar - e os nove deuses. linhagens descendentes de antigos heróis escolhidos para caçá-los.

Ela destilou mais de mil anos de história em meros minutos, sentindo-se cada vez mais insana enquanto o rosto dele permanecia cuidadosamente em branco.

Não era como se Lore pudesse culpá-lo; ouvindo-se dizer as palavras “Durante sete dias, a cada sete anos, os deuses andam na terra como mortais. Se você pode matar um, você se torna um novo deus e leva seu poder e imortalidade, mas você também será caçado no próximo Agon” tinha deixado seu estômago em nós, e não apenas porque ela havia sido ensinada, desde a mais nova. idade, para nunca revelar seu mundo a estranhos.

Para Miles, esses nomes — Atena, Ártemis, Apolo, Poseidon, Hefesto, Afrodite, Dionísio, Hermes e Ares — eram histórias antigas, monstros não vivos que respiravam e se recusavam a desaparecer quando um deus mais proeminente surgisse em suas terras.

Do jeito que os caçadores contaram, eles tentaram forçar seus adoradores de volta à submissão alimentando o caos na queda de Roma, fazendo Apolo criar pragas mortais, incluindo a Praga de Justiniano, que sozinha matou dezenas de

milhões de pessoas.

Tudo na esperança de que os mortais implorassem por proteção e refúgio.

“E, quando Zeus ordenou que parassem”, Lore terminou, “os nove, liderados por Atena, tentaram e não conseguiram derrubá-lo para continuar seu trabalho”.

Gil sempre fazia chá quando eles precisavam conversar sobre algo, e Lore se viu fazendo a mesma coisa agora – só que, como se a memória muscular tivesse assumido, ela pulou os saquinhos de chá e fez um tipo muito diferente de infusão.

De brincadeira, os caçadores chamavam seu chá de nektar, a bebida dos deuses. Eles usavam tomilho – a erva da coragem – gengibre, limão e mel para se fortalecerem durante o treinamento e o Agon.

Mas ambas as canecas ficaram frias, intocadas onde ela as colocou na mesa.

A unidade de ar condicionado da janela chiava, inundando a cozinha com ar frio. Lore tinha puxado as cortinas da janela acima da pia, e ela podia dizer pela forma como o sol ainda estava tentando invadi-las que já era tarde da manhã.

"Diga alguma coisa", ela sussurrou.

"Quero dizer . . .” ele disse, passando a mão pelo cabelo. Seu olhar estava fixo na mesa.

“Seu nome nem é Lauren.”

"Você entende por que eu não pude usar o meu verdadeiro, não é?" ela perguntou. Não se

tratava apenas de ficar quieto, no entanto. Lauren Pertho era o pseudônimo nos papéis e passaporte que a linhagem de sua mãe havia forjado para tirá-la do país após o assassinato de sua família. Era a única documentação que ela tinha que usar.

“Não sei o que pensei”, disse Miles. “Deixe-me ver se entendi direito: a cada sete anos isso . . . caça acontece. E a localização muda, como nas Olimpíadas, só que com mais assassinatos?

"Basicamente", disse Lore. “Os caçadores descobriram que poderiam controlar a localização do Agon movendo algo chamado omphalos – uma grande pedra que residia em Delfos e marcava o que eles acreditavam ser o umbigo, ou centro, do mundo.”

“O 'umbigo' no poema?” ele esclareceu.

Ela havia recitado a tradução inglesa do relato de Zeus dando o comando original para o Agon. A versão original, na língua antiga, havia se perdido.

"Sim. Os líderes das linhagens se reúnem um ano antes do próximo Agon e votam onde será, que geralmente é onde cada um tem mais recursos e poder,” Lore continuou. “Eles têm que mover o omphalos sem que os deuses vejam seu destino, para evitar que os deuses criem estratégias. Ultimamente tem estado aqui, mas eles também tendem a se concentrar em cidades em nações insulares, como Londres e Tóquio, porque torna mais difícil para os deuses escaparem.”

E raramente, nos ciclos que eles realmente queriam atormentar os deuses, eles traziam os omphalos de volta ao antigo país, para que pudessem ser caçados entre as ruínas de seus templos e as pessoas que um dia os temiam.

“As nove famílias...” Miles começou.

“Há apenas quatro linhagens ainda participando do Agon”, disse Lore. “Os outros morreram”.

"Como o seu?" Miles esclareceu lentamente. "Porque você é . . . o último de sua linha?”

“O último mortal,” Lore disse. “O novo Poseidon, Tidebringer, já foi parte dos Perseides –

os descendentes de Perseu.”

“Quais são os outros?”

“As Casas de Kadmos, Teseu, Aquiles e Odisseu são as únicas outras linhagens sobreviventes”, disse Lore, “mas também havia as Casas de Héracles, Jasão. . .” Então ela acrescentou, porque ninguém nunca parecia saber quem eles eram: “E Meleagro, que liderou a caça ao javali de Calidônio, e Belerofonte, que matou

monstros e montou em Pégaso. Essas foram, na verdade, as duas primeiras linhagens a morrer.”

Sua aniquilação veio logo depois que as linhagens decidiram por sobrenomes unificados para atender às necessidades legais em mudança do século XVI. Ambas as casas foram vistas como indignas da caçada, mesmo pela linha amaldiçoada de Jason. A de Meleager porque os descendentes restantes se originaram de um filho ilegítimo, e a de Belerofonte porque seu ancestral morreu odiado pelos deuses, e apenas o próprio Zeus teria visto o herói caído redimido.

“Eu pensei Hércules – Hércules? Achei que ele montava Pegasus? disse Miles. “Você está me dizendo que meu filme de animação favorito de todos os tempos mentiu para mim?”

Lore suspirou.

“Estou quase com medo de perguntar”, disse Miles. "Mas o que exatamente aconteceu com o resto de sua família?"

Por um momento, Lore não sabia por onde começar.

“Existe essa regra – essa crença fundamental – que apenas os homens, em particular o líder acordado de cada linhagem, devem ter permissão para reivindicar o poder de um deus,” Lore explicou, a raiva tornando sua postura rígida. “Somente homens podem ser herdeiros, tanto em poder mortal quanto imortal. Ter um líder masculino de uma linhagem significa que a sucessão é mais clara. Se aquele arconte cair ou ascender à imortalidade, a autoridade recairá sobre seus filhos, irmão ou sobrinho. Quando a linhagem se reúne para o próximo Agon, eles votam no próximo homem a deter o título.”

Seu desgosto cresceu até que ela pudesse sentir a amargura em sua boca com a explicação. Ela uma vez acreditou em tudo isso também — mais do que acreditou nisso.

Mesmo quando criança, Lore teria morrido de bom grado em nome de todos aqueles homens para manter a ordem cruel de seu mundo.

“Eles realmente excluem as mulheres assim?” perguntou Miles. "Mesmo agora?"

Suas narinas se dilataram com a força de sua próxima respiração. “Foi séculos

antes que eles permitissem que as mulheres caçassem, e agora apenas alguns selecionados são escolhidos para trabalhar em uma espécie de bando em nome do arconte. Tidebringer, intencionalmente ou por acidente, reivindicou a divindade catorze ciclos atrás. E não de qualquer deus, mas de um dos originais. Poseidon."

Era estranho sentir repulsa e simpatia profundamente arraigadas pelo novo deus. Lore foi ensinado a odiá-la, a culpá-la pelo que aconteceu com a Casa de Perseu. Repetidas vezes, ela foi informada de que Tidebringer estava errado, como se a coisa antinatural não fosse que um mortal tivesse matado um deus e tomado seu lugar, mas que uma mulher tivesse ousado tentar.

“Ok, mas por que a senhora Poseidon significaria a morte de seu . . . lar?" Miles perguntou, hesitando sobre a palavra. "Eu pensei que você disse que os novos deuses protegem e servem sua família?"

"É só isso", disse Lore. “Ela foi evitada pelos Perseides e foi forçada a se esconder durante o próximo Agon e todos os que vieram depois porque ela não tinha família para protegê-la. As linhagens a viam como uma ameaça direta à ordem de seu mundo.

Ninguém tinha certeza de que uma mulher poderia ascender até que ela o fizesse. A ideia era muito perigosa para eles.”

Miles suspirou. “Acho que sei onde isso vai dar.”

“Para garantir que isso nunca aconteça novamente, as outras famílias, lideradas pelo arconte da linhagem de Kadmos, destruíram quase toda a Casa de Perseu no último dia

daquele Agon, quando a morte de outros caçadores ainda era permitida”, disse Lore.

“Além de Tidebringer, o único sobrevivente foi meu tataravô, que decidiu ficar na universidade em vez de participar desse ciclo.”

“Puta merda,” Miles disse suavemente.

“As outras linhagens decidiram mantê-lo vivo para atormentá-lo de uma maneira diferente

– humilhação”, disse Lore. “Eles dividiram os estoques de armas e armaduras dos Perseides, dividiram seus lucrativos impérios de transporte e fabricação de tecidos e deram ao chefe da linhagem Kadmos a maior herança da família.”

A égide. O escudo de Zeus, levado em tantas batalhas por sua filha favorita, Atena, portando a cabeça da górgona Medusa, e dado a eles pelo próprio rei dos deuses para ajudar na caça. Um objeto capaz de invocar relâmpagos e causar terror não natural no coração de todos os inimigos que o contemplaram.

Tinha sido a inveja de todas as outras linhagens, que se ressentiam das Perseides por obter o que consideravam uma herança superior. Ao longo dos séculos, muitos dos outros objetos de poder foram destruídos por linhagens rivais para evitar que fossem usados.

Mas apenas aqueles naquela linhagem em particular que levavam o nome da casa podiam usar seus respectivos dons. Os Kadmides podem ter roubado a égide, mas nenhum deles poderia empunhá-la. E a verdade sobre a sobrevivência de seu tataravô era ainda mais sinistra do que ela deixava transparecer. Lore presumiu que ele havia sido poupado pelo mesmo motivo que ela: a égide desapareceria quando a última das Perseides morresse.

"Uau . . .” Miles disse lentamente. "Mas então sua família, seus pais?"

“E irmãs.”

O rosto de Miles caiu. Lore só havia dito a ele e Gil que sua família havia morrido e ela havia sido levada contra sua vontade para ser criada por um membro da família de sua mãe. Ambos eram verdade, de uma maneira muito vaga de falar.

“Suas mortes foram ordenadas por Aristos Kadmou, neto do homem que liderou a execução inicial das Perseides”, disse Lore.

“Quem é agora o novo . . . Ares?” Milhas terminadas. "Depois que ele matou o último novo Ares no Agon sete anos atrás?"

“O mortal acredita que você mente.”

Lore se assustou com o som da voz baixa de Athena. Miles fez mais do que isso. Ele saltou da cadeira, derrubando-a no chão, e tropeçou contra o balcão próximo,

segurando o peito.

"Jesus!" ele engasgou. "Quero dizer, eu não..."

Miles caiu no que parecia ser meia reverência e meia reverência.

"Você?" Lore perguntou a ele. "Você acredita em mim?"

Athena encheu a porta da cozinha, apoiando-se pesadamente no batente com uma mão pressionada no ferimento ao seu lado.

"Quero dizer, sim", disse Miles. "Eu acredito em voçê. Só vai demorar um pouco para eu me controlar, sabe?

A deusa olhou para ele com escárnio antes de voltar para Lore.

“Esta embarcação requer sustento.”

"Você quer . . . café da manhã?" Lore adivinhou.

Athena sentou-se na cadeira livre. Lore a encarou por um momento – algo girando na boca do estômago ao vê-la na casa de Gil, na cadeira de Gil – mas no final, ela apenas se levantou e foi até a geladeira.

Em poucos minutos, Lore colocou três pratos de ovos mexidos e bacon e três copos de água. Ela e Miles assistiram, ambos segurando seus garfos, enquanto Athena beliscava um pedaço de bacon entre os dedos e o levava ao nariz para cheirá-lo.

No que dizia respeito a Lore, comida grátis era a melhor, mas estava claro que a deusa não compartilhava dessa opinião. Ela deu uma mordida experimental, e todos os seus seis pés estremeceram.

Sempre leal, mesmo enfrentando anos de decepção, Miles deu uma grande mordida e declarou: “O melhor bacon que já comi”.

“Se você não quer, não coma,” Lore disse a Athena friamente.

A deusa tomou um gole de sua água, seus lábios se curvando em um sorriso de escárnio.

"É a sensação", disse Athena, forçando-se a engolir um pequeno pedaço de ovo. “Para me rebaixar a tal . . . necessidades básicas. Precisar de alimentos tão insossos e repulsivos ou sentir-se vazio. Sentir dor. É intolerável.”

"Sim, bem", disse Lore, "intolerável praticamente resume muito da existência humana."

Miles olhou para ela surpreso, mas, pela primeira vez, manteve seus pensamentos para si mesmo.

"Assim . . .” ele começou, seus olhos correndo para o ser celestial ao seu lado. Atena ainda estava coberta de sangue seco e sujeira. “Onde está sua coruja?”

O olhar que Atena deu a ele teria incinerado um quarteirão da cidade se ela estivesse em seu poder total.

Destemido, ele pressionou. “Seu escudo?”

Um copo escorregou da mão de Lore, quebrando na pia da pia.

“Lore?” Miles se levantou, vindo para ajudá-la, mas Lore acenou com a mão atrás dela, gesticulando para que ele se sentasse antes de limpá-la cuidadosamente.

“A égide,” Athena grunhiu, certificando-se de usar seu nome próprio. “Eu carregava o escudo do meu pai. Foi dado aos caçadores por meu pai séculos atrás, junto com muitas de nossas armas e posses divinas. Não o vi desde então, nem poderia usá-lo se quisesse. Não, a menos que esteja em minhas mãos no último dos sete dias, enquanto eu recupero minha forma imortal.”

"Não é verdade", disse Lore. “Tem que ser dado voluntariamente por alguém na linhagem, o que é impossível. Os Kadmides têm isso há décadas.”

"E você sabe tudo isso com certeza, não é?" disse Atena. “Qual é o seu propósito em contar tudo isso ao mortal, Melora? Que bem isso possivelmente trará?”

"Estou cansada de mentir para ele", disse Lore, lutando para manter seu temperamento sob controle. “Eu percebo que é um conceito estranho para você. Deixe-me saber se você precisar de uma definição atualizada de amigos, eu sei que Artemis era provavelmente o último que você tinha antes de esfaqueá-lo.

"Eu não posso acreditar que estou prestes a dizer isso, mas deixando de lado o esfaqueamento - que, uau, é a primeira vez que fico feliz por não ter uma irmã", disse Miles, parecendo um pouco magoado. “Ártemis é o único outro deus original ainda no Agon?”

O queixo de Athena se ergueu, como se desafiasse Lore a responder.

Lore a ignorou. “Não, há Hermes. Apolo também.”

“Você está certamente errado,” Athena disse bruscamente. “Apolo morreu no final do último Agon.”

Uma pontada de curiosidade ansiosa passou por Lore antes que ela pudesse suprimi-la.

Ela apertou as mãos sob a mesa até que a sensação indesejada passou.

“Apolo foi supostamente morto no último Agon, mas ninguém testemunhou”, explicou Lore. “Havia apenas rumores, que poderiam facilmente vir de uma linhagem que queria enganar os outros para que eles sozinhos soubessem caçá-lo no próximo ciclo. Se ele estiver morto, qualquer que seja a casa que tenha o novo Apollo manteve sua identidade em segredo. Pessoalmente, acho que é alguém da Casa de Teseu. Essa linhagem fez investimentos consideráveis em energia solar no ano passado.”

Lore já havia explicado a Miles como um novo deus poderia beneficiar sua família financeiramente ao se intrometer em eventos mundiais, para promover seus próprios interesses. A atual nova Afrodite, por exemplo, levou a Casa de Odisseu a projetos de Hollywood de grande sucesso. Um novo Ares, incluindo Aristos Kadmou, poderia inflamar conflitos internacionais para apoiar os investimentos de sua linhagem na fabricação de armas, e um novo Dionísio poderia iniciar uma megaigreja ou um culto apocalíptico. As oportunidades eram vastas e limitadas apenas pela criatividade do novo deus.

“Isso nos leva a oito,” Miles pressionou. “Quem é o outro?”

"Foi Hefesto", disse Lore. “Mas ele se foi.”

“Erradicado por um impostor sedento de poder,” Athena rosnou.

"Talvez seu pai devesse ter considerado deixar instruções melhores em vez de confiar em alguns homens para escrever poemas ruins sobre o encontro", disse Lore. “Não é culpa dos caçadores eles terem que descobrir as regras por si mesmos.”

“Claro,” Athena disse com um bufo zombeteiro. “Não foi suficiente para aquele impostor arrogante ter o poder de um deus, o tolo teve que tentar matar outro para ver se ele poderia ganhar o de Hefesto também. É justo que ele não pudesse.”

“Eu não discordo de você aí,” Lore disse. “Ninguém cometeu esse erro novamente. Os caçadores querem manter o maior número possível de oportunidades de imortalidade. É

a razão pela qual o Agon nunca vai acabar. Eles não vão deixar.”

O relógio do avô de Gil tiquetaqueava nas proximidades, cada golpe cortando os nervos de Lore um pouco mais.

"Então, qual é o nosso plano?" perguntou Miles.

"Você está indo para o seu estágio", disse Lore. “E você vai encontrar um amigo com quem ficar até o próximo domingo.”

"O que?" ele disse. "Então qual era o ponto de me dizer tudo isso?"

“O objetivo”, disse Lore, “era fazer você entender o quão perigoso isso é.”

"Se é tão perigoso, eu não vou sair desta casa, ou você", disse ele. “Vou mandar um e-mail para minha chefe e dizer a ela que estou com estreptococos. Mas eu não vou, e você não pode me obrigar.

Athena olhou com surpresa e aprovação. Lore cerrou os dentes ao vê-lo.

“Eu prefiro a companhia deste mortal,” ela informou Lore.

“Aquele mortal nem sabe o básico de luta com faca,” Lore disse, levantando-se para pegar seus pratos vazios. “Então, se você cair primeiro em uma luta, boa sorte.”

Lore voltou-se para Miles. “Eu não sei por quanto tempo esta casa estará segura. Tudo o que fiz foi tentar confundir qualquer um dos cães de caça que sentiram o cheiro dela.

Eventualmente, pode não ser suficiente.”

“Eu não serei uma prisioneira nesta casa,” Athena disse a ela. “Usarei meu poder para disfarçar minha presença, se necessário. Estou contente em permanecer aqui enquanto esta concha mortal recupera sua força. No entanto, para completar nosso juramento, terei que deixar essas paredes. E você, Melora Perseous, sabe menos do que acredita –

você nem sabe o que o falso Ares passou esses últimos sete anos procurando.

O rosto de Castor se iluminou novamente em sua mente. Ele está procurando por algo. . .

.

"E você faz?" Lore pressionado.

Atena assentiu. "Isto . . . poema que você tanto ama, aquele que você recita como fato, ou está incompleto, ou ele procura outra versão dele. Um que conta como o Agon termina e como seu vencedor reivindicará um poder insondável.”

A mente de Lore desligou, deixando seu corpo para reagir. Ela se levantou tão rapidamente da cadeira que ela caiu para trás e bateu contra o azulejo. Não havia para onde ir, e nada que suas mãos pudessem segurar, exceto o braço oposto. "O que?"

Miles olhou entre eles, confuso.

Athena balançou em seu assento, claramente instável pela perda de sangue e ferimentos internos.

“Minha irmã e eu o seguimos. Ele deseja essa informação acima de tudo e colocou seus muitos caçadores para procurá-la”, disse Athena. “Tenho certeza de que não preciso lhe contar o tipo de ruína que ele trará a este mundo se for capaz de encontrá-lo. Devemos agir com pressa. Se localizarmos este fragmento ou . . . nova iteração. . . isso nos colocará em seu caminho, e eu o matarei”.

Encontrar uma nova versão do poema de origem — se é que existisse — daria, é claro, a Atena a mesma informação que Aristos Kadmou buscava. Lore não gostou da ideia de qualquer um deles ter, caçador ou imortal. Ela teria que encontrá-lo primeiro e, se possível, destruí-lo ou. . .

Sua mente terminou o pensamento sombrio. Destrua qualquer caçador que saiba o que diz.

“Você não será capaz de matá-lo em seu estado atual,” Lore disse à deusa. “Você provavelmente precisa de uma transfusão de sangue e algum tipo de antibiótico, no mínimo.”

"Eu não preciso de tais remédios", disse Athena. "Você duvida da minha força, criança?"

A deusa pareceu não notar que piscava rapidamente com o esforço de manter os olhos abertos.

“Duvido de seu corpo mortal,” Lore esclareceu.

“Existe alguém em quem você confia o suficiente para pedir ajuda?” perguntou Miles.

“Sim,” Lore disse, mas não acrescentou o importante talvez.

Castor tinha sido treinado como curador, e ele teria acesso aos suprimentos de sua linhagem – remédios, sangue e tudo mais que Lore nunca poderia comprar nas ruas. Ela estava mais que disposta a engolir seu orgulho o suficiente para tentar encontrá-lo se isso significasse a morte de Aristos Kadmou. Mas Lore estava com raiva e um tanto irracional quando Castor veio encontrá-la. Enquanto a amiga que ela conheceu nunca foi de guardar rancor, ela não conhecia esse novo Castor.

Apodraskinda.

Isso tinha sido um convite. . . não tinha?

“Posso obter ajuda e tentar descobrir mais informações sobre a nova versão do poema de origem e quem pode tê-lo”, começou Lore. “A maioria dos caçadores está aqui na cidade agora, mas pode ser armazenado em um dos arquivos das

linhagens em outro país.”

"Está aqui", disse Atena. “Tenho certeza disso, e o falso Ares parece ainda estar aqui também. Seja armazenado em um cofre ou na memória, vamos encontrá-lo nesta cidade.”

Lore assentiu. "Nós vamos ter que nos preocupar com sua irmã chegando para terminar o trabalho enquanto isso?"

“Ártemis só me feriu para que ela mesma pudesse escapar dos caçadores da linhagem de Kadmos que caíram sobre nós durante o Despertar,” disse Atena. “Nossa aliança pode estar no fim, mas ela terá outros . . . preocupações. Eu retribuirei o favor com minha lâmina quando chegar a hora.”

“E Hermes?” perguntou Lore.

"Eu não vejo Hermes há algum tempo", disse Atena, seu rosto impassível. “Nem eu desejei. Uma vez que o tolo quebrou nosso pacto há quatro décadas, recusamos a ele toda a ajuda, e ele a nós.”

“Não consigo imaginar o porquê,” Lore murmurou. Voltando-se para Atena, ela acrescentou: — Você pode tentar se limpar enquanto eu estiver fora.

A deusa puxou o cabelo grudado em sua bochecha com sangue e assentiu. Ela seguiu Lore escada acima até o banheiro do corredor. Ansiosa para garantir a paz depois que ela os deixou, Lore preparou um banho e acrescentou sais e óleos. Ela colocou um rolo limpo de bandagens perto da pia.

“Eu vou encontrar uma muda de roupa para você,” Lore disse a Athena quando ela saiu do pequeno espaço e a deusa entrou. “Eu tenho que avisá-lo que não estará de acordo com seus padrões habituais.”

Athena olhou para trás por cima do ombro, os olhos faiscando. “Tenho certeza de que o que você encontrar será . . . tolerável."

Lore parou na porta, seus dedos curvados contra a moldura.

“Eu vou ter que sair por um tempo,” Lore disse em voz baixa, “para encontrar um curandeiro para você. Miles estará seguro com você, porque não sei o que faria comigo mesmo se algo acontecesse com ele.

Os lábios de Athena se curvaram em uma zombaria de um sorriso. "De fato. Embora...

— O quê? perguntou Lore.

“Há uma parte da nossa história que você não entendeu”, disse Athena. “Fomos punidos

não pelas vidas perdidas, mas por interferir nas terras de outros deuses, que ameaçavam a nossa paz – o mundo além do conhecimento dos mortais.”

"Isso é-" Lore começou. Havia várias maneiras pelas quais ela poderia ter terminado essa declaração. Terrível, cruel, inacreditável. Tudo verdade.

No final, ela não terminou seu pensamento. Athena fechou a porta do banheiro, deixando Lore sozinha no corredor. Ela enfiou a mão no bolso novamente para pegar o colar que Gil lhe dera. Sua palma se curvou sobre o amuleto de penas e, por um momento, ela não fez nada além de ficar no corredor escuro, esperando que seu coração se acalmasse.

Não perdido, ela pensou. Livre.

Uma vez que esta semana terminasse, e Athena tivesse mantido sua parte de seu acordo, Lore estaria verdadeiramente livre. Do Agon. Dos deuses. Dos caçadores.

Ela não ficou surpresa ao encontrar Miles já em seu pequeno quarto, sentado na beirada da cama. Ele era a coisa mais interessante no espaço de outra forma simples.

“Tudo bem,” ela começou, “eu sei que você quer ficar, mas—”

Miles estava de repente na frente dela, envolvendo-a em um abraço apertado. Lore congelou, seus braços flácidos ao seu lado.

“Por que você não foi embora?” ele sussurrou. “Você poderia ter saído na semana passada. Eu teria ajudado você.”

Lore fechou os olhos com força e se afastou de seu abraço para se mover em direção a sua cômoda.

“Se algo acontecer enquanto eu estiver fora, ou você vir alguém suspeito na rua, eu preciso que você deixe Athena e corra,” Lore disse.

"Eu não vou sair", ele insistiu.

“Você não pode lutar contra caçadores, Miles. Eles são treinados para matar deuses e qualquer outra pessoa que esteja em seu caminho. Eu nunca encontraria seu corpo.”

Ele deu a ela um olhar estranho.

"Eu não vou lutar com eles", disse Miles. “Vou me esconder no porão e ligar para o nove e um como uma pessoa normal.”

Lore se permitiu um pequeno sorriso enquanto colocava cuidadosamente o colar na cômoda e metodicamente tirava uma camisa branca enorme, leggings pretas, roupas íntimas e meias das gavetas.

"Você quer que eu tente consertar isso para você?" ele perguntou.

"Você poderia?" ela perguntou, passando para ele. “Não tenho uma corrente para substituí-lo e não quero correr o risco de perdê-lo usando barbante.”

Ele examinou o lugar onde a fina corrente de ouro quebrou. “Eu definitivamente posso tentar.”

"Obrigado", disse Lore. Ela tinha tão poucas coisas que ela apreciava. Tudo o que ela teve em sua antiga vida foi perdido.

Não Castor, sua mente sussurrou.

Ela respirou fundo, permitindo que um pouco de calor se espalhasse por ela ao perceber.

Ela ainda tinha Castor. O Agon havia tirado tanto, mas o havia devolvido.

“Sabe, eu entendo porque os caçadores querem a imortalidade,” Miles disse, olhando por cima do colar. “E eu entendo o que isso pode fazer por eles e suas linhagens. Mas mesmo isso não parece motivo suficiente quando eles sabem que também serão caçados.”

O pânico inicial de contar tudo a Miles passou para uma espécie de alívio exausto. Uma pequena parte dela até se sentiu grata pelo fato de ter sido capaz de escolher como contar a história.

"Tudo se resume a kleos", disse Lore, sua mão demorando no porta-retrato. “Isso é realmente o que eles estão procurando. Essa é a única coisa que eles podem querer.

Você pode ganhar a imortalidade tornando-se um deus, mas também pode ganhá-la através da glória. Kleos é a honra que vem de se tornar uma lenda – alguém que os outros mantêm vivo através de histórias e canções. Seu corpo pode morrer, mas seu nome viverá para sempre.”

"É isso?" disse Miles.

"Não faria sentido para você", disse Lore. Não faria sentido para alguém que foi criado fora de seu mundo. Às vezes nem fazia sentido para ela.

O gemido agudo do telefone de Miles fez os dois pularem.

“Você tem que mudar isso,” Lore implorou.

Ele murmurou desculpa enquanto se levantava e se dirigia para a porta. Ele atendeu a ligação com um “Oi, mãe. . . Sim, não, eu tenho tempo. E aí?"

Lore escutou sua voz enquanto caminhava pelo corredor para seu próprio quarto.

“Não, não, você está pensando no lugar errado,” Miles estava dizendo. “É onde costumávamos jogar futebol, não na escola. . . .”

A porta do quarto se fechou, tornando suas palavras abafadas inaudíveis, mas sua voz ainda pairava em sua mente, soando clara como um sino.

É onde costumávamos jogar. . . .

Claro. Apodraskinda. Esconde-esconde. O jogo que eles costumavam jogar quando crianças.

"Inteligente, Cas", ela sussurrou. Sua mensagem não tinha sido um desafio.

Foram instruções sobre onde, exatamente, encontrá-lo.

SURPREENDENTEMENTE, LORE NÃO PERCEBEU que ela desenvolveu um medo de altura até que ela se viu três andares acima do chão, equilibrada em uma estreita borda de cimento de um antigo armazém em Tribeca.

“Plano fantástico como sempre,” ela murmurou.

Seu corpo tremia com o esforço da escalada, e as pontas dos dedos estavam em carne viva por agarrar o tijolo. Lore inclinou a cabeça para a direita uma última vez, certificando-se de que ela ainda estava fora do quadro da câmera próxima.

Enquanto os Achillides possuíam outras propriedades na cidade, este edifício, conhecido como Thetis House, tinha sido o único lugar onde ela e Castor haviam jogado apodidraskinda.

Quando eles eram crianças, Castor mostrou a ela como se aproximar do prédio por trás sem ser vista pelas câmeras de segurança e atiradores no telhado – um feito que envolvia entrar furtivamente em um elevador de serviço na garagem separada nos fundos, rastejar por um buraco disfarçado em uma cerca eletrificada, e usando uma linha de lixeiras como escudo.

Depois disso, havia apenas a pequena e desafiadora questão de escalar livremente a esquina do prédio usando a alvenaria decorativa como apoios e apoios para os pés. Mas havia uma diferença significativa nessa escalada em comparação com a última que ela havia feito sete anos atrás.

Agora Lore sabia que tinha medo – não apenas de cair, mas do que ela encontraria dentro das paredes do prédio.

Ela puxou mais quatro tijolos, passando pelas varandas e janelas do terceiro andar. Antes que ela pudesse continuar para o próximo andar, seus ouvidos captaram outra coisa.

Música arejada, acompanhada pelo tilintar de cristal e um murmúrio baixo de vozes excitadas.

Lore mudou seu peso, olhando para cima, depois para baixo, antes de se inclinar para a esquerda para espiar pelas janelas escurecidas da porta da varanda. Alguém os havia deixado rachados.

Você deve estar brincando comigo, ela pensou.

Uma festa.

Dentro do prédio era como um sonho de outra vida antiga. Lore vislumbrou-o quando o Aquillides passou pela sacada. As mulheres deslizavam pelo espaço, seus vestidos de seda brilhante feitos no estilo antigo do chiton e peplos. Suas joias brilhantes eram

complementadas por coroas de folhas de louro, reais e douradas.

Os homens misturavam-se uns com os outros em torno das amplas travessas de comida e torres em cascata de champanhe e taças de vinho, todos usando um chiton ou túnicas mais modernas sobre calças largas de seda.

Festas, do tipo que se transformavam em festas nebulosas de vinho e rituais, eram bastante comuns — afinal, de que adiantava um destino glorioso se nunca se permitisse deleitar-se com ele? Algumas envolviam cerimônias, como os sacrifícios em busca de favores a Zeus nos dias que antecederam o Agon, e mais rituais depois, após sua conclusão, quando era hora de enterrar os mortos.

Isso também não.

É melhor você estar aqui, Cas, pensou Lore, irritada, embora ela estivesse surpresa ao sentir uma pontada de ansiedade também.

Dentro das paredes de tijolos havia incontáveis quartos – quartos, instalações de treinamento, espaços para conferências – e armários e armários para se perder. havia treinado com o jovem Achillides.

Enquanto sua mãe e seu pai tentaram treiná-la para lutar quando criança, eles lutaram para encontrar tempo entre os empregos que pagavam seu aluguel e mantinham comida na mesa. Lore nunca pensou sobre o que deve ter custado a seu pai abordar o arconte dos Aquilides sobre seu treinamento - o verdadeiro preço não teria sido o dinheiro trocado ou favores prometidos, mas a perda de orgulho que veio com a necessidade de pedir.

Lore respirou fundo quando finalmente chegou ao quarto andar. No passado - e espero que ainda - o andar de cima tinha sido usado para armazenamento, e com caçadores patrulhando o telhado logo acima, nunca teve o mesmo nível de

segurança que os níveis mais baixos e mais acessíveis. Isso incluía a entrada subterrânea não muito secreta do prédio imediatamente à direita da Thetis House.

Havia uma saliência de meia polegada que ia da borda do prédio até a varanda mais próxima. Lore prendeu a respiração quando ela mudou as pontas dos dedos dos pés para ele. Seus ombros e braços gritaram em protesto, mas era com as pontas dos dedos que ela se preocupava agora, entorpecidas pelo esforço de arranhar o tijolo.

Antes que ela pudesse se permitir realmente pensar em quão incrivelmente estúpido isso era, Lore rapidamente se arrastou ao longo da borda até a sacada.

O sol do final da manhã queimava contra suas costas. À medida que subia do horizonte, havia fervido o calor espesso e úmido da cidade, deixando-a tonta. Lore piscou para afastar o suor escorrendo em seus olhos quando ela estendeu a mão para o parapeito de pedra da varanda.

Ela estava tremendo no momento em que ela se arrastou sobre ela, caindo suavemente sobre seu estreito bloco de concreto. Lore se aproximou das portas, fora da vista de qualquer um que estivesse patrulhando acima, e se ajoelhou ali por vários momentos, esperando que a sensação voltasse à parte superior de seu corpo.

Você não tem tempo para isso, ela pensou. Vá em frente.

Cortinas blackout obscureciam o que quer que pudesse estar no quarto. Lore pressionou o ouvido no vidro quente da porta para ouvir o movimento, mas ouviu apenas a festa no andar de baixo e seu próprio batimento cardíaco.

Os painéis de vidro nas portas eram à prova de balas, mas o alarme ligado a eles era o problema maior. Ou teria, se um Castor de onze anos tivesse sido um pouco mais resistente à estratégia diabólica de Lore de dez anos de apenas fazer apostas que ela sabia que ganharia.

Havia um único tijolo solto logo acima do batente da porta. Lore usou seu canivete para aliviar isso e agradeceu silenciosamente a esse caçador apaixonado, aquele que Castor tinha espionado usando esse truque para conhecer o homem com quem ele foi proibido de se casar.

Lore tirou o ímã Wheelz 4 Totz do bolso de sua calça jeans, desenrolando o cadarço que ela havia colado nele. Cuidadosamente, ela deixou cair o ímã pela abertura na parede e usou a corda para movê-lo para frente e para trás até ouvir o clique revelador do ímã beijando o sensor do alarme.

Por favor, trabalhe, ela pensou. Por favor, deixe esta coisa ser fácil.

Os sensores de alarme sempre foram magnéticos e eram acionados quando o ímã da porta era separado da metade estacionária. Era um sistema simples que geralmente era eficaz, então espero que eles não tenham atualizado para novos dispositivos baseados em laser.

Lore enfiou a mão no bolso para pegar o pedaço fino de plástico que ela havia cortado de uma garrafa de Pepsi vazia. Ela levou um momento de manobra para enfiá-la entre as portas e abrir a fechadura mais baixa e mais fraca. Ela teve que esperar que o caçador passasse por cima de novo antes de inserir a chave em branco que ela comprou de sua loja de ferragens do bairro no ferrolho. Envolvendo o tijolo com a barra de sua camiseta, ela apertou a chave, forçando-a o suficiente para poder girá-la e, misericordiosamente, destrancou a porta.

Lore ficou de lado, com as costas apoiadas na outra porta, e empurrou-a para a cortina pesada atrás dela com um sorriso satisfeito. “Seus idiotas previsíveis.”

Apesar de todos os milhões que essas famílias gastaram em sistemas de segurança e armamento, elas ainda não conseguiram selar essas portas ou bloqueá-las como fizeram com as janelas. Isso significaria cortar suas próprias rotas de fuga potenciais se outra família ou deus os atacasse aqui.

Quando ficou claro que nenhum alarme silencioso havia sido acionado, Lore entrou e silenciosamente fechou a porta atrás dela. Ela acolheu a carícia do ar-condicionado e a relativa escuridão enquanto puxava o cadarço pelo buraco, removeu o ímã e recolocou o tijolo.

Como ela esperava, o quarto ainda estava sendo usado para armazenamento. Era um labirinto de caixas e baús velhos, todos cheirando a umidade, como se tivessem escapado por pouco de uma enchente no porão. Lore remexeu neles até encontrar um

conjunto mofado de vestes negras de caçador. Ela os prendeu em torno de seu short jeans rasgado e blusa preta encharcada de suor.

No fundo do baú havia uma máscara lascada. Lore olhou para ele, odiando que ela ainda se sentisse doente com o pensamento de usar algo diferente da marca de sua própria família.

Você precisa disso, ela disse a si mesma. Pegue. Apenas no caso de.

A única coisa que ela não conseguiu encontrar foi algum tipo de lâmina ou arma.

"Bem", ela murmurou, enquanto puxava uma chave de fenda solitária de uma caixa de ferramentas abandonada. “É pontudo.”

Lore o enfiou no bolso interno escondido do manto. Ela puxou o capuz para cima e depois para baixo quando percebeu o quão ridículo seria.

"Vamos, Perseous", ela sussurrou. “Vamos buscar.”

A disposição do corredor era exatamente como ela se lembrava, com exceção de alguns teclados que haviam sido instalados em várias portas. Ela olhou para cima, procurando no teto por câmeras disfarçadas.

Uma voz cortou o silêncio como uma lâmina na parte de trás de seu pescoço.

— O que você está fazendo aqui?

LORE GIROU. Um homem que ela não reconheceu, vestindo túnicas idênticas às suas, estava no final do corredor, bem no topo da escada.

“Eu...” ela começou, dizendo a primeira coisa que veio à mente. “Pensei ter ouvido alguma coisa.”

O olhar do homem se estreitou. Lore instintivamente deslizou a mão dentro de seu roupão, em direção à chave de fenda, mas se forçou a parar. Ela só pareceria mais culpada se não se movesse em direção a ele, então ela fez.

"Ele soava como se estivesse em algum tipo de aflição?" o homem perguntou na língua antiga. Uma nota de ansiedade ecoou pelas palavras. “Eu pensei que ele

tinha atendentes com ele.”

Atendentes?

“Acabou não sendo nada,” Lore disse levemente, mantendo-se longe da fraca luz de velas de uma mesa próxima. Ela agarrou a máscara com mais força, desejando que ela tivesse acabado de colocar a coisa estúpida. “O piso é seguro.”

Antes de sair de casa, Lore pegou uma caneta e desenhou a letra alfa, junto com a marca

da linhagem, em seu pulso esquerdo. Era um desenho que ela tinha visto tatuado nos peitos e braços dos Achillides que a treinaram. Ela preguiçosamente empurrou a manga para cima, fingindo coçar alguma coceira fantasma.

As linhas do rosto do homem relaxaram quando ele notou a tatuagem falsa.

Embora sempre houvesse espiões dispostos a fazer o que fosse necessário para escapar das defesas de outra linhagem, os caçadores eram supersticiosos o suficiente para acreditar que colocar a marca de outra casa em seu corpo irritaria seus ancestrais, fazendo com que eles o abandonassem.

Vendo como o infortúnio tinha sido o companheiro constante de Lore nos últimos sete anos, ela tinha certeza que o seu próprio não poderia odiá-la mais do que eles já odiavam.

"Bom", disse o caçador. “Vamos descer. Devíamos conseguir alguma comida antes que eles nos queiram voltar a vigiar. Você é uma das garotas de Tassos, não é?

"Consegui na primeira tentativa", disse Lore, deixando seu rosto relaxar em um sorriso.

“Como vai...”

Uma porta do outro lado do corredor se abriu, e várias meninas pequenas, com não mais de cinco anos, foram levadas para fora de um dos quartos.

O coração de Lore se apertou como um punho.

Todas as meninas usavam túnicas brancas simples detalhadas com bordados dourados que combinavam com suas sandálias e cintos. Diferentes estilos de diademas e fitas foram tecidos em seus cabelos trançados.

Uma mulher, seus próprios cachos escuros em cachos apertados, surgiu atrás deles. A seda violeta de seu vestido longo e drapeado tinha sido estampado com símbolos e ilustrações antigos, incluindo um de Aquiles pronto para a batalha.

A mulher fez um gesto para as meninas, e todas elas, cada uma das nove, ficaram em silêncio e imóveis, seus pequenos corpos rígidos com o que Lore sabia ser obediência aguçada pelo medo.

Um homem emergiu da sala do outro lado do corredor como um trovão. As narinas de Lore se dilataram ao vê-lo.

Philip Achilleos tinha cabelos grisalhos, e sua carranca permanente só se aprofundou com a idade. Suas cicatrizes pareciam mais pronunciadas do que nunca em seu rosto pálido, e enquanto o velho bode ainda estava com o peito de barril, o corpo sob seu manto de safira estava claramente emagrecido quando ele deixou o auge de sua vida.

Sua esposa, Acantha, seguia atrás dele, equilibrada e perfeitamente penteada. Ela sempre foi a melhor caçadora das duas – praticamente lendária no final de seu primeiro ciclo Agon. Mas seu casamento, e a aliança temporária que trouxe para as Casas de Aquiles e Teseu, cortaram suas asas.

“Patér,” a mulher de violeta começou, curvando-se para Philip. "Posso apresentar-"

Ele circulou as meninas com um olhar de desgosto. Um deles arriscou um olhar para ele.

As costas de sua mão chicotearam contra sua têmpora.

A raiva aumentou em Lore. Ela deu um passo em direção a eles, mas parou quando a garota se endireitou novamente, seu rosto cuidadosamente impassível enquanto ela levantava o queixo.

Você tem que encontrar Castor, Lore lembrou a si mesma. Não se entregue tão facilmente.

Mas as meninas. . . estas crianças . . . Ela não aguentou. Estar de volta dentro da Casa Thetis foi momentaneamente desarmante, mas agora Lore se lembrou de seu ódio –

pelos caçadores, por esta vida. Atravessou-a como um relâmpago.

A visão da garota se curvando diante daquele porco com respeito que ele não merecia, na esperança de nada mais do que agradá-lo, a fez querer gritar.

Philip não se importava com essas crianças, assim como não se importava com Castor.

O fato de o arconte ter negado pessoalmente ao pai de Castor os fundos para continuar o tratamento médico do menino foi suficiente para que Lore o odiasse nesta vida e por toda a eternidade.

"Estes são o melhor que você poderia fazer?" ele assobiou para a mulher de violeta. “Eu disse para você selecionar garotas bonitas. Onde você encontrou isso, rastejando nos túneis do metrô com os outros ratos?

“Pater?” a mulher disse, sua voz mais baixa agora.

“Talvez,” disse Acantha, colocando uma mão calmante no braço de seu marido. Ela compartilhou um olhar dissimulado com a mulher, inclinando a cabeça até que o colar de diamantes pendurado em suas orelhas brilhasse com a luz das velas. “Talvez, Patér, a visão deles fosse menos ofensiva ao seu olhar se ela os pintasse de ouro?”

Philip Achilleos soltou um grunhido baixo antes de latir: “Assim seja. Lembre-se, não é apenas minha decepção que você deve temer.”

"Sim, Patér", disse a mulher, apressando as meninas para ela. "Sim claro. Eles estarão prontos a tempo para a cerimônia.”

Cerimônia, Lore notou. Não apenas uma celebração.

Philip se virou, avistando ela e o outro caçador no final do corredor. “Por que vocês estão parados aí como tolos ociosos precisando ser chicoteados?”

Nem Lore nem o outro caçador precisavam de mais incentivo para fugir escada

abaixo.

Lore deixou o homem preencher a curta conversa e manteve a cabeça baixa, contando as escadas enquanto passavam sob seus pés. O cheiro de incenso e óleo de cipreste foi o suficiente para fazer a cabeça de Lore parecer estranhamente pesada e seu corpo se sentir bêbado.

A instalação de treinamento, o único andar aberto do prédio, havia sido convertida para

sediar a cerimônia. A entrada estava coberta de seda branca grossa o suficiente para mascarar a sala atrás dela. Dois caçadores em trajes cerimoniais completos, seus elmos e corpos pintados com cores vivas, guardavam a porta.

Lore deixou o outro caçador se aproximar primeiro, então ela alcançou o braço estendido do outro guarda, segurando seu antebraço com dois dedos estendidos, do jeito que Castor havia ensinado relutantemente anos atrás, quando ela ganhou mais uma aposta.

O guarda retribuiu o gesto.

“Bem-vinda, irmã,” ele sussurrou, então se afastou.

Lore assentiu, então deslizou a máscara de bronze sobre o rosto, sentindo-se melhor assim que viu que alguns dos outros caçadores fizeram o mesmo. Ela não queria se destacar como a única usando o dela, mas o maior risco era alguém reconhecê-la.

Pode ter sido sete anos desde a última vez que ela pôs os pés aqui, mas sua aparência não mudou muito com a idade, e qualquer um que tivesse conhecido a mãe de Lore a veria agora no rosto de Lore. Ela tinha o mesmo cabelo grosso e rebelde, sua tez morena quente e olhos castanhos.

Mas . . . talvez não. Sua mãe estava morta e, embora os rancores pudessem se alimentar ao longo dos séculos, as memórias se desvaneceram no ritmo dos anos. Não havia ninguém aqui que se importasse em se lembrar de Helena Perseous.

Ninguém além de sua própria filha.

Lore varreu a cortina de seda para o lado, apenas para ser interrompida. Levou

um momento para ela perceber o que ela estava olhando.

Um templo. Ela estava dentro de um templo.

Quando Lore deu mais um passo à frente, a ilusão ficou clara. Imagens holográficas fantasmagóricas estavam sendo projetadas nos espelhos sem costura que cobriam as paredes e o teto. Colunas, reais e falsas, erguiam-se em direção à imagem digital de um teto abobadado, decorado com cores fortes e aparentemente dourado com ouro e prata.

Mesmo sabendo que era tudo mentira, uma emoção cresceu nela – uma que ela não queria examinar muito de perto.

Lore se virou para descobrir que as colunas holográficas na entrada davam para a cena da luz do dia de uma paisagem marinha rochosa e selvagem. As sombras do quarto se aprofundavam à medida que ela se afastava. Deu ao espaço a sensação de um sonho se transformando em pesadelo.

Fileiras de braseiros levavam direto para algum tipo de altar; eles iluminavam os azulejos decorativos que haviam sido colocados sobre o piso de madeira desgastado de Lore e centenas de outros haviam sangrado, arranhado e arranhado.

"Que diabos?" ela sussurrou, incapaz de se conter.

Uma piscina repleta de velas flutuantes e flores se estendia diante do altar. Entre eles havia uma cadeira imponente — um trono, na verdade, com um sol delicado esculpido nas

costas. Parecia feito de ouro ou coberto de folha de ouro.

Dado o que ela já tinha visto, Lore tinha a sensação de que poderia ser o primeiro.

Os homens e mulheres ao redor dela balançavam ao som suave de uma lira, outros giravam ao redor da sala armados com vinho e fofocas no lugar de lâminas. Mesas compridas cobertas com um pano branco como osso cobriam o lado direito da sala. Os Aquilides trouxeram suas tigelas e utensílios cerimoniais mais queridos, e todos transbordavam com uma variedade vívida de frutas frescas. Ao lado havia travessas de prata com carne e peixe em lâminas finas,

queijo, doces e pilhas de azeitonas recheadas.

Com uma rápida olhada ao redor para ter certeza de que ninguém estava olhando para ela, Lore roubou uma taça de vinho, bebeu, e então começou a avaliar o banquete colocado na frente dela. Ela precisava encontrar Castor o mais rápido possível, mas sua última refeição tinha sido horas atrás, e ela não iria ignorar a dor aguda em seu estômago se não precisasse.

Quando a mulher ociosa por perto - aquela que estava contemplando a amígdala de uma forma que Lore poderia se relacionar em um nível profundo da alma - finalmente mudou-se para a baklava com mel, Lore pegou um dos biscoitos de amêndoa para si mesma. Ela ficou tentada a pegar uma das maçãs de chocolate embrulhadas em folha de ouro para levar de volta para Athena – só para ver sua reação.

Sentindo-se mais firme com um pouco de comida dentro dela, Lore voltou toda a sua atenção para a sala enorme e se moveu mais profundamente em suas sombras, fazendo seu caminho ao longo da extremidade direita da sala. As imagens projetadas pareciam nada mais do que estática agora que ela estava de perto.

Tudo bem, Cas, pensou Lore. Onde está você?

Ela se moveu novamente, desta vez parando perto da piscina brilhante, fora de seu halo de luz. Lore procurou por ele no quarto. Os Achillides, como todas as linhagens de caçadores, tinham suas raízes em seu antigo lar, mas cada século trazia maridos e esposas de todo o mundo. Os rostos ao seu redor, com seus variados tons de pele e feições, refletiam isso.

Seu pulso acelerou mesmo enquanto ela estava parada.

Estar de volta aqui, nesta sala, em torno dessas pessoas. . . isso era ruim para ela. Ela queria ir embora, mesmo não tendo feito isso. Ela queria desviar o olhar, mesmo que ela não pudesse.

Como uma menina, ela ficou impressionada com as demonstrações de riqueza das linhagens, tão diferentes da situação de sua própria família. Ela devorou os segredos convidativos das tradições de seu mundo oculto e se sentiu tão orgulhosa, tão feroz quanto qualquer demônio, sabendo que sua família, entre tantas, havia sido escolhida.

Que eles eram os Blooded, herdeiros dos maiores heróis.

Isso nada mais é do que uma festa à fantasia, pensou Lore.

Este mundo era como a estática das projeções ao seu redor. Os templos já foram lugares de culto sagrado, não de excessos auto-indulgentes. As linhagens despojaram as crenças

reais de seus rituais séculos atrás; sua única religião era a da brutalidade febril e do materialismo. Somente o próprio Zeus recebeu algum tipo de reconhecimento, e mesmo assim os sacrifícios eram gestos superficiais nascidos da superstição, não da devoção.

Vários membros de sua antiga classe de treinamento estavam aqui; vê-los fez sua temperatura subir de repente. Orestes, aquele idiota épico, incomodando uma Selene de aparência entediada, uma das poucas crianças que se dignou a falar com Lore nos três anos que ela treinou lá. E Agata, mergulhando a mão na piscina para recuperar um bracelete de esmeralda que ela havia deixado cair, e ao lado dela, Iesos, com muito mais cicatrizes do que Lore se lembrava dele ter – não que ela gostasse de se lembrar dele.

Ele estava obcecado por ela não ter um nome “próprio” e “verdadeiro”, e decidiu chamá-la de Chloris, como se ela devesse ficar ofendida por isso.

Onde está você, Cás? ela pensou novamente, aflita.

Conforme o tempo passava e Lore ainda não via Castor, o desespero começou a diluir sua pequena esperança. Talvez ele estivesse trabalhando curando seus caçadores feridos, ou descansando em outra das propriedades da linhagem?

Enquanto sua mãe morreu no Agon logo após o nascimento de Castor, Lore ficou surpresa por ela não ter visto o pai de Castor, Cleon. Como gerente de propriedade de longa data da Thetis House, ele morava no prédio e teria sido o responsável por organizar tal festa.

Você já perdeu muito tempo, pensou Lore, movendo-se em direção à entrada. Ela precisaria usar a distração da celebração para procurá-lo nos quartos do andar de cima e, na falta disso, roubar quaisquer suprimentos médicos que pudesse e voltar para Athena.

Mas assim que Lore deu um passo, um silêncio caiu sobre a Casa de Aquiles. Os caçadores voltaram para a entrada, afastando-se do caminho iluminado para o altar. Os olhares famintos nos rostos ao seu redor, seus olhos brilhantes de febre de vinho e excitação, reviraram seu estômago.

Philip Achilleos apareceu no alto da escada, Acantha um passo atrás dele. Eles se moviam com o canto da lira, seus olhos no altar enquanto caminhavam em direção ao trono. Em vez de se sentar nele, Philip ficou à sua esquerda e Acantha à sua direita.

Por um momento, Lore não entendeu a relutância de Philip. Mas como o estrondo de uma onda imparável contra a costa, veio a ela.

A euforia daqueles ao seu redor. Os símbolos do sol, a lira e todos os louros nos relevos e guirlandas ao seu redor.

Isso foi feito para se parecer com o Grande Templo na ilha de Delos.

O local de nascimento de Ártemis. . . e seu irmão gêmeo, Apolo.

“Oh,” Lore respirou. Um choque percorreu sua espinha, eletrizando-a. Oh.

O novo Apolo não residia na Casa de Teseu, mas na Casa de Aquiles.

Mas não é Filipe? Ela olhou para o velho, tentando ler sua expressão cautelosa.

Interessante. Um acidente, talvez. Talvez Apolo tivesse morrido antes que o velho pudesse acabar com ele. Não teria sido a primeira nem a última vez.

Crianças, as mesmas garotas que Lore tinha visto no andar de cima, desceram os degraus, com a pele pintada de dourado. Eles eram quase insuportáveis de se olhar, tão orgulhosos enquanto cada um segurava uma vela em uma mão e um pequeno objeto de prata na outra. Um segurava um livro, outro um telescópio, outro uma lira, outro uma máscara de teatro. Ela viu então. Elas deveriam ser as Musas.

Cante para mim, ó Musa. . .

Eles também formaram uma procissão até a piscina. Um por um, eles se sentaram ao longo de suas bordas e adicionaram suas velas a ele. As chamas

flutuavam entre as flores brancas.

Um leve zumbido encheu o ar, parecendo subir de todos ao mesmo tempo. A jovem negra tocando lira começou uma nova música, uma que parecia espiralar para os beirais em notas de ar e luz. Ela também se mexeu na cadeira para ter uma visão melhor do que –

ou melhor, quem – estava vindo.

Lore sabia se virar antes mesmo de ouvir os suspiros fracos. Um calor repentino passou por sua pele, um poder incendiário que incendiou todos os nervos de seu corpo.

Ele desceu as escadas do jeito que o primeiro raio de sol atravessa uma janela pela manhã. Sua forma era imaculada – alto, musculoso e um rosto que ecoava na parte mais doce de sua memória.

Rícino.

NUMA MANHÃ DE INVERNO, antes que o sol começasse a subir e sua irmã despertasse de seus sonhos desvanecidos, Lore despertou para seu destino.

Ela abriu os olhos para encontrar o rosto de seu pai pairando sobre o seu.

“Chrysaphenia mou,” ele sussurrou, usando seu carinho habitual. Meu dourado. Seu rosto era suave. “Você ainda quer treinar? Encontrei um lugar para você.”

Lore olhou para Olympia, encolhida ao lado dela como um gatinho em sua pequena cama, depois de volta para seu pai. Ela estava subitamente acordada. Todo o seu corpo parecia que iria explodir. “O agogé?”

Seu pai assentiu. "Os Achillides vão aceitá-lo em seu treinamento, mas você precisa começar hoje."

Lore jogou de lado seus lençóis, pulando de pé rápido o suficiente para fazer seu pai rir.

Ele se inclinou sobre ela, beijando sua cabeça. Ela o beijou de volta. "Obrigado, obrigado, obrigado!"

– Shhh – ele a lembrou, apontando para Olympia.

Lore fingiu fechar os lábios, mas ela não conseguia parar de sorrir. Ela saltou na ponta dos pés.

“Não vai ser como o que você leu,” ele disse, alisando o cabelo dela. “Não quero que você fique desapontado quando chegar e ver que não é Esparta.”

Os caçadores adaptaram seus programas de treinamento aos da grande Esparta, mas removeram as coisas de que não gostavam. Lore não se importou; a única coisa que importava era que ela seria capaz de lutar como seus pais faziam. Que ela pudesse ver as cerimônias e os arquivos e todas as coisas que eles não tinham em sua pequena família. Os grandes mistérios sobre os quais ela só ouvira histórias.

"Hoje?" ela disse, só para ter certeza de que não era um sonho. "Mesmo?"

"Realmente", disse ele. “Agora lave-se e vista-se. Vou levá-lo lá antes do meu turno.

Lore correu para a pequena cômoda que dividia com sua irmã, puxando a gaveta de cima.

As fotos ali chacoalharam, fazendo Olympia se mexer e virar. Lore olhou para o tufo de cabelo escuro sobre o lençol e se forçou a tirar silenciosamente uma camiseta, seu suéter e um par de jeans, em seguida, fechá-lo novamente. Ela foi para a cama novamente e puxou as cobertas sobre Pia, certificando-se de que a boneca Bunny Bunny estava ao seu alcance.

Finalmente, ela pensou, a excitação crescendo dentro dela até que ela mal conseguia respirar. Ela correu para fora da sala, só parando quando percebeu que não estava com os sapatos.

Três meses antes, seus pais se sentaram com ela em sua pequena mesa da cozinha e explicaram por que ela poderia não ser capaz de começar seu treinamento com as outras crianças caçadoras de sua idade.

Não há tempo para isso, sua mãe havia dito. Eu sei que isso é perturbador, mas também sei que você entende que não somos iguais às outras linhagens. Meu... A Casa de Ulisses não vai abrir suas portas para nós depois que eu renunciei ao

meu nome, e mesmo assim a escola deles fica do outro lado do mar. Seu pai e eu teremos que continuar seu treinamento. No verão, talvez eu consiga trabalhar menos horas, e a Sra. Osborne poderá cuidar de suas irmãs. . . .

Lore assentiu, deixando as lágrimas e a dor crescerem dentro de seu crânio até que ela pudesse escapar para seu quarto. Ela chorou silenciosamente em seu travesseiro e empurrou o livro de mitos que seu pai lhe dera bem embaixo da cama, para que ela não pudesse pegá-lo novamente.

Ela caiu em um sono profundo, profundo e lá, seu destino veio para ela, tremeluzente. Os sonhos eram mensagens de Zeus. Era importante que ela se lembrasse de tudo. Ela viu a borda de um escudo firme na frente dela, repelindo a escuridão. Uma asa feita de luz dourada. Olhos brilhantes refletidos na lâmina de uma espada.

Ela havia guardado o sonho para si mesma. Agora, ao que parecia, as Parcas estavam

prontas para ela.

Sua mãe já estava na cozinha, preparando o café da manhã. Damara estava aninhada em um berço, balbuciando baixinho para si mesma. Ela era menor que uma boneca, e sua pele tão macia e fina que Lore às vezes tinha medo de tocá-la deixar um hematoma.

Ela se inclinou e beijou sua irmã suavemente na cabeça. Ela gostava de sussurrar seus segredos para Damara, porque, ao contrário de Pia, Damara não podia contar a seus pais o que Lore dizia.

“Estou um pouco nervosa,” ela disse suavemente, então fez cócegas nela até que Damara arrulhou.

Lore riu. “Ela parece uma gatinha.”

"Um gatinho?" Papai estendeu a mão, acariciando a curva da bochecha de Damara, deixando-a roer seu polegar.

“Ela é mesmo uma Perseous,” ele disse a eles com orgulho. “A força deste aperto!”

“A Puuuurrrrseous,” Lore disse, rindo.

“Alguém está animado, eu vejo,” Mama disse enquanto colocava uma tigela de aveia na frente de Lore. Lore respirou o doce cheiro de canela e banana que ela misturou. Ela fez seu café da manhã favorito.

“Você quer que eu faça uma trança no seu cabelo?” Mamãe perguntou.

Lore assentiu ansiosamente, deixando sua mãe escovar suas ondas e cuidadosamente tecê-las em uma trança enquanto ela rapidamente terminava a comida na frente dela.

Papai e mamãe conversaram baixinho sobre as notícias no rádio.

"Podemos ir?" perguntou Lore. “Podemos ir mais cedo?”

Seu pai riu. — O que você diz para sua mãe?

"Oh! Obrigado, mamãe,” Lore disse, de pé em sua cadeira para beijar sua bochecha. Sua mãe a ajudou a descer, seguindo-os até a porta. Ela entregou o casaco ao pai de Lore, depois ajudou Lore a vestir o seu.

"Você quase superou este também", disse ela, confusa. “Você vai ser alto, como minha mãe.”

Lore só podia esperar. Isso a ajudaria quando se tratasse de sparring e, mais tarde, de caça.

“Vai ser muito difícil no começo,” sua mãe disse a ela, abotoando-a. “Tenha coragem e não desanime. Tudo chegará a você a seu tempo. Você é filha de Perseu”.

As palavras permaneceram na mente de Lore enquanto ela e seu pai se dirigiam ao centro da cidade, pegando o metrô mais longe do que ela jamais tinha ido. Quando saíram da estação, as ruas eram tão desconhecidas quanto emocionantes.

Seu pai segurou sua mão, resistindo às tentativas de Lore de se soltar até que finalmente chegaram a um grande prédio de tijolos. Seu pai parou um momento, verificando o número, então levou a mão ao ombro dela para guiá-la até o prédio menor ao lado. Lá, a porta se abriu antes que ele pudesse levantar a mão para

bater.

Um homem os encontrou lá, olhando carrancudo para onde eles estavam nos degraus mais baixos. Seu cabelo preto estava penteado para baixo contra seu couro cabeludo, e Lore notou imediatamente que ele tinha um rosto como um bode irritado.

“Estamos honrados com sua gentileza.” Seu pai baixou a cabeça, enfiando a mão no bolso interno do casaco para tirar um envelope grosso. O homem aceitou sem um segundo olhar. “Posso apresentar minha filha, Melora?”

“Você entende os termos deste acordo? O favor que lhe peço em troca? o homem disse, sua voz retumbante.

Lore olhou entre eles, confuso. Favor?

"Eu faço", disse seu pai. "Vou enviar todas as informações sobre Tidebringer para você."

“Até esta noite.”

“Hoje à noite,” seu pai concordou.

A testa de Lore franziu. Tidebringer havia causado a destruição de sua família, mas ela não gostava da ideia de dar a este homem, um rival de sua própria casa, nada.

Seria bom, no entanto. Seu pai nunca estava errado.

Finalmente, o velho bode desviou o olhar para ela. “Eu sou Philip Achilleos, arconte dos Aquilides.” Ele se virou, deixando a porta aberta. “Venha, criança. Seu pai não tem permissão para entrar neste lugar.

O peso da mão de seu pai levantou, liberando-a.

"Eu vou voltar para você esta noite", ele prometeu.

Mas Lore não olhou para trás, mesmo quando a porta se fechou e trancou, isolando a luz do sol da manhã. O edifício não era tanto um edifício como a casca de um, ela percebeu.

Havia carros estacionados dentro dela.

O homem a conduziu por uma escada até um corredor escuro. Eles estavam no subsolo e voltando para o prédio maior.

“Você é uma convidada da Thetis House,” Philip Achilleos disse a ela. “Se você revelar qualquer coisa que presencie aqui, sua vida, assim como a vida de sua família, será perdida. Se você ficar para trás dos outros, você será removido do agogé para evitar que você retenha nossos filhos com sua incompetência.”

Lore respondeu que sim, como se fossem perguntas. Ela faria o que precisasse para ficar. Ela treinaria o quanto fosse necessário para alcançar areté – aquela combinação

perfeita de coragem, força, habilidade e sucesso – e, um dia, kleos. Seu destino era um presente, e agora ela o manifestaria.

O arconte a trouxe para o segundo andar do prédio, um espaço iluminado apesar da falta de janelas. O chão estava coberto de madeira, e já havia grupos de crianças ali, algumas tão jovens quanto ela, com sete ou oito anos. Outros eram mais velhos, e mais velhos ainda.

Um silêncio pesado caiu sobre eles enquanto ela e Philip passavam, movendo-se para o outro lado da sala. Eles se curvaram para ele, mas Lore estava muito impressionado com as prateleiras de armas e os grupos de treinamento para realmente ouvir seus sussurros sibilantes de Perseides e Perseu.

Finalmente, chegaram às outras crianças da idade dela. Todos eles usavam chitons vermelhos curtos e seguravam pequenos bastões de madeira, como lanças sem sua ponta mortal. Lore examinou seus rostos ansiosamente, e ficou surpreso ao ver os olhares de desgosto e apreensão ali.

Eles simplesmente não te conhecem, ela pensou. Você tem que provar a si mesmo, como dizem as histórias.

"Esta é Melora Perseous", disse Philip. “Ela se juntará ao seu agelé como convidada de nossa linhagem.”

Essa era a única apresentação que ela deveria receber. Com um aceno de cabeça para o instrutor, Philip os deixou.

Por um momento, o instrutor, um homem de cabelos claros, apenas a mediu com os olhos.

"Perseous", disse ele, divertido. “A grande Casa de Perseu reduzida a mendigar e negociar por piedade, ao que parece.”

As outras crianças sorriram umas para as outras, rindo e sussurrando.

A mandíbula de Lore se apertou até que ela pensou que poderia esmagar seus próprios dentes.

“Você está semanas atrasada para se juntar aos outros da sua idade,” ele continuou, circulando ao redor dela. Na extremidade oposta do piso, os outros estagiários começaram as aulas do dia, treinando com espadas e bastões. Lore resistiu à tentação incômoda de se virar e observá-los, deixando o choque de metal contra metal, madeira contra madeira, carne contra carne, ser suficiente.

Você é filha de Perseu. Ela repetiu o pensamento até que se tornou uma armadura que só ela podia ver. Você é filha de Perseu.

"Por acaso, ele também é", disse o instrutor, apontando para um menino no fundo da sala.

Ele deu um passo à frente através das outras crianças. Lore deu a ele um olhar de avaliação, a incerteza se infiltrando.

O menino tinha mais ou menos a altura dela, mas seus membros eram como galhos. Sua

pele estava pálida, como se não tivesse visto a luz do sol em meses. Uma sombra de cabelo escuro estava crescendo ao longo de seu couro cabeludo raspado. Bandagens grossas foram coladas na pele machucada de seus braços e nas costas de suas mãos.

Ele está doente, ela percebeu. Ou tinha sido, se ele estava aqui agora.

Ela gostava ainda menos do riso das outras crianças agora, e gostava mais do menino por não reagir a ele quando começou de novo. Lore encontrou seus olhos escuros, estreitando os dela. O menino parecia exausto para ela, mas ele estava aqui, mesmo que os outros claramente pensassem que ele não deveria estar.

“Castor será seu hetaîros por enquanto”, disse o instrutor friamente. “Mas ele está destinado a ser aprendiz dos curandeiros e nem sempre estará disponível para você.

Nesses casos, você observará. Enquanto isso, você deve estar. . . igualada”.

Os outros riram novamente. Lore se perguntou se eles achavam que ela ia se machucar com isso porque ela tinha sido emparelhada com alguém voltando de uma doença, ou se Castor era porque ele estava preso com alguém nascido na Casa de Perseu.

Sempre há rivalidades entre as casas, ela pensou. Mas com ela e Castor, não haveria nada disso. Seu sangue estava fervendo em suas veias ao saber que ela tinha um parceiro. Lore ergueu o queixo. Eles não tinham ideia do que ela era capaz, ou qual seria seu destino. Ela não falharia em sua linhagem, e ela não falharia em seus hetaîros.

Lore acenou para Castor. Ele acenou com a cabeça de volta, seu olhar suave, mas intenso. Ela gostava dele. A calma dele a acalmava também.

Seu único aviso foi a sensação do ar mudando na parte de trás de seu pescoço, e então o estalo de dor ali a empurrou para frente. As outras crianças a empurraram de volta com seus bastões, mantendo-a dentro do ringue. O próximo golpe veio da direita, depois da esquerda, golpeando-a para frente e para trás enquanto a circulavam.

Castor soltou um suspiro agudo à sua direita, levantando um braço para tentar bloquear um dos meninos enquanto ele girava o bastão contra suas omoplatas.

Não caia, pensou Lore, tentando chamar sua atenção. Não caia.

Tudo isso fazia parte do treinamento. Doeu, mas foi necessário. Os golpes choveram sobre eles, implacáveis e devastadores. Lore tentou respirar fundo, para evitar que as lágrimas escorressem por seu rosto. Os golpes e a dor a agitavam como ondas esmagadoras. Ela olhou para Castor novamente, apenas para descobrir que ele já estava olhando para trás.

"Este é o ensinamento mais importante que você vai tirar desta sala", disse o instrutor.

“Você deve aprender a não temer a dor, ou então ela irá acorrentá-lo e tirar sua coragem.

O medo é o maior inimigo.”

O preto começou a se reunir no limite de sua visão enquanto os rostos à sua frente ficavam borrados, dividindo-se em dois e depois em três como as cabeças de Cérbero.

Você é filha de Perseu.

A voz de sua mãe ecoou em seu crânio, trovejando quando um cajado atingiu Lore atrás de sua orelha direita. O sangue explodiu em sua boca quando ela mordeu sua bochecha.

Castor estava tropeçando, seu corpo tremendo com o esforço para não cair. Ele olhou para ela novamente e se forçou a se endireitar, assim como ela.

Não caia, ela pensou.

Eu não vou, seu olhar prometeu.

E contanto que ele não o fizesse, nem Lore o faria.

“A dor é a essência da vida”, disse o instrutor. “Nascemos nele e, se vocês forem caçadores, se quiserem honrar seus ancestrais, morrerão nele.”

Eu não vou morrer, Lore pensou, o preto se aglomerando em sua visão. Ela olhou para Castor novamente, segurando a visão dele.

"Seu pai e sua mãe podem tê-lo entregado em sua linhagem", disse o instrutor. “Mas eles não são sua família. Aqueles ao seu redor são suas irmãs e seus irmãos. Seu arconte é seu guardião, sua luz e seu líder. Ele é seu patrão. Seu verdadeiro pai. É por ele que você aprende a dor. É por ele que você sangra.”

Lore cuspiu sangue, quase engasgando com ele. Seu pai era seu arconte.

“Você lutará por areté, mas não há morte maior do que a de um guerreiro que alcançou a imortalidade de kleos para si e sua linhagem”, disse o instrutor. "Honra. Glória."

Os outros — todos na sala de treinamento — repetiram com ele.

"Honra."

Bater.

"Glória."

Bater.

"Honra."

Bater.

"Glória."

Eles não sabem, pensou Lore. Eles não conhecem meu destino.

Ela teria honra e glória. Ela atingiria kleos e restauraria sua casa. Não havia nada mais importante do que isso. A Casa de Perseu se ergueria novamente, e seu nome seria uma lenda.

Castor se apoiou nela, ainda tremendo. Ela pegou vislumbres dele entre os golpes, entre os olhares de desdém e diversão ao seu redor. Ranho e sangue escorriam por seu rosto, e

ele piscava, tentando clarear a visão. Ela agarrou seu pulso, firmando-o.

Eles não cairiam. Juntos, eles iriam provar a si mesmos. Eles provariam que mereciam estar lá.

Quando o próximo golpe veio, Lore sabia como arrancar a diversão de seus rostos.

"Obrigada", disse ela. E novamente, com a próxima rachadura de madeira contra seu ombro, sua canela, seu joelho. "Obrigada. Obrigada. Obrigada."

“Obrigado”, repetiu Castor. "Obrigada."

Repetidas vezes, até que suas vozes ficaram tensas e os golpes diminuíram e, finalmente, pararam. O instrutor ergueu o punho e as outras crianças caíram para

trás.

Lore percebeu que ela ainda estava segurando o pulso de Castor, mas estava com muito medo de soltá-lo.

"É o bastante. Vá se lavar e se trocar", disse o instrutor em algum lugar próximo. "Todo mundo, vamos começar com a primeira postura."

Eles mancaram em direção à porta, Lore seguindo Castor por um lance de escadas até o vestiário. Lore e Castor encontraram o tecido de chiton vermelho dobrado em pilhas organizadas por tamanho e cada um reivindicou o seu.

Longas pias corriam ao longo da borda da sala, e havia chuveiros nos fundos. Lore pegou um dos panos próximos e, depois de molhá-lo, começou a limpar o sangue de seu rosto.

Castor fez o mesmo por ela, seu toque suave.

Seus olhos se encontraram, e eles sorriram.

NÃO.

A palavra martelava o crânio de Lore. Suas costas encontraram a superfície espelhada da parede no momento em que seus joelhos se dobraram.

Cas, Lore pensou enquanto se agachava.

Mesmo com seu corpo poderoso, seu andar não tinha a confiança rígida de Atena ou o passo firme e reservado de Philip e Acantha. Havia apenas a mesma estranheza que ela notara durante a partida, como se os músculos dele estivessem tensos como um arco, enquanto ele se dirigia ao altar.

Castor — o novo Apolo — parecia estar concentrado em manter os braços relaxados ao lado do corpo e a cabeça erguida, mas de vez em quando olhava para baixo, como se tivesse medo de tropeçar. Seus dedos enrolaram um de cada vez, apenas para desenrolar novamente, uma e outra vez, a cada passo.

Sua respiração ficou presa na garganta do mesmo jeito. Sua linhagem o adornava em um chiton branco brilhante, sua seda bordada com símbolos dourados de sua nova divindade. Um ombro e parte de seu peito liso e musculoso estavam

expostos, e seus braços e pernas ficaram nus, exceto pelas manoplas brilhantes em torno de seus pulsos e as tiras de suas sandálias.

O efeito foi devastador, mesmo antes de ela notar a coroa de folhas de louro douradas aninhadas nas ondas escuras de seu cabelo.

O rosto do novo deus estava desprovido do sorriso provocante que ele lhe deu durante a luta. Era desprovido de qualquer coisa; se ela não tivesse visto o lampejo de preocupação em seus olhos, ela poderia não tê-lo reconhecido como Castor.

Mas não é Cas, ela lembrou a si mesma. Não mais. Quem quer que tenha sido, o que quer que tenha se tornado, agora era outra coisa.

Lore não entendia como ela havia perdido isso antes - como era estranho para ele se erguer sobre ela em uma forma física tão alta quando os curandeiros Sangue e os médicos não-sangue, todos aqueles anos atrás, tinham certeza que a morte poderia levá-lo a qualquer momento. . Ela até desculpou as faíscas de poder em seus olhos como sendo nada mais do que suas íris escuras refletindo as luzes do porão do restaurante.

Ela teceu uma história que ela podia acreditar. Ela tinha visto um fantasma no lugar de um deus.

A máscara pegou seu hálito quente e rápido e o espalhou de volta em seu rosto até que ela se sentiu sufocada por ele. Como se a sentisse, o novo deus começou a se virar em sua direção, mas foi interrompido.

“Meu senhor,” Philip chamou. Castor virou-se para onde ele e Acantha ainda mantinham suas posições em ambos os lados do trono. “Podemos começar? O sol está em seu ponto mais alto no céu, brilhando para você.”

“Claro,” o novo deus disse, tomando seu assento. Então, mais forte e firme, “Minhas desculpas”.

Como? Lore pensou. Como isso é possível?

Castor era um menino de doze anos durante o último Agon. Ele mal tinha sido forte o suficiente para levantar a cabeça, muito menos matar um dos últimos deuses antigos.

Isso tinha que ser um erro - de alguma forma, isso era um erro.

É real, uma voz sussurrou em sua mente.

Então por que ele veio procurá-la nas lutas? Por que os Achillides o deixaram fora de vista depois de tirá-lo em segurança do Despertar?

Um sentimento de pavor começou a atormentá-la enquanto observava Philip mover a mão em direção ao trono que o esperava. Havia algo tenso no tom do homem - algo. . .

algo. Lore se viu estudando o arconte enquanto o novo deus se aproximava dele.

As palavras de Castor voltaram para ela como se ele tivesse acabado de sussurrar em

seu ouvido. Algo está acontecendo. Não sei em quem posso confiar.

Ela ainda não tinha visto o pai dele – ela também não tinha visto Evander, por falar nisso.

Seu próximo pensamento chegou com uma certeza repentina e implacável. Philip vai matá-lo.

Castor estava marcado agora, deus ou não. Ele quebrou seu juramento ao seu arconte e derramou sangue que não era seu para derramar.

É isso que era? Uma ilusão para atrair o bezerro de ouro ao altar para sacrifício, para que Philip pudesse tomar o poder para si mesmo? Castor sabia. Ele deve ter.

Houve vários matadores de parentes ao longo dos séculos dos Agon, todos procurando tomar o poder daqueles que uma vez afirmaram amar e estimar. A maioria se conteve, temendo que o pior tipo de maldição caísse sobre eles. Matadores de parentes nunca foram autorizados a sobreviver por muito tempo.

Mas a linhagem tinha honrado e servido Philip Achilleos por muito mais tempo do que o novo deus, que uma vez não tinha sido mais que um incômodo fraco aos olhos deles.

Lore se perguntou se ele tinha verdadeiros aliados aqui ao lado dela.

Ela enfiou a mão nas profundezas de seu roupão para pegar sua chave de fenda enquanto Castor se movia ao redor da piscina, olhando para as meninas reunidas em sua borda. O trono parecia brilhar de prazer ao vê-lo.

Os antigos tinham sido terrivelmente espertos ao matar rivais e inimigos. Quando Lore olhou para a cadeira novamente, tudo o que ela podia ver eram as muitas maneiras que ela poderia ser letal para um deus mortal. Um veneno poderia ter sido misturado ao ouro, como uma vez revestiu a túnica de Nessus dada a Héracles. Ou uma lâmina poderia estar escondida dentro de um painel, pronta para deslizar em sua carne macia.

Mas se Philip quisesse o poder de Castor, ele mesmo teria que dar o golpe mortal. Lore balançou a cabeça, liberando um pouco da tensão acumulada entre suas omoplatas. Ele não faria isso aqui, na frente de todo mundo.

O rosto do homem estava controlado, mas Lore sentiu o desprezo naquela contenção.

Philip e Acantha se ajoelharam diante de Castor primeiro. Quando Filipe falava, era na língua antiga, tão melódica como um rio que desagua num grande mar.

“Nós o honramos, Brilhante, agradecemos por guiar o sol pelo amplo céu. Cocheiro, matador de serpentes. Atirando longe, trabalhando longe: portador da peste, curador do homem; arauto de canções, poesias e hinos; voz da profecia; Desviador do mal, mestre da fúria...

— Sim — Castor interrompeu em um tom engraçado que era tão diferente de como ela se lembrava dele. “Acredito que são quase todos eles.”

Os lábios de Lore se separaram. Ela teria rido da expressão no rosto de Philip, exceto que a sala estava totalmente silenciosa.

"Nós . . .” ele começou mais uma vez, olhando para Castor. O novo deus apoiou um

cotovelo no braço de veludo de seu trono, apoiando o queixo na palma da mão. Ele acenou para ele, parecendo entediado.

Se havia uma coisa que Castor sempre foi, era respeitoso. Não manso, exatamente, mas nunca um para desafiar. Se houvesse alguém que pudesse ter

um pingo de esperança em não ter sua divindade recém-descoberta subir à cabeça, teria sido ele.

Deveria ser ele.

Tanto para isso, pensou Lore, esfregando a mão contra o peito. O poder era a maior droga de todas.

“Nós o recebemos de volta ao berço mortal que o gerou. Nós os honramos e pedimos sua proteção contínua da casa do poderoso Aquiles”, disse Philip. “Em agradecimento, minha esposa, Acantha, filha de...”

“Eu sei quem é sua esposa”, disse Castor. “Felizmente, não perdi a cabeça com minha mortalidade, embora você esteja me fazendo questionar isso.”

Os caçadores murmuraram, trocando olhares de desconforto e confusão.

Philip continuou, as mãos fechadas em punhos contra os joelhos, a cabeça ainda abaixada. “Em gratidão, organizaremos uma hecatombe sagrada ao redor do grande altar que construímos para você nas terras de nossos ancestrais.”

Lore franziu a testa. Um desperdício de cem bovinos, todos abatidos em sacrifício ritual.

Castor pareceu concordar.

“Eu preferiria que você desse a carne aos famintos desta cidade,” ele disse, sua voz insuportavelmente fria.

Houve uma forte inalação de ar em algum lugar do outro lado da sala. O rosto de Philip ficou vermelho de raiva reprimida. Sua mandíbula se movia para frente e para trás, como se lutasse para falar.

Provavelmente fazia décadas desde que alguém tinha falado com ele em tal tom, e Lore decidiu se permitir apreciá-lo, só por mais um tempo.

“Também oferecemos esta apresentação e uma música composta em sua homenagem”, disse Acantha suavemente.

As pequenas Musas se levantaram, reconhecendo sua deixa. A mulher que

tocava a lira recomeçou, a canção serena e alegre. As meninas começaram a cantar, dançando em uníssono cuidadosamente praticado. Enquanto eles roubavam olhares para o novo deus, seus movimentos endureceram.

Castor deu-lhes um pequeno sorriso de encorajamento, um que desapareceu quando viu uma das meninas - a Calliope - começar a chorar. Eles eram crianças – mais jovens ainda do que Lore tinha sido na primeira vez que ela veio para Thetis House. O ar nos pulmões de Lore se transformou em fogo enquanto ela observava a garota chorar mais forte, ranho e lágrimas escorrendo pelo rosto enquanto ela lutava com sua rotina, sem dúvida percebendo o quanto ela seria punida por isso.

Quando a performance chegou a um fim misericordioso, Castor não aplaudiu com os caçadores. Ele apenas assentiu, seu olhar escuro voltando-se para Philip. O homem mais velho estalou os dedos para as meninas e elas formaram uma linha ordenada.

“Aqueles antes de você são os . . . melhor de nosso parthénoi — disse Philip, lutando com a palavra melhor. “Se uma delas lhe agradar, você pode tê-la como seu oráculo. Ou, talvez, uma amante quando seu primeiro sangue chegar.

Lore se perguntou onde alguém poderia conseguir uma camisa envenenada hoje em dia, e como ela aguentaria em sua embalagem de presente quando ela a enviasse diretamente para Philip Achilleos.

Os parthénoi eram aquelas jovens mantidas do Agon, para nunca se tornarem leoas em busca de sua linhagem, mas existindo apenas para garantir sua sobrevivência através do nascimento de mais filhos. Tornar-se um deles, nunca ter permissão para participar do Agon, já foi o maior medo de Lore, antes que ela soubesse que havia coisas muito piores para temer.

Prisioneiros, ela pensou, o veneno bombeando em suas veias. Isso é tudo que essas garotas eram. Isso era tudo que eles poderiam ser.

Lore podia imaginar isso claramente – cortando os caçadores ao redor deles para alcançar as meninas, levando-as antes que alguém pudesse machucá-las. Mas então o novo deus falou.

"Eles são encantadores", disse Castor, uma expressão sombria no rosto. “No entanto, eu proíbo você de oferecê-los a qualquer pessoa desta linhagem – ou

qualquer outra – até que eles atinjam a idade adulta e possam escolher seus parceiros por si mesmos.”

A banda de fúria apertando o peito de Lore foi liberada de uma vez.

"Meu Senhor?" Philip disse, sua voz ecoando no silêncio atordoado.

“É uma prática desprezível prometer filhos em casamento enquanto eles deveriam se concentrar em aprender suas letras e brincar com seus brinquedos. Há muito que paramos de cuidar dos meninos. Todas as crianças devem ser protegidas disso”, disse Castor, sua voz ficando mais alta a cada palavra. “Você é arconte desta linha, Patér, mas eu sou seu deus. Se você deseja receber minhas bênçãos, é isso que eu peço a você.”

Lore sentiu a primeira luz de esperança irromper dentro dela, então desaparecer enquanto ela avaliava a reação dos caçadores ao seu redor. Chateado, raiva, até mesmo confusão reinaram. Uma coisa era ser amado e temido, e outra ser temido e injuriado. A única coisa que os caçadores desprezavam mais do que a desonra era a mudança.

Acantha agarrou o braço do marido, puxando-o para trás. Lore suspeitava que ela não odiava inteiramente a maneira como seu marido estava sendo falado, mas a mulher estava muito arraigada em sua vida terrível para demonstrar isso.

“Radiant One,” ela começou, “nós desejamos aprender a melhor forma de honrá-lo. Como você optou por não aparecer para nós, não pudemos criar arte à sua imagem. A propriedade que construímos para você nas montanhas permaneceu vazia, suas

oferendas intocadas. Se há algo que você deseja de nós, dê um nome.”

Que? Lore finalmente se levantou, tentando ter uma visão melhor do rosto de Castor. Os novos deuses eram notórios por manifestar formas físicas o mais rápido possível para viver suas melhores vidas imortais.

“Meus presentes foram insatisfatórios?” perguntou Castor.

“Eles foram maravilhosos”, disse Acantha, pacientemente. “Nós apenas desejamos agradá-lo. Se você nos conceder o conhecimento de seu epíteto, poderemos fazer grandes feitos em seu nome.”

Com isso, Castor pareceu perder um pouco da nitidez de seu comportamento. Ele se recostou na cadeira, como se estivesse considerando suas palavras. Então, ele mudou seu olhar de volta para Philip.

“Venha a mim, arconte da Casa de Aquiles”, disse Castor. "Vou honrá-lo dizendo-lhe meu nome escolhido primeiro."

O homem parecia um pouco apaziguado ao se aproximar. Castor permitiu que ele se inclinasse para perto dele antes de anunciar, alto o suficiente para que todos ouvissem:

“Eu serei conhecido como Castor”.

Philip finalmente detonou.

“Você deve escolher um nome, como manda a tradição!” ele disse, soltando o aperto firme de sua esposa. “Você não pode manter seu nome mortal!”

Castor tinha empurrado isso para além do assédio e da isca. Mesmo agora, seu tom suave e sorriso só serviram para levantar os pelos do velho. “Desejo usá-lo em homenagem à mãe mortal que me nomeou. Existe alguma regra que eu desconheço, ou você está questionando tanto a qualidade do nome quanto minha decisão?”

Lore soltou um suspiro suave. Você está tentando se matar?

“Claro,” Castor continuou, “você pode continuar se referindo a mim como meu senhor ou Radiante. Eu até responderei à Sua Excelência Suprema de vez em quando.”

Apreciação e exasperação guerreavam dentro dela. Lore e Castor odiavam Philip pela forma como ele sempre os zombava, mesmo antes de o velho interromper os tratamentos de Castor. Lore supôs que Castor tinha mais de uma década de raiva reprimida para trabalhar, embora ela questionasse se menosprezar o arconte e atirar em sua própria linhagem era a maneira mais produtiva de fazê-lo.

“Nós desagradamos você?” Philip perguntou ao novo deus. “Não lhe mostramos o devido respeito?”

"Estou satisfeito", disse o novo deus.

O objetivo disso tudo é permanecer vivo, seu idiota, pensou Lore.

Como se Castor a tivesse ouvido, ele cedeu, suavizando o tom novamente ao dizer: "Com

esse assunto resolvido, diga-me como está a Casa de Aquiles e que favor você procura, Arconte."

Philip respirou fundo, rolando os ombros para trás. “Você ficará satisfeito, meu senhor, em saber de nascimentos recentes nos sete anos desde sua ascensão. . . .”

Com o canto do olho, Lore avistou uma chegada tardia subindo as escadas - Evander. Ele teceu pela multidão, sua mão esquerda alisando a frente de sua túnica de seda prateada.

A outra, envolta em uma luva preta, permaneceu imóvel onde a segurava sobre o estômago.

Bem, pensou Lore, merda.

Van era esperto demais para seu próprio bem e não perdeu absolutamente nada. Até um falcão se submeteria a Van em vez de confiar em seus próprios olhos.

O que significava que ela realmente deveria ter saído cinco minutos atrás.

Castor o viu também, encontrando rapidamente o olhar do jovem antes de voltar sua atenção para Philip, que continuou estoicamente seu relatório sobre os casamentos, as mortes, suas várias propriedades e empreendimentos comerciais.

“Seus medicamentos e vacinas foram acelerados por meio de aprovações federais, e esperamos que os lucros comecem a valer no início do próximo trimestre”, continuou Philip. “Na verdade, acredito que isso seja apenas o começo do que podemos alcançar, se você, em seu poder, aumentar a demanda.”

Castor se inclinou para frente, sobrancelha franzida.

“O favor que peço a você, Radiante”, disse Philip, “é que, quando você retornar à sua forma e poder imortais completos, você cria uma doença que só nós podemos curar.”

Lore apertou a mandíbula até doer para manter a boca fechada.

“Fomos abençoados por sua capacidade de curar os outros, mas devemos ir além disso agora e aproveitar uma nova oportunidade. Não precisa haver muitas mortes — continuou Philip, claramente se sentindo fortalecido pelo barulho excitado de vozes crescendo ao seu redor com o mero pensamento. “Alguns milhares seriam suficientes para garantir a demanda global...”

“Não”, disse Castor acidamente. “Não está em meu poder trazer doença ou enfermidade, nem eu, se pudesse. Farei tudo ao meu alcance para servir a esta linhagem. Mas não serei mestre da morte, nem do terror.”

Philip recuou. “Meu senhor...”

“Tenho certeza,” Castor começou, com aquele mesmo tom ríspido, “não preciso lembrá-lo por que o Agon começou e por que Zeus negaria tal poder a Apolo e seus sucessores, nem preciso lembrá-lo. você das muitas doenças horríveis que já existem neste mundo.

Talvez você possa até me perguntar o que fiz para ajudar aqueles aflitos com a mesma doença que sofri em minha vida mortal, e como você pode continuar a girar as rodas que coloquei em prática com medicamentos a preços razoáveis.

Acanta fez uma reverência. “Um curso de ação sábio. Ficarei feliz em liderar tal esforço para você.”

Os antigos deuses tinham sido monstros: egoístas, vaidosos e com uma sede indomável de violência. Olhando ao redor do salão agora, absorvendo os olhares de decepção e raiva, Lore viu a promessa de algo mais sombrio.

“Evander, filho de Adônis”, disse Castor, olhando para o jovem moreno. “E quanto ao Agon? Você conseguiu negociar por nossos mortos?”

Evander se aproximou da piscina, ajoelhando-se ao lado dela. Algo cintilou na expressão de Castor e seus lábios se separaram, mas Van falou antes que pudesse. “Eu tenho o dever de relatar a você a morte do deus Hermes—”

Os caçadores ao redor dele não o deixaram terminar. Um tumulto rolou pelo salão, borbulhando em sua intensidade. As mãos de Lore caíram abertas em seus lados, seus dedos dormentes.

Atena e Ártemis eram agora os últimos deuses originais. Outro pensamento, de alguma forma pior, ocorreu a ela: eu tenho que contar a ela.

Claro, esse número poderia diminuir ainda mais para Artemis se Lore não saísse agora e encontrasse Athena alguma outra ajuda, mas isso - esta era uma informação útil.

“Quem reivindicou a morte?” Philip exigiu.

Van tinha um jeito, uma calma enervante, mesmo diante de más notícias, mesmo agora enquanto dizia: “O novo Ares, que escolheu o nome Wrath”.

O barulho aumentou novamente, pulsando com um tipo novo e diferente de fúria.

“Ele o matou sabendo que não seria capaz de reivindicar seu poder?” Filipe se enfureceu.

"Você tem certeza disso?" perguntou Castor.

“Meus drones registraram o momento da morte”, disse Van. "Tem mais. Os Kadmides também levaram Tidebringer.”

Outro suspiro rolou pelo corredor.

"Vivo ou morto?" perguntou Castor.

"Ela estava viva, mas por pouco", disse Van. “Minhas fontes estão me dizendo que Wrath queria obter informações dela sobre algo, mas ela nunca mais acordou e ele terminou o trabalho no complexo deles.”

Lore sentiu. . . não tristeza, exatamente, apenas um tipo frio de reconhecimento de que ela era agora a última da Casa de Perseu. Seus ancestrais deviam estar uivando no Mundo Inferior.

“O que ele precisaria para questioná-la?” perguntou Castor.

"Estou investigando", disse Van e acrescentou, significativamente, "mas talvez o que discutimos antes?"

Por um momento, Lore pensou que eles estavam falando sobre a nova versão do poema.

Mas então ela se lembrou do aviso silencioso de Castor durante a briga.

Ele está procurando por algo, e não sei se é você.

Não, não poderia ser isso. Tidebringer não teria ideia de onde ela estava, ou como poderia encontrá-la.

“Ele está tentando intimidar as linhagens,” Philip declarou para a sala, recuperando sua atenção com sua veemência. “Não seremos intimidados.”

Van não disse nada, mas voltou um olhar significativo para Castor. “Acho que ele está tentando fazer mais do que isso, e devemos estar em guarda. A Casa de Teseu se alinhou formalmente com a Casa de Kadmos. Eles estão sob o comando de Wrath.”

"O que?" Philip latiu sobre o crescente zumbido de vozes.

“Como você deve se lembrar, a Casa de Teseu perdeu a maioria de seus parthénoi durante o último Agon depois que Artemis localizou seu esconderijo”, disse Van.

O estômago de Lore deu um nó com a memória. Dezenas de meninas, todas massacradas pela deusa que uma vez fora sua patrona e protetora.

“Meus espiões me dizem que, além da generosa compensação financeira”, continuou Van, “Wrath prometeu a eles casamentos e proteção em troca de sua lealdade”.

“Covardes!” alguém perto de Lore gritou.

“Quieto – quieto!” Filipe ordenou. “Eles não têm um novo deus para protegê-los como nós.”

Se ela não estivesse observando Castor por sua reação, Lore poderia ter perdido – a maneira como seu rosto parecia se fechar, seus olhos se fechando. Um tremor percorreu sua mandíbula quando ele agarrou os braços de sua cadeira.

“Meu senhor,” Van começou. “Se eu puder—”

As imagens nos espelhos saltaram, distorcendo. Lore saltou para longe da parede, seu coração subindo em sua garganta.

Os alto-falantes ocultos que carregavam o som distante das ondas agora rugiam com tambores estrondosos que sacudiam os Achillides e os espalhavam pela sala.

"O que está acontecendo?" Philip os chamou. "Alguém desligue-os!"

Os espelhos escureceram, deixando a luz das fogueiras para guiá-los em direção às escadas.

Tão rápido quanto chegou, a bateria foi interrompida. Castor levantou-se então, como se já soubesse o que estava por vir.

No centro de cada espelho, uma faísca de cor vermelha cresceu, espalhando-se pelas telas até que a sala foi banhada por ela.

“Achillides,” veio uma voz profunda e áspera, quase deslizando para fora dos alto-falantes. “Aquilides, me escute.”

O MEDO que varreu Lore pareceu cortá-la por dentro. Suor irrompeu ao longo de sua pele, frio como os dedos de Thanatos.

Gritos cortam o ar. Alguns caçadores correram para a entrada, apenas para cair no chão.

Os outros caíram como chuva, suas roupas de seda se amontoando no chão enquanto eles arranhavam as colunas e uns aos outros, tentando se levantar novamente. Outros lutaram para alcançar as pequenas lâminas escondidas nas dobras de suas roupas.

O próprio corpo de Lore a traiu. Suas pernas pareciam drenadas de sangue e força; ela bateu no chão polido em uma onda de medo renovado. Seus membros de repente pareciam pequenos e ocos, e ela não tinha forças para levantar a cabeça.

Aristos Kadmou — Ira.

Este era um de seus poderes. Lore agarrou-se ao pensamento e agarrou-se a ele, tentando afastar o pânico antes que ele a levasse embora. O novo Ares poderia induzir o sentimento de sede de sangue em alguém, mas ele poderia facilmente roubá-lo enfraquecendo sua vontade e corpo.

Lore tentou chutar as pernas para deixá-las retas embaixo dela, mas elas não responderam. Ela respirou fundo pelo nariz e se virou, procurando por Castor.

Ele estava exatamente onde estivera o tempo todo, aparentemente não afetado enquanto observava o resto da sala com horror. Quando Acantha gemeu do chão, ele foi até ela, tentando colocá-la de pé. Suas palmas brilhavam onde a seguravam, mas a mulher era uma boneca em suas mãos.

Preocupação e medo invadiram as feições de Castor. Lore ouviu seus pensamentos como se os tivesse gritado. O que eu faço? O que eu faço?

Agora ela entendeu. Wrath queria que ele assistisse. Para saber o que estava por vir.

Então, finalmente, ele falou.

“Saudações para você, Castor Achilleos, e para seus parentes,” Wrath disse.

“Não há necessidade disso. Todos nós entendemos seu poder,” Castor disse bruscamente. "Me diga o que você quer."

Sentimento inundou seu corpo novamente. Lore engasgou com a sensação, ouvindo os caçadores ao redor dela gritando e lutando para ficar em pé enquanto sua influência aumentava.

“Eu ofereço a você kleos,” Ira disse. “Dobre seu joelho para mim, jovem deus. Use seu poder ao meu comando, e a Casa de Aquiles não será destruída. Recuse-se e todos morrerão sob minha lâmina, começando com você.

“Ameaças ociosas,” Philip assobiou, cambaleando em seus pés. “Vamos igualar você golpe por golpe.”

“Você vai deixar o mortal falar por você, jovem deus?” A ira exigiu. “Ofereço a todos aqueles que desejam um lugar no mundo que virá, aquele que criaremos juntos – um lugar de poder e riqueza além da imaginação. O Agon terminará,

mas todos aqueles que me servirem serão recompensados.”

Lore lutou para se levantar do chão, apoiando-se em uma das mesas viradas.

Castor agarrou a parte de trás do trono dourado, seus olhos fechados novamente. Ele os forçou a abrir. “Os Aquilides não servem a ninguém.”

“Essa é a sua resposta?” Ira disse. "Que assim seja."

“Desligue-os!” gritou Filipe. Ele pegou um dos braseiros e o jogou no espelho mais próximo, quebrando-o. “Corte a energia!”

“Seu novo deus se ressente de você,” Wrath continuou, falando com os caçadores agora.

“Ele é fraco, o mais fraco dos deuses. Incapaz de manifestar uma forma física. Incapaz de explorar as profundezas de seu poder. Eu cuidarei de você e o servirei como você me serve. Eu me deleitarei em sua honra, compartilharei meu poder e força. Só eu posso te proteger. Só eu posso te libertar.”

"A Casa de Aquiles não vai ceder", disse Philip. “Você não passa de um covarde, se escondendo atrás de telas. Você vai protegê-los? Você nem vai mostrar a cortesia de devolver nossos mortos.

Os caçadores bateram os pés em concordância, soltando um rugido feroz de aprovação.

As telas piscaram novamente, o carmesim pulsante substituído por algo mais horripilante.

Uma fileira de cabeças decepadas havia sido deixada em uma sarjeta cheia de lixo, seus olhos arrancados e substituídos por moedas de prata. Suas mandíbulas estavam desequilibradas, suas bocas escancaradas em uma zombaria das máscaras dos Aquilides.

Philip e vários outros quebraram os espelhos restantes, mas já era tarde demais.

"Venha e reivindique-os", disse Wrath, sua voz quebrando quando a conexão foi cortada.

"Você vai se juntar a eles em breve."

LORE aproveitou o caos após a declaração de guerra de Wrath para escapar rapidamente.

Ela teceu por aglomerados de Achillides, indo direto para as escadas. Ela teria apenas uma pequena janela de tempo para escapar antes que as medidas de segurança de emergência tornassem isso impossível. Ela tinha que voltar para Atena. Ela tinha que encontrar outra ajuda, de algum outro lugar, e contar o que aconteceu.

Mas Castor. . .

Lore lançou um olhar fugaz para o novo deus, sem surpresa ao encontrá-lo cercado por caçadores armados. Ele parecia branco como osso quando um deles emitiu ordens baixas e gesticulou em direção ao outro lado da sala.

Ele poderia curá-la, pensou Lore. A conversa anterior confirmou que ele herdou esse poder de Apollo. Seria uma solução fácil para seu problema mais urgente.

Não. Ela não podia levá-lo com ela. Lore sabia disso, mas não aliviou o arrependimento que a dominava. Athena nunca permitiria que o assassino de seu irmão vivesse, e não haveria maneira de contrabandear o novo deus para fora da Casa Thetis sem que os Achillides os perseguissem e potencialmente os rastreassem de volta para sua casa. Ela não podia colocar nenhum deles – Miles, Castor ou Athena – em mais perigo do que já estavam.

Castor estaria mais seguro aqui, com sua linhagem. Mesmo com Philip, e mesmo depois da declaração de guerra de Wrath. Embora a mensagem de Wrath tenha sido perigosa por causa da maneira como retratava Castor como fraco para os Aquilides, de certa forma também salvou o novo Apolo. Os caçadores sempre podiam contar com seu orgulho monstruoso, e ninguém mais do que os Aquilides. Eles nunca desistiriam voluntariamente de seu novo deus e morreriam antes de se submeterem ao governo de um estranho.

Lore deu uma última olhada ao redor, sua mente correndo.

Não me decepcionem, idiotas, ela pensou. Não o deixe morrer.

Van saiu de onde estava falando com Acantha e foi para Castor, atravessando a

sala em alguns passos largos. Ele passou a centímetros de Lore, perto o suficiente para ela sentir o cheiro de laranja e sândalo de sua colônia, e ela mal resistiu a agarrá-lo.

Fazia tanto tempo desde a última vez que ela o viu. Eles eram crianças na época, correndo soltos pela cidade. Onde Castor sempre foi um livro aberto, feliz por ser lido e compreendido, Van era o diário que permanecia trancado e enfiado debaixo do colchão, exceto pelos momentos em que culpou Lore por colocar Castor em apuros ou levá-lo a fazer algo que Van considerava perigoso. — o que, para Van, tinha sido quase tudo divertido.

E a verdade era que a confiança de Lore era um volume raro — raramente emprestado e nunca de graça. A lealdade de Van à sua linhagem sempre superaria a de uma espécie de amizade, e Lore teria que encontrar uma saída da Casa Thetis ela mesma, do jeito que

sempre fazia.

Então ela subiu, refazendo o mesmo caminho que ela havia tomado para baixo, sentindo-se mais instável a cada momento que passava. Um peso insuportável ancorado na boca do estômago. Lore lutou para subir os últimos degraus, ofegante enquanto o pânico sombrio circulou de volta para ela.

Fúria.

A voz dele – ecoou nas partes irregulares dela, despertando imagens de seus pais e irmãs que ela lutou por anos para suprimir.

Se a Casa de Teseu se aliasse a ele, acrescentaria centenas de corpos entre ele e Atena; o velho deus nunca chegaria perto o suficiente para manter sua parte de seu juramento.

O pensamento a escaldou.

É realmente pior do que isso, ela percebeu.

Se Wrath estava abrindo caminho através dos outros deuses, antigos e novos, seus caçadores viriam atrás de Atena implacavelmente. Aristos Kadmou nunca foi um de propósitos pequenos ou objetivos silenciosos. Ele estava limpando seus inimigos do tabuleiro de jogo, e o que quer que estivesse planejando não

terminaria ali.

E Cás. . .

Lore tinha tão poucos laços com sua vida passada que o pensamento de encontrar outra tinha sido uma droga poderosa, quer ela quisesse admitir ou não. Ela havia parado de acreditar nos Destinos anos atrás, mas ela podia ver isso claramente em sua mente, o brilho de suas lâminas enquanto eles alegremente cortavam tudo e todos até que ela não tinha nada, e ninguém.

“Controle-se, seu saco de vinho chorando,” Lore murmurou. Ela tinha uma vida boa e decente aqui na cidade, um verdadeiro lar. E ela tinha Miles, que ainda estava esperando por ela na casa com um deus que teria prazer em usar seu sangue.

Mas ela queria a única pessoa que sempre foi capaz de acalmá-la, fosse seu temperamento ou medo. Ela queria a única pessoa que ela sempre foi capaz de procurar, sabendo que ela o encontraria lá.

Ela queria Castor.

Lore mordeu o lábio, lutando para engolir a espessura em sua garganta. Ela encontrou a porta pela qual entrou, segurando a maçaneta. Chocou, mas não se mexeu.

"Oh, perfeito", ela resmungou. Lore tentou a porta novamente, desta vez com mais força.

“Não tenho tempo para isso.”

Ela empurrou para o lado seu roupão emprestado, tateando no bolso de trás de seu short em busca do pedaço de plástico para arrombar a fechadura. Não havia nada nele além de fiapos.

Merda.

Ela deve tê-lo deixado cair ao passar pelas portas francesas, ou colocado no chão enquanto estava se trocando.

As velas no corredor estavam ardendo fracas, apagando-se. O cheiro de fumaça e

cera quente estava por toda parte, misturando-se com o incenso que ainda subia de baixo.

Lore lambeu os lábios secos, tentando avaliar suas opções através de sua exaustão e nervos. Ela passou para testar a porta ao lado no corredor. Então o próximo. E o próximo.

“Claro que eu entendo,” alguém disse, sua voz subindo as escadas. Passos pesados e rápidos se seguiram. “A violação de segurança—eu me preocupo—”

Uma maldição passou pela mente de Lore enquanto ela corria para a porta ao lado, já inventando mil desculpas possíveis para o que ela estava fazendo. Andando por aí, investigando um barulho, pegando minha bolsa, queria ficar sozinha. . .

Nenhum foi necessário. A última porta do corredor, uma com teclado de segurança, estava entreaberta. Ela deslizou para dentro, fechando-a firmemente atrás dela, respirando com dificuldade sob a máscara.

O quarto estava escuro, mas havia sol suficiente entrando pela claraboia matizada para iluminá-lo completamente. Uma grande e impressionante cama com dossel de seda branca estava no centro, bem entre duas janelas de tijolos. Um guarda-roupa que parecia ter sido transmitido ao longo dos séculos estava encostado em uma parede, pintado com uma cena pastoral desbotada de gado e fazendeiros. Almofadas de pelúcia estavam dispostas como pétalas de flores no chão, e por toda parte, espalhados pela sala, havia candelabros elaborados esperando para serem acesos.

O cheiro de tinta fresca ainda pairava no ar, e os tapetes pareciam imaculados demais para serem qualquer coisa além de novinhos em folha. Este tinha que ser o quarto de Philip e Acantha, recentemente restaurado para sua residência durante o Agon.

Um movimento na cama chamou sua atenção. Ao pé dela dormia um enorme cachorro peludo. O branco havia se reunido no focinho de seu rosto de urso e nas pontas de suas longas orelhas. Seu casaco preto estava polvilhado com ele, como se ele tivesse acabado de chegar de uma corrida por um Central Park nevado com Lore e Castor.

Uma fina linha de baba se estendia de sua boca até o edredom de seda. Seus

grandes olhos se abriram. Ele levantou a cabeça como se reconhecesse.

“Quíron?” sussurrou Lore.

Ela levantou a máscara para dar uma olhada melhor nele, uma pequena explosão de felicidade iluminando-a. Ele ainda estava vivo - ele tinha que ter, o que, quatorze anos agora? Ela se aproximou do pastor grego lentamente, estendendo a mão.

O cachorro tinha sido o companheiro constante de Castor, praticamente desde o momento em que o menino era pequeno o suficiente para montar nas costas de Quíron.

Ele trotou fielmente atrás dela e Castor como uma babá sitiada em suas muitas aventuras pela cidade.

Seu rabo balançou contra o edredom de seda, e Lore ficou estranhamente aliviada

quando ele lambeu seus dedos em saudação.

"Eu também senti sua falta, seu grande idiota", disse ela, acariciando suas orelhas. "Eu não suponho que você aprendeu a falar humano e poderia me dizer como sair daqui?"

O cachorro abaixou a cabeça e prontamente voltou para sua soneca.

“Sim,” Lore murmurou. "Isso foi o que eu pensei."

O tapete grosso absorveu seus passos enquanto ela circulava pela sala. Sem varanda —

sem janelas, exceto pela clarabóia. O mesmo era verdade para o banheiro surpreendentemente luxuoso anexado a ele. Lore continuou vislumbrando sua expressão irritada em seu mármore preto.

Ela lançou outro olhar para a clarabóia, considerando. Se ela pudesse chegar lá em cima, ela poderia ser capaz de abri-la o suficiente para deslizar, mas ainda haveria os caçadores no telhado para lidar – caçadores em ótimas condições de luta. Lore estava atualmente destruindo os últimos fragmentos restantes de seu

orgulho, mas até ela podia reconhecer que não havia comparação entre lutar contra caçadores e bater em garotos ricos e mimados.

O cachorro abriu um olho.

“Não me olhe assim,” ela disse a ele. “Estou planejando ativamente minha fuga.”

A cabeça de Quíron virou em direção à porta. Um momento depois, Lore os ouviu também.

“Tenha certeza de que vamos. . .” disse uma voz abafada, ficando mais alta à medida que se aproximava.

Lore colocou a máscara de volta e mergulhou debaixo da cama, apenas para rolar de volta

quando percebeu que ainda podia ser vista da porta. Ela foi para o guarda-roupa, mas Philip ou Acantha precisariam se trocar em algum momento, e embora Lore pudesse explicar muitas coisas, ela não tinha certeza se conseguiria uma explicação decente sobre por que ela estava espremida dentro do armário deles. . O que deixou a pior opção.

Ela se aconchegou atrás da - esperançosamente - cortina decorativa de madeira no canto de trás do quarto quando a porta foi destrancada e aberta. Havia um espaço entre dois de seus painéis, largo o suficiente para ela ver três homens entrarem.

Em um instante, Lore percebeu seu erro.

Este não era o quarto de Philip e Acantha.

Quíron ficou de quatro e rosnou. Lore pulou com o som. Ela nunca o tinha ouvido latir do

jeito que ele fez então, profundo e retumbante.

"Calma, besta", disse Philip, estendendo uma mão calmante para ele. "Baixa."

A postura de Quíron era rígida, sua cabeça abaixada e a cauda dobrada. . . mas

ele não estava olhando para Philip. Ele estava de olho em Castor.

A pouca cor que restava no rosto do novo deus desapareceu. Ele observou o cachorro, seu corpo rígido, até que Van se colocou entre eles.

"Eu vou removê-lo", disse Philip. "Ele não . . . parecem se lembrar de você.”

"Está tudo bem", disse Castor bruscamente. "O que eu quero saber é como diabos Wrath acessou seu feed."

“Os técnicos estão sendo interrogados”, disse Van. “Vou dar minha própria chance a eles e ao sistema. As chances são de que eles invadiram sem qualquer ajuda dentro da Thetis House. Estou mais preocupado com o fato de que Wrath é capaz de usar seu poder dessa maneira.”

“Minha prioridade imediata é a proteção do deus de nossa linhagem. É apenas uma questão de tempo até que eles tentem um ataque mais direto”, disse Philip. "Os guardas virão atrás de você, meu senhor, quando for hora de se mudar para um local mais seguro fora da cidade."

“Você acha que isso é realmente necessário?” perguntou Van. “Se eles de fato têm um espião em nossa linhagem, eles sempre saberão nossos movimentos antes que os façamos. É um risco enorme.”

“Você não é arconte desta linhagem, Mensageiro,” Philip disse. “Esta é a minha decisão.”

Mensageiro — claro. Esse era o broche que Van usava, uma asa de ouro para indicar seu status como emissário da linhagem. O papel significava pouco mais do que espionagem agora, mas os Mensageiros estavam protegidos da matança sob um juramento entre as casas. Dessa forma, eles poderiam levar mensagens sem medo da morte e lidar com as trocas de corpos coletados por outras linhagens.

“Tem certeza de que esta não é sua rivalidade com Aristos Kadmou falando no lugar de sua razão?” Van não precisou levantar a voz para dar uma vantagem às palavras.

Lore ficou chocado que eles não podiam ouvir sua respiração irregular.

“Evander, filho de Adonis,” Philip assobiou. “Fale comigo dessa maneira novamente e eu não vou apenas tirar esse alfinete de você, eu vou pegar sua outra mão.”

Outra mão? Lore se inclinou para frente.

Ela podia ver agora, a forma como os dedos da mão direita eram ligeiramente mais longos e mais rígidos do que os da esquerda. Ele tinha movimento neles e podia segurar a mão, mas qualquer mudança era mais lenta e o alcance mais limitado. Ele, como muitos dos caçadores, perdeu uma parte de seu corpo e a substituiu por uma prótese avançada.

Droga, pensou Lore.

Deve ter sido algum tipo de acidente de sparring. A mão direita de Van tinha sido sua mão dominante, pelo menos até onde ela conseguia se lembrar das poucas sessões de treinamento que ele participou enquanto seus pais estavam conduzindo negócios na cidade.

Enquanto alguns caçadores lutavam para reentrar no treinamento para aprender novos estilos de luta mais adequados aos seus corpos alterados e, assim, permanecer na caça, a maioria foi empurrada para uma espécie de aposentadoria precoce em um papel não-combatente, como arquivista ou curandeiro, por seu arconte.

Lore sempre achou essa prática irritante; se alguém quisesse lutar, se quisesse lutar por kleos, deveria ser permitido, não importando as circunstâncias.

“Se pudéssemos ter uma profecia, meu senhor,” Philip começou novamente, virando-se para Castor, “poderíamos ser capazes de antecipar os Kadmides”

“Quantas vezes eu tenho que lhe dizer que não haverá nenhuma profecia ?” disse Castor.

“Não é um dos meus poderes. Sinto que devo mais uma vez lembrá-lo de que, embora tenha um pouco do poder de Apolo, não sou ele.

Lore prendeu a respiração quando o novo deus deu alguns passos em sua direção, removendo suas luvas de ouro e colocando-as na mesinha ao lado da tela.

Philip se preparou, mas assentiu. "Sim, meu senhor. Claro, todos nós continuamos ansiosos para ouvir a história de como um menino inocente de doze anos derrotou um dos mais fortes dos deuses originais e ascendeu. Talvez você possa falar com um dos historiadores de nossa linhagem—”

“Basta,” disse Castor, a palavra tensa. Ele estava agora tão perto que Lore podia sentir o cheiro da fumaça do incenso grudada em sua pele. Por um momento ela teve certeza de que os olhos do novo deus haviam se levantado para encontrar os dela, mas ele se moveu em direção à cama. “Gostaria de descansar antes de viajar.”

“Cas—Meu senhor,” Van começou. “Talvez pudéssemos discutir...”

“Já disse o suficiente”, disse Castor, agarrando uma das cabeceiras da cama com tanta força que estalou. “Chame-me quando chegar a hora de partir.”

Philip agarrou o ombro de Van e o puxou para a porta. “Há caçadores postados do lado de fora. Há mais alguma coisa que eu possa lhe fornecer, meu senhor?

“Apenas a sua ausência”, disse Castor, ainda sem se virar.

“Tranque a porta atrás de nós,” Van o lembrou.

Castor assentiu, mas não fez nenhum movimento para fazê-lo até que ambos saíram da sala e vários longos momentos se passaram. Ele se virou, batendo o joelho no baú ao pé da cama, e praguejou. Lore teria rido ao ver um deus poderoso saltitando e fazendo caretas, exceto que seus movimentos pareciam ainda mais rígidos do que antes.

Ele tentou esticar os braços sobre o peito largo, para estender o pescoço. Ele girou os três ferrolhos da porta e apertou um botão próximo na parede. Lore pulou quando uma porta de metal deslizou para cobri-la. Trancando-se.

Prendendo-a com ele.

Quíron rosnou quando Castor tentou se aproximar dele, oferecendo sua mão da mesma forma que Lore havia feito. Os lábios do cachorro puxaram para trás, seu focinho enrugando violentamente. Castor não puxou o punho para trás até que Quíron atacou, estalando os dedos.

"Você me conhece", ele sussurrou. "Você faz."

Lore pressionou a mão na boca novamente para evitar fazer um som. Claro que Quíron não se lembrava dele. Este não era o menino que ele amava tão ferozmente e protegido.

Isso foi. . . algo mais.

Não havia nada a temer; ele tinha vindo a ela pedindo ajuda, ele não tinha nenhuma razão para matá-la, mesmo por invadir esta casa. Mas, ainda assim, Lore não conseguia se mexer. Ela se sentia como uma das estátuas antigas, sempre presa em uma pose, os olhos eternamente abertos.

A boca do cachorro relaxou e ele se acalmou o suficiente para Castor tentar se aproximar novamente. Quando sua mão pairou sobre as costas do cachorro, Quíron se levantou e se moveu. Ele se enrolou na montanha de travesseiros, dando ao novo deus um olhar de profunda suspeita.

Castor olhou para ele, sem vestígios de calor ou esperança em sua expressão. Algo escuro parecia passar dentro dele enquanto circulava pela sala, sua respiração se aprofundando, tornando-se difícil. Ele parava de vez em quando, passando a mão pelo damasco levantado do papel de parede, a seda dos lençóis e cortinas, as bordas curvas das flores esculpidas no encosto de uma cadeira.

Era como um ritual silencioso de algum tipo, cada toque de seus dedos reverentes. Lore podia apenas distinguir seu perfil e a interminável tempestade de emoções que cruzaram seu rosto. Ele murmurou algo para si mesmo que ela não conseguiu ouvir.

Finalmente, ele parou no centro da sala, estremecendo. Estendendo a mão, o novo deus deslizou a coroa de seu cabelo escuro e a segurou entre os dedos. Houve um estalo silencioso quando ele o partiu em dois e deixou os pedaços caírem no chão.

Mas não houve nenhum som quando um painel escondido na parede atrás dele se abriu e um caçador usando a máscara do Minotauro entrou silenciosamente na sala.

Castor endireitou-se, erguendo-se lentamente até sua altura máxima, e olhou para trás assim que o caçador puxou uma pequena arma de dentro de suas vestes.

Por um momento, ele não fez nada além de olhar para o caçador. Ele não se moveu. Ele nem parecia respirar.

Merda, ela pensou. Merda, merda – mexa-se!

Ele não. O caçador disparou.

Lore empurrou a tela para baixo, pegando sua chave de fenda. Não era uma faca, mas fez uma espiral pelo ar do jeito que ela esperava. Ele resvalou na máscara do atacante, derrubando-o no chão.

Ela se lançou para frente enquanto o caçador se arrastava de volta para a porta secreta, muito furiosa em seu medo para deixá-lo escapar.

O caçador deslizou uma longa adaga do cabo ao seu lado. Quíron pulou de pé na cama, latindo descontroladamente – foi uma distração suficiente para Lore agarrar o pequeno busto de mármore na cômoda e esmagá-lo contra a cabeça do caçador. Uma vez. Duas vezes.

O assassino caiu no chão, imóvel. O sangue escorria por baixo do capuz escuro. Lore empurrou para trás e arrancou a máscara, revelando o rosto frouxo de Philip Achilleos.

"Bastardo", ela fervia. E um traidor também, escondido atrás da máscara de outra linha.

Não o teria protegido da maldição do assassino de parentes, assim como não o protegeu dela.

Quíron ganiu, tirando Lore do torpor da luta. Ele estava perto de onde Castor havia caído no chão, cheirando sua mão. Lore pegou sua chave de fenda e correu até o novo deus, procurando nele por qualquer sinal de bala ou ferimento. Havia apenas um pequeno dardo emplumado perto de seu coração - um tranquilizante.

Ela acrescentou covarde à contagem do arconte. Ele não queria nenhuma resistência do novo deus enquanto enfiava uma lâmina no coração de Castor e ascendia.

"Oh, maldito seja!" Ela agarrou a frente das vestes de Castor, sacudindo-o. "Você poderia ter evitado isso facilmente - saia disso!"

Sua cabeça pendeu para trás. Ela pressionou uma orelha contra o peito dele, mas não conseguiu ouvir nada além de seu próprio batimento cardíaco.

"Rícino?" ela disse, sacudindo-o. “Cas!”

Ele não respondeu. Lore pressionou a palma de sua mão contra o peito dele, empurrando-a para baixo e para baixo e para baixo. Castor levantou-se, ofegante. Ele virou de lado, desorientado, suas pernas e braços deslizando contra o tapete.

“Cas. . .” Lore começou, estendendo a mão para ele.

O novo deus se arrastou para mais longe, estendendo a mão para ela.

Seu suspiro agudo foi o único som que Lore conseguiu antes que o ar se transformasse em fogo em seus pulmões, e uma massa contorcida de calor e luz explodiu de seus dedos.

LORE TINHA SIDO LEVANTADA com uma lâmina na mão.

Ela treinou por horas e dias intermináveis com bastões de treino, lâminas, lanças e escudos, repetindo aqueles movimentos mortais até que ela não tivesse mais forças para segurar suas armas. Os punhos deixaram sulcos escuros de memória em suas palmas, como os rios do Mundo Inferior. Ela nutriu aqueles calos, engrossando sua pele para que ela não mais se rasgasse.

Lore queria que seu corpo se lembrasse de tudo: o peso das armas, o ângulo do ataque, a força exata que ela precisava para persuadir seus músculos. Uma parte dela sempre entendeu que chegaria um momento em que sua mente se esvaziaria de exaustão ou dor, e tudo o que lhe restaria era aquele trabalho, aquela prática. Um momento em que a habilidade arraigada finalmente se transformou em reflexo.

Como agora.

O armário atrás dela explodiu em milhares de lascas, prendendo em seu cabelo e pele.

Ela não sentiu nada disso. Não desperdicei um fôlego. Ela mergulhou, ofegante.

Máscara, ela pensou, tentando tirá-la do rosto. Seus cadarços estavam

emaranhados em seu cabelo, e ela não conseguia puxá-lo, não importa o quanto ela o agarrasse.

O vento foi nocauteado quando ela bateu na parede atrás dela. O braço de Castor enlaçou seu peito como uma barra de aço.

Ele deslocou o braço, trazendo-o contra sua garganta. Black se reuniu na borda de sua visão quando seu suprimento de ar foi cortado. Não havia emoção no rosto de Castor; era como se ele também estivesse agindo por puro instinto agora, seu corpo lutando para sobreviver.

Ela chutou violentamente, tentando acertar suas rótulas. Em algum lugar no fundo, ela estava ciente dos latidos, do borrão escuro atrás de seu oponente estalando e atacando.

Lore bateu sua testa contra a de Castor, deixando a máscara de bronze fazer seu trabalho. Ele gemeu, sangue jorrando de um corte em sua testa. Castor cambaleou para trás e ela o atacou, todas as unhas quebradas e força bruta e desesperada. Seu peso era impossível – sufocante enquanto se acomodava sobre ela – mas ele ainda era de carne e osso.

Ela enrolou as pernas ao redor de seu torso e o virou para que ela ficasse por cima. Lore levou a chave de fenda à garganta, mas Castor agarrou o metal e empurrou a ponta de volta para o rosto dela. Seu sangue chiava no aço enquanto aqueceu em sua mão, transformando-se em ouro derretido. A intensidade escaldante disso estava tão perto de seu olho que finalmente tirou Lore de sua névoa frenética.

Quíron estava quase uivando, segurando o outro braço do novo deus em sua boca. Ele não parecia sentir as presas ou a força bruta do cão enorme. As pupilas de Castor estavam dilatadas, cercadas pelas brasas douradas de seu poder. Ele estava olhando para ela, mas não a vendo, mesmo quando ele rasgou sua máscara.

"Wsou eu!" Lore engasgou, tentando se livrar da lâmina em chamas. "Sou eu - é Lore!"

A transformação que se abateu sobre o rosto do novo deus foi como o lento desenrolar de uma asa. A fúria se espalhou para choque, depois horror.

Ele a soltou, e Lore saiu de cima dele, caindo de joelhos, ofegante. A chave de fenda caiu no tapete. O cheiro de lã chamuscada rapidamente encheu a sala. Lore teve bom senso suficiente para chutá-lo em direção ao azulejo do banheiro.

O silêncio que se seguiu foi quase tão doloroso quanto o calor. Por um longo tempo, Castor não fez nada além de olhar para ela enquanto ela se inclinava sobre os joelhos, tentando engolir mais ar em seus pulmões. Seu sangue ainda batia em suas veias.

Quíron trotou até ela com os membros rígidos, e por um momento ela não fez nada além de pressionar o rosto no pelo de seu pescoço. A parte mais fraca dela queria desaparecer nisso.

Finalmente, Lore se forçou a se virar.

"Surpresa?" ela disse, porque Lore nunca tinha encontrado uma situação que ela não pudesse tornar ainda mais dolorosamente embaraçosa.

"Eu poderia ter . . . Eu poderia ter matado você", disse Castor com a voz rouca. "Eu pensei

. . . Eu estava confuso, e o assassino...

Não. Ele a teria matado. Seus braços latejavam com o esforço necessário para segurar a chave de fenda.

“Eu me lembro de ser a que estava no topo, grandalhão”, disse ela.

Ele fechou os olhos, soltando um longo suspiro. Castor esfregou a testa, o que lembrou Lore do quanto a sua própria doía.

"Deveria saber que era você desde o primeiro golpe", disse ele. “Só você iria imediatamente para a cabeça. Eu quero saber onde você conseguiu essa máscara?”

Quíron lambeu o queixo de Lore, confortando-a.

"Sim, sim", disse Castor, lançando ao cachorro um olhar sombrio. “Dê um pequeno giro na adaga, por que não?”

Lore acariciou a cabeça do cachorro em agradecimento silencioso, então apontou de volta para a cama. Ele se afastou, dando a Castor um amplo espaço.

“Não que eu não tenha gostado de quase ser empalado por uma chave de fenda”, disse Castor. “Depois da sua reação na luta, achei que nunca mais veria você. . . mas você veio.”

"Na verdade, eu estava fugindo antes de você me interromper rudemente", disse Lore. "E, para constar, eu não tinha ideia de que este era o seu quarto."

O cachorro provavelmente deveria ter sido uma dica forte, mas não importa isso.

“Se você não veio me ajudar”, disse Castor lentamente, “então o que você está fazendo aqui?”

“Acho que acabei de ajudar você. Devemos passar para o fato de que você ficou lá enquanto seu pretenso assassino atirava em você? Lore apontou o polegar para Philip.

“Espero não precisar dizer quem é.”

Ele respirou fundo entre os dentes, olhando a forma amassada do homem. “Eu não. . .”

“Você não fez o quê?” Lore incitou, sentindo as primeiras lambidas de raiva em seu coração. — Ficar aí e deixá-lo tentar matá-lo?

Castor desviou o olhar. “Você não entenderia.”

"Bem, eu definitivamente não vou se você não explicar", disse Lore. Quando ele ainda não olhou para ela, ela acrescentou: “O que está acontecendo? Não me diga que você só queria ver se ele realmente iria em frente com isso. Nós dois sabemos o tipo de pessoa que ele é, e você não estava exatamente construindo pontes com aquele ato que você faz lá embaixo.

“Quanto você viu?”

"Eu vi o suficiente", disse Lore, rastejando em direção a ele. “Mesmo quando você estava.

. . Mesmo quando você estava mais doente, você continuou lutando.”

Aquele não era o verdadeiro Castor lá embaixo, com toda a sua bravura. Este era Castor.

"Fez . . .” ela começou. — Você queria que ele fizesse isso?

Sua hesitação foi resposta suficiente.

"Não", ele insistiu. "Foi apenas um erro - eu não estava sendo cuidadoso."

Lore balançou a cabeça. “Você é sempre cuidadoso.”

Ele esfregou o joelho que tinha batido antes. “Não ultimamente. Parece que . . .”

Ela esperou que ele terminasse.

“Como se eu estivesse em um corpo que não me pertence,” ele disse, finalmente. “Eu não tive que me mover. . . ou sentir. . . ou . . .” Castor respirou fundo. “Eu só não tinha certeza do que fazer, ou como evitar matá-lo.”

"Isso realmente teria sido tão ruim?" perguntou Lore.

"Durante esta semana, quando os Achillides precisam de liderança?" ele empurrou para trás. “Sem nenhuma prova dele me atacando primeiro? Não há câmeras aqui. Já verifiquei.”

“Você não é o líder deles?” Lore perguntou, claramente. "Eles não servem você, mesmo sobre o arconte?"

“Eles nunca me quiseram”, disse ele. “Não quando criança, e certamente não agora.

Talvez eu tenha pensado, só por um minuto, que eles estariam melhor se Philip subisse.

Que ele iria...

Lore se encolheu com a crueza das palavras de Castor, mas ele não terminou seu pensamento.

“Que ele faria o quê? Tornar-se ainda mais insuportável? Abusar ainda mais do poder?”

Lore pressionado.

"Ele pelo menos seria capaz de controlá-lo", disse Castor. “Ele não iria. . . Eles acreditariam nele.”

“Em nenhum mundo é melhor que você morra e que Philip Achilleos se torne um deus.

Diga-me que você entende isso. Que você acredita que merece viver.”

Não fazia sentido para ela - por que Castor teria matado Apolo, se não fosse por seu poder?

O pensamento veio a ela de repente. Para curar a si mesmo. Nascer de novo em um corpo novo e saudável.

Ele lutou contra uma forma agressiva de leucemia desde os quatro anos de idade, passando por quimioterapia, radiação e transplantes de células-tronco ao longo dos anos. Ele havia retornado com uma vingança pouco antes do início do último Agon, e todos, incluindo o próprio Castor, acreditavam que ele morreria por causa disso.

Todos menos Lore.

“Por favor, pare de me olhar assim.”

"Como o que?"

“Como se você estivesse com medo.”

"Eu não tenho medo", disse ela. "Estou preocupado. Estou tentando entender o que está acontecendo e como isso” – ela gesticulou para ele, tudo dele – “aconteceu”.

Até agora, Lore nunca tinha pensado em como poderia ser esmagador de repente suportar o peso das necessidades de sua linhagem, ou perder a pessoa que você foi uma vez. Talvez isso explicasse o peso que ela via nele agora, e a relutância

em aceitar o que ele era. Mas havia outra coisa também, algo que ela não conseguia identificar.

"Que coincidência. Também estou confuso", disse Castor, esquivando-se da abertura que ela lhe deu para explicar. "Como você entrou no prédio para começar? Eles a trancaram e colocaram homens em todos os lugares. Eu chequei. Não me diga que você se transformou em uma aranha.

Ela fez uma careta. "Entrei no prédio do jeito que sempre fazia."

"Não, você não fez", disse ele, olhando para ela sob sua franja de cabelo escuro. "Havia caçadores ao longo da escada de incêndio. Você não poderia ter usado."

"Ainda bem que eu não usei a escada de incêndio, então," Lore disse.

"Você não fez. . . ." Ele se endireitou. "Você me disse que costumava subir pela escada de incêndio!"

Ah, pensou Lore. Direito.

Ela havia dito isso a ele, assim como ela disse a ele que as Fúrias preferiam o gosto de carne tenra de menino e que a iniciação de caçador envolvia beber mijo de sátiro e correr nua sob a lua.

Não pela primeira vez, Lore percebeu que ela tinha sido meio idiota quando criança. Esta, no entanto, tinha sido a única exceção possível.

"Eu não queria que você se preocupasse," ela disse rispidamente.

Castor se preocupara com tudo — as árvores do parque, cachorros vadios, se ela seria punida por ter fugido para vê-lo, se o câncer o matasse e se seu pai ficaria bem sem ele.

Esta tinha sido a única preocupação de que ela poderia aliviá-lo. "Era a única maneira de entrar quando você estava. . . quando eles pararam de me deixar vir vê-lo.

O remédio havia comprometido seu sistema imunológico, mas Lore não suportava a ideia de ele ficar sozinho, dia após dia. Ela sempre foi tão cuidadosa para não tocá-lo, sabendo o tipo de sujeira da cidade que ela trazia com ela. Na

maioria dos dias, ela apenas se sentava ao lado de sua cama enquanto ele dormia e o vigiava com Quíron.

Ele balançou a cabeça em descrença e não pouca quantidade de horror. “É uma queda de quatro andares. Você não teria se afastado disso!”

Lore acenou com a mão, voltando-se para onde Philip ainda estava deitado de costas, sua respiração superficial.

"Você disse que não sabia em quem podia confiar", disse Lore. "É isso que você queria dizer?"

"Sim." Ele respirou fundo. “Mas eu também apenas . . . queria vê-lo e avisá-lo sobre Aristos — sobre Wrath. Van me trouxe até você em vez de vir direto do Despertar no Central Park.”

"Por que?" Lore odiava a borda irregular que se insinuava nas palavras. “Você tinha sete anos para vir me encontrar antes disso. A mortalidade fez você se sentir particularmente nostálgico, ou você estava apenas com vontade de arruinar minha noite?

"Eu tentei", disse ele. “Eu tentei te encontrar por anos, mas foi como se você tivesse desaparecido. Não sobrou nenhum vestígio seu.”

“Sim, isso foi meio que planejado,” Lore disse, seu coração dando um chute forte na memória.

“Pensei que você pudesse estar morto, mas Van conseguiu localizá-lo ontem”, disse Castor. "Ele estava preocupado com Philip, e ele pensou - eu pensei - que você poderia

estar disposto a ajudar a me esconder, ou me tirar da cidade."

Ela estava usando algum tipo de sinal nas costas que oferecia abrigo a todos os imortais em perigo?

"Mas você está certo", disse ele. "Você tem razão. Não era justo colocar isso em você.

Suponho que pensei...

— O quê? Que ainda somos amigos? ela terminou, antes que pudesse se conter.

Ele se encolheu e tentou escondê-lo levantando-se. Lore também se levantou, não gostando da sensação de ser pego em sua sombra.

— Então por que você veio aqui? ele perguntou baixinho. "Você me disse em termos inequívocos que não tinha vontade de me ajudar, então por que arriscar?"

A pergunta pairava como uma espada acima de seu pescoço. Lore virou as costas para ele, lutando para responder ela mesma.

Porque você é o único no mundo que eu pensei que poderia confiar.

"Desespero", ela se ouviu dizer, cortando a verdade ao seu núcleo. Seus olhos captaram o brilho de ouro no chão e, ignorando a dor em seu corpo, ela se inclinou para pegar um dos fragmentos de sua coroa. A mentira veio mais fácil do que ela esperava. “Para ver se você sabe mais alguma coisa sobre o que Wrath está procurando.”

Lore estendeu o pedaço da coroa para ele, mantendo os olhos nas folhas de louro de formas intrincadas e não em seu rosto.

“Entendo,” o novo deus disse suavemente. “Eu peguei alguns de seus movimentos nos anos seguintes, mas nunca consegui identificar o que ele estava procurando, e nem Van.

Eu gostaria de ter mais uma resposta para você, Golden.

“Não...” Lore forçou sua voz a ficar firme. “Não me chame assim.”

Foi estúpido da parte dela escolhê-lo para o anel de Frankie, mas foi a primeira coisa que lhe veio à mente, e Frankie gostou demais para deixá-la trocá-lo na semana seguinte. Era uma brincadeira com o carinho que seus pais tinham usado, meu dourado, que em si era uma ode ao mel. Lore recebeu o nome de suas duas avós, Melitta, que significa abelha, e Lora.

"Acho que sei o que é", ela disse a ele. “O que ele está procurando.”

A mão de Castor pairou ao lado dela. Um toque de calor roçou seus dedos machucados um segundo antes dele. O toque era suave, hesitante, quase tão logo

o sentiu.

"O que?" Seus olhos estavam sobre ela. Ela não sabia dizer o que a mantinha ali, esperando, com as mãos ainda estendidas. Mas então o toque veio novamente, as pontas dos dedos dele descendo de seus pulsos, sobre a curva de seus polegares, até que, finalmente, eles se engancharam ao redor do pedaço da coroa e Lore lembrou que ela deveria deixá-lo ir.

"Outra versão do poema de origem", disse ela. “Um que explica como vencer o Agon.”

O aperto de Castor visivelmente apertou a fina faixa de ouro. Ela não podia suportar a ideia de olhar para o rosto dele para ver sua reação. "Por que você pensa isso?"

Um pavor terrível passou por Lore quando a realidade de sua situação afundou.

Antes de vir aqui, Lore queria encontrar o novo poema por duas razões. Um, porque ela sabia que Wrath estava procurando por ele mesmo, e arriscaria se aventurar a se esconder, dando a Athena a rara chance de derrubá-lo. A segunda, para evitar que ela caísse nas mãos de qualquer deus, novo ou velho, que pudesse usá-la para se tornar um verdadeiro imortal com poder inimaginável para esmagar ou subjugar a humanidade.

Agora, ao que parecia, ela tinha um terceiro: para Castor.

Se o poema revelasse que o Agon só poderia terminar quando um único vencedor surgisse, teria que ser ele.

Mas ela já havia se aliado com outro deus. Alguém que não hesitaria em matar Castor na primeira oportunidade.

“Lore?” Castor solicitado. "Por que você pensa isso?"

"Foi outro aviso que recebi esta manhã", disse Lore. “De outra pessoa.”

"Vou ver se Van ouviu alguma coisa", assegurou-lhe Castor. “Isso pelo menos ajudará a focar sua busca.”

Quando ela arriscou um olhar por baixo de seus fios soltos de cabelo, Castor

estava olhando para sua mandíbula. Na longa cicatriz que descia por seu rosto.

Seus pulmões pareciam ter sido envoltos em aço em chamas. Eles espasmos dolorosamente quando ela tomou sua próxima respiração.

Cicatrizes, seu pai costumava dizer a Lore e suas irmãs, são registros das batalhas que você sobreviveu. Mas Lore não tinha merecido este; ela tinha sido marcada com isso.

"Eu não me lembro desse", disse ele.

Ela ignorou a pergunta nisso.

“Eu ouvi sobre sua família,” Castor começou. "Seus pais . . . as raparigas . . .”

"Eu não quero falar sobre isso", disse ela bruscamente. “Não é uma das vantagens da divindade que você consegue parar de se importar com a vida de mortais lamentáveis fora de sua linhagem?”

Sua mandíbula se apertou. “Lore, eu ainda sou Castor.”

Ela balançou a cabeça com uma risada triste, mesmo quando todo o seu peito parecia apertar.

"Eu sou. Eu sou." O fragmento da coroa caiu no chão novamente quando as mãos dele se fecharam sobre os pulsos dela, como se o toque pudesse de alguma forma fazê-la entender. Parecia se espalhar por seu sangue, provocando suas terminações nervosas, e foi mais que suficiente para provar a mentira em suas palavras.

Como se apenas percebesse o que tinha feito, ele a soltou e deu um passo para trás.

Este era Castor, mas de alguma forma não era. Ela só tinha que olhar em seus olhos para saber com certeza. Ele pode ter retido um pouco do destino genético de Castor com sua aparência, mas ele tinha sido. . . melhorada. As imperfeições que o tornaram um humano tão confuso quanto o resto deles foram suavizadas, e o resultado foi devastador, em mais de um sentido.

Então, novamente, ela também não era a Lore que ele conhecia.

"Sinto muito", disse Castor, uma ponta de desespero nas palavras. "Somente . . . fale comigo. Por que você quer saber quais são os planos de Wrath?" Seus olhos se arregalaram. "Diga-me que você não vai atrás dele. . . ."

O silêncio pairava entre eles, dividindo a distância entre passado e presente. Era a única linha em sua vida que Lore não tinha ideia de como cruzar.

Ele fechou os olhos, todo o seu corpo esticado. "Por que ele mandou matá-los?"

Lore se perguntou, então, se era possível que os Kadmides tivessem mantido em segredo o que ela havia feito todo esse tempo. Ela supôs que o orgulho poderia explicar isso também. Às vezes, quando as memórias daquela noite vinham à tona e ela repassava tudo em sua mente para se punir, Lore se confortava em saber o quão humilhante seria para Aristos Kadmou – para todos os Kadmides – saber que ele havia sido superado por um pouco. menina.

"Van pensou que você poderia ser da linhagem de sua mãe, mas ninguém estava disposto a dizer", disse Castor. "Ninguém arriscaria que os Kadmides os punissem por proteger você. Mas por que ele viria atrás de sua família em primeiro lugar?

Eles arriscaram, e ela os pagou com sangue. Interessante, também, que a busca de Van também não tivesse encontrado aquela história horrível.

"Não é óbvio?" disse Lore. "Wrath queria terminar o que seu avô começou. Ele queria que a Casa de Perseu fosse tirada da caça.

"Por que ele não pediu antes?" perguntou Castor. "Por que esperar até que ele subisse?

Por que não vem e faz ele mesmo como um imortal?"

"Eu não quero falar sobre isso," Lore disse bruscamente. "Eu não sei por que ele fez isso, ok? Porque meu pai rejeitou sua oferta. Porque meu pai o envergonhou. Porque ele simplesmente sentiu vontade! Tudo o que sei é que os Kadmides os tiraram de mim.

Levaram tudo".

Mas isso não era verdade, e ela tinha a prova disso na frente dela. Eles não

tinham levado Castor. O Agon tinha.

Sua garganta engrossou, mas Lore não era mais uma garotinha. Ela controlaria suas emoções. "E eu pensei . . . Eu pensei que você estava morto também."

"Eu sinto Muito. Deuses, Lore," Castor disse calmamente. Sua voz caiu em um tom que ela nunca tinha ouvido antes, um de raiva e auto-desprezo. "Eu não pude te ajudar. Eu não podia ajudá-los. Eu não pude fazer nada, por anos. Mesmo se eu tivesse encontrado você, você nunca saberia."

"O que você quer dizer?" Lore se inclinou para ele, olhando para as faíscas de poder brilhando em suas íris escuras. Sua mão se abriu ao seu lado e começou a subir, como se precisasse suavizar as linhas duras que se formavam em seu rosto.

"Eu não podia manifestar uma forma física." Castor soltou uma risada sombria e sem humor. "Acontece que eu sou tão fraco e inútil como um deus quanto eu era como um mortal."

Lore franziu a testa. Acantha havia dito isso durante a cerimônia. A propriedade que construímos para você nas montanhas permaneceu vazia, suas oferendas intocadas.

"Você não é inútil," ela disse a ele. "E você nunca esteve. Nunca, não importa o que alguém nesta linhagem horrível disse a você."

Castor parecia querer desesperadamente acreditar nela.

"Eu nem consegui salvar meu pai." Ele olhou para suas mãos. "Ele está morto agora, você sabia disso? Eu vi acontecer – eu estava lá, vagando entre os lugares que eu costumava ir e as pessoas que eu queria ver."

"Eu não sabia," ela disse suavemente.

"Um ataque cardíaco. Eu assisti isso acontecer." As mãos de Castor se fecharam em punhos. "E o que não consigo superar, o que não consigo aceitar, é que eu tinha o poder de curá-lo. Para salvá-lo. Mas naquela época. . . era muito novo. Pelo menos aprendi a invocar meu poder, mas controlando-o. . ."

Lore pressionou a mão no peito. Em sua mente, a imagem final que ela teve do corpo de seu pai trançado com os últimos momentos que ela imaginou para o de

Castor. Ela teve que fechar os olhos e respirar profundamente para não vomitar.

“Eu voltei para obter respostas,” ele disse a ela, sua voz tão intensa quanto seu olhar. “É

motivo suficiente para eu continuar vivo. Você não precisa se preocupar comigo.”

Lore tentou organizar seus pensamentos enquanto se abaixava para pegar um grosso livro encadernado em couro que havia caído de uma mesa próxima. Ela viu a porta com o canto do olho e Lore parou. Seu aperto no livro aumentou.

"O que está errado?" Castor perguntou, vindo em direção a ela.

“Os guardas,” ela começou. Eles deveriam ter ouvido ela e Philip brigando. Eles deveriam ter ouvido ela e Castor brigando. Eles deveriam ter ouvido Quíron do jeito que ele estava se comportando. Ela não deveria ter sido capaz de acertar um golpe nele sem que uma bala ou lâmina a cortasse. "Onde eles estão?"

“Nunca houve guardas, Melora,” disse uma voz áspera.

Philip se levantou, segurando a faca em uma mão e o ferimento na cabeça com a outra.

Ele avançou em direção ao novo deus.

“Sempre me lembrei de você como uma criança estúpida”, continuou Philip, “mas nunca pensei que você fosse tolo o suficiente para mostrar seu rosto aqui.”

“Engraçado,” Lore disse, “eu sempre me lembrei de você como um idiota, e eu definitivamente pensei que você seria tolo o suficiente para tentar matar seu novo deus.”

O arconte cuspiu nela. Castor deu um passo à frente, furioso.

“Saia agora,” Castor disse a ele. “Ninguém precisa saber o que aconteceu, e você não correrá o risco da maldição do assassino de parentes.”

“Eu me amaldiçoarei com prazer,” Philip disse a ele. “Eu vou recebê-lo, se isso significa que esta linhagem sobreviverá. Você sabe disso, assim como eu. Você é

patético demais para carregar o manto de Apolo e nunca terá o respeito dos Aquilides. Se eu soubesse o que seria de você, teria poupado a todos nós e te sufocado quando menino.

As palavras chegaram, um eco perfeito do que o próprio Castor havia dito. As mãos do novo deus se fecharam em punhos ao seu lado, mas ele não negou.

“Vou tentar protegê-los”, disse Castor.

"Experimentar?" Philip repetiu com escárnio. "Experimentar! Não pense que eu não sei que você planejou nos abandonar, deixar a cidade e sua linhagem para trás. Você sempre foi fraco, mas agora sua covardia egoísta envergonhou a todos nós.”

Castor se encolheu. Lore agarrou seu braço, esperando estabilizá-lo.

"Vou oferecer isso apenas uma vez", disse Philip. “Eu o libertarei desta vida com uma morte rápida e limpa. Você sabe que este é o único caminho. Experimentar? Você nunca será suficiente.”

Lore agarrou o livro com mais força, debatendo em qual ponto fraco da velha cabra ela deveria acertar. Ela viu o lampejo de medo no rosto de Castor - a preocupação de que o que Philip estava dizendo estava certo, e que ele não seria suficiente - e decidiu em dois golpes: garganta, depois lombos.

Philip se abaixou em posição de luta. “Eu nunca saberei como você, um filhotinho moribundo, matou um velho deus, mas tenho certeza de uma coisa: se eu permitir que você viva, você falhará com eles, e todos morrerão amaldiçoando você.”

Uma fina faixa de luz do sol cortou o tapete perto dos pés de Lore. Ela olhou para baixo, confusa, e errou a flecha que rasgou o coração de Philip.

O velho olhou para Castor, os olhos esbugalhados quando uma mão veio para tocá-lo. Ele estava morto antes mesmo de cair no chão.

Castor instintivamente se moveu para pegá-lo, mas Lore virou o olhar para cima, em direção à clarabóia aberta. Outra flecha apareceu na lasca de azul e foi lançada sem sequer um sussurro – rasgando o ar, voando direto para a nuca de Castor.

LORE TROPEU, BALANÇANDO O livro pesado no caminho da flecha.

Seus braços tremeram ao absorver o impacto do golpe. Em vez de saltar para longe, ou se prender na capa de couro, a cabeça de aço perfurou as centenas de páginas finas como bolacha e rasgou na parte de trás. Ele atingiu o batente reforçado da porta e finalmente parou.

O livro caiu de suas mãos.

"Volte", ela ouviu Castor dizer. Quando ela não se moveu, ele agarrou a frente de suas vestes e a girou atrás dele. Houve uma batida pesada contra o chão quando alguém pulou da clarabóia; sacudiu os móveis e as pernas instáveis de Lore.

Uma voz se ergueu como um vento frio da noite através das árvores. “Assassino de Deuses.”

A mulher — o ser — parecia ter sido esculpida na escuridão de uma selva antiga e profunda. O cabelo loiro da deusa estava emaranhado com folhas e preso em nuvens pálidas, quase brancas como a neve, ao redor de seu rosto manchado de sujeira. Mesmo entorpecida pelo sangue mortal, havia uma qualidade perolada em sua pele de marfim, como se ela irradiasse o luar.

Era Ártemis.

A deusa mostrou os dentes, mas o olhar de Lore fixou-se na forma como seus dedos estavam enrolados em garras ao redor de seu arco composto. Roubado de um caçador morto, provavelmente.

Quíron saltou da cama, rosnando. A deusa se virou enquanto ele se lançava sobre ela, seus olhos brilhando. O cachorro parou de repente, como se tivesse sido atingido por um dardo tranquilizante. Seu corpo relaxou quando ele rolou para o lado, expondo sua barriga macia para ela.

"Dama da Caçada", disse Castor, de forma neutra.

Artemis lançou-lhe um olhar maligno enquanto se aproximava. Cada passo revelava um novo e horripilante detalhe.

Não era sujeira no rosto da deusa, mas sangue seco. Tinha encharcado sua frente, salpicando o tecido azul-celeste de suas vestes. O olhar de Lore fixou-se na

aljava amarrada às costas da deusa – aquela presa no lugar com uma tira não de couro desgastado, mas de cabelo humano trançado. Todas as cores e texturas diferentes, todas pegajosas com sangue e manchas no couro cabeludo.

O estômago de Lore revirou violentamente.

Artemis ergueu o arco. Outra flecha já estava entalhada. “Você devia saber que eu viria atrás de você. Que eu caçaria você, na Casa de Hades, nas profundezas do Tártaro, em qualquer escuridão infernal que você esperava que o escondesse.

Sem pensar, Lore colocou uma mão de advertência no ombro de Castor e sentiu os músculos se contraírem em resposta.

"Por favor", disse ele. “Você não é meu inimigo, e eu não sou seu. Eu preciso te perguntar uma coisa. Se você estivesse lá naquele dia. Se você viu o que aconteceu.”

O olhar de Lore disparou para a porta trancada atrás deles, e ela sabia.

Ninguém está vindo, ela pensou.

Lore começou a vasculhar a sala com seriedade, seus olhos pousando em um espelho de chão. Ela poderia derrubar o vidro da moldura, usar os cacos. Tudo o que ela precisava era chegar perto o suficiente para cortar um dos tendões ou artérias da perna da deusa.

Isso pelo menos lhes daria algum tempo para escapar.

“Esperei sete anos por este momento,” Artemis ferveu. “A morte de meu irmão é sua ruína. Um destino maligno está sobre você agora, Godkiller. Quando eu terminar, não restará o suficiente de seu cadáver mortal para os pássaros carniceiros.

Os gêmeos tinham sido duas metades de uma alma, em constante fluxo e refluxo um ao redor do outro, como a noite mudando para o dia e o dia para a noite. Eles tinham zelosamente guardado e protegido um ao outro, raramente se separando no Agon se pudessem evitar. Agora a deusa parecia como se a morte de Apolo tivesse rasgado o último pedaço de sua sanidade. Seus olhos brilharam com as brasas de seu poder.

"Você estava lá?" Castor perguntou, uma nota de súplica em sua voz. "Me responda."

“Saia, garota,” a deusa disse, dirigindo-se diretamente a Lore. “Não tenho nada contra você. Ainda."

Lore sentiu as palavras como gotas frias em sua pele. Ela não entendia por que Castor ainda não havia atacado a deusa, por que ele continuava fazendo essa pergunta.

"Deixe-me tirá-la", disse Castor, caminhando lentamente para trás em direção à porta. —

Como você disse, você não tem nada contra ela.

Era uma paródia horrível da maneira como eles costumavam perfurar, espelhando os passos um do outro. Castor alcançou a flecha da deusa, estilhaçando a madeira do batente da porta, soltando-a. Quando ele voltou a mão ao seu lado, ele torceu o pulso para que a ponta da flecha apontasse para o cinto de ouro tecido – para a pequena faca que ele havia enfiado lá, contra a parte inferior das costas.

Lore respirou fundo, sabendo exatamente o que queria. Ela se aproximou dele, seus dedos enrolando ao redor do punho. Absorveu o calor de sua pele e agora queimou as pontas dos dedos.

“Você vai engasgar com seu próprio sangue antes que eu ouça outra palavra de você—”

Castor se inclinou para frente e Lore se moveu mais rápido do que ela já tinha feito em sua vida, deslizando a lâmina livre e jogando-a.

Ou porque a faca estava ligeiramente dobrada, ou porque Lore estava simplesmente sem prática, a lâmina se moveu mais para a direita do que ela pretendia. Ele girou em direção ao braço da deusa em vez de seu ombro. Artemis ergueu o arco para bloqueá-lo. A faca ricocheteou no chão, girando para longe.

Lore não ouviu ou viu a flecha até que a ponta da navalha estava assobiando no ar em direção a ela, mas ela já estava caindo, apenas registrando a força do empurrão de Castor um instante antes de atingir o chão duro.

O sangue escorria em seu olho de onde a ponta da flecha havia cortado ao longo de sua têmpora e couro cabeludo. Ela o jogou contra o ombro e se levantou, ignorando o olhar preocupado de Castor.

A deusa voltou-se para a cama, sibilando. Seus olhos caíram sobre Quíron, que tentou o seu melhor para espremer seu corpo maciço debaixo da cama para se esconder.

“Não,” Castor começou, “por favor—”

Quíron choramingou, então gritou como se ela o tivesse perfurado com uma lâmina. O

cão ficou rígido, seus pêlos se erguendo em espetos. Ele mostrou suas presas, e seu rosnado rolou pela sala como um trovão.

“Quíron, não,” Lore disse. "Não!"

O cachorro correu em direção a eles com um som diferente de tudo que Lore já tinha ouvido antes. Fios de cuspe voaram de seu focinho e boca espumante. Seus olhos brilhavam dourados com o poder da deusa e não havia consciência ali, nenhuma compreensão – apenas raiva.

Fome e raiva.

A VISÃO DE LORE DO cachorro desapareceu quando Castor se colocou entre ela e Quíron.

Uma explosão de poder explodiu de suas mãos estendidas, clareando o ar enquanto corria em direção a Artemis.

Lore jogou um braço sobre os olhos dela, protegendo-os. Cimento e tijolo se estilhaçaram e a parede do quarto rugiu ao ser explodida.

Em algum lugar próximo, Quíron choramingou. Lore sentiu cegamente por ele, agarrando sua pele e puxando-o para mais perto dela, atrás da proteção do corpo de Castor.

Tão rapidamente quanto tinha vindo, a imensa luz se foi. Lore baixou o braço. A sala esfriou ao redor dela quando o poder se desintegrou em faíscas quentes e

flutuantes.

Castor já estava no buraco fumegante na parede, com o rosto sério. Lore se levantou, cambaleando um pouco quando ela veio para ficar ao lado dele. Ela se inclinou sobre a borda do prédio, procurando o corpo.

Havia uma grande reentrância na tampa de uma lixeira onde Artemis a havia batido e rolado. A deusa estava de pé novamente, derretendo nas sombras das ruas laterais.

Gritos se ergueram de dentro da casa, perseguidos pelo guincho das sirenes de emergência.

“Você errou,” Lore disse com a voz rouca.

"Não", disse ele. "Eu não."

A mandíbula de Castor apertou novamente quando ele se virou para olhar para ela.

"Você está bem?" ele perguntou, passando um toque suave ao longo da borda externa do olho dela. Ela se afastou dele.

— Por que você não fez isso antes? Lore disse, sentindo como se estivesse ofegante por cada palavra.

Ele olhou para ela como se a resposta fosse óbvia. “Porque Quíron estava no caminho.”

O cachorro ganiu ao lado da porta do quarto, arranhando e cavando para sair.

"Artemis estará de volta", disse Lore. “De um modo geral, sempre que as aves carniceiras entram na conversa, geralmente implica um nível de certeza sobre o abate.”

“Não se preocupe comigo, Lore,” ele disse com um sorriso triste. “Eu não sou um cervo que ela pode correr para o chão.” Castor apontou para a parede que faltava. "E pelo menos eu vou vê-la chegando?"

“Um, não é engraçado.” Lore arrastou uma mão para trás pela bagunça

emaranhada de seu cabelo. “Dois, não foi isso que eu quis dizer.”

A porta sacudiu quando alguém bateu contra ela do outro lado. Lore se colocou na frente de Castor enquanto as fechaduras raspavam, ignorando um puxão muscular agonizante na parte inferior das costas, e o aviso vibrando em sua mente.

O que você está fazendo? ela pensou, furiosa consigo mesma. Você ainda pode sair se você passar pela clarabóia.

Athena precisava dela, e Lore precisava que Athena permanecesse viva. Ela tinha que encontrar um médico, ou algum tipo de centro de saúde não oficial para tratar quaisquer ferimentos internos que ela ainda tivesse - e logo, se eles quisessem pegar Wrath quando ele saísse do esconderijo para atacar Castor e os outros novos Deuses.

Caso . . . Lore roubou um olhar. A incerteza a agarrou. Ela não gostou da ideia de deixá-lo, mas o que mais ela poderia fazer? Tentar argumentar com Athena, mostrar a ela a lógica de aceitar a ajuda de um inimigo amargamente odiado? Lore teria uma chance melhor de acalmar Cerberus.

A porta de metal da sala se ergueu, permitindo que a de madeira se abrisse e batesse contra o reboco fumegante da parede próxima. Van pairou na porta, sua pele escura acinzentada e sua boca apertada com preocupação.

"Rícino?" ele chamou as nuvens de fumaça entre eles. Quíron passou por suas pernas, finalmente escapando dos escombros da sala. "Onde você está?"

“Aqui,” o novo deus respondeu.

Van girou em direção a eles, adaga na mão.

Castor estendeu um braço na frente dela. “Está tudo bem, Van. É apenas Lore.”

“Lore,” Van repetiu, tomando uma pequena respiração.

Lore viu a crescente acusação em seus olhos e se irritou com um aborrecimento familiar.

"Isso não é minha culpa", ela insistiu. Então ela acrescentou silenciosamente,

Por uma vez.

Van baixou a arma. "Como você chegou aqui?"

“Aqui está uma pergunta melhor,” Lore disparou de volta. “Como diabos Artemis fez? Por que a clarabóia não foi emparedada?”

“Ártemis?” Van olhou entre eles, as flechas perdidas, os móveis revirados e o buraco na parede. Seu olhar pousou na porta escondida, e o corpo de Philip se esparramou nas proximidades. “Algo me diz que ele não morreu valentemente defendendo você do ataque dela. . . ?”

"Não, ele não fez", disse Lore. “Ninguém sequer pensou em checar por entradas escondidas—?”

Van levantou a mão, parando-a. “Enquanto eu adoraria ficar aqui discutindo, há pelo menos duzentos Kadmides vindo nesta direção, e metade de nossos caçadores estão procurando por nossos mortos. Castor, você precisa sair. Agora."

O pulso de Lore saltou, mas seus pés ainda não se moviam.

Castor apertou a mandíbula. Uma sombra passou por seu rosto, e Lore só podia adivinhar que as palavras de Philip estavam tocando em sua mente novamente. Você falhará com eles, e todos eles morrerão amaldiçoando você.

Ele pode odiar os Achillides, ele pode odiar o Agon, mas ele não seria Castor se ele partisse sabendo que a morte estava chegando para eles e ele poderia evitar isso.

“Você não tem nada para provar a eles,” ela tentou.

“Eu não vou sair”, disse Castor. “Não importa o que eu penso deles, ou o que eles pensam de mim. Eu tenho uma responsabilidade para com eles.”

“Você é um completo idiota,” Lore perguntou seriamente, “ou a fumaça subiu para sua cabeça?”

“Encantador como sempre, Melora,” Van disse. “Atrevo-me a perguntar o que você está fazendo aqui? Você não o ajudaria antes.

"Eu vim para a comida", disse Lore. "Você?"

Mas mesmo assim, sua mente estava gritando para ela ir.

Você precisa sair antes que ele e suas serpentes cheguem aqui, ela pensou, um medo frio deslizando por ela. Você tem que voltar para Atena. Você tem que contar a ela sobre Hermes e Artemis e Tidebringer e Wrath. . . .

Van virou um olhar frio e avaliador para ela agora. Lore lutou contra o desejo de se esquivar daquele escrutínio ou exigir saber o que quer que estivesse procurando. Aquele olhar e aquela quietude, mesmo quando criança, sempre a fizeram se sentir barulhenta, suja e simples.

“Ela veio descobrir se sabíamos alguma coisa sobre outra versão do poema de origem, uma que pudesse explicar como ganhar o Agon”, disse-lhe Castor. “Alguém a avisou que é isso que Wrath está procurando.”

“Quem te disse isso?” perguntou Van.

"Esse é o meu negócio", disse Lore.

"Você não ouviu nada sobre isso?" Castor o pressionou. Lore sentiu um tipo estranho de culpa que, mesmo agora, ele ainda estava tentando ajudá-la, colocar suas necessidades em primeiro lugar, do jeito que ele sempre fizera.

Van balançou a cabeça. "Não . . . se — e quero dizer, se — existir, pode ser algo que as Odisséias conheçam. Eles têm os arquivos mais aprofundados de todas as famílias. Vou falar com minha fonte lá, mas você precisa ir, Cas. Imediatamente."

Merda, pensou Lore. Ela deveria ter pensado no arquivo de Odisseu — então, novamente, ela geralmente fazia questão de evitar pensar na Casa de Odisseu.

“Eu tenho o dever de ajudar esta linhagem,” Castor insistiu. “Ainda tenho algum senso de honra, aparentemente.”

“Sua honra seria adorável se não fosse tão estúpido,” Lore disse a ele. “A autopreservação é a primeira coisa que é tirada de você quando você perde sua humanidade, ou é bom senso? Esta cidade não mudou muito desde que você a deixou. Você sabe disso melhor do que a maioria dos caçadores por aí. O mais

seguro é se esconder e esperar as próximas cinco noites, ou ver se consegue chegar a um dos bairros mais afastados. Não é o ideal, mas pelo menos você não teria que se defender constantemente em duas frentes. A última coisa que você precisa fazer é ficar aqui e morrer por pessoas que—”

“Exatamente,” Van disse vindo para ficar ao lado dela. “É por isso que você vai com Melora.”

Levou um momento para Lore processar isso. "Espere o que? Não. Ele não pode vir comigo.

“Eu não vou”, disse Castor.

"Tem que ser você", insistiu Van, ignorando-o.

Lore ficou enojado. "Ainda ficando de fora de qualquer luta que você puder, eu vejo."

“Você sabe que isso não é verdade,” Castor disse a ela bruscamente.

Lore ficou aquecida, e se forçou a respirar. Sempre foi assim – mesmo quando criança, Castor tentava puxá-la de volta de qualquer borda, independentemente de ter ou não algo a ver com Van. A diferença era que agora ela era mais do que capaz de decidir quando pular. “Se eu quisesse uma bússola moral, teria parado em uma loja no caminho para cá.”

Ela não podia explicar tudo para eles, ela não podia contar a eles sobre o acordo que ela fez e administrar sua indignação, e ela com certeza não poderia trazer mais problemas para casa.

Van levantou a mão enluvada e inclinou a cabeça, estudando-a de uma forma que Lore odiava. Ela teve que resistir a se contorcer quando ele disse: “A verdadeira questão aqui é que você não acredita que pode protegê-lo, não é? Nunca te considerei covarde, Melora.

“Oh, vá para os corvos, Evander,” ela disse. “Já tenho problemas suficientes do jeito que está.”

Lore sabia que ele a estava provocando. Sabia que seu temperamento era rápido e seus arrependimentos após o fato muito tempo, mas havia algo sobre essa

palavra, covarde.

Não que ele a tivesse jogado nela como uma faca; já estava dentro dela como uma infestação dolorosa. Ao som de seu nome, ele começou a abrir caminho para fora.

Que todos os covardes sejam devorados pela vergonha, dizia sua mãe.

“Vocês dois vão me ouvir?” disse Castor. “Eu não posso sair. Recuso-me a transformar as palavras do velho em profecia. Minha linhagem me considerou um fracasso desde o dia em que nasci. Eu não estou prestes a provar que eles estão certos.”

Lore virou-se para ele, assustado com a veemência daquelas palavras. Até Van pareceu um pouco surpreso.

"Cas-" ela começou.

Os freios guincharam do lado de fora, o som seguido por motores acelerando e gritos dos níveis mais baixos da Thetis House.

As mãos de Lore enrolaram em seus lados, sua cabeça guerreando com seu intestino. A teimosia de Castor o mataria se ela o deixasse aqui. Tinha que haver uma maneira de fazer Athena ver a razão. E se não, bem, Lore tinha todo o caminho para casa para pensar em um plano reserva.

"Vá embora, Cas", disse Van.

Castor balançou a cabeça, aflito. “Eu não posso.”

"Você precisa", disse Van. Era o tom presunçoso de alguém que sabia que já tinha vencido a luta. “Você pode estar disposto a desistir de sua vida, mas eu sei que você não está disposto a arriscar a dela.”

Van acenou para Lore. Seus lábios se separaram em protesto, mas Castor respirou fundo e fechou os olhos.

"Van-" ele começou.

Mas o Mensageiro já havia encontrado o lugar certo para enfiar a lâmina. “Ela

não vai deixar você aqui agora, sabendo que eles estão vindo para matá-lo. Você vai arriscar que eles a encontrem?

Lore e Van trocaram outro olhar; ela leu o dele perfeitamente. Estou confiando-o a você.

Ela gemeu. “Se você vem comigo, nós vamos embora agora.” Lore enrolou o braço no de Castor e o puxou em direção ao buraco que ele explodiu na parede. — Não sei como vou fazer você atravessar a cidade sem deixar rastro...

— Pegue um táxi — disse Van. "Pagar em dinheiro."

Lore piscou. “Para que conste, eu teria pensado nisso eventualmente.”

Van voltou-se para o novo deus. Castor tinha inclinado seu corpo em direção à porta e o guincho de lâminas de metal se chocando. Passos soaram na escada.

"E você?" Lore exigiu.

“Venha conosco”, implorou Castor.

"Não até eu aprender tudo o que puder", disse Van. “Vou perguntar sobre o poema. Onde posso encontrá-lo quando acabar?”

A mandíbula de Lore apertou. Castor confiava nele, mas isso não significava que ela precisava. “Martha's Diner, Harlem. Espere aí."

Van assentiu, voltando para o corredor. As fechaduras se encaixaram, uma de cada vez. A porta de metal se abriu, cortando-os do resto da casa. Castor olhou para ele, os músculos de seus ombros se contraindo com seu horror e frustração.

Lore ficou impressionado com a velocidade dos segundos passando. "Vamos. Esta é uma luta que você não vai ganhar. Às vezes você tem que esquecer a honra—”

“Isto não é sobre honra,” ele disse a ela bruscamente. “É sobre as pessoas que estou deixando para morrer.”

Ela soltou o braço dele, sentindo como se ele a tivesse queimado com suas palavras.

Lore moveu-se para a borda da parede fraturada novamente, virando seu olhar para a lixeira.

“Merda,” ela jurou.

A queda já não era o seu maior problema. Caçadores usando máscaras de serpente dos Kadmides estavam se reunindo ao redor dos destroços da parede, olhando e apontando para cima. Ela se inclinou para trás, evitando uma flecha disparada de uma besta de metal. O bater das asas do helicóptero forçou sua atenção de volta para o telhado. O

trovão percorreu suas veias ao som dos passos pesados caminhando em direção à clarabóia aberta.

Castor estava de repente ao lado dela, estendendo os dois braços.

Ela levou um momento para entender exatamente o que ele queria.

"Você está brincando", disse ela.

"E você está com medo", disse ele. “Você acha que eu vou te derrubar?”

“Não, eu acho que vou fazer você raspar seu corpo mortal do cimento,” ela disse. "Você está falando sério? Estamos quatro andares acima.”

“Confie em mim”, disse Castor.

As vozes eram altas o suficiente agora para que ela pudesse distinguir fragmentos do que estavam dizendo.

“Ele está logo abaixo de nós. . . .”

Lore fez uma careta. "Se você me deixar, eu juro que vou voltar como um dos Keres e deixar você nada mais do que cinzas e sangue."

Castor assentiu, sua expressão sombria. “Eu definitivamente deixaria você tentar.”

Lore relutantemente se aproximou dele, ficando na ponta dos pés para colocar um de seus braços em volta do pescoço de Castor. Ele se abaixou, levantando-a

com irritante facilidade, seus próprios braços fortes envolvendo seus ombros e sob seus joelhos sem o menor estremecimento de esforço.

Castor olhou para o rosto dela. "Preparar?"

Ele não esperou por sua resposta enquanto se aproximava da borda da parede. Cordas caíram de ambos os lados da parede e a última coisa clara que ela ouviu foi uma voz profunda e familiar rosnando: “Leve-o! Não o deixe escapar!”

Castor liberou uma mão e enviou uma rajada de poder nos caçadores que escalavam as paredes por baixo e atiravam nele do chão.

Lore se virou, pressionando o rosto contra o ombro de Castor enquanto o fedor de cabelo queimado, pele e metal inundou suas narinas.

"Preparar?" ele perguntou novamente.

Ela assentiu. Então Castor a apertou com mais força, agarrou uma das cordas penduradas e deu um passo no ar.

A queda roubou várias batidas do coração de Lore, e pareceu arrancar o oxigênio de seus pulmões. Foi a única razão pela qual ela não gritou.

Castor grunhiu quando a corda deu um puxão forte, parando-os. Os olhos de Lore se abriram. Eles aterrissaram na pilha de lixo derretida e fumegante que uma vez foi a lixeira.

"Você está bem?" ela engasgou, arrastando-se para fora de seu aperto. A mão de Castor foi esfolada pela queimadura da corda. Ele fez uma careta quando um brilho emanava ao redor de sua palma e a pele se consertava.

Lore deu um grande salto para evitar os corpos carbonizados que os cercavam. "Vamos -

Cas!"

Castor olhou para trás uma última vez, mesmo quando balas e flechas choviam novamente de cima deles.

Lore agarrou o pulso de Castor, arrastando-o para longe do prédio, e não o soltou

até que ele acompanhasse seu ritmo. Ela o levou de volta ao redor das outras lixeiras, através da cerca, em direção à garagem – um dos milhares de segredos que haviam unido suas vidas.

“Não me perca de vista,” Lore avisou. “Eu não vou parar por você.”

"Vou fazer o meu melhor para acompanhá-lo", disse ele, ainda visivelmente chateado.

Lore aceitou um impulso dele na janela do poço do elevador, então se virou, oferecendo-lhe uma mão em troca. “Eu definitivamente vou deixar você tentar.”

Ele pegou, embora ela soubesse que ele não precisava, e eles partiram novamente.

O sangue de Lore correu por seu corpo enquanto eles corriam, ganhando vida com a onda de calor através de seus músculos e o ritmo familiar dos passos de Castor, logo atrás dela. A antiga rota oculta ainda os esperava, como se nunca tivessem partido e nunca tivessem perdido um ao outro.

Naquele momento, o passado se tornou o presente, e o presente, o passado, e eram apenas os dois nas sombras de sua cidade, do jeito que sempre foi.

Do jeito que deveria ter sido para sempre.

O CALOR DO VERÃO PERMANECEU na cidade, extraindo os piores cheiros que Manhattan tinha a oferecer. Enquanto seguiam para o oeste, em direção ao Hudson, Lore sentiu como se estivesse presa dentro de um saco de lixo úmido.

Ela tirou a capa do caçador, mas Castor era outra história. Nova York era uma das poucas

cidades em que um homem em trajes antigos completos não seria a terceira coisa mais estranha que as pessoas viam durante o dia. E, no entanto, tudo nele, da altura ao físico e ao rosto, conspirava para chamar a atenção.

Lore instruiu o taxista a deixá-los a poucos quarteirões de sua casa. Ela ainda tinha o dinheiro da luta no bolso e lutou para separá-lo, contando a tarifa de sua pilha cada vez menor de vinte. Ela não tinha certeza do que estava mais ansiosa – ser vista por uma das linhagens, ou a reação que ela teria ao entrar pela porta.

Castor não disse uma palavra desde que deixaram a Casa Thetis. Ele não precisava.

O pulso da cidade diminuiu com o final da tarde. De vez em quando eles passavam por alguém no caminho para o supermercado ou lavanderia, ou crianças saboreando o jato de um hidrante aberto, mas enquanto ela os apressava, Lore estava aliviada por não ver ninguém que ela conhecia. Quanto menos mentiras ela tivesse que inventar, melhor.

Um pouco da tensão dolorosa sangrou do rosto de Castor enquanto ele observava Lore se abaixar para pegar bolsas Duane Reade perdidas que esvoaçavam pela calçada como fantasmas sem rumo.

"O que?" ela perguntou, defensiva. “Não gosto de lixo.”

Ela sempre cuidaria do bairro que cuidara dela. Era parte do contrato que vinha sendo um nova-iorquino.

Lore sentiu Castor observando-a novamente enquanto eles dobravam outra esquina. Ela avistou Bo, o Gato da Bodega, esperando em seu banco habitual, mas apressou Castor pela frente da loja para evitar que o Sr. Herrera a visse ensanguentada e coberta de poeira e resíduos de fumaça.

Lore hesitou quando eles se aproximaram da casa de Martha.

“Vamos,” ela disse a ele, levando Castor até a porta lateral. Ela bateu, tentando manter um olho na rua ao redor deles.

Demorou alguns minutos, mas o rosto de Mel apareceu atrás da porta quando ela se abriu. Seus olhos se arregalaram em choque com a aparência de Lore.

Lore deu a ela um sorriso esperançoso.

“Eu pensei que você fosse minha entrega de frutas. Você está bem? O que aconteceu?"

Mel piscou quando finalmente viu Castor. "Um oi."

“Acidente de bicicleta,” Lore mentiu. “Eu comi terra quando colidi com ele. Você se importa se usarmos o banheiro para limpar? Você conhece Miles, ele vai

surtar se me ver assim.

"Claro." Mel os conduziu para dentro, passando correndo pela cozinha, onde Joe, o cozinheiro do restaurante, estava começando os preparativos para a multidão do jantar.

“Aqui, use o de trás. Tem certeza de que não deve ir ao hospital?

“Nós dois estamos bem,” Lore prometeu enquanto fechava a porta do pequeno banheiro

atrás deles. “Obrigado por isso.”

"Sim . . .” Mel disse, sua testa franzida. "Ligue se precisar de alguma coisa, me ouviu?"

Castor esperou até que Lore estivesse na pia, jogando água no rosto, para perguntar:

“Quem é Miles?”

Ela olhou para ele por baixo da toalha de papel que estava usando para enxugar o corte na testa. “Amigo e companheiro de quarto.”

O novo deus assentiu, recostando-se na porta. Ele a observou silenciosamente, e Lore se perguntou se ela já tinha estado tão ciente de outra pessoa fora de uma briga em toda a sua vida. O tamanho dele, sua presença imensa e pura, dominava o pequeno espaço.

Ela olhou para ele no espelho, percebendo sua expressão perturbada e os restos esfarrapados do que uma vez foram vestes luxuosas.

“Não é sua culpa,” ela disse a ele. “Você tinha que ir.”

"Eu?" ele perguntou baixinho.

“Você não é bom para eles mortos,” Lore o lembrou.

“Acontece que”, disse ele, “aparentemente não sou bom para eles.”

Lore jogou sua toalha de papel molhada em seu rosto. Ele se assustou, olhando

para ela em choque.

“Você é a melhor coisa a sair da Casa de Aquiles,” ela disse a ele. “Talvez a única coisa boa. Às vezes você só precisa sobreviver para lutar outro dia. Até eu sabia que essas chances eram ruins, e você sabe como me sinto sobre fugir de uma luta.”

Ele suspirou, descansando a cabeça contra a porta. “Eu fui fraco toda a minha vida. E

quando finalmente consegui o poder, quando finalmente me tornei forte...

Lore o cortou. “Você é a pessoa mais forte que eu já conheci. Sempre foram.”

"Agora eu sei que você está mentindo", disse ele. “Eu mal conseguia acompanhar você na maioria dos dias.”

Ela lutou para controlar o calor crescente em suas palavras. “Você é a pessoa mais forte que eu já conheci, Castor Achilleos, e não foi por causa de quão rápido você correu ou quão forte você bateu. Foi porque mesmo quando você foi derrubado de costas, você lutou para se levantar. Você tem que fazer isso de novo agora. O que quer que você esteja sentindo, você tem que deixar no tatame e se levantar.”

Lore deixou o incidente com Philip passar por causa do caos que veio depois, mas ela não esqueceu.

“Você tem que ficar vivo,” ela disse a ele. “Se você quer ajudá-los, você tem que viver.”

O rosto de Castor era tão bonito que era quase doloroso olhar. Então ela não o fez.

"E você?" ele pressionou. "É isso que você está fazendo - voltando para o Agon depois de escapar dele?"

"Isso é rico vindo de alguém que queria me trazer de volta para si mesmo", ela disse a ele.

“Foi um erro,” ele disse a ela. "Você estava fora. Eu deveria ter deixado você

ficar lá, mas eu fui egoísta e queria ver você. Eu precisava saber que você estava vivo. Mas se eu sou a razão pela qual você teve essa ideia de ir atrás de Wrath em sua cabeça. . .”

Lore não disse nada. Ela não podia, não com a mandíbula tão apertada.

“Seus pais não querem que você os vingue, e eles não querem que você fique preso no inferno de ser imortal. De ser caçada,” Castor disse a ela. “Eles querem que você viva uma vida livre e plena.”

Um formigamento frio subiu das pontas dos dedos de Lore e se espalhou por todo o seu corpo. Sua respiração engatou enquanto ela lutava pelas palavras contra a onda familiar e esmagadora que subia nela. “Você não tem ideia do que está falando. Eles merecem descansar. Eles merecem... Eles foram... Foi um erro.

As palavras pareciam lentas, quase letárgicas em comparação com a velocidade de seus pensamentos. Castor colocou a mão em seu ombro. Lore tentou ignorar, dar um passo para trás, mas a memória dos rostos de suas irmãs surgiu em sua mente. A forma como eles pareciam quando ela os encontrou. . .

“Lore?”

“Eu estou—está tudo bem. Eu estou bem,” Lore conseguiu sair. Seu pulso batia forte e rápido, até nublar sua visão com preto. Ela tentou respirar através dele, tentou se lembrar onde estava, mas tudo o que conseguia ver eram Olympia e Damara, os buracos escuros onde seus olhos haviam estado. O sangue ainda molhado em suas bochechas, como lágrimas.

Não agora, ela pensou, as palavras espiralando, gritando, não agora, ela tinha que se manter unida. A pressão estava crescendo dentro dela de novo, a tensão tornando-a frágil. Lore não conseguia encontrar o caminho para sair da escuridão que crescia ao seu redor.

“Você já ouviu aquela sobre as tartarugas na Broadway?”

As palavras atingiram sua mente como uma tocha no escuro, repentinas e brilhantes, interrompendo seus pensamentos.

"Eu tenho . . . que?" ela perguntou, piscando para limpar sua visão.

“O show das tartarugas na Broadway,” Castor disse suavemente.

Lore ainda não entendia. "Não, do que você está falando?"

"Mesmo?" ele disse, seu olhar ainda fixo nela. “Porque foi um desabafo”.

A pressão diminuiu, saindo de seus ombros e peito até que ela pudesse respirar fundo o suficiente para bufar.

Lore olhou para seus pés, para o velho azulejo embaixo deles, e tentou esconder seu constrangimento. Gil costumava contar histórias sobre sua vida como professor, as travessuras de seus ex-alunos ou suas extensas viagens pelo mundo em tons baixos e suaves até que ela voltasse a si. Eles bebiam chá e conversavam, tanto quanto Lore era capaz.

Mas ela não queria falar sobre isso agora. Castor, pelo menos, parecia sentir isso.

“É fácil ficar exasperado ao lidar com imortais,” ele disse simplesmente.

"Conte-me sobre isso", disse ela quando ela confiou em sua voz para ser firme. “Vocês são mais problemas do que valem a pena.”

"Absolutamente", ele concordou.

“A propósito, essa foi uma piada terrível.”

"Não se preocupe", disse ele. “Tenho sete anos guardados.”

"Isso é uma ameaça?" ela perguntou.

O ar aqueceu ao redor dela. Essa foi a única razão pela qual sua pele se aqueceu com o sorriso que ele enviou.

Houve uma batida forte na porta. "Querida? Tem alguém aqui perguntando por uma garota que se parece muito com você. Ele é alto, Black, parece que saiu de um anúncio de colônia...

Lore e Castor trocaram um olhar surpreso. Van tinha se movido rápido.

“Você pode mandá-lo de volta?” perguntou Lore. "Desculpe. Eu prometo que estaremos fora de seu cabelo em breve.”

"Você quer algo para comer antes de ir?" perguntou Mel. “Algo para levar com você?”

“Panquecas?” Castor perguntou, antes que Lore pudesse detê-lo. Ela deu-lhe um

olhar, mas ele olhou de volta para ela, sem vergonha.

"Sem problemas", disse Mel.

O novo deus se virou na pia, jogando água no rosto e nos braços. Lore abriu um pouco a porta do banheiro e a fechou novamente quando viu que era, de fato, Van vindo em direção a eles. Ele estava vestido com jeans e uma bela camisa de linho, as mangas arregaçadas. Por um momento, ela se perguntou como ele tinha feito todo o caminho até a cidade sem uma ruga ou mancha de suor.

Van se abaixou para dentro do banheiro, o alívio tomando conta de suas feições.

"O que aconteceu?" perguntou Castor. "Você está bem?"

— Estou bem — disse Van, embora parecesse inquieto. "Eu saí. Assim como alguns dos outros. Estou esperando notícias de nossos caçadores que foram procurar os corpos."

Ele entregou a Castor a sacola plástica que estava segurando. "Aqui, para você se trocar."

Castor puxou um par de tênis, shorts de basquete e uma camisa esportiva. "Nike?

Mesmo?"

"Você não é exatamente fácil de comprar," Van disse a ele, gesticulando para o tamanho de Castor. "Era a única coisa que eu sabia que se encaixaria. Além disso, poderíamos usar uma pequena vitória do nosso lado."

"Você conseguiu entrar em contato com as Odisséias?" perguntou Lore.

Van balançou a cabeça. "Ainda não."

"Passe-me suas roupas velhas quando terminar com elas," Lore disse a Castor enquanto ela abria a porta do banheiro e saía.

"Por que?" Van perguntou bruscamente. "O que você vai fazer com eles?"

"Van", disse Castor, sempre o pacificador entre os dois. "Está tudo bem."

“Estou me livrando deles de uma maneira que confundirá os caçadores e seus cães de rastreamento,” Lore disse a ele. “Essa resposta é boa o suficiente para você?”

Ela não se incomodou em ter certeza de que era. Como prometido, Castor passou a ela o conjunto antigo quando se trocou.

“Eu estarei de volta em alguns minutos,” ela disse a eles. “Não vá embora.”

Lore rasgou o tecido quente e manchado de sangue em tiras menores e as distribuiu em latas de lixo, sofás deixados no meio-fio, em pontos de ônibus e no metrô, fazendo um círculo tão amplo ao redor de sua vizinhança quanto se atrevia. Quando ela voltou, Castor e Van estavam no corredor dos fundos da lanchonete; o Mensageiro estava andando de um lado para o outro, o novo deus saboreando cada pedaço de panqueca que colocava na boca.

"Finalmente!" disse Van.

“Vamos,” ela disse, então, chamando para a frente do restaurante, acrescentou:

“Obrigada, Mel! Devo-lhe!"

"Onde estamos indo?" Van perguntou assim que eles voltaram para a rua.

Lore se forçou a parar. Esta não era uma conversa aberta. “Nós vamos para minha casa.

Mas você vai ter que me ouvir com muito cuidado e fazer exatamente o que eu digo quando chegarmos lá.”

"Por que?" perguntou Van. "Porque se quebrarmos suas regras, você vai nos expulsar?"

“Não,” Lore disse calmamente, “porque, se você não fizer isso, o deus que já está na casa

vai matar vocês dois.”

Castor engasgou com a comida, batendo com o punho no peito.

“Certamente, eu apenas ouvi você mal. . .” Van começou. "Certamente."

“Agora você vê por que eu não achei uma ótima ideia Cas vir comigo?” ela perguntou.

“Quem—” Van começou. Seus olhos se arregalaram quando ele respondeu sua própria pergunta. "Não. Eu não posso acreditar nisso. Ela nunca procurou a ajuda de um mortal antes. . . .”

“Ela nunca precisou da ajuda de um mortal antes”, disse Castor, jogando o resto de sua refeição na lixeira. "O que aconteceu?"

“Wrath veio atrás dela e de Artemis,” Lore disse, mantendo sua voz baixa. “E Artemis decidiu atrasá-la da melhor maneira que sabia. Lâmina no estômago.”

"Droga", disse Van, em leve apreciação.

“Eu a encontrei na minha porta,” Lore continuou. “Aparentemente, ela me acompanhou ao longo dos anos e apostou se eu a queria morta ou não.”

Van abriu a boca para falar novamente. Fechou. Deu-se um momento para pensar.

"Eu vim para encontrá-lo porque pensei que você tinha terminado seu treinamento de curandeiro", disse Lore a Castor. “Eu parei a perda de sangue, mas ela está em má forma.”

— E por que você se importa? perguntou Castor. “Ela é uma cobra. Deixe-a morrer, se ela já não morreu.

Lore olhou para baixo. "Ela ainda está viva. Eu sou positivo."

Van também não sentiu falta disso.

“Você não fez,” ele começou lentamente. "Diga-me que você não era tão estúpido."

“O que mais eu deveria fazer?” Lore exigiu.

“Deixá-la morrer?” Van sugeriu. “Sorria de satisfação ao saber que um caçador

não reivindicaria seu poder?”

"Eu não estava sozinho quando a encontrei", disse Lore, ouvindo a forma como sua voz se elevou. “E ela me ofereceu algo que eu queria.”

Um momento depois, Castor também descobriu. A cor se esvaiu de sua pele bronzeada, ou de raiva, ou medo, ou ambos. “Você ligou seu destino ao dela? O que diabos ela te prometeu para fazer você concordar?

Ela pensou em mentir, mas parecia inútil, dado o perigo que corriam agora. “Ela prometeu matar Wrath.”

Ambos olharam para ela, em silêncio.

"Ah", disse Van. "Bem, isso é ótimo. Além, claro, de você morrer se ela morrer durante uma semana quando esse é o objetivo principal de quase mil pessoas. Caso contrário, um plano estelar, Melora.

“Eu não preciso de um sermão,” Lore retrucou. “Eu fiz uma escolha e estou vivendo com ela.”

"Eu vou dizer", disse Castor, as palavras ondulando com frustração. "Mostre-nos o caminho para sua casa, então."

"Você ainda quer vir?" ela perguntou.

O olhar que ele enviou a ela cortou Lore ao máximo. “Eu deveria apenas deixar você morrer? Você queria que eu a curasse, então eu a curarei.

Ela se virou rigidamente, deixando-os trocar seus olhares pelas costas dela. Quando Lore teve certeza de que eles não estavam sendo observados por nenhum caçador na rua, ela os levou para a casa da cidade em silêncio.

"É isso", disse Lore. “Nós entraremos pelo porão. Isso vai tirar você da rua e me dar tempo para prepará-la.

Havia uma chave extra escondida atrás de um dos tijolos da fachada da casa. Lore a pegou com um suspiro suave. "Apenas fique atrás de mim, tudo bem?"

Ela conduziu os dois para o porão lotado, trancando a porta atrás deles. Castor e

Van olharam ao redor, observando as pilhas de caixas e banheiras de plástico.

“Essas coisas são todas suas?” perguntou Van.

"Você é sempre tão intrometido?" Lore lamentou. "Não. E antes que pergunte, herdei a casa do homem para quem trabalhei como zelador. Gilberto Merrit.”

"Você era o zelador de alguém?" Van disse incrédulo. "Você?"

"Van", disse Castor. "Não."

Pela primeira vez, Lore manteve sua resposta afiada para si mesma. Ela se virou para a escada que levava à casa e gritou: “Sou eu!”

Castor fez menção de segui-la. Lore estendeu um braço, bloqueando-o. Van, pelo menos, teve o bom senso de ficar para trás.

"Você precisa esperar", ela sussurrou. “Apenas me dê alguns minutos para apagar preventivamente o fogo que sua presença vai causar.”

Fogo era muito provavelmente um eufemismo, dado o vislumbre de gelar o sangue que ela teve dos sentimentos do velho deus em relação aos seus homólogos mais novos. Ela subiu as escadas correndo, dando a Castor um último olhar significativo para ficar antes de abrir a porta e dizer em voz alta: “Estou entrando”.

Aconteceu tão rápido que o tempo se dividiu em instantâneos. Um, Miles e Athena parados perto da lareira da sala, a televisão ligada atrás deles. Dois, Athena alcançando algo encostado na parede. Três, seu rosto endurecendo com um rosnado e seu braço esticando para trás. Quatro. . .

Algo longo e fino voou de sua mão, assobiando enquanto cortava um caminho ousado pela sala. Lore saltou com um suspiro assustado, mas a arma nunca foi destinada a ela.

Castor pegou a lança pouco antes dela se alojar em seu coração.

O chiclete que Miles estava mascando caiu de sua boca aberta.

"É . . . essa é minha vassoura?” Lore ofegou. O corpo de madeira da lança era de

um verde distinto, usado nos lugares onde deveria ser empunhada.

Ela olhou para Miles, tanto para confirmação quanto para garantir que ele estava bem.

Sua boca se esticou em um ricto dolorido.

"Sim, é", disse ele entre os dentes cerrados. “Ela é muito engenhosa.”

O calor ardeu à sua direita. O poder de Castor aumentou ao longo da arma improvisada até que a madeira se transformou em cinzas em sua mão. Seu olhar feroz e sem piscar nunca se afastou do de Athena.

“Essa era minha vassoura,” Lore disse tristemente.

“Assassino de Deuses!” A sala vibrou com a palavra estrondosa. Atena estendeu a mão para trás dela mais uma vez, procurando outra lança grosseiramente formada.

Lore recuou entre os dois deuses, estendendo as mãos. “Pare, pare com isso!”

“Você se atreve a trazer isso. . . esta abominação aqui, neste santuário?” Atena rosnou.

"Bem, é o meu santuário, então sim", disse Lore. “Ouça...”

“Isso não fazia parte do nosso acordo, Melora.” Athena não precisou gritar para enfiar suas palavras como um machado no crânio. “Você jurou lealdade a mim.”

"Ele está aqui para curá-lo", disse Lore, tentando uma tática diferente. “Ele vai nos ajudar.

É uma estratégia. Achei que você gostaria disso.”

“A menos que você o tenha trazido aqui para eu matar, não vejo estratégia,” Athena rosnou. “Eu ouvi, pretendente, que mesmo com o poder de Apolo você não poderia manifestar uma forma corpórea. Que você desperdiçou os últimos anos patéticos que lhe foi concedido vacilando como um filho de um ano perdido.

Foi só quando Miles olhou de um para o outro, visivelmente ansioso, que Lore percebeu

que todos estavam falando na língua antiga.

“Bem, eu nunca transformei um artesão habilidoso em um aracnídeo, joguei uma criança de uma montanha, ou amaldiçoei alguém em uma vida inteira de ter seu fígado bicado por uma águia”, disse Castor, “então eu suponho que ainda tenho algumas coisas para aprender sobre ser um deus.”

Athena não era mais aterrorizante quando sua pele estava corada de fúria, ou ela estava rosnando promessas mortais. Foi em momentos como este, quando seus olhos esfriaram e seu corpo ficou imóvel com a confiança de um predador de que nada escaparia. A mão de Castor pousou no ombro de Lore, como se quisesse afastá-la gentilmente.

Ela o empurrou e falou em inglês, pronunciando cada palavra. "O suficiente. Não temos tempo para isso.”

Lore aproximou-se lentamente de Athena, olhando para a lança que, ao que parecia, havia desfrutado de uma vida curta como seu esfregão. “Eu preciso te contar o que aconteceu.

Precisamos da ajuda dele.”

“Eu não preciso da ajuda dele,” Athena resmungou. “Os outros...”

Lore puxou a única carta que mais importaria para a deusa, e a colocou sem uma única palavra para amolecê-la. “Hermes está morto. Wrath o matou durante o Despertar.”

Foi Miles quem reagiu, ofegando um “O quê? Mesmo?"

Athena apenas olhou para Lore, como se esperasse que a mentira se transformasse em pó a seus pés.

“Impossível,” ela disse, finalmente.

“Ele está morto”, confirmou Castor. “Tidebringer também.”

Van se amontoou atrás deles nas escadas.

“Ele fala a verdade, Deusa,” ele disse, finalmente, principalmente em reconhecimento.

“Nós dois viemos aqui não como seus inimigos, mas como aliados.”

Lore sentiu um pouco de satisfação quando a deusa o avaliou com a mesma intensidade que Van fazia com os outros. Talvez por isso, ele escolheu se concentrar em outra pessoa.

"Quem é Você?" Ele demandou.

Miles se endireitou quando o olhar de Van caiu sobre ele, suas orelhas bordadas de rosa.

“Oi, eu sou Miles. Quero dizer, sou colega de quarto de Lore. E amigo.”

“Eu sou Castor,” o novo deus disse. “Este é Evandro. . . Furgão."

A mochila de couro aerodinâmica de Van parecia a concha de um besouro. Ele ajustou suas alças, dando a Lore um olhar de soslaio. "Que diabos você está pensando, trazendo

um Unblooded para isso?"

Miles recuou à beira da fria desaprovação nas palavras de Van.

A raiva de Lore, porém, ainda estava muito perto da superfície. “Ele estava comigo quando a encontrei. Caso você tenha perdido o controle sobre isso, deixe-me lembrá-lo –

o mundo real não funciona como as linhagens. Você pode escolher como viver sua vida quando está do lado de fora.”

“Posso ser novo em tudo isso, mas não sou inútil”, disse Miles. “Que tal você me conhecer por mais de dez segundos?”

"Eu não preciso de mais de dez segundos", disse Van.

As mãos de Lore se fecharam em punhos ao seu lado. Ela já tinha lutado com o

pensamento de Miles sendo arrastado para o Agon, mas a condescendência contida naquelas palavras – como se ela o tivesse colocado em perigo intencionalmente, como se Miles não fosse nada – a enfureceu.

“Van,” Castor disse, seu tom de repreensão.

Evander Achilleos crescera em uma elegante casa em Londres e fora criado por pais que falavam com sotaque lapidado e comiam suas refeições em porcelanas ornamentadas com ouro, mas você nunca saberia disso naquele momento. O punhado de vezes que seus pais o trouxeram para Nova York em viagens de negócios e ele treinou na Thetis House ou se juntou a Lore e Castor no Central Park, ele pelo menos foi educado - mesmo que estivesse claro que ele não suportava Lore, por qualquer motivo.

Ele não tinha ideia de quem era Miles, e ele com certeza não tinha ideia de quem Lore se tornou.

“Eu gosto deste mortal,” Athena disse ao lado de Miles. "Ele fica."

Lore olhou para a mão protética de Van, sua postura rígida enquanto a mantinha perto de seu estômago.

"O que você vai dizer à família dele quando você trouxer o corpo dele de volta para eles?"

Ele perguntou a ela.

"Nossa", disse Miles. “Estou bem aqui.”

"Se você vai insultar meu amigo, você pode ir embora", disse Lore. Seu olhar se desviou para Miles, para ver como ele havia entendido as palavras de Van. Em vez de medo, ela viu um desafio aberto - o tipo anteriormente reservado apenas para testemunhar estranhos roubando táxis de outras pessoas e o preço do kimchi na bodega.

O olhar longo e frio de Athena finalmente se afastou de Van. "Diga-me como você tem certeza de que Hermes e o impostor Poseidon estão mortos."

Van respirou fundo. “Eu capturei a filmagem – eu vi com meus próprios olhos. O novo Ares, Wrath, matou Hermes no parque e deixou seu corpo lá. Alguns de

seus caçadores —

os Kadmides — levaram Tidebringer com eles quando saíram do parque. Minhas fontes na Casa de Teseu confirmaram que ela foi mais tarde morta por Wrath em seu complexo atual.”

A deusa era tão rígida e reta quanto a arma em sua mão. “E você acredita nisso. . .

fontes?"

“Sim,” Van disse simplesmente. “Porque eles sabem o que eu faria com eles se mentissem.”

"Sua irmã ainda está viva", acrescentou Lore. “Isso, eu testemunhei em primeira mão. Ela atacou Castor em um dos complexos de Achillides.

As narinas de Atena se dilataram. “Como é seu direito. Ela não vai parar até que o impostor esteja morto.”

“Fantástico,” Lore disse severamente.

“Sua presença garante que minha irmã nos encontre mais cedo do que eu previa”, disse Atena, acenando para Castor. “Nada está além da ponta de sua flecha.”

“Você tem medo dela?” perguntou Lore. Por mais que ela quisesse atrair a deusa, havia uma parte dela que realmente se perguntava se um ser como ela era capaz de ter medo.

Ter medo era aceitar que você não era infalível.

“O medo é uma terra estrangeira que nunca visitarei e uma língua que nunca passará pela minha língua”, disse Atena. “Onde estavam os descendentes do divino Aquiles para protegê-lo?”

O olhar de Castor se estreitou. “Preocupado com outros assuntos.”

“E ainda assim você está aqui, sozinho, longe da proteção deles”, disse Atena. Ela tinha a imagem completa em meros segundos.

Castor avançou, levantando um punho, mas Lore o segurou novamente. “O complexo foi atacado pelos Kadmides. Wrath tentou recrutar os Achillides enviando um aviso a Castor.

Os descendentes de Teseu já se alinharam com os Kadmides e o servem.”

“Então eles desonram seu ancestral,” Athena disse, seu lábio se curvando em desgosto óbvio. “Quantos Achillides permanecem vivos e livres do controle de Wrath?”

Tanto Lore quanto Castor se voltaram para Van com expectativa.

"O número é irrelevante", disse ele cuidadosamente, evitando o olhar de Castor.

Tão ruim, hein? Lore pensou.

“Quantos nos restam?” As palavras de Castor rolaram pela sala silenciosa como uma nuvem de tempestade, escurecendo-a.

O peso da palavra parecia insuportável na língua de Van. Caiu no silêncio pesado como um escudo de bronze. “Vinte e sete.”

Lore observou Castor processar esse número. Os tendões em seu pescoço incharam quando ele se virou e apoiou as mãos nas costas de uma das poltronas aladas.

“Com quantos você começou este Agon?” Athena pressionou, sem se preocupar em esconder seu prazer.

“Há trezentos e setenta e oito caçadores da Casa de Aquiles na cidade neste ciclo,” Van disse, sua voz distante. “Quase cem foram mortos na Casa Thetis quando os Kadmides a invadiram. Os traidores se juntam a quase quinhentos Kadmides e toda a Casa de Teseu, que na última contagem era de quatrocentos e trinta.”

"Eu preciso curar os sobreviventes", disse Castor, sua voz tensa.

“Não, você precisa ficar aqui,” Van disse a ele. “Eu trouxe suprimentos para eles. Eles têm pelo menos um curandeiro.”

“Van—” Castor começou.

"Eu sei", disse Van. “Eu sei que você quer ajudar, mas não pode. Não agora. Wrath está fora para matar todos os outros deuses e combinar as linhagens em uma força sob ele.

Ele não vai parar de caçar você até que ele mesmo seja morto, então essa tem que ser nossa prioridade. Se você morrer, os Achillides restantes estarão à sua mercê. Diga-me que você entende isso.”

Os ombros de Castor caíram. "Eu faço."

À menção do desertor Aquilides, o escárnio tornou as feições perfeitas de Atena monstruosas. “Nossa, como o rebanho foge para o abrigo de um protetor melhor.”

Castor se virou, sua expressão selvagem de dor e raiva. — Você saberia algo sobre isso, não é?

Athena ergueu-se em toda a sua altura, encontrando-o cara a cara. Lore conteve um ruído de frustração.

“Vocês dois vão ter muito tempo para sangue e trovões e competições de olhares quando ambos estiverem felizes e imortais novamente,” Lore disse. Ela se virou para Atena.

“Aqueles eram caçadores que teriam seguido Castor e nos ajudado. Agora vamos ter que lidar com um círculo maior de proteção em torno de Wrath e mais caçadores nas ruas procurando por você.

“Eu nunca me acovardarei diante da lâmina de um impostor, nem recuarei de um juramento obrigatório. Eu lhe digo agora, como já disse antes, o pretendente de Ares morrerá pelas minhas mãos. Não preciso de ajuda.”

"Sim, você tem", disse Lore. “Tome isso de um mortal que teve seu quinhão de ferimentos. Tudo o que fiz foi parar o sangramento. Se você concordar com essa aliança, ele o curará e restaurará sua força. Você não vai precisar perder dias descansando.”

“Talvez eu deixe o falso Ares fazer o trabalho de eliminar meus rivais para

mim”, disse Atena, “antes de tirar sua vida e terminar esta caçada de uma vez por todas.”

Lore não era um tolo; ela sabia que qualquer parceria entre os deuses só duraria até o final deste Agon, e que eventualmente Athena e Castor ficariam entre si e a libertação total da caçada. Isso estava apenas atrasando o inevitável, especialmente se a nova versão do poema existisse e confirmasse que o vencedor seria o último deus em pé.

“Você não vai,” Lore disse a Athena significativamente. “Porque você não chegaria ao final deste ciclo.”

Os outros ficaram em silêncio com suas palavras. Atena ergueu o queixo, mas seu olhar era de aprovação.

“Eu não vou fazer um juramento obrigatório para você,” Castor disse, finalmente. “Mas como sua vida está ligada à de Lore, eu não posso – e não vou – permitir que você morra.”

Atena assentiu. Um arrepio frio cruzou a nuca de Lore enquanto a deusa estudava Castor.

“O impostor vai me curar”, disse Atena finalmente, sentando-se no meio do sofá de veludo de Gil. A deusa levantou a bainha da camisa que Lore lhe dera, revelando a ferida furiosa. “E vamos começar a planejar com seriedade.”

Castor fez uma reverência sarcástica. "Mas é claro."

Os outros se sentaram ao redor da sala, Van em uma das cadeiras, e Miles e Lore no chão ao lado da mesa de centro de vidro.

Castor levou a mão ao ferimento da deusa. A luz fluía de seus dedos; não a energia crepitante e ardente das explosões que ele lançou, mas um brilho suave e pulsante.

Athena assobiou quando a luz afundou profundamente na pele vermelha e enrugada. Ela se virou para encontrar o olhar de Lore.

"Você conseguiu aprender mais sobre o poema que o falso Ares procura?" ela perguntou.

“Nada particularmente útil. Mas, como Van apontou, se alguém tem um registro de uma versão diferente do poema, seria o Odysseides”, explicou Lore. Ela rolou os ombros para trás para aliviar a tensão que crescia neles.

“Entendo,” Athena começou, assobiando novamente quando Castor moveu sua mão.

“Suponho que o falso Ares também saberá disso?”

“Definitivamente, assim como ele sabe que eles têm a nova Afrodite,” Lore disse. “Eu apostaria qualquer coisa que eles são o próximo alvo de Wrath. A única questão é quando."

"Hoje à noite", disse Van.

"Esta noite?" Lore repetiu. "Como você pode ter tanta certeza?"

— Raciocínio dedutivo — disse Van rapidamente — rápido demais. “A Casa dos Kadmos não vai querer arriscar outro ataque à luz do dia que poderia atrair atenção indesejada da

mídia.”

“Seu raciocínio é falho. Se eles estivessem dispostos a atacar os Aquilides nas horas de vigília, não hesitariam em fazer o mesmo com a linhagem de Odisseu”, disse Atena.

“Algum guardião da cidade respondeu ao ataque à sua linhagem?”

"Isso é estranho", disse Lore, olhando para Castor. “Eu esperava, no mínimo, que alguém ligasse para ouvir sua explosão, mesmo que não a visse.”

Ele fez um ruído suave de acordo, mas ainda estava focado em sua tarefa.

"Não é nada estranho", disse Van. “Todas as linhagens pagam diferentes membros da cidade e serviços de emergência para fazer vista grossa. É possível que Wrath e os Kadmides estejam mais fundo do que o resto de nós.”

Miles piscou. "Isso é . . . horripilante, embora eu ache que não seja totalmente inesperado.”

"Então eles não temeriam ser vistos por aqueles fora do Agon", disse Athena a Van. “Digame, então, como você fala com tanta certeza que a Casa de Kadmos atacará esta noite.

Suas 'fontes', presumo?

A armadura de autocontrole e compostura de Van sempre pareceu inatacável para Lore.

Mas desde o momento em que ele entrou pela porta e colocou os olhos no deus, ela sentiu os nervos queimando profundamente sob sua pele. Mesmo agora, enquanto permanecia em silêncio, Lore o viu mudar sob a força do olhar investigativo de Athena.

“Eu detesto meias verdades e sombras,” a deusa o advertiu.

Castor recostou-se, seu trabalho finalmente concluído. Ele olhou para Van. “Diga a eles.”

As narinas de Van se dilataram quando ele respirou fundo. “Uma fonte, sim. Depois de anos de tentativas, consegui desenvolver um trunfo nos Kadmides – um ancião. Quando falei com ele uma hora atrás, ele confirmou as notícias sobre a morte de Tidebringer, e que eles iriam agir contra o Odisseides esta noite. O momento final ainda não havia sido decidido, mas ele acreditava que seria mais perto da meia-noite.”

“Um ancião?” Lore disse, surpreso. Esses homens tendiam a ser os mais leais à sua linhagem, porque colhiam a maior parte de suas muitas recompensas. "Por que ele iria ajudá-lo?"

Seu sorriso era insensível. “Porque eu aprendi algo sobre ele, e ele morreria antes de revelar para sua linhagem. Porque eu sempre consigo o que quero no final.”

"Hum." Atena não pareceu impressionada.

Castor se levantou, atravessando a sala para se sentar na outra poltrona.

"De nada", ele murmurou.

A deusa o ignorou, concentrando-se em Lore novamente. “Parece que teremos uma verdadeira oportunidade de matar o falso Ares esta noite, e talvez até mesmo coletar

informações sobre o poema nós mesmos.”

Lore apertou os lábios com a menção do poema, esperando que seu rosto não traísse seus pensamentos. Nem Athena nem Wrath saberiam nada sobre o poema se ela pudesse evitar.

“E mesmo que ele não apareça para matar a nova Afrodite ele mesmo,” ela disse, “os Kadmides teriam que trazer o novo deus de volta para onde ele estiver escondido. Nós poderíamos segui-los.”

O sofá rangeu quando Atena se recostou nele. "De fato."

Ela sentiu o olhar de Castor sobre ela, mas Lore se recusou a olhar para ver a preocupação ou preocupação que ela sabia que encontraria lá. “Parece um plano para mim.”

"Mesmo? Não ouvi um plano nisso”, disse Castor. “Não sabemos onde estão as Odisséias

— sua base em Nova York nunca foi identificada. E mesmo deixando isso de lado, teremos Wrath, sua força combinada de caçadores, e as Odisseides tentando nos matar.”

Antes que Lore pudesse protestar, ele acrescentou: "E sim, quero dizer nós, porque não vou ser deixado para trás."

“É uma simples questão de pedir às Odisseides e ao seu falso deus uma trégua de algumas horas”, disse Atena. "Certamente um de vocês tem laços com a linhagem e poderia abordá-los?"

“Você não tem um amigo nas Odisseides?” Castor perguntou a Lore. “Iro? Lembro-me de você falando sobre conhecê-la. . . .”

Lore queria desaparecer no ar quando Castor e Van se viraram para ela. Ela poderia conseguir falar com Iro, se eles pudessem encontrá-la. . . .

Não.

Suas mães tinham sido as melhores amigas, parceiras de treinamento que se tornaram como irmãs, e foi apenas por insistência da mãe de Iro que Lore veio morar com elas depois que sua família foi assassinada. Chegou a ser escondido por eles, na verdade.

Nesses quatro anos em que ela viveu com as Odisseides, Lore e Iro passaram de estranhos que se conheceram uma vez para se tornarem tão próximos quanto suas mães.

O que quer que Iro sentisse sobre ela agora, Lore sabia que Iro se sentiria no dever de matá-la pelo que Lore havia feito na noite em que ela fugiu de sua propriedade.

“Acho que sei onde estão as Odisseides,” Lore disse a eles finalmente. “Mas não posso abordá-los. Eles me matariam antes que eu ultrapassasse o limite.”

"O que?" disse Miles. "Por que?"

Ela não se arrependia do que tinha feito, mas também não sentia que precisava compartilhá-lo com o público. "Problemas familiares."

Athena inclinou a cabeça, aprofundando sua semelhança com um raptor. “A morte seria justificada?”

“Aos olhos deles? Sim”, disse Lore. “Não é como antigamente, quando você podia compensá-los ou se exilar.”

“Você não está exilado agora?” Atena perguntou. “Isso não é suficiente para satisfazer a raiva deles?”

A antiga lei se concentrava na raiva — a raiva dos injustiçados e a necessidade de responder a ela. A raiva era como uma doença para a alma, e nenhum aspecto dela era mais contagioso do que a violência. Se pudesse ser evitado, terminaria um ciclo vicioso antes de começar. Mas esta era uma sociedade viciosa.

"Eu não sei", disse Lore. “Eu não estava planejando nunca descobrir.”

"Então você estava com eles", disse Van. Pela maneira como ele estava olhando

para ela agora, Lore sabia que ele tinha uma boa ideia sobre o que ela tinha feito, mesmo antes de dizer. “A nova Afrodite, Guardiã do Coração—”

“Guardiã do Coração?” Lore repetiu, fazendo uma careta. “Sou só eu ou esses nomes estão ficando mais estúpidos?”

“Se Lore não pode abordá-los”, disse Castor, “um Mensageiro pode conseguir.”

Van balançou a cabeça. “O ativo nos Kadmides quer se encontrar novamente esta noite.

Não posso estar nos dois lugares ao mesmo tempo.”

"Eu posso fazer isso", disse Miles. “O encontro de ativos, quero dizer.”

"Espere - não", disse Lore. “Não acho que seja uma boa ideia.”

"É uma ideia terrível, na verdade", disse Van. “Não é apenas um encontro. Eu tenho que pegar uma de minhas malas para pegar o dinheiro.

"Assim? Diga-me onde é e onde encontrá-lo”, disse Miles.

Van não disse nada.

"O que, há algum aperto de mão elaborado que eu preciso aprender?" perguntou Miles.

“Ele não fala inglês?”

Lore suspirou, pressionando a mão no rosto. “Milhas. . .”

"Deixe-me fazer algo", disse Miles. “Não posso lutar, mas conheço esta cidade e como contorná-la.”

"Não", disse Van com firmeza.

"Você afirma ser um discípulo da lógica", disse Athena. “Certamente você vê que este é o melhor curso. Ele é desconhecido para o seu tipo e familiarizado com a cidade. A tarefa

em si não requer habilidade única, mas discrição.”

"Exatamente!" disse Miles. “Vou direto para lá e volto direto.”

“E se o ativo tentar te matar e pegar o dinheiro?” perguntou Van.

“Você ainda tem a sujeira nele,” Miles disparou de volta, mais do que disposto a encontrar o olhar frio de Van. “Ele não vai fazer nada que arrisque você a liberá-lo em retaliação.”

“Miles tem razão. . .” Castor começou.

“Eu estava planejando me juntar com os vinte e sete Achillides depois,” Van disse a ele. “E

tentando encontrar um lugar para eles se abrigarem. Todos os nossos esconderijos e propriedades estão comprometidos, junto com a maioria de nossos cofres e estoques...

— Conheço um lugar que eles podem usar — interrompeu Miles. mero não-sangue.”

Van não disse nada, e seu rosto traiu pouco mais.

"Cadê?" perguntou Castor.

"Um armazém abandonado", disse Miles. “No Brooklin. Eu participei de uma reunião sobre isso no meu estágio. O prédio está vazio há mais de uma década por causa de uma disputa entre a cidade e seus desenvolvedores.”

"Isso vai funcionar", disse Castor. "Obrigada."

Miles sorriu. “Isso vai pelo menos dar a eles uma chance de se reagrupar. Qual é a melhor maneira de conseguir o endereço?”

"Furgão?" Castor solicitado.

O outro jovem estava sentado com as costas rígidas, o olhar fixo na luz que penetrava pelas cortinas pálidas da janela saliente. “Eu posso mandar uma mensagem de texto para eles com o endereço.”

Lore suspirou. "Você está realmente disposto a isso, Miles?"

"Estou", disse Miles.

"Você tem que prometer a fiança se algo - qualquer coisa - parecer estranho sobre isso", disse Lore.

“Tudo é estranho no seu mundo,” ele a lembrou. “Mas terei cuidado.”

"Tudo bem", disse Van, levantando-se.

"Tudo bem", disse Miles, fazendo o mesmo.

“Esse é o nosso plano, então,” Lore disse a eles.

“Ainda não sabemos onde encontrar as Odisseides”, lembrou Castor, apoiando as mãos

nos joelhos.

"Eu faço", disse Lore. "Ou eu posso pelo menos fazer um palpite." Ela olhou para o relógio do avô. “Vou tomar um banho e fechar os olhos por alguns minutos, então não estou completamente morto em meus pés. Vamos tentar sair o mais tardar às cinco, antes do pôr do sol.”

"Eu tenho que esperar tanto tempo?" perguntou Miles.

"Você está realmente com tanta pressa para se matar?" disse Van. Ele pegou o telefone.

“Eu só vou dizer ao ativo para mudar o encontro para amanhã—”

“Não,” disse Miles. “Discussão encerrada. Lore vai levar todos para onde estão as Odisséias, para que você possa abordá-los sobre uma trégua para prender Wrath e obter informações sobre o poema. Castor vai jogar na defesa contra Wrath. Athena vai jogar no ataque. E eu vou fazer este encontro e obter qualquer informação que o ativo tenha porque você não tem outra opção.”

Tudo isso dependia, é claro, dos ocupantes da casa de Lore não se matarem primeiro.

Os lábios de Van se separaram e ele olhou para Miles, só mais um momento,

antes de se ocupar com seu telefone.

“Quando decidimos que sou a defesa?” Castor perguntou ao mesmo tempo que Athena disse: “Não haverá jogo na minha ofensiva...”

Lore deixou os outros e subiu, fechando a porta de seu quarto atrás dela. Ela colocou um alarme e se arrastou para a cama.

Ela estava deitada em cima das cobertas, ouvindo enquanto o som das vozes abaixo se desvanecia para um murmúrio surdo. Depois de mais alguns momentos, suas pálpebras pesadas se fecharam.

O rosto de Iro apareceu ali, emergindo da escuridão de sua memória. Aquele último vislumbre que Lore teve dela, sorrindo em encorajamento.

Alheio ao monstro no meio deles.

LORE acordou com o bipe frenético do alarme de seu telefone, saindo de um preto pesado e sem sonhos. Ela apertou os olhos para ver a hora ao telefone — quatro e quinze da tarde — e imediatamente se arrependeu de ter dormido. Seus músculos pareciam rígidos sobre seus ossos, e nenhum alongamento ajudou.

Depois de vestir um jeans limpo e uma camiseta preta, Lore saiu para o corredor, ouvindo as vozes dos outros. Mas a casa da cidade estava em silêncio.

Um último momento de paz, ela pensou, respirando fundo.

Mesmo que as coisas dessem certo para eles com Heartkeeper, nada seria o mesmo para Lore. Uma vez que as Odisseides soubessem que ela estava viva, não haveria trégua para ela. Depois desta noite, ela pode não ser capaz de ficar na cidade, muito menos na casa da cidade. Não haveria lugar seguro para ela aqui.

Lore deu uma última olhada ao redor, segurando o corrimão liso. Ela estava prestes a continuar descendo as escadas quando um movimento no quarto principal de Gil chamou sua atenção.

Van estava estudando algo na cômoda de Gil - uma velha estatueta de prata de uma tartaruga que Gil tinha querido apesar de sua hediondez objetiva.

Lore não se lembrava de cruzar a distância entre eles, só que ela estava lá de repente, puxando-a de seus dedos. “Isso não é seu.”

Com cuidado, ela o devolveu ao seu devido lugar ao lado de uma velha caixa de madeira e uma foto dela, Gil e Miles tirada logo depois que Gil ofereceu a Miles o quarto vazio do terceiro andar depois de iniciar uma conversa com ele em um café. Gil e Miles foram cortados da mesma roupa divertida e confiante demais, e apesar de suas suspeitas iniciais, suas noites de jogos e provocações intermináveis durante o jantar fizeram a casa parecer quente e segura de uma forma que Lore não tinha certeza. ela já experimentou.

Lore olhou ao redor da sala. Antes de Gil morrer, ela tinha vindo aqui centenas de vezes, seja para importuná-lo para tomar o remédio, para ajudá-lo a entrar e sair da cama nos dias em que a idade roubava suas forças do corpo, ou apenas para trazer chá. ou um jogo de tabuleiro para se distrair das sombras de sua própria mente. Ele a chamava de

“querida”, uma palavra que Lore tinha certeza que ninguém mais, nem mesmo seus pais, teria usado para descrevê-la.

Embora Lore nunca tivesse conhecido nenhum de seus avós - ambos morreram anos antes de ela nascer - ela adorou a ideia deles, a fantasia que ela criou usando as histórias de seus pais. Mas ela amara o Gil real, por mais exasperante e obstinado que pudesse ser. Ela só pretendia ficar com ele por alguns meses, até que a perna e o braço quebrados se curassem e ela economizasse dinheiro suficiente para recomeçar, mas como a própria cidade, ela não conseguia deixá-lo. Ele tinha sido gentil, brilhante e tinha a habilidade infalível de fazê-la rir. Ele havia perfurado todas as suas defesas.

E agora, para sua vergonha, o espaço parecia escuro e obsoleto. Sua coleção de bengalas, cada uma com uma cabeça de animal esculpida diferente, ainda não havia chegado ao armário com o resto de suas coisas, e suas prateleiras de livros acadêmicos estavam cobertas por uma espessa camada de poeira. Por mais que ela tentasse manter o brownstone exatamente como Gil o havia deixado, ela não conseguia entrar no quarto dele há meses.

"Esta casa não é o que eu teria imaginado para você", disse ele. “O estilo é muito. . .”

“Eu recomendaria não terminar essa frase”, disse Lore.

"Eu ia dizer grande", disse ele, gesticulando para os móveis ornamentados de carvalho escuro ao seu redor, todos incrustados com ossos e flores e vinhas finamente esculpidas. "Como no mundo você acabou trabalhando para ele?"

Lore se virou, sua mandíbula apertada e seu coração martelando. "Descubra, se você quer tanto saber."

Sua voz a pegou na porta. “Eu sempre tive inveja de você, você sabe.”

Lore congelou. "Você estava com ciúmes de mim?" ela disse, voltando-se para Van. “Foi a pobreza, o ciclo interminável de ostracismo e humilhação, ou a ameaça contínua de extinção que você cobiçou?”

Van apertou a mão protética com a outra, deixando as duas descansarem à sua frente.

Teria sido uma postura relaxada se ele não estivesse segurando com tanta força. “Você sempre soube exatamente quem você era e quem você deveria ser. Tudo parecia vir facilmente para você porque você queria tanto”, disse ele. “Eu costumava pensar que se eu pudesse encontrar uma maneira de desejá-lo tanto quanto você queria, eu poderia encontrar algo enterrado profundamente em mim. Algo que me faria correr tão rápido, bater tão forte. Para querer pegar aquela espada.”

“Eu era uma criança estúpida,” Lore disse a ele. “Pensei que sabia tudo, mas não sabia de nada.”

Van deu um leve sorriso. “E você sabe qual é a coisa verdadeiramente irônica? Mesmo enquanto eu corria atrás de você, tentando alcançá-lo, você fez a única coisa que eu queria mais do que eu queria minha próxima respiração. A coisa que eu disse a mim mesma era impossível. Você saiu.”

Lore respirou fundo, seu estômago dando um aperto doloroso. “Fiz porque tinha que fazer.”

"Você fez isso porque você nunca conheceu o medo", disse ele. “Porque você queria viver.”

“Eu conheço o medo,” ela disse a ele. “Eu sei disso melhor do que meu próprio reflexo.”

"Eu não sei o que aconteceu com você", disse ele. “Eu costumava me perguntar sobre isso o tempo todo, mas nunca duvidei que você ainda estivesse vivo.”

Van moveu-se para o banheiro anexo do quarto, provavelmente para o chuveiro. Ele a liberou da dor silenciosa do momento antes de sufocá-la.

“Sabe, algumas pessoas ficam tão acostumadas a olhar para a vida da beirada de suas jaulas que param de ver as grades”, disse ele. “Eu nunca os esqueci, apenas aprendi a viver dentro de mim em meus próprios termos. Não. . . não deixe seu amigo ficar preso aqui com o resto de nós.

A garganta dela se apertou com as palavras dele. Ela estendeu a mão, afastando uma mecha solta de cabelo do rosto, sem saber o que dizer.

Van cresceu com conforto financeiro, mas nunca se encaixou completamente como caçador. Ela se sentiu culpada pela forma como o havia julgado por isso, tanto no passado quanto um pouco no presente. A atitude dele em relação a Miles fazia mais sentido para ela agora, e uma parte de Lore se perguntou se o que ela sentia quando criança não era uma antipatia por ela, mas suas próprias frustrações – consigo mesmo e

com o mundo deles.

“É apenas um trabalho,” Lore disse finalmente. "Depois desta noite, vou descobrir como convencê-lo a sair."

"Bom", disse Van.

Mas pouco antes de ele fechar a porta do banheiro, Lore se ouviu dizer: “Você ainda pode sair. Nunca é tarde demais."

"Eu escolhi ficar", ele disse a ela. “Eu não vou embora antes de pegar aqueles que me enjaularam.”

As palavras seguiram Lore de volta ao andar de baixo, ainda mais inquietantes pela forma como ecoavam suas próprias circunstâncias. Ela pensou em voltar para o andar de cima, em contar a ele o que os últimos anos haviam ensinado a ela – que a gaiola era tão forte quanto sua mente a fazia.

Ela havia escolhido fazer o voto a Atena. Ela tinha escolhido voltar para dentro

da jaula esta última vez para chegar ao homem que tinha tirado tudo dela.

Não perdida, Lore disse a si mesma. Livre.

Lore chegou ao último degrau e parou.

Castor pegou o sofá, esticando o corpo comprido sobre ele e deixando os pés pendurados na beirada. Ele entrelaçou os dedos e os descansou em seu peito. Agora eles subiam e desciam a cada respiração profunda e uniforme.

Atena estava de pé sobre ele, observando. Suas mãos descansavam abertas em seus lados. Seu rosto não estava em sua máscara usual de ódio. O que Lore viu lá agora a assustou mais.

Curiosidade.

"O que você está fazendo?" Lore perguntou bruscamente.

Quando Castor abriu os olhos, Atena foi até a fileira de armas improvisadas que ela havia arrumado na parede. Ele se sentou, olhando entre eles.

“Fazendo os preparativos,” Athena disse suavemente. Ela estendeu um deles — o antigo varão de cortina de Lore, ela notou com uma careta. “Você foi treinado para lutar com tal arma? Não vou deixar você desonrá-lo com incompetência.”

Castor bufou com a pergunta, esfregando a mão no rosto. “Eu nunca soube que Lore era incompetente em qualquer coisa que ela tentou.”

“Potencial incompetência à parte”, disse Lore. “Já passamos pelo menos mil anos quando era socialmente aceitável carregar casualmente um desses na rua.”

“Você não vai deixar este santuário sem uma arma para se defender,” Athena disse a ela.

“Não enquanto nossos destinos estão ligados. Então eu pergunto novamente, você foi

treinado para lutar com esta arma?”

Não era uma mera lança — era um dóri, a arma carregada pelos antigos

exércitos da Grécia e muitos de seus maiores guerreiros. Athena havia criado a ponta de lança em forma de folha de algum fragmento de metal, mas ela equilibrou o peso da arma usando outro espigão de metal como o sauroter. A construção era tosca, mas cuidadosamente feita. Lore não tinha dúvidas de que a arma seria tão sólida e mortal em sua mão quanto qualquer outra que tivesse vindo de um ferreiro treinado.

“Sim,” ela disse, deixando seu aborrecimento drenar com a palavra. “Eu treinei com um por mais de seis anos. Eu cuidarei disso."

Athena olhou para ela, duas chamas prateadas queimando em seu olhar. O que quer que ela viu no rosto de Lore a convenceu. Ela passou a arma para ela.

Lore testou o peso e a aderência, odiando o quão familiar e bom era a sensação em sua mão.

"Não é um dom nascido da bigorna de Hefesto, ele de muitos artifícios", disse Atena,

"mas vou mantê-lo em sua palavra."

“Como vamos lidar com isso?” Castor perguntou, recuperando o dory que Athena lhe dera mais cedo de onde ele o havia deixado perto da porta. “Devemos dizer às pessoas que vamos pescar com caça submarina no Hudson?”

Isso não foi tão ruim, na verdade.

"Acho que tenho um plano", disse Lore. Um extremamente estúpido, talvez, mas um plano, no entanto.

Ela subiu as escadas para o porão de dois em dois, apenas para recuar um passo quando percebeu que não estava sozinha.

Miles estava andando por um caminho estreito entre as caixas, as mãos nos quadris. Ele parecia estar murmurando algo baixinho.

“Você está bem aí, amigo. . . ?” ela perguntou.

Miles girou, quase derrubando uma pilha de banheiras. "O que? Desculpe... sim, quero dizer...

Lore saltou dos últimos degraus, dando-lhe um olhar de soslaio. “Você tem certeza de que está a fim de fazer o encontro? Não é tarde demais para recuar.”

"Sim!" ele disse, então baixou a voz. "Sim, estou bem. E ao contrário da opinião de Evander, continuarei bem.”

“Não deixe Van chegar até você,” Lore disse a ele. “Ele está certo sobre uma coisa, no entanto. Só vai ficar mais perigoso a partir daqui. Você não tem nada a provar, nem para ele ou para mim.

"Eu sei", disse Miles. “Eu não vou ficar no seu caminho.”

Ela balançou a cabeça, sua garganta apertada. “Não é isso que quero dizer. Depois desta noite, preciso que você vá embora. Vá visitar seus pais. Faça uma viagem. Basta sair da cidade. Promete-me."

"Vou te prometer uma coisa", disse Miles. “E essa é uma vassoura nova. Certo, duas coisas, porque precisamos de um esfregão novo. E, na verdade, você vai precisar de uma nova vara em seu armário.”

"Algo mais?" ela perguntou, magoada.

"Eu prometo que vou verificar com você", disse ele. “Se você começar a compartilhar sua localização comigo novamente.”

Ela fez uma careta. “Não gosto de sentir que estou sendo observado.”

Miles retomou aquele velho argumento. "É uma coisa de segurança - espere, o que você está procurando?"

“Isso, na verdade.” Lore recuperou uma cabeça de esfregão desgrenhada não usada e um recipiente de mangas de espanador amarelas emplumadas. “Você viu aquela velha caixa de trapos que Gil se recusou a me deixar jogar fora?”

“Sim, está aqui. . . .”

Miles puxou o telefone de Lore do bolso de trás enquanto a seguia escada acima.

"Senha? Estou configurando o compartilhamento de local.”

Ela enviou-lhe um olhar irritado, mas disse a ele. No andar de cima, ele o entregou de volta para ela e observou, ao lado de Castor e Athena, enquanto Lore enfiava uma das pontas dos dóris em um espanador de penas amarelo e fixava a cabeça do esfregão na outra.

"Nós estamos... O que é isso?" Van perguntou enquanto descia do andar de cima.

Lore ergueu o dóri, varrendo a mão ao lado dele. "Ingenuidade. Estamos prontos para ir?”

Athena levou uma das mangas do espanador até o nariz e cheirou-a, depois tocou-a com a língua. Seu rosto se contorceu em desgosto. “De que criatura foi tosquiada?”

“Um Grande Pássaro,” Lore disse a ela seriamente.

"Nós somos . . . fingindo ser uma equipe de limpeza? Castor adivinhou.

“Você acha que um balde ajudaria a vendê-lo melhor?” perguntou Lore. Ela se inclinou para amarrar vários trapos em uma das pontas de seu dory.

Athena estendeu a outra arma para Van, mas ele balançou a cabeça. A deusa visivelmente se irritou com a rejeição.

“Estou indo,” Miles disse aos outros. “Vejo vocês em algumas horas.”

Van moveu-se para bloquear seu caminho para a porta da frente.

“Não estrague isso,” Van avisou. “Preciso manter esse ativo.”

"Saia do meu caminho", disse Miles, passando por ele. Ele olhou para Lore uma última vez e disse: “Não se esqueça de enviar uma mensagem de texto”.

"Eu não vou", disse Lore. "Tome cuidado."

“Pegue um táxi,” Van disse a ele.

“E pague em dinheiro,” Miles terminou. "Sim, surpreendentemente, eu entendi o conceito na primeira vez que você me explicou."

Ele levantou a mão em despedida, saindo e fechando a porta atrás dele.

“Então, onde é esse lugar?” Castor perguntou a ela.

“Broadway com a rua 36”, disse Lore. "Vamos lá."

Mas quando eles foram para a rua e chamaram o primeiro táxi, ela de repente olhou para a casa da cidade, apenas no caso de ser a última vez.

OS ODYSSEIDES possuíam uma propriedade em Manhattan grande o suficiente para toda a linhagem usar para reuniões durante o Agon. Tinha sido uma aquisição recente, comprada durante o primeiro ano em que Lore viveu com eles. A única questão que restava era se eles poderiam ou não tê-lo vendido nesse meio tempo.

Ela teve sua resposta assim que o táxi dela e de Athena pararam na rua 37 com a Sexta Avenida, e ela vislumbrou o prédio um quarteirão ao sul.

Lore e Athena cuidadosamente tiraram suas armas do colo no banco de trás, ignorando a forma como o taxista olhava pelo espelho retrovisor. Athena olhou ao redor, procurando por ameaças enquanto caminhavam para o prédio vizinho. O táxi de Castor e Van parou atrás deles.

A propriedade de Odysseides, Baron Hall, tinha outro nome na família: Ithaka House. O

edifício histórico tinha sido criado no estilo antigo, ambas as faces de arenito cinza decoradas com colunas coríntias. Em sua última vida, tinha sido um banco. Agora, nos anos entre o Agon, foi alugado como um grande espaço para eventos como cobertura para seus verdadeiros proprietários.

Estacionado ao lado da entrada da Sexta Avenida estava um grande ônibus com janelas escurecidas. Uma tenda havia sido erguida para conectar a porta do ônibus à entrada, mas Lore podia ver a luz dentro mudando enquanto as pessoas passavam apressadas. O

ônibus balançou ao ser carregado.

Castor veio ao lado dela, mantendo-se de costas para a parede.

"O que eles estão fazendo?" ele perguntou.

"Eles estão movendo alguma coisa?" ela adivinhou. "Ou evacuar?"

Van se aproximou deles. — O que você sabe sobre o prédio?

“Há duas entradas, uma na Sexta Avenida e outra na Trinta e Seis. Algumas pequenas janelas na fachada”, disse Lore. “É um banco convertido, então foi construído com a segurança em mente – há um grande salão central e salões menores, incluindo um cofre que eles planejavam converter em uma sala segura.”

“Existe uma maneira de ver o interior do prédio sem nos expor?” Atena perguntou.

“Devemos avaliar antes que Evander se aproxime da entrada.”

“Há uma grande cúpula de vidro que dá para o corredor, mas eles seriam estúpidos se não a cobrissem”, disse Lore. “E tenho certeza de que eles têm caçadores lá em cima para ficar de olho nas coisas.”

Van tirou a elegante mochila de couro do ombro e vasculhou-a até encontrar uma pequena maleta. Ele abriu o fecho.

Dentro havia um dispositivo preto, em forma de pássaro e não maior que o tamanho do punho de Lore. Deixando-o no lugar, ele pegou seu telefone, digitou a senha mais longa que Lore já tinha visto e abriu um aplicativo desconhecido. Ele percorreu as imagens de uma mão protética e selecionou uma, que mudou a forma de sua pegada. Então ele abriu outro. Depois de apertar mais alguns botões, o pássaro mecânico ganhou vida e saiu de seu estojo.

Atena desviou o olhar com desgosto. "Claro. Eu deveria ter esperado o seu. . . tecnologia no lugar de astúcia e habilidade. Esta é realmente a pior idade do homem.”

"Claro, qualquer coisa que não seja dada pelos deuses é terrível", disse Lore, revirando os olhos. “Bem, estou impressionado.”

"Obrigado", Van disse a ela enquanto voava com o drone em direção ao telhado do Baron Hall. Ela e Castor se aproximaram quando a câmera do aparelho foi ligada. “Eu mesmo projetei.”

Calor irradiava do corpo de Castor enquanto ele pairava perto dela. “Eu conto três caçadores. Sem máscaras.”

Uma pontada de pavor percorreu a espinha de Lore.

“Isso parece incomum, dado o que sei sobre a covardia dos caçadores”, disse Athena.

"É incomum", Van confirmou.

"E inútil", disse Lore. “Pode ser simplesmente que os Odysseides não quisessem que suas máscaras fossem vistas pelas pessoas nos prédios próximos. . . .”

“Ou eles podem não ser da Casa de Odisseu,” Athena terminou.

Lore estava certo sobre outra coisa. As Odisséias haviam construído uma cobertura de cimento para ficar sobre a enorme cúpula de vitral. “Isso é uma porta?”

"Parece que sim", disse Van, aproximando o drone.

Havia uma pequena escotilha embutida na estrutura de cimento. Teria que haver, ela percebeu, para dar acesso às luzes de fundo da cúpula. Estava protegido por um teclado eletrônico e o que provavelmente era uma porta resistente a explosões.

"Não há outra maneira de ver?" Van perguntou a ela. “O sensor infravermelho só vai nos dizer se há pessoas lá, não quem elas são.”

Lore balançou a cabeça. Quaisquer janelas que existissem no prédio teriam sido reforçadas e embaçadas.

"Tudo bem, então", disse Castor. Ele caminhou até as portas de vidro do térreo do prédio vizinho. As maçanetas das portas brilhavam sob seu controle, as fechaduras de metal se amolecendo o suficiente para ele abri-las.

“Cas!” Lore sibilou, mas ele já havia desaparecido pela entrada.

“Finalmente,” Athena murmurou. Havia um brilho ansioso em seus olhos quando ela deu vários passos largos até a porta.

O prédio não tinha segurança, muito menos elevadores. Subiram as escadas a toda velocidade até chegarem a um quarto escuro no último andar. Quando eles entraram, Lore se assustou com os contornos sombrios de manequins e vestidos. Claro, eles estavam no Garment District. O prédio não era composto de apartamentos, como ela supunha, mas estúdios de moda e salas de trabalho, todos aparentemente vazios em uma noite de domingo.

Castor agachou-se sob a linha de janelas que davam para o telhado do Baron Hall.

Os dois prédios estavam aninhados juntos, lado a lado. Seria apenas uma questão de abrir uma janela e pular dois ou três pés.

Lore se abaixou, movendo-se para ficar em uma extremidade das janelas, fora da vista dos caçadores abaixo. Athena tomou sua posição em frente a Lore, sacudindo os espanadores da lâmina de seu dory com óbvia petulância.

"Como vamos fazer isso?" Lore perguntou, dando uma olhada nos caçadores enquanto eles andavam de ponta a ponta.

“Assim como no Central Park”, disse Castor. Lore bufou com a memória, mas sabia do que estava falando. Eles teriam que agrupar os caçadores enquanto ainda os mantinham afastados. “Se alguém nos avistar e enviar pelo rádio, estamos acabados.”

“Tem algum novo truque divino na manga na frente da distração?” Lore perguntou a ele.

“Um pouco de deslumbramento ou deslumbramento?”

Van apertou alguns botões no telefone.

Castor e Lore voltaram para a janela enquanto os caçadores, envoltos em suas vestes pretas, flutuavam juntos, atraídos pela visão do pássaro zumbi flutuando no ar em padrões estranhos e irados.

Um deles estendeu a mão para pressionar o fone de ouvido, fazendo com que relatasse a estranha visão. Antes que pudesse, o drone congelou no ar e disparou três dardos em rápida sucessão. Os caçadores cambalearam para longe um do outro, mas depois desmaiaram.

Athena virou-se para Van enquanto ele calmamente passava o dedo pela superfície do telefone, guiando o drone de volta para eles. “Embora eu não aprove este falso pássaro, aprecio sua letalidade.”

“Eles não estão mortos,” Van disse a ela. “Apenas nocauteado pela próxima hora ou mais.”

Castor quebrou o lacre do caixilho da janela e o abriu. O pássaro zumbiu lá dentro, acomodando-se de volta em sua caixa.

“O que mais você tem aí?” Lore perguntou a ele, olhando a mochila de Van.

Van ergueu as sobrancelhas enquanto puxava uma pequena adaga.

Eles deram o salto entre os prédios e mantiveram seus passos leves pelo telhado. Lore agarrou o dory com força suficiente para seus dedos doerem. Castor e Athena foram resolver o problema da escotilha enquanto ela e Van se aproximavam dos caçadores inconscientes. Ele passou por ela várias gravatas.

Com um grunhido, Lore virou um dos caçadores de costas, empurrando para cima a manga solta de seu manto. Uma tatuagem da marca dos Kadmides, uma serpente, enrolou-se em seu braço.

"Droga", ela sussurrou.

Van encontrou seu olhar, levantando o braço de outro caçador para revelar o mesmo.

Eles já estavam atrasados.

"Estamos dentro", Castor chamou suavemente.

Lore amarrou as mãos e os pés dos caçadores juntos, então se levantou, seu coração gaguejando em seu peito. Quando ela se virou, um leve zumbido chamou sua atenção —

vozes abafadas, estalando com a estática. Lore puxou o fone de ouvido do caçador mais próximo e, depois de limpá-lo, colocou-o em seu próprio ouvido. Van fez o mesmo, depois recuperou o terceiro e o guardou no bolso.

Eles se juntaram a Castor e Athena na escotilha da tampa, que agora parecia uma lata de alumínio meio amassada. Lore parou ao vê-lo, quase incapaz de entendê-lo. A força pura e brutal que levaria. . .

Seus olhos se voltaram para Atena. A deusa olhou para baixo através da enorme cúpula

de vidro, sua expressão de lábios apertados sombria.

A câmara central do Baron Hall era seu saguão redondo — um espaço amplo e luxuoso.

As velhas arquibancadas haviam sido convertidas em bares, incluindo um bem no centro, logo abaixo do teto da cúpula. Luzes azuis, douradas e verdes iluminavam artisticamente o espaço, como se nenhum dos Kadmides que enxameiam o prédio tivesse descoberto como ligar o aparelho suspenso.

Não importava. Lore viu tudo.

As Odisséias, com as mãos amarradas e a cabeça coberta com capuzes, cada uma ajoelhada, esperando sua vez de ser arrastada para o ônibus do lado de fora. Os Kadmides, enquanto isso, estavam se servindo das armas da outra linhagem e estoques de dinheiro, comida e antiguidades que estavam escondidos em outro lugar do prédio.

E Wrath, de pé no centro de tudo, tinha a mão em volta da garganta de Heartkeeper.

WRATH parecia enorme para Lore, tão alta e sólida quanto as colunas de pedra que circundavam a sala. Sua sensação de calma enquanto estava ali, pronto para quebrar o pescoço de outro deus, era aterrorizante.

"O informante estava errado sobre o momento", sussurrou Van, atordoado. “Ou eles mudaram no último minuto.”

Lore não percebeu que ela estava segurando a mão de Castor até que ele deu um aperto reconfortante.

“Por que a falsa Afrodite ainda está viva?” Atena perguntou baixinho. “Por que ele não foi morto?”

A pele escura de Heartkeeper estava escorregadia com suor ou sangue. Seu rosto, que sempre foi bonito, mesmo antes da imortalidade, agora estava inchado quase irreconhecível. As vestes de marfim enroladas em torno de suas pernas, ambas dobradas em ângulos não naturais, incapazes de sustentá-lo sob a influência do poder de Wrath.

Sua boca havia sido selada com fita adesiva, impedindo-o de falar – de usar seu poder de persuasão no outro novo deus. Uma coroa, feita de pérolas e pedras azul-claras, estava em pedaços nas proximidades.

“Isso não precisa ser difícil.” A voz de Wrath estalou através dos fones de ouvido que eles roubaram dos caçadores. “Diga-me como abrir o cofre e permitirei que aqueles homens que se ajoelham para mim vivam. Eu permitirei que você me sirva na nova era.”

Lore se moveu, circulando ao redor da cúpula para ver o outro lado da sala. A enorme porta prateada do cofre estava selada. Ele havia sido projetado para resistir a quase tudo, incluindo explosões de bombas.

“Acho que o poema está na sala segura”, ela disse a eles.

Wrath sinalizou para um dos Kadmides próximos. “Encontre seu filho mortal. Talvez ela possa fornecer a pressão necessária.”

Heartkeeper agarrou as mãos de Wrath, mas foi um esforço débil.

“Onde está Iro, filha de Iolas?” o caçador exigiu dos Odisseides reunidos sob guarda. “Se ela for muito covarde para se revelar, ela não merece sua proteção, nem você merecerá o rápido sofrimento que isso trará.”

Era uma faca projetada para deslizar pelas costelas, para se alojar no coração de seu orgulho. Lore fechou os olhos, esperando.

“Eu sou ela.”

Os olhos de Lore se abriram novamente. Van lançou-lhe um olhar surpreso, mas Lore balançou a cabeça. Essa não era a voz de Iro.

“Eu sou ela”, veio outro.

“Eu sou Iro”, disse um terceiro.

Wrath se virou, derrubando Heartkeeper no chão. O novo deus mal conseguia levantar a cabeça, muito menos rastejar para longe. “Mate cinco deles para cada minuto que ela permanece escondida. Tire-os do ônibus se for preciso.”

“Onde está Iro, filha de Iolas?” o caçador chamou novamente, circulando o grupo.

Vários lutaram contra suas restrições, mas não houve hesitação quando um dos prisioneiros disse, sua voz masculina soando: “Eu sou Iro”.

Ele foi o primeiro a morrer. Seu sangue espirrou no chão de mármore e chicoteou nos rostos resolutos dos caçadores ao seu redor.

Wrath se inclinou sobre o Heartkeeper, virando a cabeça para enfrentar os assassinatos antes de fixá-lo no lugar com o pé. Ele se inclinou para frente, aplicando pressão. “Digame como abrir o cofre. A informação não vale o custo de todas essas vidas. Não vale a pena eles se lembrarem de você como o covarde chorão que os deixou morrer.”

A mente de Lore girou, tentando pegar uma memória incompleta antes que tivesse a chance de escapar. Havia algo sobre o cofre - algo sobre a construção da sala segura.

Lore e Iro uma vez invadiram o escritório do arconte para examinar os documentos e planos para o espaço.

"Por favor!" um caçador implorou enquanto era arrastado em direção à fila de cadáveres.

"Por favor não!"

Os caçadores Kadmides riram com desprezo. O que segurava a lâmina a aproximou da garganta do jovem aterrorizado. "Temos alguém que deseja servir seu novo senhor?"

"Sim!" ele gritou. As Odisseides ao redor dele rosnaram. “Sim – a garota, Iro. Ela está no cofre.”

Castor olhou para Lore. Ela balançou a cabeça, seu pânico aumentando.

Mas havia algo. . . .

“Talvez se o pai dela não nos disser, sua filha pode estar inclinada a fazê-lo,” Wrath disse, retornando para a forma de bruços do Guardião do Coração, apenas para olhar para trás.

“Mate-o também.”

— Meu... meu senhor... — gritou o caçador de Odisseides.

Seu grito empolou a orelha de Lore quando explodiu no fone de ouvido.

“Eu nunca gostei de ratos,” Ira disse simplesmente, e virou antes que ele pudesse ver a cabeça decepada do pescoço do caçador.

Ele fez o seu caminho para o cofre, levantando a mão para dar uma pequena batida zombeteira nele. "Filho. Talvez você gostaria de se juntar a nós? Eu não posso imaginar que você gostaria de me ver sangrar a vida de seu pai, nem extinguir toda a Casa de Odisseu. É uma coisa terrível ser o último de sua linhagem.”

A memória voltou para Lore em um flash. Outra entrada.

“Há outra entrada para o cofre,” Lore disse rapidamente.

"Você tem certeza?" perguntou Castor.

Ela assentiu. “Eu vi nas plantas do prédio quando morei com os Odisseides. Iro me disse que isso ajudaria seu pai a escapar porque as salas seguras geralmente têm uma entrada, e qualquer inimigo não esperaria outra.

“Você se lembra de como acessá-lo?” Van perguntou a ela.

Lore hesitou, mas assentiu. “Há um túnel conectado a uma loja – acho que fica na rua 39.”

“Ainda pode haver uma maneira de matar Wrath e resgatar a garota e que conhecimento ela pode possuir do poema. Talvez até o falso deus e outras

Odisseides também”, disse Atena, proferindo as palavras lentamente. “A surpresa é nossa aliada, mas o timing será nosso mestre.”

Lore olhou para baixo novamente, para onde Wrath se demorava perto da porta do cofre.

Por quatro anos da vida de Lore, Iro tinha sido a única pessoa em quem ela podia confiar completamente, e Lore tinha sido o único amigo verdadeiro que Iro tinha enquanto sua linhagem disputava poder e favor do pai recém-ascensionado de Iro. Ambos falaram aquela linguagem secreta e silenciosa de tristeza quando perderam todos próximos a eles.

Lore sempre idolatrava Iro — como ela parecia perfeita e calma diante da incerteza quando as próprias emoções de Lore pareciam grandes demais para seu corpo. Exceto por aquela última noite, eles sempre protegeram um ao outro, e Lore sabia que a insistência de Iro em treinar com ela tinha sido a única coisa entre Lore e uma vida como

servo na propriedade dos Odisseides.

Deixá-la para trás foi uma das decisões mais angustiantes que Lore já tomou. Ela não faria isso de novo.

Iro, ela pensou. Apenas espere um pouco mais. . . .

VAN foi buscar os caçadores de Odisseides no ônibus. Lore não gostou disso – não que Van não pudesse se defender ou se livrar da maioria dos problemas, mas eles não tinham ideia de quantos Kadmides estavam naquele ônibus, ou o que eles estavam dispostos a fazer para manter seus prisioneiros contidos.

Não morra, pensou Lore. Por favor, não morra.

Ela estendeu a mão, ajustando o fone de ouvido. A estática estalou na frequência, pontuada por algumas atualizações dispersas dos caçadores Kadmides que vigiavam os prédios próximos.

“Tudo limpo, nenhum movimento na rua—”

“Ele quer que nós verifiquemos o transporte para a garota—”

“Merda,” ela murmurou, olhando para a tela brilhante de seu celular novamente pela centésima vez em cinco minutos. “Vá em frente, Van. . . .”

Se Lore precisasse de mais evidências de que o Mensageiro sempre trabalhava sozinho, ficaria claro pelo fato de ele carregar um drone avançado em sua mochila, mas não algo que o deixasse se comunicar secretamente com ela e Castor, que estava esperando para atacar de longe. o telhado se Wrath chegasse a Iro antes de Lore. No final, Van tinha acabado de dar a Castor um telefone descartável e conectado a uma ligação a três.

"Você tem certeza que esta é a entrada?" Athena perguntou, sua voz baixa.

Lore olhou para a rua 39, olhando novamente para a sapataria. Eles fizeram uma busca frenética pelas ruas antes que Lore avistasse a loja vazia.

Dado que os imóveis comerciais de Manhattan muitas vezes não ficavam vazios por muito tempo, parecia uma boa aposta, mesmo antes de ela notar a pequena lambda maiúscula embaixo da placa do local histórico ao lado da porta. Os Odissés o usavam como marca secreta — lambda para Laértides, o epíteto patronímico de Odisseu, filho de Laertes.

Agora, agachados atrás de uma fila de carros estacionados, eles esperavam. O sinal veio mais cedo do que Lore esperava.

“É uma tentativa,” Van disse de repente. “Aproximando-se agora.”

Lore respirou fundo e se virou para Athena. “Essa é a nossa deixa.”

Eles atravessaram a rua e se posicionaram em ambos os lados da loja vazia. As janelas e a porta tinham sido cobertas com papel para obscurecer o interior. Lore segurou o dory de Athena enquanto a deusa se inclinou para quebrar a fechadura do portão de segurança de metal.

Quando ele rolou com um rosnado, Athena puxou a porta atrás dele. A fechadura estalou com facilidade.

Assim que entraram, as últimas dúvidas de Lore desapareceram. A loja estava vazia, exceto por alguns pacotes de suprimentos e água, claramente destinados a emergências.

“Por aqui,” Lore disse, indo para o que parecia ser a sala de armazenamento dos fundos.

Ali, sob uma escotilha escondida por um tapete de borracha, havia um lance de escadas.

Lore ergueu o celular para iluminar o que estava embaixo, mas não era necessário.

Algumas luzes espalhadas ganharam vida quando passaram por um sensor oculto, revelando o túnel tosco escondido sob os prédios e ruas.

“Inteligente”, observou Atena.

“Vamos ver,” Lore sussurrou.

Van deve ter silenciado o celular antes de entrar no ônibus, porque foi Castor quem deu a atualização. “Van está ligada—parece que . . . eles estão fora—”

As palavras se separaram em estática, então foram cortadas quando a ligação caiu.

"Qual é o problema?" Athena perguntou, sua expressão alerta.

"Nenhum serviço de celular aqui", disse Lore, correndo para frente.

A luz do telefone saltou pelo túnel, acompanhando o ritmo de seus passos. Havia uma ligeira subida no caminho agora, trazendo-os para fora da parte mais profunda do túnel.

Mais luzes se acenderam, revelando uma enorme porta prateada à frente.

Assim que eles estavam a poucos metros dele, o fone de ouvido de Lore começou a captar fragmentos das atualizações sendo gritadas sobre ele.

"O que diabos está acontecendo?"

“— indo para o oeste na Trinta e Seis—”

“—pegue as bicicletas—”

“Kyrios, Dorian—alguém tem olhos do telhado?”

Uma voz levemente magoada respondeu: “Não vimos nada até que o ônibus partiu. Um deles deve ter se libertado...

— Você pode abri-lo? Lore disse, tentando rediscar o número de Van. O telefone ainda não

conectava suas chamadas, mesmo quando as vozes no fone de ouvido se tornavam indistinguíveis enquanto gritavam umas sobre as outras.

“Iro?” Lore tentou ligar pela porta. "Você pode me ouvir? É Lore.”

Athena tateou ao longo das bordas da porta sem costura, então deu um passo para trás, levantando um punho. Lore pulou quando ela bateu a mão no centro morto dela. A pele sobre os nós dos dedos se abriu, deixando uma mancha de sangue no metal. Ela acertou novamente.

“É reforçado para resistir a uma explosão de bomba. Você não será capaz de abrir caminho... Lore protestou.

Mas Atena não precisava. Quando o centro da porta se curvou, criou espaço suficiente entre o chão e a parte inferior da porta para que Athena deslizasse os dedos por baixo dela. Seu corpo tremeu com o esforço de levantá-lo.

“Iro!” Lore ligou. "Sair!"

Mas não havia ninguém dentro. Iro abriu a porta do cofre.

A adrenalina disparou no sistema de Lore, fazendo seu pulso freneticamente enquanto ela se abaixava por baixo da porta, na sala segura. Logo além, Lore viu o grande salão.

E morte.

Os Kadmides estavam muito fixados na cena na frente deles para notar Lore e Athena.

Eles bateram seus punhos contra seus peitos, sibilando quando Wrath inclinou uma orelha para uma jovem em roupas de caçadora. Ele segurou a cabeça de

Heartkeeper com um punho e pressionou uma faca em sua garganta com o outro.

Iro parecia exatamente como Lore se lembrava dela – seus cachos escuros haviam sido presos em um coque baixo, revelando a colcha de retalhos de hematomas e cortes recentes em seu rosto e pescoço. Sua pele morena ficou pálida, e mesmo enquanto seus lábios se moviam, seu rosto, um retrato de beleza severa, estava lívido de desprezo.

Foi a última coisa que Lore notou antes que o mundo explodisse.

A cúpula de vidro quebrou quando Castor soltou uma explosão bruta de calor e luz, enviando cacos de vidro e metal para os Kadmides ainda reunidos abaixo.

"Não!" Atena rosnou.

Castor esperou o máximo que pôde — Lore sabia disso, mas uma pequena parte dela ecoou a frustração de Athena enquanto seu poder descia pela cúpula. Seu ataque os ajudaria a salvar Iro, o que Lore queria desesperadamente, mas também forçaria Wrath a recuar novamente para as sombras, e Athena perderia sua melhor chance de matá-lo.

Ainda podemos fazer as duas coisas, pensou Lore. Só temos que agir rápido...

Atena abaixou a cabeça e entrou na briga com um grito feroz, apenas para ser interrompida quando o calor da explosão de Castor a jogou para trás.

Gritos encheram o ar. Os Kadmides caíram no chão, perfurados com vidro e estilhaços, e outros fugiram, mas não muito longe - o poder de Castor se dividiu, crepitando e se contorcendo pelo chão como um relâmpago marcando a terra. Ele os pegou em sua armadilha.

Lore cambaleou para frente, protegendo os olhos enquanto procurava por Wrath e Iro. A telha e o cimento cederam, enviando os caçadores fugitivos para o nível inferior. Eles desapareceram na fumaça e na escuridão.

"Onde ele está?" Atena trovejou.

Quatro Kadmides correram em direção a ela, lâminas levantadas, mas Atena foi mais rápida, cortando-lhes o peito com seu dory. Lore lutou contra as ondas de calor saindo do núcleo derretido da explosão de poder de Castor. Ela viu o

contorno de Wrath através da parede de fumaça.

Um caçador avançou em direção a ela, e Lore se abaixou para evitar sua espada. Uma dor aguda atravessou seu ombro quando a lâmina errou por pouco seu pescoço, e ele se afastou novamente, desaparecendo tão completamente que era como se as nuvens rodopiantes de cinzas o tivessem engolido.

Mas Lore o esqueceu quando ouviu a voz desesperada de Iro gritar: "Papai!"

“Aqui...” Lore chamou Athena. A deusa ainda estava cortando os Kadmides restantes, seus olhos ardendo, as linhas de seu rosto marcadas pelo prazer de sua luta. "Eles estão aqui!"

Lore varreu seu dory sob os pés de um caçador próximo, enviando-o tropeçando em uma veia de poder ardente. Ela tossiu, engasgando com a fumaça espessa enquanto lutava para frente.

“Iro!” ela chamou. “Iro!”

Mas foi a voz aflita de Heartkeeper que a alcançou primeiro. “Não olhe! Iro, não...

Iro gritou.

Quando Lore a alcançou, os restos mortais de Heartkeeper estavam a seus pés, seu torso partido em dois. A garota se ajoelhou lentamente, seu rosto rígido com o choque. Suas mãos tremeram quando alcançaram o rosto dele.

E Wrath não estava em lugar nenhum.

O poder de Castor diminuiu, deixando fogos e algumas últimas chicotadas de fúria em seu rastro. Lore olhou para cima, procurando através da fumaça crescente e da estrutura queimada da cúpula, uma nova onda de pavor rolando por ela. A única razão pela qual Castor pararia de atacar era se os Kadmides tivessem chegado ao telhado e ele próprio estivesse em perigo.

"Onde você está, Godkiller?" Athena gritou no caos escuro ao redor deles. “Levante-se e lute, covarde!”

Lore colocou os braços sobre o peito de Iro, puxando-a para trás. “Sou eu – é

Lore! Temos que sair daqui! Iro, nós temos que correr—”

Iro se soltou de seu aperto, girando para encará-la. Ela teve o dory fora da mão de Lore e a ponta contra sua garganta no espaço de um batimento cardíaco.

Lore viu o momento exato em que seu choque passou, e a outra garota a reconheceu.

Um tremor cresceu no corpo de Iro enquanto ela segurava o olhar de Lore. Havia uma contusão sob seu olho esquerdo, e sua pele estava manchada de suor e sujeira. Seus olhos estavam arregalados e injetados, os tendões em seu pescoço saltando com o pânico de um animal preso. “Você não pode estar aqui! Você precisa sair! Ele não pode ver você!”

Atena avançou na direção deles por trás, espalhando a fumaça e as brasas. Sem dizer uma palavra, ela ergueu o cabo de seu dóri e o acertou na nuca de Iro. A garota caiu para frente nos braços de Lore.

“O impostor fugiu,” Athena disse a ela, visivelmente irritada. “E agora nós também devemos. Se o falso Apolo pudesse controlar seu poder, ele poderia detê-lo. Seja intencionalmente ou não, ele sabotou nossos esforços”.

“Isso não é verdade—” Lore começou.

A deusa caminhou em direção à cripta que esperava, passando por cima dos corpos e destroços em seu caminho. Lore se ajoelhou, levantando Iro por cima do ombro. Ela conteve um grito de dor quando o peso da garota se acomodou ali, mas desapareceu assim que ela começou a correr.

Eles tinham acabado de chegar à sala segura quando Lore sentiu uma pressão na base do pescoço. Ela se virou lentamente.

A ira apareceu novamente em meio à destruição e redemoinhos de fumaça espessa. Ele veio em direção a eles, aquele passo lento e longo, mais perto... mais perto...

Sua mão encontrou o painel de segurança da porta e parou. Ela esqueceu o motivo de terem vindo. Ela esqueceu o peso de Iro e a queimação em seus pulmões. Ela não chamou Athena. Ela não conseguia falar com as mãos frias do terror em volta de sua garganta.

Atrás dele, os Kadmides restantes estavam se reagrupando, reunindo-se como sombras.

A deusa percebeu que Lore não estava seguindo e se virou. Vendo Wrath, ela alcançou a lâmina de Iro e a jogou com toda sua força. Wrath se virou, deixando-o roçar sua bochecha enquanto rasgava o ar ao lado dele.

Aristos Kadmou tinha sido o monstro dentro do labirinto de sua mente por tanto tempo, que ela tinha uma memória quase perfeita de seu rosto cheio de cicatrizes e do modo como seu cabelo escuro e grosso tinha sido grisalho. Ele parecia mais jovem agora do que Lore se lembrava, como se a imortalidade o tivesse atraído de volta através das décadas.

Mas havia ecos dele permanecendo lá – as sobrancelhas baixas e grossas. O tom oliva profundo de sua pele. Um rosto em forma de diamante lapidado.

Através do redemoinho de fogo de vidro girando em torno dele, seus olhos dourados encontraram os dela, e ele sorriu.

Encontrei você.

Lore deu um soco no painel de segurança e a porta se fechou.

SEU PAI NÃO DIRIA a ela para onde eles estavam indo.

Lore obedientemente carregou o pequeno embrulho que sua mãe lhe entregou e deu um passo atrás dele. Seu pai adorava sorrir, mas ele não riu naquela manhã. Ele e mamãe mal se falavam. Agora suas omoplatas estavam agrupadas como asas de vespa. A julgar pela expressão em seu rosto, ela estava com medo de perguntar o destino deles, com a chance de ser picada por uma palavra afiada.

Ela não gostou. De jeito nenhum.

Abril havia tirado toda a vida secreta da cidade. Lore evitou cuidadosamente as pequenas flores e grama que se espremiam pelas rachaduras na calçada. Os pássaros canoros no alto das árvores ao longo da rua a saudaram

quando ela passou. Lore sorriu para eles.

Embora Lore fosse mais velha e mais alta, sua visão de seu pai nunca parecia

mudar. Ele parecia tão grande e forte quanto qualquer um dos prédios do centro da cidade que cortavam o céu como facas de vidro brilhantes.

Lore se apressou para acompanhar o ritmo dos passos largos de seu pai. Depois de um momento, porém, ele parou para esperá-la. Quando Lore o alcançou, seu pai colocou uma mão atrás de sua cabeça, então colocou um braço em volta de seu ombro. Ela finalmente relaxou.

"Diga-me", ele começou, mantendo o tom leve, "como está o seu Castor?"

Com o sol atrás dele, Lore não podia ver seu rosto.

"Ele não é meu Castor", disse ela. “Ele é meu hetaîros.”

“Ah,” seu pai disse, inocentemente. “Eu nunca tive um hetaîros próprio, apenas meu pai.

Os hetaîros se vêem fora de seu treinamento, ou eles devem se encontrar apenas dentro dos muros da Casa Thetis?”

Lore mordeu o interior de sua boca com tanta força que sentiu gosto de sangue acobreado. Ela via Castor do lado de fora da Thetis House o tempo todo. Nos dias em

que não havia aulas para a turma, ou eles eram liberados mais cedo, e nem seus pais, nem sua babá, a Sra. Osbourne, sabiam disso.

Lore estava grata por suas irmãzinhas. Eles podem ter roubado seu velho cobertor e Bunny Bunny, mas mantiveram o olhar da Sra. Osbourne constantemente desviado dela.

“Ele está treinando cada vez mais com a Curandeira Kallias agora,” Lore disse, tentando não soar tão magoada quanto se sentia por isso. Um dia, Castor seria o melhor curandeiro que Achillides tinha, mas até então, ela não queria trabalhar com nenhum dos outros que haviam perdido seus parceiros para treinar para os arquivos e ferreiros. “Acho que não me importaria de ver Castor fora do treinamento. . . .”

"Fora do treinamento, por exemplo, quando você foi ao Central Park na terça-feira passada?"

Lore desacelerou, sua mente girando com desculpas em pânico. Ela poderia dizer que teve que caminhar para casa de um jeito diferente por causa do trânsito ou da construção

... “Ah-ah,” ele disse. “Nenhuma mentira foi corrigida por outra mentira.”

Ela abriu a boca, depois a fechou novamente.

"Prometa-me que você não vai voltar sem um adulto", disse seu pai.

Lore fez uma careta e recebeu um olhar de advertência que apagou instantaneamente.

"Por que?" ela perguntou, confusa.

"Porque eu disse, Melora", disse ele. “E porque não é seguro.”

O queixo de Lore caiu. Não é seguro? Ontem, seu instrutor havia lhe mostrado quais costelas deslizar sua lâmina para atingir o coração. Ela havia praticado o movimento esta manhã na frente do espelho do banheiro. “Estou bem, papai. Eu sempre trago minha faca comigo.”

Seu pai parou novamente, puxando uma respiração afiada. Um olhar passou por seu rosto que Lore não entendeu. Não exatamente medo, mais como se ela tivesse lhe dado um soco no estômago e ele estivesse lutando para não se dobrar. Ele ficou em silêncio por um longo tempo.

"Eu sinto Muito?" ela sussurrou. Essa era geralmente a resposta que ele estava procurando.

Ele se sacudiu para fora de seu transe, pegando a mão dela novamente. "O que eu te disse sobre sua faca?"

“Só posso usá-lo na Thetis House ou em casa,” ela obedientemente repetiu. O que era estúpido. Todos os caçadores precisavam de suas armas em todos os momentos, mesmo entre os Agons. Mas as palavras ainda não o deixaram feliz.

Ele olhou ao redor para as pessoas que passavam por eles, alheios ou checando seus telefones. Então ele mudou para a língua antiga. “Porque os não-sangue não vão

entender. Eles vão levá-lo embora se o pegarem com uma arma como essa.”

“Eu posso me defender!” As palavras explodiram dela. “Sou o melhor da minha classe. O

instrutor me chama de espartano...

— Nem mesmo os espartanos eram espartanos, Melora — disse seu pai.

Lore se afastou, fora de seu alcance. Ela abraçou o pacote para ela. Seus pensamentos se tornaram um emaranhado confuso. "O que você quer dizer?"

Ele se ajoelhou para olhá-la diretamente nos olhos. “Nem sempre é a verdade que sobrevive, mas as histórias que queremos acreditar. As lendas mentem. Eles suavizam as imperfeições para contar uma boa história, ou para nos instruir como devemos nos comportar, ou para atribuir glória aos vencedores e envergonhar aqueles que vacilam.

Talvez houvesse alguns em Esparta que encarnassem esses mitos. Possivelmente. Mas como somos lembrados é menos importante do que o que fazemos agora.”

O coração de Lore começou a bater muito rápido. Ela agarrou o pacote com força suficiente para amarrotar o papel pardo. “Mas nossas lendas são verdadeiras. Nossos ancestrais, os deuses...”

“Se houve heróis, todos eles se foram agora,” seu pai disse, levantando-se. “Somente os monstros permanecem. Sua coragem sempre foi grande, chrysaphenia mou. Para alguns monstros, isso será suficiente para assustá-los, mas haverá outros, feras maiores, que se deliciarão com a perseguição. Voce entende?"

Lore não disse nada. Sua raiva rosnou em seu peito, ousada e corrosiva. Ela poderia cuidar de qualquer um - ou qualquer coisa - que tentasse atacá-la. Monstros tinham presas, mas era por isso que as leoas recebiam garras.

"Voce entende?" ele repetiu, mais afiado desta vez.

“Sim, papai,” ela disse mal-humorada.

“O pai de Castor é um conhecido meu”, disse ele. “Vou falar com ele sobre

marcar horários para você vê-lo fora de suas aulas e pedir permissão a Philip Achilleos, se for preciso. Mas você... você deve me prometer.

“Eu prometo,” ela disse, então silenciosamente acrescentou, Para ser mais cuidadosa do que eu era antes.

Eles começaram a andar novamente, juntando-se ao fluxo de pessoas que atravessavam a cidade. Lore ficou ao lado de seu pai, tentando evitar ser empurrada por grupos escolares itinerantes enquanto atravessavam a Quinta Avenida. Lore não os poupou outro olhar. Eles não eram como ela.

“Sua irmã se juntará a você na Casa Thetis em breve. Você gostaria disso?”

Lore deu de ombros. Ela não conseguia imaginar Pia, com os olhos arregalados e os dedinhos sempre manchados de tinta, recebendo os golpes das equipes de treinamento dos colegas. O pensamento fez o peito de Lore rosnar novamente, embora ela não tivesse certeza do porquê.

“O que vamos fazer no aniversário dela?” ele perguntou, voltando para o inglês.

Lore deu de ombros novamente. Ela já sabia o que daria de presente para sua irmã – uma promessa de fazer a cama e trançar o cabelo dela todos os dias até que o verão fosse varrido pelos ventos do outono.

"Um filme?" ela se aventurou. Seu pai não gostava muito deles, mas talvez desta vez. . .

"Um piquenique?" ele sugeriu em vez disso.

“Uma viagem ao Zoológico do Central Park?” ela ofereceu.

E assim por diante, eles trocaram ideias, até que ficaram sem coisas que tinham feito e tiveram que inventar coisas que nunca poderiam fazer.

“Uma viagem à lua?” disse Lore.

“Uma dança com cavalos alados?”

Lore deslocou o pacote em suas mãos. Não era pesado, mas o tilintar dentro dela a fez pensar.

"Uma caminhada para onde quer que estejamos indo?" ela sugeriu inocentemente.

Um canto da boca de seu pai se contraiu, mas se equilibrou novamente quando ele apertou os lábios.

"Não, chrysaphenia mou", disse ele, olhando para frente. “Nós não a levaremos lá. É um lugar de monstros.”

Lore não reconheceu o restaurante. Ela nem achava que estava aberta. As cortinas estavam fechadas e a porta trancada. Ela olhou para o nome estampado na maior das duas janelas. O Fenício.

Ela engasgou.

"Não diga nada", seu pai disse a ela em voz baixa, tirando o pacote de suas mãos. “Você se lembra do que eu ensinei sobre como os convidados devem se comportar? Os Kadmides nos convidaram como um gesto de boa vontade e paz.”

Lore recuou. “Não eles, papai – eles são os que mataram...”

“Melora,” ele interrompeu bruscamente. “Você realmente acha que eu esqueci? Estamos sozinhos neste mundo agora, nós cinco. O povo de sua mãe não se aliará a nós no próximo Agon, nem os Aquilides ou Tesidas. Todos eles ficariam felizes em ver o último da linhagem de Perseu deixar o Agon. Precisamos de aliados.”

Ela respirou fundo pelo nariz, segurando-o para não dizer nada.

“Aristos Kadmou, arconte desta linhagem, escreveu para mim e pediu que eu viesse com minha filha mais velha”, disse ele. “Eu não poderia recusar sem ser percebido como um insulto. Eles não são conhecidos por sua graciosidade quando se trata de serem desprezados.”

O ar explodiu fora dela. “Mas, papai...”

“Nós devemos liberar o passado se quisermos encontrar um futuro,” ele disse a ela. “Não tenha medo. Eu estou com você, e nós somos estranhos aqui. Zeus Xenios nos protegerá.”

Como se ele protegesse o resto de nossa linhagem? Lore ficou surpresa com seu pensamento mesquinho. Claro que ele iria protegê-los. Eles eram os caçadores escolhidos de Zeus.

Lore sabia que sua família não era como as outras linhagens. Mas uma coisa era treinar com a poderosa casa de Aquiles e outra ir ao pior inimigo das Perseides em busca de armas, armaduras e informações. Ela odiava que tivesse que ser assim. Perseu foi um herói maior do que Kadmos jamais foi.

Seu pai levantou a mão e bateu.

Uma voz chamou de volta pela porta na língua antiga. “Quem vem aqui?”

“Demos, filho de Demóstenes, e sua filha, Melora, das Perseides”, respondeu ele. “A pedido do arconte dos Kadmides.”

A fechadura da porta se abriu. Lore agarrou a barra da velha jaqueta de couro de seu pai, então se forçou a se afastar e se endireitar. Ela não era mais uma garotinha. Ela não se escondeu atrás de ninguém.

A mulher que abriu a porta tinha muitos anos de cabelos brancos e pele desgastada. Ela o trancou atrás deles.

O restaurante estava escuro, com apenas a luz do sol fraca penetrando pelas telas. Era menor do que ela esperava e, para abrir espaço, todas as mesas e cadeiras foram empurradas para os lados mais distantes e empilhadas. Os Kadmides reunidos se moveram, criando um estreito corredor entre eles. Eles assobiaram e sorriram quando Lore e seu pai passaram por eles.

Lore olhou de volta desafiadoramente. Um caçador nunca mostrou a outro caçador seu medo. Não se eles quisessem respeito.

Odores familiares cobriam o ar — orégano e alho, carne assada, couro oleado, corpos.

Sentado perto dos fundos do restaurante, elevado acima dos outros em um pequeno palco, estava um homem de meia-idade, seu cabelo escuro salpicado de prata.

Ele se recostou em seu trono enquanto eles se aproximavam. Uma árvore velha e

poderosa foi cortada para fazê-lo; Os olhos de Lore se fixaram nos dragões esculpidos que se projetavam de ambos os lados, alertando qualquer um que chegasse muito perto.

O homem parecia do jeito que Lore sempre imaginou que Hades seria enquanto

supervisionava seu reino dos mortos.

Sentado perto de seus pés estava um menino que parecia ter a idade de Lore. Ele usava uma roupa semelhante ao homem - uma túnica de seda escura, calças escuras, botas escuras, um sorriso sombrio. Ele olhou para ela com seu nariz arrebitado como um cachorro que ele pretendia chutar para longe.

"Bem-vindo, Demos das Perseides", disse o homem. “Estou feliz que você aceitou nosso convite.”

Lore ouvira histórias sobre Aristos Kadmou. Suas esposas mortas. Sua quase morte de Artemis. Sua ascensão implacável nas fileiras de sua própria linhagem para se tornar arconte. Seu rosto contava todas essas histórias, as linhas profundas e as cicatrizes pesadas fazendo parecer como se tivesse sido esculpido na mesma árvore que seu trono.

Pelo que Lore sabia, ele era apenas uma década mais velho que seu pai, mas ela supôs que uma alma negra apodreceria você de dentro para fora mais rápido do que Khronos jamais poderia.

"Agradeço por estender isso", disse o pai. “Posso apresentar minha filha Melora?”

Lore o encarou.

“Bem-vinda, Melora”, disse Aristos Kadmou com um pequeno sorriso.

"Minha esposa nos enviou um presente", disse seu pai, segurando o pacote. Aristos acenou com a cabeça para o menino, que se levantou com ar de aborrecimento e foi buscá-lo. Ele foi o único a abri-lo e o único a segurar os dois potes de mel dentro.

Lore hesitou ao vê-los. Sua mãe mantinha uma colmeia no telhado do prédio e vendia o mel em uma das feiras livres da cidade no fim de semana. Era ouro

líquido para eles, mas o menino, Belen, franziu o nariz de porco ao vê-lo.

“Para que precisamos disso?” ele zombou. “Podemos comprá-lo na loja por alguns dólares.”

O sangue quente correu para as bochechas de Lore, e foi apenas o aperto de seu pai em seu ombro que a impediu de arranhar o rosto do menino.

"Agora, Belen", disse Aristos levemente, dando ao menino um olhar que era tudo menos castigador. “Todas as ofertas, mesmo as mais . . . humildes, são bem-vindos aqui.”

Risos abafados se seguiram. Lore sentiu o corpo de seu pai ficar rígido ao lado dela. A mão que ele colocou em seu ombro apertou, e embora sua cabeça ainda estivesse curvada, ela o viu lutar para dominar sua expressão.

Aristos estalou os dedos para uma das mulheres próximas, que se curvou para ele em reconhecimento e trouxe uma garrafa velha.

“Meu Madeira favorito”, disse o arconte. “Com mais de duzentos anos.”

Seu pai a empurrou para a frente para aceitá-lo. Lore olhou para a mulher enquanto ela se esgueirava para frente, toda músculos e tendões. Seus olhos estavam delineados com kohl preto, assim como os olhos de muitas das outras mulheres e garotas mais próximas de sua idade reunidas ao redor delas. Isso fez seus olhos parecerem brilhar.

São as leoas dos Kadmides, percebeu Lore, pegando a garrafa.

“Você é muito generoso,” seu pai disse, as palavras duras. “Agradeço em nome da minha família.”

“Mas é claro”, disse Aristos. “Pense nisso não como generosidade, mas como um sinal de minha boa fé nos negócios que conduziremos aqui.”

"O negócio . . . ?” seu pai repetiu.

"Claro", disse o outro homem. “Por que outro motivo um homem entregaria seu orgulho para vir ao covil daqueles que quase extinguiram sua linhagem, se não fosse por puro negócio?”

As narinas de Lore se dilataram, mas seu pai manteve a calma. "Por que de fato."

“Ouvi dizer que você estava indo de linhagem em linhagem como um mendigo em busca de conforto e ajuda”, disse Aristos. “É uma pena que eles não tenham visto a oportunidade que você oferece.”

"Para uma aliança?" seu pai questionou, ignorando os sussurros e risadas sarcásticas ao redor deles.

“Uma aliança?” Aristos se inclinou para frente em seu trono, inclinando a cabeça. “Não, Demos. Tenho uma oferta para você. Um arranjo que mudará sua sorte.”

“Se tal coisa estiver ao alcance de outro homem,” seu pai disse friamente.

“Pedi para você trazer sua filha, pois gostaria de trazer o sangue nobre de Perseu para nossa linhagem,” o homem continuou. "Desejo comprá-la de você, para o casamento."

O pulso de Lore começou a trovejar em sua cabeça. Suas têmporas latejavam.

Seu pai olhou para Belen, que estava espalhando o ranho na frente de sua túnica.

“Certamente as crianças são muito pequenas para que seus futuros sejam decididos—”

“Nossos destinos são decididos no nascimento,” Aristos Kadmou disse. “Como você bem sabe.”

“Tenho menos certeza dessas coisas”, respondeu o pai. “Acredito que escolhemos o que nos tornamos.”

“Então você está contra as Moirai?” disse o arconte. “Talvez esse tenha sido seu erro nesses muitos anos. Reconheci meu destino como menino. Eu o herdei, junto com o vasto tempo e alardeada kleos do meu senhor.

“E ainda assim você decidiu o destino da jovem Belen”, disse seu pai, “pedindo a mão de

minha filha em nome de seu filho bastardo.”

Ouviu-se um silvo de surpresa e um estrépito de armas ao desprezo. Belen recuou, seu rosto vermelho com a raiva da vergonha. Mas quando o arconte dos Kadmides falou novamente, ele silenciou até mesmo o pai de Lore.

“Eu não a quero para Belen,” ele disse. “Eu a quero para mim.”

Os dedos de Lore ficaram frouxos, e foi apenas um reflexo que permitiu que ela pegasse a garrafa antes que ela batesse no chão e se estilhaçasse. Ela se virou para olhar para seu pai, silenciosamente implorando para que eles saíssem agora, antes que outra palavra vil pudesse sair dos lábios de cobra do homem.

“Ela só tem dez anos”, disse o pai. “Você é mais velho dela por meio século—e suas outras esposas—”

Um murmúrio quieto passou pelos Kadmides. Alguns sibilaram, outros bateram no peito, mas era o arconte que Lore observava. Uma expressão estrondosa passou por seu rosto com a menção de suas seis esposas, todas partiram para o Mundo Inferior sem lhe dar um verdadeiro herdeiro.

“Vou esperar até que ela tenha doze anos, como o costume antigo permite, para me casar com ela, e esperar até que seu primeiro sangue a deite”, disse Aristos Kadmou, sem olhar para Lore. “Ela será criada comigo até então para garantir que ela seja criada corretamente.”

"Não!" Lore latiu. Seu pai a segurou, apertando seu ombro novamente.

"Perdoe-a, ela é muito animada", ele conseguiu dizer. “Sua oferta é . . . generoso. No entanto, Melora já começou seu treinamento com os Achillides.”

"Por que?" perguntou Aristóteles. "Por que se incomodar, quando você sempre soube que havia apenas um futuro para ela?"

“Eu não vejo dessa forma,” seu pai disse. "Ela é minha herdeira..."

"Ela certamente não é", disse Aristos. “Quantas filhas você tem agora, Perseous? E sem filhos. Ninguém para passar seu nome. Ela nunca receberá uma oferta melhor do que servir ao arconte dos Kadmides. Você sabe que isso é verdade.”

A fúria cresceu dentro de Lore.

“Seja sábio, Demos. Você tem dois outros filhotes para descarregar em outras linhagens”, disse Aristos. “Livre-se de uma sanguessuga e você respirará mais fácil. Eu lhe pagarei generosamente por ela.

Foi um momento antes que Lore percebesse que o fraco som de rosnado estava vindo dela.

Seu pai, para sua surpresa, soltou uma risada oca.

“Você me acha tão tolo,” ele começou, “que eu não sei o verdadeiro motivo que você

ofereceu para ela?”

A sala ficou em silêncio novamente. Aristos Kadmou se inclinou para frente, apoiando os cotovelos nos joelhos e erguendo uma sobrancelha em desafio.

“Deve te assombrar, como assombrava seu pai e o pai dele antes dele,” o pai de Lore continuou, “ter tal herança em sua posse, e tê-la como nada mais do que decoração. Qual o peso dele em suas mãos? Você pode levantá-lo sem ajuda da mesma forma que qualquer uma das minhas filhas?

Os olhos do outro homem brilharam, sua expressão escurecendo.

“E como isso vai assombrá-lo saber que a herança que você perdeu está sob seus pés, apenas um andar abaixo”, disse Aristos. "Esperando. Esperando. Esperando que você tente recuperá-lo.”

A visão de Lore ficou vermelha enquanto o calor dentro dela crescia. Eles estavam falando sobre a égide, o escudo de Zeus carregado por Atena. A herança que Zeus deu a sua linhagem no início do Agon, aquela que os Kadmides roubaram deles. Estava aqui.

“Ele te chama?” Aristóteles se perguntou. “Você pode ouvir, mesmo agora? Ou você ouve o lamento de seus ancestrais, abatidos como porcos?”

“Eu só ouço o desespero em sua voz,” seu pai disse calmamente. “Mas minhas filhas nunca lhe darão um filho que possa empunhá-lo.”

O rosto do arconte passou para as sombras do palco quando ele se ergueu em

toda a sua altura. “Eu não preciso misturar seu sangue inferior com o meu para usá-lo.”

“Nunca será dado de boa vontade”, disse seu pai. “Se vamos morrer, então desaparecerá conosco. Que infelicidade para você que a mais teimosa das famílias Perseides tenha sobrevivido.”

Aristos desceu do palco lentamente. Seus braços tinham sido tatuados com um padrão de pele de cobra, e as veias grossas estavam salientes quando ele cruzou os braços sobre o peito. "Isso está certo? Diga-me, garota, o que você deseja?

Lore olhou para seu pai e o imitou. Ela olhou para frente, recusando-se a olhar para o arconte.

“Eu não posso imaginar que é a miséria em que você vive agora. Você não gostaria de viver entre as linhagens mais poderosas – ter o ouro, as joias e a seda?” perguntou Aristóteles.

Seu pai lhe dissera para não falar. Ela sabia que não deveria, mesmo agora, mas não podia evitar. O orgulho ardeu em seu coração.

“Eu serei uma léaina,” Lore disse a ele. “Meu nome será lenda.”

O riso dos Kadmides a arranhou de todos os lados, mas o pequeno sorriso de Aristos Kadmou foi de alguma forma pior. Lore sentiu como se todo o seu corpo pudesse explodir em chamas. A mão de seu pai permaneceu em seu ombro, mas ela não sentiu

mais. Ela não sentia mais nada além das batidas de seu coração.

“Você, uma léaina?” disse Aristóteles. “Eu tenho muitos deles, como você pode ver. Todos mais corajosos, mais rápidos, mais fortes do que você...

Lore soltou o grito que se formou em seus pulmões, balançando a garrafa contra o pilar de pedra ao lado dela. O vinho inundou o chão como sangue, tornando o ar doentiamente doce enquanto ela se lançava na direção da pequena leoa mais próxima, agarrando o gargalo quebrado da garrafa como uma adaga. Os olhos com aro de kohl da outra garota se arregalaram, mas Lore foi mais rápida, ela era mais forte

... A mão de seu pai apertou seu pulso, puxando-o de volta antes que pudesse perfurar a garganta da garota. Por um momento, Lore não viu nada além do olhar em seu rosto, o horror ali. Seu peito arfava, e ela não entendia por que isso a fazia querer chorar.

Ele a afastou das leoas, dos Kadmides que vinham em sua direção. Pela primeira vez em sua vida, Lore ouviu o verdadeiro medo na voz de seu pai.

“Por favor,” ele começou, “ela é apenas uma criança – ela não conhece seu próprio temperamento, e não houve nenhum insulto para você como anfitrião. Se houver punição, devo enfrentá-la, pois falhei em ensiná-la melhor.”

Os Kadmides se aproximaram, apertando-os como um laço. Alguém agarrou a trança de Lore e deu um puxão violento. Ela pressionou o rosto nas costas de seu pai, agarrando sua camisa quando um golpe a atingiu entre os ombros.

Seu pai os empurrou para longe dela. Um chicote estalou contra seu braço, instantaneamente tirando sangue.

“Pare,” ela sussurrou. “Pare...”

Foi outro comando que fez a sala ficar em silêncio. Para quietude.

"Sair."

Os Kadmides obedeceram da maneira que Lore deveria ter obedecido. Eles trouxeram orgulho para seu líder quando saíram do restaurante, onde Lore trouxe vergonha para seu pai. Ela sabia sobre xenia, sobre como um convidado deveria se comportar. Ela havia violado algo sagrado.

Quando o último dos Kadmides partiu, Aristos Kadmou começou a rodeá-los. Seus passos eram lentos e pesados quando ele cruzou as mãos atrás das costas.

“Peço desculpas pela minha filha”, disse o pai. “Farei as reparações que você achar melhor.”

“Há apenas uma coisa que eu quero”, disse Aristos Kadmou. “É uma sorte que eu goste de fogo em minhas mulheres” – ele se inclinou mais perto – “e o desafio de extingui-lo.”

O arconte deslizou um envelope no bolso da camisa de seu pai. “Essa é a minha oferta para a garota. Envie-me sua resposta até o final do Agon.”

Seu pai deu um breve aceno de cabeça, segurando sua mão com tanta força que Lore não teve escolha a não ser segui-lo até a porta. Ela não se atreveu a olhar para trás, nem mesmo quando o outro homem falou uma última vez.

“Este é o futuro dela”, disse ele. “Não há mais nada para ela em nosso mundo. Vou garantir isso, de uma forma ou de outra.”

Algumas de suas serpentes permaneceram do lado de fora. Eles assobiaram e cuspiram em Lore e seu pai enquanto passavam. A humilhação fez seu coração doer e seu corpo pequeno, mas não era nada comparado a saber que ela havia envergonhado seu pai.

Eu nunca vou ganhar kleos, pensou Lore, sua garganta grossa e seus olhos ardendo. Eu nunca serei nada.

Eles estavam caminhando por quase vinte minutos quando seu pai diminuiu o passo. Ele não disse nada enquanto se ajoelhava e a puxava para um abraço feroz.

“Sinto muito,” ela sussurrou, pressionando o rosto contra o ombro dele. “Sinto muito, papai. . . .”

Ele a pegou no colo, apertando-a contra ele do jeito que fazia quando ela era menor, e a carregou pelo resto do caminho para casa.

A PORTA DO VAULT FECHOU-SE.

Atena se virou para Lore, incandescente de raiva.

"Por que?" ela rosnou. “Quando nosso inimigo estava lá, ao alcance—”

Lore de alguma forma conseguiu sufocar as palavras em torno das mãos frias de terror ainda segurando sua garganta. "Muito tempo . . . muitos deles... Castor...

A porta vibrou com um estrondo ensurdecedor quando algo bateu nela. Atena se endireitou ao ouvir o som, dominando sua raiva o suficiente para rosnar: "Se vamos recuar como covardes, então vamos fazê-lo agora."

Lore se virou, observando a porta bater. A indecisão a rasgou. Eles poderiam se posicionar. Eles ainda poderiam matar Wrath aqui e acabar com este pesadelo.

Iro gemeu, movendo-se contra ela.

Lore engoliu a bile em sua boca, seu coração ainda em fúria em seu peito. Não, era um risco muito grande agora. Eles precisavam ajudar Castor e deixar Iro em segurança.

“Vamos,” ela disse à deusa.

As batidas os seguiram pelo caminho subterrâneo, mesmo depois que Athena dobrou a segunda porta atrás deles. Dois golpes, como um batimento cardíaco. Bang bang.

Afogou todos os pensamentos na mente de Lore, até que ela teve certeza de que ouviu uma mensagem nele.

Bang bang.

Muito tarde.

Muito tarde.

O telefone de Lore vibrou assim que chegaram à sapataria vazia. A mensagem veio de um número desconhecido, bloqueado pelo serviço dela.

Seguro.

Um momento depois, ela percebeu quem era. Alívio a atravessou enquanto ela mandava uma mensagem de volta, Segura. Encontre-se na casa de Van.

“Castor está bem,” Lore disse a Athena. A deusa se arrastou até a porta da loja e puxou uma ponta do papel pardo que a cobria. Ela olhou para a rua, procurando por caçadores.

“Uma pena,” Athena resmungou. “Por enquanto ele deve responder a mim por nossa esperança arruinada.”

Lore ajustou o peso de Iro. A garota era mais alta que Lore, o que tornava

estranho carregá-la.

"Isto . . .” ela começou. “Não deu certo dessa vez.”

O olhar de Athena se voltou para ela. “Por que você fechou a porta? Sua crença em nosso objetivo vacila?”

Lore balançou a cabeça. "Não. Ele apenas deixou vocês dois muito expostos. Há uma diferença entre um tiro no escuro e um sem vitória, e isso se tornou o último.”

A expressão da deusa não suavizou, mas se tornou contemplativa enquanto estudava Lore. Quando ela falou novamente, as palavras eram calmas e medidas. — Você está com medo dele?

"Não", disse Lore. “Eu...”

“Seu medo vai alimentá-lo,” Athena disse a ela. “Isso lhe trará prazer. Não o conceda. Ele é tão mortal quanto você nos próximos seis dias. Se você vacilar novamente, lembre-se do que ele tirou de você. Ele pode possuir poder, mas você tem justiça. E mesmo que isso o abandone, lembre-se de que estou ao seu lado e não vou deixar você falhar.”

Lore tentou reunir alguma resposta. Ver Wrath vindo em direção a ela, sabendo que ele a reconheceu, enviou uma onda de dúvida quebrando sua confiança. Não que ela quisesse menos a morte dele. Foi a súbita e difícil compreensão do que o Agon poderia pedir a ela para ver a morte dele.

Eu ainda posso sair de novo, ela disse a si mesma. Eu não estou fazendo a matança. Este é um fim, não um começo.

"Precisamos conhecer os outros", disse Lore. “A rua está limpa?”

"Sim", disse Atena. "Eu vou carregar a menina."

Lore passou Iro para ela, e Athena saiu para a escuridão.

Lore demorou um momento, absorvendo a visão, e tentou se lembrar de como era não ter medo.

O endereço que Van tinha dado a ela e Castor antes de se separarem era de uma lavanderia cerca de vinte quarteirões ao norte, em Hell's Kitchen.

Eles se aproximaram da porta lateral de espera, deixando o calor das aberturas passar sobre eles. O ar estava sufocado com o cheiro de detergente.

Lore piscou contra as luzes fluorescentes quando eles entraram, mas Athena já havia se virado para o som de uma voz familiar.

Miles estava encostado em uma mesa no escritório apertado da lavanderia, seu rosto animado enquanto ele conversava em coreano com a mulher de cabelos grisalhos ali.

Mas quando os viu, sua expressão caiu.

"O que aconteceu?" ele perguntou. "Onde estão os outros? Que é aquele? Porque voce esta atrasado?"

“Qual pergunta você quer que seja respondida primeiro?” Lore perguntou, cansada.

A mulher mais velha suspirou e se levantou da cadeira. Ela desligou o monitor de seu computador antigo, tirou a bolsa da gaveta e disse: “Vou fechar a noite. Diga a Evander para deixar o pagamento no cofre e variar as contas desta vez.

Ela se afastou e, em segundos, as luzes da lavanderia se apagaram. Apenas algumas máquinas ainda estavam funcionando quando ela saiu e trancou a porta atrás dela.

“Olhe para você, fazendo amigos onde quer que vá,” Lore disse enquanto Athena abaixava Iro na outra cadeira da sala. A deusa se afastou, permitindo que Lore sentisse o pulso de Iro e tentasse despertá-la.

"Exatamente o quão forte você bateu nela?" perguntou Lore. Iro estava inconsciente há quase vinte minutos.

“Quem era aquela mulher?” Athena exigiu, ignorando sua pergunta.

"Sra. Cheong”, disse Miles. “Realmente doce senhora. Ela me disse que eu a lembrava de seu neto, com todas as minhas tatuagens.” Ele respirou fundo e

acenou para a forma inerte de Iro. "Ok, me diga quem é."

“Iro das Odisseides,” Lore disse a ele. “Filha do Guardião do Coração.”

Miles deu-lhes um olhar de dor. “Por que tenho a sensação de que as coisas não saíram como planejado?”

“A versão curta?” Lore começou, encostado na parede. Seu corpo tremia enquanto tentava se reagrupar após o esforço de carregar Iro. “Wrath está vivo e Heartkeeper está morto e Iro pode saber o poema alternativo ou onde encontrá-lo.”

A porta lateral se abriu novamente. Athena estava fora do escritório com seu dory contra a garganta do recém-chegado antes que Lore pudesse respirar.

Van ergueu as mãos. “Estão todos aqui?”

Athena baixou a arma, afastando-se para permitir que ele passasse. “O falso Apolo ainda está por vir.”

Van parecia menos preocupado com esse fato do que Lore. Ele parou na porta, observando Miles. Seus lábios se comprimiram, mas ele não disse nada enquanto o estudava.

“Sim, ainda vivo,” Miles disse a ele de uma forma estranhamente sarcástica. Ele pegou a mochila preta simples a seus pés e a empurrou para Van com algum esforço. Os braços de Van se curvaram ligeiramente sob o peso.

“Seu contato foi um verdadeiro cavalheiro,” Miles continuou. "Ele só me chamou de 'lixo sem sangue' duas vezes, mas ainda disse que preferia lidar comigo do que com você."

"Possivelmente porque você não tem a chave para a vergonha eterna dele", disse Van.

"Sra. Cheong quer o dinheiro dela,” Miles o lembrou. “E para você variar as contas. Diz que você é um bom parceiro de negócios, seja lá o que isso signifique.

“Isso significa que eu sei quanto pagar para garantir que ela esqueça tudo o que

vê e ouve”, disse Van.

Ele abriu o zíper da bolsa e despejou seu conteúdo no chão do escritório apertado. Lore saltou quando pelo menos três dúzias de pilhas de notas de cento e vinte dólares atingiram o ladrilho. Ele agarrou o laptop na parte inferior antes que pudesse deslizar com eles.

Lore cobriu uma pilha com o pé e tentou deslizá-la para si mesma sem ser notada.

"Boa tentativa", disse Van. “Vamos precisar desse dinheiro para sobreviver à semana.” Ele pegou duas pilhas e foi até o cofre embaixo da mesa, onde as depositou. “Você teve algum problema?”

“Apenas alguns olhares estranhos quando eu insisti naquela sala de karaokê em particular e depois não fiquei para cantar mais de uma música de Whitney Houston”, disse Miles.

Havia uma faísca de algo em suas palavras - uma alegria, como uma criança que acabou de quebrar as regras pela primeira vez. Seus olhos estavam brilhantes, quase febris com a lembrança, e suas bochechas coraram como sempre ficavam quando ele estava

excitado.

As mãos de Van pararam sobre a pilha de dinheiro. Seu tom se tornou acusatório. “Faltam quase três mil dólares. Você comprou alguma coisa no seu passeio de alegria?”

“Sim, eu parei para me presentear com uma boa refeição,” Miles retrucou. “Eu não sou um ladrão. Ele tinha outra informação, mas queria mais por ela.”

— E você deu a ele? Van estalou. “Sem se preocupar em checar comigo? Ele provavelmente lhe vendeu uma mentira...

— Tudo o que você conseguiu foi a confirmação de que os Kadmides compraram uma nova propriedade no Central Park South, e que a compraram usando uma corporação de fachada — disse Miles. “O que consegui que ele me dissesse foi que o novo Dionísio, o Foliador, era aliado de Wrath e vinha trabalhando com ele e os Kadmides desde o último Agon. Mas o Folião fugiu no

início da caçada deste ano e não voltou. Wrath está atrás dele agora também.

Os lábios de Lore se separaram. Até Atena pareceu levemente desconcertada com o pensamento.

"Então, você me diz qual informação é mais valiosa para nós agora", disse Miles triunfante.

Van se levantou, mas Miles não recuou, nem mesmo para escapar do olhar de Van.

“Isto não é um jogo,” Van disse a ele. “Não há nada para vencer e nenhuma regra para protegê-lo.”

"Eu sei disso", disse Miles. Mas Lore conhecia seu amigo, e ela reconheceu o olhar de ânsia e realização que animava seu humor.

Van estava certo. Miles estava gostando muito disso.

A porta lateral se abriu novamente, desta vez com mais força.

Castor, pensou Lore, passando por Atena.

Ele apoiou a mão na parede e se inclinou para frente, a exaustão caindo sobre seu rosto.

Lore foi em direção a ele, abaixando-se para tentar encontrar seu olhar. Além de um corte na linha afiada de sua bochecha esquerda, ele parecia estar bem. A tensão em seu rosto aliviou quando ele a viu.

"Você está bem?" ela perguntou. "O que aconteceu?"

Castor enxugou o suor do rosto contra o ombro, mas sua camisa já estava grudada em cada linha de seu peito e braços. “Levei mais tempo para perdê-los do que eu...”

Ele se endireitou de repente, segurando o cotovelo dela. O leve movimento sacudiu o ombro de Lore, enviando uma nova onda de dor. Sangue quente escorria por sua frente, e ela balançou, de repente tonta.

Castor abriu um saco de roupa suja esperando para ser entregue e vasculhou até encontrar uma toalha. "Como isso aconteceu?"

“Cobrado quando eu deveria ter me abaixado,” Lore conseguiu, tentando se concentrar em seu rosto.

“O que— Oh não—” Miles começou a vomitar quando viu a toalha manchada de sangue.

“Ela está...”

“Cure-a, impostor,” Athena ordenou.

“Não,” Lore disse, se afastando. “Iro primeiro. Iro. Ela... Ela precisa acordar.

“Não vou assistir você sangrar estoicamente até a morte”, disse Castor, exasperado.

Ela pressionou a toalha no ombro, afastando-se do alcance dele. "Iro primeiro."

Castor passou por Athena e entrou no escritório. Lore não se juntou a eles até que a luz do poder de Castor se infiltrou no corredor escuro. Ele trabalhou rapidamente, assentindo enquanto Miles repetia o que havia aprendido com o informante Kadmides.

“Precisamos sair daqui o mais rápido possível”, disse Van. “Se Wrath e os Kadmides ainda estão nos rastreando, eles não estarão muito atrás.”

“Podemos tomar um segundo para recuperar o fôlego e descobrir nosso próximo passo”, disse Lore.

“Vamos começar com o que teria assustado o Folião o suficiente para quebrar uma aliança com Wrath,” disse Castor. Uma de suas mãos gentilmente segurou a nuca de Iro, mas a garota não mostrou sinais de acordar, mesmo enquanto ele a curava.

"A morte de Hermes", disse Van.

Castor suspirou. “Isso daria certo.”

"Por que?" perguntou Miles.

“Eles foram amantes por décadas,” Lore explicou, apoiando seu ombro bom contra o batente da porta. “Eles viviam isso nos anos entre as caçadas, divertindo-se em festas, viajando pelo mundo, visitando antigas relíquias do mundo antigo em museus.

Supostamente eles conseguiram roubar alguns deles de volta.” Ela olhou para Atena.

"Você disse que não foi capaz de sentir a presença de Hermes nos últimos anos - você acha que está relacionado?"

"Hermes nunca concordaria com uma aliança com o falso Ares", disse Atena. “Acho mais provável que a escolha do falso Dionísio de fazê-lo tenha criado uma brecha entre eles e Hermes teve que procurar abrigo longe de seus esconderijos conhecidos.”

"Não o ajudou no final", disse Lore. “Bem, independentemente do que aconteceu entre os dois pombinhos, se Wrath está procurando o Folião, precisamos encontrá-lo primeiro.

Acho que podemos refazer nosso último plano e, potencialmente, fazer uma nova

armadilha para montar uma armadilha.”

“De fato,” Athena disse, já tendo pensado nisso. “O impostor Ares não vai permitir que ele viva depois de sua traição.”

"Isso é apenas se ele concordar em nos ajudar", disse Van.

“Ele não precisa ser um participante voluntário”, disse Athena. “Ele não precisa saber que estamos lá até que o falso Ares chegue e a armadilha seja acionada.”

“Estamos assumindo que Wrath não entendeu o que estamos tentando fazer,” Castor apontou. "E que ele não vai ver isso chegando."

"Não . . .” Lore disse lentamente. “Eu não acho que ele vai. Isso não. Ele pode saber que estamos vindo atrás dele, mas ele não tem ideia de que sabemos sobre

o Folião fugindo de sua aliança. Mesmo Van não tinha ouvido falar que eles eram aliados, e ele aparentemente tem fontes em todos os lugares.

O Mensageiro pareceu descontente ao ser lembrado desse fato.

"Tudo bem", disse Miles. "Mas como vamos encontrar o Folião primeiro quando Wrath provavelmente tem centenas de caçadores procurando por ele?"

Castor olhou para Van, parecendo transmitir uma pergunta. Van não disse nada, apenas balançou a cabeça em resposta.

"O que estou perdendo aqui?" Lore perguntou, olhando entre eles. A toalha estava ficando mais pesada, assim como sua cabeça. Ela teve que encostar a têmpora no batente da porta para ficar na vertical.

“Não seria mais rápido?” Castor perguntou a ele.

“Pode levar uma eternidade,” Van disse a ele. “Nós chegaríamos tarde demais.”

Ele arrastou a mochila até Castor, pegando o laptop dela. Em vez de conectá-lo ou inicializá-lo, ele usou uma pequena chave de fenda para remover o painel traseiro.

Tanto Miles quanto Lore se inclinaram para frente, intrigados, enquanto ele removia um pequeno aparelho prateado debaixo da bateria. Ele se conectou à base do último telefone de Castor.

“Esta é uma cópia do programa de rastreamento dos Kadmides,” Van explicou, esperando que carregasse. “Aquele que eles usam para anotar avistamentos de outras linhagens e dos deuses. Vou ver se eles postaram algo sobre o Folião, mas não posso ficar logado por muito tempo sem que o Messenger ou outra pessoa perceba.”

“O que mais você sabe sobre o falso Dioniso?” Atena perguntou.

“Quase nada”, disse Van, “além do que é de conhecimento comum. Ele ascendeu há pouco mais de cem anos. Ele era conhecido como Iason Herakliou em sua vida mortal, filho do arconte, Iason, o Velho. Ele matou toda a sua família assim que ascendeu e destruiu todos os seus registros para tornar mais difícil para o resto de nós caçá-lo.”

Miles parecia genuinamente chocado. "Todos eles? Todos da família dele?”

“Todos eles,” Lore confirmou. “O Expurgo dos Heraklides continua tão retorcido como sempre.”

“E ainda totalmente dentro do personagem para a natureza brutal dessa linhagem,” Van notou. “Eles celebraram todos os piores traços de seus ancestrais. É incrível que eles tenham sobrevivido tanto quanto sobreviveram.”

"Ele teve uma longa carreira como um novo deus", observou Castor. “Suponho que ajuda ele não ter mais uma linhagem para puni-lo por ser um assassino de parentes.”

“Além disso, ele tem sido o novo Dionísio menos empreendedor que já vimos, o que significa que não podemos tentar rastreá-lo através de negócios”, disse Van. “Sem vinhedos, sem novas substâncias que alteram a mente, sem cultos, religiosos ou outros. .

. Não posso prever como ele reagirá a nós, mas precisamos estar preparados para qualquer coisa. Não esqueça que seu poder pode induzir uma sensação de embriaguez e frenesi. Ele é conhecido por lançar ilusões nas mentes dos caçadores para escapar.”

"Você tem uma foto dele, Van?" perguntou Lore. “Nunca vi um.”

Enquanto o programa Kadmides carregava no gravador, Van virou para seu celular real e, depois de um momento, puxou uma foto granulada de um velho recorte de jornal.

Mostrava um homem com uma mão enfiada no colete sob seu terno antiquado. Seu rosto redondo estava meio escondido sob um bigode magnífico enquanto ele posava, com o rosto impassível, entre duas pistas de boliche.

"Isso é um homem ou um pug bigodudo de terno?" Miles perguntou cuidadosamente.

Para a surpresa de Lore – e até, ao que parecia, de Van – Van soltou uma gargalhada aguda. Ele se recuperou rapidamente, apertando os lábios como se quisesse apagar completamente o sorriso.

"Houve rumores de que ele era um arquiteto", disse Van. “Também ouvi dizer que ele morava aqui, na cidade, mas não há mais nada que comprove isso. Como eu disse, não sabemos quase nada.”

“Bem, nós sabemos de outra coisa,” disse Miles. “Ele está de pé no Frick.”

Lore estava tão focada em tentar estudar o rosto do homem que mal prestou atenção na sala ao redor dele. “O que-agora?”

“A Coleção Frick,” Miles repetiu. Seus olhos se arregalaram e seu rosto se iluminou de prazer ao ver o olhar de surpresa de Van. “Você não sabia? Mesmo?"

"Inteligente", disse Atena. “Mais uma vez, o conhecimento mortal desta cidade supera em muito o que o resto de vocês traz.”

"Como você pode ter certeza?" Van perguntou, seu tom afiado.

“A pista de boliche – aqueles arcos, o distinto teto de favo de mel,” disse Miles, tentando

não gritar. Van realmente parecia perdido enquanto dava zoom no teto. “Esse é o Frick.

Costumava ser uma velha mansão pertencente a um Sr. Frick que usava suas pilhas intermináveis de doce, doce dinheiro industrial para comprar arte. Eles o transformaram em um museu após sua morte. A pista de boliche fica no porão. Eu apostaria dinheiro nisso, e se é verdade que o Folião era arquiteto, não me surpreenderia se ele trabalhasse nisso.”

"Como diabos você sabe de tudo isso?" perguntou Lore.

“Você também saberia se tivesse vindo comigo quando perguntei se queria ir no mês passado,” disse Miles incisivamente. “Eu recebo ingressos grátis através do meu estágio, lembra? Você disse, e cito, 'Nova-iorquinos de verdade não brincam de turista.'”

“Isso não soa nada como eu,” Lore disse indignada.

"Isso soa exatamente como você", disse Castor. “É como a sua coisa toda sobre

como os nova-iorquinos 'autênticos' não brindam com seus bagels.”

Lore ficou horrorizado. “Apenas monstros torram seus bagels.”

"Isso não significa nada", Van interrompeu. "Só porque ele foi fotografado lá há mais de cem anos não torna a informação relevante para nós hoje."

“É tudo relevante”, disse Athena. “Pois está muito perto de onde ocorreu o Despertar e é familiar para ele.”

“O que faria parecer um lugar seguro para se esconder,” Lore terminou. “Ele pode ainda não estar lá, mas vale a pena investigar.”

“Ah, eu nem te contei a melhor parte,” disse Miles, fazendo uma pausa para um efeito dramático.

Lore deu-lhe um olhar. Ele sorriu.

“Fechou há duas semanas para reformas”, finalizou. “O museu não reabrirá até janeiro.”

"Bem, droga", disse Lore. “Acho que devemos começar a procurar lá.”

"Concordo", disse Miles.

“Ainda vou checar o programa dos Kadmides,” Van disse categoricamente. “Não podemos apostar em um palpite.”

"Bom", começou Castor. “E enquanto você faz isso. . .” Ele cuidadosamente soltou Iro. “Ela deve acordar em alguns minutos.”

Ele se virou para Lore, as sobrancelhas levantadas. Lore pressionou a toalha no ombro ferido e, apenas para fazer Castor se sentir melhor, permitiu que ele a ajudasse a descer o corredor, em direção ao banheiro dos funcionários de aparência miserável.

“Faça isso rápido,” Van gritou atrás deles. "Temos dez minutos antes de precisarmos nos mover."

Só, pensou Lore, se Wrath não nos encontrar primeiro.

LORE QUASE ESQUECEU como era ser cuidada por outra pessoa.

Ela cuidava de Gil há anos e se acostumara a desempenhar esse papel. A estranheza de ser cuidada - a relutância que sentia - a lembrou de algo que Gil lhe dissera três anos atrás, na noite em que se conheceram.

Lore tinha caminhado dia e noite depois de deixar a propriedade dos Odisseides, tentando chegar a Marselha e começar a mendigar dinheiro suficiente para viajar de volta aos Estados Unidos e estabelecer uma nova vida. Uma vez lá, seus documentos falsos pelo menos lhe dariam algumas opções sobre a escola e recomeçar. Gil, então com oitenta e sete anos, foi assaltado nos arredores da cidade, e ela o encontrou espancado até a morte com um braço e uma perna quebrados. Ele estava rouco de tanto pedir ajuda que não veio.

Lore ficou indignada e, apesar de seu próprio medo e exaustão, ela carregou Gil nas costas para o hospital mais próximo e se sentiu compelida a ficar lá com ele, não querendo que o homem vulnerável ficasse sozinho. Ela fingiu ser sua neta para registrá-lo e escutou enquanto ele falava sobre si mesmo — como ele era um professor solteiro da cidade de Nova York, e ele sabia que esta seria sua

última viagem ao exterior. No momento em que o médico suturou as feridas de Gil e cuidou do corte em seu próprio rosto, a ideia estava totalmente formada na mente de Lore.

Gil não era do mundo dela e estava sozinho no dele. O que Lore propôs era puramente comercial: ela viajaria de volta para Nova York com ele e trabalharia como zeladora até que ele não precisasse mais de uma cadeira de rodas. Ele refletiu sobre isso com relutância óbvia o suficiente para que Lore se preparasse para a decepção. Enquanto esperavam que ele recebesse alta, Lore perguntou por que ele havia mudado de ideia. Às vezes, ele disse, a coisa mais corajosa é aceitar ajuda quando você foi levado a acreditar que não deveria precisar dela.

Lore guardou as palavras em seu coração, usando-as para afastar a última medida de sua relutância quando Castor a trouxe para o banheiro sujo da lavanderia.

Ele teve que se abaixar para acomodar o teto baixo. Os pensamentos de Lore ficaram quentes e pequenos enquanto ela observava sua garganta balançar e seus dedos ficarem inseguros de onde deveriam descansar em seu quadril enquanto ele a apoiava.

Ele é realmente lindo, ela pensou. Não apenas pelo que ele se tornou, mas de uma forma que era inegavelmente Castor.

Em um movimento rápido, ele a levantou para que ela estivesse sentada na borda estreita do balcão ao redor da pia. Como muitos banheiros na cidade, beirava o inóspito, provavelmente para desencorajar as pessoas a passar muito tempo nele.

“Muito macho, grandão,” ela disse a ele.

Ele deu a ela um olhar reprimido enquanto pegava a toalha de suas mãos e a jogava no chão. Cuidadosamente, sem mexer no ferimento, ele puxou a gola da camisa dela para ver melhor. "Podemos nos concentrar na lesão traumática na sala?"

Sua atenção era tão séria quanto ansiosa. Isso a lembrou de quando eles eram jovens, o jeito quieto que ele a observava depois de lutar como se precisasse se assegurar de que ela estava bem.

"Tigre facil. Não é traumático,” ela o informou. “Estúpido da minha parte, mas

não traumático.”

Ele balançou sua cabeça. "Eu juro, você é realmente a única pessoa que eu conheço que compraria uma briga em um momento como este."

"Isso é porque, ao contrário de você, eu posso fazer várias tarefas", disse ela com uma piscadela. “Qual é o prognóstico, doutor? Eu vou viver?”

De repente, ela percebeu como isso soaria para ele. “Desculpe-Cas, me desculpe. Eu e minha boca grande.”

Ele pareceu ignorar o comentário, mas ela podia dizer que algo sobre isso havia chegado.

“Posso rasgar a camisa para tirá-la do caminho?”

Ela assentiu, encolhendo-se enquanto ele dividia cuidadosamente o tecido da gola até a borda da manga. Foi só então que ela viu toda a extensão da ferida profunda e irregular.

Vários pequenos pedaços de vidro estavam embutidos no músculo ali, e por todas as muitas feridas horríveis que Lore testemunhou em sua curta vida, este ainda revirava seu estômago.

A alça do sutiã estava no caminho, presa na crosta de uma das feridas mais superficiais.

Seus dedos hesitaram sobre ela, quentes contra sua pele lisa. O sangramento havia diminuído, mas o frio que ela sentia sob sua pele estava se aprofundando.

Ela assentiu, engolindo em seco. Ele quebrou a alça, observando o rosto dela o tempo todo.

“Não dói mais,” ela disse a ele. "Isso tem que ser bom, certo?"

"Isso é o oposto de bom", disse Castor, sua voz firme. “Quem conseguiu te pegar?”

"Por que? Então você pode me vingar?” Ela tentou olhar para baixo. "É tão ruim assim?

Não parece tão ruim.”

“Eu acho que você está em choque,” ele disse a ela. “Quem era? Perdi você de vista quando a poeira e a fumaça ficaram muito espessas.

“Eu não sei,” Lore admitiu.

Em um movimento rápido, Castor agarrou o maior dos cacos de vidro e o puxou para fora.

A dor era tão escaldante que Lore não conseguia respirar fundo o suficiente para gritar, mesmo enquanto removia os pedaços restantes.

Mas então sua mão estava ali, apertada contra o sangue que escorria da ferida. Lore sentiu o calor, uma queimadura aguda que se desvaneceu em um calor entorpecente.

"Filho da-" ela conseguiu ofegar.

“Não fale”, disse Castor. “Apenas tente respirar.”

"Poderia ter . . . Me avisou . . .” ela disse.

“Você teria tensionado o músculo e teria sido difícil remover o vidro”, disse Castor. “Eu me lembro de algumas coisas que a Curandeira Kallias me ensinou, parece.”

Ela sabia que ele estava certo, mas isso não significava que ela não ficaria amarga sobre isso por alguns minutos.

“Apenas respire,” ele disse a ela.

Então ela fez. E com cada respiração ela sentia seu poder costurar sua carne rasgada de volta. Seu poder tinha uma qualidade quase entorpecente. Envolveu seu corpo e mente, embalando-a com sua suavidade.

Castor pegou a mão dela na dele. Lore fechou os olhos e encostou a cabeça no espelho atrás dela. Ela se agarrou a ele, querendo ficar no momento, querendo se firmar com algo real antes que o poder dele abrandasse sua mente.

"Fui eu?" ele perguntou baixinho. “Eu fiz isso com você?”

Lore forçou seus olhos a abrirem. O ouro em suas íris rodopiava, brilhante na escuridão do banheiro.

“Eu fiz isso porque não consegui controlar a força disso?” ele perguntou a ela novamente.

“Não,” ela disse a ele. “Foi um dos Kadmides.”

Castor não parecia convencido. Ela apertou a mão dele novamente, puxando-a até que ele olhou para ela.

“Esse poder é uma nova habilidade”, disse ela. “E como qualquer habilidade, você tem que praticar para dominá-la, certo?”

Seu polegar começou a acariciar distraidamente ao longo de sua clavícula enquanto a curava, deixando um rastro quente e brilhante em sua pele. Ela se inclinou para o toque.

“Gostaria que fosse assim tão fácil”, disse ele, “e eu pudesse explicar isso melhor, mas . .

. desde que recuperei a forma física, é como se não conseguisse recuperar totalmente o equilíbrio. Há uma desconexão entre o que minha mente espera e o que meu corpo realmente faz.”

— Por que você não me contou isso antes? perguntou Lore.

“Você me confunde,” ele disse claramente. “Sempre foi assim. Eu quero te contar tudo,

mas há uma parte de mim que ainda tem medo de parecer fraca.”

Lore agarrou seu pulso. “Eu nunca te vi desse jeito.”

"Eu sei", disse ele. “Mas eu fui fraco, por muito tempo, e não foi culpa de nada nem de ninguém. Era apenas meu corpo. Forte ou fraco - eu odiava essas eram as únicas coisas que nos permitiam ser. Eu queria ser definida pela vida que eu vivia.”

A vida que ele viveu. Aquele que teria sido cortado impiedosamente, se não fosse por sua ascensão. Ela quase podia sentir a história que ele estava escondendo. A maneira como ondulava sob sua pele, como se estivesse desesperado para ser contado.

“Cas,” ela disse suavemente. “Como você matou Apolo?”

Seu pomo de Adão balançou quando ele engoliu em seco. Ele parecia estar debatendo algo, e Lore quase desejou que ela não tivesse perguntado. Apesar de todas as coisas que haviam mudado entre eles, ela não tinha certeza se poderia levá-lo mentindo para ela pela primeira vez.

"Eu não sei."

O olhar de Lore disparou. "O que?"

Castor olhou para a porta, como se estivesse preocupado que alguém pudesse estar ouvindo. "Eu não sei. Não me lembro do que aconteceu.”

Sua boca se abriu, depois fechou.

"Eu sei", disse ele, tenso. “Não havia câmeras no meu quarto. Van me disse que as outras câmeras de segurança falharam quando Apollo entrou na Thetis House. Eu estava sozinho quando aconteceu.”

"Van sabe?" perguntou Lore. Ela não tinha motivos para se sentir magoada com a revelação, mas estava.

“Van não sabe sobre a memória perdida”, disse Castor. “Eu posso dizer que ele está pescando por aí, tentando descobrir por si mesmo. Eu acabei de . . .”

"É por isso que você estava tentando falar com Artemis?" Lore disse, finalmente colocando tudo junto. — Você acha que ela pode saber?

Ele assentiu. “Eu não sei como era a conexão deles, ou se ela viu o que aconteceu.

Athena parece não saber, no entanto. Artemis teria contado a ela se ela testemunhasse a morte de Apolo?

“Artemis tentou esfaqueá-la não mais do que cinco minutos neste Agon, então não vamos apostar no amor fraternal por nada aqui,” disse Lore.

O sorriso de Castor foi pequeno e fugaz. Lore pegou sua mão livre na dela novamente e a apertou.

"Eu preciso descobrir isso", disse ele. "Eu tenho que. Eu não posso. . . Isso deve ter

acontecido por um motivo. Tem que significar algo que eu tenho esse poder.”

Lore sentiu algo em seu peito se abrir com o desespero silencioso em suas palavras.

"Eu não acredito nas Parcas, mas eu acredito em você", disse Lore. “O que quer que aconteceu deve ter acontecido porque você era você. Vamos descobrir o que era, eu prometo. Você pode me prender a isso.”

Castor assentiu.

O calor desapareceu de seu toque quando ele terminou de curá-la, mas ele não se afastou, e nem Lore. Ele umedeceu um pequeno pano e começou a limpar o sangue de sua nova pele rosada — golpe por golpe, com uma ternura que quase partiu seu coração.

Lore alargou as pernas, deixando-o chegar mais perto, e fechou os olhos.

"Você está bem?" Ele perguntou a ela. "Mesmo?"

Seus longos dedos roçaram ao longo da curva de seu ombro, chegando a tocar sua outra bochecha, acariciando sua velha e longa cicatriz. Os músculos tensos de seu pescoço relaxaram quando ele acariciou o buraco onde a base de seu crânio encontrava o cume de sua coluna.

“Eu o vi,” Lore murmurou. “Eu disse a mim mesma que nunca voltaria a este mundo – que eu nunca deixaria isso forçar minha mão ou me levar a matar. Eu pensei que poderia sair limpo se Athena fosse a única a fazer isso, mas. . . Não sei se posso fazer isso, mantendo um pé no ringue e outro fora.”

"Você pode", disse Castor. “Não deixe que eles te puxem de volta. Não há nada

além de sombras para você aqui agora.”

Lore sabia exatamente como era fácil se perder naquela escuridão. Para precisar.

Mesmo agora, ela podia imaginar suas mãos ao redor da garganta de Wrath, sufocando-o até que as faíscas de poder se desvanecessem em seus olhos – ou sua lâmina piscando enquanto mergulhava em seu peito uma e outra vez. Mas Lore não se sentiu mal com o pensamento.

Ela só queria mais.

Lore se inclinou para frente contra seu peito, ouvindo a poderosa batida do coração mortal de Castor.

"Eu costumava acreditar neste mundo", disse Lore. “Eu costumava querer tudo o que prometia tanto.”

“Eu sei,” Castor disse a ela. “Mas eu nunca pensei que você ganharia o Agon. Eu pensei que você iria destruí-lo.”

Lore olhou para suas palavras, sua testa franzida em confusão. Mas antes que ela pudesse perguntar, um estrondo rasgou o silêncio, então um grito feroz.

Iro finalmente acordou.

QUANDO LORE chegou ao escritório, Iro estava com o braço em volta da garganta de Miles e a ponta afiada de um abridor de cartas pressionada contra sua jugular.

Van estava com as mãos estendidas, falando em um tom baixo e reconfortante enquanto a garota arrastava Miles em direção à porta. Athena observava do canto do escritório, os braços cruzados sobre o peito. Ela parecia divertida, mas seu dory estava ao seu alcance.

"Não!" Lore arrancou a lâmina da mão de Iro, dando a Miles um momento para cair e rastejar para longe. “Iro, me escute...”

Ela tentou travar os braços da garota ao seu lado, mas Iro sempre foi mais rápido, e seus instintos mais aguçados. Lore não viu nenhum registro de consciência no rosto da garota quando ela agarrou um dos pesados fichários da

estante e o lançou em direção a Castor.

Ele se mexeu, deixando o livro bater na parede atrás dele. Ele virou os olhos arregalados para Lore, sem saber o que fazer.

Ao vê-la, Iro se lançou – não para atacar Lore, mas para protegê-la dos outros. “Saia daqui, Melora!”

"Ei!" Miles latiu. "Isso era da Sra. Cheong!"

As palavras pegaram Iro desprevenido. Ela se virou para ele. "Eu o quê?"

Lore empurrou seu choque com a proteção de Iro e conseguiu envolver seus braços ao redor da outra garota antes que ela pudesse se recuperar.

"Me deixar ir! Você precisa sair daqui!” Iro disse entre os dentes cerrados, se esforçando e se debatendo para tirar Lore de cima dela. Seu leve sotaque francês nunca foi mais pronunciado do que nos raros casos em que ela levantou a voz.

“Pare” – Lore forçou os dois ao chão com uma queda forte – “isso! Ninguém vai a lugar nenhum. Você está seguro aqui, eu estou seguro aqui.”

"Iro", disse Van, agachando-se ao lado deles. “Aqui é Castor Aquileos. Como Athena, ele está trabalhando conosco para tentar matar Wrath. Ele usou seu poder para ajudá-lo a escapar. Ele não vai te machucar. Nenhum de nós é.”

Iro se libertou de Lore, rolando para ficar de pé para encará-la. Suas vestes negras de caçadora estavam tortas, revelando a fina armadura corporal que ela ainda usava por baixo. Pareceu levar um momento para ela entender o que Van lhe dissera. “Castor Achilleos está morto. Você mesmo me contou... ou mentiu sobre isso também?

“Isso é o que seu pessoal me disse,” Lore a lembrou, levantando-se do chão. Ela sentiu que poderia vomitar com a memória – o puro prazer no rosto do arconte da Casa de Odisseu quando ele se inclinou para dizer a ela, Menos um Achilleos para nós matarmos.

"Você sabe o que aconteceu com o Achillides", disse Van. “Todo mundo que está contra Wrath tem que ficar junto, caso contrário ele vai acabar com todos nós.”

“Isso não é Castor,” Iro cuspiu. “Esse não é seu amigo.”

"Sim, ele é", disse Lore, vindo para ficar ao lado dele. "Ele é Castor do jeito que Heartkeeper era seu pai."

“Ele... ele não estava...” Iro disse, lutando pelas palavras. “Ele é... ele era... meu senhor.

Nosso protetor. Ele . . .”

“Ele era seu pai,” Lore repetiu.

Ele havia sido arconte de Odisseides por anos antes de ascender para se tornar a nova Afrodite no último ciclo do Agon. Lore veio para a família depois, e ela nunca esteve presente quando o novo deus manifestou uma forma física e apareceu para eles.

A partir das histórias que ela reuniu de Iro e alguns outros membros da família, ele tinha sido um pai rigoroso, mas não totalmente sem amor para seu único filho.

O problema sempre foi a determinação da linhagem de manter a lógica acima de tudo, incluindo a emoção. Mas Iro não tinha sido assim — nem sempre. Lore a conheceu apenas uma vez antes de buscar refúgio nas Odisseides, mas Iro sempre a tratou como se eles se conhecessem desde o momento em que dormiram em berços, assumindo o papel de irmã mais velha, embora ela fosse apenas um ano mais velha.

Nas primeiras semanas de Lore na propriedade de Odysseides, ela ficou tão chocada com os assassinatos de sua família que só sobreviveu porque Iro a forçou gentilmente a isso. Ela a fez comer, ficou conversando com ela depois que Lore acordou gritando de pesadelos, e deixou Lore seguir seu caminho dia após dia. Não tinha sido a força e habilidade de Iro como um lutador que Lore tinha admirado, embora ela respeitasse isso.

Foi sua compaixão dentro de uma linhagem que se esforçou para se livrar disso.

“Ela não vai entender”, disse Castor. “Ela não quer.”

"Você não sabe nada da minha mente", Iro fervia. “Aproxime-se e veja o quão

bem eu entendo o que você é, assassino de Apolo. Diga-me, você se sentiu inteligente quando armou sua armadilha para ele? Quando você o matou de longe como um covarde e roubou seu poder de seu arconte?

Todos na sala pareceram girar ao mesmo tempo em direção a Castor, cujo rosto mudou como o céu ao nascer do sol. Choque se tornou negação se tornou desespero.

“Quem te disse isso?” Ele demandou. "Who?"

Iro parecia vitorioso. “É verdade, então. Não houve honra em sua ascensão.”

"Isso é . . .” As palavras de Lore pararam quando ela olhou entre os dois. O ódio absoluto de Iro, a incerteza repentina de Castor. "Isso é impossível. Castor estava confinado à cama naquele momento.”

O novo deus soltou um suspiro áspero, suas mãos se curvando com a lembrança disso.

"Você está falando de um lugar de boatos", disse Van. “As Odissidas sempre espalham travessuras e mentiras para se sentirem melhor por seus próprios fracassos.”

“Se ela não fala a verdade”, disse Atena a Castor, “então diga você mesmo”.

“Não preciso te contar nada”, disse Castor. “As Odisseides podem distorcer a verdade o quanto quiserem. Eu nunca tive nenhuma honra, e não posso me importar com isso agora.”

"Você não pode", disse Iro, mudando seu olhar entre os dois deuses. “Mas farei o que Melora falhou. Vou garantir que suas mortes sejam entregues pela Casa de Odisseu e recuperar o kleos roubado de meu senhor na morte.

Athena bufou, mas os pulmões de Lore se apertaram com as palavras de Iro.

Ela se ouviu neles.

Ela ouviu seus pais e seus instrutores. Ela ouviu as falas dos textos antigos que ela leu várias vezes. Nem mesmo a lógica iria romper dezessete anos de cuidadoso condicionamento psicológico.

“Você tem a aparência dele em seus olhos,” Athena disse calmamente.

“Não fale do meu – do Heartkeeper,” Iro advertiu.

“Não falo dele”, disse Atena, “mas do homem de muitas maneiras”.

Seguiu-se um longo período de silêncio.

“Estamos tentando matar Wrath,” Lore disse finalmente, ecoando as palavras anteriores de Van. “Ninguém vai te machucar. Fomos à Casa Ithaka esta noite na esperança de que pudéssemos fazer uma trégua com seu pai e as Odisséias antes que ele viesse buscar todos vocês. Chegamos tarde demais.”

Os tendões do pescoço de Iro incharam com sua respiração ofegante.

“As Odysseides no ônibus estão seguras”, Van disse a ela. “Eu os afastei, algo que eu não poderia fazer pela maior parte da minha própria linhagem. Nosso arconte está morto sem ninguém disposto a tomar seu lugar. Pelo menos você está vivo para servir seus parentes.”

“Eu não posso ser o arconte,” Iro disse bruscamente.

"Por que não?" Lore desafiado.

“Nenhuma mulher se tornará arconte de uma antiga linhagem. Mas se os outros viverem, então. . . Eu irei até eles.”

Iro suavizou sua postura rígida. Pela primeira vez, Lore sentiu uma espécie de abertura.

“Nós precisamos saber o que você disse a Wrath,” Lore disse. “Foi sobre o poema de origem? Uma versão alternativa dele?”

Iro se levantou, pés enraizados no chão, mãos fechadas em punhos. Querendo correr, querendo lutar, mas mantida no lugar por sua mente.

“Você vai falar comigo a sós?” Lore perguntou a ela. "Apenas nós dois?"

A outra garota hesitou, e nada machucou Lore mais do que isso.

“Nós sempre costumávamos conversar,” Lore disse suavemente. "Você

realmente me odeia tanto assim agora?"

Iro ficou pálido. “Eu não odeio você.”

O telefone de Van tocou, cortando a tensão. Seus olhos escuros se voltaram para Iro antes que ele dissesse, com cuidado: — Sem avistamentos. Mas há uma nova categoria que pode lhe interessar, Lore.”

Ele virou o telefone, segurando-o para Lore ver.

"Que diabos?" Ela o pegou com descrença.

Melora Perseous foi listada logo abaixo do nome do Folião, mas antes do de Castor.

Quando ela clicou nele, o mapa de Manhattan se iluminou com alfinetes brilhantes que marcavam supostos avistamentos. Alguns eram assustadoramente precisos – perto do restaurante que abrigava o ringue de luta, do lado de fora da Thetis House –, mas outros estavam espalhados na parte baixa de Manhattan, em lugares que ela não tinha ido.

Lore pressionou a mão livre contra a calça jeans, tentando esconder o quão escorregadia ela se tornou. A estática estava crescendo em seus ouvidos novamente. Ela tentou falar, mas nenhuma palavra saiu.

"Só Wrath poderia ter exigido algo assim", acrescentou Van. “Ele deve ter um bom número de caçadores procurando por você se eles estão descobrindo tantas pistas.”

Lore se obrigou a respirar novamente enquanto devolvia o telefone de Van. “Eu feri seu orgulho ao escapar de sua tentativa de acabar com a Casa de Perseu. Ele não vai deixar passar de ânimo leve.”

“Não”, disse Castor baixinho, “não é.”

A preocupação estava de volta, tornando seu olhar suave. Lore odiava que por todo o seu poder, por toda a sua força física óbvia, suas escolhas ainda poderiam trazê-lo de volta ao menino que ele tinha sido. Ele já tinha o suficiente para lidar com esta semana sem precisar temer por ela.

"É por isso que vamos ter que pegá-lo primeiro", disse Lore.

Atena assentiu. "De fato."

"Se vamos encontrar o Folião, precisamos ir", disse Van. Ele se levantou e rapidamente

dividiu o restante do dinheiro entre sua mochila de couro, que entregou a Castor, e a outra, mais simples, que Miles havia pegado. “Encontro todos vocês lá. Vou me reagrupar com os Achillides restantes e trazer suprimentos para eles.

“Você vai pegar o Ody...” Miles começou.

“Não,” Van disse bruscamente. Lore deu-lhe um olhar suplicante, mas ele se recusou a reconhecê-lo. Ele não ia revelar a localização do Achillides a ninguém, nem mesmo para oferecer ajuda ao Odysseides. Ela não sabia por que ela esperava outra coisa esta semana.

Lore seguiu Van pela porta lateral para defender a localização do armazém, apenas para descobrir que Iro a seguiu. Iro saiu para a rua, abraçando os braços contra o peito.

Lore viu Van desaparecer na escuridão e ficou tentada a chamá-lo. Iro, no entanto, falou primeiro.

“Dizem que o pai dele fez isso com ele.”

"Fez o que?" Lore perguntou, virando-se para ela.

“Sua mão,” Iro disse. “A história que me contaram foi que seu pai estava tão envergonhado da falta de vontade de seu filho para lutar, sua inépcia para isso, que ele cortou a mão da espada de Evander para lhe dar uma desculpa honrosa para não lutar.”

Lore empalideceu. "Não. Diga-me que isso não é verdade.”

"Eu acho que ele fez isso para si mesmo", disse Iro, sua expressão ficando pensativa.

“Não por fraqueza, mas por força. A vontade de decidir seu próprio caminho.”

As palavras deram a Lore seu primeiro vislumbre de esperança de que ela pudesse chegar até Iro. Se a garota acreditava que um ato como aquele poderia ser corajoso, e não o tinha descartado como covardia do jeito que eles foram ensinados a acreditar, havia algo para Lore trabalhar.

“E essa caçada, essas famílias que querem que Van lute contra sua vontade – esse é o mundo em que você acredita?” Lore perguntou a ela. “Aquele por quem você sente tanta lealdade?”

“Nenhum mundo é perfeito. Deus, mortal, caçador,” Iro disse. “Eu acredito em nosso propósito divino. Eu acredito em honra e em kleos, e que nunca seremos destruídos. Eu acredito nisso, mesmo que você tenha se permitido ser desencaminhado.”

"Você sabe por que eu saí", disse Lore. “Todo mundo sabia o que aquele homem era, e ninguém disse uma palavra. Onde estava a honra em sua linhagem elevando-o à sua posição mais alta? Onde estava o kleos nisso, Iro?

A garota olhou para baixo. “Você deveria ter ficado. Eu teria protegido você deles.

“Não teria sido suficiente,” Lore disse a ela.

“Eu não acredito nisso,” Iro sussurrou.

“Você não precisa para que seja verdade,” Lore disse a ela. “Você pode honestamente me dizer que eles não teriam me matado pelo que eu fiz?”

"Eu não sei o que eles teriam feito", disse Iro. “Não falamos do que aconteceu. É

reconhecido apenas como um terrível acidente.”

Claro, Lore pensou amargamente. Dizer a verdade teria desonrado os mortos, porque significava admitir que o monstro de sua família não estava confinado a um labirinto ou exilado em algum lugar distante. Ele andou livremente entre eles.

“Eu sei que parece errado para você que eu esteja trabalhando com deuses,” Lore disse.

“Mas olhe para Prometheus – ele nos trouxe fogo, mesmo sabendo o que isso lhe custaria. Chega um ponto em que você tem que decidir o que é certo para si mesmo e agir, não importa as consequências.”

Iro respirou irregularmente ao lado dela. “Não nascemos para carregar fogo.”

“O resto da minha família se foi”, disse Lore. “Eu não quero te perder de novo. Por favor, fique conosco. Ajude-nos."

Iro fechou os olhos e ficou em silêncio por um longo tempo. “Minha família se foi agora também.”

"Até sua mãe?" perguntou Lore. "Você tem certeza?"

A presença de Dorcas permaneceu como um fantasma na propriedade; ela desapareceu alguns dias depois que Lore chegou, e ninguém, exceto Iro, estava disposto a reconhecer ou questionar isso. Não foi até meses depois que Iro e Lore invadiram seus aposentos trancados para procurar respostas. Dentro de sua caixa de joias vazia, eles encontraram um pedaço de papel com uma única palavra.

Mákhomai. Eu faço guerra.

“Eu não posso ir com você para encontrar o Folião,” Iro disse a ela, seu sotaque suavizando as palavras até que elas parecessem correr juntas em um sussurro. “Eu tenho um dever com minha linhagem. Mas há uma dívida que precisa ser paga, até eu sei disso, pois nenhum de nós teria sobrevivido sem você.

A garota se levantou, suas mãos apertadas diante dela. Lore esperou, lutando para esconder sua impaciência.

“O poema sobre o qual você perguntou antes,” Iro começou. “Há outra versão mais completa do que Zeus disse aos caçadores em Olímpia quando deu o comando para iniciar o Agon.”

Os lábios de Lore se separaram em surpresa. "E você sabe disso? A versão completa.”

Seu coração caiu como uma pedra em seu peito quando Iro balançou a cabeça.

“Nosso arquivista encontrou uma carta de séculos atrás, esquecida em um cofre nos Alpes,” Iro continuou. “De um de seus ancestrais para um dos meus.”

“Sobre sua existência?” Lore pressionado.

"Sobre onde encontrá-lo", disse Iro. “Lore, afirma que o texto completo está inscrito na égide.”

Lore recuou um passo, estática queimando em seus ouvidos enquanto a descrença esvaziava seus pensamentos. Era como se ela tivesse corrido até aqui, até este momento. "Isso é impossível. Isso é . . . Eu teria sabido disso. Meu pai saberia. Eu teria...

Eu mesmo teria visto.

Mas... ela teria? Naqueles poucos momentos preciosos que ela colocou os olhos nele?

“A Ira sabe o que diz?” perguntou Lore. Os Kadmides mantiveram a égide em sua posse por décadas. Eles tiveram que estudar cada centímetro dele para descobrir seus segredos.

“Acho que não”, disse Iro. “A carta descreve o texto como escondido ou disfarçado de alguma forma. A única razão pela qual ele descobriu isso é porque alguns de seus caçadores invadiram o cofre do arquivo onde guardamos a carta original.”

— Então para que ele precisava de você? perguntou Lore. “Que informação você tinha que ele não tinha?”

Iro parecia pálido. “Seu caçador não encontrou apenas a carta. Houve registro do fato de que abrigamos você.”

“Não,” Lore respirou.

"Ele queria saber onde você estava", disse Iro. “Acho que ele acredita que você sabe ler a inscrição e, seja o que for que ele esteja planejando, ele precisa de você para ver isso.”

Eles se dividiram em duplas para fazer a jornada até o Frick, aproximando-se do

museu por diferentes direções. Lore tentou manter a compostura, mas ela estava lutando para manter seus nervos esfarrapados.

Ela passou a Athena seu dory quando a deusa saiu do táxi vários quarteirões ao norte e leste do prédio. O motorista tinha olhado seus cajados — as extremidades de ambos cobertas por fronhas roubadas da lavanderia de alguém — com alguma suspeita, mas não o suficiente para comprometer sua passagem.

“Por aqui,” Lore disse, correndo pela calçada. Ela se virou quando percebeu que Athena não a tinha seguido.

A deusa parou perto dos degraus da Igreja St. Jean Baptiste, seus olhos cinzas brilhando no profundo violeta da noite. A igreja, com seu frontão e colunas clássicos, campanários e cúpulas em estilo renascentista e estátuas de anjos cristãos, de repente atingiu Lore

como uma encarnação da própria história. A maneira como ele sempre avançou, cada civilização devorada pela próxima.

“Você sente alguma coisa?” Lore perguntou a ela. “Ou alguém?”

A deusa balançou a cabeça.

“Ok,” Lore começou lentamente. "Então por que você parece querer destruir o lugar com suas próprias mãos?"

Athena a nivelou com um olhar que veio como uma lâmina através do pescoço. “Como devo olhar para o templo de um deus cujos seguidores destruíram a cultura dos helenos, profanaram nossas imagens, santuários e templos e destruíram a fé do povo em seus deuses?”

"É justo", disse Lore.

Atena lançou um último olhar para a igreja. “Mas esse deus fez o que não podíamos mais, mesmo no final. Ele os fez temê-lo, e isso assumiu o controle dos corações de nosso povo”.

"Talvez", disse Lore. “Mas essa é apenas uma interpretação do medo. Para alguns, isso significa apenas que eles respeitam seu deus e admiram esse poder.”

“Você não sente raiva?” Atena perguntou a ela. “Seu próprio modo de vida foi ameaçado.”

"Bom", disse Lore. “Boa viagem. É uma maneira horrível de viver. Não pode acabar tão cedo.”

Um lampejo de verdadeira surpresa percorreu o rosto da deusa. Ela pareceu mudar de ideia sobre o que estava prestes a dizer, embora sua voz não o traísse.

“Não negue seu direito de primogenitura”, disse Atena. “Você não é um mero mortal. Eu vi você lutar. Você pode silenciá-la, você pode suprimir sua raiva gloriosa, mas um guerreiro ainda vive em você.”

Meu nome será lenda.

A memória de sua declaração, a confiança que a havia alimentado, fez Lore se sentir mal do estômago. Ela não tinha pensado no sonho em tanto tempo, mas agora ele bateu em sua mente. A borda de um escudo. A asa dourada. Olhos na lâmina de uma espada.

Besteira. Tudo isso.

“As Parcas...” Athena começou.

Lore balançou a cabeça. “As Parcas não têm nada a ver com nada disso. Não aceito que algo esteja fora do meu controle.”

"Você pode negar as Parcas, mas eles não vão negar você", disse Athena. “Lutar contra eles não vai te salvar do que está por vir. Apenas acelerará o curso das coisas.”

É

"É o que você diz", disse Lore. “Mas isso significaria que você pensa que sempre esteve destinado a cair em desgraça e ser caçado. Todas as Eras do Homem chegaram ao fim de uma forma ou de outra, com exceção desta. Por que não podemos ver o fim da Era dos Deuses?”

“A Era dos Deuses é eterna.” Athena agarrou seu dory, e Lore se perguntou se ela algum dia se acostumaria com os olhos da deusa, a maneira como eles

pareciam arrasar suas defesas. “Eu posso ter sido destinado a cair, mas é para que eu possa provar meu valor para meu pai mais uma vez.”

Se você diz, pensou Lore.

Athena finalmente a seguiu quando Lore começou a descer a rua novamente, desta vez em um ritmo rápido. “Tenha coragem, Melora. Se Wrath acredita que você tem a chave para desvendar os segredos do poema, sobreviveremos a essa caçada. Ele não pode te matar. Sua morte como a última das Perseides a removeria deste mundo.”

“Sim, muito reconfortante,” Lore murmurou.

Mas ainda assim o pensamento enviou um arrepio percorrendo sua pele. Com Tidebringer morto agora, Lore realmente era a última de sua linhagem.

Depois que Iro saiu, deixando apenas um número de telefone pelo qual ela poderia ser contatada, Lore contou aos outros sobre a inscrição na égide, que, como esperado, trouxe mais perguntas que ela não queria responder.

“Ainda assim, o pensamento do impostor Ares possuindo o escudo do meu pai. . .”

Athena começou, sua expressão escurecendo. “Se ao menos sua família tivesse sido mais forte – mais sábia – e não a tivesse perdido.”

A raiva acendeu em Lore, muito rápida para sufocar. “Eles não o perderam – foi roubado, junto com todo o resto.”

“Me ocorre agora que é por isso que ele não matou imediatamente o falso Poseidon”, disse Athena. “Ele pode ter acreditado que ela, como uma de sua linhagem, poderia decifrar o poema no escudo.”

Lore mordeu o interior de sua boca com força suficiente para sentir o gosto de sangue.

“Você provavelmente está certo.”

A verdade era que Iro tinha visto apenas uma lasca do pesadelo maior. Por mais que Lore não quisesse contar a Athena sobre o poema inscrito no escudo, ela viu

uma oportunidade nisso. Se a deusa acreditasse que Wrath já tinha o poema — que ele já tinha a chave para escapar do Agon — isso lhe daria mais motivos para se concentrar inteiramente em persegui-lo.

Claro, o problema seria lidar com o que aconteceu uma vez que Wrath estivesse morto, e Athena percebeu que ele não tinha a égide afinal.

Mas isso era um problema para o futuro e, pela primeira vez em todo o dia, Lore se sentiu mais calma. Seguro, pelo menos, no conhecimento de que nenhum deus jamais encontraria o escudo ou os segredos que possuía.

Athena confundiu sua expressão com preocupação. “Não se incomode, Melora. É para nossa vantagem que ele o procure. Isso o atrairá diretamente para o caminho da minha arma.”

"Ótimo", disse Lore. “Mal posso esperar.”

“O que eu não posso tolerar, no entanto,” Athena continuou, as palavras afiadas como lâminas, “é saber que seus ancestrais manchariam a forma perfeita da égide com qualquer inscrição. Profanando o escudo de meu pai, mas ainda orando e oferecendo suas bênçãos. . . Não é de admirar que ele não proteja esses caçadores.”

“Nós nunca precisamos de deuses para nos proteger,” Lore resmungou.

Athena voltou seu olhar afiado para ela. “Quando a verdadeira escuridão estiver sobre você, você se lembrará de nós. Mas se o mundo persistir do jeito que está agora, quem restará para responder a você?”

“Quem disse,” Lore respondeu bruscamente, “que nós vamos nos lembrar de você?”

A deusa não tinha resposta para ela.

“Você não se importa com esta cidade ou qualquer outra,” Lore continuou, incapaz de se conter. “Tudo o que importa para você é o poder.”

Lore odiava seu temperamento mais do que ela odiava qualquer outra parte de si mesma

- quão rápido ela passou de faísca para flash, incinerando todos ao seu redor.

“Ouça,” Lore começou, diminuindo seus passos. “Eu não quis dizer—”

Mas antes que ela pudesse se virar, algo afiado pressionou contra sua parte inferior das costas, bem contra seu rim. Ela se virou, olhando por cima do ombro.

Uma máscara de Minotauro olhou para ela.

Lore agarrou seu dory, levantando-o.

“Eu não faria isso,” ele avisou. “Eu não faria nada além de largar sua arma e vir comigo em silêncio.”

Lore procurou na rua ao seu redor, mas Athena não estava em lugar algum.

“Trabalhando com deuses,” o caçador continuou, empurrando-a para frente. “Eu deveria ter esperado que você se tornasse um traidor da lâmina eventualmente.” Seu tom mudou quando ele começou a falar com outra pessoa, provavelmente pelo fone de ouvido. “Sim, diga a ele que eu a encontrei—”

Lore se inclinou para a esquerda, deixando sua lâmina roçá-la, mas dando a si mesma espaço suficiente para espetar seu dory de volta. Ela girou, trazendo a ponta coberta para bater contra sua máscara. Suas tiras quebraram, mandando a máscara para o chão.

“Sua cadela,” o caçador rosnou.

Ela o espetou com o dory, mas ele abaixou a lâmina e partiu o bastão de madeira em dois. Lore girou para frente, evitando seu alcance quando ele veio para ela com a lâmina novamente. A única coisa que finalmente o deteve foi a sensação da ponta da faca de cozinha do dory cortando a fronha para pressionar sua traqueia.

A respiração arfava dentro e fora dela, e seus braços esticados com a necessidade de avançar um pouco mais e terminar a luta completamente.

“Você deveria ter me matado quando ainda tinha a chance,” Lore sibilou.

“Não posso,” ele disse a ela, uma excitação enervante em suas palavras.

A caçadora girou para a esquerda, chutando seu peito com força suficiente para derrubá-la na calçada. O pedaço do dory voou de suas mãos, rolando sob um carro estacionado próximo.

Ele estava sobre ela em um instante, baixando sua adaga em direção ao ombro dela. Lore o bloqueou com um braço, tentando empurrá-lo, mesmo quando ela tateou no chão em busca da cabeça do dóri. Sua mão encontrou outra coisa em vez disso.

Lore jogou um pedaço quebrado de cimento contra a lateral da cabeça do caçador, derrubando-o de lado. Ela bateu em seu rosto e ouviu o som satisfatório de engasgos enquanto o sangue enchia sua boca. Ele rastejou para trás, desesperado para fugir dela.

Ela ergueu o pedaço de cimento novamente, seu olhar se estreitou em sua têmpora. A voz baixa e cantante de Olympia em sua mente repetindo as palavras que ouviram milhares de vezes, Matar ou morrer... Matar ou morrer... Matar ou morrer...

Lore desceu dele. O caçador estava estendido no chão, com o rosto ensanguentado. Ele ofegou, seus pulmões úmidos e desesperados por respirar.

Eu poderia tê-lo matado. Agulhas geladas perfuraram sua pele, instantaneamente esfriando seu sangue. Ela estremeceu.

Depois de tudo. . . depois do que Gil a ajudou. . .

Alguém saiu das sombras ao lado deles. Atena.

“Ele”, disse Atena, “nunca a terá.”

Ela foi a última coisa que o caçador viu.

O corpo do jovem caçador estremeceu quando a deusa enfiou a ponta da lança em sua caixa torácica. A sucção molhada do músculo quando ela o puxou foi ainda pior. Seus olhos se arregalaram, sangue escorrendo de sua boca enquanto tentava falar.

Atena arrastou o caçador e o encostou no prédio mais próximo. Ela enxugou o sangue de sua boca com seu manto preto, apertando-o mais ao redor dele para disfarçar a ferida.

“Quando você o vir,” Athena começou, inclinando-se para ficar ao nível dos olhos do caçador, “diga ao Senhor Hades que o resto da linhagem de Teseu logo se juntará a você

no mundo abaixo, pois hoje você amaldiçoou todos eles.”

Lore baixou o olhar, com as mãos apertadas ao redor dos braços.

“Não desvie o olhar,” Athena disse a ela. “Você não é covarde.”

Ela não estava. Naquele momento, porém, Lore quase invejou Atena pelo lugar oco dentro dos deuses onde a humanidade de um mortal estaria.

Athena entregou-lhe a adaga do caçador, depois recolheu os pedaços do dóri de Lore. Ela guardou uma das facas de cozinha, mas jogou a outra, junto com a madeira lascada, em uma sarjeta próxima.

“Desculpe,” Lore disse suavemente. Sua vida não era completamente sua esta semana.

“Não há perdão no Agon,” Athena disse a ela. “Há apenas sobrevivência e o que deve ser feito.”

No momento em que LORE pôs os olhos nele, ela percebeu que já tinha visto o Frick antes – muitas vezes. Ela passou por ele e não se preocupou em parar e investigar o grande e bonito edifício que se estendia da rua 70 até a rua 71. A cidade era um lugar onde você só via o que procurava.

A fechadura da cerca de construção foi quebrada. Lore a abriu para revelar a entrada indescritível do museu a poucos metros de distância, e Miles se agachou em seus degraus. Ele olhou para cima ao som de sua aproximação, seu rosto pálido.

"Você está bem?" perguntou Lore.

Miles abraçou uma garrafa de água contra o peito. “Eu deveria ter ouvido Castor

e ficado do lado de fora. . . .”

Athena se mexeu inquieta atrás dela.

Lore olhou pelas janelas das duas portas de madeira da entrada, assustando-se com a visão de dois guardas de segurança sentados em cadeiras altas, de costas para ela.

Castor estava entre eles. Sua expressão grave transformou os pulmões de Lore em pedra.

Ela sentiu o cheiro assim que abriu a porta. Ar viciado e decadência e sangue. Os pelos de seu corpo se arrepiaram.

"Você quer esperar por Van lá fora?" Lore sugeriu a Miles.

Miles balançou a cabeça. “Ele não está vindo. Ele mandou uma mensagem para Castor dizendo que nos encontraria na casa.

— Por que você não vai conhecê-lo? ela disse. “Você não precisa voltar para dentro.”

"Não", disse ele, forçando as palavras. "Eu posso lidar com isso. Eu não preciso sair.”

“Eu não quero que você tenha que lidar com isso,” ela disse a ele.

Mas Miles passou por ela, entrando.

A respiração de Athena veio leve e rápida atrás de Lore quando eles entraram na entrada.

A deusa se aproximou do guarda à direita. O cabelo da jovem estava trançado nas costas, muito parecido com o de Lore. Sua cabeça estava encostada na parede, como se ela tivesse apenas cochilado.

Lore viu a verdade quando eles vieram para ficar ao lado de Castor.

A garganta da mulher tinha sido cortada tão profundamente que Lore podia ver o osso branco de sua espinha através da carne aberta. Teria sido uma morte rápida,

mas brutal.

Ela não seria capaz de gritar.

O rosto do outro guarda estava machucado, mas qualquer sofrimento que ele sentiu teria acabado assim que ele tivesse sido esfaqueado no coração.

“A léaina?” Castor adivinhou. “Os Kadmides podem ter nos derrotado novamente.”

"Ou um deus desesperado", disse Lore.

Ela não tinha certeza do que seria pior.

Havia mais quatro corpos. Um policial e mais três seguranças uniformizados. O

assassino os trouxe para o pátio do jardim e os dispôs em um padrão grotesco ao redor da fonte seca. Seus olhos sem vida observavam os céus através do teto de vidro abobadado. Não havia sinais de sangue ou luta em nenhum outro lugar do museu, e os monitores na cabine de segurança pareciam estar em algum tipo de loop.

O que significava que a probabilidade de caçadores estarem por trás das mortes aumentou significativamente.

Miles se inclinou contra um dos pilares próximos, abraçando o corpo com os braços.

Talvez isso seja suficiente para ele, pensou Lore. Talvez Miles visse que mortais não-sangue não seriam poupados de matar quando estivessem no caminho do Agon.

“Todos eles foram” – ele parecia estar procurando uma palavra melhor para descrever o pequeno massacre na frente deles – “cortados. Os caçadores não usam armas?”

“Alguns fazem,” Lore disse a ele, dando a seu ombro um toque rápido e reconfortante.

“Principalmente em outros caçadores. Deuses são mortos com flechas ou

lâminas.”

"Por que?" perguntou Miles.

“As palavras de Zeus em Olympia foram interpretadas como uma ordem”, disse ela. “Eu o recompensarei com o manto e o poder imortal do deus cujo sangue mancha sua lâmina ousada. Ninguém está disposto a arriscar perder o poder de um deus testando outros métodos.”

Ela observou enquanto Athena usava um dos bastões do guarda de segurança para passar pelas maçanetas das portas, reforçando suas fechaduras quebradas.

“Com base em sua condição, eles estão mortos há algumas horas”, disse Lore. Castor assentiu. Além da cor de seu sangue escurecendo à medida que oxidava no ar, e o leve cheiro de morte que se agarrava a eles, não havia nenhuma decomposição perceptível. O

rigor mortis não se instalou.

Miles lançou-lhe um olhar meio espantado e meio horrorizado.

“Nenhum pessoal do museu ou trabalhadores da construção. . . este tem que ser o turno da noite”, disse Lore. “Caso contrário, alguém teria vindo à procura de seus entes queridos, certo?”

“Você acha que o Folião é capaz de fazer tudo isso?” Castor perguntou, surpreso.

"Sozinho?"

"Sim", disse Athena, segurando seu dory. “Ele não sobreviveu tanto tempo porque possui uma natureza gentil.”

“Mal posso esperar para conhecê-lo,” disse Miles, magoado. “Mas provavelmente deveríamos começar agora, antes que a próxima mudança de segurança chegue.”

Lore e os outros haviam puxado as cadeiras com os seguranças para longe das portas, limpando suas impressões digitais dos assentos, e Castor havia derretido as fechaduras das portas, mas Miles estava certo. Cada momento que eles desperdiçavam parados era outra oportunidade de serem pegos cercados por

corpos.

Se os Kadmides fossem os responsáveis por essas mortes, uma de suas tripulações chegaria antes do nascer do sol para limpar a cena — de uma maneira estranha, ela esperava que sim. Embora ela e os outros não tivessem DNA ou impressões digitais no sistema, havia todas as chances de Miles ter e poder estar ligado à cena.

"Você vai ficar de olho na entrada, impostor", disse Athena. Seus olhos se voltaram para Lore. "Você e eu vamos começar a procurar abaixo e trabalhar nosso caminho para cima."

Castor parecia querer protestar, mas aquiesceu. “Tudo bem, mas se você o encontrar, não se aproxime dele ainda. Precisamos ver em que tipo de estado ele está antes de fazer uma ligação sobre como usá-lo como isca”.

Athena deu um sorriso insensível. “Imagine dar uma palestra sobre estratégia a alguém como eu.”

“Você está conosco, Miles,” Lore disse. "Agora, como vamos descer?"

Os níveis inferiores estavam tão quietos e escuros quanto o superior. Lore estendeu a mão, tateando as paredes. O corredor estaria escuro como breu se não fosse pela luz de um sinal de saída de emergência.

Lore puxou o telefone do bolso de trás e acendeu a lanterna. Ela liderou o grupo enquanto eles se moviam para a primeira das duas galerias conectadas pelo longo corredor.

Pinturas e documentos foram removidos para a reforma, deixando para trás paredes vazias e pequenas placas informativas.

Fora das galerias inferiores e do vestíbulo que as ligava, não havia nenhuma sinalização que ajudasse a direcioná-las, apenas portas que davam para algum tipo de área administrativa.

Portas que foram arrombadas à força.

Atena moveu um deles para o lado, erguendo sua dóri como uma lança. Lore fez sinal para Miles ficar mais atrás dela. A luz de seu telefone passou por um

escritório e um depósito. Ambos pareciam ter sido eviscerados e sangrados com caixas de armazenamento e papéis espalhados.

Eles seguiram o rastro de móveis quebrados pelos cômodos além dele. Os caixotes de transporte haviam sido arrombados, as pinturas dentro rasgadas, os vasos e os relógios quebrados.

Eles passaram pela infame pista de boliche e continuaram sua busca, até que, finalmente, Lore viu sinais do que estava por vir.

O cofre de armazenamento do museu.

Ela pulou quando um estrondoso estrondo dividiu o ar. Foi seguido por outro, e outro —

vidro quebrado, e uma única voz soltou um grito áspero de frustração.

Lore puxou a adaga do caçador morto de onde ela a amarrou em sua coxa com uma tira de tecido. Ela desligou a lanterna e passou o telefone de volta para Miles. Ele assentiu em compreensão quando ela pressionou um dedo nos lábios, mas a ignorou quando ela fez sinal para ele ficar para trás enquanto ela se aproximava da porta e a abria.

As pinturas estavam guardadas em paredes deslizantes de finas cercas de metal, todas alinhadas como pilhas em uma biblioteca. Além deles, a passagem escura continuava à esquerda. Lore enfiou a cabeça na esquina, apenas para recuar rapidamente no próximo estrondo.

Miles lançou-lhe um olhar interrogativo, mas Athena insistiu com um aceno de cabeça.

Lore se aproximou da porta no final do corredor. Tinha sido deixado entreaberto, e se ela se mantivesse perto da parede, teria uma visão do que os esperava lá dentro.

Um homem titânico corria pelo depósito, movendo-se entre as paredes forradas de prateleiras, todas repletas de caixas, relógios e estatuetas menores. Bustos de pedra e estátuas de bronze observavam o homem com olhos sem pálpebras de uma plataforma no centro da sala, e por pouco sobreviveram a um golpe furioso de seu braço.

Ele arrastou uma das caixas de armazenamento de uma prateleira próxima e jogou-a no chão com um grunhido. Ele se partiu em um instante, deixando-o vasculhar o estofamento. Ele chutou os restos de um vaso quebrado para o lado. Ele deslizou pelos cacos de vidro e tufos de material de embalagem espalhados pelo chão.

Iason Herakliou. O novo deus ainda usava sua túnica azul-celeste e sandálias, ambas sujas de grama e sujeira escura.

A fotografia mostrava um homem de meia-idade que, embora em boa forma, ainda estava ficando calvo e mostrando outros sinais da idade. No entanto, esse homem, esse novo deus, parecia ter sido esculpido em arenito aquecido pelo sol. Seu cabelo era quase do mesmo tom do ouro escuro de Athena, e sua pele era de uma azeitona profunda, mas estava coberta de sujeira e sangue seco.

O Folião pegou um cabo de uísque que havia deixado em uma das prateleiras, sugando um longo gole do líquido ardente. Então ele virou a garrafa, derramando o resto do conteúdo sobre um corte enorme em sua coxa. Ele rosnou e rosnou de dor, batendo um punho contra a parede de blocos de concreto até que ela passasse.

Lore alcançou atrás dela e, sem olhar, agarrou Miles pela camisa. Ela o empurrou para trás, então apontou para o corredor, para a segurança.

O que, claro, foi o momento exato em que o telefone de Miles soltou um toque ensurdecedor de dentro de seu bolso.

“Merda...” Ele se atrapalhou, apertando botões enquanto fazia isso. A voz de sua mãe derramou através do dispositivo. "Miles, eu preciso de sua ajuda com algo-"

Lore olhou para ele.

Ele desligou a chamada, respirando com dificuldade quando mudou para o modo silencioso e pressionou o aparelho contra o peito.

A porta do cofre de armazenamento se fechou na frente deles, o som ecoando pelo silêncio aterrorizante que se seguiu. Lore agarrou sua faca, forçando seus ouvidos para tentar rastrear os passos do novo deus, mas não ouviu nada.

Onde ele está? ela pensou, suor escorrendo pelo lábio superior. Onde diabos ele

foi?

Uma torrente de gesso e cacos de cimento explodiu da parede à sua direita. Lore foi lançada pela força disso, momentaneamente atordoada por um golpe na cabeça - apenas para ser pega por uma mão que alcançou o buraco irregular e fechou em torno de sua garganta.

LORE agarrou a mão que a sufocava, a cabeça latejando e meio cega pelo véu de poeira que sufocava o ar.

Seus dedos se apertaram, e quando sua visão começou a escurecer, Lore sentiu sua espinha comprimir, pronta para rachar. Ela empurrou sua adaga para cima de novo e de novo até que finalmente apunhalou o antebraço do Folião. Ele uivou de dor, seu aperto afrouxando apenas o suficiente para ela cair de joelhos e rolar para longe, tossindo.

O Folião retraiu o braço pela parede. O buraco que deixou revelou o resto da sala, a forma como uma seção se estendia até quase o local exato que ela escolheu para ficar.

Lore fez uma careta. Ótimo trabalho como sempre.

Athena franziu o cenho e tirou Lore de seu caminho. Ela rasgou a parede danificada com a mão e dory, alargando o buraco até que fosse grande o suficiente para passar.

“Revelador! Não estamos aqui para matar você!” Lore saiu, sua voz crua. Um rosnado bestial respondeu. Dentro da sala, prateleiras caíram em uma cacofonia ensurdecedora.

Athena arrancou um último bloco de concreto e mergulhou no cofre. Lore correu atrás dela, virando-se para encarar Miles através da parede fraturada. “Vá buscar Castor!”

Ela não esperou para ouvir se ele realmente ouviu.

"Eu sabia que você viria atrás de mim eventualmente, sua cadela grande e odiosa!" O

Folião rangeu os dentes para eles. Atena o havia encurralado em um canto, e

tudo o que ele tinha para se defender era a adaga de Lore, tirada de seu braço, e a tampa de um caixote como escudo.

Athena assistiu, impassível, enquanto seu corpo arfava com seu ódio.

“Ninguém está aqui para te matar,” Lore disse novamente, estendendo as mãos para mostrar a ele que ela estava desarmada, e para acalmá-lo.

“Eu ainda posso alterar o curso,” Athena disse friamente.

O rosto do Folião se contorceu, contorcendo-se de raiva e desgosto. A visão dele, bêbado e despojado do caos do medo e da autopreservação, poderia ter despertado um traço de pena em Lore, se ele não tivesse matado selvagemente seis pessoas inocentes no andar de cima.

“Meu nome é Melora Perseous,” Lore começou.

O Folião soltou uma risada sombria. "Claro. Deuses malditos tudo. Não sei por que eu esperava mais alguém, dado o quão ruim esse ciclo foi.”

Ela não tinha certeza do que fazer com isso, então ela continuou. “Eu apelo para você, um descendente do poderoso Héracles, ele mesmo o mais famoso e renomado dos antigos Perseides—”

“Essa merda não funciona comigo, criança idiota,” o Folião estalou. “Eu não dou a mínima para voar, e mesmo se eu desse, Eurystheus das Perseides tentou destruir todos os filhos de Herakles antes que o Agon nascesse.”

“Ok,” Lore engasgou, tendo esquecido aquela parte sombria da história. "Ponto justo. Mas

estamos aqui apenas para conversar.”

"A menos que você prefira lutar?" disse Atena. "Teremos respostas de você de qualquer maneira."

"Você acha que eu não sei que você e a caçadora psicótica não estão lá para coletar todas as cabeças dos novos deuses?" ele rosnou. "Tente. Atreva-se."

"Se esse realmente fosse o caso", disse Lore, "então por que ela estaria

trabalhando com o novo Apollo?"

O Foliador virou a adaga para Lore. "Mentiroso."

"Ela não está mentindo", veio a voz de Castor atrás deles. Ele passou pela abertura na parede, seu olhar se lançando uma vez para Lore antes de se voltar para o outro novo deus.

“Então você é o maior idiota da sala,” o Folião disse, cambaleando um passo para frente.

“Quaisquer que sejam seus planos, os dela estão dez léguas à frente. Você... você não faz ideia. As coisas que ele me contaria sobre ela...

Ele, Lore pensou. Hermes.

"Seja como for", disse Castor, vindo para ficar ao lado de Lore. “A ira é quem está matando novos deuses, não ela.”

O Foliador zombou.

“Ira não apenas matou Hermes,” Castor continuou. “Ele derrubou Tidebringer e Heartkeeper, e tentou vir atrás de mim. Estamos tentando detê-lo...

— Vou matá-lo. O Folião rosnou, enxugando o suor do rosto pálido. "Eu. Ninguém mais. Eu mato qualquer merdinha que tentar entrar no meu caminho.”

“Não vai acontecer se Wrath te pegar primeiro,” Lore disse.

“Você acha que eu não sei disso?” ele zombou. “Eu sabia o que me custaria escapar dele.”

“Hermes—” Lore começou.

“Não diga o nome dele!” ele rosnou. — Você... não se atreva!

"Eu?" Lore pressionado. que diabos isso significa?

O Folião passou as costas da mão sobre a boca e não disse nada.

“Você está sozinho,” ela o lembrou. "Você precisa de ajuda. Se você vai sangrar

aqui embaixo, então qual é o ponto? Qual é o ponto de tudo isso?”

“Eu tenho uma aliança com o impostor Apolo,” Athena disse. “Vou estender isso

temporariamente a você, contanto que você concorde em servir como nosso meio de atrair a Ira.”

"Isca? É a isso que estou reduzido?” O Folião balançou a cabeça com uma risada sardônica, lutando para ficar de pé sem o apoio da parede atrás dele. Lore não tinha certeza se ele sabia que estava fazendo um som tão baixo e triste. O ferimento em sua perna era muito pior do que o que ela lhe dera. Já estava ficando vermelho quando a infecção se instalou.

“Eu prefiro que você enfie uma faca na minha barriga e me mate em vez disso,” o Folião assobiou. “Acabe com essa farsa de existência. Isso é tudo isso, essa besteira, isso não significa nada. Até o supostamente grande Apolo sabia. Ele sabia."

"O que isso significa?" Castor exigiu, incapaz de esconder sua surpresa e ansiedade. “O

que você sabe sobre a morte de Apolo?”

O ar pareceu evaporar do peito do Folião. Ele caiu para frente, deslizando pela parede.

"Eu não sei de nada", disse o Folião, sua agitação e embriaguez afundando na exaustão.

“Só que a caçada é longa, e há muito que alguém pode aguentar.”

Castor se aproximou dele lentamente, pegando a adaga da mão frouxa do outro deus e passando-a de volta para Lore. Ele olhou para o Folião com simpatia que o deus não merecia.

“Por que você veio para este lugar?” Atena perguntou. O desgosto se instalou em seu semblante enquanto ela observava a arte destruída ao seu redor. “O que é que você procura tão desesperadamente?”

“Pensei que ele tivesse deixado algo para mim. Que ele escondeu,” o Folião

disse, olhando entre Athena e Lore.

Lore respirou instável, sua mão livre se fechando em um punho ao seu lado.

“Por que você decidiu trabalhar com Wrath após o último Agon?” Lore pressionado. "Por que você concordou quando Hermes não?"

O novo deus não respondeu. Lore passou a mão no local onde os fragmentos de cimento cortaram a lateral de sua cabeça, enviando um olhar incerto na direção de Castor. Ele se agachou na frente do Folião.

"Jure para mim que você não vai matar ninguém no meu grupo e que você vai responder às nossas perguntas", disse Castor, "e eu vou curá-lo."

O Foliador zombou.

O temperamento de Lore imediatamente acendeu, mas Castor nunca perdeu seu tom fácil e razoável. “Você terá uma chance melhor de sobreviver se puder fugir dos caçadores, Iason, e ainda melhor se você nos ajudar.”

O Folião olhou para seu nome mortal, suas narinas dilatadas. Lore tinha certeza de que ele diria não, que icor, poder e violência sem fim haviam esculpido até o último traço de

sua humanidade. Em vez disso, o olhar selvagem desapareceu de suas feições.

“Você vê a lógica em uma parceria temporária”, observou Athena. “Talvez ainda haja esperança para sua sobrevivência.”

O Folião zombou dela. “Superior ao último.”

“Temos um acordo ou não?” Castor pressionado.

Os últimos traços de diversão desapareceram do Folião. Ele olhou para Castor, para todos eles, e Lore praticamente podia sentir a tensão de sua mente procurando por outra opção.

Finalmente, ele disse: "Vou responder a duas de suas perguntas, mas não vou ajudá-lo a matar Wrath, e não serei sua maldita isca."

Athena descansou uma mão fria e pesada no ombro de Lore. O toque acalmou tanto seus pensamentos quanto sua indignação. “Duas respostas serão suficientes.”

“Trabalhando com mortais,” o Folião disse, seu sorriso tornando suas feições perfeitas horríveis novamente. “Pobre velho querido. Você já governou civilizações, e agora você não é nada mais do que uma história que desaparece a cada geração. Você deve ansiar por arrancar os corações desses mortais a cada batida miserável.”

Athena deu um passo duro para a frente, dobrando o cimento sob o pé.

“Ah, aí está ela,” o Folião provocou.

“Eu calaria a boca antes de deixá-la te matar,” Lore disse friamente. “Ela é o que sempre foi. Mas para alguém que costumava ser mortal, você não teve problema em matar seis pessoas no andar de cima que não tinham nada a ver com o Agon.

O Folião levantou-se lentamente, suas sobrancelhas franzidas em confusão.

“O que diabos você está falando, garoto? Eu não matei ninguém desde o Despertar,” ele disse. “Se há mortos neste prédio, não foi minha lâmina que os matou.”

CASTOR CUROU a perna do FELIZ o suficiente para ele sair do depósito com os próprios pés. O novo Dionísio estava ansioso para ver os corpos, mas estava visivelmente enojado com a ideia de ser apoiado por qualquer outra pessoa na jornada para cima.

Athena caminhou na frente do grupo, vasculhando os corredores e quartos escuros. Lore veio na retaguarda, seus olhos se deslocando entre as formas escuras dos outros enquanto caminhavam alguns metros à frente, uma mão descansando levemente contra a faca que ela amarrou na coxa novamente.

Miles os encontrou perto da escada, agarrando seus braços.

"OK?" Lore murmurou.

Ele assentiu, mas não havia mais cor em seu rosto.

“Impostor,” Athena começou, mantendo a voz baixa. “Como é possível que os assassinos não tenham encontrado você e que você não saiba nada de suas identidades?”

Lore estava se perguntando isso. Eram caçadores — a única questão era a qual casa eles pertenciam.

“Eu me escondi em um dos caixotes e fiquei lá até as coisas ficarem quietas lá em cima e os seguranças pararem de fazer rondas – Merda!” O Folião tropeçou quando sua perna ferida cedeu. As mãos de Castor voaram para pegá-lo, mas o outro novo deus se afastou, rosnando.

“Deixe-me terminar de curar você,” Castor tentou novamente. “Eu preferiria que você não desmaiasse ou morresse antes de nos dar as respostas que tão generosamente prometeu.”

"Então faça suas perguntas, seu idiota estúpido", disse o Folião, erguendo-se até sua altura total novamente. Seus olhos brilharam. "E deixe-me terminar com todos vocês."

Castor olhou para ele, sem se impressionar. Mas ele ficou em silêncio pela mesma razão que Lore estava – nenhum deles queria desperdiçar uma resposta fazendo a pergunta errada.

Até Atena parecia preocupada com qualquer estratégia que estivesse desenvolvendo interiormente. Sua postura era tão rígida que Lore estava começando a temer que mais uma palavra sarcástica do Folião fosse respondida com um dory enfiado em seu estômago.

“Ok, bem, eu vou começar,” Miles começou. Lore abriu a boca para detê-lo, mas já era tarde demais. "Por que você concordou em trabalhar com Wrath enquanto Hermes não?"

“Porque eu vi potencial em sua visão,” o Folião cuspiu. “Hermes não gostou nem acreditou nele.”

Lore estava prestes a perguntar o que, exatamente, aquela visão estava além de Wrath matando seus rivais e procurando pelo poema, mas Miles falou novamente.

"Isso deve ter doído muito, ele efetivamente chamando você de tolo e virando as costas para você", disse ele. “Mas você não desistiu até o Despertar, mesmo sabendo que Wrath mataria seus inimigos, que incluíam Hermes – suponho que isso significa que parte do seu acordo era que Wrath não poderia matá-lo.”

Mesmo na escuridão, Lore ainda podia ver a forma como o lábio superior do Folião se curvou, mostrando os dentes.

“E se você tem tanta certeza de que Hermes escondeu algo aqui, em um lugar que é significativo para você,” Miles continuou, “significa que você estava em contato com Hermes antes do início do Agon e sabia o que ele estava fazendo nos anos entre o Agon.

A menos que você esteja apenas supondo que ele deixou algo para você e não o

abandonou, o que obviamente também é uma possibilidade.

“Ele não me abandonou.” O Folião avançou, apenas para ser bloqueado por um empurrão da mão de Castor. Lore agarrou Miles pelo braço e o puxou para trás, mas ela de repente entendeu o que ele estava fazendo – obtendo respostas testando suposições, não fazendo perguntas.

Lore estalou a língua. “Então, no final, Hermes não queria nada com você. Ele não te deixou nada. Ele provavelmente nem se despediu.

O Folião cambaleou em direção a ela. "Seu estúpido-!"

Castor o empurrou novamente, desta vez contra a parede. Ele empurrou seu antebraço na garganta exposta do deus. “Não toque nela.”

Athena cortou o dory entre eles, quebrando o aperto de Castor. "O suficiente."

Mas ela também tinha descoberto o jogo de Miles e Lore. Um frisson de satisfação percorreu a espinha de Lore quando a deusa lhe deu um pequeno sorriso.

Hermes havia desaparecido, não necessariamente para se esconder de Wrath, mas para esconder algo – algo que o Folião agora supunha que Hermes havia deixado para ele encontrar. Usar.

Lore estava prestes a pedir esclarecimentos sobre os planos de Wrath quando Athena falou primeiro.

“Qual é o envolvimento de Melora em tudo isso?”

"Espere o que?" Lore começou.

Atena ergueu a mão, silenciando-a.

Os olhos do Folião eram desafiadores. Mas quando ele falou novamente, seu tom era mais comedido. “Todos vocês são tolos. Os planos de Wrath remontam a décadas. Ele planeja acabar com o Agon, mas precisa de uma última coisa para colocar tudo em jogo.”

"O outro poema de origem", disse Lore. "Nós sabemos."

O novo deus hesitou, apertando a mandíbula.

“Você não está tão desesperado com a caçada quanto gostaria que acreditássemos, impostor,” Athena disse. “Caso contrário, você acabaria com você mesmo ou convidaria um mortal para fazer isso. Você quer sobreviver. Eu vejo isso em seus olhos. Esse desejo, essa necessidade de sentir o icor queimando em você mais uma vez.”

O Folião olhou para ela, mas não negou.

"Você deu as respostas que você sabe que queremos, mas não a que eu fiz", disse Athena. “Que papel Melora Perseous desempenha em tudo isso?”

“Você já não sabe?” o Folião perguntou a ela.

“Responda a pergunta dela”, disse Castor.

O Folião cuspiu sangue a seus pés. "Multar. Wrath precisava de mim para uma coisa e apenas uma coisa. E antes que qualquer um de vocês, mosquitos sem cérebro, perguntem, não sei o resto dos planos dele. Eu só quero encontrar a fenda mais profunda neste mundo fodido para tentar esperar tudo isso.”

"Ainda não é uma resposta", disse Castor, desta vez com um novo aviso em seu tom.

"Eu fiz uma promessa, e não vou quebrá-la por vocês, idiotas", disse o Folião. “Eu só posso te dizer, garota. Isso foi o que ele disse. Venha comigo se você quer saber, ou não.

Eu não me importo."

O Folião virou-se e subiu os degraus mancando. Lore olhou para os outros, percebendo seu alarme e confusão.

“Vamos manter distância”, disse Athena. “Mas não estará longe.”

Lore seguiu atrás do novo deus. Os outros seguiram, recuando quando chegaram ao topo da escada.

O novo deus parou assim que alcançou a fonte no centro do pátio interno, forçando Lore a diminuir a distância entre eles. Ele examinou os corpos, sua expressão estranha.

Lore ouviu o desespero em sua própria voz quando perguntou: "O que é isso?"

“Meu único trabalho para Wrath era encontrar você,” ele disse sem preâmbulos. “Ele acha que você tem a égide e fará qualquer coisa para recuperá-la.”

O preto na borda de sua visão cresceu, e uma pontada de dormência encontrou suas pontas dos dedos. Não era nada que ela já não esperasse, mas a semente do medo que sua conversa com Iro plantou finalmente floresceu.

"Por que?" Lore conseguiu dizer. “Os Kadmides têm isso...”

“Não adianta mentir para mim.” O novo deus virou-se para ela, e ela não sabia dizer se era repulsa ou pena que cruzou seu rosto. “Você o humilhou. Toda a sua linhagem sabe a verdade, mesmo que não a revelem aos outros. Aristos Kadmou, superado por uma jovem. Mas isso cria um problema para você, não é?

Lore balançou a cabeça, incapaz de falar.

"Eu encontrei você, você sabe", disse o Folião. "Foi uma coisa infernal - um total acaso no final, porque eu fui procurá-lo, e ele encontrou você primeiro."

"De quem você está falando?" Lore respirou. “Quem me encontrou?”

"Hermes", disse o Folião. “Você sabe onde ele estava naqueles anos em que desapareceu

– você sabe, porque ele estava com você.”

LORE DEU UM PASSO PARA TRÁS. "Não. Eu nunca o vi. Eu não. . . .”

“Todos esses anos, ele não estava fazendo planos para sua própria sobrevivência. Ele estava protegendo você,” o Folião disse. “Uma jogada idiota.”

O Folião olhou para a fonte, a água ensanguentada.

“Ele escolheu uma forma tão patética, mas funcionou em você, não foi? Aquele velho frágil. Fez você sentir pena dele. Fez você querer ajudá-lo.”

"EU . . .” disse Lore. “Não, ele. . . não . . .”

“Você realmente achou que algum estranho iria tão longe para te pagar de volta? Dar-lhe um novo lar e uma doce vida? Seu tom se tornou zombeteiro. “Ele protegeu aquela casa, e você. Ninguém podia entrar a menos que fosse convidado. Levei dias para resolver isso quando encontrei aquele brownstone. Que havia algo—alguém—lá eu não podia ver. Ele usou seu poder para torná-lo invisível para todos nós deuses. Esperto Hermes. Você é apenas um merdinha de sorte que ninguém mais percebeu.”

"Isso é impossível", disse Lore, lutando para manter a voz firme. Mas as palavras de Castor já haviam ressurgido em sua memória. Tentei te encontrar por anos, mas foi como se você tivesse sumido. Não sobrou nenhum rastro de você.

"É isso?" o Folião arrulhou de volta. “Os deuses podem se cobrir de névoa e desaparecer da vista dos mortais e outros celestiais. Ele deu algo para você, não foi? Algo que você usava o tempo todo que usava o poder dele para invocar os deuses desviantes. Claro, ele teria encantado para fazer você se sentir inclinado a mantê-lo, não importa o quê. Ele teria feito seu cérebro estúpido pensar que foi sua ideia o tempo todo. Que você adorou.”

A mão de Lore deslizou até sua garganta nua. O colar de penas.

Sua cabeça começou a latejar, martelando no ritmo de seus batimentos cardíacos.

“Sua proteção durou até a morte dele”, continuou o Foliador. “Essa é a única razão pela qual qualquer um de nós, incluindo seus dois amigos piedosos, pode vê-lo agora.”

Lore fechou as mãos em punhos para evitar que tremessem. Ela balançou a cabeça, mas sua mente já estava começando a fazer as conexões, a encontrar a verdade nas palavras dele. Não pode ter sido coincidência que o fecho do colar tenha quebrado na noite da morte de Hermes. . . .

“Mesmo depois que encontrei a casa, Hermes ainda não me viu”, disse o Folião. “Hermes não dizia uma palavra para mim, não importa quantas vezes eu viesse, não importa o quanto eu tentasse convencê-lo a vir comigo e servir Wrath. Não importa quantas vezes eu jurei no Rio Styx que nunca trairia ele ou seu segredo.” Ele se virou para ela. "E tudo por sua causa - um pequeno pedaço de merda que deveria ter sido exterminado com sua família."

O Folião ergueu a mão, como se fosse agarrar o pescoço dela novamente, mas a deixou pairando no ar.

A cada batida do coração, o Frick começou a desaparecer. Cores e luz giravam em torno dela, pintando a imagem de sua rua, da casa da cidade. A cabeça de Lore parecia tão pesada como se ela tivesse bebido uma garrafa inteira de vinho.

"Você . . .” Seus lábios tinham perdido todo o sentimento. “Você está—Isso não está certo

—Gil—”

Ela viu Gil na sala, ligando seu toca-discos rangendo, fingindo que a vassoura era sua parceira de dança enquanto a música enchia o ar. Mas quando Lore se aproximou, ela viu que os pés do velho estavam pairando sobre o chão.

“Gil?” O Folião soltou uma risada perversa. “É assim que ele se chamava?”

A imagem de Gil se transformou diante dela. Ele ficou mais alto, seus braços e pernas musculosos, a pele macia com a juventude. Um brilho fraco subiu ao redor dele.

"Eu vi o disfarce dele", disse o Folião, soando distante. “Não é à toa que você confiou nele.

Deve ter parecido um maldito conto de fadas.”

Lore sentiu-se começar a dobrar quando a maré de memórias a invadiu, todas lavadas de suas mentiras felizes.

“Não,” ela disse. “Você está mentindo—”

Mas . . .

Quais eram as chances de Gil ter ficado horas na rua naquela noite e ninguém mais ter ouvido o ataque ou seus gritos de socorro? Que ele teria sido violentamente assaltado em uma vila pequena e pacífica? Até o médico ficou chocado com o fato de um ataque ter acontecido ali.

Gil nunca havia pressionado Lore sobre seus próprios ferimentos, naquela época ou anos depois. Ele nunca questionou seus motivos. Ele a recebeu em sua casa. Ele havia deixado tudo para ela quando morreu. . . .

Quando ele morreu, apenas alguns meses antes do início do Agon.

Hermes saberia que ele — esse Gil — desapareceria no início da semana, levado para onde quer que o Agon fosse mantido naquele ciclo. Que havia uma chance de ele morrer durante a caçada, deixando Lore se perguntando o que aconteceu com Gil.

Talvez a “morte” de seu disfarce fosse uma gentileza, mas só deixou Lore mais irritada.

Ele deveria ter dito a ela a verdade. Ele deveria ter se revelado.

Lore pensou ter ouvido Castor chamá-la, mas não conseguiu se virar. Seu corpo não se movia.

Era mentira.

Mas isso também era. O novo Dioniso lidou com a loucura. Em ilusões.

"Pare com isso", disse Lore, segurando a cabeça. “Eu não quero ver isso!”

A casa da cidade escureceu ao redor dela e o Frick retornou, sem graça e chato

em comparação com a vivacidade da alucinação.

"Diga-me", começou o Folião. “Quanto veludo verde há naquela casa da cidade? Ele sempre teve o pior gosto.”

Lore pressionou a mão na boca.

"Tudo o que eu queria dizer a ele era por que Wrath queria a égide, mas ele já devia saber, caso contrário, por que diabos ele se incomodaria em protegê-la?" disse o Foliador. “Eu pensei que ele poderia ter trazido o escudo aqui—não para eu dar a Wrath, mas para destruí-lo. Eu não entendo por que o idiota simplesmente não destruiu e acabou com isso e você!”

“Porque eu não tenho isso,” Lore disse a ele novamente. "Nada disso faz sentido!"

"Não, seu merdinha", ele rosnou baixinho. “O que não faz sentido é por que você __”

Um jato de sangue bateu no rosto de Lore enquanto o Folião cambaleava para frente, caindo na fonte. A pedra escureceu enquanto bebia o sangue fresco. Lore assistiu, atordoado, enquanto a flecha que havia atravessado a garganta do novo deus subia para a superfície da água.

Um corpo pesado caiu sobre o de Lore, derrubando-a no chão enquanto o vidro do telhado chovia sobre eles. Castor estava respirando pesadamente, cada liberação de ar agitando os fios soltos de cabelo em seu rosto. Suas mãos sentiram sua cabeça, seu pescoço, seu peito em busca de uma ferida.

— Estou bem, Cas, estou...

Outra flecha rasgou o ar, cravando-se no azulejo ao lado de sua cabeça.

Castor os arrastou de volta pelas colunas que cercavam a fonte, até que eles estivessem fora da linha de visão de quem estava atirando através do teto abobadado. Com o canto do olho, ela viu Miles correr para a entrada do museu.

“É Ártemis?” Lore engasgou, esticando o pescoço para cima.

“Leoas!” Athena gritou, atirando uma de suas facas de onde ela havia se

refugiado atrás de uma coluna. O caçador se mexeu, evitando a lâmina — mas não o dory que Atena arremessou. Seu corpo caiu no museu, sua máscara de serpente rachando quando ela atingiu o mármore.

Lore ignorou o aperto que Castor tinha em seu ombro e se inclinou para frente, apenas o suficiente para ver onde uma das vidraças maiores da cúpula havia quebrado. Mais duas figuras em preto surgiram – uma apontando para Atena. A outra ergueu o arco novamente, desta vez em direção a Castor.

Castor lançou uma explosão de energia, desmoronando o telhado sob os pés dos caçadores. As duas leoas caíram, treinadas demais para gritar, mesmo quando seus ossos quebraram sobre os escombros.

Um olhar de esmagadora culpa cruzou seu rosto, e ele fez menção de correr na direção deles. Lore o puxou de volta.

"Eu preciso curá-los", disse ele, puxando seu braço livre.

"Eles não merecem isso", disse Lore, uma raiva terrível florescendo nas palavras. “Deixe-os morrer.”

Castor olhou para ela, e ela se ressentiu de seu choque. O que ele esperava?

“Pessoal,” Miles gritou. "Nós precisamos ir!"

Com um último olhar para ela, Castor se soltou de seu aperto e disparou pelo pátio em direção às duas leoas. Lore teria ido atrás dele se não fosse pelo gemido de agonia que a atingiu primeiro.

Ela se virou para encontrar os pés do Folião lutando para se segurar contra o azulejo liso enquanto ele tentava em vão sair da fonte.

Eles não estavam tentando matá-lo. O pensamento a eletrizou. Estas eram leoas. Eles precisavam incapacitá-lo, mas mantê-lo vivo o tempo suficiente para que Wrath acabasse com ele.

Lore correu em direção a ele, gritando: “Castor!”

O novo deus se virou ao som de seu nome, soltando uma das leoas. O brilho ao redor dela se desvaneceu.

"Idiota!" Atena gritou para Lore. "Pare!"

"Ele está vivo!" Lore disse, agarrando o Folião pelos ombros e puxando-o de volta para o chão.

Os olhos do Folião estavam selvagens enquanto sua mão batia contra sua pele encharcada de sangue, tentando pressionar contra a ferida em sua garganta. De alguma forma, a flecha não atingiu a artéria carótida. Lore cobriu a mão com a dela, pressionando mais forte para tentar estancar o fluxo.

“Tente relaxar,” Lore disse a ele.

Ele balançou a cabeça, selvagem com dor. "Isto . . . devemos ser . . . dado . . . deve dar . . .

isto . . .”

"O que você está tentando dizer?" perguntou Lore.

Athena arrancou a mão de Lore e a substituiu pela sua. A pele do novo deus ficou cinza e pegajosa. Tudo que Lore agora via em seu rosto era medo. Athena olhou para o Folião, sua expressão distante.

“Cas!” Lore ligou novamente. O novo deus estava a poucos metros deles, mas parecia estar se movendo em câmera lenta. Ela se concentrou no Folião novamente, dizendo:

“Espere, só...”

Um estalo ecoou pelas colunas de pedra quando Atena apertou a mão e estalou o pescoço dele.

"Porque você fez isso?" Lore perguntou, engasgando com seu choque.

A deusa se levantou, enxugando a mão ensanguentada na túnica azul-celeste do Folião.

“Ele estava além da salvação. Você faria o assassino ganhar seu poder? Você mesmo teria pego?”

Não, ela não teria.

“Eu poderia tê-lo salvado!” Castor disse, furioso.

“Aquele idiota nunca iria nos ajudar”, disse Athena. “Melhor ele morto por minha mão misericordiosa do que pela de seu inimigo.”

“Ele não precisava morrer!”

Passos soaram no telhado. Lore girou, rastreando-os enquanto corriam em direção ao canto do prédio.

“Tem outro?” perguntou Miles.

A mente de Lore ardeu com a possibilidade. Talvez as leoas não tenham sido as que atiraram no Folião, afinal.

Talvez tivesse sido o próprio Wrath.

Lore correu para a entrada, ignorando o grito assustado de Miles quando ela bateu o bastão das maçanetas da porta.

Ela saiu correndo, seus pés derrapando contra a calçada. Uma figura escura desceu a parede do telhado. Ele desceu o último metro e meio de distância, aterrissando com força no gramado próximo.

Não era Ira. O caçador se virou, sua máscara de serpente brilhando ao luar. Ele escalou a cerca da construção e desceu na Seventieth Street.

Ela seguiu.

“Lore!” Castor ligou. "Esperar!"

Ela não podia. Não mais.

O caçador era uma sombra contra a escuridão do início da manhã enquanto se dirigia para o oeste, atravessando a Quinta Avenida e pulando a cerca baixa de pedra que marcava os limites do Central Park.

As mãos de Lore rasparam contra a parede enquanto ela deslizava sobre ela. O parque estava fechado a essa hora da noite, mas as luzes da rua ainda estavam

acesas. Se o caçador pensava que iria perdê-la aqui, em seu parque de todos os lugares, ele estava prestes a ficar extremamente desapontado.

“Isso mesmo,” Lore murmurou, “continue correndo.”

Ela o seguiria até os confins da cidade, e ele a levaria para onde quer que Wrath estivesse se escondendo.

Gil. . .

Não, isso foi bom. Ela manteria o olhar à frente agora, e não olharia para trás. Se ela não reconhecesse a dor, ela a deixaria, como todo o resto. Seria. Sua raiva seria útil pelo menos uma vez. Isso a manteria indo.

Não perdido, ela pensou. Mas nunca grátis.

Não era apenas raiva que Lore sentia, mas humilhação – todo esse tempo, ela acreditava que existia fora do alcance dos deuses, que ela estava finalmente no comando de sua vida.

Nada disso era real.

Não o amor que ela sentiu de Gil, não a esperança, ou mesmo os bons dias. Lore não queria mudar nada na casa da cidade ou mover um único objeto. Ela sentiu que devia a Gil preservar sua memória, mas tudo o que ela fez foi criar outro santuário para um deus.

Ele deve ter rido dela todos os dias.

Construir uma nova vida, uma vida melhor, Gil dissera a ela, vai mantê-la olhando para frente, até que, um dia, você descobrirá que não está mais tentada a voltar atrás em direção a tudo que perdeu.

Hermes. Hermes havia dito isso a ela. E para quê? Para ver se ela eventualmente lhe daria a égide?

Pela primeira vez em sete anos, o pensamento do escudo não mandou seu corpo para o bloqueio do jeito que costumava fazer. Ela quase podia se imaginar segurando-o – como a alça de couro seria apertada contra seu braço, o ronronar de seu poder suprimido acariciando seus sentidos. . .

Ela poderia conseguir. Ela poderia ter de volta o que deveria ser dela. Se os Agon não a deixassem ir, ela os venceria em seu próprio jogo e os quebraria antes que eles a quebrassem novamente.

Lore enviaria a Wrath e a todos os outros uma mensagem que eles não poderiam ignorar.

Aonde você vai, pequena cobra? ela se perguntou, observando-o correr pelas árvores do parque vazio. Para qual buraco você está deslizando de volta?

Lore teve sua resposta em breve.

O caçador tinha ficado longe dos caminhos estabelecidos do parque, preferindo manter-se nas colinas gramadas e tecer entre playgrounds e estátuas. Agora ele diminuiu a velocidade enquanto se aproximava da cerca que cercava o Mall.

A larga passagem era ladeada por bancos de parque e olmos escuros. Ela ficou para trás, mas ele já havia parado no meio do caminho. Esperando por ela.

O caçador levantou sua máscara.

“Vamos, Melora”, disse Belen Kadmou. "Venha para fora e brinque."

ADRENALINA, QUENTE E DOCE, a percorreu.

Belen tinha todos os mesmos sinais de arrogância que seu pai. A postura fácil e sem medo. O sorriso presunçoso de alguém que nunca foi derrubado de um trono. Mesmo sendo um bastardo, Belen havia recebido algum respeito como filho único de Aristos Kadmou.

Mais respeito do que Lore já havia recebido como menina.

Belen jogou sua besta de lado, mas puxou uma longa faca da bainha amarrada em seu braço. Lore agarrou sua própria faca, avaliando-o rapidamente. Lore era alto, mas ele era um pouco mais alto. Lutar com pequenas lâminas lhe daria uma vantagem. Ele teria o alcance mais longo.

Mas ela tinha mais fúria. Belen foi um presente. Não haveria melhor maneira de enviar uma mensagem a Wrath do que deixar o corpo do jovem para ele encontrar no parque.

Lore saiu das sombras. "Não se importe se eu fizer isso, seu idiota exagerado."

"É assim que você quer cumprimentar seu velho amigo depois de todo esse tempo?" ele cantarolou.

“A última vez que eu te vi, você estava sentado aos pés de seu pai como um cachorrinho obediente,” Lore disse, dando-lhe um rápido olhar para cima e para baixo. “Parece que nada mudou.”

"Você sempre falou demais para uma mulher", disse ele, observando-a pular a cerca baixa.

"Irônico, já que esta é a primeira vez que eu realmente ouço você falar por si mesmo", disse ela. “O papai afrouxou a coleira?”

“Ele é meu senhor e pai,” Belen disse. “Um conceito desconhecido para você, eu percebo, já que você não tem nenhum dos dois.”

Lore deixou o insulto ir enquanto ela começou a circulá-lo. “Como seu senhor e seu pai reagirão ao saber que você não conseguiu matar nenhum dos três deuses que estavam naquele museu?”

“Eu não estava mirando no Folião.” Seu olhar penetrava nela. "Eu estava lá para você."

Ela tentou não deixar seu choque escapar em sua expressão. "Fico lisonjeado."

"Ele quer de volta, Melora", disse Belen. “Ele não vai parar até que ele tenha novamente.”

“Eu não tenho o que quer que seja,” Lore disse a ele, aproximando-se enquanto ela o circulava novamente. “Você está perdendo seu tempo.”

"Eu disse a ele", disse Belen, estendendo sua faca. "Que você teria usado se ainda estivesse em sua posse, ou dado aos deuses atrás dos quais você está se escondendo."

"E ainda aqui estamos", disse Lore. “Parece que ele não se importa muito com o que você pensa.”

A expressão de Belen escureceu. “Você é uma distração. É uma distração. Tudo o que preciso fazer é culpar a cadela de olhos cinzentos. Ela não é leal a ninguém além de si mesma. E uma vez que você está morto, ele desaparece para sempre, e ele pode se concentrar no que deveria estar fazendo.”

"Qual é?" perguntou Lore.

Belen apenas sorriu, então se lançou.

Lore bloqueou seu jab com o braço livre, caindo sobre um joelho e girando para longe antes que ele pudesse prendê-la em uma posição vulnerável e inclinada para frente. Ela se endireitou novamente, mantendo sua própria arma em movimento para evitar deixá-lo chegar muito perto.

Ele teria outra lâmina enfiada no topo de suas botas pretas, e provavelmente outra amarrada às costas ou outro quadril, mas ambas estavam escondidas pelo manto de caçador. Ela respirou fundo, tentando acalmar o rápido aumento de seu pulso. O

problema com a luta com faca era que muito disso era luta. Não havia como escapar ileso.

Mas Lore nunca teve medo de se cortar.

"Eu não sei como você escapou da primeira vez, mas não vai acontecer de novo", disse ele. “Ouvi dizer que eles pegaram os olhos das meninas primeiro, mas as mantiveram vivas o tempo suficiente para ouvir seus pais morrerem, só para saberem que ninguém viria salvá-las.”

Lore surgiu em direção a ele, cortando, forçando-o a manter uma mão erguida para proteger seu pescoço e peito. Sua mente se desconectou de seu corpo, e tudo o que restou foi o poço profundo de dor crua que fervia dentro dela por anos.

Artéria, ela pensou com maldade, e se lançou para a perna dele.

Foi um erro estúpido, um desajeitado. Ela sabia disso, mesmo que seu corpo não ouvisse, e continuou atacando. Belen agarrou seu braço e o golpeou contra sua coxa, enviando sua lâmina voando pelo ar. Lore mergulhou para isso, mas Belen a agarrou com um grito gutural. Ele cravou os joelhos e todo o peso na parte

inferior das costas dela até que ela pensou que ele quebraria sua pélvis.

Lore resistiu, chutando e gritando. Ela esticou o braço em direção à faca. Ele brilhava como uma garra, logo além de seus dedos.

O peso de Belen se elevou apenas o suficiente para ele a virar bruscamente. Seu peito arfava, sangue escorrendo por seus braços de onde ela o brutalizou. Eles rolaram mais e mais, grama grudando em seu rosto e braços enquanto Lore lutava para prendê-lo. Ela arriscou, estendendo a mão em direção à bota dele para sentir uma faca escondida, e encontrou uma. Agarrando o cabo, ela o cortou na testa.

Ele soltou um grito engasgado – não foi um corte profundo, mas enviou uma cortina de sangue em seus olhos. A distração deu-lhe tempo suficiente para agarrar o pulso e os dedos dele, quebrando o controle de sua própria faca. Ela o enfiou no músculo esquerdo da panturrilha. Desta vez, Lore ficou satisfeita ao ouvi-lo gritar.

Com uma explosão de força, ela virou suas posições, prendendo-o embaixo dela. Belen tentou torcer o suficiente para derrubá-la, mas Lore havia travado suas pernas ao redor dele e apertado sua pressão em seus braços. Seu cuspe voou como o de um cão raivoso.

Lore ergueu a faca novamente, observando a rápida subida e descida de seu peito, onde seu coração estaria batendo sob a armadura, pele e osso.

Lore teria enfiado a lâmina, se não fosse por aquele sussurro de lógica que escorregou pela parte mais animal de seu cérebro.

Matá-lo não será suficiente.

Não iria. Wrath merecia conhecer a dor de perder a família novamente, mas matar Belen não faria nada além de trazer glória a Belen. Kleos passou pela batalha, e não havia kleos maior do que para aqueles que morreram bravamente.

Havia outra mensagem que ela poderia enviar a seu pai. Um melhor.

"Você já ouviu falar sobre Phaethon?" ela perguntou, inclinando-se perto de seus dentes estalando. O sangue cobria seu rosto como uma segunda máscara. “Como ele estava desesperado para provar sua ascendência divina – tão desesperado que

exigiu dirigir a carruagem de seu pai Hélios pelo céu?”

“Cala a boca, vadia,” Belen rosnou. “Cale a boca...”

“Ele foi avisado que não seria capaz de controlar os cavalos selvagens da carruagem, mas sua arrogância exigia que ele pudesse tentar,” Lore continuou. — Você sabe o que aconteceu com ele?

Belen sibilou, tentando novamente empurrá-la para longe dele através da força bruta de seu corpo.

“Ele não podia controlá-los. Os cavalos subiram muito alto. A terra começou a esfriar à

medida que a carruagem do deus do sol ficava muito distante”, disse Lore. “Zeus teve que derrubá-lo com um raio. Ele pagou o preço por seu desespero e orgulho com sua vida.”

Lore liberou um pouco da pressão em torno de seus braços; ela o deixou pensar que ela havia escorregado, que ele tinha uma oportunidade. As mãos de Belen se ergueram com um tremendo grito de seu peito, alcançando-a — para empurrá-la, estrangulá-la, ela não sabia. Meio cego por seu próprio sangue, ele não viu o ângulo de sua lâmina até que ela cortou seus dois polegares.

Belen uivou de dor e raiva.

“Você pode viver,” Lore zombou. “Mas boa sorte segurando uma lâmina.”

Ela o havia cortado com uma faca, mas sua verdadeira arma era o próprio Agon — todas as suas cruéis realidades que homens como ele e seu pai adoravam infligir aos outros.

Agora ele mesmo os conheceria.

Belen nunca ganharia kleos, não deste Agon, e provavelmente não de qualquer outro.

Talvez um dia eles pudessem colocar próteses nele e ele estaria de volta na caçada, mas ele sempre carregaria as cicatrizes de perder para ela. Ele saberia o que significava ser seguido por sussurros. Derrotado pela garota Perseous, a

última de seu nome.

Espancado por um rato da sarjeta que deveria ter morrido anos atrás. Vencido.

Ela havia escrito sua história para ele.

“Lore!”

Castor estava a uma curta distância, o rosto pálido de choque.

Ela se afastou de Belen, levantando-se. Seu peito apertou com a forma como Castor estava olhando para ela. Ele trouxe o mundo para um foco mais nítido: o céu clareando enquanto as horas se inclinavam para a manhã; o sangue em suas mãos, braços e jeans; a respiração queimando dentro e fora dela.

Lore se viu através dos olhos de Castor, como ela deve ter parecido meio selvagem para ele. Como se ela fosse um monstro.

Algo nela se mexeu, zangado e assustado.

Um galho quebrou e ela se virou para Belen. Ele estava engatinhando, lutando para ficar de pé. Ele engasgou com cada respiração, abraçando os braços apertados contra o peito, as mãos ainda jorrando sangue.

Castor foi atrás dele, mas Lore parou na frente dele. Ele avaliou os cortes em seus braços, metade dos quais ela não notou ou sentiu, e estendeu a mão para curá-la. Lore resistiu, não querendo ser tocada naquele momento, ou sentir algo gentil.

"Onde estão os outros?" ela perguntou.

“Voltando para casa. Lore, o que o Folião disse para você? perguntou Castor. “O que poderia ter causado . . . isto?"

Suas palavras a irritaram. "Isto? Você quer dizer realmente fazer alguma coisa?”

“Lore,” ele começou de novo, com uma nova intensidade em sua expressão. "O que aconteceu? O que está acontecendo?"

Lore não disse nada. Ele se moveu para contorná-la, apenas para ela bloqueá-lo

novamente.

“Aquele era Belen Kadmou?” Ele perguntou a ela. — Por que você o deixou escapar?

Lore mudou, bloqueando seu caminho pela terceira vez.

A expressão de Castor mudou de choque para raiva então, de uma forma que ela nunca tinha visto. “Nós poderíamos tê-lo interrogado. Por que você o deixou ir?”

"Ele vai fazer uma mensagem melhor do que um corpo", disse Lore.

Castor balançou a cabeça, soltando um som de frustração. “Exceto que você não está apenas se arriscando enfurecendo Wrath,” ele disse a ela claramente. “Você está arriscando todos nós, incluindo Miles.”

O trinado estava de volta em sua mente, transformando o ar em estática em seus ouvidos. Seu pulso saltou quando as bordas de sua visão escureceram. Milhas. . .

Ela nem tinha pensado em Miles.

“O que o Folião disse para você?” perguntou Castor. “O que te deixou com tanta raiva que você fez isso depois de tudo que você me disse antes? Este não é quem você é!”

"Talvez seja", ela atirou de volta.

“Não”, disse Castor. “Você é uma boa pessoa, Melora Perseous. Você não é o que eles tentaram fazer de você, ou mesmo o que você tentou ser para eles. Nenhum de nós é.”

“Nós somos exatamente o que eles nos fizeram,” Lore disse, não se importando que sua voz tivesse falhado, que as palavras estivessem trêmulas com a dor de longa data. “Nós somos monstros, Cas, não santos. E, não, matar Wrath não vai mudar o que aconteceu, mas é a única coisa que sei fazer. É a única coisa que qualquer um de nós foi ensinado a fazer.”

Suas mãos se transformaram em garras contra o peito dele, mas o aperto em seus pulsos permaneceu leve, como se a desafiasse. O calor dele queimou o ar frio e o cheiro da grama. Ele apagou o resto do mundo. Ele criou seu próprio eclipse.

“Eu quero que Wrath sofra,” ela sussurrou. “Quero que ele tenha medo e quero ser aquela que rouba a vida de seu corpo.”

"Vamos encontrar outras maneiras de lidar com ele", disse Castor suavemente. “Melhores maneiras. Não deixe que tirem essa esperança de você.”

Castor se aproximou. Desta vez Lore deu um passo para trás. Isso pareceu alarmá-lo mais do que qualquer outra coisa. Ele se afastou, dando-lhe distância quando Lore não

queria isso, quando Lore não tinha certeza do que ela queria.

Ele fechou os olhos. “Lore—”

A maneira como ele disse o nome dela. . .

A tempestade se abriu dentro dela. Lore o golpeou com o braço e ele bloqueou, como ela sabia que faria, deixando seu centro aberto, do jeito que ele sempre fazia.

A raiva tornou-se confusão tornou-se instinto tornou-se necessidade – ela agarrou seu rosto e o puxou para baixo para trazer seus lábios aos dela.

Castor ficou imóvel como uma pedra, os lábios entreabertos. Ele não se afastou. Nem ela. Seus dedos deslizaram em seu cabelo grosso, enrolando. “Lore...”

Ela queria que ele continuasse dizendo seu nome dessa forma, como se fosse a única palavra que ele conhecia.

Ela era desajeitada e crua e selvagem, mas ele também era. Suas mãos a cobriram, as mesmas mãos que a ajudaram a levantar do chão inúmeras vezes. As mesmas mãos que a levantaram para alcançar mais alto enquanto ela subia. As mesmas mãos que ela segurou enquanto ele morria.

Lore não queria pensar. Ela queria desaparecer na sensação dele. Um relâmpago desceu por sua espinha enquanto ele gemia.

Castor a dominou até que não houvesse mais nada no mundo além de seus lábios e toque. O calor dentro dela aumentou, absorvendo a sensação de sua pele e deixando seu corpo macio contra as linhas duras dele. Sua língua acariciou

contra a dela e ele a puxou para mais perto, até que ela sentiu sua necessidade descarada por ela, e um peso baixou em seu estômago em resposta.

Nos anos que eles treinaram juntos, Lore passou a conhecer seu corpo tão bem quanto o dela. Mas cada parte dele parecia uma revelação para ela agora, algo que ela precisava, mas não sabia querer. Eles estavam de volta ao sparring, tentando ganhar o controle, para conduzir o beijo.

"Lore", ele murmurou. "Lore"

Castor se afastou tão de repente que a deixou instável em seus pés.

Lore ainda estava tentando alcançá-lo, desorientado e desesperado, quando ele ergueu a mão para detê-la. Havia algo quase de partir o coração na maneira como ele olhou para ela então.

"Faça isso de novo quando você quer dizer isso, Golden", ele murmurou. “Quando não é para me distrair.”

Ele não esperou por sua resposta; ele partiu, procurando por Belen. Lore tentou recuperar o fôlego, arrastando as mãos pelos cabelos e agarrando-os.

"Merda" ela respirou. "Merda."

Ela correu atrás dele.

Belen cruzou para baixo e para fora do parque e estava indo para o centro da cidade. Ele estava se movendo mais rápido do que ela esperava – então, novamente, o corpo podia fazer coisas incríveis sob a influência da adrenalina.

Lore e Castor seguiram o rastro do sangue de Belen até a Quinta Avenida, assustadoramente vazia sem turistas fazendo compras e uma multidão de nova-iorquinos tentando entrar em prédios de escritórios.

Ela cuidadosamente evitou olhar para Castor enquanto eles corriam, muito confusos, muito vermelhos de vergonha e saudade do que ela - eles - tinham feito. Parecia que ela havia quebrado um osso e não tinha sido reiniciado da maneira certa. Por um momento, ela ficou apavorada que seria assim entre eles para sempre. Que ela tinha feito algo que nunca poderia ser desfeito.

Belen estava uns bons quatro quarteirões à frente, mas ainda cambaleante. Seu telefone acendeu em suas mãos enquanto ele lutava para segurá-lo.

Castor cerrou o punho até que ele brilhou com poder. Ele a ergueu, como se fosse enviar uma rajada na direção do caçador, mas parou. A luz crepitante desapareceu quando ele aliviou seu aperto.

"O que está errado?" Lore perguntou, hesitando atrás dele.

“Ele está muito longe”, disse Castor. "E eu - eu não posso ter certeza de que eu não iria explodir o bloco."

Ele estava certo em se preocupar. Ao se aproximarem do Rockefeller Center, várias pessoas já estavam indo para o trabalho, ou saindo depois de turnos tardios. A enorme estátua de bronze de Atlas, lutando com o peso do mundo em seus ombros, os observava ir e vir.

Houve um zumbido fraco como abelhas nas proximidades. Lore se virou, avistando Belen de pé do outro lado da rua.

“Ei, Melora,” ele chamou, sua voz irregular. "Você já ouviu falar daquele sobre os pássaros de Stymphalian?"

Um drone caiu na frente deles, penas gravadas em suas asas prateadas. Um pequeno braço caiu de baixo dele e liberou algo – um dispositivo, um traço de prata –

O ar ao redor de Lore rugiu, explodindo em uma onda de pressão e calor que devorou tudo em seu caminho e dissolveu o chão sob seus pés.

Lore pulou na frente de Castor. A explosão a atingiu e ela estava voando, caindo, na luz furiosa.

EM ALGUM LUGAR, APENAS ALÉM DO lamento agudo que ressoava em seus ouvidos, Lore ouviu um som como o de areia correndo. Com sua próxima respiração, ela percebeu que ainda estava viva e que suas costas estavam queimando.

Lore empinou com um suspiro, suas costas batendo na parede de chamas que pairava acima dela. Faíscas de cor e luz explodiram em sua visão.

A explosão . . .

“Lore,” veio a voz tensa acima dela. “Está—tudo bem—” A dor queimou nela, ganhando vida com sua mente. Suas palmas estavam esfoladas em carne viva, e seu jeans e camisa rasgados. Havia uma dor surda em todo o seu corpo, mas não era nada comparado ao seu crânio, que latejava como se tivesse sido aberto.

"O que . . . ?” Sua boca estava coberta de poeira e cinzas. Lore tossiu, lutando para permanecer de pé, para escapar do calor que crescia atrás dela. Ela não conseguia entender o que estava vendo.

Montes de asfalto escuro, os restos amarelos destroçados de um táxi e blocos de concreto caíram em um círculo de destruição ao redor dela. O caos estava do lado de fora de um círculo de luz intensa e crepitante que a cercava como uma barreira protetora.

Lore inclinou a cabeça para trás. Ela conhecia esse poder.

“Cas?” ela engasgou.

Castor estava curvado sobre ela, os braços para cima, as palmas das mãos estendidas.

Acima dele, tentando atravessar a barreira do novo deus, havia uma enorme laje de concreto.

Ele balançou no ar, cavalgando o calor e a luz explosivas. Era a fonte do som que ela tinha ouvido antes, não areia correndo. O concreto estava sendo incinerado a um pó fino.

Ele derramou ao longo das bordas da barreira e se empilhou ao redor dela.

“Não. Mova-se,” Castor falou entre os dentes cerrados.

Os tendões de seu pescoço incharam com o esforço de manter seu poder estável.

Enquanto o concreto queimava, manchas de céu matinal e fumaça foram reveladas logo além dos ombros largos de Castor. Seu corpo estava tenso com a tensão, como se ele realmente segurasse todo o céu nas costas.

Suor escorria de seu queixo, e Lore percebeu que seu próprio corpo estava encharcado com ele.

A palavra sussurrou através dela. Deus.

Lore olhou para ele, seus pensamentos em caos. Ele encontrou seu olhar por um segundo, as brasas de seu poder mais brilhantes do que ela já tinha visto, então as fechou, virando o rosto.

"Fique. Fechar."

O anel de luz ardente se encolheu mais perto dela, tremeluzindo como uma chama prestes a se apagar.

Lore se virou para que ela o encarasse e se aproximou o suficiente para descansar o rosto em seu ombro e envolver os braços ao redor dele.

Belém.

Eles não deveriam ter ido atrás dele.

"Todas essas pessoas" ela começou, engasgando com as palavras.

A explosão brilhou em sua mente novamente, queimando com detalhes terríveis. Os espectadores que diminuíram a velocidade para olhar para o drone. O chão em erupção como uma ferida. Quebra de vidro. O berro de metal sendo torturado e dobrado.

Castor balançou a cabeça. “Tentei...”

A luz estremeceu ao redor deles novamente, chegando mais perto.

"Você está bem?" ela perguntou. "Você está machucado?"

"Tudo bem", ele prometeu, virando-se para descansar o rosto contra o topo de sua cabeça.

Lore se obrigou a inspirar e expirar, esperando acalmar seu coração. Ou era dele que ela sentia agora, batendo forte e firme pelos dois?

Vivo. De alguma forma, ele... Lore tentou imaginar, como ele cruzou essa

distância e a protegeu, não apenas da explosão, mas da queda também. Ela imaginou de uma dúzia de maneiras, mas cada uma fazia menos sentido do que a anterior.

A areia continuava deslizando pela barreira de luz. Uma sirene distante soou. Lore se fixou no som familiar, usando-o para voltar ao momento. Eles precisavam sair de lá antes que qualquer serviço de emergência chegasse.

Esse medo, pelo menos, era uma ferramenta. Lore o transformou em seu lastro quando o terror finalmente liberou seu controle em sua mente.

“Não posso.” Castor parecia magoado. "Por favor."

Os últimos metros do bloco de cimento se partiram ao meio sobre suas cabeças, batendo nos escombros ao redor deles. A barreira protetora desapareceu como um sopro no ar.

Castor caiu para frente, seus braços envolvendo-a, enterrando o rosto em seu cabelo.

Lore balançou, absorvendo o enorme peso dele.

“Não posso,” ele começou fracamente.

“Cas?” ela disse, sua garganta doendo. Quando ele não respondeu, ela lhe deu uma sacudida forte. “Cas!”

Seus joelhos fraquejaram, mas Lore lutou contra isso, procurando uma saída da fenda e de volta para o que restava da rua.

“Não me faça arrastar você, grandão,” ela disse com a voz rouca.

Lore tentou sacudi-lo novamente, mas ele se foi. Por um momento aterrorizante, ela estava preocupada que o poder que ela tanto admirava tivesse queimado seu corpo mortal.

O peso de Castor era impossível, mas Lore não tinha escolha. Ela o puxou para a esquerda, onde havia um caminho mais óbvio, ainda que instável, para cima e para fora através dos escombros desmoronados.

De vez em quando, o cimento solto e as cinzas se moviam, mas os pés de Lore estavam firmes, e seu aperto em Castor não vacilou. Ela lutou, arrastando e empurrando e levantando até que seu corpo inteiro tremeu e a borda da cratera ficou ao seu alcance.

Lore olhou para cima.

Atena estava a uns três metros de distância. Seus braços estavam erguidos acima da cabeça, suportando o peso de um pedaço maciço da fachada de pedra de um prédio próximo. Ele pairava sobre aqueles que carregavam as vítimas e os feridos para longe do local da explosão. Se alguém notou a enorme demonstração de poder, eles estavam muito gratos por estarem vivos para se fixarem nisso.

Os mortos cobriam a rua e a calçada ao redor deles, alguns transformados em formas grotescas, outros estendidos em poças de seu próprio sangue. Tornou-se um campo de batalha. Cinzas e poeira de cimento nublaram o ar, rodopiando em padrões de luto antes de cair sobre os corpos como mortalhas funerárias.

Athena esperou até que o último dos feridos fosse removido antes de abaixar os braços, soltando os destroços fumegantes na calçada com cuidado inabalável.

Defensor das cidades. Algo desconfortável se agitou em Lore com o pensamento, e ela o empurrou para longe antes que pudesse tomar forma completamente.

Lore se preparou para a fúria da deusa, para saber como tinha sido egoísta arriscar a vida de ambos. Em vez disso, ao passar pela parede de fumaça para alcançá-los, Atena olhou para ela com aqueles olhos cinzentos e conhecedores.

"Eu vou carregá-lo", disse Atena. “Vamos deixar este lugar.”

Atrás dela, uma onda de oficiais e bombeiros uniformizados chegou e abriu caminho em direção às vítimas e destroços. Aqueles que sobreviveram fugiram em puro pânico primitivo. A poeira e os detritos em pó os pintaram pálidos como fantasmas.

Athena colocou Castor no ombro com facilidade, e eles correram o máximo que Lore conseguiu, evitando por pouco as barreiras que estavam sendo montadas ao redor do complexo de edifícios.

“Milhas?” Lore engasgou.

“Ele voltou para a casa,” Athena disse a ela.

Lore assentiu, tentando engolir a bile e as cinzas no fundo de sua garganta.

"Diga-me o que aconteceu", disse Athena com urgência. “Quem foi que você perseguiu?”

Lore contou a história, sua voz vacilante. Ela se preparou para a desaprovação e fúria da deusa com as ações que Castor tinha visto claramente como imprudente. Em vez disso, Athena deu-lhe um aceno de cabeça.

"O que você fez foi necessário", disse ela. “Embora isso deixe o falso Ares com raiva, também o tornará impulsivo, e isso, Melora, podemos usar a nosso favor.”

“Castor acha que tudo o que fiz foi colocar um alvo maior nas costas de todos”, disse Lore, olhando para ele.

"Então pode ser hora de nos separarmos dos outros", disse Athena. “Eles não vão entender o que deve ser feito agora. Vejo que você se culpa pelo que aconteceu, mas não é o falso Apolo que carrega a culpa? Você não era aquele que desejava seguir Belen Kadmou.”

“É...” Lore teve que respirar novamente, seu peito estava tão apertado com o pensamento.

Ela poderia ter lutado mais para mudar a mente de Castor. Ela deveria ter.

O que aconteceu foi o resultado de uma série cataclísmica de escolhas, e ela não podia negar o papel que desempenhou nisso.

“E o falso Dioniso?” Atena se aventurou. “O que foi que ele só poderia dizer a você?”

Todos os seus pensamentos estavam muito desgastados, e sua cabeça ainda estava latejando. Lore não confiava em si mesma para não deixar escapar a verdade. "Mais tarde. Eu prometo."

A deusa deu-lhe um breve aceno de cabeça, voltando sua atenção para a rua.

"Sinto muito pelo que eu disse antes", disse Lore. “Sobre você não se importar. Obrigado por ajudar essas pessoas.”

Atena pode ter odiado os mortais que a rejeitaram, mas ela não abandonou seu papel sagrado. Palas Atena, a terrível defensora das cidades.

“Eu sempre farei o que deve ser feito”, disse Atena. "Ainda assim, a pergunta permanece -

você vai?"

Não deixe que eles a puxem de volta, Castor a havia avisado. Não há nada além de sombras para você aqui agora.

Mas ele não entendeu o que Lore finalmente fez. Monstros viviam nas sombras. Para caçá-los, você não podia ter medo de segui-los. E a única maneira de destruí-los era ter

os dentes mais afiados e o coração mais escuro.

Já passava bem do nascer do sol quando chegaram à casa da cidade. Com a aglomeração de veículos de emergência em torno do centro da cidade logo no início do trajeto da manhã, o tráfego ficou incontrolável demais para tentar pegar um táxi ou chamar um carro.

Lore só podia imaginar como eles pareciam para todos que passavam na rua, especialmente com Athena carregando Castor, mas ela não se importava. Ela não conseguia nem pensar em como eles poderiam ser rastreados, ou quem poderia estar seguindo eles.

Apesar da necessidade de entrar e sair de vista novamente rapidamente, os pés de Lore se arrastaram quando eles viraram em seu quarteirão, e quase pararam quando sua casa nos últimos três anos emergiu da neblina da manhã.

Olhando para ele agora, seu velho tijolo marrom, os vasos de plantas alinhados nos degraus, as cortinas de renda espreitando pela janela - tudo o que ela sentiu foi repulsa.

De repente, lembrou-se do falso templo na Thetis House: uma ilusão feita de estática e mentiras. Todas as memórias que ela tinha lá estavam manchadas, e

por um momento, Lore não conseguiu lidar com a ideia de entrar pela porta da frente.

Ela não lutou contra sua raiva desta vez. Ela o deixou falar com ela.

Use a casa. Use-o do jeito que ele tentou usar você.

"Qual é o problema?" Atena perguntou a ela.

Lore balançou a cabeça. "Nenhuma coisa. Vamos entrar."

Van os encontrou na porta da frente, conduzindo-os para dentro com um olhar preocupado. "Ele está bem?"

Lore assentiu. Esperado. Então ela notou quem não estava lá. "Milhas?"

Van suspirou. "Seu chefe de estágio queria que ele fosse ao centro da cidade para fazer um turno ajudando com solicitações da mídia e briefings sobre o ataque. Ele disse que voltaria em algumas horas.

A TV estava ligada, mas sem som, piscando com reportagens sobre a explosão no Rockefeller Center. Mas foi a tela do laptop de Van que chamou a atenção de Lore de onde estava na mesa de centro. Ele estava passando por uma série de vídeos; a cada poucos segundos a visão saltava para um ângulo diferente. Alguns tiros eram claros, outros eram mais difusos, mas todos estavam rastreando uma única figura enquanto ele atravessava as ruas.

Milhas.

"Que diabo é isso?" Lore exigiu.

Com óbvia relutância, Van virou-se para seu computador, depois de volta para ela. Seus ombros caíram quando ele fechou o laptop e o pegou. "Vamos. . . vamos levar Cas para cima. Eu vou explicar."

Athena fez o que ele pediu, navegando cuidadosamente pelo corredor sem bater Castor nas paredes do jeito que Lore sabia que ela queria. Ela o colocou na cama de Lore, deixando Lore para arrumar seus membros pesados em uma posição mais confortável.

Suas longas pernas penduradas no final de sua cama.

"O programa se chama Argos", disse Van, colocando o laptop em sua cômoda. “Passei anos codificando isso. Ele deveria ser usado para procurar deuses e inimigos por meio de seu reconhecimento facial embutido – ele pode acessar qualquer filmagem de câmera de segurança ao vivo, desde que a câmera ou seu sistema de backup esteja conectado à Internet.”

Athena se inclinou para a tela, observando a pequena imagem de Miles em uma plataforma do metrô, e tentou cutucá-la com o dedo. Van o deslizou de volta antes que ela pudesse acidentalmente quebrar a tela, ganhando um olhar fulminante dela.

“Você está me dizendo,” Lore começou, tentando não perder o controle em seu último fio de paciência, “que nós perdemos todo aquele tempo andando em círculos sobre onde o Folião estava, e você poderia ter usado este sistema para procurar para ele? Algum outro programa secreto que você queira revelar tardiamente?”

"Não é perfeito", disse Van. “Eu tenho que fazer upload de uma foto para que funcione, e a que eu tinha do Folião em sua forma mortal não estava clara o suficiente – e antes que você pergunte, eu já tentei procurar por Wrath. Se ele está se locomover pela cidade, ele está usando uma máscara. O sistema não consegue encontrá-lo.”

Lore respirou fundo. “O que as notícias estão dizendo sobre o ataque?”

"Não muito, além de que é suspeita de atividade terrorista", disse Van. “Agora seria um excelente momento para me dizer o que aconteceu, porque toda a conversa entre os Mensageiros é que o Folião está morto e as imagens de vigilância perto do museu, do parque e do Rockefeller Center foram apagadas.”

Claro. Lore não tinha dúvidas de que os Kadmides tinham entrado em qualquer filmagem no Central Park e apagado isso também. Ela tentou contar a ele sobre o que havia acontecido no Frick, sobre Belen, sobre a explosão, mas era como se sua mente não conseguisse colocar os pensamentos em palavras.

“Vou contar a história dessas últimas horas, Evander”, disse Atena.

Lore lançou-lhe um olhar agradecido. "Eu vou cuidar de Castor."

A deusa assentiu. “Assim como você. Descanse por enquanto.”

Ela esperou até que os passos pesados de Athena marcassem um ritmo constante nas escadas antes de se aventurar no banheiro do corredor. Lore apoiou as mãos na pia, olhando para a fuligem preta e as crostas sangrentas endurecidas nelas. Então, quando

ela se sentiu corajosa o suficiente, ela se olhou no espelho.

Seu cabelo estava selvagem e coberto de poeira pálida. Sua pele havia perdido a maior parte de sua cor e seus olhos estavam injetados e cheios de hematomas, como se ela tivesse lutado contra a própria noite com os punhos e perdido. Ela estava surpresa que ninguém por quem passaram tentou chamar os serviços de emergência para eles, porque Lore nunca pareceu mais assustadora em sua vida.

Ou mais como um caçador.

Ela rapidamente lavou o rosto, umedecendo a escova para trabalhar no emaranhado de seu cabelo ondulado antes de trançar para trás. Levou alguns minutos para limpar e desinfetar os cortes em seu braço e para embrulhar os mais profundos com bandagens.

Sabendo que as toalhas que ela tinha usado estavam além da ajuda, ela as jogou fora e começou a molhar as novas para cuidar de Castor.

Seu quarto cheirava a fumaça rançosa que irradiava de ambos. Ela ficou lá por um momento, olhando para Castor, na forma como seu corpo grande subjugou o estrado da cama. Apesar das linhas ousadas de seu rosto e sua mandíbula quadrada, ele parecia quase infantil para ela então. Vulnerável.

Lore levou um dos panos para seus braços e pernas. Os cortes já estavam cicatrizando graças ao seu poder, mas ele estava coberto de sujeira. Ela trabalhou devagar, metodicamente, deixando seus pensamentos se desenrolarem e escaparem para que ela não tivesse que enfrentá-los. Pés. Pernas. Mãos. Braços.

Ela tinha feito isso inúmeras vezes na Thetis House depois do sparring, quando nada mais era do que cuidar de seu amigo e hetaîros. Mas enquanto ela se movia para limpar o pescoço e o rosto dele, Lore sentiu-se subitamente livre ao perceber que não era o mesmo que tinha sido naquela época.

Sua mão tremia quando ela puxou o pano sobre os lábios dele, lutando com o calor que a percorria. Ela estava com raiva de si mesma por beijá-lo – por cruzar uma linha, por perturbá-lo, por mudar tudo.

“Não me odeie,” ela sussurrou. “Por favor, não me odeie. . . .”

Quando ela terminou, e Castor parecia ele mesmo novamente, Lore caiu ao lado da cama, inclinando-se para trás e puxando os joelhos contra o peito. Ela deixou sua cabeça cair contra o colchão e fechou os olhos. A voz de Athena a encontrou ali, ecoando um aviso.

Eles não vão entender o que deve ser feito agora.

Quando Lore abriu os olhos novamente, a luz no quarto havia mudado, se aprofundando para o violeta do início da noite.

Ela ficou desorientada por um momento, tentando se lembrar de como tinha chegado lá e por que seu corpo estava tão rígido. Havia um peso quente descansando levemente em seu ombro. A mão de Castor escorregou da cama, como se precisasse de segurança, mesmo trancada em um sono profundo, de que ela ainda estava lá.

Lore agarrou-o, pressionando-o contra a testa enquanto tentava limpar o sono prolongado de sua mente.

Seu polegar acariciou ao longo de seus dedos, e ela sentiu - ela não tinha certeza do que sentia. Antes, ela estava tão convencida de que os sentimentos que a atravessavam, uma fusão quase dolorosa de ternura, desejo e proteção, eram diferentes do que existia entre eles quando crianças. Mas eles eram mesmo? Ou a ausência e o tempo simplesmente os atraíram de uma forma que ela finalmente conseguia entender?

Ela tinha sua família. Sua linhagem. O nome dela. Lore suportou o peso dessas responsabilidades desde o momento em que aprendeu a palavra Agon. Castor, no entanto, Castor sempre foi diferente. Era como se ele tivesse sido dado a ela pelos deuses, e ela a ele.

E agora vou perdê-lo para os mesmos deuses, pensou ela, com a garganta apertada. Se ele morreu ou ganhou o Agon, o resultado não seria diferente. Ele nunca estaria com ela assim novamente. Ela nunca sentiria a pulsação em seu

pulso, ou pressionaria seu ouvido em seu coração e ouviria ecoar o dela.

Seu aperto sobre ele aumentou. Castor soltou um ruído suave e reconfortante em seu sono, e ela pensou que seu coração poderia quebrar quando ele se virou para ela, cílios escuros contra suas bochechas. Lore se obrigou a ficar de pé então, gentilmente colocar o braço dele para descansar contra seu peito, porque a única outra opção era ceder à necessidade de soluçar como uma criança e implorar aos deuses por uma misericórdia que ela sabia que não merecia.

Silenciosamente, Lore juntou roupas limpas e se trocou no banheiro. Lá, ela ouviu a porta da frente abrir e fechar e a voz fraca de Miles chamar: “Alô?”

Ela começou a descer as escadas, ansiosa para vê-lo, mais do que um pouco desesperada para ter certeza de que ele estava bem, mas diminuiu a velocidade ao ouvir o som de armários de cozinha abrindo e fechando e o início de uma conversa tranquila.

“—em algum problema?” perguntou Van.

"Você se importaria se eu fizesse isso?" Miles atirou de volta. Então, uma batida depois,

“Desculpe. Isso foi rude. O serviço de metrô estava estragado, mas de resto estava tudo bem. Mas Lore e os outros...?

"Só descansando."

Lore desceu os últimos degraus, tomando cuidado para evitar aquele que rangeu. Ela entrou no corredor que levava à cozinha. Lá, ela podia ver os dois refletidos na janela da cozinha. Van na mesa em seu computador, Miles no fogão.

"Quer alguma coisa?" perguntou Miles. “Estou fazendo uma xícara de chá normal, mas também posso tentar o estranho que Lore fez.”

“Nektar? Não, obrigado. Eu sempre odiei o sabor disso,” Van disse, sem tirar os olhos de seu computador. Lore ouviu o barulho de seus dedos sobre o teclado. "Eu poderia usar um copo de leite quente, no entanto."

Houve um longo período de silêncio. A digitação finalmente parou.

"O que?" perguntou Van.

"Um copo de leite quente", disse Miles, divertido. "OK. Chegando logo, vovô."

Van bufou, mas voltou para o que quer que estivesse trabalhando. Atrás de Lore, na sala, a TV estava ligada, mas o volume estava em um murmúrio baixo. Ela se concentrou no som disso, na respiração que entrou e saiu de seu peito.

Depois de alguns minutos, assim que Lore estava tentada a se anunciar, Miles colocou as duas canecas na mesa e abriu seu próprio laptop. Conhecendo-o, Miles escolheu o assento ao lado de Van apenas para irritá-lo de brincadeira, mas Van não resistiu em tentar dar uma olhada na tela de Miles.

"Posso ajudar?" Miles disse, afastando-o.

"Você está . . . você está pesquisando mitologia grega na Wikipedia?" Van perguntou incrédulo.

"O que?" Miles disse defensivamente. "Estou um pouco atrasado neste grupo. A última unidade de mitologia que tive foi na sexta série."

"Você poderia simplesmente me perguntar o que quiser saber", disse Van.

"Oh sério?" Miles perguntou, inclinando-se para trás para beber seu chá. "Posso perguntar qualquer coisa e você realmente me dará uma resposta?"

"Eu não quis dizer nada", disse Van, estranhamente perturbado. "Eu quis dizer qualquer coisa relacionada ao Agon."

"Ok, aqui está um," disse Miles. "Um bom número de caçadores de sua linhagem abandonou Castor, então por que você é tão leal a ele?"

Lore sobre caiu quando Van realmente disse a ele.

"Castor é o único. . ." Van parecia lutar pelas palavras certas. "Ele é o único amigo que eu já tive. O único disposto a ser meu amigo, certo?

"Tudo bem", disse Miles suavemente.

– Não... – disse Van. "Não faça isso. Não sinta pena de mim. É apenas do jeito

que era.

Ao contrário de todos os outros, ele nunca olhou para mim por não querer lutar, e por ser relativamente ruim nisso. Ele não - ainda não - gosta de lutar também.

“Eu ia tentar fazer uma analogia comigo na educação física, mas vou rescindir isso”, disse Miles. “Já que sua educação física envolvia aprender a matar pessoas.”

Isso tirou uma risada suave de Van. “Eu sei que você pensa que eu estou sendo . . . Difícil.

Mas tudo o que me importa é protegê-lo e garantir que ele permaneça vivo esta semana.

Não pude ajudá-lo antes, quando ele teve uma recaída e o câncer voltou. Não consegui convencê-lo a parar de treinar quando falávamos ao telefone, mesmo que isso o

cansasse.”

“Por que ele continuou treinando se era tão ruim assim?”

“Por causa de Lore,” Van disse. “Ele não queria decepcioná-la, porque ela teria perdido o parceiro de treino e teria que sair do programa. Mas mais do que isso, ele sempre quis vê-la. Ele sempre quis segui-la, mesmo que estivesse em apuros.

"Ei agora", disse Miles. O coração de Lore inchou à beira da advertência em sua voz. “É do meu amigo que você está falando.”

Van soltou um longo suspiro. “Eu sempre tive um pouco de inveja de quanta atenção ela recebia de Castor. Parece estúpido agora que crescemos. . . .”

“Ah”, disse Miles. "Então você está apaixonada por ele."

Van engasgou com o leite.

Miles apoiou o queixo na palma da mão e esperou, as sobrancelhas levantadas em expectativa.

"Não é assim com Cas", disse Van.

“Como se você fosse o primeiro cara com uma paixão secreta e não correspondida”, disse Miles. “O meu era um quarterback do ensino médio que era tão dolorosamente hétero que era praticamente um lápis. Bem, um lápis com músculos salientes e a tendência de responder qualquer coisa que alguém já disse a ele com cara.”

Van riu. Miles sorriu.

“Eu não tenho esses sentimentos por ele,” Van disse, finalmente. "Eu nunca tenho."

Miles soltou um zumbido suave e conhecedor. Van tomou um gole de leite. Miles fez o mesmo com seu chá.

“E de qualquer forma, por que você é tão leal a Lore?” Van pressionado. “Você mal sabia nada sobre o passado dela, e o pouco que sabia era mentira.”

"Nem tudo", disse Miles. “Sempre soube que a família dela havia morrido, mas nenhum detalhe sobre como ou o que aconteceu com ela nos anos seguintes. Levou muito tempo para ela se abrir para mim. Como . . . meses depois que Gil me deixou alugar o quarto vago. Tive que cavar aos poucos, e valeu a pena, porque adoro o coração mole que encontrei sob a superfície um tanto ranzinza. Essa parte nunca foi uma mentira. É muito raro encontrar alguém que te aceite completamente, e eu tento devolver isso a ela.”

“Então você entende,” Van disse calmamente.

Miles assentiu. “Eu sei que você acha que estou sendo um idiota imprudente...”

“Eu não acho que você...”

Miles não o deixou terminar. “E talvez eu esteja. Mas estou nisso por ela.”

Lore recostou-se na parede, fechando os olhos.

"Foi um bom discurso", disse Van, com um sorriso na voz.

"Obrigado", disse Miles, bebendo seu chá. “Achei que você poderia gostar. Tudo

é vida e morte e apostas épicas com vocês. Eu preciso chegar ao seu nível."

"Seria um mundo muito melhor", disse Van, "se todos nós pegássemos o seu."

Os sons da TV mudaram, tornando-se mais altos e mais pronunciados à medida que soava o tom de alerta de notícias de última hora. Um momento depois, os telefones de Miles e Van vibraram e tocaram.

Lore foi direto para a sala de estar, pegando o controle remoto da televisão da mesa de centro. Ouviram-se passos na escada — Castor descendo e Athena subindo do porão.

O canal de notícias local piscou. Desta vez, em vez de ser postado no perímetro de segurança ao redor do Rockefeller Center, um repórter de aparência familiar – este um homem branco de meia-idade – parou na frente de um lindo edifício de pedra. As pessoas se aglomeravam ao redor dele, chorando ou visivelmente atordoadas. Seus rostos brilharam vermelho-azul-vermelho-azul com as luzes de um carro de polícia próximo. A fumaça serpenteava pelo ar escuro como cobras prateadas.

Lore se inclinou mais perto. O quíron fluía com palavras que pararam o sangue em suas veias.

Os corpos de duas crianças descobertos dentro da estátua vandalizada do Charging Bull.

. .

Miles afundou no sofá lentamente, com a mão pressionada contra a boca enquanto o locutor falava, claramente perturbado: "A polícia fez a terrível descoberta quando testemunhas ligaram para o nove e um depois de notar a fumaça e depois o fogo sob a estátua. Parece que a estátua, que é oca, teve um painel recortado para que os corpos pudessem ser selados dentro. Existem vários relatos não confirmados de outras testemunhas oculares que ouviram gritos quando os incêndios começaram, mas o NYPD

ainda não determinou se essas crianças estavam vivas ou mortas quando foram colocadas na estátua".

Castor ficou para trás, seu rosto virado para que ele não tivesse que assistir. Mas

Lore se recusou a desviar o olhar. Ela já sabia que, quem quer que fossem as crianças — Sangue ou Não Sangue — eram duas menininhas.

"Oh Deus", disse Miles. “Eles são apenas . . . são apenas crianças.”

Lore sabia que Wrath iria retaliar pelo que ela fez com Belen, mas ela cometeu o erro de assumir que ele iria revidar fisicamente. Diretamente. Não emocionalmente. Assim não.

Ela não cometeria o mesmo erro novamente.

Athena aproximou-se da televisão, estudando as imagens que passavam pela tela. A visão dela ficou borrada na visão de Lore, e a voz do locutor desapareceu sob as batidas

em seus ouvidos. Todo o seu corpo ardeu de raiva.

Miles pode não ter reconhecido, mas todas as outras almas vivas naquela sala sabiam que Wrath e os Kadmides haviam transformado a famosa estátua perto de Wall Street em um touro descarado - um dispositivo de tortura indescritivelmente maligno do velho país que assava suas vítimas vivas no barriga de um touro de bronze.

“A polícia ergueu barracas ao redor da cena do crime, mas uma testemunha ocular nos deu esta foto exclusiva tirada momentos antes de eles chegarem”, disse o locutor. “Por favor, esteja ciente de que esta imagem será perturbadora e que o NYPD nos pediu para desfocar uma mensagem deixada pelo criminoso até que eles tenham mais informações”.

A tela mudou, mostrando a estátua cercada por brasas e fumaça. Havia várias pessoas correndo com extintores de incêndio, mas uma mulher parou para ler algo escrito na parede mais próxima do touro.

Lore se virou para perguntar a Van se ele poderia tocar em uma câmera, apenas para encontrá-lo um passo à frente, passando uma caneca fresca de leite quente para Miles com uma mão, e seu laptop equilibrado, pesquisando programas, na outra.

Miles ergueu os olhos surpreso, pegando a caneca dele.

"Vai ajudar", disse Van. Sua mão tocou o ombro de Miles, mas ele se afastou rapidamente, antes que Miles parecesse notar o toque.

"Eu sei que não é um jogo", disse Miles. "Eu sei que. Mas por que eles fariam. . . isto?"

Lore mordeu o interior de sua boca com força suficiente para sentir o gosto de sangue.

Os dedos de Van percorreram o trackpad, rebobinando qualquer filmagem que ele tinha acabado de ver.

"O que?" perguntou Lore. "O que é isso?"

Van virou a tela e apertou o Play. A filmagem da visão noturna era granulada e filmada de um ângulo alto. Seu tom verde deu uma sensação estranha à cena abaixo. Seis caçadores estavam ao redor do touro, suas máscaras de serpente parcialmente obscurecidas pelos capuzes de suas vestes negras. Um ajoelhou-se para acender o fogo, que pegou e ardeu rapidamente. Outro estava perto da parede mais próxima do touro, usando um pincel e um pequeno balde para pintar palavras na superfície pálida. As letras vermelhas pingavam, como se estivessem chorando.

TRAGA DE VOLTA

Uma mensagem destinada a apenas uma pessoa. Dela.

“Precisamos tirar esse monstro,” Lore se ouviu dizer. "Agora."

"Espere um segundo", disse Castor. “Isso é exatamente o que ele está esperando – uma reação emocional. O que essa mensagem quer dizer?”

Athena olhou para Lore, esperando.

Não faça isso, sua mente sussurrou. Não diga a eles. . . .

Mas que escolha ela tinha agora? Ela tinha que dizer algo a eles — se não a verdade, então uma versão em que eles pudessem acreditar. Um que não atiçaria as suspeitas de Athena ou colocaria Lore na posição de fazer algo que ela jurou que nunca faria.

“O Foliador. . . ele me disse que Wrath está procurando por mim porque ele acredita que eu tenho a égide,” Lore disse, seu pulso trovejando até que seu corpo quase tremeu com a força dele. A estática estava crescendo em seus ouvidos novamente, mas ela insistiu, tentando manter a voz o mais uniforme possível. “O trabalho do Folião era tentar me rastrear – e ele – para baixo.”

Van piscou. “E só para esclarecer...”

“Eu não tenho isso,” Lore disse com firmeza, evitando o olhar preocupado de Castor quando ele caiu sobre ela. “Ninguém na minha família fez isso desde que os Kadmides purgaram nossa linhagem. O Folião disse que desapareceu no final da última caçada.

Meu palpite é que foi um trabalho interno.”

“Eu vejo a lógica na suposição falsa de Ares,” Athena disse.

“Eu tinha dez anos durante o último Agon,” Lore a lembrou.

“Ele pode pensar que um de seus pais o pegou”, disse Castor, com a testa

franzida de preocupação, “e que eles lhe disseram onde o esconderam. Droga, não é de admirar que ele esteja obcecado em encontrar você.

"Bom", disse Lore. “Ele é mais que bem-vindo para me encontrar. Estaremos esperando por ele.”

“Precisamos de uma estratégia diferente”, disse Castor, balançando a cabeça. “Um que não coloca você diretamente no caminho de sua lâmina.”

“Sim,” Miles disse rapidamente, apontando para ele. “Essa opção, por favor.”

"O que você está pensando?" perguntou Van.

"Precisamos encontrar Artemis", disse Castor. “E convencê-la a se aliar a nós.”

Atena zombou da ideia.

Mesmo que Lore soubesse a outra razão pela qual ele queria encontrar a deusa, ela ainda estava assustada com o pensamento de procurar um ser que queria tanto matá-lo.

“Posso tentar procurar de novo,” Van ofereceu. “Eu não a vi desde que ela deixou a Casa Thetis. . . . Tem certeza de que realmente quer encontrá-la, Cas? Não consigo imaginar que ela será uma recruta feliz.”

“Estou bem ciente do fato de que ela quer arrancar meu coração e comê-lo”, disse Castor.

“Ela é a melhor rastreadora na caçada. Melhor do que qualquer programa de computador

– sem ofensa.”

Van acenou com a mão.

“Se alguém pode encontrar Wrath e descobrir quais são seus planos maiores sem ser detectado, é ela”, disse Castor. “E, francamente, poderíamos usar mais poder para recuar contra ele quando chegar a hora.”

“Se ela não te matar primeiro,” Lore o lembrou.

"Eu concordo. Essa é uma ideia absurda", insistiu Athena. "Deixe de lado essa distração e concentre seus esforços no assunto em questão. Não precisamos de Ártemis para matar o impostor, nem precisamos da ajuda dela para encontrar a égide e o poema nele inscrito.

Lore respirou fundo, entendendo melhor a relutância da deusa agora.

"Eu não mencionei a égide de jeito nenhum", Castor disse a ela, "ou o poema. Mas é bom ter a confirmação de que você prefere ver sua irmã morta do que arriscar que ela chegue até eles primeiro. Você está realmente com medo de que só possa haver um vencedor, filha de Zeus?

"Artemis nunca consentirá em trabalhar ao lado do matador de Apolo," Athena disse, ignorando a isca em suas palavras. "E como ela me feriu para se salvar, não sinto vontade de ir em seu socorro. No entanto, concordo que uma nova estratégia é necessária para atrapalhar os planos de nosso inimigo e sua busca por Melora." Ela se virou para Van.

"Você possui mais conhecimento de suas posses e propriedades? Talvez haja vulnerabilidades lá."

"Claro que sim", disse Van. "Tenho arquivos de todos os líderes e anciões das linhagens.

Acredite ou não, eu já fui ingênuo o suficiente para acreditar que poderia neutralizar as linhagens liberando todos os seus negócios obscuros e tendo seus bens apreendidos e seus líderes presos."

"Por que você não fez, então?" perguntou Lore.

"Porque o Agon é uma hidra", disse Van. "Não importa se eu cortar as cabeças das linhagens. Sempre há mais caçadores para substituí-los, e mesmo se eu tivesse exposto os Agon ao mundo mais amplo, alguns deles ainda teriam encontrado uma maneira de continuar a caça."

Ocorreu-lhe então, de uma forma que não tinha antes, que todos eles realmente queriam que o Agon acabasse - apenas por razões diferentes e por meios diferentes.

"Eu entendo o que você está dizendo", disse Castor. "Mas há algo que possa ser

divulgado à imprensa para chamar atenção indesejada para Wrath? Ele pode ter alguns oficiais da cidade e da polícia no bolso, mas não pode possuir todos eles...

— Você sabe onde estão os estoques de armas deles? Atena interrompeu. Havia um olhar assustador de concentração em seu rosto. “Onde seus cofres estão escondidos?”

"Alguns deles", disse Van. “Não tenho dúvidas de que eles têm mais do que eu sei aqui na cidade e no exterior.”

"Alguns seriam suficientes", disse Athena.

“Aonde você quer chegar com isso?” perguntou Lore.

“Há mais de uma maneira de matar um rei”, disse Atena. “Você pode sangrar a vida dele, ou você pode minar a confiança de seus homens nele.”

Van entendeu o que ela queria dizer. “Acertar seus estoques de armas pode abalar o controle sobre os caçadores que se reuniram com ele pensando que ele era o líder e protetor mais poderoso.”

“Como ele dedicou tantos caçadores à procura de Melora e seus deuses rivais, esses cofres e lojas de armas podem não estar tão bem guardados quanto no passado”, disse Athena.

"Os Achillides restantes ainda leais a Castor precisam desesperadamente de armas", disse Van. “E eu tenho que imaginar que é o mesmo para Iro e seus caçadores. Todos os locais observam as mesmas horas de mudança de turno. Poderíamos atacar tão cedo quanto amanhã de manhã.”

"Podemos encontrar outras armas", disse Castor teimosamente. “Um ataque não vai fazer nada além de fazê-lo dobrar seus esforços para encontrar Lore e acelerar seus planos.

Nós precisamos de ajuda. Precisamos de alguém com as habilidades de Artemis __”

“Não vamos perder tempo procurando por Artemis agora,” Lore cortou bruscamente.

Castor tentou procurar seu olhar, as sobrancelhas franzidas em surpresa. Uma lança de culpa a atravessou, mas Lore a afastou. Atena estava certa. Artemis não era nada mais do que uma distração neste momento.

"Pessoal", disse Van. “Não é um ou-ou. Podemos fazer os dois ao mesmo tempo. Farei uma busca contínua por Artemis em Argos...

— Você acabou de dizer há um minuto que não conseguiu encontrá-la — disse Castor.

“Precisamos sair e olhar para nós mesmos.”

"Você continua esquecendo que você é um alvo também", disse Lore, "e que ainda existem caçadores procurando uma chance de divindade."

A mandíbula de Castor se formou.

"Nós vamos procurá-la depois das invasões de armas, tudo bem?" Lore disse, suavizando sua postura. “Os Kadmides estarão distraídos e tentando se reagrupar. Será mais seguro para você ficar ao ar livre.

“Eu não me importo em estar seguro,” ele disse a ela.

Suas narinas se dilataram quando ela respirou fundo. "Bem, desculpe. Eu faço." Ela se virou para Van. “Diga aos Achillides quais lojas de armas devo atacar e me dê um ou dois locais e um horário para que eu possa enviar uma mensagem de texto para Iro.”

Ele olhou para Castor. O novo deus assentiu.

“Eu vou fazer a busca,” ele prometeu a Castor. “E eu vou colocar mais antenas através de minhas fontes, também...”

O telefone de Van vibrou sobre a mesa. Ele o pegou, a tela piscando contra sua pele escura enquanto ele examinava a nova mensagem lá. “O contato dos Kadmides diz que tem algo sobre os próximos movimentos de Wrath nos quais podemos estar interessados.”

O coração de Lore saltou. "Mas?"

“Acho que não é mais uma boa ideia”, disse Van. “Não depois do que aconteceu com Belen e agora isso – algo sobre isso não parece certo. Ele está insistindo que só vai se encontrar com Miles.

“Porque ele te odeia,” Miles o lembrou. "Eu posso fazer isso."

"Você pode, mas isso não significa que você deve", disse Van.

“Quantas vezes eu tenho que provar que você está errado?” Miles exigiu. “Eu posso—”

“Não,” Van retrucou, virando-se para ele. "Você não é um de nós, e você não tem voz, certo?"

Miles se levantou, confusão se transformando em raiva pelo gelo na expressão de Van. “E

você não pode me dizer o que fazer. Eu realmente tenho que ficar te lembrando que você não teria chegado tão longe sem mim?”

“Wrath acabou de matar duas crianças inocentes,” Castor o lembrou. “Se isso for algum tipo de armadilha, só posso imaginar o que ele fará com você.”

Miles se aproximou do lado de Lore até que ele estava no lado oposto da sala dos outros.

"Ainda bem que ele não vai me pegar, então."

“Estamos fazendo isso por aquelas garotinhas,” Lore insistiu.

Castor a nivelou com um olhar penetrante. "Quais?"

O corpo de Lore ficou frio. Ela respirou fundo, segurando-a até que seu peito começou a doer.

“Eu vou com Miles”, disse Castor. “Eu me sentiria melhor sabendo que ele tem alguém lá para protegê-lo.”

“Porque eu não posso?” Lore atirou de volta. “Se alguém vai, sou eu.”

"Não", disse Miles. “Quero dizer, obrigado a vocês dois, mas ninguém vem

comigo. O cara é super rabugento e não vai continuar com a reunião se suspeitar que eu trouxe alguém comigo. E ele pode ter algo que realmente precisamos, ou pelo menos uma pista sobre a localização atual de Wrath.

Van manteve os olhos em Castor, avaliando sua resposta. “Ele quer se encontrar amanhã de manhã. Seria mais ou menos na hora em que precisaríamos lançar os golpes de armas, quando houver uma mudança de turno nos caçadores que os guardam.

“Se o inteligente Miles acredita que será bem-sucedido”, disse Athena, “não há razão para você ficar em seu caminho e negá-lo.”

Lore sentiu os olhos de Castor sobre ela novamente. Seu coração começou a se agitar em seu peito, mesmo antes de ouvir o fraco “Lore?” de Miles.

Pode ser . . . talvez fosse muito arriscado fazer o encontro agora, dada a raiva de Wrath.

Se ele de alguma forma colocasse as mãos em Miles, Lore nunca se perdoaria.

Quanto mais ela pensava sobre isso, mais Lore se perguntava se Castor não tinha a ideia certa de se esconder e se concentrar em procurar por Artemis agora, em vez de realizar o golpe das armas. Se eles pudessem convencer a deusa a se aliar a eles – e isso era um grande e mortal se – eles talvez não precisassem confiar nas informações do ativo ou arriscar os encontros. Artemis podia rastrear qualquer pessoa ou qualquer coisa, reunindo informações conforme necessário.

Como se sentisse a tempestade em sua mente, Athena se aproximou. A certeza calma irradiava da deusa e, de alguma forma, apenas estar perto dela era esclarecedor. Deu coragem à necessidade dentro de Lore - deu força ao que Lore sabia ser certo e necessário.

Para as meninas, ela pensou. O que Wrath tinha feito merecia uma retaliação.

"Miles vai fazer o encontro", disse Lore finalmente. “Vamos realizar o acerto de armas pela manhã, na passagem de plantão. E se o ativo não tiver informações sobre a localização de Wrath, começaremos a procurar Artemis à tarde. Tudo bem?"

Mas mesmo quando ela disse isso, Lore sabia que Athena estava certa. Artemis

nunca concordaria em trabalhar com eles, e ela nunca daria a Castor a informação que ele queria sobre a morte de Apolo — se é que ela tinha alguma. Talvez até então, porém, Wrath teria emergido de qualquer buraco em que estivesse se escondendo, e eles não precisariam arriscar a vida de Castor tentando persuadir uma deusa cuja vontade era tão inflexível quanto o aço.

Van assentiu, seu rosto não traindo nenhuma de suas emoções. "Vou mandar uma mensagem de texto para você com as informações para Iro, então."

Lore mal ouviu os outros enquanto subiam as escadas, sem dúvida para dormir pelo resto da noite. Apenas Castor permaneceu, uma mão no corrimão enquanto observava Lore pegar seu telefone. Ela digitou uma mensagem para Iro com as mãos trêmulas.

Eu preciso de sua ajuda.

A raiva crescendo dentro dela subiu como a fumaça do corpo do touro de bronze, até que ela sentiu o gosto de cinzas em sua boca e sua mente ardeu com as palavras vermelho-sangue que haviam sido deixadas para ela na parede.

Quando ela olhou para cima novamente, Castor já tinha ido embora.

O AR DO FIM DA TARDE estava pesado de umidade, mas não era nada comparado à atmosfera opressiva que tomara conta da casa da cidade.

Depois que eles receberam a notícia dos Achillides de que os ataques haviam ocorrido sem nenhum problema ou baixas de sua parte, Lore voltou a dormir por mais algumas horas. Ela ainda não tinha ouvido de Iro além da resposta de uma única palavra da garota ao texto de Lore com instruções para as armas atingidas: Confirmado.

Lore não estava preocupado, no entanto, especialmente depois que Van conheceu um dos caçadores Achillides e trouxe para casa uma série de armas dos Kadmides. Athena teve um prazer óbvio em colocá-los para fora e examinar cada um, incluindo um dóri adequado. Mas qualquer excitação que Lore sentiu pelo sucesso desapareceu no buraco negro emocional do silêncio de Van e Castor.

Quando Lore não aguentou mais os olhares de julgamento de Van enquanto ele estava sentado observando o progresso de Miles em Argos, muito menos a visão

da porta fechada atrás da qual Castor estava se escondendo, ela voltou para seu quarto. Lá, ela finalmente percebeu o que Miles havia deixado para ela na cômoda.

O pingente de penas no colar piscou para ela ao captar a luz do sol. Ela hesitou um momento, seu dedo roçando sua borda.

Nunca livre, ela pensou.

Lore varreu o colar da cômoda para a pequena lata de lixo ao lado. Mas ela sentiu sua presença, mesmo que não pudesse mais vê-la. Precisando escapar dela – escapar da casa – Lore abriu uma janela e rastejou para a escada de incêndio para subir até o telhado. Lá, ela observou as pesadas nuvens cinzentas rolarem à distância.

Lore olhou por cima do ombro ao som de alguém na escada de incêndio, mas relaxou quando viu quem era. “Você não deveria estar aqui em cima.”

Athena olhou ao redor do telhado sombrio da casa da cidade. Não havia muito para ver além de Lore, duas velhas cadeiras de jardim e o aparelho de ar condicionado. Na verdade, ninguém deveria estar lá em cima, mas Miles e Lore às vezes subiam quando o tempo estava bom e eles tinham vinho para beber. Eles conversaram sobre fazer algo com ele – um pequeno jardim, talvez – mas isso foi antes de Gil morrer.

Antes de Hermes sair, Lore se corrigiu, esfregando os braços. Ela se voltou para as nuvens prateadas que se reuniam a leste.

A deusa evitou a outra cadeira, preferindo sentar-se na superfície áspera do telhado. Ela puxou a dóri no colo e começou a afiar as duas pontas com a pedra de amolar que havia tirado da cozinha.

“Foi Hermes.”

Ela não tinha certeza por que era mais fácil dizer à deusa. Talvez fosse saber que Athena, romba como a ponta chata de uma lâmina, não tentaria consolá-la ou fazê-la falar.

"E ele?" Athena perguntou, deixando a pedra de amolar de lado.

“O homem para quem eu trabalhava – a pessoa que possuía esta casa e a deixou para mim.” Lore engoliu. “Foi Hermes o tempo todo. Quando ele desapareceu, ele veio aqui. O

Folião me contou no museu.”

“Ah”, disse Atena. Então acrescentou, com cuidado: “E você acredita no impostor?”

Lore assentiu. “Aparentemente Hermes também achava que eu tinha a égide. Deve ter sido uma grande decepção para ele quando ele percebeu que eu não sabia e ele colocou... A voz dela ficou presa de um jeito que ela odiava. “E ele fez todo esse esforço para se aproximar de mim por nada.”

Os lábios de Athena se comprimiram em uma linha apertada.

“Mas eu não entendo,” Lore disse. “O Folião disse que Hermes se sentia em dívida comigo, e que ele queria evitar que Wrath recebesse a égide. . . .”

“Hermes descobriu claramente a existência do poema”, disse Atena, “e esperava usá-lo para escapar do Agon.”

“Isso,” Lore concordou, “ou ele não tinha ideia e só queria o escudo para usar no próximo Agon, e pensou que eu poderia dar a ele de bom grado se ele me mostrasse bondade suficiente. Mas por que ele se sentia em dívida comigo? Por que se esforçar tanto para entrar na minha vida quando ele nunca me perguntou sobre o meu passado, ou me empurrou para ele? Ele até me deu um amuleto que me escondia da vista dos deuses. Ele me deixou esta casa.”

“Eu tinha imaginado isso,” Athena disse lentamente. “Como eu lhe disse, eu segui sua história ao longo dos anos e procurei por você. Eu vi você apenas uma vez, três anos atrás, andando pelas ruas próximas, e te segui até em casa. No entanto, nunca mais vi você e, no início desta caçada, tudo o que eu podia fazer era esperar que você ainda estivesse lá.

O pensamento de passar a poucos metros da deusa invisível encheu Lore com um pavor estranho e tardio.

“Você se lembra se eu estava usando um colar?” perguntou Lore. “Um com um amuleto de penas de ouro?”

A deusa considerou sua pergunta cuidadosamente. "Você não era."

Deve ter sido logo depois que Lore voltou com Gil — com Hermes. Passaram-se mais duas semanas antes que ela acordasse e encontrasse o colar em sua mesa de cabeceira.

Ele parecia acreditar que seu aniversário era a data em seu passaporte falso. Seu verdadeiro já havia passado.

“Você pergunta por que Hermes faria tal charada?” disse Atena. “É porque ele é astuto e porque se deleita com isso. No entanto, ele não é nenhum tolo. Se ele acreditava que

você possuía a égide, ele tinha uma razão. Então, devo perguntar de novo, Melora, você possui o escudo do meu pai e corre o risco de cair nas mãos do impostor Ares?

A dormência picou as pontas dos dedos de Lore, suas palmas. Sua mente enrolou seus pensamentos em círculos, um medo sombrio perseguindo o próximo. Ela enfiou as unhas na pele dos braços, usando a dor para romper.

"Eu não tenho isso", disse Lore. “Talvez ele tenha descoberto que Aristos Kadmou se gabou de sua localização para meu pai.”

"De fato." A deusa soltou um zumbido baixo.

Ela se lembrou então do que Belen havia dito. Você é uma distração. É uma distração.

Lore abraçou os braços contra o peito, inclinando-se sobre os joelhos. "Você acha que pode ser mais do que o poema - que pode ser que a ideia de uma garota roubando isso corta o orgulho de Wrath?"

“Ele pode ter muitas razões para desejar isso. Ele deseja saber o segredo de ganhar o Agon. Ele deseja consertar seu orgulho ferido por ser superado por uma jovem. Ele deseja ter a glória da égide como símbolo em seu braço”, disse Atena, “e usá-la como uma ferramenta. Ele pode convocar trovões e relâmpagos, mas não precisa ser usado em todo o seu poder para levar o medo aos corações daqueles que o contemplam.”

A deusa parecia considerar outra coisa, acrescentando: “Se você não lhe der o escudo de bom grado, ele precisará de você para empunhá-lo em seu nome, e ele fará o que for necessário para obrigá-lo”.

"Você diz isso como se você se importasse", disse Lore. "Por que fingir que você realmente tem algum interesse em mim além dos termos do nosso acordo?"

“Como qualquer artesão”, disse Athena, inclinando a cabeça em sua direção, “se vejo potencial na matéria-prima, tenho o desejo de transformá-la em algo grande.”

"Isso é rico, vindo de você", disse Lore.

“Eu não entendo sua acusação,” Athena disse claramente.

“Você nunca guiou mulheres,” Lore elaborou. “Não do jeito que você fez para seus heróis.

Mas você sempre ficava mais do que feliz em puni-los.

"Mulheres e meninas pertenciam à minha irmã e estavam além da minha responsabilidade", disse Athena, as palavras afiadas com advertência. “Não lhe devo nenhuma explicação.”

O rosto de Athena a desafiou a continuar, e Lore nunca recuou de uma luta equivocada.

"Você sabe por que as caçadoras não devem reivindicar o poder de um deus - como os anciões das linhagens sempre justificaram isso?" Lore perguntou, deixando anos de raiva silenciosa encher seu peito como vapor. “Eles apontam para o poema de origem, mas também olham para você. Ao fato de que você só escolheu orientar heróis masculinos em jornadas. Você apenas os ajudou a alcançar kleos nascido em batalha - o único kleos

que importa para os anciões. Para eles, você sempre foi uma extensão da vontade de Zeus.”

“Nasci da mente do meu pai. Eu sou uma extensão de sua vontade.”

A mandíbula da deusa se apertou, transformando seu rosto em uma máscara de

fúria.

“Minha presença aqui, agora, é tudo o que é necessário para entender o que acontece com aqueles que perturbam a ordem natural das coisas. Que traem o pai.”

"Você não estava com raiva?" Lore perguntou, ouvindo sua voz quebrar. “Como você pode não ficar furioso porque nem mesmo você era completamente livre para decidir quem ou o que você queria ser?”

A deusa permaneceu em silêncio, mas havia algo em sua expressão agora – um foco estreitando.

“Você deixa os homens usarem seu nome e imagem para reforçar suas regras – você representou o que eles sozinhos poderiam se esforçar para ser”, disse Lore. “Mas e o resto de nós? Aqueles de nós chamados de mulheres, e todos que não são tão facilmente classificados?

“Eu não percebi que meu dom de artesanato pertencia apenas aos homens”, disse Athena. “Ou que eu não tenha reconhecido aquelas mulheres que demonstraram excelência em sua casa e no cuidado de sua família.”

Lore respirou instável. “Sabe, o que quase piora é que você realmente se vê como o mito que os homens criaram para você. Agora mesmo você afirmou que nasceu da mente de seu pai, mas você teve uma mãe, não é? Métis. A própria sabedoria. Esse foi o presente dela, não de Zeus, e ele devorou vocês dois para se salvar e reivindicou. Negá-la é negar quem você é. É negar do que os homens são capazes.”

“Eu sei exatamente do que eles são capazes, filho de Perseu,” Athena disse friamente.

Lore se encolheu ao ouvir o nome de seu antepassado.

"Você lança suas opiniões com certeza imerecida", disse Athena. “No entanto, eu não sou aquele com quem você luta agora. Sua raiva não está comigo, mas com você mesmo.

Por que?"

Lore passou a mão pelo cabelo, segurando-o.

“Você está com muita raiva. Eu senti isso desde o momento em que coloquei os olhos em você, e só ficou mais poderoso à medida que você tentou sufocá-lo”, disse Athena.

“Você me pergunta por que eu não achei adequado usar meu poder da maneira que você poderia ter feito, e ainda assim, você se retém de seu próprio potencial. Eu não teria pensado que você fosse tão covarde.

Eu não sou especial, ou escolhido. Lore pressionou os punhos nos olhos. A lembrança da realização era tão angustiante quanto o que havia acontecido. “Eu não estou me segurando, eu só. . . Eu simplesmente não posso cometer outro erro.”

Atena fez um ruído de escárnio. “O falso Apolo abriu caminho em sua mente e fez você duvidar de si mesmo. Você sabe o que deve ser feito. Ele nem mesmo sabe como veio a possuir seu poder.”

Lore olhou bruscamente para isso.

“Você achou que eu não iria desvendar a verdade?” Atena perguntou. “Quando ele foi tão direto ao questionar aqueles que conhece sobre a morte do meu irmão? Por que mais ele pareceria desprezar e se ressentir de seu poder? Por que mais ele iria querer procurar minha irmã, sabendo que ela só o deseja morto?

"Ele . . .” Lore começou, incerto. Ela não queria falar sobre isso. Parecia uma traição de Castor. “Ele não quer que eu vá longe demais.”

“E você não é capaz de determinar esse limite sozinho?” Atena perguntou. “Você confia no julgamento dele sobre o seu?”

"Ele está tentando me proteger", disse Lore. Era o que Castor sempre fizera, por mais que ela tentasse, à sua maneira, protegê-lo.

"De quem? De que?" Atena perguntou. "Você mesma? Tudo o que você pode se tornar se abraçar quem você é e não quem ele deseja que você seja?”

Lore confiava em Castor com sua vida - ela sabia que ele nunca a machucaria intencionalmente. Mas a maneira como ele olhou para ela quando a alcançou no

Central Park, o choque e nojo em seu rosto. . .

Talvez ele realmente não tenha entendido. Os sete anos que eles perderam nunca pareceram mais longos.

“Eu odeio o Agon,” Lore começou.

“Não,” Athena interrompeu. "Eu acho que não. Você odeia o que isso lhe custou, mas este mundo o aborrece. Você pertence a ela. Esse é o seu direito de nascença. Você sempre foi feito para a glória, mas isso foi tirado de você, e agora você nunca se sentirá satisfeito

– nunca inteiro – até que você possua o que merece.”

Em sua mente, Lore ouviu seu eu mais jovem dizer as palavras novamente. Meu nome será lenda.

“Não se trata de merecer,” disse Lore, forçando-se a pronunciar as palavras. “Eu não quero me tornar o tipo de monstro que eles são.”

“Você não é um monstro. Você é uma guerreira”, disse Atena. “E se você não tivesse um papel maior, você teria morrido com sua família.”

“Não diga isso,” Lore sussurrou. Por favor, não diga isso.

A saudade a rasgou. O pensamento de que tudo o que tinha acontecido não tinha sido culpa dela, que não tinha sido por nada, toda a sua alma doía para que fosse verdade.

“Há coisas muito piores para se tornar do que um monstro”, disse Athena.

"Foi isso que você disse a si mesmo quando puniu Aracne por sua arrogância?"

perguntou Lore. “Quando você ligou a Medusa?”

A deusa parecia confusa com a pergunta. “Do que você me acusa com a Medusa?”

“Poseidon a estuprou em seu templo, e ao invés de detê-lo, ao invés de puni-lo, você...”

Lore engasgou com a palavra. “Você fez de ser a vítima o pior crime. Você a transformou em um monstro e então enviou alguém para matá-la.

“É nisso que você acredita?” Atena perguntou.

“Seu pai, seus irmãos. . . levaram tantas mulheres contra sua vontade. Como você pode não entender a experiência de Medusa, quando Hefesto tentou se impor a você?” Lore respirou fundo, firmando-se. “Eles pegaram o que quiseram. Por que os homens do Agon tratariam suas mulheres e meninas de forma diferente? Eles nos fazem acreditar que nossas vidas são nossas, mesmo quando eles colocam as coleiras em volta do nosso pescoço. Até G... Até Hermes. A qualquer momento, eles podem puxar a coleira.”

"É por isso que você abandonou seu caminho como um guerreiro?" Atena perguntou.

“Você não queria ser controlado? Eu teria pensado que a morte de sua família estava na raiz da decisão, mas você continuou seu treinamento, não foi? No entanto, algo o afastou da caça. . . deste mundo”.

Durante anos, Lore recusou-se firmemente a recordar o que havia acontecido naquela noite. Ela esperava que, se enterrasse isso bem fundo em seu coração, não a faria se sentir tão doente ou aterrorizada de ser obrigada a responder por isso.

Mas Lore se viu falando agora, as palavras se desenrolando com tanta força que ela não tinha certeza se seria capaz de detê-las se tentasse.

“Quando o pai de Iro ascendeu para se tornar a nova Afrodite, ele não teve filho,” Lore começou, “e nenhum parente masculino imediato. Um primo em segundo grau tornou-se o arconte interino das Odisséias. Ele nunca veio para a propriedade nos primeiros dois anos em que morei com eles. Durante esse tempo, concentrei-me no meu treino com o Iro. Disse a mim mesmo que, mesmo que não tivesse mais nada, havia o Agon. Eu ainda poderia trazer honra para minha família.”

Atena a observou, esperando.

“E então veio o novo arconte das Odisseides. Ele ficou. Ele parecia estar em todos os lugares ao mesmo tempo, seus olhos sempre nos seguindo. Observando-

nos da janela enquanto treinávamos e sparring, do outro lado da mesa nas refeições, enquanto nadamos no lago. . .” Lore disse, suas mãos se curvando com a memória. “Ele encontrava qualquer desculpa para me tocar – para corrigir minha postura quando eu não precisava, para acariciar meu braço ou perna enquanto ele passava. Meu instrutor me disse para nunca falar sobre isso com ninguém, ou então o arconte descobriria o quão ingrato eu era por seu favor e atenção. Eu seria jogado na rua sem uma faca para me defender. Sem dinheiro, sem futuro.”

As mãos de Lore se fecharam em punhos.

“Uma noite, depois do jantar, ele me disse para ir ao seu escritório e esperar por ele lá”, continuou ela. “Os outros na mesa deviam saber o que aconteceria, mas não fizeram nada. Os servos desviaram o olhar. Iro estava tão animado. Ela pensou que ele ia me oferecer um lugar como léaina.

Ela precisava respirar mais fundo, reunir as palavras certas. A bile subiu em sua garganta.

“Seu escritório estava escuro, exceto pelo fogo na lareira. Ele trancou a porta. Ele me disse que eu não continuaria meu treinamento. Que eu serviria apenas a ele. Suas necessidades.”

Atena sibilou.

"Eu sabia que ele estava certo. Eu não tinha mais ninguém. Eu não tinha família. Foi o momento em que percebi que meu futuro estava inteiramente em suas mãos, apenas...

Lore respirou fundo. “Ele colocou as mãos em mim. . . . Ele forçou sua boca na minha e me prendeu na mesa. Ele era maior. Mais pesado. E pensei, não sou especial, nem escolhida. Esse foi o escudo que eu usei contra a verdade por anos, a certeza de que eu estava destinado a algo mais. Mas naquele momento, com ele em cima de mim, foi quando entendi o que era aquele mundo. Sempre haveria um homem decidindo meu destino, fosse meu pai, um arconte ou um marido.

Os olhos da deusa brilharam, as faíscas queimando em espirais desenfreadas. Isso fez Lore pensar no fogo no escritório novamente, quão mais brilhante parecia quando seu terror se instalou.

"Eu nunca tive escolha", disse Lore.

Pelo menos, não um cujas consequências ela entendeu antes de dar sua resposta.

“Ele tirou a última das ilusões.”

A respiração do arconte tinha engatado com excitação quando ele a viu perceber isso.

“Os deuses deveriam ser meus inimigos. As outras linhagens. Não o arconte da casa da minha mãe, aquele que me acolheu. Me abrigou.

A maçaneta da gaveta da escrivaninha tinha cravado em seu quadril. Seu corpo se movia para se proteger, quando sua mente não conseguia. Seus dedos se fecharam ao redor do metal frio. Ela puxou, deslizou a mão para dentro. Ele se pressionou contra ela, e era como nada que ela tivesse conhecido em uma briga.

“Encontrei o abridor de cartas. Eu me cortei puxando-o para fora da gaveta. Ele agarrou meu queixo e forçou minha cabeça para trás, então eu teria que olhar para ele.”

Ele puxou a gola de sua camisa até que rasgou. O tecido cedeu facilmente, mas não tão fácil quanto a pele em sua garganta.

“Percebi que sempre tive escolhas, mesmo que não as tivesse visto”, disse Lore. “E eu fiz um. Eu escolhi não pertencer a ele. Eu escolhi matá-lo, para que ele não pudesse me machucar ou a qualquer outra pessoa.”

A memória de seu sangue derramando, manchando sua pele branca e seu vestido, o peso dele caindo contra ela enquanto lutava para matá-la em retaliação, mesmo no meio de sua própria morte, voltou em uma corrida fria. Ela tocou a longa cicatriz em seu rosto, o último corte que ele fez quando ela escapou de debaixo dele. O suor brotou em seu corpo, e ela estava tremendo, mal conseguindo respirar.

Mas o que Lore mais se lembrava daquela noite era sua raiva. A forma como isso queimou seu medo, choque e devastação e deu a ela o que ela precisava para sobreviver.

Lore tinha feito o que ela tinha sido treinada para fazer, esfaqueando seu corpo

até que estivesse imóvel e não houvesse ar se movendo em seus pulmões. Foi a raiva que a carregou descalça pelos campos e estradas não pavimentadas. Foi a raiva que a manteve viva e em movimento. Sua raiva a alimentou quando ela passou fome.

E então Lore fez exatamente o que Athena a acusou. Ela o havia suprimido, tornando-o menor, fazendo com que parecesse irrelevante e imerecido. E então Hermes a encontrou, quando ela estava quase vazia.

"Isso é . . .” Lore começou. “Isso é que é tão... Me mata saber que eu estava errado sobre Gil. Eu sabia melhor. Eu fiz. Baixei a guarda, mesmo depois do que aconteceu com o arconte, porque pensei que era eu quem fazia escolhas. Que ele não seria capaz de me machucar ou me controlar como os homens do Agon tentaram fazer.

“Mas você não se arrepende de suas ações contra o arconte naquela noite?” Atena perguntou.

Lore balançou a cabeça. Ela nunca, além de saber que havia deixado Iro para trás.

“Isso é porque eles foram justificados. Você fez o que era necessário”, disse Athena.

“Assim como agimos por necessidade agora. Você teme o julgamento dos outros em nossa busca pelo impostor Ares, mas você não vai se arrepender de suas escolhas quando ele estiver morto – apenas as oportunidades que você perderá se permitir que os medos dos outros o mantenham prisioneiro de sua dúvida.”

"Seu . . .” Lore fechou os olhos. "Não é tão simples assim. Eu não—”

Eu não quero lembrar como era bom ter um propósito, ela terminou em silêncio. Não quero esquecer por que tive que deixar o Agon quando parece tão certo para mim.

Crianças gritavam umas para as outras enquanto desciam a rua em suas bicicletas. Suas risadas leves pareciam brilhar no silêncio. Lore se perguntou se ela já tinha sido tão despreocupada.

“Eu dei a ela poder de fúria,” Athena disse calmamente.

Lore virou-se para ela, confuso.

“Transformei a Medusa”, continuou Atena, “para que ela tivesse proteção contra todos aqueles que tentassem prejudicá-la”.

"Isso é treta. Você não deu a ela uma escolha, não é? Lore mordeu de volta. “E agora a

história a lembra como uma vilã que merecia morrer.”

"Não. É assim que os homens a retratam, através da arte, através dos contos”, disse Athena. “Eles a imaginavam hedionda porque temiam encontrar o verdadeiro olhar de uma mulher, testemunhar a poderosa tempestade que vive lá dentro, esperando. Ela não foi derrotada pelo ataque do meu tio. Ela apenas renasceu como um ser que podia olhar para o mundo, sem medo. Não é isso que sua própria linha fez por séculos, olhando por trás de sua máscara?

Lore quase recuou quando suas palavras foram absorvidas.

As Perseides usaram a máscara de górgona - a máscara de Medusa, seus cachos de cobras, sua boca em uma linha de determinação sombria - por séculos. As máscaras de ambos os pais foram tiradas quando o apartamento foi limpo e seus corpos enterrados.

Lore não tinha idade suficiente para fazer o seu próprio, embora uma de suas lembranças mais claras fosse de tirar o de sua mãe de seus embrulhos de seda e trazê-lo perto de seu rosto. No final, a sensação das cobras de bronze contra seus pequenos dedos, e o que ela viu refletido no espelho, a fez se sentir poderosa.

Agora ela só sentia seu estômago apertar. Quantos homens, inclusive seu amado pai, usaram aquela máscara e a raiva do olhar de Medusa, distorcendo-a em algo que lhes servia? As linhagens usavam máscaras das maiores realizações e mortes de seus ancestrais, não para honrá-los, aqueles terríveis monstros de sua época, mas como troféus.

“Seus ancestrais carregavam o escudo que carregava sua cabeça”, disse Atena. “Eles exerceram o poder dela até perdê-la. Se o escudo deve ser carregado por alguém, deve ser você – você, aquele que conhece a escuridão dos homens, mas se recusa a ter medo.”

Lore podia se imaginar com o escudo tão claramente, a forma como seu rosto espelharia a expressão sombria de Medusa moldada em prata. Não havia medo ou vergonha no pensamento, e nenhum arrependimento agonizante que a impediu de falar seu nome por anos.

A égide deve ser carregada por ela. Era seu direito de nascença, sim, mas era mais do que isso, representava tudo o que ela poderia ganhar, e tudo o que ela realmente queria ser.

Não a mentira que Hermes a convenceu de que ela precisava, mas a fome poderosa que ainda vivia nela.

Se ela pudesse usá-lo contra Wrath, se o rosto de Medusa e o dela fossem os últimos que o novo deus viu enquanto sua vida sangrava dele, isso significaria que tudo valeu a pena.

Isso significaria que sua família não tinha morrido por nada.

Vá buscá-lo, sua mente sussurrou.

"Mas . . . você deu o escudo a Perseu," Lore disse. "A que ele usou para matá-la. Você o guiou e foi um amigo para ele."

Athena rolou o dóri no colo. "Eu participei de jogos perversos e vivi à mercê de deuses

mais poderosos. Tenho sido rápido em temperamento e gosto de atacar aqueles que feriram meu orgulho ou me desonraram."

As primeiras gotas de chuva começaram a cair, batendo suavemente contra o telhado.

"Você poderia ter parado," Lore sussurrou. "Você poderia ter parado Poseidon."

O rosto de Athena tornou-se hediondo de raiva fria. "Saiba disso, Melora: até os deuses estão presos ao destino. Até os deuses servem a um mestre. Eu fiz muitas coisas, entre elas atacar um ser mais fraco quando não tive forças para punir um mais poderoso do que eu."

Athena fez uma pausa, alisando os dedos ao longo do cajado de seu dóri.

“Há uma história maior do que todos nós, um tecido que se espalha por toda parte, guiado por mãos mais poderosas que as minhas”, disse Athena. “Você pode chamar isso de cumplicidade, e talvez seja. Mas eu considerei isso sobrevivência.”

“Como você pode ter certeza de que seu caminho foi escrito para você?” perguntou Lore.

“E se você sempre tivesse a chance de viver em seus próprios termos e não a visse?”

Atena fez um som de escárnio. “Tudo o que sempre desejei é fazer o que nasci para fazer.”

"Qual é?" Lore solicitado.

“Para guiar os corações dos guerreiros, as mentes dos filósofos e as mãos dos artesãos”, disse Atena. “E nunca mais deixar de defender uma cidade sob minha proteção.”

A deusa levantou-se, observando os edifícios distantes.

“Em um último assunto você está errado,” Athena disse enquanto se virava para voltar para dentro. “Não escolhi orientar uma mulher através de grandes aventuras, mas dei-lhes conselhos. Não foi feito por maldade, ou pela crença de que eram criaturas inferiores. Em vez disso, senti que elevar alguém dessa maneira desonraria meu verdadeiro amigo, que não tinha igual na vida ou na morte.”

Palas. Ela estava falando do companheiro com quem ela foi criada, aquele que ela acidentalmente matou enquanto lutava.

Athena voltou para a escada de incêndio na parte de trás da casa da cidade, descendo até a janela abaixo.

“A única coisa que sempre tive medo foi de ser impotente. De não poder proteger as pessoas que amo. Mas eu não sei o que vai acontecer comigo se eu ceder”, disse Lore.

“Tudo o que eu sinto. Tudo o que eu quero fazer.”

A deusa não se virou. “Você será transformado.”

A chuva aumentou, batendo mais forte contra sua pele, mas Lore não conseguia se mexer. Ela se sentia esgotada, mas não de uma forma que a deixasse se sentindo fraca.

Pela primeira vez em dias, talvez até anos, sua mente estava clara. Lore segurou a dor

aguda dentro dela e não se afastou. Ela segurou firme, esperando que suas garras voltassem para ela.

O trovão ressoou sobre ela como um escudo atingindo um escudo. Horas se passaram desde que ela subiu a escada de incêndio, e Miles estaria em casa em breve, mas ela ainda não conseguia se mexer. Ela não podia fazer nada além de deixar a chuva cair sobre ela.

Seu telefone tocou em seu bolso, despertando-a de seu devaneio. Lore se levantou, puxando o telefone. A mensagem era de Miles; ela soltou um pequeno suspiro de alívio e começou a fazer login para responder, apenas para seu telefone vibrar de novo e de novo, a mesma mensagem se repetindo.

ajuda

ajuda

ajuda

"POR QUE NÃO ESTÁ FUNCIONANDO?"

A mão de Lore tremeu quando ela estendeu o telefone para Van. Ele a tomou dela, lutando para controlar sua raiva.

“Ele nos fez compartilhar locais”, continuou ela. “Esse foi o nosso acordo—”

“Você está compartilhando locais com ele,” Van disse rispidamente. “Ele provavelmente esqueceu de compartilhar o dele em troca, ou alguém o desativou. Em ambos os casos, precisamos sair. Se eles puderem rastrear sua localização, esta casa agora está comprometida.

Castor estava atrás dela, as costas pressionadas contra a escada. Ele não disse nada, o que disse tudo. Nem ele nem Van encontrariam seu olhar.

"Nós não vamos embora", disse Lore. “Ele pode não ter sido levado. Talvez ele esteja apenas ferido, ou escondido ou. . .”

“Ou morto,” Van terminou friamente. "O que é exatamente o que eu disse que aconteceria se você não o convencesse a sair."

“Não a lance como inimiga por acreditar em suas habilidades,” Athena interrompeu. “Você o difamou repetidamente e tentou forçá-lo de uma escolha que ele fez voluntariamente.

Melora não é responsável pelo que aconteceu com ele.”

Lore queria acreditar nela. Ela queria acreditar nela mais do que tudo. "Eu pensei que você deveria estar olhando para ele."

“Eu estava, mas precisava atender uma ligação”, disse Van. “Não se atreva a virar isso de

volta para mim. Se você acha que eu não sinto...

Ele se interrompeu.

“Faça outra busca por Miles em Argos,” Castor disse calmamente, já se virando para ir embora. “Vou vigiar do telhado. Eu deveria ser capaz de ver alguém vindo e nos dar algum tempo para escapar se Wrath e os caçadores tentarem atacar.

Athena moveu-se para ficar ao lado da janela saliente, abrindo as cortinas romanas para espiar a rua.

Van foi até a cozinha para pegar seu segundo laptop. Enquanto um rodava Argos, procurando ativamente por Miles, ele usava o outro para exibir vídeos salvos.

“Esta é uma filmagem arquivada de uma câmera de rua algumas horas atrás”, disse Van a ela. Ele tocou e, juntos, eles assistiram Miles desaparecer em uma esquina.

"Não há câmera no ponto de encontro", disse Van, frustrado. “Estava off-line.”

Lore se inclinou para mais perto da tela. “Não há como saber se ele realmente conheceu a fonte?”

Van balançou a cabeça. “Eu tenho que imaginar que ele teria mandado uma mensagem ou ligado imediatamente se houvesse um problema.”

Miles apareceu no mesmo feed alguns minutos depois. Não havia nada do triunfo que ele teve depois de seu primeiro encontro bem sucedido, agora ele só parecia com medo. O

programa pulou para a próxima câmera, pegando seu rastro quando ele virou na Lexington. Outro o capturou atravessando a rua contra o trânsito, ainda olhando ao redor.

Então o vídeo foi cortado.

"É isso?" Lore engasgou.

O rosto de Van estava tão sombrio como ela já tinha visto. “Foi aí que Argos o perdeu de vista. Ou ele está se escondendo bem, ou foi levado.

“Merda,” Lore respirou. Seu pulso estava martelando, sua respiração ficando rasa. A escuridão invadiu sua visão quando seus pensamentos começaram a girar em direção aos piores resultados possíveis.

O outro computador apitou. Van agarrou-o, endireitando-se enquanto seus dedos voavam sobre o teclado. Não Miles, ela implorou silenciosamente. Por favor, não ele também. . .

Novas imagens da câmera de segurança carregadas. Nela, uma pequena figura se ajoelhava em algum tipo de lago. Suas mãos estavam amarradas nas costas e apenas seu perfil era visível, mas Lore reconheceu as roupas de Miles.

"Quando foi isso?" ela perguntou.

"É agora", disse Van, olhando para a hora. 18h21

“Você consegue dar zoom?” Lore implorou.

"Eu não posso", disse Van. “Você reconhece onde é?”

Ela se inclinou mais perto, escaneando o feed ao vivo. O terror tornava difícil focar em qualquer detalhe. “Parece. . . o lago e a cachoeira atrás dele — acho que é o Morningside Park? Não é longe daqui."

“Ele foi deixado lá como isca”, Athena avisou. “O impostor Ares deve ter descoberto o que ele significa para você. Precisaremos de reforços se quisermos ajudá-lo.”

A mente de Lore disparou. “Quão rápido os Aquilides podem chegar aqui?”

"Eles estão de volta ao Brooklyn", disse Van. “Mesmo de carro é pelo menos meia hora. É

possível que as Odisséias nunca tenham saído de Manhattan?

Ela pegou o telefone. “Estamos prestes a descobrir. Vá buscar Cas.

Enquanto Atena observava, Lore digitou uma mensagem para Iro.

Eu preciso de sua ajuda. Venha para a lagoa em Morningside Park o mais rápido possível.

Mas não houve resposta.

O Morningside Park servia como a fronteira estreita entre Morningside Heights, no alto de seus penhascos de trinta metros, e o Harlem abaixo. Lore e Miles percorreram toda a extensão da rua 123 até a rua 110 inúmeras vezes; às vezes ela o encontrava lá depois que ele terminava as aulas, ou pela promessa de um almoço barato.

Sempre a inquietou ver esse pedaço da paisagem original de Manhattan desafiando os prédios modernos ao seu redor. Seu terreno acidentado se recusou a ser domado pelos desenvolvedores. Penhascos escuros interrompiam várias ruas, e a única maneira de continuar diretamente de uma parte de uma estrada para outra era atravessar o parque a pé e usar suas muitas escadas para subir ou descer a queda abrupta.

Enquanto caminhavam para uma das entradas do parque, Lore viu uma câmera

de segurança próxima e apontou para os outros.

“Eu coloquei os feeds em todas as câmeras do parque,” Van disse a ela. "Foram cobertos.

Por agora."

No alto à distância, a pálida catedral de São João, o Divino, era apenas visível através da escuridão. Lore achou que era um lugar tão pitoresco quanto qualquer outro para um confronto mortal.

Mesmo considerando a tempestade iminente, o parque estava estranhamente quieto. Ela finalmente entendeu por que quando eles se depararam com o primeiro corpo logo após o portão. Uma mulher, com uma flecha nas costas.

“Que notícias das Odisséias?” Atena perguntou.

"Nada", disse Lore. “Mas eu não quero esperar mais. Se eles vêm, eles vêm.”

Castor assentiu, fortalecendo-se enquanto se levantava de seu agachamento. "Vamos lá."

Então os cães começaram a uivar.

Lore desacelerou quando a compreensão se instalou.

“Oh não,” ela disse suavemente.

"O que?" perguntou Van. "O que está acontecendo?"

“Wrath não é quem armou a armadilha,” Lore engasgou.

“É minha irmã,” Athena disse, segurando seu dóri firme. “Ártemis.”

“INCOMING”, VAN ADVERTOU.

Dezenas de cães, com o pelo emaranhado e salpicado de lama, saltaram pelo caminho, latindo e ganindo. Alguns eram vira-latas, outros aparentemente haviam escapado de seus donos e ainda tinham coleiras presas às coleiras. A saliva espumava em suas bocas.

– Cães de caça – disse Athena com desgosto. Eles se armaram com as armas superiores dos Kadmides, e enquanto Lore escolheu uma adaga, a deusa pegou uma pequena faca e um dóri, o último dos quais ela agora usava para manter os cães afastados.

Cães de caça eram usados por caçadores para perseguir e depois cercar suas presas.

Eles latiam e uivavam para mantê-los encurralados até que os cães de caça, ou o caçador, chegassem.

Com o canto do olho, Lore captou uma certa escuridão se formando nas árvores logo atrás da cabeça de Athena. Pássaros e esquilos se amontoavam nos galhos, empoleirados lado a lado em uma quietude antinatural, seus olhos brilhando dourados com o poder de Ártemis.

Eles não podiam nem correr. A perseguição faria subir o sangue dos cães, e eles os despedaçariam.

"Ideias?" Castor perguntou ao grupo. "Qualquer um?"

De repente, os cães ficaram em silêncio. O couro cabeludo de Lore se arrepiou e apertou com a sensação dos olhares invisíveis ao seu redor.

Os gatos começaram a se reunir na grama, o pelo de suas costas espetado como facas.

Lore deveria saber que o instinto de Artemis seria se esconder entre as coisas selvagens, mesmo dentro dos limites de uma cidade de concreto e aço. Eles teriam sorte se ouvissem o sussurro da flecha antes de perfurar seus corações.

Os cães os cercaram. Os que estavam na parte de trás avançaram, mais perto, enquanto os da frente se viraram e começaram a descer a trilha. Não para guiá-los, ela percebeu, mas para impedi-los de escapar.

"Estamos apenas parados aqui como idiotas e esperando que ela venha nos matar?" Lore disse, removendo a faca da bainha amarrada em sua perna. "Vamos."

Sua respiração estava alta em seus ouvidos enquanto eles seguiam a trilha para o

sul.

Eles estavam cercados por árvores encorpadas e uma borda espessa de arbustos. À

medida que o caminho se estreitava, tornava-se claustrofóbico. Havia mais corpos —

homens e mulheres que tinham saído para correr, outros claramente indo e vindo do trabalho ou da escola. Todo o ser de Lore se contorceu ao vê-los, alimentando sua raiva.

Artemis responderia por suas mortes. Athena estava certa o tempo todo. Sua irmã estava além da razão. Castor poderia tentar, ele poderia esperar, mas Artemis nunca se aliaria com eles, e agora Lore nunca aceitaria a ajuda da deusa, mesmo que fosse oferecida.

“Esta é sua última chance de voltar atrás, impostor,” Athena avisou. "Eu não vou perder fôlego protegendo você dela."

Lore olhou para Castor. "Talvez você deva . . .”

Ele não iria ouvir. “Estou aqui por Miles e não vou embora sem ele.”

— Como ela sabia que ele estava envolvido nisso? sussurrou Lore.

“Não é óbvio?” Atena perguntou. “Ela tem observado e rastreado nossos movimentos. Ela precisava de uma maneira de nos atrair.”

"Não há realmente nenhuma maneira de chegar até ela?" Van sussurrou. “Ela é sua irmã.”

Olhando para Athena agora, porém, Lore se perguntou se ela havia cometido um erro ao trazê-la aqui. Athena não faria nada para pôr em perigo a vida de Lore, pois isso significaria pôr em perigo a sua própria, mas. . . ela não tinha ligado seu destino ao de Castor. O que impediria Athena de servir Castor em uma bandeja para sua irmã para reacender sua parceria?

Eu, pensou Lore, observando os poderosos músculos das costas de Castor trabalharem a cada passo que ele dava.

“Ela não é uma besta para ser acalmada,” Athena advertiu. “Quando Apolo caiu, sua mente se desgastou e ela se tornou meia alma.”

Castor não disse nada enquanto olhava para o parque mal iluminado.

Quando chegaram ao lago e sua cachoeira, a garoa fraca se transformou em uma chuva punitiva. Ele cortou a extensão de água tingida de verde, enviando a superfície em uma dança frenética. Bem no centro dela, posicionado de joelhos e caído para a frente até que

seu rosto estava quase na água subindo, estava Miles.

Lore disparou para frente, mas Castor a segurou, forçando-a a se proteger com os outros atrás de um banco de parque próximo.

Ela examinou a área ao redor deles, procurando por qualquer sinal de movimento. Os cães recuaram para alinhar a beira da água. Eles se sentaram, obedientes, esperando pelo próximo comando. Lore seguiu seus olhares através do lago.

"Lá!" Lore disse, apontando. "Lá está ela!"

O arqueiro estava equilibrado em um dos afloramentos menores entre a cachoeira e um salgueiro-chorão pingando de chuva.

Lore protegeu os olhos contra o ataque da tempestade. O rosto da deusa estava listrado de sujeira, e uma coroa de folhas e espinhos repousava sobre seus cabelos claros. Sua túnica azul-celeste estava quase preta de sangue e sujeira. Ela ergueu o arco, virando a flecha armada na direção de Miles.

"Não!" Van saltou sobre o banco e correu para o lago, espirrando na água úmida enquanto Artemis lançava sua flecha.

“CAS—” LORE COMEÇOU, MAS o novo deus já estava de pé. O poder brilhou de suas mãos, incinerando a flecha e explodindo pedras irregulares ao redor da cachoeira.

Artemis saltou para longe no momento em que Van se jogou sobre Miles para protegê-lo, desaparecendo entre as árvores. Castor e Athena correram por lados opostos do lago atrás dela. Os cães saltaram atrás deles, mordendo e rosnando.

Isso vai chamar a atenção de alguém, pensou Lore. Ela pulou sobre o banco do parque e mergulhou no lago. "É ele-?"

Van estendeu a mão, bloqueando seu caminho. Sua voz estava baixa com fúria. “Não toque nele.”

Lore congelou, seu estômago deu um nó. "Precisamos . . . Precisamos tirá-lo daqui”.

A voz de Van estava baixa com fúria, e seu corpo inteiro tremeu com a força de suas palavras. “Você sempre... você sempre faz isso. É sempre sobre o que você quer e todo mundo só precisa... Apenas . . . não toque nele.”

Ela não sabia o que fazer, a não ser se conter enquanto Van arrastava Miles para fora da lagoa. Ele se ajoelhou, prendendo Miles no ombro, então correu de volta para a segurança das ruas próximas.

“Assassino de Deuses!” Artemis gritou da escuridão. “Eu esperei por isso!”

Lore se sacudiu. Ela poderia lidar com as consequências do que aconteceu com Miles

mais tarde - agora, ele estava seguro com Van, e havia outro problema mais urgente em mãos.

Ela correu até o lance de escadas mais próximo, parando quando chegou ao caminho estreito. Ela não conseguia ver mais ninguém através do véu de chuva e do mato espesso, mas podia ouvir vozes incorpóreas ecoando nos penhascos. Ela parou quando alcançou a trilha de caminhada do próximo nível, examinando as árvores.

“Vá embora, irmã!” gritou Artemis. “Você sabe que essa morte é minha! Se você me trair de novo, será a sua vida que eu tiro a seguir!”

Trair ela? Lore pensou incrédula.

"Você deseja falar de traição?" Atena trovejou de volta. “Depois de me deixar para me tornar a presa do novo deus?”

— E agora você me trai a cada respiração que o assassino do meu irmão dá —

disse Artemis. “Você deveria tê-lo trazido para mim. Você prometeu que ele era meu!”

Lore tentou correr em direção ao som de suas vozes ecoando, mas elas pareciam vir de todos os lugares ao mesmo tempo.

"Ouça-me", Athena chamou para ela. “Controle seus sentimentos antes que eles destruam você.”

“Ouça, escute, escute!” Artemis rosnou de volta. “Eu nunca mais vou te ouvir. Você tece mentiras e tece promessas que nunca pretende cumprir. Você fez isso conosco — você!

Nós o seguimos e você nos levou à ruína!”

“Sim, irmã, mas agora encontramos um possível fim para a caçada”, disse Athena. “Novas instruções. Ajude-nos a encontrá-los e voltaremos para casa. A caça vai acabar.”

“Nunca nos será permitido voltar para casa!” Ártemis rosnou. “Quando você vai ver isso?

Nunca mais nos aqueceremos à luz de nosso pai. Nunca saberemos seu favor. Tudo o que resta é matar os caçadores e falsos deuses pelo que fizeram conosco. Para puni-los por sua falta de fé. Se eu devo morrer, então eles também devem – começando com ele!”

Lore subiu mais um longo lance de escadas para um ponto de observação melhor. Os penhascos ali eram reforçados com blocos de pedra, fazendo-a sentir como se estivesse escalando as paredes de um antigo castelo quando chegou ao mirante no topo. Ela se inclinou sobre o parapeito de cimento, procurando no parque. O medo subiu nela como névoa.

Pronto, pensou Lore. Athena e Castor estavam perseguindo Artemis enquanto ela os conduzia pela trilha inferior. Eles desapareceram sob a cobertura da folhagem.

Lore correu de volta pelos degraus escorregadios. Ela estava encharcada, mas não sentia mais o toque frio da chuva. O estrondo de galhos de árvores caindo foi sua estrela guia enquanto ela fazia seu caminho para eles.

Os deuses haviam circulado de volta para a cachoeira, para o bosque de árvores em sua crista, não muito longe de um dos caminhos da trilha. Os afloramentos rochosos em

ambos os lados pareciam mais pedregulhos unidos e de topo plano quando vistos de cima. Eles se projetavam sobre o lago como penhascos menores e alimentavam a cachoeira com mais chuva.

Atena estava a uma curta distância dos outros deuses, rasgando a rede emaranhada de espinhos, barbante e galhos que sua irmã havia tecido e jogado sobre ela.

Castor e Artemis se aproximaram, batendo entre as árvores enquanto lutavam pelo controle. Artemis lutou para levantar seu arco de carbono. Ela estendeu a mão para trás, apenas para descobrir que estava sem flechas.

Jogando o arco de lado, ela puxou uma pequena faca de caça que ela tinha amarrado em seu braço. Castor foi forçado a tecer para frente e para trás para evitar seu corte errático.

Ele assobiou quando ela cortou seu antebraço, e ela redobrou seu esforço, lançando-se para frente para enfiar a lâmina em sua garganta.

"Não!" Lore mergulhou para o dóri que Atena havia derrubado e o arremessou na direção de Artemis.

A deusa a derrubou facilmente com uma risada sem humor, mas Lore não estava tentando matá-la. Ela só precisava dar a Castor uma segunda chance.

Ele pegou. Quando Artemis se inclinou para trás para evitar a lança, ele deu um soco no pulso dela, forçando-a a largar a faca, e a jogou no chão.

Finalmente livre da rede, Atena cambaleou em direção aos outros deuses ao som do grito voraz de Ártemis. A ferocidade disso fez os pássaros próximos chamarem de volta em uma cacofonia estridente. Artemis chutou Castor de cima dela, fazendo-o cair de volta na grama e na lama.

Ela pegou sua faca novamente e a estendeu na frente dela, afastando Castor e sua irmã.

"Ouça-me" disse Castor, segurando seu lado. — Por favor, precisamos de sua ajuda...

Artemis se moveu com a graça de um cervo e a fúria descontrolada de um javali furioso.

Onde Lore ocasionalmente podia ver um toque de humanidade nos cálculos de Atena, não havia nada além de animal em Artemis. Ela era incompreensível no que um dos escritores antigos havia descrito como seus mistérios cruéis. Ela era tão imprevisível e impiedosa quanto a própria natureza.

“Pare com isso, Ártemis!” disse Atena. “A caça é tão nossa inimiga quanto os caçadores.

Juntos, podemos acabar com isso—”

“Oh, seu tolo!” Artemis zombou. “Você não pode nem ver a verdade diante de você. O

Agon não pode ser vencido. Não pode ser escapado. É o nosso próprio Tártaro.”

"Eu não acredito nisso", disse Athena, dando mais um passo em direção à irmã. Ela estendeu um braço para evitar que Lore a seguisse.

Lore reprimiu um som de frustração, mas entendeu — Artemis só ficaria mais agitada se sentisse que a situação se tornou três contra um.

“Acalme-se, irmã,” Athena continuou. “Ouça o que estou dizendo a você agora. Você está perdido em sua fúria, deixe-me levá-lo para fora mais uma vez. Eu entendo...

— Você não! gritou Artemis. — Ou então você o teria trazido para mim! Nós deveríamos matá-los — todos os impostores! Todos eles!"

A água escorria pelos tornozelos de Lore, descendo e passando pela cachoeira. Mas quando Artemis mudou, Lore notou que parte do escoamento da chuva estava desaparecendo em um trecho próximo de folhas e lama. Enquanto ela observava, uma camada de sujeira foi lavada, revelando a borda de um buraco e a cuidadosa camada de galhos finos que haviam sido colocados sobre ele.

Lore engasgou quando um peso a atingiu de lado. Um grande labrador estava sobre ela, depois outro, rosnando e mordendo-a.

“Pare—isso—” ela falou, lutando contra seu frenesi. A saliva quente voou por toda parte.

Um afundou os dentes em seu antebraço, e Lore soltou um grito de dor, jogando o animal de cima dela para o outro cachorro. Mais e mais estavam se reunindo ao redor deles. Ela rolou para ficar de pé, agarrando um grande galho para afastar os cães e mantê-los longe dos outros.

"Sim, você está certo", disse Athena, mantendo os olhos em sua irmã. Ela se aproximou lentamente, mostrando as mãos vazias enquanto Artemis segurava a faca. “Irmã, você esqueceu? Você não pode vê-lo, mesmo agora? A primeira luz saindo do alto das nuvens, a forma como varria os jardins e salões de nossa casa, o mais puro dos ouros. . . o ar doce com incenso e fumaça. . . a lareira, sempre ardente. . . o mundo abaixo de nós, tão verde e vasto com promessa. . . nosso pai invencível, os outros. . .”

Lore ficou chocado com a emoção subjacente às palavras, a dor profunda que elas revelaram.

Artemis gemeu, arranhando seu rosto enquanto balançava a cabeça. A severidade de sua expressão era devastadora. Atena havia perfurado sua armadura.

Mas, de repente, Artemis se endireitou, seus olhos se estreitando em puro ódio ao ver sua irmã.

“Você,” ela disse. “Você roubou isso de mim.”

Artemis momentaneamente virou as costas para Castor, permitindo que ele se aproximasse por trás dela. Ela girou, mas ele foi mais rápido, travando os braços ao redor dela e prendendo-a.

Um dos cães tentou se libertar para atacar Castor, mas Lore o empurrou para trás com o galho e esticou a cabeça, apenas por um momento, para ver o que estava acontecendo.

"Não não!" O corpo de Artemis se contorceu, e houve um estalo úmido e nauseante quando ela deslocou o ombro para se libertar. Sua mente estava em

algum lugar que a dor não podia alcançar. Usando a outra mão, ela mergulhou a faca na parte superior da coxa de Castor.

Ele caiu para trás com um grito, fazendo uma careta ao removê-lo.

“Eu sinto o poder do meu irmão, mas é de longo alcance, é tão longe,” Artemis rosnou, seus olhos arregalados. Seu calcanhar caiu na borda da armadilha quando ela recuou em direção à cachoeira, e ela por pouco recuperou o equilíbrio. “Você se sente diferente dos outros – o que você é?”

Lore olhou para a pergunta da deusa. Que?

Castor veio em sua direção lentamente. Artemis estava balançando a cabeça, incapaz de desviar o olhar dele enquanto se retirava para a beira do afloramento mais próximo sobre o lago. A cachoeira desceu ao lado dela, abafando algumas de suas palavras.

“Você viu como ele morreu?” Castor perguntou desesperadamente. "Você estava lá? Sabe o que aconteceu?"

O trovão ressoou sobre eles. Artemis lançou outra enxurrada de ataques, socando seu estômago, seus rins, onde quer que ela pudesse alcançar. O sangue jorrou de sua perna, misturando-se com a água da chuva.

Artemis o empurrou para trás com um único chute. Ele usou um braço para bloqueá-la e o outro para esfaquear sua própria lâmina em seu ombro.

Ela gritou de dor, arranhando o rosto de Castor. Artemis arrancou a lâmina do ombro dela e o atacou novamente. Castor a arrancou de sua mão, fazendo a faca girar no ar e cair na piscina abaixo.

A borda do afloramento estava em um pequeno ângulo e inclinada para baixo em direção ao lago. Artemis havia conquistado o terreno alto, deixando Castor lutando para se equilibrar enquanto o vento e a água corrente conspiravam para arrastá-lo para a beira.

“Não se mova,” Castor advertiu. “Por favor, ele não iria querer que você...”

“Se você falar o nome dele eu vou arrancar a língua da sua cabeça!” Artemis se enfureceu. Ela caminhou em direção a ele.

“Não se aproxime mais!” Castor a avisou.

"Pare!" Lore ligou. "Por favor!"

“Fique para trás, Lore!” ele gritou sobre a chuva. “A corrente é muito forte...”

O corpo de Artemis arfava com respiração após respiração difícil, seu braço deslocado pendurado inútil ao seu lado.

“Não importa o que você é,” Artemis disse a ele. “Não importa quem você era, ou o que você poderia ter sido. Por enquanto, você está morto.”

“Ártemis!” Atena ligou. “Não se destrua por causa deste mortal!”

Lore conhecia o olhar no rosto da caçadora, a determinação ardente por trás disso.

Artemis sempre foi uma criatura de solidão, mesmo quando ela correu com um pequeno

círculo de caçadores e ninfas favoritos pelas selvas do mundo. Lore sentiu a dor disso então, e isso ecoou através dela. A deusa era singular em sua natureza, envolta em sombras e silêncio, mas sem sua gêmea, ela estava realmente sozinha. Não havia mais nada para ela perder agora.

“Há um monstro no rio.” Sua voz se desfiou enquanto se transformava em um frenesi.

“Um assassino de deuses e mortais. Vai devorar tudo, até você, irmã.

"Um monstro?" Atena começou. “Diga-me...”

“Sua morte está fadada, impostor,” Artemis disse a Castor. “Meu caminho é justo.”

Castor jogou outra explosão brilhante de poder nela, depois outra, tentando movê-la em direção à trilha e longe do afloramento. O vento os açoitava de todos os lados, forçando Castor a se ajoelhar e usar a mão para se preparar para não passar da borda.

Artemis chutou seu arco do chão, segurando-o na frente dela como se fosse um porrete, então voltou para ele. Castor lançou uma última explosão e, sem pensar, Artemis deu um passo à esquerda para evitá-lo.

"Pare!" Lore gritou.

O pé de Artemis pegou a borda da armadilha que ela armou. Ele desmoronou, caindo sobre si mesmo nas pontas irregulares de madeira dispostas abaixo. Atena estendeu a mão para ela, mas Artemis se afastou tanto da irmã quanto da armadilha.

"Ele é meu!" Artemis rosnou. “A vida dele é minha! A vida dele é minha!”

Esse pequeno movimento trouxe seu pé para o fluxo pesado de água da chuva que alimentava a cachoeira. Uivos encheram o ar mais uma vez. Artemis arreganhou os dentes em desafio enquanto se endireitava e tentava pular ao ar livre entre a cabeça da cachoeira e onde Castor estava ajoelhado na beira do afloramento.

Um arbusto florido escondia a verdadeira borda do penhasco. Cada músculo do corpo de Lore se contraiu quando o pé de Artemis o atingiu e deslizou debaixo dela. Castor estendeu a mão, tentando pegá-la antes que ela mergulhasse na lagoa, mas Artemis recuou, com repulsa.

E caiu.

ATÉ O DIA QUE SUA VIDA A DEIXOU E ELA ACORDOU NO MUNDO ESCURO ABAIXO, Lore se lembraria do estalo do osso e do grito estrangulado subitamente silenciado.

Castor caiu de joelhos, agarrando seu cabelo e soltando um grito áspero de frustração.

Lore lutou para avançar, apoiando as mãos nas árvores e rochas, rastejando até chegar à beira da cachoeira.

A alça da aljava de Artemis se prendeu em um longo galho pendurado sobre a cachoeira e se transformou em um laço, quebrando seu pescoço em um instante.

E o rosto da deusa. . .

O grito chocado ainda estava alojado na garganta de Lore, tentando escapar. Ela pensou que poderia engasgar se tentasse respirar.

Atena veio ficar ao lado dela, olhando para a coroa de folhas e espinhos de Artemis. O

único sinal de emoção em seu rosto era o aperto de sua mandíbula. Era o semblante de um guerreiro, endurecido demais por séculos de morte para estar à mercê da dor.

"Eu estou . . .” Lore começou, sem saber o que dizer. Ela não estava arrependida. Mas . . .

"O que nós fazemos? Você quer que eu a corte para que você possa . . . para que você possa enterrá-la até o fim do Agon?

“Como você enterra um deus?” disse Atena. “Ela era poder, não carne. Este era pouco mais do que um navio bruto. Agora ela é. . . gratuitamente."

E, Lore percebeu, Athena era a última das nove originais.

Os cães nas trilhas começaram a ganir e uivar de luto. Diante de tudo o que aconteceu esta semana, Lore não se sentiu tão perto de explodir como naquele momento, ouvindo-os abafar o ranger da aljava enquanto o corpo de Artemis girava e girava e girava como a roda sem fim. de vida e morte e renascimento.

Lore se moveu em direção ao pequeno penhasco inclinado ao lado da cachoeira, em direção a Castor. Ele permaneceu no local para curar sua perna. Ele ainda parecia agoniado quando se levantou, embora claramente não tivesse nada a ver com a dor.

"Você está bem?" Ela estendeu a mão para ajudar a guiá-lo pelos últimos degraus perigosos do afloramento.

“Estava melhor,” ele admitiu enquanto estendia a mão para ela.

De repente, Lore ouviu um zumbido. A princípio, ela pensou que fosse o vento voltando a soprar, raspando entre os galhos e as pedras. Então veio a dor lancinante em seu ombro esquerdo.

Lore olhou para baixo, incrédula, para a nova fenda em sua camisa, para o sangue jorrando em seu ombro. Atrás dela, uma flecha estremeceu onde atingiu o tronco de uma árvore.

“Lore...”

A expressão de Castor era de dor e medo. Ela assistiu, com a mão ainda estendida, enquanto o sangue brotava em sua camisa encharcada, jorrando de uma única ferida aberta no lado esquerdo do peito. Através de seu coração.

Lore gritou, avançando para pegar seu braço, mas ela era muito lenta. Seus lábios formaram uma última palavra silenciosa.

Lore.

A vida deixou seus olhos, extinguindo as faíscas do poder. Castor deslizou de volta pela borda do afloramento, na água abaixo.

LORE TINHA SPARADO COM Castor o suficiente para saber quando algo estava errado.

Os outros estavam distraídos de excitação com o início do Agon dentro de dois dias, eletrizados pelos preparativos que estavam sendo feitos enquanto o resto dos Achillides se reunia na cidade. Lore se distraiu com outra coisa: a contagem regressiva que Aristos Kadmou havia iniciado dois dias antes, quando ela e seu pai foram vê-lo.

Envie-me sua resposta até o final do Agon.

Isso foi daqui a nove dias. Seu pai lhe disse para não se preocupar, que ele nunca diria sim. Mas Lore não conseguia parar de pensar nisso.

Castor não estava preocupado como ela e os outros estavam. Seus movimentos pareciam arrastar-se pelo ar, como se seu corpo estivesse pesado demais para ele. Eles sempre foram perfeitamente compatíveis em velocidade - ou, pelo menos, ele a acompanhava, do jeito que ela tentava igualar sua força.

Seu rosto a preocupava também. Ela tinha visto uma sombra pairar sobre ele, a forma como uma nuvem passava sobre o sol e escurecia o mundo abaixo.

Toque-toque-toque.

Lore empurrou mais forte com sua equipe de treinamento no último ataque. Castor recuou um passo, o pé de trás escorregando pela poça de suor que se acumulava embaixo dele.

"Novamente!" o instrutor ordenou. "Mais rápido!"

Lore levantou seu cajado mais uma vez. Castor estava ligeiramente curvado na cintura, balançando a cabeça. Seus olhos piscaram rapidamente, lutando para se concentrar em seu rosto.

Ela inclinou a cabeça, silenciosamente perguntando: Pronto?

Ele trouxe sua própria equipe. Ela leu a resposta no conjunto de sua boca.

Lore recomeçou o exercício — toque alto, toque no centro, toque baixo, repetidamente.

Castor bloqueou seus golpes, mas quando ele diminuiu a velocidade, ela também foi forçada.

O rápido tinir dos bastões ao redor dela serviu como rufar de tambor para uma canção de escudos destroçados e lâminas retinindo. O quarto estava quente com o sol da tarde entrando pelas janelas altas nas paredes. As outras aulas de treinamento eram borrões

ao redor deles. O fedor de corpos, óleo e tapetes de borracha pesava em seus pulmões.

Na última batida, Lore testou sua teoria, batendo mais forte do que precisava. Castor perdeu o equilíbrio, caindo de joelhos com um suspiro fraco.

Lore olhou de volta para seu instrutor. O homem estava de costas para eles enquanto circulava sua seção do salão de treinamento, dando correções e elogios fracos. “Bom, Abreas... mais forte, Theron...”

Enquanto Castor se endireitava, Lore fingiu uma luta livre, inclinando-se para frente até que suas testas se tocaram e ela colocou a mão na nuca dele. Foi a única maneira que ela descobriu como falar com ele entre os intervalos.

"Você está bem?" ela sussurrou. “Se você está doente, deveria ter chamado

.”

“Estou bem”, prometeu Castor. “Minha classificação é ruim o suficiente sem conseguir mais pontos encaixados. E você não teria ninguém para treinar agora que Van foi para casa.

Evander, um dos primos distantes de Castor, veio para ficar na Thetis House por alguns meses antes do Agon, mas foi levado para casa por seus pais após uma série desastrosa de sessões de treinamento. Lore se ressentiu dele por invadir seu tempo com Castor, mas ainda mais pelas aulas que os instrutores a fizeram ficar de fora para que Castor e Evander pudessem fazer parceria.

Isso a deixou com tanta raiva – Evander não conseguia bloquear um golpe sem se encolher e cobrir a cabeça. Ela merecia treinar mais do que ele, mesmo que não tivesse nascido dos Achillides.

"Água!" disse o instrutor. "Rapidamente. Vamos terminar com o trabalho de faca.

Lore pegou o cajado de Castor antes que ele pudesse protestar.

Vá, os olhos dela lhe ordenaram. Ela acenou com a cabeça em direção ao longo banco na parte de trás da sala onde suas garrafas de água estavam alinhadas. Castor esperou por ela de qualquer maneira.

"Desista, Cassie", veio uma voz sarcástica. “Você não consegue mais acompanhar uma garota.”

“Com ciúmes, Orestes?” Castor atirou de volta, ainda respirando com dificuldade. “Como dizem os instrutores, somos tão bons quanto nossos parceiros. O pobre Sabas não tem chance, não é?

“Melhor ninguém do que um verme doente e fraco”, disse Orestes. “Apresse-se e morra já, sim? Se sua mãe não fosse tão covarde, ela teria deixado você em uma colina em algum lugar.

Lore bateu sua garrafa de água no banco e se virou para ele. Castor manteve um leve aperto em seu pulso, parando-a.

“Você saberia tudo sobre isso”, disse Castor, “vivendo tão bravamente com meio cérebro.

Não se preocupe, ninguém percebe que você ainda não domina as habilidades de espada do primeiro ano. Estamos todos torcendo por você, no entanto.”

Sua classe trocou sussurros ao redor deles, olhando para o instrutor para ver se o homem iria intervir. Ele estava ocupado consultando outro instrutor. Outros sorriram, antecipando a luta que estava por vir.

“Pelo menos não vou me tornar uma noiva cobra”, retrucou Orestes.

Lore respirou fundo. Castor olhou para ela, sobrancelhas escuras franzidas. Orestes parecia o corvo que pegou o verme.

“Ela não te contou?” ele disse enquanto eles voltavam para os finos tapetes de treinamento. “Este é o último dia dela aqui. Patér está furiosa porque o pai dela concordou em casá-la com o arconte dos Kadmides. Os anciãos se encontraram ontem à noite e concordaram em expulsá-la. Meu pai me disse isso. A única razão pela qual eles não a mandaram para casa esta manhã é porque seu pai implorou e implorou por um último dia.

Mágoa e confusão lutaram no rosto de Castor enquanto ele a observava, esperando confirmação. Lore só esquenta com uma onda de sangue.

“Não é verdade,” ela disse a ele. "Não é!"

Ela não contou a ele sobre o encontro com os Kadmides porque. . . porque ela ainda não entendia direito o que tinha acontecido. Mas seu pai recusaria a oferta de Aristos Kadmou. Ele nunca a entregaria a ele.

“Ninguém recusa o arconte Kadmides,” Orestes disse a ela presunçosamente. “Talvez ele te sufoque enquanto passa por cima de você como...”

Castor deu um soco na lateral da cabeça de Orestes, derrubando-o de lado. Os outros transbordavam de alegria quando Orestes atacou Castor.

Se ele estivesse com toda a sua força, Castor nunca teria caído do jeito que caiu.

"O suficiente!" disse o instrutor. “Tomem suas posições. Vamos começar de

novo...

Mas Castor não se mexeu. Não foi possível se mover.

“Cas?” disse Lore.

Ele não respondeu. Seus olhos rolaram para trás e todo o seu corpo começou a convulsionar.

Lore caiu de joelhos ao lado dele, tentando mantê-lo quieto.

"O que você fez?" ela gritou para Orestes. Mas até o menino parecia chocado. O instrutor colocou a mão sob a cabeça de Castor para evitar que ela batesse no chão de madeira.

“Chame o curandeiro de plantão!” ele latiu para um dos estagiários.

"O que você fez?" ela exigiu novamente. Orestes recuou quando ela se lançou contra ele, batendo com os punhos no estômago de Orestes. Foi a última coisa que ela se lembrou antes de sua mente escurecer. Assim que ela soube, seu instrutor estava com os braços em volta de seu centro e a ergueu de Orestes. O rosto do menino estava uma bagunça sangrenta e polpuda. Suas mãos estavam cobertas por ele.

“Eu vou te matar,” ela jurou. Orestes tossiu, cuspindo ranho e sangue. Seus próprios hetaîros se ajoelharam ao lado dele, com os olhos arregalados enquanto olhava para Lore.

“Você terá que esperar mais sete anos para tentar, pequena górgona,” seu instrutor rosnou. “Se a serpente deixar você sair de sua cova.”

Lore tentou escapar de seu aperto, mas ele tinha um domínio de mestre sobre ela. Sua mão se esticou em direção a Castor, mas ela não podia vê-lo, apenas seus pés com sandálias saindo entre aqueles reunidos ao seu redor.

Horas depois, depois que o Curandeiro Kallias veio trazendo notícias indesejadas, Lore finalmente foi autorizado a entrar nos quartos que Castor e seu pai dividiam na Casa Thetis para vê-lo.

Lore ficou à esquerda de sua cama, observando o subir e descer de seu peito,

contando-os como ela contava seus passos em uma broca. Quíron dormia aos pés de Castor. Ele lambeu a mão dela enquanto ela lhe dava um bom arranhão atrás das orelhas.

“Você acha que eu estava errado?” ela sussurrou para ele. Ela viu o não nos olhos escuros de Quíron e concordou.

Seu coração batia forte no peito, ecoando os golpes que dera a Orestes. Ela tocou as bandagens ásperas que o pai de Castor havia enrolado em seus dedos depois que a Curandeira Kallias se recusou a fazê-lo. Orestes, aparentemente, era seu sobrinho.

Ela ouviu seus pais chegarem pela fresta da porta do quarto. Como zelador do prédio, o pai de Castor podia enfiá-los por uma entrada lateral e pelo elevador de serviço, diminuindo suas chances de serem vistos pelos Achillides. Lore estava envergonhada pelo quanto ela queria ir para sua mãe – ser mantida até que as palavras do curandeiro desaparecessem.

Não há mais nada a ser feito. Nenhum tratamento sem sangue pode curá-lo.

Fragmentos de sua conversa silenciosa flutuaram pelo quarto, interrompidos pelo zumbido suave e bipe dos estranhos dispositivos médicos ao redor da cama de Castor.

Lore se dirigiu para a porta, os ouvidos se esforçando para ouvi-los, mas lendo metade das palavras em seus lábios, do jeito que ela e Castor aprenderam a espionar os anciões da linhagem. Um som como estática de rádio cresceu em seus ouvidos.

"O que eu deveria fazer?" O pai de Castor sussurrou. “Ele está sofrendo porque eu não posso deixá-lo ir? Isso é apenas arrogância, pensando que posso mudar um resultado

impossível?”

“Não, claro que não,” a mãe de Lore respondeu, sua voz baixa e calmante enquanto ela apertava as mãos dele entre as suas. "Sempre há esperança."

“A esperança nos abandonou”, disse Cleon. “Os anciãos me informaram que não vão mais pagar pelo tratamento, e ele está fraco demais para viajar para o

exterior para quem possa nos ajudar.”

As mãos de Lore se fecharam em punhos ao seu lado, e todo o seu corpo, da pele até a alma, começou a vibrar com fúria. Isso não estava certo. Não era assim que deveria ser...

“Não há nada a ser feito a não ser render-se à tecelagem das Parcas e permitir-lhe a dignidade da morte”, disse Cleon.

"Não!" Ela saiu de trás da porta. Quíron latiu atrás dela, assustado com o barulho e movimento. Seu corpo parecia que iria explodir quando ela atacou a patética desculpa de Castor para um pai. Ele queria que Castor morresse, ele ia deixar Castor ir. Um caçador sempre lutava, como os homens da lenda; eles nunca deveriam desistir.

“Pare com isso, Melora,” seu pai ordenou, agarrando-a pelo braço e puxando-a para trás.

“Pare com isso de uma vez!”

"Seu covarde!" Lore rosnou para Cleon, lutando contra a mão de seu pai. “Hades leva você, seu cachorro de barriga mole! Você é quem merece morrer, não ele!”

“Melora!” sua mãe disse, horrorizada.

Mas o pai de Castor apenas chorou. “Eu gostaria que ele o fizesse, eu gostaria que ele o fizesse. . . .”

“Peça desculpas imediatamente,” seu pai disse, mudando-a para Cleon Achilleos.

Lore virou a cabeça, sua mandíbula apertada. Não. Os deuses odiavam covardes, e ela também.

Seu pai a puxou de volta para o quarto com um agudo “Fique aqui até se acalmar”.

A porta se fechou atrás dele. Lore bateu as duas mãos contra ela, lágrimas quentes escorrendo por suas bochechas. Dentro dela havia um tumulto de dor e confusão, e ela não conseguia suportar.

Os instrutores diziam, repetidas vezes, que não havia maior desonra do que a covardia. O

pai de Castor poderia desistir, mas ela não. Ela levaria Castor a todos os médicos da cidade se tivesse que carregá-lo nas costas. Ela lutaria até que seu corpo cedesse, e então ela rastejaria se fosse preciso.

“Ele está apenas triste, Lore.”

A voz de Castor era apenas um sussurro quando a alcançou.

Lore olhou para cima, enxugando as lágrimas em seus olhos contra seu braço. Ela foi até

ele, rastejando na cama estreita. Castor se mexeu no colchão o máximo que pôde para abrir espaço para ela. Ela se deitou, suas mãos ainda tremendo enquanto as deixava descansar em seu estômago. Quíron soltou um ruído rabugento enquanto se movia para dar espaço aos pés dela.

“Eu não me importo,” Lore sussurrou, virando-se para olhar para ele. Sua pele ainda estava pálida, quase tão translúcida quanto os tubos em seu nariz que o alimentavam com oxigênio. Mas então ele sorriu, e isso a fez se sentir um pouco melhor.

“Você vai ficar bem,” ela disse a ele. “Sempre há outro caminho.”

“Acho que não”, disse ele. "Não dessa vez."

Ela pressionou as mãos com força contra o estômago para forçá-los a ficar quietos.

“Tenho uma ideia de como podemos assistir ao Despertar sem que ninguém saiba.”

“A curandeira Kallias disse que não posso sair desta cama”, disse Castor. "Que . . . Eu preciso descansar."

“E então,” Lore continuou, sentando-se. As palavras balbuciaram fora dela, mas ela não se importou. “Depois disso, podemos ir comprar sorvete naquele lugar perto do nosso apartamento que está sempre aberto. Nossa vizinha me deu

alguns dólares para regar suas plantas enquanto ela estava fora da cidade—”

“Lore,” ele disse, e então usou aquela palavra que ela odiava quase mais do que qualquer outra. "Pare. . . . Está bem. Mesmo."

Ela respirou fundo. Algo selvagem arranhou o interior de seu peito. "Não está bem! Você vai ficar bem. O curandeiro Kallias é estúpido. Ela não sabe de nada.”

“Está tudo bem,” ele disse suavemente. “Vou ver minha mãe novamente. Eu não estarei sozinho. Eu não tenho medo."

“Eu não vou deixar você ir,” ela disse a ele, sua voz baixa com promessa. Ela não iria. Ele era seu amigo e hetaîros, seu companheiro e parceiro em todas as coisas. Ela o defenderia se ele caísse, cortasse qualquer coisa ou qualquer um que o ameaçasse; a lâmina dela era dele, e a dele dela.

“Ei,” ele disse suavemente. "Você ouviu aquele sobre os cães dançantes?"

A testa de Lore franziu quando seus pensamentos em espiral pararam de repente. "O

que?"

Seu sorriso era fraco, mas ainda estava lá. “Ninguém queria fazer parceria com eles porque todos tinham dois pés esquerdos.”

Lore balançou a cabeça. Até mesmo Quíron pareceu gemer. “Castor Achilleos, essa é a pior piada que você já contou.”

Ele deu de ombros, mas até mesmo seu pequeno sorriso caiu quando o silêncio desceu sobre eles, e sua respiração ficou mais difícil.

“Você não vai morrer,” Lore sussurrou. “Você não vai. E se você fizer isso, eu vou segui-lo para o submundo e arrastá-lo de volta. Eu também não estou com medo. Não tenho medo de nada.”

A mão dela se fechou em torno de seu pulso fino, como se pudesse mantê-lo vivo apenas pela força de sua vontade. Seu pulso vibrou sob a ponta de seus dedos.

Ele a observou, seus lábios pálidos enquanto se pressionavam em uma linha fina e sem sangue. Ele estava lutando contra sua exaustão, piscando contra a força dela. Ela também não gostou disso, então Lore se forçou a assentir.

"Não", disse ele. "Não, Lore - jure que não vai."

Quando ela não o fez, ele a agarrou pela nuca, juntando suas testas. Sua mão tremia com o esforço, mas Lore fingiu não notar.

“Jure,” ele sussurrou. Seus cílios estavam escuros contra sua bochecha quando ele fechou os olhos. A tensão no corpo de Castor foi liberada com o sono, mas sua mente, sua própria alma, ardeu.

“Eu conheço meu destino,” ela sussurrou para ele.

E eu vou mudar o seu.

POR UM MOMENTO TERRÍVEL, Lore não conseguiu se mexer, não conseguiu pensar, não conseguiu fazer nada além de olhar para o lugar onde Castor estivera. A chuva lavou a poça de seu sangue, alimentando a mancha crescente na água abaixo.

Morto.

Logo além do lago havia uma dúzia de caçadores. Alguns usavam máscaras, mas não Iro. Não o caçador macho alto que estava ao lado dela. Aquele que ainda tinha sua besta apontada na direção dela.

Através da distância, através da chuva, o olhar de Lore encontrou o de sua amiga. Iro olhou para ela, seus olhos desafiadores, seu rosto frio.

"Abaixe-se!" Atena estava gritando com ela. “Melora!”

Outra flecha voou, desta vez de um caçador diferente. Ele cortou ao longo do braço de Lore. A dor lancinante rasgou seu choque. Iro latiu algo para os caçadores, alguns dos quais se espalharam, caindo de volta nas ruas da cidade. Os outros viraram seus arcos para longe de Lore, para onde Atena se abrigava atrás de uma árvore.

Mais flechas voaram. Atena afundou ainda mais, tomando cuidado para manter a

cabeça coberta enquanto o tronco da árvore se estilhaçava acima dela.

Todo o corpo de Lore pulsava com seu batimento cardíaco. Ela não conseguia trazer sua

mente de volta para seu corpo.

Morto.

“Devemos deixar este lugar,” Athena chamou para ela. Ela deslizou algo pela distância molhada entre eles. Lore olhou para a prata da faca de caça de Artemis, observando a chuva escorrer dela.

Morto.

Uma pequena chama cresceu no centro de seu peito. Ela se agarrou a isso, ela deixou queimar, porque era algo naquele nada entorpecido. Lore o segurou até que ela o reconheceu pelo que era.

Fúria.

Ela pegou a faca e ficou de pé, mantendo-se abaixada entre o mato. Cada parte dela estava se esforçando para avançar e cortar a garganta do assassino. Para punir Iro. Seria justificado. Exigidos, inclusive, pelas regras de sua caça.

Iro e o caçador que havia disparado o tiro mortal passaram por cima da borda do lago e se arrastaram pela chuva implacável. Ele largou o arco e desembainhou uma espada lentamente, seu olhar fixo na forma escura de Castor de bruços na água. Iro tinha uma dóri na outra mão e a usou para verificar seu equilíbrio enquanto atravessavam a bacia invisível do lago.

Armas que eles haviam tirado dos Kadmides, por insistência de Lore.

E eles a recompensaram fazendo isso. Tirando Castor dela.

Sua cabeça latejava com a força empolgante de seus pensamentos. Lore alcançou o nível mais baixo do parque, cavalgando o rio de lama, chuva e pedras soltas até a beira do lago.

“Iro Odisseu!” ela gritou, sua voz rouca.

Iro girou quando Lore pulou na água, levantando seu dory. Ela acenou de volta para os outros caçadores que pairavam na lagoa. “Fique para trás, Lore!”

"Como você pode?" Lore rosnou. “Depois de tudo que fizemos por você—”

Seu pé deslizou contra algo longo e fino no fundo macio da lagoa. Um trinado elétrico subiu por sua espinha quando ela percebeu o que era.

Dory de Atena.

Ela o puxou com o pé, levantando-o da água com prazer. O comprimento da lança lhe daria a maior vantagem sobre o caçador.

“Precisamos de um deus em nossa linhagem,” Iro gritou de volta para ela. “Você virou as costas para este mundo, mas nós não! Se quisermos retribuir Wrath pelo que ele fez com nossa linhagem, precisamos de nosso próprio protetor!”

Lore virou o dory em suas mãos, ainda caminhando em direção a ela. O caçador ao lado de Iro se mexeu, sem saber o que fazer.

“Você não poderia nem fazer o trabalho sujo sozinho,” Lore rosnou. “Você deixa um homem matá-lo por você.”

“Eu esperava que fosse Artemis, ou Athena,” Iro disse, lutando por um pouco de calma em sua voz. Ela não recuou, mesmo quando Lore jogou a faca em sua mão esquerda, arremessando-a na garganta do outro caçador de Odysseide.

Ele caiu com um suspiro assustado, engasgando com seu próprio sangue. Iro virou-se para Lore, chocado.

"Você vai subir", Iro conseguiu dizer. “Por que o poder não tomou conta . . . ?”

As palavras tomaram conta de Lore como se tivessem sido faladas em uma língua que ela não conseguia entender. Não havia mais nada em seu mundo além da arma em sua mão e de Iro.

Lore levantou o sauroter do dory, pegando Iro sob o queixo e cortando o lado direito de seu rosto. Ela poderia ter partido o olho da garota como uma uva se Iro não tivesse se inclinado para trás, batendo o cajado de seu próprio dóri contra o de Lore para afastá-lo.

Você o tirou de mim, pensou Lore, deixando sua dor alimentar a explosão de ódio que crescia em sua mente. Você não vai tocá-lo.

“Ele pode não estar...” Iro pressionou a mão no sangue que escorria por seu rosto, cuspindo um chumaço de sangue de sua boca. "Você não é meu inimigo, Lore!"

"Você me fez seu inimigo!" Lore girou o dory bem alto, permitindo que Iro bloqueasse seu golpe para que ela pudesse chutar a outra garota no peito. A água salvou o equilíbrio de Iro, mas retardou seu avanço sobre Lore.

Ela se inclinou para a direita enquanto Iro avançava — Lore tentou esfaquear o sauroter no pé de Iro, mas era quase impossível ver qualquer coisa sob o tremor frenético da água.

A chuva caiu sobre eles. Iro abaixou-se, puxou a faca do pescoço do caçador morto e atirou-a. Lore o repeliu com o corpo de metal do dory com força suficiente para causar uma faísca.

O ritmo da luta começou e Lore desapareceu na força de seu corpo, no passado, até encontrar a garotinha que teria arrancado o coração de seu oponente para reivindicar a vitória.

Então ela a soltou em toda a sua ferocidade. Cada perda agonizante, cada humilhação, cada lembrança daquela desesperança sufocante a enfureceu como uma tempestade.

Iro finalmente acertou um golpe, dividindo a pele do braço de Lore enquanto ela aparava sua tentativa de enfiar a ponta da lança no peito de Iro.

Ela merece morrer, Lore pensou cruelmente. Todos eles fazem.

Deixe-a se tornar o monstro que assombrou suas lendas. Seu kleos seria uma gloriosa infâmia.

Lore fingiu um golpe baixo no estômago de Iro para deslizar sua mão sob a água para puxar a faca novamente. O branco dos olhos de Iro brilhou quando Lore o esfaqueou na coxa da garota e virou o dory para trazer o sauroter para a garganta de Iro.

A forma de Atena apareceu na beira do lago, não muito longe de onde os corpos das outras Odissidas estavam agora espalhados.

Iro estava lutando para se afastar com a perna ferida, procurando uma fuga rápida. O

sangue escorria por seu rosto. Lore teve o pensamento distante de que o ferimento de Iro poderia ser um gêmeo da cicatriz que o arconte de Odisseides havia lhe dado na noite de sua morte.

Lore caminhou em direção a ela novamente. A ferida não teria chance de cicatrizar.

Iro estendeu um dóri para afastá-la, lutando para ficar em pé.

A arma começou a ficar vermelha derretida. O calor parecia irradiar de sua ponta, transformando a chuva ao redor deles em vapor. Iro olhou para baixo enquanto o calor se espalhava, o aço tornando-se macio em seu aperto. Ela jogou a arma na água antes que pudesse queimar sua mão.

Lore se virou.

Castor ergueu-se lentamente da água, o rosto inexpressivo, os olhos dourados ardentes.

O AR BRILOU EM TORNO de Castor, vivo com poder.

Quando a dóri escorregou dos dedos de Lore, ela perdeu todas as sensações em seu corpo.

Irreal. Isso foi. . . Era impossível.

Ela o viu morrer. Seu olhar caiu para o peito dele, para o lugar onde a flecha perfurou seu coração. Sob o rasgo manchado de sangue em sua camisa havia uma pele nova e imaculada onde a ferida deveria estar. O que significava. . .

A luz e o poder ao redor de Castor se intensificaram. Ele viu o caçador morto, então Iro.

“Vá embora,” ele disse a ela.

"O que-é-isto," Iro ofegou. "Quem é Você? Você era . . .”

"Saia", Castor trovejou.

Desta vez, Iro teve o bom senso de correr. Ela lutou contra a chuva e a água, segurando a

perna ferida. Castor não prestou atenção nela, mas olhou novamente para o corpo do caçador.

"Você fez isso?" ele perguntou suavemente.

A mandíbula de Lore apertou dolorosamente com a angústia em sua voz. "Sim. E faria de novo.”

Seus olhos se fecharam e se abriram lentamente novamente, como se acordasse de um sonho.

“Não importa o que aconteça comigo, você não pode fazer isso consigo mesmo.”

A breve alegria que ela sentiu se transformou em cinzas em sua boca. Como ele ousa...

como ele ousa julgá-la assim, como se fossem crianças de novo e ela não distinguisse o certo do errado?

“Eu posso fazer o que eu quiser,” Lore disse friamente.

"Mas você não é", disse ele. "Eu não acredito que isso é realmente o que você quer -

matar pessoas, ser um caçador."

“Eu faço minhas próprias escolhas”, disse ela. “Você é o único que não vai jogar pelas mesmas regras que todo mundo. Não é cumplicidade. É sobrevivência.”

Ele a encarou incrédulo. “Você ouve o que está dizendo? Você acha que isso é o que seus pais gostariam, que você se perdesse para vingá-los?

"Não se atreva a usá-los como uma arma contra mim!" Lore rosnou.

O que quer que Castor tivesse dito em seguida desapareceu quando Atena avançou em direção a eles.

“O que você é, impostor?” Atena exigiu. “Você não é mortal, o que significa que você não é um deus. O que você está?"

"Eu estou . . .” Castor olhou para suas mãos, gavinhas de poder ainda enroladas em torno delas como anéis de ouro, então tocou o local onde a flecha o atravessou.

Artemis havia feito a mesma pergunta. O que você está?

"Como você vive?" Atena exigiu. “O que você está escondendo de nós?”

“Nada,” ele disse, olhando para Lore. "Eu não posso explicar isso, eu não me lembro o que aconteceu naquele dia"

"O que você sabe sobre o Agon que nós não?" Atena continuou. “Eu não acredito que você se lembre de nada. Se você é imortal nestes sete dias, você aprendeu alguma coisa

– fez alguma coisa – e escondeu isso de nós, seus aliados.”

“Eu não...” A voz de Castor era baixa, áspera. “Não me lembro. Houve dor e depois escuridão – e então acordei.”

“Você mente,” Athena disse a ele. “Você está aqui, mas não faz parte da caçada. Não verdadeiramente. Diga-me o que você é. Minha irmã estava certa – seu poder parece diferente, de alguma forma. Sempre existiu – flui através de você, mas não nasce de você.”

Lore virou-se para ela em estado de choque. "O que isso significa?"

A deusa apenas olhou para Castor até que, finalmente, Lore olhou para ele também. Seu pulso disparou e de repente ela sentiu como se estivesse se afogando no ar quando uma voz clara emergiu.

Nada disso é real.

“Sua memória perdida é uma mentira conveniente para encobrir a verdade de

como um deus pode escapar da caçada”, disse Atena. “É por isso que você não se apresentou em forma física nos últimos sete anos? Você estava mesmo neste reino?”

Nada disso é real.

Nem Gil, nem sua vida aqui, nem mesmo Castor e o abrigo que sua presença familiar havia dado a seu coração.

Castor não reconheceu a deusa, mas tentou pegar o olhar de Lore novamente. “Você não acredita em mim.”

Lore não poderia ser pego no engano de outro deus. Ela não podia render-se a se tornar uma peça de jogo movida contra sua vontade. Mas este era Castor.

Não foi?

"Estamos apenas tentando descobrir o que está acontecendo", disse Lore.

Ele observou Lore, sua devastação clara.

"Nós", ele repetiu.

Lore repetiu suas próprias palavras em sua mente. A presença de Athena estava se firmando atrás dela. Isso a fortaleceu, dando-lhe um último pedaço de força para não se desfazer.

"Nós", ela confirmou.

Ela e Athena fariam o que fosse necessário, o que fosse justificado, até que o último suspiro deixasse o corpo mortal de Wrath.

Castor nunca quis ajudá-los a concretizar esse plano. Se ele realmente não soubesse como ascendeu e que não poderia morrer. . . Se ele realmente não tivesse segundas intenções para trabalhar com eles. . . Lore precisava dele para provar a ela agora. Seria sua última oferta: junte-se a nós ou vá embora.

Com um último olhar para ela, ele se virou e foi embora.

Ele atravessou a água, a cabeça baixa e os ombros curvados. O pânico tomou

conta de Lore ao vê-lo ficando cada vez menor e a chuva o engolindo.

Lore deu um passo à frente, mas Athena baixou um braço, bloqueando-a. O som das sirenes de emergência soou na direção deles, crescendo em intensidade e tom à medida que se aproximavam.

"Ele não é necessário", disse a deusa. “Fomos escolhidos para isso, você e eu.”

O corpo de Lore parecia de madeira enquanto subiam as escadas em direção ao silêncio de Morningside Heights. Quando chegaram ao mirante, no entanto, Athena de repente virou-se de volta para o parque, o rosto tenso com a concentração. Ela estudou as luzes vermelhas e azuis dos veículos de emergência quando eles apareceram abaixo, correndo pela rua.

"Precisamos ir", disse Lore.

Atena estendeu a mão para silenciá-la.

Um tremor se moveu pelo chão como uma serpente na areia. A vibração correu pelas pernas de Lore e ao longo de sua coluna, deixando todos os nervos em chamas. Thunder soltou um murmúrio baixo de desagrado.

Só que não era trovão.

Ele invadiu as ruas com o rugido de um monstro, dominando tudo em seu caminho enquanto avançava com uma violência que roubou o fôlego de seus pulmões.

Agua escura. Muito disso - mais do que Lore já tinha visto, correndo, correndo, correndo do rio próximo, rasgando as ruas. As ambulâncias e os carros da polícia ao longo do parque desapareceram sob a onda, rolando como brinquedos, suas luzes apagadas de repente. Os oficiais e socorristas correram, mas não foram rápidos o suficiente para não serem levados.

E ainda assim, a água não estava satisfeita.

Subia mais a cada segundo que passava, engolindo placas, postes de luz e prédios –

afogando a cidade inteira.

Do alto do mirante, Lore assistiu impotente enquanto o esmagamento punitivo da água atravessava as paredes de tijolos e carregava os destroços como prêmios de guerra. Ela ouviu gritos e começou a subir as escadas. Athena segurou seu pulso em um aperto de aço, parando-a.

“Temos que ajudá-los!” Lore disse, tentando se libertar do aperto impossivelmente forte de Athena.

A deusa olhou para as águas subindo, absorvendo a visão e o cheiro dela se agitando e se agitando.

Lore fechou os olhos, mas os sons cataclísmicos da água quebrando as janelas, as buzinas e batidas de carros, as vozes pequenas e distantes implorando por ajuda, perfuraram sua mente até que Lore pensou que ela gritaria, apenas para abafar tudo. .

O rosto de Athena era inescrutável. Não havia nada do horror que Lore sentiu, ou do desamparo. Se alguma coisa, houve reconhecimento. Ela tinha visto inundações maiores e piores – inundações destinadas a varrer os humanos da face da terra. As inundações pretendiam recomeçar a vida na Terra após os fracassos dos homens condenados das Idades de Prata e Bronze.

“Isso não pode ser apenas uma tempestade,” Lore engasgou. “Há muita água, e não está parando – isso não deve ser natural. E as pessoas que vivem nos níveis mais baixos dos prédios e casas da cidade. . .”

Lore não conseguiu terminar o pensamento em voz alta. Nenhum deles teria tido tempo de sair.

Ao longo de Manhattan e dos bairros exteriores, as zonas de evacuação para furacões e outras supertempestades estariam inundando. A elevação natural de Manhattan aumentava quanto mais para o interior você estava, mas as orlas mais baixas — os bairros ao longo dos dois rios — e seus trechos mais ao sul até a Thirty-Fourth Street eram propensos a inundações.

Se fosse tão ruim aqui. . .

Todas essas pessoas, ela pensou, desesperadamente.

O medo a atravessou, ferindo-a até sua alma. Se Van não tivesse levado Miles

para longe o suficiente, para um terreno mais alto. . .

Lore pegou seu telefone, mas não havia serviço. Merda.

"Estes não são os rios", disse Athena, seu rosto sombreado. “É um deus.”

“Tidebringer,” Lore sussurrou.

A deusa assentiu. “Evander dos Aquilides estava enganado. O falso Poseidon vive e é aliado do nosso inimigo.”

Lore deixou o veneno da raiva queimar nela novamente ao ver a água escura derramando pelas ruas. Com a destruição que o Agon trouxe para sua cidade.

"Você tem certeza de que não há chance de o falso Ares ter encontrado a égide?" Atena perguntou novamente. “Como uma das Perseides ela seria capaz de decifrar o poema—”

“Não—quer dizer, eu não sei.” O medo de Lore cresceu com a ideia de que ela não tinha sido tão cuidadosa quanto pensava que tinha. “Pode ser pior do que isso. Mesmo como um deus, ela poderia exercer a égide em nome de Wrath.

E a inundação pode ser apenas a primeira fase do plano de Wrath para vencer o Agon.

Lore se forçou a respirar fundo. “Eu não acho que ele tenha a égide, pelo menos não ainda. Ainda temos tempo para matá-lo e acabar com isso.”

Talvez uma parte dela estivesse começando a acreditar nas Parcas novamente, e que havia um padrão nisso. Um que sempre pediu que ela e a deusa terminassem isso juntas.

Lore voltou para Morningside Heights, seu corpo se esticando com a necessidade de se mover. “Então nós caçamos.”

“Então nós caçamos,” Athena ecoou, e seguiu.

Lore sempre teve um certo conforto no movimento invisível de sua cidade.

Mesmo quando as ruas estavam vazias, exceto por um punhado de táxis

matinais, ela sabia que eles ainda tinham pulso. Que havia água correndo pelos canos abaixo. Que os trens estavam puxando seus vagões vazios de estação em estação. Linhas de energia enterradas cantarolavam uma música que só o cimento podia ouvir.

Agora a quietude da cidade trouxe uma sensação de decadência.

Dos seis andares para cima, Lore tinha uma visão mais clara dos quarteirões inundados da cidade e daqueles nova-iorquinos corajosos o suficiente para tentar atravessar a água até a cintura. Equipes da cidade estavam tentando bombeá-lo para fora das ruas, mas os rios — tanto o Leste quanto o Hudson — continuaram a transbordar. A água estagnada era tão profunda em alguns lugares que o NYPD e a Guarda Costeira estavam usando barcos e helicópteros para resgatar as pessoas que ficaram presas ou para entregar suprimentos.

Lore não podia mais sentir os batimentos cardíacos da cidade.

Ela e Athena haviam coletado fragmentos de rumores em seu lento rastejar pelo centro da cidade, entrelaçando-os para criar uma imagem maior do que a cidade havia se tornado. Uma tempestade histórica. Previsões meteorológicas erradas. Elevação do nível do mar. Uma estranha convergência de eventos. Todo mundo tinha uma teoria diferente.

Equipes de emergência e autoridades da cidade emitiam instruções pelo rádio enquanto as torres de celular estavam desativadas. Os hospitais estavam sendo evacuados primeiro, pois seus geradores de backup falhavam um a um. Seções inteiras do Central Park estavam sendo transformadas em campos de ajuda. Voluntários da Cruz Vermelha, juntamente com a Guarda Nacional, tentaram distribuir suprimentos, mas com o passar das horas, eles foram sobrecarregados pela demanda.

Conveniências e mercearias estavam sendo saqueadas por moradores desesperados da cidade, e não havia nada que alguém pudesse ou faria para detê-los. Os túneis do metrô eram inacessíveis e nenhum trem podia entrar ou sair da cidade. As pontes foram fechadas ao trânsito. Um zumbido constante de helicópteros da polícia e de notícias sobrevoava, lotando os céus.

Os nova-iorquinos eram algumas das melhores pessoas do mundo, mas até Lore reconhecia que eles tinham seus limites. O isolamento foi instantâneo e devastador.

Isto é o que Wrath quer, pensou Lore. Para colocar a cidade no limite, para sobrecarregar seus recursos.

Ela fechou sua mente e coração para as ruas inundadas, a visão dos ferimentos, os soluços. Ela fechou seu coração para qualquer coisa, menos o que precisava ser feito agora.

Ela e Athena passaram a noite inteira procurando os caçadores de Wrath, continuando pela manhã. Por volta das dez horas, Lore avistou uma leoa Kadmides perto do Empire State Building, reconhecendo-a do assalto à Ithaka House. Eles a haviam rastreado no centro da cidade até que ela desapareceu em um pequeno hotel boutique no Upper East Side. Agora eles observavam a entrada do telhado do prédio do outro lado da rua, esperando que ela finalmente ressurgisse.

"Você ama esta cidade", disse Athena. “É o seu orgulho.”

A deusa quase brilhava ao sol do meio-dia. A breve pausa deu a ambos a oportunidade de secar seus sapatos e roupas, embora fosse inútil, já que eles voltariam para as águas da enchente em breve.

Lore levantou um ombro em um encolher de ombros. “Talvez eu tenha que compartilhá-lo com oito milhões de outras pessoas, mas sempre foi meu relacionamento menos complicado.”

"Hum." A presença de Athena era opressiva em mais de um sentido, mas com o passar das últimas horas, algo mudou. Ela estava transbordando de ansiedade, ou talvez apenas a simples ansiedade de saber que era quarta-feira de manhã, e eles tinham menos de meia semana para terminar isso.

“Segure o que você sente por sua casa,” Athena disse a ela. “Ele nunca o abandonará se você o servir bem. Não é tão inconstante quanto os mortais.”

O rosto de Castor surgiu em sua mente. Lore o eliminou antes que pudesse permanecer lá por muito tempo.

“Isso é provavelmente verdade,” Lore disse, finalmente. Ela se inclinou sobre a beirada do telhado, procurando rapidamente na calçada abaixo. “Onde está essa garota?”

Athena bebeu o que restava de sua água, jogando a garrafa fora. Lore sentou-se sobre os calcanhares e, pela primeira vez, começou a duvidar do plano deles. Eles não tiveram tempo de esperar a leoa descansar ou se encontrar com quem estava lá dentro. Eles precisavam de outra pista.

“O que foi que sua irmã disse?” ela perguntou. “Que há um monstro no rio? Um assassino de deuses e mortais?

“Eu não pouparia nenhum grande pensamento às palavras de minha irmã,” Athena disse.

“Ela estava doente e não sabia o que queria.”

Havia algo sobre isso, no entanto, algo que Lore não conseguia identificar.

“Ainda há muito que não sabemos”, disse Athena. “Sinto como se os fragmentos da verdade estivessem espalhados diante de nós. Hermes, o desejo do impostor pela égide, até mesmo o falso Apolo.” Seu olhar se aguçou. "Talvez ele seja de alguma forma um deus verdadeiro - ou ainda outro deus disfarçado - e desejasse entrar na caça para obter alguma informação?"

“Ele é Castor,” Lore disse, mais certa disso agora do que ela estava com ele de pé diante dela. "De alguma maneira . . . ele é Castor. Ele sabia demais do meu passado para ser outra pessoa.”

"Qualquer deus saberia dessas coisas", disse Athena. “Eles se insinuaram em sua vida, sutilmente guiando você em um caminho de sua escolha, tudo com você nem um pouco mais sábio. Como eu disse, nós aparecemos para você como o que você precisa ou deseja.”

“Como Hermes,” Lore disse suavemente. O deus se tornou a única pessoa que Lore teria confiado naquele momento - um amigo compassivo distante do mundo dos Agon. Ele tinha jogado com seu medo e angústia.

“Talvez você esteja certo e seja Castor de Aquilides”, disse Atena. “Apolo se foi. O falso deus possui seu poder, embora o sentimento seja estranho - eu não o entendo. Não tem explicação lógica.”

Lore balançou a cabeça. Os pensamentos giravam dentro dela, todas aquelas incontáveis dúvidas e coincidências tentando se conectar como um relâmpago

chicoteando o céu.

“Há uma lição a ser aprendida até mesmo nisso. Aceite meu conselho sobre este assunto: é aceitável, até mesmo preferível, ficar sozinha”, Atena disse a ela, “quando os que estão ao seu redor a retêm ou a enganam. O excepcional entre os mortais sempre estará sozinho, pois ninguém no mundo foi feito para essa tarefa. Confie nisso e deixe que seja um veneno para o seu medo.”

Um pequeno sorriso curvou no rosto da deusa.

"O que?" perguntou Lore.

“Eu tinha esquecido como era”, disse Athena. “Para assumir o manto de Mentor.”

O coração de Lore deu um chute involuntário em seu peito quando ela percebeu o que isso significava.

“Nenhum disfarce é necessário desta vez,” Lore apontou, inclinando-se sobre a borda do prédio novamente. Uma patrulha da Guarda Nacional ainda se movia lentamente pela rua, ao alcance da vista do prédio. Ela se afastou.

“De fato,” Athena disse, uma nota de diversão na palavra. “É cansativo usar o rosto de outra pessoa, mas os homens muitas vezes só ouvem outros homens.”

Lore ergueu as sobrancelhas, mas não podia discutir com isso. “Você ainda volta para sua cidade? Aquele nomeado para você?”

"Eu volto para todos eles", disse Athena. “E sempre o farei, até que a última voz me chamando seja vencida pelo tempo.”

“E depois?” perguntou Lore.

“Continuarei me esforçando para voltar ao meu pai e à minha casa”, disse Athena. “Isso é tudo que eu desejo agora.”

Qualquer que seja a suavidade que escorregou nas feições da deusa desapareceu em um instante. Lore sentiu um toque de gelo na base de sua espinha com a visão.

“Devo lhe dizer uma coisa, Melora”, disse Athena, as faíscas explodindo em seus olhos cinzas. “E dê um aviso. Estou ficando menos certo de que posso lutar contra o impostor Ares sozinho. Ao contrário do falso Apolo, posso ser morto. Por mais forte que eu seja, nosso inimigo reduzirá essa força. Vou precisar de sua ajuda para vencê-lo. . . . A menos, é claro, que você queira reivindicar o poder dele.

Lore respirou fundo. "Não. Eu não."

Ela nunca quis a sensação de ser caçada, ser presa, nunca mais. O poder de Ares levaria sua mente ao limite.

E torná-lo invencível, sua mente sussurrou.

Não. O poder de Ares era tanto uma maldição quanto uma benção, mesmo que trouxesse inúmeros caçadores kleos como eles o reivindicaram. Lore tinha causado bastante dano e morte em sua curta vida. Mas havia aquela garota dentro dela, ainda faminta. O último de seu nome em todo o mundo. Quem se lembraria dela?

Lore balançou a cabeça, abraçando os braços contra o peito. Ela lutaria para restaurar a honra e a glória de sua família como ela mesma. Ela os vingaria como Melora Perseous.

Vai buscar. O pensamento passou por ela, quente e poderoso. Vá reivindicar sua herança.

Use-o contra ele.

Mesmo com a égide, Lore definharia sob o poder de Wrath. Mas se estivesse nas mãos de alguém mais forte. . . alguém que sabia como manejá-lo e em todo o seu potencial. . .

"Você realmente acha que não pode lidar com ele?" Lore perguntou lentamente. Seria uma coisa aterrorizante de se ver—Athena reunida com a égide, rugindo para a batalha.

“Só as Moirai poderiam dizer com certeza,” Athena disse. “Dói-me admitir essas coisas.

Não me pergunte isso de novo.”

“Mas se houvesse algo que pudesse nivelar o campo de jogo . . . ?” Lore começou, sua voz apertada.

O olhar da deusa deslizou de volta para ela. “Seria muito bem-vindo.”

A estática nos ouvidos de Lore voltou, acelerando seu pulso.

Mas o poema. . . ela pensou.

Seria realmente tão terrível se Athena emergisse como a vencedora, se isso significasse que o Agon finalmente terminaria?

Depois de séculos sendo caçada, Athena só queria deixar este mundo e retornar ao seu próprio reino. Ela mesma dissera, tanto para Artemis quanto agora.

Dar o escudo a Athena não mudaria o passado, mas poderia colocar Lore — e a própria Athena — no caminho da absolvição.

Havia movimento na borda de sua visão. A leoa finalmente saiu do hotel, segurando um envelope pardo. Ela voltou para o norte na Park Avenue, ziguezagueando entre os carros e detritos parcialmente submersos.

Athena acenou para Lore. Eles foram para a escada de incêndio, descendo para a água fria. Eles tiveram que se mover lentamente para evitar alertar a leoa com respingos. A distância entre eles e a garota cresceu, mas tão poucas pessoas estavam do lado de fora, rastreá-la não era difícil.

Quando chegaram à rua 78, a leoa fez uma curva fechada à direita e parou Lore em seu caminho.

Ela tinha esquecido alguma coisa. Anos atrás, ela e Castor fizeram um jogo de encontrar todos os esconderijos das linhagens dentro da cidade. Muitos eram segredos abertos, mas ainda mais existiam em algum lugar entre boatos e fatos. Eles só encontraram este lugar depois de ouvir um dos instrutores falando sobre isso, ele mesmo adivinhando onde poderia ser.

Atena diminuiu a velocidade, olhando para ela. À frente deles estava o East River, e entre ele e eles havia uma série de impressionantes prédios de

apartamentos de marfim pré-guerra.

“Uma das propriedades dos Kadmides,” Lore explicou. "Eu me esqueci completamente disso. Vamos ver se há um lugar onde podemos ter uma boa visão de quem está indo e vindo.”

Aquilo acabou sendo uma janela fechada da Escola Pública 158 do outro lado da rua.

Depois de arrombar uma porta na Avenida York, eles navegaram pelos corredores da escola até encontrarem uma visão desobstruída do prédio dos Kadmides.

Em poucos minutos, três figuras em trajes tradicionais de caçadores pretos caminharam por uma pista pavimentada entre o lado oeste do prédio e o próximo a ele.

O portão estava aberto, mas a leoa esperou que os caçadores a encontrassem na rua.

Um dos recém-chegados abriu o envelope pardo e tirou um molho do que pareciam ser chaves. Ele os distribuiu para os outros, incluindo a leoa.

Ela foi a primeira a sair, voltando por onde tinha vindo. Os outros pararam para tirar suas vestes antes de seguir. Lore esperou até que estivessem bem longe antes de falar.

“Se for algo como Thetis House, a entrada não é a porta da frente. . . .”

Quase assim que as palavras saíram de sua boca, mais caçadores apareceram. Todos eles descendo em direção à rua da mesma pista apertada, pingando molhado. A entrada tinha que ser em algum lugar ao longo daquela estrada estreita, ela percebeu, e tinha que ser no subsolo se eles estivessem encharcados. Um porão talvez?

Eles avistaram uma placa de latão gravada com o número e o nome do prédio. CASA DO

RIO 111.

“Tem um monstro no rio,” Lore disse.

Athena virou-se para ela, as sobrancelhas levantadas em convite.

Lore pegou.

LORE estava lavando o prato do jantar quando sua mãe e seu pai voltaram do Agon um dia cedo demais.

Seu pai deixou cair sua mala de viagem ao lado da porta, seu rosto tenso enquanto absorvia a visão do apartamento mal iluminado. Sua mãe agarrou seu braço e deu-lhe um aperto reconfortante.

Lore não conseguia entender o que ela estava vendo. Seus pais haviam lhe dito que ficariam longe por sete dias, dormindo em um hotel na cidade, para garantir que nenhum dano os seguisse para casa.

Lore tinha tentado o seu melhor para manter o apartamento arrumado e limpo enquanto isso. Ela guardou os pratos, guardou os brinquedos brilhantes de Damara e Pia em suas gavetas designadas e trancou as lâminas de sua avó de volta em seu baú depois de afiá-las. Suas irmãs eram muito jovens para tocá-los, mas ela não era. Lore gostava de correr os dedos sobre os padrões esculpidos no punho, para fechar os olhos e imaginar.

Mais um ciclo, sua mãe lhe dissera. Você só precisa trabalhar duro e ser paciente até lá.

Mais um ciclo, então ela poderia provar a si mesma.

Mais um ciclo, então ela poderia salvar Castor. Ele ainda estava vivo e continuaria lutando, ela sabia disso em sua alma. Se ela ajudasse seu pai a matar um deus, eles teriam dinheiro suficiente para encontrar melhores médicos e remédios para Castor.

Mais um ciclo.

Ela manteve a si mesma e suas irmãs no apartamento durante toda a semana, encontrando jogos e atividades para ocupá-los. Esta noite não deveria ter sido diferente: ela guardaria o prato, jogaria a caixa de pizza congelada no lixo, escovaria os dentes, daria um beijo de boa-noite em Damara no berço e depois

subiria na cama com Pia, enrolando o cobertor que cheirava a o perfume de flor de laranjeira de sua mãe em torno de ambos.

"O que você está fazendo aqui?"

Ambos se viraram ao som da voz de Lore.

“Ah, eu não achei que você ainda estaria acordado,” sua mãe disse, movendo-se em direção a ela.

Lore pulou do banco, afastando-se de seus braços estendidos.

"O que você está fazendo aqui?" Lore perguntou novamente.

Sua mãe e seu pai trocaram um olhar que Lore não entendeu. Seu pai não se barbeava há dias, e seu rosto estava eriçado com uma barba nova. Havia um corte acima do olho esquerdo, e ele parecia estar mancando levemente. Lore examinou sua mãe, apenas encontrando um hematoma em sua bochecha e um pulso enfaixado. Nenhum deles teve uma lesão grave o suficiente para forçá-los a deixar a caçada mais cedo e enfrentar a vergonha dessa escolha. Não que ela pudesse ver.

“Eu estava cuidando bem deles,” Lore insistiu. “Eu estava sendo uma boa garota. Fiz tudo o que você me pediu.”

"Eu sei que você fez", disse sua mãe suavemente.

Então por que?

Seu pai se ajoelhou na frente dela, tentando pegar Lore em seus braços. Ela se afastou até esbarrar no balcão. "Você não vai dar um beijo no seu papai?"

Lore virou a cabeça, seu coração batendo forte, seus pensamentos disparando em um milhão de direções diferentes ao mesmo tempo. “Você não deveria estar em casa. Não acabou."

“É para nós,” seu pai disse gentilmente.

Mais um ciclo.

Ela girou em direção a ele, sua respiração travada. Lore odiava a forma como sua voz tremia. "Até a próxima vez?"

“Até sempre, chrysaphenia mou”, disse sua mãe. “Seu pai e eu chegamos a uma decisão, uma que deveríamos ter feito anos atrás. Não caçaremos mais.”

Lore balançou a cabeça, cobrindo os ouvidos para tentar bloquear as palavras. A mãe trocou outro olhar com o pai, que se levantou.

“Esperamos o máximo que pudemos”, disse seu pai. “A situação se tornou grave e precisamos usar a distração do Agon para deixar a cidade. Hoje à noite, vamos empacotar o que precisamos e, amanhã, começar uma nova vida em outro lugar.”

Não fazia sentido. O que poderia ter mudado?

“Você tem medo de Aristos Kadmou? Você me disse que as Perseides não têm medo de nada”, disse Lore. “Você me disse que a Casa de Perseu era a mais nobre de todas. Você disse . . . Você disse . . .”

Todas as outras linhagens cuspiam neles, rindo cada vez que seu pai pedia para se aliar.

Sua linhagem havia perdido sua herança; eles lutaram com armas defeituosas que outras linhas haviam descartado. Mas Lore nunca pensou que eles perderiam seu orgulho. A honra era a coisa mais importante – e a única coisa – que restava para eles.

Mais importante do que a própria respiração em seus pulmões, seu instrutor disse. Você não pode sobreviver sem ele, e você não gostaria.

“Eu sei o que te disse, Melora,” seu pai disse. “Mas isso não pode continuar. Não podemos suportar este mundo. Aristos Kadmou reivindicou o poder de Ares. Você entende o que aquilo significa?" Lore se ressentiu de sua pausa cuidadosa, a suposição de que ela não poderia lidar com a verdade.

Ela ignorou o pico de medo ao pensar em um homem como Aristos com imortalidade —

com poder que ele não merecia. Ela entendia o que isso significava.

Ela entendia que, em sete anos, ela o cortaria até que seu sangue mortal chovesse, e então ela o levaria até seu pai para matá-lo.

“Estamos fazendo isso por você e suas irmãs,” ele continuou. “Estamos deixando Agon e esta cidade, e vamos até onde os ventos nos levarem.”

Eu nunca vou caçar.

As palavras trouxeram uma sensação fria e terrível na boca do estômago de Lore. Ela nunca seria mais do que era agora: uma garota parada no limiar de um mundo secreto, sem uma chave para destrancar o caminho.

"Não", disse Lore. As facas de sua avó estavam esperando por ela, uma promessa ainda a ser cumprida. “Vocês são covardes. Vocês são covardes, e se não lutarem, eu lutarei!”

Sua mãe desviou o olhar, levando a mão à boca com óbvia aflição.

“Você não vai falar conosco dessa maneira, Melora,” seu pai disse. A raiva em suas palavras a fez se sentir mais doente.

"Eu te odeio", ela sussurrou entre os dentes cerrados.

“Lore,” sua mãe disse. "Por favor."

“Eu te odeio,” Lore repetiu. "E eu vou te odiar para sempre!"

"Muito bem." Seu pai olhou para ela, seu rosto sombreado. "Pelo menos você estará vivo para fazê-lo."

Ela passou por ele, invadindo o apartamento e entrando no quarto que dividia com suas irmãs. Seu corpo tremeu enquanto ela estava no escuro, lágrimas escorrendo pelo rosto.

As tábuas do assoalho rangeram do outro lado da porta. Ela ouviu a suave troca de vozes

de seus pais.

Sem querer falar com eles, sem querer olhar para eles, deitou-se na cama ao lado

de Olympia e puxou o cobertor sobre a cabeça.

"Deixe-a, Helena", disse seu pai. “Ela tem meu temperamento, e nós dois sabemos que só o tempo pode resolver isso.”

“Ela precisa entender,” sua mãe sussurrou de volta.

“Não quero que as meninas vivam com medo”, disse o pai. "Eu não vou deixá-los assombrá-los."

A mãe insistiu. “Ela precisa saber que ele ascendeu. Deveríamos ter saído antes do início da semana.

"Tínhamos que pelo menos tentar", disse seu pai. “Se um de nós pudesse subir, poderíamos tê-lo protegido.”

“Ela precisa saber das consequências”, disse sua mãe. “Que não podemos nos esconder dele. Que ele não virá apenas por ela, mas por todos nós. . . e para isso.”

Seus passos recuaram, levando suas vozes com eles. Lore cerrou os punhos, apertando os olhos. Seu corpo tremia de raiva, e ela pensou que iria explodir se não gritasse.

Olympia virou-se e enrolou-se ao lado dela como um cachorrinho sonolento, batendo a cabeça de cachos escuros no peito de Lore.

As lágrimas vieram, quentes e pungentes. Eles fluíam como um rio sem começo nem fim, escorrendo por suas bochechas, no travesseiro, no colchão.

Seus pais estavam tirando tudo dela, tudo porque estavam com medo.

Lore não tinha medo de nada — nem dos deuses, nem da morte, nem de Aristos Kadmou e suas cobras.

- Não brigue, Lolo - sussurrou Olympia, agarrando-se à frente da camisola de Lore. “Não lute. Vá dormir."

Mas lutar era tudo o que ela podia fazer.

Seus pais foram humilhados e desprezados por anos; eles lutaram por tanto tempo apenas para trazer comida para a mesa. Ela tinha sido ridicularizada e ridicularizada todos os dias na Thetis House até que eles finalmente encontraram uma razão para mandá-la embora. Mas Lore praticou suas habilidades por horas a fio enquanto seus pais estavam no trabalho, porque ela sabia o que seus pais haviam esquecido.

Eles foram feitos para esta vida.

Eles foram feitos para atingir kleos e viver para sempre.

Elas não seriam as últimas Perseides, e ela não deixaria Castor morrer.

Seus pais só precisavam se lembrar. Eles precisavam de uma nova razão para acreditar no Agon e em seu próprio poder. Eles precisavam do que era deles por direito.

Lore forçou os ouvidos, ouvindo o som de seus pais e não ouvindo nada além da respiração suave do aparelho de ar condicionado na cozinha. Ela escapou das garras de Olympia e trocou de pijama. Seu coração pulou na garganta enquanto ela amarrava os tênis e se levantava, dando um beijo na testa da irmã. Ela se moveu em direção a Damara, inclinando-se sobre o berço para lhe dar um também.

Seu pai não tinha permissão para colocar tijolos nas janelas de seu apartamento alugado, mas ele as havia reforçado com fechaduras extras e um sistema de alarme. Lore havia descoberto meses atrás que esse alarme funcionava como o da Thetis House. Tudo o que ela precisava fazer era colocar um ímã da geladeira no sensor, e ele não disparava.

Ela manteve um no fundo de sua gaveta desde então.

Lore deslizou pela abertura da janela, olhando para o pequeno pátio que corria ao lado de seu prédio. Eles estavam no sexto andar, mas o padrão de tijolos lhe daria uma boa aderência para descer sem usar a escada de incêndio. Ela estaria de volta antes que seus pais acordassem.

O pensamento de seus rostos então, quando viram o que ela tinha feito, a fez sorrir, e seu coração deu outro salto excitado.

"Lo?" Olympia esfregou os olhos, mas a sua voz parecia demasiado sonolenta para estar totalmente acordada.

“Você está sonhando,” Lore sussurrou. “Volte a dormir, Pia.”

Logo, ela o fez, abraçando o travesseiro com força. Lore fechou lentamente a janela, mas a deixou aberta, apenas uma fresta, para quando ela voltasse.

Então ela desceu, deixando cair os últimos metros até o chão, e correu para as ruas escuras.

NÃO HAVIA NADA na alameda ao lado de River House.

Nem uma lixeira, nem um carro, nem mesmo uma porta que dava para o prédio ou um porão. A entrada cortava um caminho reto para a Seventy-Ninth Street, bloqueada apenas por portões em cada extremidade.

"Huh." Lore manteve-se de costas para a parede do prédio, tentando se dar uma visão ampla o suficiente da pista para ver o que estava faltando.

Atena estava a alguns metros de distância, seu olhar varrendo a água suja e o solo abaixo.

"Talvez devêssemos ir", disse Lore. “Alguém poderia voltar—”

A deusa parou e bateu o pé, mudou um pouco, e então fez de novo.

Lore empurrou a parede. "O que você está fazendo?"

"Venha", disse a deusa, ajoelhando-se na água. Um momento depois, ela abriu uma escotilha – uma coberta com uma fina camada de cimento para ajudar a disfarçar.

“Nada mal,” Lore disse a ela, lutando contra a água que passava por ela e descia pela porta. Ela se inclinou para frente, observando o túnel abaixo.

"Rápido", Athena pediu.

Lore assentiu. Enquanto descia a escada de metal escorregadia, ela olhou para a forma como o espaço estava se enchendo rapidamente com mais água. No

momento em que Athena se juntou a ela e fechou a escotilha, estava na altura dos joelhos de Lore, mas estava se movendo, fluindo para longe deles, descendo o comprimento do túnel.

Lore ligou o aplicativo de lanterna de seu telefone. O caminho era toscamente construído, mas mais largo do que Lore havia imaginado originalmente.

O túnel se estendia sem parar, serpenteando para a direita, depois para a esquerda, aparentemente sem razão, até que, finalmente, se dividiu. Ela parou na encruzilhada, iluminando um túnel e depois o outro com a luz do telefone.

“Qual caminho?” Atena perguntou baixinho.

Lore estava prestes a falar quando ela o ouviu – um distinto thud-thud, thud-thud, thud-thud. Quase como . . .

Um batimento cardíaco.

Sua mão apertou a faca. Ela virou à direita, traçando o som através de mais curvas e aberturas.

Até onde isso vai? ela imaginou. Todo o caminho para o East River?

O caminho deles foi cortado por outro, este perpendicular ao que eles estavam. O baque-tum continuou, mais alto e mais insistente. Eles estavam perto.

Lore desligou a lanterna do telefone. Ela virou a lente da câmera e, agachando-se na beira de onde os caminhos se encontravam, inclinou o telefone apenas o suficiente para capturar a imagem do caçador ali.

O homem parecia familiar para ela, mas não familiar o suficiente para um nome. Tud-tum.

Ele quicou uma pequena bola de borracha contra o chão, depois contra uma das duas portas de metal na parede oposta de onde ele estava sentado em seu banquinho. Uma lanterna estilo lanterna brilhava a seus pés.

Lore deixou sua cabeça cair para trás contra a parede, revirando os olhos para si mesma.

Nem um batimento cardíaco. Não um monstro.

Athena estava de pé sobre ela, os olhos semicerrados na tela. Lore o desligou, guardando o telefone de volta no bolso. Pressionando um dedo em seus lábios, ela fez sinal para a deusa esperar, então saiu.

"Com licença," Lore disse em voz alta. “Você poderia me dizer como chegar à Estátua da Liberdade?”

O homem se assustou, pondo-se de pé com uma inspiração aguda. Lore começou a atirar a faca em direção ao coração dele, mas o rosto de Castor brilhou em sua mente. No último segundo, sua mão se moveu e ela bateu no ombro dele.

“Você...” o caçador uivou.

Lore mergulhou no banco e o esmagou na cabeça dele. O caçador caiu de cara na água acumulada no chão, forçando-a a derrubá-lo de costas para que ele não se afogasse.

Seu coração ainda estava batendo forte quando Athena passou por cima do caçador, puxando a lâmina de Lore de seu ombro e passando-a de volta para ela. Lore tinha uma lembrança fugaz do que sua mãe costumava dizer a ela e suas irmãs, a velha superstição de que uma faca passada entre as pessoas provocaria conflito entre elas.

“Mate-o,” Athena disse a ela. “Ele será um problema.”

Lore franziu a testa. O homem estava inconsciente. "A contagem de corpos de ontem não foi alta o suficiente para você?"

“Eu não mantenho registro de tais coisas.” A deusa virou-se subitamente nos calcanhares, avistando a dóri do caçador encostada na parede próxima. Ela fez um pequeno ruído de prazer enquanto o levantava, testando seu peso e equilíbrio.

Lore voltou seu foco para a primeira das duas portas de metal na frente deles, pressionando o ouvido na superfície fria. Athena a guiou de volta para fora do caminho, então apertou a mão contra o pesado cadeado. Ele se partiu em dois, caindo pesadamente a seus pés.

A porta gemeu quando ela a abriu.

A câmara era maior do que parecia do lado de fora. Suportes de metal, quase como pés, foram deixados para trás junto com algumas ferramentas espalhadas.

Lore recuperou a lanterna. "Esquisito. Por que deixar um guarda aqui embaixo se não há nada para guardar?”

A cabeça de Athena se inclinou para trás em direção à porta, captando o som antes que Lore o fizesse.

"Olá?" uma voz chamou fracamente. "Tem alguém aí?"

O pulso de Lore disparou com adrenalina repentina. "Quem está aí?"

Atena passou por cima do guarda e se aproximou de outra porta na parede oposta, uma que Lore não havia notado, na qual o caçador estava encostado. Ela seguiu logo atrás da

deusa, levantando sua faca e abaixando em uma posição defensiva atrás dela. Atena quebrou a fechadura, abrindo a pesada porta.

Uma mulher se encolheu no fundo de sua cela. Ela estava manchada de sujeira, sua pele escura brilhando com ela quando Lore levantou a lanterna em descrença.

Esforçando-se para ficar de pé, a mulher protegeu os olhos brilhantes enquanto subia à sua altura imponente.

Este também era um rosto que Lore reconheceu. Desta vez, porém, ela sabia o nome.

Tidebringer.

"O que você está fazendo aqui?"

A voz de Tidebringer estava rouca, mas os tons melódicos ainda estavam lá, cada palavra subindo e descendo como a pulsação interminável do mar. As brasas de poder em seus olhos escuros piscaram enquanto seu olhar se movia de Lore para Athena. A confusão franziu o rosto do novo deus. Lore se perguntou se

Tidebringer estava com medo de que ela estivesse alucinando.

"Estavam . . .” A voz de Lore sumiu enquanto ela olhava de volta.

Enquanto Lore foi o último dos descendentes mortais de Perseu, o novo deus já foi Rhea Perseous, a ruína de sua linhagem. A mente de Lore levou um momento para realmente entender que Tidebringer era real, que ela estava bem na frente dela – um ser vivo, que respirava, não apenas o conto de advertência que Lore e os outros caçadores a reduziram.

"Esta é Melora Perseous", disse Atena. “E eu sou—”

“Eu sei quem você é,” Tidebringer estalou. As correntes presas em seus tornozelos arrastaram contra o chão úmido quando ela deu um passo instável para frente. Ela olhou além da deusa para Lore, como se dissesse, eu também conheço você.

Lore se moveu para examinar as restrições do novo deus. Atena bloqueou seu caminho.

"Diga-me", disse Atena. "Por que você concordou em servir o falso Ares?"

“Assim como o mar não tem mestre,” Tidebringer rosnou de volta, “eu sirvo apenas a mim mesmo.”

“Então por que você trouxe o dilúvio?” Lore exigiu.

O novo deus considerou o pensamento com total desdém. “As Perseides eram fracas e tolas, sem vontade de aceitar mudanças. Aquilo que se recusa a crescer destrói a si mesmo.”

"Eu pedi a você respostas, não um solilóquio", disse Lore.

Tidebringer recostou-se na parede, bufando. “Se você quer a história, terá que me trazer as chaves do guarda.”

Lore ignorou o olhar de advertência que Atena enviou e foi fazer exatamente isso.

Quando ela voltou para o pequeno e escuro inferno da prisão, o cheiro de dejetos

humanos que emanava de um balde próximo quase a dominou.

O corpo do novo deus tremeu, e ela nem uma vez, nem mesmo quando Lore se aproximou, tirou o olhar de Atena. Lore começou a se ajoelhar na frente dela para soltar as amarras, mas rapidamente pensou duas vezes.

Mesmo acorrentada, Tidebringer ainda era perigosa – ela poderia quebrar o pescoço de Lore antes de registrar a pressão dos dedos da mulher em sua pele.

Ela passou as chaves para o novo deus. “Eu vou te dar o prazer.”

Tidebringer assentiu. “Eu aceito com prazer.”

“O resto da sua história?” Atena instigou, impaciente.

Tidebringer deslizou de volta pela parede, gesticulando para Lore trazer a lanterna para mais perto, para que ela pudesse ver melhor. A pele morena do novo deus havia encolhido até seus músculos, e havia cavidades distintas sob suas maçãs do rosto salientes. A julgar por sua aparência, Lore não podia começar a adivinhar a última vez que Tidebringer teve qualquer tipo de comida ou água.

“Os Kadmides me cercaram no Despertar. Fui trazido aqui e me foi dada uma escolha simples – morrer, ou servir com meu poder quando Wrath exigia. Achei melhor viver, descobrir quais eram seus planos e me vingar no próximo ciclo.”

"E você foi tolo o suficiente para acreditar que ele vai permitir que você viva?" disse Atena.

“Ele não se vê precisando ser o último deus”, disse Tidebringer. “Apenas aquele que trará o fim do Agon. Ele acredita que inaugurará uma nova era quando sua divindade for permanente e ele tiver acesso a todo o seu poder.”

Lore esfregou os braços, tentando dissipar um pouco do frio rastejando ao longo deles.

Ficar entre os olhares ardentes dos dois deuses parecia estar preso no caminho de duas estrelas prestes a colidir.

"Ele pretende derrubar meu pai?" Atena perguntou.

“Ele acha que seu pai se retirou completamente para o reino do divino e deixou este mundo para ser reivindicado pelo vencedor do Agon,” disse Tidebringer.

“Absurdo,” Athena disse bruscamente. “Meu pai não controla o mundo inteiro. Há muitas terras e muitos deuses.”

“Bem, quantos ainda reinam agora?” Tidebringer pergunta. “Wrath parece estar trabalhando com a impressão de que ele esmagará todos os seus rivais e seus

adoradores através da guerra.”

Atena recuou ao ouvir isso, recuando como uma cobra pronta para atacar. Em vez de deixá-la, Lore continuou.

"Isso é apenas se ele conseguir a égide", disse Lore. “E ele não vai. Você sabe alguma coisa sobre a inscrição nele? Como ler?”

Tidebringer olhou para ela, e o horror lento e crescente em seu rosto, claro como qualquer coisa, desencadeou um ruído estridente nos ouvidos de Lore.

"Oh deuses", disse Tidebringer. “Você acha que ele ainda precisa encontrar o poema. Que ele não sabe ler.”

A sensação deixou as mãos de Lore. Seu corpo.

“Eles tiveram o escudo por anos – você realmente acreditava que eles não vasculhavam cada centímetro dele? A inscrição está no interior do forro de couro do interior. Tudo o que eles precisavam fazer era removê-lo.” Tidebringer balançou a cabeça, soltando um ruído de frustração. “Você já está muito atrasado. Ele não passou esta semana procurando pelo escudo – ele está colocando seu plano em ação. Ele está a dias—horas

—de vencer a caçada.

“Eu só...” Lore repetiu tudo em sua mente, tudo que Iro havia dito a ela, sua conversa com Belen, a mensagem na parede. O vômito subiu em sua garganta, deixando um gosto amargo na boca. Ela engoliu isso, e seu medo. “Não, não é tarde demais. Ele ainda precisa da égide, caso contrário não estaria procurando por mim.”

“Rezo para que você esteja certo”, disse Tidebringer. “Ele precisa de você. Eu não posso empunhar a égide ou entregá-la a ele, mesmo se eu quisesse. Isso só pode ser feito pelo último da linhagem mortal.”

"E você não sabe para que ele precisa?" perguntou Lore. “Ele não deu nenhum tipo de indicação?”

A nova deusa balançou a cabeça. “Quando ele me encontrou, ele já estava em seus planos. Ele está cem passos à frente agora.

“Nós ainda podemos detê-lo,” Lore insistiu. “Nós podemos matá-lo.”

"Não será suficiente", disse Tidebringer, arrancando uma de suas algemas. “Seus seguidores apenas continuarão o trabalho que estavam fazendo aqui.”

"Trabalhos?" Atena questionou. “De que tipo?”

“Eu não posso ter certeza – era químico, baseado no que eu podia cheirar e ouvir.

Explosivos de algum tipo, eu acho,” Tidebringer disse, tirando sua outra algema. Seus olhos se moveram rapidamente para Athena, então de volta para Lore. “Seja o que for, matou alguns deles enquanto trabalhavam. Algumas horas atrás, antes da enchente, eles fizeram seu trabalho pelo túnel.”

As narinas de Atena se dilataram. “Essa informação é inútil...”

Houve uma inspiração de pânico fora da cela, seguida por passos rápidos espirrando através da água que cobria o chão.

O guarda.

Merda, pensou Lore.

Ela foi em direção à porta, mas Athena já estava lá.

"Não", disse a deusa. "Eu vou cuidar do problema que você falhou."

Ela decolou, não precisando correr. Seria uma busca lenta e confiante.

Uma mão agarrou o pulso de Lore e a puxou para trás. A dor subiu por seu braço

e seu pulso dobrou quando atingiu o chão.

Tidebringer avançou para bloquear a porta. Lore ficou de pé, os pulmões se apertando enquanto ela pegava sua faca.

"Sua garota estúpida!" Tidebringer sibilou para ela. “O que você está fazendo com ela?”

“Eu—Nós temos um acordo,” Lore disse a ela hesitantemente.

“O que ela poderia oferecer a você que poderia ser maior do que ela tomou?” Tidebringer balançou a cabeça. “Vá agora, antes que ela volte!”

"Do que você está falando?" Lore exigiu. Aquele pavor frio, aquele que parecia ter despertado nela na primeira vez que ela pôs os olhos na deusa moribunda fora de sua casa, deslizou por seu sangue, sussurrando, você sabe.

“Depois que soube o que aconteceu, procurei por você em todo o mundo, mas você havia desaparecido – nunca consegui encontrá-lo”, disse Tidebringer.

“Eu estava com as Odisséias em sua propriedade protegida, e então Hermes me deu um amuleto”, disse Lore. “Escondia minha presença dos deuses...”

Tidebringer praguejou cruelmente. "Ele nunca deveria ter tentado protegê-lo sozinho, o tolo!"

"É por isso que você estava procurando por mim?" Lore perguntou, tentando entender.

Tidebringer tinha sido um deus por tanto tempo que Lore ficou chocada por ela se importar em lembrar de sua mortalidade, muito menos o último remanescente de sua família condenada.

“Não, criança, para avisá-lo – eu teria vindo até você dias atrás se não tivesse sido levado no Despertar,” disse Tidebringer. “Só concordei com os termos de Wrath porque pensei que me manteria vivo o suficiente para escapar e encontrar você. Para lhe dizer que Hermes o viu naquela noite, e que ele contou a ela. Ele disse a ela, sabendo o quanto ela queria de volta, como ela achava que precisava... —

O quê? Lore perguntou rolando em seus pés. “O que ele disse a ela?”

Você sabe.

Os olhos de Tidebringer se arregalaram quando ela soltou um suspiro grosso e úmido. O

sangue escorria de sua boca quando a ponta de metal irregular de um dory perfurou seu peito. Ela lutou, seu corpo chicoteando para frente e para trás no batente da porta como um peixe preso em um anzol. Quando seu olhar se fixou em Lore, as faíscas de poder se desvaneceram.

"Tudo", disse Athena, puxando sua arma. O corpo sem vida de Tidebringer desabou no chão. “Ele me contou tudo.”

FOI MAIS FÁCIL DO QUE ela jamais imaginara.

Lore tinha odiado os Kadmides por muitas coisas ao longo de seus dez anos de existência, mas naquele momento, parada no pátio apertado atrás do fenício, ela os odiava mais por agirem como se não tivessem que tentar. Que ninguém ousaria pegar o que eles mesmos haviam roubado.

Havia um espaço estreito e cercado entre o restaurante e o prédio ao lado. Eles cometeram o erro de deixar o portão destrancado para trazer seus sacos de lixo até o nível da rua para serem recolhidos pela manhã. Lore entrou e se agachou atrás das fileiras de latas de lixo, observando os caçadores irem e virem como abelhas para sua colméia.

Entre suas viagens, a porta dos fundos do restaurante sempre se fechava firmemente atrás deles. Todos eles digitaram o mesmo código em seu teclado.

3-9-6-9-3-1-5-8-2.

Ela repetiu a série em sua cabeça de novo e de novo. Ela não iria esquecê-lo.

A lua estava se aproximando de seu pináculo no céu quando ela sentiu um formigamento na nuca.

Lore se virou, procurando no pátio e nas janelas próximas por outra sombra. A única câmera que ela podia ver era a colocada acima da porta, e isso era fácil de

evitar. Ela e Castor — bem, na verdade só ela, mas Castor vigiava — tinham praticado ficar fora do campo das câmeras de segurança para entrar nos aposentos de Philip Achilleos na Thetis House. Ela não tinha sido pega então, e ela não seria agora.

Ela seria como os heróis das histórias. Ela não falharia.

“Apenas faça isso,” Lore disse a si mesma, puxando o capuz de seu suéter sobre as orelhas e enfiando seu cabelo selvagem dentro. Quando nenhuma pessoa nova entrou ou saiu por mais dez minutos, Lore se aproximou da porta, mantendo as costas contra a parede para evitar o olho da câmera. Ela digitou o código e, com uma respiração profunda, deixou-se passar pela visão da câmera para entrar.

A cozinha ainda estava cheia de vapor da lavagem da louça e cheirava a cebola úmida.

Um jovem ficava de costas para ela nas pias, cantando baixinho junto com o rádio. Lore se moveu lentamente ao redor das bordas escuras da sala, seus passos leves e sua respiração mais leve.

Um estrondo de vozes soou nas proximidades. Lore deslizou para baixo de uma das mesas de trabalho de aço inoxidável e recuou para suas sombras profundas. Ela pressionou um punho na boca e esperou.

Vários caçadores entraram na cozinha silenciosa com uma gargalhada. Eles tiraram suas máscaras, mas todos ainda estavam armados a um centímetro de suas vidas. Um acenou para o menino na pia enquanto eles se dirigiam para o grande freezer.

“Como foi?” o menino perguntou ansiosamente, arrastando-se atrás deles, os olhos arregalados.

“Decepcionantemente quieto para a última noite de um Agon,” disse um dos caçadores.

“Embora eu não saiba se nosso novo senhor divino teria apreciado uma divindade rival na família.”

O lábio superior de Lore se curvou com o pensamento daquele velho nojento como um deus.

Outro caçador o silenciou, mas o som terminou em uma risada bêbada.

"O que?" disse o primeiro. “Ele conseguiu o que sempre quis, mas ainda não tem ouvidos em todos os lugares. Pelo menos ainda não. Mal posso esperar para ver quais são seus comandos.”

Lore se inclinou para frente novamente, apertando os olhos para ver que código eles digitaram no bloco de segurança à direita do freezer. 1-4-6-9-0. Ela sorriu quando eles desapareceram e ressurgiram alguns minutos depois sem armas ou mantos.

Isso respondeu sua maior pergunta. Enquanto provocava seu pai, Aristos Kadmou havia revelado que eles mantinham a égide em algum lugar embaixo do restaurante. E aqui ela pensou que seria um desafio descobrir onde acessar seu cofre.

“Vamos, Chares. Vou levá-lo para casa com sua mãe,” o primeiro caçador disse ao menino enquanto os outros se arrastavam para a entrada lateral. Ao passarem pela mesa de Lore, ela se encolheu e prendeu a respiração.

“Mas os pratos...” ele começou, sua voz falhando.

"Haverá tempo para terminar de manhã antes do ritual", disse o homem gesticulando para eles. “O restaurante estará fechado para nossas comemorações.”

O menino assentiu, desamarrando o avental e pendurando-o ansiosamente em um gancho de parede. As mãos de Lore se curvaram contra o piso frio de ladrilhos enquanto ela contava seus passos em direção à porta. Ela esperou pelo clique revelador quando ela fechou e trancou, e então contou até cem antes de deslizar para fora de debaixo da mesa.

Lore se sentiu leve e tonta quando abriu a porta do freezer e entrou em seus braços gelados.

Pensando duas vezes, ela segurou a porta antes que ela se fechasse atrás dela e usou um corte pesado de carne congelada para abri-la, deixando entrar mais calor e luz.

As superfícies do freezer estavam cobertas por uma fina camada de gelo,

incluindo o chão. A área ao redor do tapete de borracha no centro havia sido recentemente perturbada; Lore levantou o tapete com o pé antes de chutá-lo até o fim.

Seu lábio se curvou com a visão do alçapão, desprotegido por uma fechadura – sua família não cometeria o mesmo erro.

Lore abriu a escotilha e desceu os degraus abaixo dela. Luzes piscaram ao redor dela quando sentiram seu movimento, revelando prateleira após prateleira de armas, dinheiro e tecnologia. Seus olhos se arregalaram com a visão de tudo, mesmo antes de ver os tesouros no centro da sala. Um, pendurado sobre um manequim, era o que devia ser a pele do leão da Nemeia. A Casa de Héracles o havia trocado voluntariamente com os Kadmides séculos atrás em troca de armas desesperadamente necessárias. E logo além disso, em uma caixa de vidro, estava a égide.

Os pensamentos fugiram de sua mente, substituídos por um calafrio involuntário que percorreu seu couro cabeludo.

Mesmo fundido em prata e ouro, o rosto de Medusa ainda era tão realista que os pés de Lore se enraizaram no chão. Ela se encolheu quando os lábios da górgona pareceram se separar para respirar, mas era apenas seu próprio reflexo se movendo no vidro.

O rosto de Medusa e o nó selvagem de cobras em seu cabelo se projetavam ligeiramente do escudo, como se os deuses tivessem derretido sua cabeça decepada no couro e no metal endurecidos. Um delicado padrão de filigrana de relâmpagos e vinhas emoldurava seu rosto. As borlas de ouro que pendiam ainda estavam no lugar depois de milhares de anos, tão brilhantes e reluzentes quanto no dia em que foram feitas.

Eu vejo você, a górgona parecia dizer. Eu vejo você, Melora.

Lore respirou fundo, tentando sacudir os nervos que disparavam através dela.

“Pare com isso,” ela ordenou a si mesma. Tinha que haver câmeras escondidas ao redor da sala. Alguém viria para detê-la. “Vá em frente.”

Não havia trava para abrir a caixa de vidro, e era grande demais para Lore levantar sozinha. Ela tinha uma opção para libertar a égide, e essa era muito,

muito ruim.

Lore circulou o caso. A julgar pela espessura do vidro, era reforçado, provavelmente à prova de balas. Ela olhou para o alçapão.

Haveria um alarme. Ela teria apenas alguns segundos. . . .

Lore recuou, recuperando a espada de aparência mais pesada que conseguiu encontrar na prateleira próxima, e subiu as escadas para o freezer. Ela colocou a lâmina na abertura do alçapão. Apenas no caso de.

Então, sem arriscar mais um minuto para se questionar, Lore retornou à égide. Com um sorriso, ela usou toda a força de seu corpo para empurrar o estojo e seu pedestal.

Uma sirene gritou enquanto a sala piscava em vermelho ao redor dela. Houve um estrondo alto que fez Lore quase pular para fora de sua pele. Ela se virou. O alçapão se fechou quando o alarme foi acionado, mas a espada permaneceu no lugar e a manteve aberta.

Como ela esperava, a caixa de vidro ao redor da égide não se quebrou quando atingiu o chão. Ela pegou um dóri próximo e enfiou sua cabeça para baixo onde o vidro havia sido selado na superfície plana do pedestal de mármore. Seus braços se esticaram enquanto ela cortava o selante até que, finalmente, a caixa e o pedestal se separaram o suficiente para ela retirar o escudo.

Era quase tão grande quanto ela, mas apesar de seu tamanho, o escudo parecia mais leve do que o braço que ela prendeu em suas tiras de couro. Com o coração batendo na garganta, Lore se virou e fugiu pelas escadas. O alçapão a empurrou, ainda lutando para fechar, mas ela apoiou o escudo contra ele e empurrou para cima.

Uma explosão de pressão e luz explodiu do escudo, abrindo a porta. Ele se chocou contra o chão do freezer com tanta força que se soltou das dobradiças motorizadas e deslizou para debaixo de uma prateleira próxima. Lore olhou para ele por um momento, então para a égide. O baque surdo da porta do freezer abrindo e fechando contra o flanco de carne a trouxe de volta ao momento e a fez correr novamente.

Lore atravessou a abertura para a cozinha escura. A porta para o lado de fora

havia trancado quando o alarme foi acionado, mas Lore, desenvolvendo rapidamente uma teoria, esmagou a égide contra ela. A porta de metal caiu no asfalto irregular do pátio.

Lore correu até o mundo se confundir ao seu redor. O escudo bateu contra seu lado e abaixo de seu queixo, mas ela sentiu como se estivesse usando sandálias aladas enquanto fugia para o lado leste de Manhattan, tecendo dentro e fora de sua grade de ruas vazias.

Cada parte dela, de seus ossos até sua alma, estava cheia de alegria e orgulho. A égide estava de volta onde pertencia e os Kadmides nunca esqueceriam esta noite ou seu nome. Sua família não estaria deixando Agon, ou a cidade, e Lore não estaria deixando Castor.

No momento em que ela chegou ao Central Park, no entanto, aquela mesma vertigem efervescente em seu sangue começou a parar, e depois esfriar. Ela começou a se virar para o lado oeste, em direção a casa, mas seus pés se recusavam a se mover.

A percepção se instalou na forma como o olhar de Medusa uma vez transformou os homens em pedra.

Os Kadmides não esqueceriam o nome dela, porque saberiam exatamente quem havia levado seu precioso tesouro. Ela não tinha sido cuidadosa ao checar câmeras no cofre.

Qualquer número deles poderia ter capturado seu rosto.

Lore caiu contra um banco próximo, seus pensamentos girando em padrões sombrios e

aterrorizantes em sua mente.

Se os Kadmides a tivessem capturado na câmera, eles saberiam onde procurar o escudo.

Quem culpar e quem punir. E agora, com seu arconte um deus, ninguém e nada ficaria em seu caminho.

Lore soltou um soluço sufocado, seu coração batendo contra suas costelas até

que ela pensou que poderia vomitar. Havia tantos Kadmides e tão poucas Perseides.

Pela primeira vez, a coragem a abandonou. Seu corpo trêmulo assumiu, pulando a parede de pedra para se retirar para a segurança familiar do parque. Ela precisava encontrar um lugar para se esconder.

Ela precisava fazer mais do que isso.

Eu tenho que voltar atrás, ela pensou, engasgando com a percepção. Eles não vão nos punir se eu pegar de volta.

Mas a égide não pertencia aos Kadmides — não era deles, e agora que eles tinham um novo deus, agora que Aristos Kadmou havia trocado sua pele mortal, ele poderia usá-la.

Seu pai lhe disse que isso não era verdade, mas seu pai estava errado antes.

Lore se agachou atrás de um banco perto do Mall, seu corpo febril de medo. Ela esfregou o suor do rosto com as mãos sujas.

E o tempo todo, Medusa a observava. Eu te vejo. Eu sei o que você fez.

Não. Ela ainda poderia consertar isso.

Lore ficou lá, seu corpo curvado e seu rosto pressionado contra os joelhos, até que, finalmente, ela decidiu o que fazer.

O PEITO DE LORE QUEIMOU COM um grito que não vinha. Ela estava ofegante por isso, arrancando-o da parte mais profunda de sua alma, mas apenas um grito baixo escapou de seus lábios.

Seu corpo já não parecia ser completamente seu. Lore tropeçou na parede, desorientado.

"Você . . .” Ela tentou tirar as palavras. "Você . . . você sabia . . .”

"Você vê isto agora?" Athena perguntou, falando na língua antiga. Qualquer calor, qualquer sinal de humanidade se apagou como uma chama apagada. “A mão firme guiando o tear?”

O corpo de Lore tremeu com força suficiente para que fosse uma luta manter seu aperto no punho de sua lâmina. Sua visão fervilhava de preto. Se Hermes tivesse dito a Atena que Lore tomou a égide. . . se Athena soubesse onde encontrar sua família e viesse procurá-la naquele dia. . .

O veneno da verdade se moveu através dela, transformando suas entranhas em cinzas.

Como se conhecesse seus pensamentos, um leve sorriso tocou os lábios da deusa.

Ela os matou.

Não Ira. Não os Kadmides. Sempre foi Atena.

Quando o choque de Lore desapareceu, um pânico feroz se instalou.

“Eu pensei...” ela começou.

Ela a deixou sozinha com Miles e Van. . . . Ela havia confiado nela para honrar seu juramento de não prejudicar Castor. . . . Ela teve . . . Ela teve . . .

Acreditei nela.

“Você pensou o que, que eu possuía um coração?” disse Atena. “O coração é apenas um músculo.”

“Você os matou.” Sua voz era apenas um sussurro. "Por que?"

“Quase não acreditei em Hermes quando ele me contou o que tinha visto. A égide, o objeto que passei séculos procurando, encontrado por uma criança. Carregado por uma criança”, disse Athena. “Eu sabia onde a última das Perseides residia. A choupana que eles chamavam de lar. Fiquei encantado ao descobrir que uma janela havia sido deixada aberta para mim, quase como se fosse um convite.”

Lore agarrou seu cabelo, sua respiração ficando errática, seu coração à beira de se rasgar contra suas costelas. O desespero inundou suas veias. Não—por favor, não—

“Mas enquanto eu estava dentro da sala eu pensei, certamente, o ladrão não poderia ter sido nenhuma dessas criaturas minúsculas e insignificantes. Eles eram menores que o escudo”, disse Athena, dando um único passo à frente para dentro da cela. “Fiquei ao lado de suas camas e pensei em como seria fácil simplesmente sufocá-los.”

Ela se moveu mais um passo para perto de Lore. “Mas eu esperei, até que sua mãe e seu pai viessem vê-los, até que meus poderes fossem totalmente restaurados para mim no final do ciclo.” Athena parou diante de Lore, pairando sobre ela. “E então eu reivindiquei um pedaço de cada garota para cada pergunta que elas se recusavam a responder. Sobre o filho desaparecido. Sobre onde você pode estar se escondendo.

A memória de suas irmãs, esculpidas além do reconhecimento, estourou a pressão presa em seu peito. Raiva e dor a atravessaram; o mundo saiu de seu eixo e Lore atacou.

Ela cortou sua lâmina em direção ao peito de Athena. O deus usou seu dory para apará-lo com pouco esforço, seu rosto inexpressivo, então o balançou para baixo, golpeando o ombro direito de Lore.

“Sem restrição, sem disciplina, sem estratégia”, disse Athena. “Só raiva. Eu vi isso em você imediatamente. Como bronze derretido esperando para ser moldado por mãos habilidosas. Eu apenas tive que plantar a sugestão do novo poema. Eu sabia que você descobriria onde estava inscrito e voltaria para buscá-lo. Tornou-se uma questão de paciência.”

Lore foi empurrada para trás pela força do golpe, mas usou a distância para jogar a faca para a mão esquerda, mudando seu aperto. Ela fintou para a direita, e quando a deusa se moveu para bloqueá-la, Lore cortou. Athena se inclinou para trás, mas a ponta pegou seu queixo. O corte pintou o lado de seu pescoço com sangue.

Athena soltou uma única risada cáustica. Ela esfregou um polegar contra o corte, estudando-o por um momento. “O problema com mortais tão pequenos, é claro, é que há muito sangue vital neles. Eles morrem muito rápido.”

Lore gritou. O som era irregular, rasgado da parte quebrada dela. Ela se entregou à dor, cortando e arranhando e cortando até que a célula desapareceu ao seu redor e ela começou a se dissolver no instinto.

O golpe do dory veio por trás, batendo contra seu crânio. A faca voou de sua mão quando Lore caiu no chão. Ela rolou para a frente, mas Athena bateu nela mais uma vez, então mergulhou o sauroter do dory em sua coxa. Com um único golpe, ela perfurou o músculo, quebrou o osso e prendeu Lore no lugar.

A agonia era tão completa que Lore mal conseguia respirar o suficiente para soluçar.

Atena virou a lança, cavando a ponta mais fundo. Sobrevivência e instinto rugiam nela.

Lore bateu a mão no chão úmido, procurando a faca, e ela a agarrou em triunfo.

Mas antes que ela pudesse levantá-la, Atena agarrou a mesma mão, arrancando-a. Então, com todo o esforço que seria necessário para amassar a cabeça de uma flor, ela apertou os dedos ao redor dos de Lore e esmagou cada osso neles.

Lore tremeu violentamente com gritos ofegantes. O vômito azedo subiu em sua garganta com a dor, com a visão de sua mão mutilada.

"Por que?" ela implorou. "Por que?"

"Eles chamaram você", disse Athena. Quando a deusa puxou o dóri, o sauroter se interrompeu, ainda enterrado na perna de Lore. “Ambas as meninas. Você acha que eles sabiam que você foi quem os matou?

A memória daquela noite a assaltou. Lore não precisou fechar os olhos para vê-lo — o sangue espalhado nas paredes e no chão, suas irmãs jogadas em suas camas, as lacunas escuras onde seus olhos deveriam estar.

“Elas eram apenas garotinhas,” Lore soluçou. “Damara era um bebê. Eles eram inocentes!”

“Nenhum de vocês é inocente,” Athena rosnou. — Muito menos você, Melora. Seu pai morreu primeiro, implorando, depois sua mãe, que pelo menos sabia que seria perda de fôlego. Esperei horas para que você voltasse e, quando voltou, não estava mais em sua posse. Eu observei enquanto você estava na porta de sua casa, enquanto você via o

presente que eu tinha deixado para você. Mas você não chorou. Você não fez um

único som. Você era mais forte naquela época do que é agora.”

"Por que você não me torturou para descobrir o que aconteceu com ele?" Lore engasgou, uma mão segurando seu rosto, seu cabelo. “Por que você simplesmente não me matou?”

"Eu precisava que você me mostrasse onde você o escondeu", disse Athena. “E para me dar de bom grado. Claro, assim que soube do poema, tive mais um motivo para mantê-lo vivo. Eu não poderia deixá-lo desaparecer com sua morte até que eu mesmo o lesse.”

Lore agarrou sua garganta. Ela quase o fez, apenas uma hora antes. Parecia ideia dela.

Uma inevitabilidade.

“Todos esses anos com a Casa de Odisseu, observei sua existência patética, esperando que você um dia a recuperasse ou revelasse onde a escondeu”, disse Atena. “Eu poderia ter intervindo e vindo até você de outra forma, para me agradar a você, se Hermes não tivesse encontrado você primeiro.”

Lore balançou a cabeça, tentando calar as palavras.

“Eu o segui até esta cidade, curioso para saber por que ele estava usando um rosto falso”, disse Athena. “Eu tive minha resposta em breve. Eu senti o poder dos feitiços de desvio que ele lançou em sua casa. Eu não podia entrar nele, nem mesmo me aproximar. Havia apenas uma razão para ele ir tão longe para me negar. Apenas um mortal que ele iria tão longe para proteger. O fato de eu não poder vê-lo – que eu só podia ouvir o som de seus passos, o seu cheiro – confirmou isso.”

A deusa estudou a ponta de seu dory. “Hermes fez tanto esforço, e tudo por um sentimento de culpa equivocado. Você vê, ele trocou sua visão de você e a égide para manter sua amante viva. Ele sabia que eu tinha encontrado o esconderijo do falso Dionísio”, disse Atena. “E quando esta caçada começou, e vi Hermes morrer à distância, vi minha oportunidade. Seu poder não duraria além de sua morte. Eu poderia finalmente ir até você, sem impedimentos.

Manter a lâmina erguida tornou-se impossível quando o corpo de Lore se transformou em chumbo. O sangue escorria de sua perna. Ele pulsava a cada

batida do coração. Ela pressionou as costas contra a parede, sua umidade encharcando sua camisa.

“Mas Artemis atacou você. . .” Lore começou fracamente.

“Como se minha irmã pudesse desferir tal golpe sem meu consentimento”, disse Athena.

“Tínhamos planejado matar todos os impostores neste ciclo, mas ela concordou em me ajudar no engano assim que contei a ela sobre sua conexão com o menino que assassinou nosso irmão. Mas ele é tão curioso, não é? Eu soube no momento em que senti seu poder que não poderíamos matá-lo. Não até eu descobrir o que ele era. Isso a irritou, mas me permitiu chegar perto o suficiente de alguns dos outros impostores para garantir que eles morressem pelas mãos de um verdadeiro deus.”

Artemis não estava delirando como sua irmã havia alegado — Atena havia traído Artemis ao não dar Castor a ela.

— Você disse a Artemis para me rastrear naquele primeiro dia pensando que eu iria

encontrá-lo, não foi? Lore disse, finalmente colocando tudo junto. "E então você apenas -

você a viu morrer?"

“Não fomos todos destinados a retornar ao Olimpo,” Athena disse friamente. “Somente os mais fortes entre nós serão reconhecidos pelas Horae e autorizados a passar pelos portões mais uma vez. Artemis vacilou.

A mão de Athena atacou, pegando o queixo de Lore em um aperto doloroso. “Devemos acabar com seu sofrimento e finalmente recuperá-lo?”

Lore olhou para ela, derramando cada grama de sua fúria trêmula em seu olhar. Sua mente era uma torrente de terror e descrença. “Não será dado de bom grado se você me torturar por isso. Você não seria capaz de usá-lo.”

“Ainda não, não. No entanto, vou ter a inscrição. Eu saberei como acabar com o Agon”, disse Athena. Lore sentiu sua mandíbula começar a rachar sob seu

aperto. “E quando eu for restaurado ao meu poder total, poderei empunhá-lo mais uma vez.”

“Mas Wrath vai . . . Ele virá para isso,” Lore disse roucamente. “Ele não vai deixar você ter...”

“Quando eu alcançar a ascensão final, ele não será nada mais do que um verme que eu esmago sob meu calcanhar,” Athena disse. “Junto com todos aqueles que ousaram se afastar de seus verdadeiros deuses. Eu te aviso, Melora, vou destruir tudo e todos que você ama, um por um, até que você me leve a isso.

O coração de Lore deu um pulo em seu peito.

Não.

Não milhas. Não Castor. Não Van. Não Iro.

Não a cidade dela.

Uma certeza calma tomou conta da mente de Lore, acalmando a caótica tempestade de seus pensamentos e esclarecendo a escolha. Aceitando isso, mesmo quando ela viu todos os rostos deles, mesmo quando ela pensou em sua família e sabia que suas almas nunca encontrariam paz.

Havia uma última escolha. Pelo menos ela seria a única a fazê-lo.

Sinto muito, ela pensou. Restaria um único deus para Castor enfrentar, mas ninguém jamais possuiria a égide novamente.

A mão intacta de Lore agarrou o pedaço quebrado do cabo da lança ainda preso ao sauroter e, com um grito, ela o puxou de sua perna. Ela pensou em suas irmãs. Sua mãe destemida. O rosto de seu pai brilhando à luz da fogueira, mostrando a ela como segurar o cabo de uma adaga.

Desloque o polegar para a espinha do punho, Melora. Isso lhe dará um melhor controle.

"Não." Ela levantou a voz, certificando-se de que a palavra trovejou.

As narinas de Atena se dilataram. “Criança impertinente—”

Lore olhou para ela através dos fios de seu cabelo escuro. “A escolha é minha.”

Ela virou a lâmina em si mesma e a deslizou em seu peito.

LORE SEMPRE PENSOU que haveria mais morte do que isso.

Os caçadores acreditavam que não havia maior honra do que morrer na caça em busca da glória, em vez de ser levado por Thanatos, o deus da morte suave. Ela sabia que não deveria acreditar na besteira, mas uma parte dela ainda queria acreditar que o último fogo de dor queimaria seu passado e a transformaria em alguém que seria julgado digno no mundo abaixo.

Em vez disso, a morte era apenas entorpecente. Sua mente se fechou para protegê-la do choque do aço partindo sua pele e raspando no osso.

Sua mão deslizou da arma improvisada, caindo frouxamente em seu colo.

Houve um grito terrível, como o guincho de uma serra contra o metal.

Olhe, pensou Lore. Abra seus olhos.

Era a deusa de olhos cinzentos.

“Oh, seu tolo,” Athena rosnou. "Eu não vou deixar você fazer isso - eu não vou permitir que você tire isso de mim!"

“Você não vai precisar disso. . .” Lore saiu, “onde . . . você é . . . indo. . . .”

Uma mão se fechou em volta do pescoço de Lore, apertando como se fosse quebrá-lo. O

rosto de Athena estava rígido de fúria, seus dentes à mostra. Destemido e inflexível diante da fraqueza da morte iminente.

"Você realmente acreditou em tudo", disse Athena, sua voz áspera. “Você pensou que eu seria tão tolo a ponto de ligar minha vida a um mortal impetuoso. Para você? Você fez isso por nada!”

Horror cortou Lore. Ela olhou para a deusa, lutando para se concentrar enquanto a escuridão manchava sua visão. Logo, ela só podia ver o redemoinho de faíscas

girando nos olhos de Athena.

Não é à toa, pensou Lore, as palavras desmaiaram em sua mente.

Não tinha sido apenas para matar Athena. Lore queria garantir que ninguém pudesse possuir a égide novamente. Ela tinha feito isso, pelo menos – essa coisa, depois de tantos erros, ela tinha feito certo.

Athena recuou, atraindo-se. Ela permaneceu lá, seu olhar fixo em Lore. A intrincada máquina que era sua mente girou até que ela encontrou o controle mais uma vez.

“Vou forçar o falso Apolo a curá-lo”, disse Atena. "E você vai me levar até ele."

Não...

Lore se arrastou para longe, cravando as unhas no chão áspero para abrir caminho. A deusa havia encostado seu dóri na parede; Lore poderia alcançá-lo se ela pudesse fazer seu corpo se mover. Não antes de eu

te matar...

Atena agarrou-a pelos cabelos, arrancando mechas de seu couro cabeludo. Ela arrastou Lore em direção à porta e ao túnel além dela.

Mas um momento depois, a deusa a soltou. Lore caiu no chão molhado. O impacto abriu seu queixo. O sangue derramou sobre sua garganta, quente contra sua pele fria.

"Não . . .” a deusa disse, dando um passo para trás e recuperando seu dory. "Eu acho que .

. . não."

Os lábios de Lore se separaram, mas as palavras que ela queria dizer afundaram na crescente escuridão em sua mente e desapareceram. Gelo inundou suas veias onde seu sangue uma vez esteve.

“Existe outra maneira,” Athena disse lentamente, como se desenrolando seu próprio raciocínio.

Lore soltou um rugido estrangulado – de raiva, de angústia.

A deusa virou-se para sair, mas parou na porta da cela. Ela lançou um último olhar por cima do ombro, fazendo um ruído de falsa simpatia. “É uma pena que você nem tenha tido coragem de enfiar a lâmina em seu coração.”

"Eu irei matar . . . vocês . . .” Lore sussurrou, mas não houve resposta.

Nunca haveria uma resposta.

Havia apenas o ar escuro, o silêncio e a espera.

DE QUALQUER FORMA, APESAR DA HORA, a lua ainda estava no céu, mesmo quando se desvaneceu com a chegada do pálido amanhecer. Lore manteve seu olhar em seu crescente leitoso para evitar ter que olhar para as ruas de seu bairro. Agora, de pé na frente do prédio de apartamentos de sua família, ela se forçou a olhar para a janela pela qual havia deslizado algumas horas antes.

Estava fechado.

Ela soltou um suspiro suave, o medo mordendo-a novamente. Seu pai e sua mãe estavam acordados.

Ela cerrou os punhos e os pressionou contra os olhos, forçando-se a respirar e não chorar.

As mentiras eram tão fáceis - ela foi ver Castor, ela queria assistir as últimas horas do Agon, ela pensou em fugir, mas voltou - mas a verdade a fez sentir como se tivesse enfiado uma faca na barriga. Ela tinha que dizer a eles. A punição deles nunca seria tão ruim quanto a dos Kadmides. Seus pais saberiam o que fazer.

Lore não se incomodou em subir até a janela de seu quarto. Ela usou a porta da frente do prédio.

Endireitando os ombros e engolindo o gosto amargo na boca, ela subiu os muitos lances de escada, até o sexto andar. A noite anterior já estava começando a parecer mais um sonho do que uma lembrança.

O apartamento deles ficava bem no final do corredor silencioso. O coração de

Lore martelava em seus ouvidos. Eles iam ficar com tanta raiva. Ela teria que tentar encontrar uma maneira de fazê-los entender, convencê-los a permanecer na cidade apesar do que havia acontecido. Ela não queria deixar Castor ou Nova York. Assim não.

Lore parou do lado de fora da porta do apartamento, pressionando a testa contra a superfície lisa e fechando os olhos. Ela ouviu o som de seus pais lá dentro. Fazendo o café, alimentando Damara, conversando baixinho enquanto ouviam as notícias.

Mas ela não ouviu nada.

Algo molhado encharcou a ponta de seus tênis velhos. Lore abriu os olhos com a sensação.

Sangue escuro escorria pela fresta abaixo da porta e se acumulava ao redor de seus pés.

OLYMPIA A ESPERAVA nas sombras da noite.

Ela se sentou na beirada da cama que compartilhavam, o cabelo desgrenhado pelo sono, os olhos cansados demais para focar. Lore reivindicou o espaço ao lado dela, observando enquanto o vento se esgueirava pela janela próxima e agitava os desenhos de Olympia que Lore havia colado na parede.

Sua irmã se virou para ela. Lore começou a chorar.

“Não lute, Lo,” ela sussurrou, agarrando a frente da camisa de Lore. “Não lute. Vá dormir."

Lore fechou os olhos, mas as lágrimas não paravam.

Vá dormir.

Foi tão fácil. Uma coisa tão simples. Mas assim que ela estava no limite, ela foi puxada para trás pelo cheiro de algo afiado e metálico.

Não lute.

Ela abriu os olhos para encontrar as cavidades escuras das órbitas vazias de sua

irmã olhando para trás.

O sangue escorria ao redor deles na cama, cobrindo a pele de Lore, enchendo sua boca enquanto ela gritava. Ela rolou para fora da cama e caiu no chão, mas estava lá também, correndo entre as barras do berço de Damara. Um gemido perfurou o silêncio, cortando mais fundo com cada um de seus batimentos cardíacos frenéticos.

A porta do quarto estava aberta, e uma única faísca de luz era visível na escuridão do espaço além dela.

Lore cambaleou para frente. Ela não conseguia olhar ao redor, não quando sabia o que encontraria — sua mãe esticada perto da porta, cortada da barriga à garganta, o pai na cozinha, as costas quebradas, o crânio esmagado. Ela já esteve aqui antes. Ela já tinha visto isso antes.

A luz — se ela pudesse alcançar a luz. . .

Vá dormir.

Sua mente ficou em silêncio e seu corpo ficou imóvel quando Lore passou pela porta de seu quarto. Uma névoa fria roçou suas bochechas.

A luz ainda estava lá, logo além do véu de névoa prateada, mas agora eram muitas. Agora eram sete horas, e as luzes tinham formas, rostos que observavam, inexpressivos, do outro lado de um rio. Um se separou dos outros e flutuou em direção a ela, ficando maior e mais brilhante com cada um de seus batimentos cardíacos lentos.

O mundo cinzento parecia respirar, como se tentasse inalá-la. A água fria batia em seus dedos dos pés.

Melora. O ar úmido sussurrou seu nome, até que se tornou uma pergunta sem resposta.

Melora?

Uma mão pesada caiu em seu ombro. Ela se virou lentamente.

Seu corpo ganhou vida com uma dor que a cortava. Seus membros se

contorceram em formas agonizantes. Ela ofegou por ar e arranhou o chão. Ela estava fria – tão fria –

rachando como gelo. . . .

O mundo escuro do rio piscava dentro e fora da cela subterrânea, até que Lore não conseguia mais distinguir um do outro.

– Calma, Melora – disse a mesma voz. “O pior, eu temo, ainda está por vir.”

Um rosto brilhante pairou diante dela. Ele era jovem e bonito, seus lábios moldados em uma linha travessa. Seu cabelo encaracolado quase docemente; acima dele, asas batiam em ambos os lados de seu capacete, mantendo o ritmo com o pulso dela.

"Você . . .” ela sussurrou. "Não . . .”

A figura mudou na luz estranha. Sua forma se desfez como fitas, as camadas dele se separando para revelar o que estava escondido embaixo.

Alguém.

Lore levantou uma mão trêmula, passando-a contra os olhos para limpar a névoa deles.

Um velho pairava diante dela agora, seus pés não tocando o chão. Seu cabelo prateado parecia subir, brilhando como ondas ao redor de sua cabeça, acima de seu rosto comprido. Sua pele branca estava marcada pela idade e veias, seus ombros curvados.

Seus olhos verdes brilharam quando ele a olhou.

“Olá, querida,” Gil sussurrou. "Você está bem?"

"Você não é . . .” Lore começou, incapaz de recuperar o fôlego ao vê-lo. Ele estava perfeito, em sua jaqueta de tweed familiar, aquele olhar de conhecimento em seu rosto.

"Real?" ele terminou. “Levante-se e descubra por si mesmo.”

As pálpebras de Lore estavam pesadas demais. Eles se fecharam quando ela deu um único e pequeno aceno de cabeça.

“Não,” Gil disse rispidamente. "Olhe para mim. Eu preciso que você olhe para mim.”

Lore tentou.

"Você quer viver?" perguntou Gil. As palavras ecoaram na mente de Lore, entrelaçando-se com as memórias.

Lore respirou levemente. Os outros . . . a cidade . . . Ela ainda não tinha terminado. . . mas o corpo dela. . . ela não podia. . .

“Você já sabe que é o suficiente”, Gil disse a ela. “Levante-se, Melora. Vamos. Prove que estou certo.”

Ela pensou que era o suficiente para caçar, salvar sua cidade, proteger seus amigos e vingar sua família. E agora não havia mais nada. Todos que a amavam se foram.

Nem todos.

Nem tudo tinha sido uma mentira.

“Faça você mesmo,” Gil disse, sua voz um bálsamo para a mente confusa de Lore. “Não para se vingar dela. Não por raiva. Para você mesmo."

Humilhação, raiva e traição se fundiram nela, mas havia algo mais. Ela podia. . . Havia

algo nela. . . algo . . .

“Você tem que se levantar sozinho. Não posso carregá-lo do jeito que você me carregou”, disse Gil. “E eu não posso te levar longe, só até a fronteira, como ele vai permitir. Apenas como estou destinado a fazer. Você deve se levantar por conta própria e me seguir até isso.

Isso - ela tinha o suficiente para isso. Para ficar. Para chegar aos outros. Para avisá-los. . .

Lore estendeu a mão, apoiando a mão contra a parede atrás dela, sentindo algo para se ancorar. Seus dedos engancharam em uma depressão que a perfuração irregular havia deixado para trás. Seu ombro e braço doíam ao absorver seu peso, mas ela apertou a mandíbula. Ela assobiou com o esforço necessário para colocar os pés embaixo dela.

“Bom,” Gil disse, parecendo aliviado. “É isso, querida.”

Sua perna direita estava bem, mas a esquerda, a que Atena havia empalado, estava quebrada. O menor peso enviou uma agonia incandescente através dele. O joelho de Lore se dobrou quando ela deu um passo experimental, mas ela apoiou um ombro contra a parede.

Sangue quente escapou da ferida em seu peito quando ela se curvou, forçando-a a pressionar uma mão ali para estancar o fluxo. Ela estremeceu; a dor era tão forte agora, ela se sentiu quase bêbada com isso.

“Siga-me, querida,” Gil disse. “Mantenha os olhos na luz.”

Lore mancou para frente, um passo arrastado, depois o seguinte. A água escorria a seus pés. O mundo do rio e o mundo do túnel sangraram um no outro até que tudo se tornou escuridão e pedra. Mas havia luz à sua frente agora. Ela podia ver isso, aquela faísca.

Seu quadril direito balançou para frente de novo e de novo, seus músculos travando com o esforço que levou. Avançar. Avançar. Seu progresso foi excruciante e lento.

Gil conhecia o caminho, como sempre, fazendo cada curva com confiança. Lore o deixou conduzir, seus olhos fixos na luz que emanava da tocha que agora aparecia na mão do homem.

Sua chama era hipnotizante, pregando peças nos olhos de Lore. Fazendo-os ver coisas que não estavam lá.

A jaqueta de tweed de Gil se partiu como brasas, revelando uma túnica de marfim abaixo.

Em sua mão esquerda, apareceu um cajado alado com serpentes douradas enroscando-se. Suas pequenas cabeças escamadas acariciaram uma contra a outra, então se viraram para observá-la.

Ajude-me, pensou Lore, porque ela não conseguia dizer as palavras. Fique comigo.

Como se ela os tivesse chamado, sombras apareceram ao longo das paredes do túnel.

As silhuetas de um homem e uma mulher, de duas meninas pequenas, deslizavam ao lado dela, mantendo seu ritmo torturado. Rostos que ela conhecia. Rostos que ela amava.

Lore estendeu a mão para a mulher, seus dedos roçando seu rosto.

Fique comigo, ela pensou. Fique comigo. . . .

A forma de Gil ficou borrada quando a visão de Lore falhou. Ela se inclinou pesadamente contra a parede, usando suas últimas forças para avançar com a mão ilesa, rastejando pela água fria. Lutando para manter a cabeça acima dela.

Talvez fosse sua punição pelo que ela tinha feito. Ela seria forçada a fazer essa jornada na escuridão, a viver na pequena eternidade dela, para sempre. Repetindo a agonia, repetindo a percepção de que ela nunca conseguiria voltar para a entrada dos túneis, ou encontrar forças para subir a escada.

Um pequeno sino soou docemente em algum lugar atrás dela, depois outro, até que se tornou uma canção, como pássaros pela manhã.

Gil parou, voltando-se para ela. "Isso é o suficiente, então."

Lore respirou trêmula, suas costas pressionadas contra uma parede áspera. Ela tentou agarrar as sombras, puxá-las para ela, mas a visão delas se desvaneceu

com sua visão.

Fique comigo.

"Pelo meu papel nisso, sinto muito", disse Gil, sua voz próxima. Havia um toque suave e quente em sua testa.

Lore não podia mais dizer se seus olhos estavam abertos. Seu corpo flutuou debaixo dela, sua mente desatou. Quando Gil falou novamente, as palavras floresceram dentro de sua mente, sua voz se fundindo em uma mais clara e profunda. Os olhos dos deuses estão sobre você.

A luz fraca da tocha desapareceu, mas a presença daqueles ao seu redor permaneceu.

Fique comigo, Lore implorou, doendo de desespero. Fique. . . . Não me deixe. . . .

As sombras se curvaram ao redor dela, e quando seus pensamentos se transformaram em cinzas e o mundo desapareceu, ela não estava mais com medo.

UM BATIMENTO DO CORAÇÃO A ENCONTROU na escuridão.

Lore seguiu o som do mesmo jeito que Orfeu deve ter olhado para a luz acima dele enquanto tentava levar Eurídice para fora do Mundo Inferior. Ela sabia que se olhasse para trás para procurar o rosto da presença fria que permanecia atrás dela, ela estaria perdida.

Em vez disso, ela derivou em direção ao calor crescente, em direção ao poder familiar que envolvia seus sentidos.

Suas pálpebras estavam cobertas de sujeira, mas ela as forçou a abri-las.

Os olhos de Castor estavam fechados, seu rosto inclinado para cima para revelar a linha afiada de sua mandíbula. Seu poder pulsava ao redor deles, queimando a desolação do túnel. Transformara a água parada em uma névoa espessa que obstruía o ar.

Ela estava envolta em suas pernas, levantada do chão áspero. Um de seus braços

estava em volta dos ombros dela para suportar seu peso, e a outra mão descansava contra seu lado, onde a lâmina a havia cortado.

Lágrimas deslizaram por seu rosto, prendendo em seu cabelo quando ela olhou para ele.

Seu corpo parecia estar cheio de ar e luz solar, insubstancial demais para se mover.

Castor mal parecia estar respirando.

Ela estendeu a mão livre, traçando um dedo leve pela bochecha dele. Castor estendeu a mão para pressionar a mão contra o peito, bem ao lado de onde seu coração mortal estava batendo.

Ele encontrou seu olhar. Ele não disse nada, mas, então, ele nunca precisou. Seu rosto era um livro que tinha sido escrito apenas para ela. Sua história se desenrolou enquanto ele a observava observá-lo.

Mas quando a sensação suave e entorpecente do poder dele passou por ela, unindo a pele, remendando os ossos, ela começou a se lembrar.

Vergonha teceu através de sua confusão e sua raiva, até que ela estava chorando novamente, desta vez a sério. Por não ver a verdade sobre Atena. Pelo conhecimento de quão perto ela esteve de deixar este mundo e todos que ela amava.

Pelo erro que ela havia cometido que nunca poderia ser consertado, e pelas vidas preciosas que isso custou.

Lore olhou para as paredes ao redor dela, procurando as sombras novamente. Mas parecia que eles ficaram apenas até que a luz de Castor pudesse substituí-los.

Castor alisou o cabelo de suas bochechas molhadas, ajeitando os cachos de volta ao redor de suas orelhas. Ela queria contar a ele o que havia acontecido, explicar ela mesma, mas ele já sabia. Tão facilmente quanto ela podia lê-lo, Castor sempre teve a medida dela.

"Você estava gelado", disse ele, as palavras parando. “Eu não sabia. . . Eu não

tinha certeza. . .”

Ela pressionou a testa no ombro dele. "Isto é bom. Uma boa mudança, mesmo. Nossas reuniões geralmente envolvem muito mais socos.”

“Nem sempre,” ele disse suavemente. “Às vezes perseguimos nossos inimigos.”

“Variedade,” ela disse, “o tempero do combate mortal.”

Castor soltou um suspiro forte, recuando um pouco para examinar o ferimento em sua perna e a nova pele rosada ali. A mão de Lore subiu, sentindo ao longo de suas costelas.

É uma pena que você nem tenha tido coragem de enfiar a lâmina em seu coração.

"Ei," ele começou suavemente. "Você ainda está com dor?"

Ela balançou a cabeça, imaginando como contar a ele tudo o que havia acontecido.

“Eu não deveria ter saído, mas pensei que era a única maneira de chegar até você. . . . Eu nunca deveria ter deixado você sozinho com ela. Castor soltou um suspiro trêmulo. Ele fechou os olhos novamente, mas desta vez, quando os abriu, havia um olhar de intenção fria ali.

“Eu vou matá-la.” As palavras eram baixas, sem verniz, sem qualquer hesitação. E tão diferente dele.

"Não", disse Lore.

“O que ela fez com você...” ele começou de novo.

“Não,” Lore continuou, sua voz rouca. "Fui eu."

Lore viu o momento exato em que ele descobriu o que ela queria dizer. Seu choque se transformou em horror.

“Ela era a única,” Lore sussurrou. “Todo esse tempo, foi ela quem os matou.”

"Por que? Por que eles e não qualquer uma das outras linhagens?”

"Por minha causa", disse ela. “E o que eu fiz durante aquele último Agon.”

Castor deu a ela um olhar questionador, esperando que ela elaborasse.

"E eu pensei . . . se eu pudesse parar Athena e tirá-la do Agon. . . se ninguém pudesse ter a égide. . .” Lore balançou a cabeça. “Mas o juramento obrigatório não era real.”

Castor levantou a mão dela, pressionando um beijo suave em sua palma calejada. Ele parecia afundar em seus pensamentos enquanto seu poder se desvanecia ao redor deles.

“Mesmo se tivesse funcionado, você não teria acabado de pegar o poder dela?” ele perguntou finalmente.

"Não", disse Lore. “Não de acordo com as histórias. Eu acho que eu teria que usar a lâmina nela, mas eu estava. . . Eu estava mal”.

Sua mão se curvou com a memória.

Enquanto seus nervos saltavam e seus pensamentos se aguçavam, Lore de repente se lembrou da primeira pergunta que deveria ter feito.

"Como você me achou?"

"Seu telefone", disse ele.

Lore olhou para ele, sem entender.

“Miles fez um amigo. . . coisa de rastreamento?” Castor repetiu, de repente parecendo incerto. “Ele teve que aceitar seu pedido. Todos nós nos encontramos perto do brownstone após a inundação e passamos a maior parte do dia procurando por você. O

serviço celular foi restabelecido há cerca de meia hora. Van e Miles foram se reagrupar com os Achillides e encontrar um lugar seguro para nos abrigarmos.”

E você veio aqui, ela pensou, cheia de gratidão. Você veio me encontrar.

"Miles está bem?" ela sussurrou. "Você está bem?"

“Todo mundo está bem,” ele prometeu.

Ela se levantou apenas o suficiente para tirar o aparelho do bolso de trás. A tela havia rachado, mas a mensagem e os alertas de chamadas perdidas ainda estavam visíveis.

Houve uma série de mensagens em pânico de Miles.

Você está aí? Apenas nos diga que você está bem.

Ela se atrapalhou com o telefone, com as mãos trêmulas ao responder a mensagem com: estou bem. texto quando seguro.

As respostas foram imediatas, fazendo o telefone vibrar e cantar uma nota alta familiar.

Ding.

k. Enviará novo endereço para atender.

Ding.

Esteja lá em 2 horas. Precisa alugar um barco de volta.

Ding.

O que aconteceu?

Os sinos. Os sons que ela tinha ouvido eram reais, não alucinações. Mas então . . .

Todo o resto também tinha sido real?

Ela olhou ao redor deles, apenas para perceber que estava a poucos metros da escada que levava de volta à rua. Mais fundo no túnel, na cela, não haveria recepção.

Castor seguiu seu olhar ao longo do caminho atrás deles.

“O corpo de Tidebringer está lá embaixo,” Lore disse hesitante.

Ela sabia que os restos mortais desapareceriam no final do ciclo, mas a deusa merecia mais do que ser deixada para apodrecer.

Ele assentiu, ajudando-a a se levantar. "Eu cuidarei disso."

Castor desceu o túnel sinuoso, desaparecendo na primeira curva. Lore se inclinou contra a parede, imaginando que ela podia ver o brilho dourado de seu poder enquanto liberava o corpo de Tidebringer em cinzas. Mais cedo do que ela esperava, os passos dele estavam vindo em sua direção novamente, espirrando no que restava da água parada.

Ele balançou sua cabeça. “Eu nunca vi nada assim. . . .”

“Espero nunca mais ver algo assim”, disse Lore. "Eu vou te contar tudo - só que não aqui."

"Sem argumentos de mim", disse Castor, indo em direção à escada. “Eu vou subir primeiro, caso alguém esteja esperando. Dê um passo para trás – ainda há um pouco de água.”

Ela enfiou a adaga entre os dentes. O alçapão se abriu. A luz fraca e a água entraram.

Lore se virou, deixando-a preencher o túnel ao redor de seus pés.

"Tudo limpo", Castor chamou. "Preparar?"

Lore assentiu, segurando o primeiro degrau até que suas mãos pararam de tremer. Havia uma dor oca em sua perna curada, mas mesmo isso desapareceu quando ela estendeu a mão para o próximo degrau e, pouco a pouco, se aproximou de Castor e do pôr do sol ardente que o coroava.

O NOVO ENDEREÇO chegou no momento em que eles lutavam contra as enchentes e barreiras ao redor do Central Park para atravessar para o lado oeste. Era um escritório vazio situado acima de uma loja de roupas fechada com tábuas, não muito longe do Lincoln Center.

Castor derreteu a fechadura da porta, forçando-a a abri-la e depois a fechou atrás deles.

Lore olhou ao redor. A julgar pelo selo da cidade gravado em seu vidro, provavelmente estava sendo reformado para se tornar uma espécie de escritório do governo. O cheiro de tinta nova e a lona plástica que cobria a escada pareciam confirmar isso, mesmo antes de encontrarem a extensão de cubículos vazios no andar de cima. Em direção às janelas do chão ao teto, toda forrada com papel, havia uma pequena área de estar, completa com mesa, sofá e cadeiras.

Desocupado e desprotegido pela segurança, foi uma boa escolha – e tudo graças a Miles e ao acesso que ele teve em seu estágio. Ela esperava que ele e Van voltassem mais cedo ou mais tarde. Ela precisava ver com seus próprios olhos que ambos estavam bem.

Castor removeu o plástico que cobria o sofá, guiando Lore até ele. Ela sentou-se pesadamente, exausta. Quando a noite caiu, e a energia da cidade permaneceu desligada, seus olhos começaram a se ajustar à escuridão crescente. O novo deus apertou a mão em punho, reunindo um brilho fraco ao redor dela.

“Muito impressionante, grandalhão,” ela disse a ele.

“Estou ficando melhor em controlá-lo,” ele disse a ela. “Agora posso ir de zero a trinta em vez de zero a cem.”

Seu sorriso escorregou enquanto ela o observava explorar a área da cozinha, então desaparecer em uma sala dos fundos. Quando ele saiu, Castor carregava uma garrafa de água de cinco galões, claramente destinada a um bebedouro, no ombro e um pacote de toalhas de papel marrom debaixo do outro braço.

Ele se ajoelhou na frente dela, molhando algumas das toalhas. Levantando a mão de Lore de seu colo, seu único foco voltou-se para limpar a sujeira, sujeira e sangue. Ela não tinha percebido o quão fria ela estava até que o calor da pele dele se espalhou sobre ela novamente. Ela tentou ajudá-lo levantando o braço enquanto ele enrolava sua camisa no ombro, mas seu corpo não a obedecia.

Pela primeira vez em dias, Lore se sentiu segura o suficiente para parar de fingir que poderia continuar lutando contra a dor e a fadiga.

É por isso, ela pensou. Athena havia trabalhado uma manipulação lenta e metódica. Cada sugestão foi projetada para separá-la dos outros, que poderiam ter sido capazes de reconhecer o que estava acontecendo, e aprofundar a crença

de Lore nela e somente nela.

Castor deu-lhe um pequeno sorriso tranquilizador enquanto pegava uma nova toalha de papel e começava em seu outro braço, gentilmente enxugando as manchas escuras na mão que Athena havia quebrado e ele havia curado. Lore o observou, seu coração cheio a ponto de explodir.

A deusa não era mortal, e ela não tinha a compreensão humana do mundo. As emoções eram incômodos para uma mente puramente racional, mas mesmo Atena havia reconhecido a ameaça que os outros representavam simplesmente por estarem perto.

Uma pessoa sozinha poderia ser controlada, mas uma pessoa amada pelos outros estaria sempre sob sua proteção.

Lore estava com raiva por tanto tempo – com o mundo, com o Agon, mas acima de tudo consigo mesma. Não que a raiva fosse inerentemente boa ou ruim. Podia dar poder, impulso e foco, mas quanto mais tempo vivia dentro de você sem controle, mais venenoso se tornava.

Mesmo agora, cada fibra de seu ser estava se esforçando para descer a escada, sair para a cidade com nada além de uma lâmina e a imagem do deus que ela deveria queimar como uma estrela em sua mente. O impulso a empurrou de todos os lados, e seu corpo inteiro tremeu com o esforço de se forçar a ficar quieta.

Castor trouxe uma toalha limpa ao longo de seu pescoço, e houve um breve lampejo de angústia em sua expressão enquanto ele corria a água fria ao longo da curva de sua mandíbula. Lore se perguntou, por um momento, se Athena o havia quebrado, e se a dor em outras partes de seu corpo tinha sido tão tremenda que ela não percebeu.

Ele deu um toque brincalhão de água contra sua bochecha, tirando-a de seus pensamentos. Lore soltou uma risada fraca. Para sua surpresa, ele se moveu ao lado de

seu cabelo, passando os dedos úmidos pela bagunça emaranhada com tanto cuidado quanto podia. Ele o trançou sobre o ombro dela, mas não tinha nada para amarrar.

Finalmente, ele voltou sua atenção para o rasgo em sua camisa, dura com sangue seco.

O lugar que ela tinha dirigido na lâmina.

Lore agarrou seu antebraço frouxamente com as duas mãos, parando-o. “Eu preciso me desculpar com você.”

Ele balançou sua cabeça. "Lore, realmente-"

Ela pressionou. “Sinto muito pela maneira como tratei você. Por não estar do seu lado imediatamente na busca por Artemis, mesmo sabendo por que você queria encontrá-la, e por não cumprir minha promessa de ajudá-la a descobrir o que aconteceu com você.

“Está tudo bem,” ele disse calmamente.

"Não", ela interrompeu. "Não é. Se há apenas uma coisa que eu tenho certeza durante a maior parte da minha vida, é que você está sempre do meu lado. Que sempre posso confiar em você.”

Ela respirou estremecendo.

"Você disse algo antes que eu não entendi completamente", disse Lore. “Não na época.

Que a razão pela qual você precisava saber como matou Apollo era porque precisava que significasse alguma coisa. Você precisava que fosse por uma razão, e não apenas por acaso.”

Seus dedos enrolaram ao redor da pele macia de seu braço, acariciando-o.

“Eu não conseguia reconhecer isso em mim mesma”, disse ela. “Eu disse a mim mesma que não acreditava nos Destinos, mas uma parte de mim sempre esperou que eles existissem – que eles fossem a razão disso acontecer. Porque senão, minha família morreu como resultado de uma escolha que fiz.”

"O que?" ele sussurrou.

“Eu culpei o Agon. Culpei Aristos Kadmou e os Kadmides. Mas fui eu. Foi...

Lore sentiu como se estivesse entalhando as palavras em seu coração. — Foi minha... foi minha culpa.

“Não,” ele começou, “eu sei que pode parecer assim...”

Lore balançou a cabeça, sua garganta apertando. “Foi minha culpa, Cas. Meus pais voltaram do Agon e me disseram que estávamos deixando a caçada. Que estávamos saindo da cidade. Eu não podia. . . Eu não conseguia entender. Achei que eles eram fracos e covardes, mas...

Castor soltou um ruído suave, já sabendo para onde sua história estava indo.

“Eles sabiam que, uma vez que Aristos ascendesse, ele puniria meu pai por me recusar a ele”, disse Lore. “E eles sabiam que se ele descobrisse que ainda não podia usar a égide

como um deus, ele encontraria uma maneira de nos forçar a usá-la para ele, ou dar a ele por nossa própria vontade. Então eu pensei, não pertence a ele. É nosso. Deve ser nosso.

Eu estava tão convencida de que, se meus pais tivessem novamente, seria o suficiente para fazê-los ficar.”

“Você pegou,” Castor respirou, meio espantado com o pensamento. "Você roubou isto."

Ela assentiu, agarrando seu braço. Precisando segurar algo firme antes que a correnteza de seu arrependimento e tristeza a levasse para baixo. "Eu fiz. Eu era apenas uma criança estúpida, e eu queria tanto ser fadada a algo maior. Por algo mais.”

“Isso não é estúpido,” ele disse a ela. “É como eles nos criaram. Não é uma coisa que você simplesmente supera.”

Ela assentiu, tomando uma respiração trêmula.

“Tomei a égide e fiquei tão . . . animado. Tão orgulhoso." A memória a encheu de vergonha agora. “Mas então comecei a pensar em como os Kadmides nos superavam em número, qual era a punição pelo roubo, como Aristos Kadmou tinha sido cruel com meu pai. . . . Eu pensei, vou trazê-lo de volta. Vou trazê-lo

de volta e eles podem me punir, não meu pai, não minha mãe, não Damara, não Olympia. Mas não consegui. Não podia devolver-lhes a nossa herança. Então eu escondi em um lugar que eu sabia que eles não pensariam em procurar."

Seu corpo inteiro arfou. Ela se forçou a continuar.

"A essa altura, já era de manhã. O Agon tinha acabado há horas.

"E então você foi para casa", disse ele suavemente.

"E então eu fui para casa." Lore balançou a cabeça. "EU . . . encontrei-os."

Seus olhos ardiam. Ela pressionou uma mão contra eles. "Eu pensei que os Kadmides devem ter visto imagens de segurança minhas e pediram permissão de seu novo deus para matar minha família fora do Agon. Uma parte de mim sempre soube que o momento não se alinhava, mas eu tinha tanta certeza que era ele – todos eles. Mas era ela. Sempre foi ela."

"O que aconteceu não é culpa sua", disse Castor, sua voz cheia de intenção. "Você era apenas uma criança. Você não poderia saber."

Lore começou a chorar, deixando as lágrimas virem rapidamente. "Eles devem ter sentido muita dor. As meninas teriam ficado tão assustadas. . . . Não consigo parar de pensar nisso. Estou preocupado que um dia seja a única coisa que vou lembrar sobre eles.

Quando perco seus rostos, suas vozes. . ."

Tudo que sua família possuía foi destruído, incluindo fotografias, diários e heranças. Não havia mais nada.

Castor se inclinou para frente, envolvendo os braços ao redor dela. Ela se inclinou para ele, ouvindo a chuva tamborilar suavemente pelas janelas.

"Passei os últimos dias mentindo para você sobre tomar a égide", disse Lore. "Para tudo de você. Eu disse a mim mesmo que enquanto estivesse escondido, Wrath não poderia ter o que ele queria – se tivéssemos encontrado, eu teria feito tudo para ter certeza de que apenas você visse o poema. Que você seria o único a vencer e escapar do Agon. Mas no final, eu quase fui e peguei para ela. Isso é o quanto eu queria Wrath morto."

Ela olhou para ele, as palavras tremendo enquanto escapavam dela. “Você acha que eles me odeiam?”

Castor balançou a cabeça, pressionando os lábios em sua têmpora.

“Não,” ele disse ferozmente. “Eles amam você. Eles sempre vão te amar.”

Lágrimas deslizaram por suas bochechas. Ela queria acreditar nele. “Eu deveria ter conseguido o escudo para você, mas não consegui. Eu não poderia enfrentar isso.”

A herança que ela queria mais do que tudo se tornou a arma que destruiu sua vida.

"Nenhum de nós pode mudar o que aconteceu", ele sussurrou. “Gostaria que tudo tivesse sido diferente. Desejei isso mil vezes nesses últimos sete anos. Mas seus pais queriam deixar o Agon porque queriam que você ficasse seguro. Ser feliz. Você ainda tem essa chance. Isso é o que importa para eles agora.”

Seu aperto sobre ele aumentou, e ela tentou não imaginar sua família ali na escuridão cinzenta do Submundo, para sempre presa pelo que ela havia feito com eles. Ela respirou o cheiro dele e fechou os olhos novamente, esperando o aperto de dor em seu peito e crânio diminuir.

"Se há uma coisa que aprendi esta semana, é isso", começou Castor depois de um tempo.

“Quando não podemos mudar o passado, a única coisa que resta é seguir em frente. Eu preciso fazer o mesmo. Preciso parar de questionar um presente que me permite proteger as pessoas que mais me importam.”

Lore recuou. “Você merece saber o que aconteceu com você.”

“Mas qual é o sentido de um deus egoísta?” ele disse. "Ou . . . seja o que for que eu sou.”

"Eu não acho que você poderia ser egoísta se tentasse", disse Lore.

"É aí que você está errado", disse ele. “A verdade é que eu também não fui completamente honesto com você. Não me lembro como Apollo morreu, mas

me lembro dos momentos antes de acontecer. Tudo depois disso se foi, até o momento em que acordei e percebi que não tinha corpo e a vida que eu conhecia acabou.”

A dor em sua voz fez o peito de Lore apertar.

“Eu não o vi no começo. Ele sabia brincar com as sombras e a luz.” Castor respirou fundo.

“Eu estava de cama. Mal vivo naquele momento. A Casa Thetis foi esvaziada enquanto a caçada continuava, e meu pai saiu, só por um tempo, para fazer um recado. Acordei e Apollo estava lá, de pé na ponta da minha cama.”

Os lábios de Lore se separaram em surpresa.

"Ele olhou . . .” A voz de Castor sumiu. “Ele estava coberto de sangue. Havia uma ferida no lado dele.”

"O que você fez?" perguntou Lore. “Você não podia estar armado.”

Ele balançou a cabeça, virando as palmas das mãos para cima para olhar para eles. “Eu não estava. Perguntei se ele precisava de ajuda.”

Lore olhou.

"Eu sei. É ridículo até pensar nisso. Um garoto de doze anos, acreditando que poderia ajudar um deus? Ele soltou uma risada fraca. “Eu deveria estar apavorada. Todos esses anos fomos ensinados a odiá-los, mas eu o vi e pensei: Ele parece doente. Eu vi algo nele, em seu rosto, em seus olhos, que eu tinha visto tantas vezes no espelho. Ele era aníatos, como eu.”

Aniatos. Incurável.

“Ele perguntou qual era o meu nome e riu quando eu disse a ele. Era um som horrível, como um clarim. Mas havia essa atração para ele. Era . . . Parecia que todas as vezes que você disse para não olhar para o sol, mas algo lhe disse para tentar, apenas uma vez”, disse Castor. “Ele perguntou por que eu lhe ofereci ajuda. Eu disse a ele que parecia que ele precisava descansar.”

Castor finalmente olhou para ela. “Isso é tudo que eu lembro. Eu gostaria que

fosse uma história melhor. Eu gostaria de poder dizer a você que fui corajosa e forte, e que merecia esse poder, mas não posso, e mesmo sabendo que talvez tenha que deixar isso para trás, o pensamento me mata. Eu faria qualquer coisa para me provar para você.”

"Você não tem nada para provar para mim", disse Lore. "Porque você pensaria isso?"

Castor virou-se para olhar para ela, um leve sorriso no rosto. Mas seus olhos brilhavam com poder, e com aquele mesmo sentimento selvagem e irreprimível que ela estava se afogando.

"Não é óbvio?" ele perguntou baixinho. “Eu queria ser digno de você.”

“Digno de mim?” ela começou. Suas palavras muitas vezes saíam muito rápidas, muito desajeitadas, muito afiadas, e ela não queria isso. Não dessa vez. “Cas.”

“Lore.” Ele manteve o mesmo tom suave. “Nasci sabendo fazer três coisas: respirar, sonhar e amar você.”

Lore começou a tremer. Sua respiração tornou-se superficial, tão rápida e leve quanto seu pulso enquanto pegava fogo em suas veias.

Como ela disse isso? Como alguém disse isso? Era como desamarrar sua armadura, deixar de lado sua lâmina e expor cada parte macia de si mesma ao mundo. No entanto, no momento em que ele disse isso, Lore reconheceu aquela sensação de inevitabilidade que teceu todos os seus momentos juntos, velhos e novos. Como ela estava tropeçando em direção a ele, mesmo quando ela se afastou contra a corda entre eles.

Lágrimas escorriam por seu rosto, curvando-se sobre sua bochecha. Ela sempre foi aquela garota, seus sentimentos insuportáveis, seu cabelo emaranhado pelo vento enquanto ela corria pela cidade. Mas então, Castor sempre foi aquele garoto que corria ao lado dela.

“Você ouviu aquele sobre a tartaruga na Broadway?” ele disse suavemente, tocando um dedo em uma das lágrimas.

Lore desistiu das palavras e o beijou.

Castor respirou fundo quando seus lábios tocaram os dele, incertos a princípio. Lore se afastou, segurando o rosto dele nas mãos enquanto ela o estudava e seus olhos brilhantes e ardentes; ela se perguntou se seria seu último beijo, ou se isso importava quando isso era agora, e eles estavam aqui, e o vento crescente cantava pelas ruas de sua cidade.

Castor passou um braço em volta da cintura dela, cuidadosamente puxando-a para o calor de seu corpo. Ele abaixou a cabeça e encontrou sua boca novamente, roçando seus lábios com os dele sorridentes, como um desafio.

Quando ela recusou um desafio?

Lore o beijou novamente, encontrando-o ali, passo a passo, toque a toque, até que ela se perdeu nele, subindo e descendo com o empurrão e puxão, o avanço e o recuo. Ela agiu por instinto no parque, cedendo à atração dele, mas isso - isso era intenção.

Lore tinha beijado outros antes. Quase sempre bêbada e no escuro, deixando que o álcool se tornasse a barreira entre ela e as emoções que ela não queria sentir, e as coisas que ela queria esquecer. O que acontecera naquela noite na casa das Odisseides era como uma maré fantasma que entrava e saía de sua mente, cravando-se cada vez mais fundo na areia a cada retorno. Às vezes ela podia passar semanas sem pensar nisso, às vezes dias, às vezes apenas horas. Mas então voltava: a desconexão do corpo que ela tanto lutava para fortalecer, a sufocante sensação de impotência.

Talvez sempre fosse parte dela, mas ela estava aprendendo como passar por isso e se recuperar com a escolha. Agora, com Castor, ela não se sentia impotente. Ela se sentiu triunfante. Como se tudo em seu corpo de repente tivesse se conectado e eletrificado.

Os lábios dele eram macios quando roçaram os dela, capturando as últimas lágrimas dela, mas ficaram insistentes, mais duros, por sua insistência. Não foi o suficiente. Ela queria tocá-lo em todos os lugares, derreter-se no calor que se acumulava em seu corpo que era desejo, e a terna dor em seu coração que era amor.

Um trovão finalmente os separou. Lore começou a recuar, mas Castor aguentou mais um momento, passando as mãos pelos braços dela, absorvendo a sensação de sua pele contra a dele.

Ela pressionou o rosto na curva quente de seu ombro, respirando o cheiro dele. Sua mão arrastou ao longo de seu peito para o lugar onde ele tinha sido baleado.

“O que vai acontecer com você quando o Agon terminar?” ela sussurrou.

Lore o sentiu sorrir contra sua pele. "Você vai sentir minha falta, Golden?"

"Talvez eu goste de ter você por perto", disse ela. “Você é fácil para os olhos.”

Ficou tentada a ficar ali para sempre, ouvindo a tempestade, imaginando uma vida diferente. Mas quando o trovão explodiu no céu novamente, Lore tomou uma decisão.

“Vou ao Fenício”, disse ela. "Você vem comigo?"

Suas sobrancelhas se ergueram. “A velha casa dos Kadmides? Por que?"

"Porque," Lore disse. “Deixei algo lá, e finalmente é hora de ir buscá-lo.”

“NÃO POSSO DIZER QUE NÃO MELHORAM O LUGAR. . .”

Lore olhou para Castor, permitindo-se uma pequena risada. “Eu tive um grande golpe de nostalgia por estar aqui novamente.”

Um dia depois do malfadado encontro entre seu pai e os Kadmides, Lore trouxe Castor ao bairro de Murray Hill para espionar o fenício com ela. Eles subiram a escada de incêndio do prédio do outro lado da rua, exatamente do jeito que fizeram naquela noite. Naquela época, Lore não havia contado a Castor a verdade de como ela havia encontrado o local, ela apenas disse que eles estavam em seu próprio tipo de caça.

Depois que os Kadmides venderam a propriedade, parecia que se tornara uma boutique de fitness, que também fechou. Nos meses entre aquela época e agora, os ratos invadiram, ela foi bombardeada com pesticidas, e agora um restaurante de pita estava sendo construído. Um verdadeiro círculo de vida da cidade de Nova York.

Lore olhou para o rosto de Castor, seu perfil marcante delineado pelas nuvens manchadas de noite. O ar tinha adquirido uma qualidade morna e sonolenta quando a umidade voltou a cair sobre a cidade. Se não fosse pelo fedor de água

velha e podridão, ela poderia ter se sentido como se estivesse sonhando.

As águas da enchente demoraram a recuar após a morte de Tidebringer. Aos olhos de Lore, tudo começava a parecer como se tivesse sido pintado com aquarelas; as bordas foram suavizadas e as cores tingidas mais escuras.

Lore se levantou de onde estava deitada de bruços na beirada do telhado e examinou os prédios próximos uma última vez. Era quase meia-noite e o início do quinto dia do Agon, mas não havia nova-iorquinos por aí — ou, ao que parecia, caçadores.

Castor se endireitou também, soltando um leve zumbido de pensamento. Seu cabelo estava encaracolado e brilhante no ar úmido.

Ele realmente era lindo. Lore se perguntou, desde o momento em que descobriu no que ele se tornou, quanto do velho Castor restava, como se seus anos separados não a

tivessem desmantelado e refeito também. Ela havia perguntado a seu pai uma vez se herdar o poder de um deus significava absorver suas crenças, suas personalidades e sua aparência.

O poder não transforma você, ele disse. Ele só revela você.

Pelo que ela tinha visto, a imortalidade fez retroceder o relógio dos caçadores mais velhos que a reivindicavam, devolvendo-os ao seu auge físico e imbuindo-os de mais poder, mais beleza e mais força. Mas não podia consertar o que estava quebrado ou faltando dentro deles.

O mesmo era verdade para Castor, mas o poder apenas fortaleceu o bem em seu coração. Cada vez que ela encontrava seu olhar, ela via todas as coisas que ela havia perdido quando ele deixou sua vida. Coisas que ela nunca pensou que teria novamente.

Coisas que seriam tiradas dela mais uma vez no final do Agon.

Era muito doloroso pensar nisso, então ela não o fez.

“Tenho que admitir”, disse Castor, “estou um pouco triste por ter acabado”.

Por um momento, Lore não tinha certeza do que ele estava falando.

“A última vez que estivemos aqui, imaginei-nos mais velhos, entrando escondidos no bar debaixo do nariz de todos os Kadmides e pedindo uma bebida”, disse ele. “Você se lembra da máscara de serpente que eles penduraram na janela?”

“Aquele que supostamente pertencia a Damen Kadmou?” perguntou Lore. O primeiro novo Dionísio. "Sim, por quê?"

Castor tinha um leve sorriso no rosto quando disse: “Imaginei-nos roubando para verificar se as histórias eram verdadeiras e o interior ainda estava manchado com seu sangue”.

"Eu realmente era uma má influência para você quando criança", disse Lore.

Ele piscou para ela. Lore corou, virando a cabeça para longe para que ele não visse o tom rosado se espalhando por seu rosto. Ela se deitou novamente ao lado dele, seus dedos roçando onde os dele seguravam a borda de cimento. Castor moveu a mão, enrolando o dedo mindinho sobre o dela.

"Você realmente pensou sobre isso?" ela perguntou baixinho. “Nós vamos juntos?”

Naquela época, Lore tinha pensado principalmente em incendiar o lugar e ver os Kadmides fugirem como ratos de suas cabines escuras – provavelmente mais do que seria estritamente saudável para uma criança de dez anos.

“Estúpido, eu sei,” ele disse, “considerando o pouco tempo que eu tive. Mas você era como essa força invencível para mim, mesmo assim. Você era um lugar seguro para esconder minhas esperanças.

Seus lábios se separaram e seu corpo inundou com sensação e consciência repentina.

Ela não sabia o que fazer com isso, então ela olhou para a rua novamente.

"Vamos lá, grandão", disse Lore, empurrando-se para fora do telhado. “Só espero que ainda esteja lá.”

Eles desceram pela escada de incêndio. Lore se manteve alerta, uma mão em sua pequena lâmina, enquanto atravessava a rua.

O portão que protegia o caminho estreito para o pátio atrás do antigo restaurante estava bloqueado por sacos de lixo e andaimes caídos. Castor quebrou o cadeado com facilidade.

Água imunda rodopiava em torno de seus tornozelos enquanto eles avançavam. O fedor de lixo instantaneamente a trouxe de volta a este mesmo lugar, sete anos atrás.

Lore vasculhou o chão molhado, indo em direção às pilhas de material de construção no pátio. Dread correu um nó frio na parte de trás de seu pescoço.

Cadê?

"O que está errado?" perguntou Castor.

“O bueiro...” ela começou, apenas para perceber que a água estava descendo, em direção à pilha de madeira compensada alinhada contra a parede do restaurante. "Pode me ajudar? Precisamos tirá-los do caminho”.

Eles fizeram um trabalho rápido juntos. Quando eles removeram o resto da madeira, a água correu em torno de seus pés, derramando através da grade de ferro enferrujado que cobria o bueiro.

Quando ela tentou levantar a tampa, ela não se mexeu.

“Se você não está muito ocupado parado ali parecendo bonito. . . ?” ela disse, gesticulando para Castor.

Ele fingiu arregaçar as mangas. O movimento apenas destacou como sua camisa se agarrava aos cumes de seus ombros e peito. Um fio quente enrolou em seu estômago enquanto ela o observava se curvar para agarrar a grade.

Ele grunhiu, apoiando os pés. Os músculos de seus braços ficaram tensos enquanto ele puxava, até que, finalmente, ele usou seu poder para aquecer o selo de ferrugem que se formou. Castor colocou a tampa de lado com um olhar de alívio. “Como você levantou isso quando criança?”

“Pânico,” Lore disse, agachando-se ao lado da abertura. A força da água que flui por ela quase a empurrou.

Ela se mexeu, sentando-se na beirada para se abaixar no ralo.

"Espere", disse Castor, de repente sério. "Você está realmente indo para baixo?"

Não foi uma queda muito grande; a escuridão fazia o cano de drenagem parecer muito mais profundo do que realmente era. A água rugiu ao redor dela, correndo para encontrar

o ralo maior ao qual se conectava. Estava mais cheio do que da última vez que ela fez isso, mas ela não estava com medo.

Lore olhou para cima, lançando um olhar tranqüilizador para um Castor visivelmente preocupado.

Em vez de seguir o caminho da água, Lore foi para o outro lado, atravessando a cachoeira criada pelo ralo. Havia um pequeno espaço semelhante a uma alcova onde o ralo encontrava a parede do porão do restaurante. Ela parou, olhando para o saco de lixo escuro ali, exatamente onde o havia deixado.

Houve um som como um sussurro, mil vozes sedosas falando umas sobre as outras, incitando-a a seguir em frente.

Lore se moveu, e o mundo ficou em silêncio. O poder parecia queimar através da bolsa, fazendo seus dedos brilharem onde ela o tocava.

“Lore?” Castor ligou.

Ela se sacudiu para fora do estupor. “Vou passar para você.”

Lore lutou contra a água corrente para levantá-la em suas mãos. Castor soltou um pequeno suspiro de surpresa quando seus braços se fecharam e ele quase caiu no ralo.

— O que você colocou aqui com isso? ele perguntou, lutando para desenhá-lo o resto do caminho para cima.

"Muito engraçado", disse Lore, aceitando a ajuda de Castor enquanto ele a

puxava para fora também.

Ela se sentou por um momento, tentando forçar sua respiração a se acalmar.

“Estou falando sério”, disse Castor, dando ao escudo um olhar acusador. “Deve pesar perto de mil quilos. Como você o levantou?”

Lore lançou-lhe um olhar de incredulidade, estendendo a mão para desatar o nó no saco de lixo. Ela puxou para baixo para revelar a curva do escudo redondo e o padrão de chave de ouro embutido no couro.

Então, com outra respiração, ela puxou a bolsa até que o rosto feroz de Medusa olhou para eles do centro da égide.

Eu me lembro de você, parecia dizer.

A primeira vez que ela olhou para a égide, Lore viu um monstro transformado em troféu de um deus. Agora, quando Lore encontrou os olhos cegos de Medusa, ela só se viu olhando para trás.

Castor não parecia estar respirando. “Você colocou o escudo de Zeus em um saco de lixo.”

“E escondeu em um bueiro,” Lore confirmou.

"Você . . .” ele começou, apenas para deixar as palavras morrerem com um estrangulado

"Como?"

"Eu disse a você", disse Lore. “Coloquei no único lugar que eles nunca pensariam em procurar – o mesmo lugar de onde eu o tirei. Bem, do outro lado da parede.”

Lore tocou a borda da égide, sentindo a mesma sensação de zumbido passar por seus dedos, para sua mão, para seu coração.

Era dela. Como ela iria usá-lo agora dependia dela, e só dela.

Castor não disse nada, mas ela sentiu os olhos dele mesmo assim.

Ela o virou para que a curva interna do escudo ficasse de frente para eles. Tateando ao longo da borda do couro macio e gasto que cobria o interior, ela encontrou uma pequena trava e puxou-a. Ali, exatamente como Tidebringer havia dito, estava o poema inscrito, escrito na língua antiga.

Castor soltou um suspiro suave ao vê-lo, aproximando-se para lê-lo por cima do ombro.

“É quase exatamente o mesmo—” ela começou.

Exceto pelas linhas finais.

“Assim será até aquele dia”, leu Lore, traduzindo-os vagamente, “quando resta aquele que é refeito e me convoca com fumaça de altares a serem construídos pela conquista final e temível”. Ela olhou para o rosto pensativo dele. “O que você acha que isso significa?”

“Não faço ideia”, disse Castor. “Mas eu não gosto do som de conquista final e temível.”

“Convoca-me. . .” Lore leu novamente. “Athena disse que a égide poderia ser usada para invocar relâmpagos. Eu me pergunto se Wrath quer proteger suas apostas quando se trata de convocar Zeus e usar o escudo para chamá-lo para testemunhar o que ele planejou?

"Talvez", disse Castor. Ele respirou fundo.

"O que é isso?" Lore perguntou a ele.

"Eu não sei. . . . Isso me deu ainda mais perguntas do que eu tinha antes. Ainda estou sem saber se pode ou não restar apenas um de nós vivo”, disse Castor. “E como um deus pode ser 'refeito inteiro' se eles não têm acesso a seus plenos poderes mesmo enquanto estão em sua forma divina? E é este ato – seja lá o que for – algo que apenas um deus pode realizar para ganhar o Agon? Ou todos os deuses sobreviventes têm que executá-lo individualmente para libertar a si mesmos e aos caçadores do Agon?”

Esse último pensamento a queimou com o tipo de esperança que Lore não tinha certeza de que ela era mais capaz. Livre. Todos eles.

Athena tinha visto o desejo secreto nela de ser mais. Lore só estava brincando quando pensou que seria capaz de se livrar desta semana e retornar à vida que ela criou. O Agon

era um vício, e apenas seu verdadeiro fim o eliminaria dela – e não apenas dela, mas de todos os outros que lutaram e mataram por séculos em busca de mais.

Mesmo que Castor fosse forçado ao reino dos deuses e separado dela novamente, ele estaria vivo. A dor de saber o que ela ganharia e perderia fez Lore sentir como se ela tivesse arrancado seus próprios pulmões de seu peito.

Com o tempo, ela poderia aceitá-lo, no entanto. Ela poderia se contentar em saber que ele estava lá fora. . . .

Bem, talvez não conteúdo.

“Nesse caso, você pensaria que Zeus teria sido um pouco mais específico,” Lore lamentou.

“Não se o Agon foi feito para ser mais do que punição. . .” Castor disse, parando. "Deixa pra lá. Não tenho ideia do que estou falando. Vamos levar isso de volta para Van e Miles.

Tenho certeza que ambos terão pensamentos.

Ela assentiu.

“Você sabe,” Lore começou, algo mais ocorrendo com ela. "Athena se perguntou se você era de alguma forma um deus verdadeiro, ou outro deus disfarçado - mas isso significaria que você estava de alguma forma emprestando o poder de Apolo, e ele não teria que estar vivo para que isso fosse verdade?"

“Artemis disse algo semelhante”, disse Castor. “Que eu tinha o poder dele, mas que eu era diferente. . . Eu sou limitado da mesma forma que eles são, porém, mesmo em plena forma imortal. Não tenho todas as habilidades dele, apenas as que usei.”

Ela deu a ele um olhar pensativo. “Você acha que Apolo descobriu o significado disso e escapou? Talvez ele precisasse que você o ajudasse de alguma forma, e você não consegue se lembrar porque Zeus quer que todos os deuses o

desvendem por si mesmos.

Castor olhou para as mãos viradas para cima. “Mas então por que eu tenho o poder dele?

Atena não estava errada. Quando eu chamo, é mais como . . . mergulhando a mão em um rio quente e puxando dele. Ou . . . há sempre uma vela dentro de mim, mas posso alimentá-la com mais fogo se a alcançar. Estou fazendo algum sentido?”

"Você é", ela o tranquilizou. “A pequena boa notícia é que não temos que descobrir tudo isso agora. Acho que temos que nos concentrar em parar o que Wrath planejou. Cas, ele ainda tem que morrer. Não podemos deixá-lo recuperar sua imortalidade e voltar para Van ou Miles ou qualquer um dos outros.”

“Athena também é um problema”, disse Castor. “Ela não hesitará em punir você e os outros.”

Lore esfregou a testa, tentando não imaginar sua família. O que a deusa tinha feito com eles.

"Eu posso fazer isso", disse Castor.

"Cas-" ela começou.

"Eu posso matá-los", ele insistiu. “Dessa forma, nenhum mortal pode reivindicar seus poderes. E se eu realmente não posso morrer...

— Podemos, por favor, não testar essa teoria novamente? perguntou Lore.

"Não há outra escolha", disse ele. “Quando eles se forem, e a semana terminar, teremos sete anos para descobrir o enigma da inscrição antes do início da próxima caçada.”

E sete anos para descobrir como perder você para sempre, Lore pensou, miseravelmente.

Castor pegou a mão dela, apertando-a. “Atena lhe deu algum tipo de indicação sobre seus planos agora?”

Ela balançou a cabeça. “Ela nem sabe que estou vivo.”

O trovão ribombou no alto, sacudindo os prédios ao redor deles. Um relâmpago traçou um caminho através das nuvens, iluminando o rosto de Castor.

Lore pegou o escudo, deslizando o braço pelas tiras de couro. De alguma forma, ela sabia o que fazer.

Ela deu um soco na frente do escudo, e o rugido que saiu dele foi mais profundo que um trovão – foi primordial.

Ele rugiu pelo ar, uivando pelas ruas silenciosas. Ela bateu de novo, e de novo, até que seus ouvidos tocaram e ela ouviu o chamado ecoar de volta para ela de prédios distantes. O poder brilhou através dela. Ela se sentiu invencível.

Castor virou e virou, como se o barulho fosse um monstro a ser perseguido. Ele empalideceu ao ver a égide novamente, afastando-se dela. Lore o puxou para mais perto dela.

Pare, ela pensou. Eu não quero que ele nunca tenha medo.

Sim, uma voz parecia sussurrar de volta. Ele não é nosso inimigo.

Ele esfregou a mão contra o peito enquanto a encarava novamente. Desta vez, sua postura e expressão relaxaram.

Obrigado, pensou Lore. Uma última coisa.

Ela pegou sua pequena lâmina, cortando o escudo. O ar escuro brilhou branco com relâmpagos.

"Agora ela sabe", disse Lore.

MILES estava esperando por eles no topo da escada quando eles chegaram de volta ao escritório, virando o telefone várias vezes nas mãos. Ele estava tão absorto em seus pensamentos que levou um momento para percebê-los.

No segundo que ele levou para se levantar, Lore já havia subido os degraus entre eles, quase derrubando Miles quando ela jogou os braços ao redor dele.

Miles soltou uma risada chocada e sem fôlego antes de apertá-la com força.

"Você está bem?" ela perguntou a ele, quase chorando pelo alívio de vê-lo.

“Estou bem?” ele repetiu, afastando-se para lhe dar uma olhada completa. O olhar de Lore pousou em um hematoma de aparência brutal em sua testa.

“Eu sinto muito pelo que aconteceu,” ela começou. “Com o encontro, e Artemis __”

“Eu queria ir,” disse Miles. Ele olhou para Castor, uma pergunta silenciosa em seu rosto.

“Exatamente onde você disse que ela estaria,” Castor confirmou.

"Onde o aplicativo disse que ela estaria", disse Miles, miseravelmente.

Lore o abraçou. A nova pele sobre suas costelas puxou com o movimento, mas ela segurou, agarrando-se a Miles do jeito que ele se agarrava a ela.

“Obrigada,” ela disse a ele.

“Graças à tecnologia e à magia do serviço celular”, disse Miles. “Tudo o que fiz foi me preocupar.”

"Você fez mais do que isso", disse Lore.

"Você está certo", disse ele. “Eu também comi toda a manga de biscoitos que deveria ser nossa refeição do dia. Van teve que sair e tentar encontrar mais comida e água.”

"Estou falando sério", disse Lore.

"Não, é verdade", disse ele. “Minha mãe também ligou. Muito. Então isso foi divertido. Ela estava prestes a entrar em seu carro e dirigir até aqui. Eu disse a ela para não fazer isso, mas ela se recusou a desligar até que eu lhe enviasse uma foto de refém para provar que eu estava bem.”

Miles passou a mão pelo cabelo escuro. Ele estava começando a ficar um pouco sombrio à medida que a barba crescia, e havia hematomas escuros sob seus

olhos. Mas quando ele sorriu, todo o desgaste da semana pareceu desaparecer.

"Eu tenho algumas roupas para você", disse ele, levando-os para o espaço vago do escritório.

Van e Miles tinham feito uma leve redecoração nas últimas horas. Sacos de suprimentos espalhados estavam empilhados aqui e ali nas lonas plásticas que cobriam o chão. Miles

foi até um deles, tirando uma pequena trouxa de roupas.

“Van não achou seguro voltar para a casa da cidade, e a seleção no abrigo não foi boa,”

disse Miles, entregando-os a ela. “Achei que você gostaria de outro par de jeans que realmente servisse em você, mas tenho que avisá-lo que a lavagem deles é de duas temporadas atrás.”

Lore desdobrou o par em questão. “Devo ficar nervoso por você saber o tamanho do meu jeans?”

“Devo ficar chateado por você sempre deixar suas roupas em nossa máquina de lavar para que eu acabe tendo que secar e dobrá-las para você?”

Ele pegou um sutiã esportivo, uma camiseta preta com um misterioso logotipo desbotado e meias limpas.

Lore sorriu. "Obrigada."

"Sem problemas", disse ele. “Sua marca de 'eu não me importo' é muito fácil de comprar.”

Havia algo no bolso da camisa. Lore o despejou em sua mão, apenas para encontrar-se olhando para o colar de ouro que Hermes lhe dera. O amuleto de penas era frio ao toque.

Ela escovou um dedo leve contra ele. Os olhos dos deuses estão sobre você.

"Eu pensei que você poderia querer isso", disse Miles calmamente.

Lore não conseguiu falar. Ela assentiu, abrindo o fecho para colocá-lo. Qualquer poder que pudesse ter se foi, deixando para trás seu leve peso e o significado que ela passou a atribuir a ele. Aquele que nunca tinha sido mais importante do que agora.

Não perdido. Livre.

Castor ficou imóvel ao lado dela. Lore seguiu seu olhar para a porta.

Iro ficou ali, respirando com dificuldade. Ela não estava mais vestindo o manto preto de um caçador, mas as roupas típicas usadas por baixo deles – camisa escura, calças largas, armadura corporal.

O olhar que ela deu a Lore foi de súplica, mas ela não falou.

Lore parou na frente de Castor. "O que você está fazendo aqui?"

“Ela está nos ajudando,” Miles disse a ela.

"Não. Ela não é,” Lore disse friamente.

A outra garota se encolheu, seus olhos correndo para Castor. “Eu... eu sei que cometi um erro. O que aconteceu foi um erro. Eu - todos nós - desejamos fazer as pazes. Desejamos lutar. Para parar a Ira.”

Lore olhou para ela incrédula.

“É verdade,” Miles disse a Lore. “Iro nos encontrou enquanto estávamos a caminho de encontrar os Achillides. Eles compartilharam suprimentos e informações.”

Lore abriu a boca para falar, mas a voz calma de Castor interrompeu

. ele perguntou a Iro. "O que mudou?"

"Eu mudei", disse Iro. “Alguém me disse que há um mundo melhor esperando para ser escolhido, e eu sei que ele desaparecerá no momento em que o plano de Wrath acontecer. Se você não pode acreditar em mais nada, acredite que não permitirei que o assassino de meu pai saia vitorioso dos Agon.

Castor pareceu considerar ela e suas palavras cuidadosamente antes de dizer: “Tudo bem”.

Lore girou em direção a ele. "O que?"

“Eu aceito suas desculpas,” ele disse a Iro. “Obrigado por ajudar os Aquilides.”

Lore soprou uma mecha de cabelo de seu rosto. “É por isso que eu sempre tive que guardar todos os nossos rancores quando crianças. Você nunca teve coragem para eles.”

Para Iro, ela disse: “Se isso é outro truque. . .”

"Isso não é nenhum truque", disse Iro. “Eu vou fazer um juramento para você agora—”

Lore ergueu a mão. "Por favor. Não posso fazer mais juramentos. Vou apenas acreditar na sua palavra.”

Passos pesados subiram as escadas atrás de Iro. Todos se viraram para encontrar uma Van ligeiramente sem fôlego encostada no corrimão da escada. Uma sacola plástica, cheia de garrafas de água e alimentos embalados, estava pendurada em seu pulso.

"Você está bem?" perguntou Miles.

Van ergueu a mão, acenando para ele. Ele virou o rosto de volta para as escadas atrás dele, mas não rápido o suficiente para Lore perder a forma como seus lábios se comprimiram e seus olhos se fecharam com força no tipo de alívio que era tão forte que se tornou doloroso.

Isso, ela percebeu, era sua família agora. Isso era o que estava bem na frente dela, esperando para ser visto, o tempo todo que ela estava perseguindo o passado.

Quando Van olhou para eles novamente, percebeu quem não estava lá. “Onde está Atena?”

Miles se sacudiu, como se nem tivesse percebido. "Esperar . . . Eu apenas pensei que ela era – na verdade, eu não sei o que eu pensei.”

Lore respirou fundo.

"Preciso contar tudo o que aconteceu", disse ela, encostando a égide coberta contra uma

parede próxima. "E então precisamos descobrir um plano."

“Bem,” Van disse elegantemente enquanto vasculhava uma de suas sacolas de suprimentos. "Droga."

Passou-se um tempo antes que alguém falasse.

“Gil. . . foi Hermes. . .” Miles disse, parecendo que ia desmaiar da cadeira. Lore sentou ao lado dele no chão e colocou uma mão firme em sua perna. "Um Deus . . . lavou meus não mencionáveis. . . . Ele veio para o Family Weekend em Columbia comigo. . . . Comemos pizza juntos”. Ele sussurrou a palavra novamente em descrença. "Pizza."

“Sim,” Lore disse suavemente. "Nós fizemos."

“Por que ele me acolheu?” disse Miles. “Por que me oferecer um lugar para morar? Deve ter sido para ajudar a disfarçar o fato de você estar lá, só não sei como.

"Talvez ele apenas gostasse de você", disse Lore. Talvez Hermes tivesse pensado que ela precisaria de alguém como Miles.

"Não admira que você estivesse tão chateado", disse Castor, sua voz tensa. “Eu sabia que tinha que ser algo terrível, mas não tenho certeza se poderia ter imaginado isso.”

“E Atena. . .” Van balançou a cabeça. “Eu deveria ter visto. Eu deveria ter acreditado nas histórias sobre ela, mesmo enquanto ela trabalhava conosco.”

Ele abriu um pequeno pacote branco, então cruzou a curta distância até onde Miles estava sentado e cuidadosamente escovou o cabelo de sua testa para que ele pudesse aplicar o bloco de gelo azul brilhante no hematoma.

Miles olhou para ele, os olhos arregalados. Van, como se percebesse o que tinha feito, recuou, entregando-o rapidamente.

"Aqui", disse ele. "EU . . . Parecia ruim.”

“Onde você encontrou uma bolsa de gelo em uma cidade sem energia?” Miles perguntou fracamente.

"Ainda duvidando de minhas habilidades, eu vejo", disse Van. "Eu sempre consigo o que eu quero."

"Aqui, deixe-me curá-lo", disse Castor, começando a se levantar.

Miles acenou para ele, segurando sua bolsa de gelo em sua contusão.

"Eu realmente deveria ter descoberto", disse Van, terminando seu pensamento anterior.

“Se não o papel dela, então o fato de que Wrath já sabia o que o poema dizia.”

“Ele não deu nenhuma indicação de que já possuía conhecimento de seu conteúdo”, disse Iro a Lore se desculpando. “Eu não teria escondido isso de você.”

"Eu sei. E se é culpa de alguém, é minha,” Lore disse a eles. “Fui eu quem trouxe todos vocês para isso. Fui eu que a deixei entrar.”

"Você está realmente bem?" Miles perguntou a Lore, estendendo a mão para segurar sua mão.

“Eu já estive melhor,” ela disse a ele. “Mas Castor me encontrou a tempo.”

Van pressionou o celular na testa, pensando. “E as novas linhas . . .”

Ele parou de pensar novamente.

“E você tomou a égide,” Iro disse, seus olhos escuros suaves. “Todo esse tempo, você nunca disse uma palavra. . . nem mesmo quando falamos sobre isso durante o treino.”

"Eu não me deixei pensar sobre isso", disse Lore. “Muito menos falar sobre isso.”

"Onde está agora?" perguntou Iro.

Lore se levantou, trabalhando a rigidez em suas articulações enquanto ela ia recuperá-lo.

Ela não se incomodou com o nó desta vez. Ela rasgou o saco dele, chutando os pedaços enquanto segurava a égide para mostrá-los.

O telefone caiu da mão de Van.

"Eu sei", disse Castor para ele.

Van e Iro foram em direção ao escudo lentamente, atordoados. Iro pressionou a mão na boca dela, agachando-se na frente dela.

"Isso é-" Van começou.

"Sim", disse Lore.

“Levado para a Guerra de Tróia...”

“Sim.”

“Nascido do martelo de Hefesto—”

“Sim.”

“Portando o Gorgoneion—”

“Você precisa se sentar de volta?” Lore perguntou a ele, sério. Van esticou a mão em direção a ela, apenas para puxá-la de volta antes que seus dedos pudessem tocar Medusa. Como se ela pudesse morder. Mas nenhum deles estava com medo - Lore se perguntou então se ela tinha que estar segurando o escudo para usá-lo para instilar terror nos outros, e se ela tinha que querer que esse efeito acontecesse.

"Isso é tão legal", disse Miles, caindo de joelhos. Ele olhou para Lore. “Posso tirar uma

foto com ele?”

"O que?" Lore disse, puxando-o de volta. "Não!"

— Era você, mais ou menos uma hora atrás? perguntou Iro. “Soou como um trovão no início, mas. . .”

Lore assentiu. “Eu queria que Athena soubesse que eu estava vivo, e que eu tinha. Eu posso não saber o que ela está planejando, mas pelo menos isso vai ajudar a atraí-la.

"Precisamos atraí-la?" Miles perguntou, magoado.

“Nós temos,” Lore confirmou. “Se vamos acabar com o Agon, ela não pode sobreviver, caso contrário, não haverá lugar no mundo em que estaremos a salvo dela.”

O novo deus soltou um ruído de frustração. “Está faltando alguma coisa aqui.”

"Claro que estamos perdendo alguma coisa", disse Van. “Você não consegue se lembrar de como se tornou um deus, mas aparentemente você não pode ser morto. Por que é que?"

Castor contou aos outros a verdade sobre sua ascensão, mas a história só trouxe mais perguntas.

“Pode não estar conectado”, apontou Miles. “Talvez seja apenas o poder de Apollo curando-o rápido o suficiente para evitar que qualquer lesão o mate.”

“Se isso for verdade, duvido que o original possa ter morrido”, disse Lore. “E ele foi baleado no coração.”

Iro olhou para Castor. "Desculpe."

O ombro de Castor se ergueu em um encolher de ombros.

“E se Wrath estiver interpretando as falas literalmente?” disse Van. “Em vez de construir um templo ou chamar os adoradores de volta para honrar Zeus, ele está planejando um sacrifício cerimonial de animais ou algo mais em nome de Zeus? Conquista final e temível. . . conquista. . . Sabemos onde ele está agora?”

"Ele está de volta ao Waldorf Astoria", disse Iro, pressionando a mão em seu rosto.

“Quase me esqueci de te contar, e esse foi o objetivo de minha vinda aqui. Temos olhos postados nas proximidades, e eles informaram que todos os Kadmides retornaram. Eu só posso supor que ele fez bem.”

“Ele estava no Waldorf Astoria?” Lore perguntou, olhando entre eles. "Perdi alguma coisa?"

"Ah, sim - você realmente fez", disse Miles. “Isso é o que a fonte dos Kadmides me disse durante aquela última reunião. O hotel está fechado para reforma há anos e não deve reabrir por mais alguns meses. Os Kadmides pagaram uma quantia impressionante aos proprietários para interromper o trabalho de construção durante a semana. Eles estão usando as suítes da cobertura.

O prestigioso hotel passando por reformas em Midtown East parecia uma escolha estranha para ela, além de estar vazio, mas Lore deixou para lá. "Mas ele saiu em um ponto?"

“Todos os Kadmides foram evacuados durante a inundação”, explicou Van. “Interessante que eles voltaram. . .”

“Ele só voltaria se tivesse que voltar”, disse Miles. “Você não acha? Se Van estiver certo, talvez seja onde eles construíram seu altar para o sacrifício.

Van esfregou o queixo. “Por que ele precisaria de Tidebringer para causar a inundação, então? Ele poderia simplesmente ter tirado as pessoas da rua... Ah.

"Oh o que?" Lore pressionado. "Ah não?"

“Eles não vão atacar o Waldorf Astoria”, disse Van. Ele olhou para Miles. “Está vazio, exceto pelos caçadores. Mas o que aconteceu quando as águas da enchente chegaram?”

“Ele quebrou a rede de água, interrompeu nossa eletricidade e todos os nossos sistemas de transporte. . .” Miles se levantou. "Oh."

Van assentiu. “Isso forçou as pessoas a entrar em abrigos. Esse era o objetivo: garantir que as pessoas – muitas pessoas – se reunissem em alguns lugares da cidade.”

"Você acha que ele está planejando um sacrifício humano?" Iro perguntou,

horrorizado.

“Saber que é proibido?”

“Conquista final e temível,” Van repetiu novamente. “É uma conquista daqueles que adoram deuses rivais – pelo menos seria aos olhos de Wrath.”

“Mas a qualquer momento durante a semana há milhares de pessoas em prédios de escritórios, escolas, trens e estações de metrô”, disse Lore. “Por que ele precisou de Tidebringer para causar uma inundação?”

“Para tornar os serviços da cidade inúteis e manter todos preocupados com os esforços de socorro”, disse Miles. “Movimentar-se pela cidade sem ser notado por causa da enchente e suas consequências. Todos que não pagaram ficarão sobrecarregados ao garantir a segurança da cidade”.

“Onde estão os maiores abrigos?” perguntou Iro.

“Muitos dos abrigos designados usuais também foram afetados”, disse Miles. “Eles estão usando grandes estruturas como Madison Square Garden, Central Park, Grand Central Station. . . .”

Ele ficou muito pálido, então olhou a hora em seu telefone.

“Milhas?” Lore perguntou.

“Eu sei por que eles escolheram o Waldorf Astoria”, disse ele. “E se eu estiver certo, não temos até que o Agon termine no domingo à meia-noite. Só temos até amanhã para detê-

los.”

"QUERO DIZER . . .” MILES CONTINUOU, observando os rostos ao seu redor. "Eu posso estar errado. Espero estar errado.”

"Vamos operar sob a suposição de que você não é", disse Van, guiando-o de volta para uma cadeira.

"Eles estão evacuando as pessoas na Grand Central e nos outros pontos de socorro temporários a partir de amanhã à noite - sexta à noite - e levando-os para

um abrigo mais bem equipado no Queens", disse Miles, parecendo cada vez mais perturbado. “Mas a construção de lado, definitivamente não é uma coincidência que ele escolheu aquele hotel em particular.”

"O que te faz dizer isso?" perguntou Lore.

“Você já ouviu falar da Faixa Sessenta e Um?” ele disse, pegando seu telefone e procurando rapidamente. “É uma linha de metrô chamada 'secreta' embaixo do hotel, construída para o presidente Roosevelt – a do FD, não a do ursinho de pelúcia – para que ele pudesse se mover entre a Grand Central Station e o Waldorf Astoria sem que o público visse que ele poderia não anda. Uma vez fiz um tour com meu chefe de estágio, mas a maioria das pessoas não faz ideia de que ainda existe.”

Miles entregou a Lore seu telefone. Ela percorreu o artigo lá enquanto Castor lia por cima do ombro.

“Parece que FDR seria colocado em seu carro blindado e eles o levariam para um elevador, que levava à garagem do Waldorf Astoria”, disse Castor. “O que quer que os Kadmides trouxessem de River House poderia estar escondido lá, na pista.”

“Mas eu pensei que os túneis do metrô estavam inundados?” perguntou Lore.

"Alguns deles são", disse Miles. “Posso ver se há alguma atualização através do trabalho, mas eles podem ter seu próprio sistema motorizado para se locomover sem usar as próprias pistas. O que você acha que é, no entanto? Uma bomba?”

“Uma oferenda de sacrifício aos deuses geralmente é feita com fogo”, explicou Lore a Miles. “Então a fumaça sobe para onde se acreditava que eles residiam no céu. Se não for uma bomba, provavelmente é algum outro dispositivo incendiário. Estamos apostando na Grand Central Station como seu alvo?”

“Eles podem se conectar a várias linhas de metrô diferentes lá”, disse Miles. “Mas eles definitivamente precisariam passar por isso.”

"Você está esquecendo alguns passos", disse Iro. “Para que seja um sacrifício adequado, seria necessário haver libações. A garganta de um animal seria cortada – haveria orações.”

"Eu acho que ele provavelmente foi além do adequado", disse Lore.

Iro assentiu. "Ponto justo."

“Há outro problema”, disse Castor. “Mesmo se estivermos certos, como vamos diminuir a janela potencial do ataque?”

"Deixe isso para o Odysseides", disse Iro. “Vamos descobrir quando eles pretendem atacar e vamos cortá-los na altura dos joelhos.”

“Os Achillides restantes ajudariam em qualquer tipo de ataque ao Waldorf Astoria”, disse Van. “Ainda estaremos em grande desvantagem numérica para as forças de Wrath, mas se pudermos pegá-los desprevenidos e antecipar seus planos, o elemento surpresa nivelará o campo de jogo um pouco.”

“Tudo bem, tudo bem”, disse Castor. “Mas ainda há Wrath para enfrentar. E Atena.”

"Essa é a parte descomplicada", disse Lore. “Eu tenho algo que ambos querem, e agora ambos sabem disso.”

Castor suspirou. "Você quer usar a égide como isca?"

"Eu não sei. . . .” Van balançou a cabeça. “Ele precisa disso para alguma coisa. É

realmente sábio trazê-lo para ele? Se ele encontrar uma maneira de forçá-lo a usá-lo...

— Isso não vai acontecer — disse Iro com firmeza.

Lore olhou para ela, surpresa com a demonstração de fé de sua velha amiga.

“Não vai,” Iro insistiu.

“Não vai,” Lore concordou. “Tanto ele quanto Athena estão se iludindo se pensam que podem usá-lo uma vez que estejam em forma divina, eu realmente acredito nisso. E eu nunca vou dar a eles de bom grado.”

"Nós já não tentamos esse plano algumas vezes?" Castor perguntou gentilmente. "O que faz você pensar que vai terminar de forma diferente?"

"Por causa da égide", disse Lore. “É mais do que armar uma armadilha – é jogar um contra o outro. Wrath está obcecado com isso, e Athena nunca vai deixá-lo tê-lo quando ela está tão perto de tê-lo ela mesma. Cas, se conseguirmos atraí-los para uma luta mano a mano, seremos capazes de cuidar de quem sair vivo disso.

Van parecia repassar o cenário em sua cabeça, mas não o derrubou imediatamente.

Castor usava seu familiar olhar de preocupação.

“Ainda há muitos talvez e incertezas”, disse Van. “Mas neste momento, é provavelmente o melhor que vamos fazer. Nosso objetivo é garantir que o dispositivo nunca apague e que Castor seja o deus final.”

“Isso não será suficiente para acabar com o Agon de uma vez”, Miles os lembrou. “E

ainda não sabemos o que significam as novas linhas.”

"Eu sei", disse Lore. O pensamento a encheu de frustração amarga, mas o que eles poderiam fazer? Eles estavam sem a única coisa de que mais precisavam: tempo. “Se conseguirmos passar por hoje, amanhã e sábado, temos sete anos para descobrir antes que outro Agon comece.”

Iro se levantou da cadeira. “Se vamos atacar amanhã, precisarei agir rapidamente para saber o momento de seus planos.”

"E como você vai fazer isso, exatamente?" perguntou Miles.

As sobrancelhas de Iro se ergueram. “Só preciso encontrar um dos caçadores de Wrath que conheça esses detalhes. Vou desfrutar . . . discutindo isso com quantos forem necessários para descobrir.”

"Me mande uma mensagem quando você souber de alguma coisa", disse Lore.

"Sim, eu vou", disse Iro. "Eu quase esqueci. . . .”

Ela se moveu em direção à escada, recuperando a pesada mochila preta que ela havia deixado lá quando ela entrou. "Eu pensei que você poderia precisar de armas, dado tudo o que aconteceu."

Iro os removeu de seus embrulhos, colocando-os no chão. Castor desembainhou a espada que Van lhe entregou, inspecionando-a.

"Você se lembra de como usar essa coisa?" perguntou Lore.

Ele a cortou no ar, admirando o brilho da lâmina de prata pura. “Acho que ainda tenho a essência.”

Era um xiphos, a lâmina reta mais curta que os antigos tradicionalmente preferiam. Só que os fabricantes de armas da linhagem há muito substituíram o ferro e o bronze por aço superior. Vinhas decorativas de prata foram incrustadas no punho; aquele pequeno pedaço de arte era uma assinatura de seus ferreiros.

"Estes são de suas próprias lojas?" Lore perguntou, surpresa.

Iro assentiu. “Não adiantaria lutar com o aço do nosso inimigo. Eu não seria capaz de confiar nele.”

Iro passou para Lore seu próprio xiphos, a bainha, como a de Castor, presa a um baldric —

uma longa tira de couro que cortava do ombro ao quadril para permitir que a lâmina ficasse pendurada ali. Sua espada não tinha enfeites reais, mas Lore gostou de senti-la em sua mão.

Quando Iro se levantou para sair, Lore a seguiu até as escadas.

“Tem certeza que vai ficar tudo bem?” Lore perguntou a ela.

Iro assentiu, parecendo lutar com seus pensamentos por um momento.

É

"Eu quis dizer com tudo", disse Lore. “Isso não está apenas parando Wrath. É o fim do Agon e a destruição de tudo que você conhece. Tudo o que você queria.”

Todas as coisas que ela também teria que enfrentar.

“Todos nós votamos se devemos ou não ajudá-lo, e foi unânime”, disse Iro. “O Agon nunca foi um mestre gentil, mas essa caçada quase nos destruiu. Tudo

mudou agora. A ira derrubou todas as regras e crenças que nos levaram através dos séculos, apenas para revelar a podridão que sempre esteve lá, apenas fora de vista. Se não acabarmos com o Agon, ele acabará conosco."

Lore assentiu. "Sim. Exatamente."

"Eu não te disse isso antes," Iro disse quando ela chegou à porta da rua, "quando você me perguntou sobre ela. Afinal, minha mãe está viva."

"O que?" Lore respirou. "Você tem certeza?"

Iro assentiu.

"Ela me escreveu no início do Agon. Em sua carta, ela me disse que não poderia ficar em nosso mundo, que teria estrangulado a vida dela", disse Iro. "Ela sabia que não poderia me levar com ela sem que as Odisseides viessem atrás de nós. Acho que não entendi como me sentia sobre isso até esta semana, talvez não até você nos contar sobre sua própria família querendo a mesma coisa. Para mim, ela não alcançou a liberdade, mas a vergonha. Como eu poderia acreditar nisso sobre minha própria mãe?"

Lore soltou um suspiro suave. "Isso bate perto de casa."

"Tudo o que posso fazer agora", disse Iro, "é dizer a você que sinto muito por tudo o que aconteceu e vir quando você ligar."

Lore respirou fundo. "As outras linhagens não vão desistir de bom grado do Agon."

"É uma coisa boa, então," Iro disse com um pequeno sorriso, "que nenhum de nós nunca teve medo de uma briga."

Ela abriu a porta, apenas para voltar. "A propósito, essa espada tem um nome.

Makhomai."

Eu faço guerra.

Lore sorriu.

LORE DORMIU E SONHOU com o mundo cinzento da morte.

Um rio passava preguiçosamente. A memória sangrou em devaneios enquanto ela avançava sobre os fragmentos de pedra que cobriam suas margens. O ar virou gelo em

seus pulmões e agrediu seus braços e pernas nus. Uma simples mudança, do tipo que os caçadores usavam para queimar seus mortos, arranhou sua pele.

Ela ouviu uma voz suave, um sussurro de seu nome, e olhou para cima. Sobre as águas do rio havia sete formas douradas, seus contornos brilhando contra a paisagem sombria e escarpada.

Lore sentou-se ereta, arrancando-se do sonho. A palavra ecoou através dela. Sete.

Seus rostos eram indistintos, mais impressões do que qualquer outra coisa, mas Lore os reconheceu mesmo assim. Hermes, Afrodite, Hefesto, Poseidon, Ártemis, Ares e Dionísio.

. .

Se eles fossem realmente os deuses do Agon, se tudo não tivesse sido uma alucinação. .

. deveria ter sido oito. Mas isso significaria... o quê? Que ela estava certa, e que Apolo de alguma forma escapou da morte?

Lore balançou a cabeça, pressionando uma mão fria em sua têmpora. Levou um momento para ela se lembrar de onde estava. Ela examinou o espaço do escritório, seus olhos pousando em onde Van estava sentado acordado em uma das cadeiras.

Castor dormia no chão embaixo dele, os dedos entrelaçados e descansando no peito, mas o olhar de Van estava fixo no lugar onde Miles dormia esparramado no sofá. À

medida que os olhos de Lore se ajustavam à pouca luz, o olhar de desejo de Van se desenvolveu como uma velha fotografia na escuridão.

Finalmente notando-a, ele endureceu. Depois de um momento, ele pareceu decidir alguma coisa e se levantou, gesticulando para que ela o seguisse pela sala, até a janela mais distante.

Lore se aproximou lentamente. Quando ela parou na frente dele, ela encostou o ombro no vidro e cruzou os braços. No final, foi ela quem quebrou o silêncio.

“Ouça,” ela começou. "Eu sei . . . Eu sei que as coisas entre nós sempre foram difíceis.”

"Essa é uma maneira de descrevê-lo", ele murmurou.

“Eu nunca fui tão boa em falar sobre sentimentos...” ela começou.

"Ou ouvindo", ele interveio baixinho.

Ela deu a ele um olhar irônico. “Ou ouvindo. Mas eu respeito você, e não quero mais que as coisas sejam assim entre nós. Nós nos preocupamos com as mesmas pessoas e, independentemente de como você se sente por mim, eu também me importo com você.

Me desculpe se eu já fiz você sentir que eu não fiz.

Ele suspirou. “Não é como se eu tivesse sido tão justo com você também. Embora, para registro, você ainda tenha um relacionamento doentio com problemas.”

Lore soltou uma risada suave e seguiu o olhar de Van enquanto ele se voltava para Miles.

“Está tudo bem querer coisas boas,” ela sussurrou. “E acreditar que você merece uma

vida boa.”

Van balançou a cabeça lentamente, sua mão esquerda ajustando sua prótese. “Eu não sei sobre isso. Nunca me permiti considerar isso – talvez naqueles poucos momentos em que acreditei que o Agon poderia realmente acabar, mas sempre havia mais trabalho a fazer.”

“Eu só tive um vislumbre disso antes”, disse Lore. “Eu vejo isso agora. Eu estava feliz, mas o passado, o Agon – sempre havia algo que me impedia de abraçar totalmente o que tenho aqui e ver como é realmente bom. Não cometa o mesmo erro.”

Van deu de ombros, mas seus olhos instintivamente se voltaram para Miles, que murmurava baixinho em seu sono.

“Eu tive um sonho estranho agora,” Lore sussurrou. “Uma lembrança, talvez.”

Zeus havia bloqueado o fluxo da profecia, mas os caçadores sempre acreditaram que os sonhos podiam trazer presságios e mensagens. Ela não ficou nem um pouco surpresa quando Van disse: “Diga-me”.

“Você acha que o deus desaparecido pode ter sido Apolo?” ele perguntou quando Lore terminou.

“Eles podem não ter sido deuses em tudo,” ela o lembrou. “A perda de sangue é uma coisa infernal.”

“Tem outra coisa que eu tenho pensado,” ele começou.

“Enquanto você estava olhando para Miles? Eu quero ouvir isso?” Lore fechou a boca com o olhar dele.

"É a ideia de sacrifício", disse Van. “Não sei se estamos pensando nas novas linhas da maneira certa.”

Ele mexeu a mandíbula para frente e para trás em pensamento. “Convoca-me com fumaça de altares a serem construídos pela conquista final e temível. . . Um sacrifício tem que significar alguma coisa. Implica algo necessário. . . . Você não poderia argumentar que é o ato de entregar essa coisa necessária aos deuses que faz valer a pena?”

Antes que ela pudesse responder, o telefone de Lore vibrou contra a bateria externa que Miles havia dado a ela para carregá-lo. A tela rachada brilhou quando ela abriu a mensagem de Iro.

Confirmado — ataque ao pôr do sol amanhã.

Ela e Van trocaram um olhar.

"Depende de você", disse ele. "Vamos precisar de algumas horas para encontrar alguns últimos suprimentos."

Lore respondeu uma palavra: meio-dia.

As horas passavam em uma marcha lenta e constante. Lore pensou que ela poderia cochilar, mesmo que apenas para passar o tempo, mas seus nervos estavam pulando muito forte sob sua pele. Ela treinou com Castor, cuidadosa como eles usaram suas espadas reais. Mesmo isso não foi suficiente para estabilizá-la.

Finalmente, às dez e meia, Miles voltou de uma missão que insistira em fazer.

"Para você", disse ele, entregando a Van uma pilha de baterias externas.

Miles enfiou a mão em sua bolsa e entregou a Castor uma longa camisa preta e jeans pretos, e, para Lore, um suéter escuro para colocar sobre sua camisa. “Tudo isso deve se encaixar, espero.”

Castor desapareceu no depósito para se trocar.

Quando ele voltou, Miles passou-lhe uma armadura corporal, então se virou para dar a Lore a dela. “Isso é das Odisséias. Iro enviou um mensageiro para me encontrar. Apenas no caso de você pensar que de repente eu tive acesso a suprimentos do exército ou cartéis de drogas.

Lore imediatamente tentou devolver o dela para ele.

“Absolutamente não,” Miles disse a ela. “Tudo o que vou fazer é correr para a Grand Central e gritar Fogo! para levar as pessoas a evacuar o edifício. Eu vou ficar bem."

Ela ofereceu a Van, que balançou a cabeça.

“Vou pegar um do Odysseides quando me encontrar com Iro e os outros no hotel”, disse ele.

"Tudo bem", disse ela, abrindo as tiras de velcro e deslizando-o sobre sua

cabeça. Castor estendeu a mão, ajustando o dela para um melhor ajuste.

"Assim . . .” Miles começou, tirando dois pares de fones de ouvido sem fio de sua bolsa.

“Estes são fones de ouvido com cancelamento de ruído. Há um interruptor no fone de ouvido direito que realmente ativa o cancelamento de ruído, caso contrário, eles serão fones de ouvido comuns e praticamente inúteis.”

Castor ergueu um, estudando o pequeno dispositivo, mas Lore ainda estava confuso.

“Pelo poder de Wrath,” Miles a lembrou. "Eu realmente não sei como isso funciona, mas talvez se você não pode ouvi-lo, ele não pode se infiltrar em seu cérebro para afetar sua força?"

"Direito . . .” ela disse, de alguma forma ter esquecido que ainda seria um problema.

"Direito."

“O mensageiro de Odisséias tinha as outras coisas que eu pedi a Iro para pegar do meu estoque?” perguntou Van.

"Ela realmente fez", disse Miles. Ele entregou a ambos um pequeno cortador de arame e uma lanterna do tamanho de uma caneta.

“Isso é muito mais poderoso do que parece”, explicou Van, pegando a lanterna de Castor.

“Na configuração mais alta, cegará alguém momentaneamente, mas será bom usar como lanterna na configuração mais baixa.”

Lore enfiou a lanterna e o alicate nos bolsos traseiros do jeans.

“Não consegui encontrar tiras de couro, mas aqui está uma fita, se você acha que vai precisar para apoiar seus pulsos e mãos,” disse Van.

Quando treinavam em combate corpo a corpo, sempre usavam himantes, tiras de couro enroladas para proteger os nós dos dedos e os pulsos. A fita seria mais

flexível, tornando mais fácil manter a mão na espada.

"Obrigado", disse Lore, pegando-o dele.

"E por último, mas não menos importante", disse Van, puxando dois pequenos dispositivos em chaveiros, um de ouro, o outro de prata. Eles teriam parecido com abridores de garagem se não fossem os recortes que marcavam os alto-falantes. “Se você puxar o fio para fora e apertar o botão, ele emitirá um alarme de cento e quarenta decibéis.”

"O que, sem maça?" Lore brincou.

"Oh! Na verdade . . .” Miles tirou um pequeno tubo de sua jaqueta. Ele abriu a mão dela e fechou os dedos ao redor dela. "Achei que você gostaria de usá-lo."

"Você me conhece tão bem", disse Lore.

"Devemos ser capazes de rastreá-lo compartilhando locais com o telefone de Lore", disse Van. “O serviço pode ser cortado, no entanto, dependendo de onde e quão profundo você está.”

Lore assentiu. "Obrigado por isso. Tudo isso."

"Pode não ser suficiente", disse Van. “Mas foi o melhor que pudemos fazer, dadas as circunstâncias.”

O grupo adiou suas despedidas até chegarem à Rua Quarenta e Dois com a Décima Primeira Avenida. Miles estaria indo para o leste, em direção à Grand Central, Van estaria encontrando Iro e os remanescentes combinados das Casas de Ulisses e Aquiles a oeste, perto dos píeres, e Lore e Castor estariam entrando no metrô na Rua 34 e caminhando a linha 7 do trem para se aproximar da estação do metrô.

Pouco antes de se separarem, Lore afastou Miles dos outros.

“Depois de avisar a todos, tente sair desta ilha”, disse ela. “Se algo acontecer e você for pego na explosão. . .”

“Eu não estarei,” Miles disse a ela. “Mas, por favor, me prometa que você vai ficar bem.”

Lore o abraçou apertado. "Eu vou ficar bem. Depois disso, vamos fazer todas aquelas coisas estúpidas de turismo que eu nunca quis fazer, ok? Então você precisa estar bem também."

Miles conseguiu dar um pequeno sorriso. "Espero que você esteja com fome de algodão doce de Coney Island."

O rosto de Lore se contorceu com o pensamento. Ele a abraçou uma última vez, então se virou. Castor e Van estavam do outro lado da rua, apertando os braços um do outro na saudação e despedida secretas da linhagem. O rosto de Van ficou sério com o que Castor estava dizendo, e ele visivelmente se esforçou para manter sua expressão sob controle.

Quando terminaram, Lore e Van levantaram a mão um para o outro em despedida.

"Ah, que se dane isso," ela ouviu Miles murmurar. "Se houver uma chance de todos nós morrermos..."

Ele atravessou a rua em passos largos e decididos, passando por Castor sem reconhecê-lo. O novo deus olhou para trás enquanto se aproximava de Lore, aparentemente tão confuso quanto ela.

Van estava de costas para eles e vasculhava sua bolsa, procurando por algo. Miles parou atrás dele e estendeu a mão para tocar seu ombro.

Quando ele se virou, as sobrancelhas de Van se ergueram ao ver Miles e um pequeno sorriso de expectativa iluminou seu rosto com algo que Miles disse. Houve um momento de total quietude, então Van pegou o rosto de Miles entre as mãos e se inclinou para um beijo ardente.

A boca de Lore se abriu enquanto ela observava tudo se desenrolar. "Oh."

"Oh," Castor ecoou lentamente. "Nós vamos . . . Nós vamos."

Van passou os braços ao redor de Miles, entregando-se ao abraço, mas Miles relutantemente se afastou e se endireitou.

"Agora", disse Miles, "podemos ir."

Castor sussurrou o que parecia uma oração suave na língua antiga quando os dois se separaram, indo em direções opostas. Quando Van passou por eles uma última vez, sua expressão ainda estava atordoada.

“Acho que essa é a nossa deixa também,” disse Lore.

Ele assentiu.

Eles cobriram a égide em um lençol para a caminhada, mas agora Lore o removeu, puxando o escudo apertado contra seu corpo.

Ela olhou para Castor, entrelaçando os dedos enquanto continuavam em silêncio,

movendo-se pelas águas da enchente até chegarem à estação da rua 34 do trem 7.

Castor derreteu a fechadura que mantinha o portão de segurança no lugar, levantando-o o suficiente para eles passarem por baixo. A água desceu os degraus da estação, mas Lore ficou surpresa ao descobrir que ela não estava completamente submersa. O metrô deve ter drenado lentamente; havia apenas cerca de um metro de água nos próprios trilhos.

"Com ele, ou sobre ele, certo?" Lore disse levemente, ajustando as alças da égide para que ela pudesse carregá-la nas costas.

Com ele, ou sobre ele. Era o que inúmeras mães espartanas haviam dito a seus filhos e maridos enquanto lhes entregavam seus escudos antes da batalha. Para uma sociedade que detestava rhipsaspides — dropadores de escudos que se tornavam covardes e os jogavam no chão para escapar, ou aqueles homens que os perdiam na luta — havia dois caminhos para voltar para casa: vitorioso ou levado para casa morto em seu escudo.

Castor agarrou seu braço, forçando-a a olhar para ele. A estação estava escura, fazendo as faíscas de poder brilharem mais em seus olhos quando ele disse: “Não diga isso. Por favor, não diga isso.

Nem mesmo os espartanos eram espartanos, seu pai lhe dissera. Nem sempre é a verdade que sobrevive, mas as histórias que queremos acreditar. As lendas mentem.

"Então eu não vou", disse Lore.

Como eles foram lembrados nunca seria tão importante quanto o que eles faziam agora.

Seu pai também estava certo sobre isso.

Eles caíram nos trilhos da plataforma da estação e abriram caminho pela água.

Lore ligou a configuração mais baixa de sua lanterna. Sua espada ricocheteou contra seu quadril enquanto caminhavam ao longo dos trilhos.

Ela não pôde resistir a olhar para ele então, bebendo a visão dele profundamente para afastar o calafrio que crescia ao longo de sua espinha.

“Se estivermos errados sobre sua imortalidade e de alguma forma eles te levarem,” ela sussurrou, “espere por mim no rio escuro. Eu vou te trazer para casa.”

“O próprio Hades me mandaria de volta aos portões sabendo que você está vindo,” Castor disse a ela, “e que eu lutaria como o inferno para encontrá-la no meio do caminho.”

Lore apreciou a sensação de sua mão na dela por apenas mais um momento antes de soltá-la. Tanto ela quanto Castor precisariam de suas mãos de espada livres.

Ela deslizou a égide para a frente, mas manteve a lanterna apontada para a pista. Foi um rastreamento lento, o túnel fazendo parecer que eles estavam presos dentro de uma eternidade sombria, que estariam caminhando para sempre em direção a um lugar que nunca alcançariam. Era o tipo de punição que os deuses costumavam amar.

Eles seguiram a curva da trilha da Thirty-Fourth Street até a Times Square, acomodando-se em um silêncio cuidadoso enquanto atravessavam a poça de água na altura do

tornozelo. O ar no túnel estava parado e pesado, e as paredes ao redor deles estavam escorregadias de umidade. Lore forçou os ouvidos, tentando captar o som de vozes ou passos, mas ouviu apenas o correr dos roedores e o constante gotejamento da água caindo ao redor deles.

"O GPS acabou de cortar", sussurrou Castor, mostrando-lhe tanto em seu

telefone. “Mas estamos quase na estação de Bryant Park.”

Eles caminharam por mais alguns minutos antes de Castor parar de repente, pegando a lanterna de Lore – não para apontá-la, mas para desligá-la. Lore ficou tenso, dando um passo à frente para ver o que o havia interrompido.

Seus olhos se ajustaram novamente à escuridão, e cada segundo lento revelava um novo detalhe da cena horrível. Os corpos dos policiais, juntamente com os guardas nacionais uniformizados, cobriam a pista à frente deles. Seus corpos estavam presos em poses angustiadas, como se tivessem caído de uma grande altura.

A luz vermelha inundou a câmara quando um sinalizador foi aceso e lançado nas costas de uma mulher morta.

Dezenas de caçadores se afastaram das bordas escuras do túnel, empoleirados nas plataformas pequenas e estreitas que se alinhavam em ambos os lados. Eles viraram seus rostos mascarados para Lore e Castor um por um – serpentes, cavalos e Minotauros.

Vendo-os alinhados dessa maneira, como sentinelas, Lore sentiu como se estivesse no início de uma manopla. Seus cantos grunhidos ecoaram, rodopiando no ar como espectros.

"Eu não gosto dessas probabilidades para você, novo deus", disse um dos caçadores.

"Mesmo." Castor ergueu o queixo, medindo-os com um olhar. "Você parece certo sobre isso."

Cada segundo que passava parecia um corte em sua pele. Lore entrou na frente dele, erguendo a égide em direção ao brilho vermelho-sangue do sinalizador.

Estes, ela pensou, são nossos inimigos.

Siiim, a voz assobiou em concordância.

O caçador mais próximo dela praguejou, levantando a máscara em choque. Outros começaram a tremer, caindo das bordas e nos trilhos, encolhidos.

"Firme-" o primeiro caçador chamou. “Não olhe diretamente para ele!”

Os que estavam na parte de trás protegeram os olhos.

Castor deslizou algo em seu bolso traseiro. O telefone dela.

Seu coração bateu em sua garganta. Lore sabia, ela sabia que não podia parar, nem por

um instante, não quando eles estavam tão perto e o tempo era tão curto.

Eu vou alcançá-lo, ele murmurou, seu corpo poderoso tenso em preparação. Seus olhos brilharam perigosamente quando ele se virou para os outros caçadores. Aqueles que tinham visto a égide lutavam contra o terror, mas o resto começou a bater suas espadas e lanças contra os escudos que carregavam. O túnel parecia pressioná-los.

Não, pensou Lore. Ainda não . . .

Porque se ela o deixasse aqui, contra todos os caçadores. . . ela poderia nunca mais vê-lo.

"Vá", ele sussurrou. Então, mais alto, “Última chance de sair. Algum comprador por sair daqui vivo?

Lore trouxe a égide, respirando fundo. Com o leve cheiro de fogo, de cabelo queimado, ela se abaixou em uma posição pronta. Os caçadores mais próximos a ela passaram pelo mesmo condicionamento de medo e dor a que ela foi submetida, mas agora soluçavam de horror, encolhendo-se para longe dela.

Ela olhou para trás uma última vez para Castor. Ela deixou sua expressão dura de determinação, de confiança, gravar-se em sua memória.

Então começou a gritaria.

Os dois caçadores mais próximos a ela começaram a queimar de dentro para fora, o calor do poder de Castor incinerando ossos, tendões, músculos, pele.

Lore saltou para frente, sua lâmina cortando as lanças dos caçadores, ainda uivando enquanto morriam. A égide absorveu os golpes martelantes de suas

espadas e pequenas lâminas enquanto ela abria caminho. A ponta de uma lança cortou a parte de trás de seu pescoço, mas Lore pressionou para frente, abrindo caminho através do corpo a corpo explodindo ao seu redor.

Lore olhou para trás a tempo de ver um caçador romper as fileiras de corpos caindo em cinzas, pulando quando ele desceu sua espada. O aço pegou a alça do colete de Castor, cortando-o em seu ombro.

Castor cambaleou para trás, sua concentração momentaneamente quebrada quando ele virou sua espada e começou seu próprio ataque.

Mais caçadores caíram na estação vindos da rua acima, enxameando a plataforma atrás dela. A mente de Lore gritava para que ela voltasse, mas ela manteve o olhar para frente, fixo na escuridão à frente, correndo até que a presença de Castor não queimasse mais em suas costas e a luz do clarão desaparecesse como uma estrela moribunda.

O TELEFONE DELA NÃO LIGOU de volta com o serviço de celular até que ela alcançou o nó de túneis abaixo da Grand Central Station. Lore não tinha considerado o quão confuso

seria o metrô, já que três linhas diferentes de metrô cruzavam com o trilho Metro-North.

"Merda." Lore lutou com as mãos trêmulas para abrir suas mensagens de texto. O novo que carregou era de Miles, dizendo que estava em posição no prédio acima dela. Eles tinham quinze minutos até o meio-dia.

Cas em apuros, ela digitou no tópico com os outros. Trem 5 av 7. Indo em frente agora.

O mapa do GPS não era detalhado o suficiente para dizer a ela quais túneis tomar, apenas que ela estava se movendo na direção correta.

Quando Lore encontrou o último túnel, todo o seu corpo estava rígido de frustração.

Enquanto ela estava na frente dele, olhando para sua escuridão sedosa, Lore hesitou, de repente incerta.

Lore tinha se perdido tantas vezes antes que ela não entendesse completamente como ela se encontrou aqui. Por um momento, ela sabia como Teseu deve ter se sentido no Labirinto, só que ela não tinha o fio de Ariadne para guiá-la de volta.

Ela se forçou a respirar. Uma mão sufocou o punho de Mákhomai, enquanto a outra se fechou em punho atrás da égide. As vibrações do escudo alimentaram a massa turva de pavor na boca do estômago.

Seu primeiro passo à frente exigiu tanto esforço quanto se arrastar por uma maré escura.

Lore não conhecia uma oração para ajudá-la agora, ou quem poderia ouvi-la. Ela sentiu o ar se agitar ao seu redor, como se seres se movessem ali, invisíveis, observando, esperando.

Ela pressionou a borda curva da égide na testa, fechando os olhos. Ela agarrou o colar, o amuleto de penas, até que as bordas de metal deixaram uma impressão em sua palma.

Eu posso ser livre.

Ela não era Teseu no Labirinto, ou Perseu no covil da górgona. Ela não era Héracles, trabalhando em suas tarefas. Ela não era Belerofonte, que cavalgava pelo céu, Meleagro em sua caçada, ou Kadmos lutando contra a serpente. Ela não era nem mesmo Jason, triunfante na beira do mundo com o Velocino de Ouro na mão.

Não havia nada predestinado. Lore não tinha sido escolhido para isso; ela mesma havia escolhido vir aqui. Cada passo que ela deu, cada erro, a trouxe aqui.

Ela estava aqui porque seu pai a ensinou a segurar uma lâmina, porque sua mãe a criou forte e orgulhosa, porque suas irmãs eram para sempre pessoas inacabadas.

Ela estava aqui para a cidade que a criou, e ela veio com o orgulho de seus ancestrais e a força de seu coração, e nenhuma falharia com ela.

Lore os reconheceu então — as sombras se movendo ao longo das paredes do túnel ao lado dela.

“Fique comigo,” ela sussurrou, dando o próximo passo. Ela repetiu as palavras

até que se tornaram a oração que ela precisava e uma armadura para sua alma. "Por favor, fique

comigo."

Lore correu para frente, disparando pelo túnel como uma flecha lançada da mão mais firme. "Fique comigo. . . .”

O ar mudou, e Lore sabia que ela estava perto. Uma corrente subterrânea de poder lambeu seus sentidos, guiando-a para fora dessa linha e para um túnel menor.

O foco de Lore se intensificou enquanto ela corria pelos trilhos, a água espirrando ao redor dela. Mais cedo do que esperava, ela chegou a uma seção do metrô separada do resto – aquela que levava sob o Waldorf Astoria.

Ao som de vozes, ela diminuiu a velocidade e desligou a lanterna.

"Escute-me por favor!"

Belen, ela pensou. Lore estendeu a mão e removeu um dos fones de ouvido com cancelamento de ruído para ouvir melhor.

Formas indistintas tomaram forma no final da linha, no espaço cavernoso que era a Pista 61. Lanternas foram penduradas ao redor, iluminando seções da estação escura como breu.

Não era nada como as outras estações de metrô que ela e Castor passaram para chegar aqui. Enquanto Lore avançava, ela lutou para se equilibrar sobre dois conjuntos diferentes de trilhas escondidas sob a água. Não havia plataformas elevadas ao redor deles, deixando uma quantidade generosa de espaço à direita do único vagão do metrô que esperava à frente. Um grande tanque prateado, tão grande quanto o próprio carro, havia sido amarrado em cima dele. Se era uma bomba, não era como nenhuma que ela tinha visto.

"Você duvida de mim?"

A voz de Wrath chegou até ela, baixa e ameaçadora. Ele se moveu ao redor da mesa e apareceu. Perto dali, um enorme elevador se erguia — um que sem dúvida levava à garagem do hotel.

Ele era monstruoso em sua sublimidade escura, seu corpo rígido com músculos. Ele teria se elevado até mesmo sobre Castor, assim como se elevava sobre Belen agora.

O jovem se afastou dele, erguendo as mãos. Ele estava vestido com o que parecia ser um manto cerimonial, carmesim bordado com ouro. Ambas as mãos estavam enfaixadas com uma espessa camada de gaze branca.

O brilho na pele de Wrath tinha que ser algum tipo de tinta dourada. Cobriu seu corpo inteiro sob a seda marfim de sua túnica. Ele usava uma armadura de bronze polido sobre o peito, bem como manoplas e grevas. Pior, havia uma pele bronzeada familiar e espetada sobre ele. Sua cabeça havia sido fundida há muito tempo em bronze para ser usada como um capacete, como Wrath fazia agora. Pertencia ao leão da Nemeia e tornaria qualquer pele que cobrisse impermeável às lâminas.

O pânico tomou conta dela. Se ele estivesse vestido para a batalha, horas antes do pôr do

sol. . .

A informação estava errada novamente. O plano de Wrath estava acontecendo agora.

Lore pegou seu telefone, mas ainda não havia serviço. Ela pensou em sair, tentando chegar a um terreno mais alto para avisar os outros se eles já não tivessem descoberto por si mesmos, mas Belen falou novamente, desta vez mais desesperado.

"Você é o ser mais poderoso deste mundo", disse Belen. “Você nos tem, e nós somos dedicados a você. Todos nós, meu senhor.

"É assim mesmo?" Wrath perguntou friamente. Ele circulou seu filho mortal lentamente, forçando Belen a voltar para a mesa sem precisar sacar uma lâmina.

“Você não precisa dela,” Belen continuou, sua voz aumentando.

O sangue de Lore gelou em suas veias com essa única palavra. Dela.

"Pergunte a si mesmo por que ela concordaria em ajudá-lo - por que ela veio até

você agora, quando você está tão perto de tudo o que você sonhou", disse Belen. “Ela e sua irmã planejaram matar você e todos os outros novos deuses, e agora ela quer prestar deferência? Ela é astuta - ela vai aceitar o seu plano, ela vai levá-lo e ela vai matar você -

ela vai destruir você, pai. Por favor...

— Pai? uma voz suave repetiu.

Atena estava à beira de uma das luzes da lanterna, seus olhos brilhando na escuridão.

A pulsação de Lore disparou e o suor brotou em seu corpo. A cabeça de Belen virou para a deusa, sua respiração visivelmente travada.

"Pai?" Atena repetiu novamente. “Meu grande senhor, eu não esperava que alguém tão poderoso quanto você tivesse um filho tão choroso e fraco de vontade.”

Athena moveu-se para ficar ao lado do novo deus, um dóri na mão. Ela também estava vestida com uma túnica cerimonial curta, esta do mais puro branco, sua pele revestida do mesmo ouro cintilante. Sua armadura era tão substancial quanto a de Wrath, assim como seu capacete. Estava cravejado com o que pareciam ser diamantes e safiras ao longo de sua pluma branca.

O ódio que Lore sentia olhando para eles agora era de tirar o fôlego. Toda a raiva que ela disse a si mesma que não precisava, que ela não queria, veio fervendo à superfície.

Ela esqueceu sua calma, ela esqueceu seu plano, ela esqueceu tudo, menos a vergonha que ele tentou usar para extinguir sua linha e seu desejo de tirar a vida dela, mesmo quando menina. Ela não viu nada além do rosto do homem que queria destruir sua família, e a deusa impiedosa que realmente tinha.

Wrath se inclinou para Athena, colocando seus ombros largos para trás. Ele agarrou seu capacete, mas uma mão deslizou em direção à espada ao seu lado.

"Ela vai te trair, ela vai te destruir, do jeito que ela fez com todos os outros", disse Belen,

desta vez com medo real. “Ouça-me – ela alimentou você com mentiras! Você não precisa dela!”

“Eu não falei mentiras,” Athena disse friamente. “O grande Wrath e eu fomos feitos para isso – sempre fomos feitos para isso. O encontro do velho caminho, e o novo. O primeiro Ares era fraco, muito propenso a temperamentos e loucura, e o mais odiado dos filhos de meu pai. Mas agora encontrei um parceiro digno na guerra – o equilíbrio de força para minha estratégia – e um novo rei para se ajoelhar.”

Belen balançou a cabeça. “Isso... isso não pode ser verdade...”

“Você me chama de mentiroso?” Atena perguntou bruscamente. “Devo a meu senhor Wrath minha fidelidade depois que ele graciosamente me contou sobre o novo poema, sobre os desejos de meu pai. Tenho o prazer de servi-lo enquanto ele faz sua ascensão final e verdadeira.”

A bile subiu na garganta de Lore; mesmo depois de tudo o que ela havia feito, as palavras de Athena, seu tom suave e enjoativo, pareciam outra traição. No telhado da casa da cidade, Lore havia contado tudo a ela - seu passado, seus medos - e ela acreditou na deusa, ela sentiu a própria raiva e frustração reprimidas de Athena.

Você pode chamar isso de cumplicidade, e talvez seja, disse Atena. Mas eu considerei sobrevivência.

Tinha que ser um ato, mas era um ato que a deusa tinha se rebaixado de bom grado.

“O Gray-Eyed One é o mais sábio de todos os seres,” Wrath disse, enfeitando-se com suas palavras. Acreditando em cada um deles, como só um homem que não via falhas em si mesmo poderia. “Ela provou ser digna de me servir. . . . Diga-me, como você está? Um menino - um que não pode nem lutar - se atreve a questionar meu julgamento? Atreve-se a acreditar que é mais sábio do que a própria Atena?

Belen balançou a cabeça, recuando até atingir a borda da mesa.

“Meu grande senhor,” Athena disse, observando o jovem com um olhar que Lore reconheceu. Vitória silenciosa. “Como você sabe, todos os grandes

empreendimentos devem começar com um sacrifício buscando o favor de Zeus se quiserem ter sucesso.”

O novo deus voltou-se para seu filho mortal.

Cada parte de Lore parecia saltar para frente, mesmo enquanto ela permanecia no lugar.

Belen teve tempo de sussurrar, “Por favor...” antes que seu pai puxasse uma pequena lâmina escondida de uma bainha em seu antebraço e cortasse sua garganta.

Sangue chicoteado contra o tanque com a força de seu ataque. Belen caiu no chão, seu corpo se contorcendo enquanto seu coração frenético bombeava o último pedaço de vida dele.

Wrath o viu morrer, a alegria escura se espalhando por seu rosto. Quando o jovem finalmente ficou quieto, ele se abaixou e colocou a mão na garganta do filho, cobrindo-a de sangue.

Athena olhou, seu lábio superior se curvando.

Levantando-se novamente, Wrath pressionou a palma da mão contra o tanque, deixando uma mancha escura nele. Ele recuou, seu olhar fixo nele. Lentamente, ele levou os dedos aos lábios. Para sua língua.

Ele não se virou novamente enquanto falava, mas sua voz carregava as palavras através da distância entre eles. “Filha de Perseu”.

Fique comigo, Lore pensou uma última vez enquanto agarrava as alças da égide e entrava na estação.

"Que bom da sua parte", disse ele, "por trazer ao seu deus um último presente."

SUA VOZ ERA COMO o deslizar das escamas de um réptil contra a pele, despertando um tipo de medo inconsciente e primitivo.

Inimigo, a voz assobiou em sua mente.

Lore agarrou as tiras da égide com mais força, imaginando os deuses encolhidos

diante dela sob seu poder. Mas o pensamento não a encheu de satisfação.

Não, ela pensou de volta. Vou precisar de sua ajuda, mas não para isso.

Lore tinha sua própria fúria, sua própria força, e ela queria que eles a temesse, saber que ela tinha sido a única a derrotá-los.

Seu olhar não vacilou quando ela encontrou os olhos de Wrath. Ele riu quando ela se aproximou, a égide erguida, uma mão apoiada no punho de sua espada. O som ecoou ao redor deles, multiplicando-se até se tornar um rugido. Lore se recusou a olhar para Athena, mas a seguiu no limite de sua visão enquanto a deusa falava.

"Como você foi esperto, meu senhor", disse Atena, voz baixa e suave, "por ter enviado seu caçador para dar aos descendentes de Ulisses uma falsa inteligência."

A respiração de Lore ficou presa, queimando em seu peito.

"Eu fiz o que você não pode", disse Wrath, com uma inclinação condescendente da cabeça. “Eu tirei a putinha de seu esconderijo e fiz com que ela trouxesse meu escudo para mim.”

O movimento foi leve, mas revelador. Athena se endireitou no meu escudo. Mas quando ela falou novamente, as palavras não revelaram nada além de deferência. "De fato. Devo buscá-lo para você?”

Os pelos do corpo de Lore se arrepiaram com a sutileza da peça.

“Não,” Ira disse a ela com um sorriso arrogante. Ele falou com o tom de um pai que satisfaz uma criança simples. “Você não é forte o suficiente para suportar isso. Vou permitir que você o carregue assim que nosso trabalho terminar e eu não precisar dele.

Lore levantou a égide para esconder que estava recolocando o fone de ouvido. Sua voz soou abafada enquanto ela falava.

"Você se rebaixou para trabalhar com ele agora?" Lore perguntou, dirigindo-se a Athena, não a Wrath, de uma forma que ela sabia que iria enfurecê-lo. “Com um dos novos deuses inferiores que você afirma desprezar?”

Ele se colocou entre Lore e a deusa, bloqueando Athena de sua vista. Seu peito inchou quando ele se ergueu em toda sua altura, olhando de soslaio para ela.

Ela olhou além dele.

“O Gray-Eyed One reconhece seu mestre,” Ira disse, um traço de raiva em suas palavras.

“Algo que você se recusou a fazer, mas você sempre foi excitável, não é? O pequeno diabinho que precisava ser quebrado. De hoje em diante, você me servirá de todas as maneiras que eu desejar — você e aquela garota da Odisséia. Eu vou ter um em cada joelho. A espera tornará tudo mais doce.”

Fúria e desgosto queimaram em Lore, ameaçando queimar seu controle.

Foco, pensou Lore. Seu plano ainda poderia funcionar, ela ainda poderia jogar um contra o outro.

“Então você e Artemis entraram neste Agon com o plano de matar os novos deuses,” Lore disse a Athena enquanto ela se movia para a direita, longe de Wrath e em direção ao carro e tanque. "E você se aproximou de mim, na esperança de que eu lhe desse a égide e que isso lhe desse a oportunidade de matar o novo Apolo - talvez até alguns dos outros novos deuses também, incluindo este."

Era tão óbvio para Lore agora, tudo isso.

Wrath respirou fundo como um grunhido. Agitação se espalhou por seu rosto enquanto ele se posicionou entre eles novamente, tentando forçar o olhar de Lore sobre ele.

“Ela é leal ao poder e o reconhece em mim”, disse Wrath. “Eu poderia ter moldado até mesmo você, uma fera hedionda e feroz, em algo. Mas você vai morrer da mesma forma que viveu, como ninguém. Sem poder e sozinho.”

Foco, Lore pensou novamente, preparando-se contra a náusea crescente. Seu aperto na égide se apertou ao ponto da dor. Todos os músculos de seu corpo estavam tensos, implorando por liberação.

Ela estendeu a mão e sutilmente encontrou o interruptor em seu fone de ouvido.

Qualquer outra crueldade sorridente que ele estava prestes a entregar desapareceu em um silêncio não natural e sussurrante.

O silêncio concentrou os pensamentos de Lore, aguçando a fome em seu coração. Ela queria que eles sentissem sua dor. Ela queria ver esses deuses sangrarem e sofrerem do

jeito que suas irmãzinhas sofreram, e implorar por misericórdia.

O sorriso frio de Athena foi deliberado, como se ela conhecesse cada um dos pensamentos de Lore.

Lore sabia o que ela esperava - que seu temperamento tomasse conta e Lore atacasse.

Que ela seria destruída por aquele mesmo impulso impulsivo que Atena ajudou a alimentar.

Em vez disso, ela se manteve firme. A égide nunca tremeria em suas mãos, nem por medo, nem por raiva. Se ela tivesse que usar seu ódio para devorar essas últimas dúvidas persistentes, ela o acolheria. Mas Lore não deixaria isso incinerar seu propósito de vir aqui, ou se jogar nele e ser destruído.

Depois de anos de prática na Thetis House, Lore leu facilmente o comando claro em seus lábios. Ele estendeu a mão para ela, seu olhar focado e rosto radiante de triunfo, e Lore sabia que ele estava usando seu poder. Ela fingiu lutar com o peso do escudo, balançar.

Traga para mim, ele estava dizendo. Apesar de toda a sua pintura e fantasia, por quão imponente as sombras o fizeram parecer, ela ainda só via o velho que ele tinha sido, sentado em um trono sem sentido. Dê-me a égide.

Seu corpo estremeceu de excitação. Lore forçou-se a ficar tensa, como se estivesse se preparando contra a natureza drenante de seu poder. Ela torceu as feições, esticando o rosto para mostrar resistência, mesmo enquanto dava um passo em direção a ele.

Mesmo enquanto usava a égide para esconder que estava tirando a lanterna do bolso.

Os olhos de Athena se estreitaram, a palavra Espere em seus lábios, mas Wrath nunca foi o tipo de homem para ouvir uma mulher, e a imortalidade não mudou isso.

Ele estendeu o outro braço, bloqueando Athena e empurrando-a para trás do escudo enquanto Lore se aproximava.

Dê para mim, ele disse novamente, estendendo a mão. . . esticando um braço longo e poderoso. . . seu rosto já exaltando em sua vitória. Dê-me, dê-me, boa menina.

Ela pretendia cegá-lo momentaneamente com o ajuste mais alto da lanterna. No entanto, tão quente quanto sua raiva brilhou nos momentos anteriores, ela se condensou e congelou com essas duas palavras, boa menina.

Lore apertou o interruptor da lanterna para seu facho mais brilhante e observou os dois deuses virarem seus rostos.

Ele nunca iria tocá-la novamente.

Os segundos se arrastaram quando Lore largou a lanterna e arrancou Mákhomai de sua bainha, depois acelerou novamente enquanto tomava uma decisão. A pele do leão de Nemean protegia as costas de Wrath e caía sobre sua placa de bronze no peito, mas nem ela nem suas manoplas cobriam a articulação exposta de seu cotovelo.

Lore desceu o fio da navalha de sua espada com força e, em um golpe limpo, separou todo o antebraço direito de seu corpo.

Wrath cambaleou para trás enquanto o sangue jorrava de sua ferida aberta.

“Esta boa menina,” Lore cuspiu, “está esperando que você venha buscá-la.”

Ela puxou a égide contra seu corpo, mas quando ela girou para longe de sua forma se debatendo, o som voltou para seu ouvido esquerdo. O pequeno fone de ouvido de alguma forma saiu.

Merda, ela pensou, procurando na superfície da água. Mas se foi.

Wrath expulsou um latido de dor de onde ele caiu sobre um joelho. Seus

pulmões funcionavam como foles enquanto ele levantava a mão restante para estancar o fluxo de sangue. Uma veia pulsava em sua testa quando ele nivelou um olhar para ela que prometia dor além da agonia.

“Cadela. . .” ele engasgou, “pequena cadela...”

“Ele é todo seu,” Lore disse a Athena. “Poderia muito bem eliminar a concorrência enquanto ele está caído. Nós dois sabemos que você nunca vai deixá-lo carregar a égide.

A deusa sorriu quando veio para ficar ao lado de Wrath. “Não dê ouvidos a ela, meu senhor. Ela procura nos dividir. Levante-se e prove o quão forte você realmente é.”

Wrath o fez, suando e xingando enquanto o sangue bombeava sob seus dedos. Ao vê-lo, seus dentes à mostra e uma expressão lívida, Lore se perguntou se tudo o que ela realmente tinha feito era drenar o último pedaço de humanidade dele.

“Seu falso deus curou você, eu suponho,” Athena disse, um tom de provocação em sua voz. “Onde ele está agora, Melora? Você o perdeu para o escuro?”

Ele está vivo, Lore disse a si mesma. Ele está vivo, e ele virá.

Outro pensamento lhe ocorreu então, rompendo todos os outros.

Lore assumiu que Athena queria o escudo puramente para o poema e o que ele revelava, mas Athena tinha essa informação agora, e ainda assim ela ficou com Wrath e manteve esse ato.

Ela ainda quer, pensou Lore, franzindo a testa. Ela ainda quer a égide.

Então por que não usar sua força invencível para arrancá-lo das mãos de Lore, do jeito que ela e Lore sabiam que ela poderia?

Porque, uma pequena voz sussurrou em sua mente. Ela se tornou parte de seu plano.

“Diga-me por que você quer o escudo,” Lore disse enquanto recuava – não por medo, mas para se aproximar o suficiente do vagão e do tanque para roubar olhares para eles. Tinha que haver uma maneira de desativar qualquer motor que

estivesse conectado ao carro.

Um canto da boca da deusa se curvou.

O batimento cardíaco de Lore ficou mais alto em seus ouvidos.

“Meu grande senhor,” Athena começou, um olhar de claro escárnio em seu rosto, embora o novo deus não pudesse ver, “descobriu o verdadeiro significado das novas linhas, e as instruções de meu pai – eu não percebi isso por mim mesma, até que ele me lembrou a história de Deucalião e Pirra. Você está familiarizado com isso, eu presumo?

O ar escuro parecia pressionar Lore de todos os lados quando as palavras de Athena se estabeleceram em sua mente.

Deukalion e Pyrrha foram os dois únicos sobreviventes do dilúvio que Zeus enviou para acabar com os mortais guerreiros da Idade do Bronze, tendo sido avisado pelo pai de Deukalion, Prometheus. Deucalião e Pirra foram os que repovoaram o mundo jogando os ossos da mãe – pedras – sobre seus ombros.

"Você entende agora", disse Athena. “Por muito tempo, pensei que essa caçada fosse um castigo quando era apenas um teste. Todo esse tempo, meu pai desejava que provássemos nossa lealdade acabando com a pior idade do homem. Para começar uma nova raça que presta devoção aos seus deuses.”

Lore estava balançando a cabeça, lutando contra a raiva que ameaçava sufocá-la. “Você precisaria do poder de Poseidon sobre os mares e rios para conseguir algo assim.”

“Eles já não estão subindo enquanto essa raça de homens envenena lentamente este mundo?” Atena perguntou. “Eles não continuarão, enquanto o deus da guerra inflama seus corações e os estimula até que o ar seja sufocado pela fumaça e o chão sangre?”

“Seu medo,” Wrath disse, de repente atrás de Lore. “Parece vinho no sangue.”

“É apenas uma amostra do que virá”, disse Athena, sem se incomodar em olhar para ele.

“Quando o mundo perceber seu destino.” Ela deu um passo em direção a Lore,

seus olhos se voltaram para a égide, apenas por um momento. “Mas não é a água que purificará as terras. Não é a água que purificará este mundo. É fogo.”

Lore girou em direção ao carro, o tanque, sua espada levantada.

“Eu não faria, se eu fosse você,” Ira zombou dela. “Ele contém fogo no mar e se inflamará em contato com a água.”

Fogo do mar. Lore respirou fundo pelo nariz. Uma arma lendária do Império Romano do Oriente. Uma vez inflamado, qualquer coisa que os produtos químicos tocassem queimaria e, em vez de pará-lo, a água ajudaria a carregar e alimentar as chamas. Ele ferveria as ruas por baixo, causando destruição em massa ao se alimentar da matéria-prima que encontrava. Em uma cidade inundada, levaria dias, se não semanas, para ser totalmente sufocada. E até então. . .

Eles não estavam queimando a Grand Central. Eles estavam queimando a cidade inteira.

“Sim,” Wrath respirou. “Os incêndios se espalharão pelas ruas, por todos os seus muitos túneis, devorando por baixo.”

“Acendê-lo agora também vai acabar com vocês dois”, disse Lore, afastando a ponta de

Mákhomai, pronto para tentar perfurar a carcaça de metal do tanque. "Isso deveria ser algum tipo de impedimento?"

“Só,” ele zombou, “se você quiser salvar seus amigos do inferno que explodirá acima de nós.”

O PULSO DE LORE SURGIU NOVAMENTE, suas narinas dilatadas.

“Essa é uma ameaça vazia,” ela se forçou a dizer. “Eles vão descobrir o que está acontecendo assim que virem que seus caçadores foram embora.”

"Criança", disse ele. “Quem disse que todos os meus caçadores foram embora? Eu precisava de apenas dois para prender o resto dentro e começar o incêndio.”

O choque a açoitou de todos os lados.

"Você é-" Lore começou. “Você vai...”

“Você está, você está, você está,” ele repetiu, de novo e de novo, zombando. Ele veio para perto de Athena novamente, usando seu cinto como um torniquete para seu braço.

“Todos eles devem morrer eventualmente para que o mundo renasça. Eles devem se sentir honrados em saber que são os primeiros sacrifícios para uma nova e gloriosa era.”

Lore virou-se para Atena, mas a deusa não se comoveu.

“Você não pode fazer isso,” Lore implorou. “Você não estaria apenas matando caçadores

– se o plano dele for bem sucedido, você estaria matando pessoas inocentes.”

“Não existem mortais inocentes,” Athena disse simplesmente.

“Eu vou gostar de destruir sua vida, para assistir o verdadeiro fim da linha de Perseu,”

Wrath disse a ela. “Ajoelhe-se a mim e convoque o Cloudbringer com a égide para testemunhar o incêndio.”

"Você realmente acha que vai convocar Zeus para vir assistir você destruir uma cidade?"

perguntou Lore. “Não funciona assim, idiota!”

"Funciona do jeito que eu digo que funciona", disse Wrath com os dentes cerrados.

Lore se abaixou em uma posição defensiva enquanto os dois deuses vinham em sua direção, com Mákhomai subitamente pesada em sua mão. Seu braço tremeu com o esforço de mantê-lo levantado. Um novo medo a invadiu quando o vagão do metrô de repente ganhou vida, um motor invisível dando partida.

“Você sente isso agora?” Ira perguntou a ela. Lore procurou seu fone de ouvido novamente, mas era tarde demais. O poder que revestia suas palavras

transformou seus membros em borracha.

Lore cambaleou quando a sensação deixou seu corpo. Seu aperto na égide diminuiu contra sua vontade e, pela primeira vez, ela mal conseguia suportar seu peso.

"Você realmente acredita que ela vai permitir que você viva?" Lore perguntou a Wrath, lutando para tirar as palavras de si mesma. Seu corpo tremeu quando ela plantou os pés no chão sob a água em uma última tentativa de não cair. "Que Zeus e os outros vão deixar você ter este mundo?"

“Tolo,” Athena rosnou. "Você não sabe nada."

Chegou a ela como um raio de sol atravessando as nuvens — a verdadeira razão de Atena ter vindo aqui. Por que ela fez tudo ao seu alcance para recuperar o escudo.

Wrath esqueceu seu ferimento e tentou balançar aquele braço fantasma para frente para golpeá-la. Lore não vacilou, nem mesmo quando o dory de Athena caiu entre eles, cortando o segundo avanço de Wrath curto. Seus olhos ardiam na escuridão.

“Você está certa, eu sou uma tola,” Lore disse a ela. “E você estava certo antes, também, para zombar de mim por acreditar em você. A verdade é que eu não apenas acreditei em você, eu acreditei em você. Quando você manteve aquelas pessoas a salvo da explosão e dos destroços. Quando você me contou sobre Pallas, sobre sua cidade, sobre o papel para o qual você nasceu e o que você queria para si mesmo.”

Um estremecimento, quase imperceptível, percorreu Atena.

“Suas têmporas caíram. Os homens não temiam mais você. Sua lenda, uma vez cantada, tornou-se um sussurro,” Lore continuou. “Mas eu ainda acreditava em você.”

As narinas de Athena se dilataram, suas mãos estrangulando o bastão de sua lança.

"Isso não é um teste, é uma lição", disse Lore. “Por que Zeus iria querer que você matasse pessoas inocentes – adoradores de outros deuses – quando essa foi

uma das razões pelas quais você foi punido em primeiro lugar? Mesmo depois de tudo que ele fez com você e os outros, nunca ouvi você falar dele com raiva ou ressentimento. Aos seus olhos, ele não tem igual. Ele nunca daria o mundo ao vencedor do Agon.”

"Silêncio!" Wrath rugiu, golpeando-a.

As palavras de Van daquela manhã voltaram para Lore com pressa, e ela seguiu em frente, sem medo. “Um sacrifício tem que significar alguma coisa. Você só entende o sacrifício como algo feito por você. Mas Zeus estava falando com mortais em Olympia, e sempre entendemos de uma maneira diferente. Fazemos sacrifícios para honrar os deuses, para agradecê-los, para pedir suas bênçãos. . . ou buscar o perdão.”

"Vou cortar a língua de sua cabeça", disse Wrath, "como deveria ter feito quando você não passava de um filhote."

"Você já fez isso?" Lore perguntou a Atena. “Você realmente buscou penitência pelo que aconteceu tantos séculos atrás? Ou você passou mais de mil anos tentando justificar o que aconteceu culpando as Parcas - tudo porque você não suporta saber que você - e somente você - é o culpado por perder o amor de seu pai?

A expressão de Athena estava disfarçada pela escuridão, mas Lore sabia que ela estava impassível, e isso roubou o resto de sua fé. Não havia como alcançá-la, não agora.

"Você deveria ser o protetor das cidades", disse Lore, "não a causa de sua destruição!"

Wrath rosnou enquanto se lançava para frente novamente, derrubando Lore enquanto a água espirrava ao redor deles.

Cada golpe a empurrava cada vez mais longe do tanque e do carro. Lutando contra o dreno de seu poder, Lore caiu de joelhos, levantando o escudo; ela não podia fazer nada além de deixar a égide ser atingida pelo redemoinho de seus golpes.

Seus braços tremiam com o esforço de absorver cada golpe implacável, seus dentes cerrados.

Ajude-me, pensou Lore. Por favor!

Sim, sussurrou.

Ela bateu o punho contra a frente da égide, e ela rugiu.

O som sacudiu as paredes do túnel, fazendo chover pedaços soltos de pedra sobre eles.

Quando Lore respirou fundo, ela sentiu seu poder preenchê-la – preenchê-la e preenchê-la, mesmo quando Wrath tentou tirar essa força.

De repente, parou. De alguma forma, Lore sabia o que estava por vir.

Não havia nada de humano no rosto de Wrath.

“Isso não foi suficiente para você, putinha? Até mesmo seu pai sabia quando se submeter,” Wrath disse em diversão. "Pelos deuses - mar, fogo e mulheres são os três males."

Lore odiava aquele ditado mais do que ela odiava até ele.

Ela se aproximou dele. Ele ergueu sua espada mais uma vez, sem se intimidar com o sangue que ainda escorria de seu outro braço decepado.

Ele está se alimentando da minha força, Lore percebeu. Era a única maneira de ele ainda estar de pé. A alta da luta só aumentou sua sede de sangue.

Mesmo que Lore pudesse forçá-lo de volta ao combate regular. . .

Ela se acalmou.

Combate regular. Como se ela precisasse lutar em seus termos, como um caçador faria.

"Eu tenho outro provérbio antigo para você", disse Lore, deslizando o braço para fora das alças internas da égide. “Vá se foder.”

Ela jogou o escudo nele. Wrath estendeu a mão para ele, sua risada estrondosa cortada quando o escudo o atingiu, quebrando ossos quando ele se chocou contra seu peito. O

fôlego saiu dele e ele foi derrubado de costas, momentaneamente preso sob o peso impossível do escudo.

“Você pode ser um deus,” ela disse a ele, saboreando a visão de sua luta. “Mas eu sou a Perseides.”

Sua adrenalina superou sua razão. Lore mergulhou para frente com sua espada, seu coração fervendo com a necessidade de cravá-la no dele.

Wrath empurrou a égide, encontrando seu golpe com sua própria espada. Athena desapareceu no limite de sua visão, enviando uma nova onda de alarme através dela.

Lore desceu com mais força, e viu o momento em que seus olhos se arregalaram quando ela não assumiu uma postura que ele reconheceu, e em vez disso dirigiu seus joelhos para baixo em seu estômago, exatamente onde seu peitoral terminava.

"Seu maior erro foi ficar preso nesta cidade comigo", disse Lore.

“Chega de truques, garota,” Wrath rosnou, apertando os joelhos ao redor de seus quadris para virá-la de costas.

Lore tentou inclinar sua espada para cima para enfiá-la em seu peito, mas a lâmina deslizou da armadura que cobria seu torso.

Wrath se deslocou com um grito, prendendo-a com todo o peso de seu corpo. Mas sem o uso de seu outro braço, não havia nada para se apoiar enquanto ela lhe dava uma joelhada tão forte quanto podia em sua virilha. Lore tinha espaço suficiente para colocar uma mão embaixo de si mesma e puxar a pequena lata do tamanho de um dedo do bolso de trás.

"Na verdade . . .” Lore tirou a tampa da lata e borrifou uma torrente de maça em seus olhos. “Só mais um truque.”

Ela se arrastou para fora dele, chutando-o em suas costas enquanto se levantava. Lore agarrou Mákhomai, levantando-o sobre sua garganta exposta. Anos de raiva, medo e dor purificaram sua mente até que um único pensamento permaneceu.

Acabe com ele.

Ele não merecia nada menos do que ela estava desesperada para lhe dar. Lore baixou sua lâmina...

Apenas para parar a ponta pouco antes de perfurar a pele exposta de sua garganta.

Lore respirou fundo, tentando acalmar seu coração furioso.

Ela poderia matá-lo, ela sabia disso agora. Ela poderia matá-lo e tomar seu poder, e usá-lo para realmente se igualar a Atena, golpe por golpe. Ela poderia gravar seu nome na memória de cada caçador.

Mas ela nunca seria livre.

Era o suficiente saber que ele tinha sido espancado por ela, uma mera garota. Isso, para ele, era um destino pior que a morte. A vingança criou o Agon, mas não seria o que acabou com ele. Matar qualquer um deles apenas continuaria a caçada por outro ciclo.

Para ela, e para Castor.

A pressão quebrou dentro de seu peito, como uma tempestade repentina se transformando em chuva leve. Ela agarrou a égide novamente e se levantou.

Wrath apenas rosnou, debatendo-se com raiva não gasta.

As palavras reverberaram através dela novamente. Um destino pior que a morte.

Lore virou-se para Athena lentamente, as palavras ecoando por ela.

De repente, ela sabia. Ela entendeu.

O que poderia ser o sacrifício para os deuses, exceto desistir da única coisa que eles realmente desejavam além de suas próprias vidas e poder? Para sacrificar o que eles mais queriam - uma conquista final e temível.

As brasas nos olhos de Athena brilharam no centro escuro de seu elmo.

Lore deslizou seu braço livre das tiras do escudo e o estendeu para a deusa.

"Pegue", disse Lore.

A deusa não se moveu. Ela nem mesmo respirou fundo.

Lore se aproximou dela, estabelecendo a égide entre eles antes de recuar. “E se eu lhe dissesse que a única maneira de se libertar do Agon era pegar seus punhos e destruir este escudo? Para transformá-lo em nada além de metal retorcido e couro?

A deusa não se moveu.

“Você estava disposto a torturar e matar duas meninas por isso. Você estava disposto a matar meus pais e inúmeros outros para segurá-lo novamente”, disse Lore. “Eu estou dando a você, por minha própria vontade. Pelo menos tenha a coragem de pegá-lo.”

Athena deu um único passo à frente, mas se conteve.

“Não tem nada a ver com o poema, não é? Não realmente,” Lore disse a ela, uma estranha calma tomando conta. "Nem sequer convoca seu pai, do jeito que você deixou Wrath acreditar."

Wrath rosnou atrás dela. "Isso é verdade?"

“Meu senhor,” Athena começou.

“Você não pode largar isso,” Lore continuou, cortando-a. “Porque era um símbolo do amor de seu pai. O orgulho dele em você. É isso que você quer de volta, não o escudo. Aquele sentimento que você perdeu quando ficou contra ele.”

É

"É verdade", disse Wrath. Seu olhar era assassino quando caiu sobre Athena.

A deusa parecia não ouvi-lo. Todo o seu ser estava focado em onde a égide estava sob a água rasa. A expressão da deusa ficou torturada quando o peso de sua escolha se instalou.

Athena poderia escapar do Agon – e talvez acabar com ele para todos eles – mas

apenas destruindo a única coisa que mais importava para ela.

“Faça isso,” Lore disse a ela. "Tem que ser você. Você tem que terminar isso!”

Uma lâmina apareceu na mão de Wrath, então voou para fora dela, girando pela escuridão.

Não.

Lore sentiu a certeza de sua decisão antes de reconhecer que a tinha feito. No intervalo de tempo entre um batimento cardíaco e o próximo, ela entrou no caminho da adaga.

O choque do corte em seu peito a arrasou, mesmo antes que a dor tomasse conta e o sangue jorrasse da ferida. Ela caiu de joelhos, na água, mas no momento antes de cair, um rosto brilhou em sua mente.

Rícino.

Wrath rugiu quando ele a puxou da água, batendo-a novamente. A água voou ao redor dela, açoitando-a de todos os lados até que ela estava engasgada com ela.

Morrendo...

Seu corpo travou, torcendo-se enquanto ela ofegava por sua próxima respiração torturada. A visão de Atena se partiu como um prisma, girando até que, finalmente, Lore vomitou e sentiu gosto de sangue.

Wrath a arrancou da água mais uma vez, dobrando suas costas sobre seu joelho. A parte inferior das costas dela rachou. Lore gritou.

Ela não podia lutar. Ela não conseguia se mexer. A agonia a invadiu.

"O que é que você fez?" A voz de Athena soava como se fosse levada pelo vento.

“É o veneno da hidra, A de Olhos Cinzentos,” Wrath disse, puxando a faca do peito de Lore enquanto a jogava na água. Ele levantou a lâmina sobre o peito dela, logo acima do coração. “Tirado de um pedaço do pano dado a Héracles. Eu cubro todas as minhas lâminas nele. Quer um gostinho?”

"Não", disse Atena rapidamente. — Pense nisso, meu senhor. Pense na égide!

Desaparecerá com ela."

"Que uso eu tenho para isso agora?" ele disse, olhando para ela. "Quando minha vitória se aproxima? Não posso convocá-lo e não poderei carregá-lo. A partir deste dia, eu só vou segurar uma espada."

"Nossa vitória".

As palavras emergiram através da névoa do tormento. Lore não tinha certeza se ela os tinha ouvido, ou imaginado eles existindo. Não até que Athena falasse novamente.

"Tenho certeza que você quis dizer nossa vitória," ela cuspiu.

A deusa deu um passo à frente, inclinando-se sobre a égide. Sua mão pairou por um instante, resistindo. Então, tão fácil quanto respirar, Atena o ergueu da água e o devolveu ao seu lado.

"Assim como tenho certeza de que não dei meu consentimento para matar este mortal."

A MENTE DE LORE ERA um tumulto de medo e dor. Incapaz de confiar completamente em seus olhos, ela se concentrou no som de metal batendo contra metal. Ela tentou mover seu corpo, levantar-se da água que banhava seu rosto uma e outra vez em uma maré frenética.

Os dois deuses se atiraram um contra o outro, apenas para serem jogados para trás pela força de seus golpes.

"Cadela!" A ira rugiu. "Como você ousa!"

Atena esmagou a égide em seu peitoral com força suficiente para enviar uma chuva de faíscas. O novo deus voou enquanto o escudo rugia, seu corpo maciço derrapando pelos trilhos e pela água. Ela caminhou em direção a ele lentamente, apreciando a maneira como ele se arrastou em direção ao vagão e ao tanque.

Wrath girou rapidamente, jogando uma lâmina, depois outra. Athena foi rápida o suficiente para desviar o primeiro, mas Lore não podia ver o que havia

acontecido com o segundo antes de cair na água. A deusa esperou até que ele ficasse de pé, até que ele estivesse a um braço de distância do carro - apenas perto o suficiente para acreditar, por um momento, que ele o alcançaria.

Athena, envolta em fitas de escuridão, saltou alto no ar, girando acima da cabeça de Wrath, o dory firme em sua mão. Seu rosto não mostrou nenhuma emoção ou hesitação, e ela não precisou olhar para trás uma vez que ela esfaqueou o sauroter da lança atrás dela, enfiando isto através do peitoral de Wrath, seu peito, e de volta através de sua espinha.

A espada do novo deus caiu no chão quando ele caiu de joelhos, a cabeça pendurada.

Atena pegou sua lâmina da água e parou na frente dele. Ela puxou a égide para perto de seu rosto, até que ele foi forçado a encontrar o olhar de Medusa.

Wrath levantou a mão. Havia algo escuro agarrado nele.

Ele a apertou com mais força, em um punho. Houve um gemido metálico quando uma

válvula na parte de trás do tanque se abriu, e produtos químicos sujos e oleosos derramaram dela.

O vagão do metrô soltou um barulho alto quando de repente rolou para a frente. Ele levantou ondas de água enquanto acelerava pela trilha, deixando um rastro de fogo do mar atrás dele.

Wrath largou o dispositivo e lutou para alcançar outra coisa dentro de sua armadura —

um isqueiro.

Seus dedos ensanguentados acenderam sua pequena chama, e ele rosnou enquanto a jogava nos produtos químicos. Uma linha de fogo branco-azul cintilou na frente dele, ardendo no coração do túnel.

O ar perto de Lore tremeluziu e ficou escaldante. Pouco antes de o carro desaparecer no túnel que o conectaria a inúmeros outros trilhos, ela viu que havia algum tipo de escudo térmico de metal cobrindo a parte de trás do carro

onde os produtos químicos queimavam. O escudo era a única coisa que impedia as chamas de inflamar o tanque e causar uma explosão. Por agora.

Fire derivou em direção a ela, mas Lore não podia se mover. A palavra, aquela que ela temera toda a sua vida, soou em sua mente. Impotente.

O ar se encheu de fumaça, mas Lore ainda podia distinguir a forma de Athena enquanto ela levantava a espada de Wrath.

"Você," ele ofegou, sangue pingando sobre seus lábios. "Você perdeu!"

“Você morre,” a deusa disse, e, com sua habitual precisão fria, cortou a cabeça de seu corpo.

Lore fechou os olhos contra o calor que crescia ao seu redor. A agonia desceu por sua espinha e pernas enquanto ela era arrastada pela água. Quando ela os abriu novamente, o mundo estava iluminado pelo fogo e Athena estava pairando sobre ela.

A deusa não parecia certa para Lore. Sua pele estava pegajosa com gotas de suor, e a pele ao redor de um corte em sua mandíbula estava ficando preta. Até o brilho dos olhos da deusa pareceu diminuir.

Veneno, pensou Lore. Ela não tinha escapado depois de tudo.

Athena tossiu e foi um som cruel e úmido. Ela parecia assustada com isso, pressionando uma mão incerta contra o peito. O sangue escorria de seus olhos, nariz, boca.

“Diga-me o que fazer,” a deusa exigiu. "Diga-me - como - pará-lo."

Mas Lore estava além da fala. Sua alma começou a se desfazer de seu corpo, o mundo desaparecendo.

A deusa deu a Lore um último olhar, a pele entre as sobrancelhas enrugando, e se levantou. Lore tinha tanta certeza de que a deusa estava partindo, que ela estava se salvando, que ela soltou um som como um animal ferido. Sua respiração agitou enquanto

ela lutava por isso.

Mas Athena voltou um momento depois, lutando para segurar uma das adagas de Wrath.

Pela primeira vez, uma história se desenrolava no rosto da deusa. A emoção percorreu o exterior plácido. Raiva. Arrepender. Aceitação.

A deusa deslizou o cabo na mão de Lore, cuidadosamente fechando os dedos sobre ele, e sua própria mão sobre a de Lore.

Os olhos de Lore se arregalaram enquanto ela olhava para ela; seu corpo tomado pelo medo. Com pavor.

Ela não iria. . . Athena nunca faria isso, e mesmo em seu ódio mais profundo por ela, mesmo desesperada por uma maneira de proteger seus entes queridos, Lore nunca iria querer que ela fizesse. Ela nunca quis isso.

“Deve ser assim,” Athena murmurou. Seu corpo tremia violentamente agora, tentando lutar contra os efeitos do veneno. "Eu sou . . . perdido. . . . Você vai nascer de novo. Você terá mais tempo. Lute novamente . . . ao último. Isto é . . . o único . . . escolha lógica. A cidade . . . deve ser defendido”.

A deusa posicionou a ponta da lâmina sobre seu coração. Ela deu a Lore a escolha final.

Nunca grátis.

Lore estremeceu, apertando os olhos. Ela queria agarrar a pequena e latejante esperança dentro dela, aquela que ela carregava como uma tocha contra a escuridão impossível. Ela queria a vida que ela lutou tanto para criar, e estava tão desesperada por isso quanto sua próxima respiração. Ela queria chorar de uma maneira que não fazia desde criança. Ela queria seus pais.

Ela queria tudo, mas nunca isso. Nunca isso.

Lore nasceu nesta gaiola, e agora ela morreria nela – se não seu corpo, então sua alma.

Mas a cidade tinha que ser defendida, e ela tinha que proteger.

Ela encontrou o olhar de Athena e assentiu.

O olhar que a deusa deu a Lore foi afiado, sempre dominante. “Através do coração.”

Juntos, eles mergulharam a adaga para frente, o golpe golpeando forte e verdadeiro. A deusa tremeu, seus olhos abertos, brilhando prateados quando ela viu algo, sentiu algo, além do conhecimento.

Foi a morte de um guerreiro.

O cômputo final de um deus.

A respiração explodiu nos pulmões de LORE, seu peito se expandindo dolorosamente enquanto ela puxava mais e mais ar, tentando aliviar a fervura sob sua pele. Seu coração se tornou um trovão, ameaçando rasgar sua caixa torácica e pele.

Então seu corpo rugiu com fogo.

Uma tempestade de luz girou ao redor de Lore, engolindo-a em suas profundezas. Seu corpo se ergueu da água. Veias de relâmpagos traçaram sobre seus membros.

Os restos mortais de Athena queimados em cinzas. O ser que emergiu dele, flutuando como luz sobre uma terra adormecida, era quase indescritível e lançado em poder puro e radiante.

A deusa olhou para Lore uma última vez, estendendo a mão em direção à égide. Entre um batimento cardíaco e o seguinte, ambos desapareceram, deixando para trás faíscas que tremeram na escuridão enquanto caíam.

E então o mundo que Lore conhecia desapareceu com eles.

Ela gritou quando a dor se instalou. O poder a percorreu, consumindo sangue, músculos e ossos. Foi um esvaziamento. Uma erradicação de cada pedaço de matéria que uma vez viveu dentro dela.

Os segundos se arrastaram, lentamente recuperando a velocidade. Lore sentiu sua consciência começar a ir - a deriva. O relâmpago, aquele poder desenfreado, estava passando por ela, ameaçando rasgar seu corpo mortal.

Lore não sabia com o que ela ficaria, apenas que ela poderia não ter a capacidade de tocar o tanque de incêndio do mar, muito menos pará-lo.

“Eu preciso...” Ela teve que gritar sobre o redemoinho de ventos fortes e forças retumbantes ao seu redor. "Eu preciso ficar - eu preciso de um pouco mais - eu preciso ficar!"

O poder explodiu em sua espinha quando seu corpo foi jogado de volta na água em chamas. Lore cambaleou de pé. Dentro dela, algo estava se debatendo, pulsando contra a barreira de sua pele.

Lore olhou para suas mãos. Fios desse mesmo relâmpago dançaram sobre seus dedos e palmas. Ela não tinha percebido como seus sentidos estavam embotados até que eles despertaram nela novamente. O ar de repente parecia uma criatura viva, frio em alguns lugares, úmido em outros, sempre em movimento, sempre roçando nela.

Suas pernas estavam preparadas quando ela saiu correndo, explodindo com força e velocidade desconhecidas.

O vagão do metrô voou pelos trilhos, o fogo atrás dele. As chamas começaram a subir pelas paredes de pedra, devorando os suportes e os próprios trilhos.

Lore o alcançou pouco antes de atravessar o túnel que o enviaria para baixo da estação

Grand Central. Com um grito, ela cortou na frente dele, apoiando as mãos contra a borda plana do carro. Enfiando os pés nos trilhos, ela empurrou para trás contra a força do motor.

O carro estalou e rangeu enquanto lutava para seguir em frente. Lore apertou a mandíbula, soltando um grito áspero enquanto levantava o pé o suficiente para bater contra a roda dianteira direita, e depois a esquerda, deixando os dois fora de forma. Ela inclinou o carro inteiro para a frente, dobrando e esmagando o metal como se fosse papel, até que ele não pudesse mais se mover.

Ela estalou as restrições do tanque, puxando seu corpo maciço em direção a ela. Lore sibilou quando o fogo do mar lambeu suas pernas e braços nus, mas ela segurou até que pudesse esmagar a válvula aberta e parar o fluxo dos produtos químicos do fogo do mar.

Lore rolou o tanque tão longe na estação quanto sua força permitia, na água que ainda não estava queimando.

As chamas não podiam ser apagadas pela água. Seu pai lhe contara sobre o fogo no mar, ele lhe contara. . .

Só poderia ser sufocado pela sujeira. Faminto de oxigênio.

Lore se virou e olhou para os trilhos vazios abaixo da Grand Central uma última vez. As plataformas distantes que ela poderia usar para sair do inferno em chamas e encontrar os outros.

Ela respirou fundo, apoiando a mão contra uma parede do túnel.

Não grátis. O pensamento a perfurou. Nunca grátis.

Mas os outros seriam.

Lore rasgou a parede de pedra, socando-a com os punhos até que a entrada do túnel choveu pedra fraturada e a visão da estação desapareceu atrás da parede de escombros.

O caminho do fogo estava cortado por enquanto, mas não pararia de queimar enquanto houvesse água. Se calor suficiente se acumulasse, as ruas desmoronariam. Ela tinha que encontrar uma maneira de sufocá-lo. Para privá-lo de oxigênio.

Lore correu de volta pelo caminho que ela veio. O calor a atingiu de todos os lados, mas ela não parou, não até chegar à Pista 61. A estação inteira estava pegando fogo; não havia fim para isso. Não havia como drenar a água.

Sim, ela percebeu, existe.

Ela não era impotente.

Com uma respiração profunda de ar ardente, Lore caminhou para o centro da estação, ofegando enquanto o fogo do mar rastejava ao longo de suas roupas e pele. Ela caiu de joelhos e apertou os punhos contra o chão escondido sob a água ardente.

Ela poderia enviar a água, os fogos, mais profundamente no ventre da terra. Onde não

haveria ar e nada além de escuridão para se alimentar.

Por favor, ela pensou, puxando um punho para trás. A sensação elétrica ainda estava crescendo em seu núcleo, só que desta vez, Lore não resistiu.

Ela o soltou.

O poder se reuniu ao redor de sua mão, brilhando como ouro derretido. Ela a jogou contra a terra com um grito gutural. O chão rugiu para trás quando se estilhaçou. Fraturas de aranha brilhavam como ouro sob as chamas e a água.

Lore fechou os olhos, concentrando-se na sensação de calor e energia fluindo através dela. Ela se sentiu afundando cada vez mais fundo enquanto seu poder incinerava a pedra abaixo dela. Não havia como escapar disso. Ela seria carregada para a escuridão abaixo e extinta com as chamas. Sozinho. Ela estava sozinha. . . .

"Fique comigo." Lore soltou um grito sufocado, soluçando para respirar e aliviar o peso de tudo isso. Não me deixe. . . .

Eles não.

Ela sentiu sua família ao seu redor, o toque suave deles, roçando suas bochechas, envolvendo seu centro. E além deles, a presença de olhos invisíveis.

O poder se enfureceu em seu corpo, tão puro quanto o coração ardente do mundo. Tão antigo quanto o Caos e os mundos nascidos dele.

“Lore!” A voz de Castor ecoou pela estação. “Lore!”

Ela olhou para cima, procurando por ele através da fumaça e encontrando-o no elevador.

"Saia daqui!" ela engasgou.

O cheiro de cabelo e pele queimados subiu ao redor dela e ela percebeu que era ela. O

suor escorria de seu rosto enquanto Lore batia no chão, derrubando a rocha dura, pulverizando-a. A água ardente desceu pelas rachaduras crescentes. Estava funcionando.

Isso estava funcionando.

No limite de sua visão, ela viu Castor correr para a frente, protegendo o rosto do fogo.

“Não faça isso!” ele chamou. “Precisamos sair! Não há mais nada que você possa fazer!”

Sempre havia algo que ela podia fazer.

Faíscas de seu poder voaram ao redor dela, prendendo seu cabelo e transformando sua pele em um cosmos brilhante. Seus braços tremeram com o esforço de tentar manter esse último controle sobre si mesma. Suas mãos brilhavam como ouro quando ela as bateu uma última vez e finalmente abriu o mundo abaixo dela.

O fogo do mar se derramou na fenda profunda, drenando para fora da estação. Ela perfurou o túnel novamente, pulverizando mais pedra para enterrar o fogo. O túnel tremia com a força de cada golpe, como se pudesse desmoronar.

Apenas um pensamento fazia sentido para ela. Ela precisava enterrar o fogo. . . . Mas ela doeu. . . . Cada parte dela queimou. . . .

O brilho em suas mãos se intensificou, espalhando seus braços, lavando sobre ela, até que Lore não podia dizer se a luz que irradiava ao redor dela vinha dela ou dos fogos.

"Pare!" A voz aterrorizada de Castor a alcançou. “Lore, pare!”

Ele lutou contra o calor, ousado e brilhante quando a visão dela começou a desaparecer na escuridão.

“É o suficiente!” ele disse. “Se a rua desmoronar, levará o hotel com ela!”

"Os incêndios-" ela murmurou.

"Eles estão fora!" ele disse a ela, agarrando seus braços, tentando forçá-la a olhar para ele. As paredes e o chão pararam de tremer, e a água restante assobiou quando derramou na fenda que ela havia criado.

Mas Lore estava além da audição; a mesma força profunda que ela sentiu antes retornou, ameaçando rasgar seu corpo enquanto ela subia. Suas veias brilhavam como ouro sob sua pele enquanto o resto de seu sangue mortal queimava. Ela se sentia tão insubstancial quanto fumaça.

Castor a pressionou contra ele, com força.

“Não, fique,” ele implorou. "Fique aqui!"

Seu poder deixou marcas em sua pele. Isso despertou um pensamento nela, puxando-a para fora da luz insondável em que ela estava se dissolvendo. Machucá-lo.

Castor a beijou — beijou-a até que aquele poder ardente perdeu o controle sobre sua mente e corpo. A sensação dele tornou-se uma corda para o mundo, e ela o segurou com tudo o que tinha nela.

O poder ardente se extinguiu ao redor deles. Nada parecia real além dele.

“Fique”, disse Castor novamente, enquanto afastava seus lábios dos dela. “Não vá sem mim. . . .”

Não havia mais nada em sua mente. Não havia mais nada dela neste corpo. E quando a escuridão finalmente chegou para Lore, não parecia um final, mas um começo.

PARA SUA SURPRESA, LORE acordou para o mundo que ela pensou que tinha deixado para trás.

A cidade cantou sua velha canção para ela, fraca, mas crescendo em volume e ritmo.

Dezenas de motores de carros zumbiam pelas ruas, o início do que poderia vir nos próximos dias. Equipamentos de construção tiniam e ribombavam com o esforço de transportar detritos. As pessoas andavam pelas ruas próximas, rindo - e esse era o som que Lore se agarrava, aquele que se incrustou em seu coração

quando ela abriu os olhos.

O rosto ansioso de Miles olhou para ela. A mão dele apertou a dela enquanto ele mordia o lábio e tentava não chorar. Parecia que de alguma forma ele tinha tomado banho, ou pelo menos tinha feito uma boa esfoliação e se barbeado.

"Seus olhos", ele sussurrou.

Lore tentou pensar no que dizer a ele. Agora que ela estava acordada, aquela sensação desconcertante estava de volta. O poder se movia dentro dela, inquieto em seu confinamento. Seu corpo, que lhe serviu tão bem por tantos anos, aquele que ela havia fortalecido, amado e marcado, parecia muito insubstancial para ela agora. Em vez disso, ela olhou ao redor.

Eles estavam em seu quarto na casa da cidade.

Ela ficou surpresa com o quão perto das lágrimas ela estava com o pensamento. Lore limpou a garganta. “Eu não queria que isso acontecesse.”

Ele deu a ela um sorriso aguado. “É por isso que provavelmente está tudo bem que tenha acontecido.”

Miles abriu as cortinas de seu quarto, convidando a luz dourada da tarde a entrar. Lore sentiu seu calor passar por ela tão vividamente quanto ela sentiu o deslizamento do cobertor contra sua pele.

Lore sentou-se de repente. "Que dia é hoje?"

"Sábado", disse ele. "Você está dormindo desde que Castor te curou."

Sábado. O pensamento a encheu com uma onda de pânico. Restavam apenas algumas horas até o final do Agon.

"Onde está todo mundo?" ela perguntou, seu pulso acelerando enquanto ela olhava ao redor do espaço vazio. “Eles estão bem?” Lore teve uma lembrança repentina e vívida do que havia acontecido na estação de metrô. — Castor é...?

“Ele está bem. Todo mundo está bem. Quero dizer, bem daquela maneira vagamente traumatizada que vem com o processamento não completo de tudo o que aconteceu, mas tudo bem. Miles esfregou a nuca. “Eles subiram ao telhado

alguns minutos atrás para tomar um pouco de ar.”

Um silêncio confortável se estabeleceu entre eles. Lore inspirou, expirou, inspirou e expirou, saboreando a sensação. Como foi fácil. Ela percebeu que ainda estava segurando a mão de Miles, mas não a soltou.

“O que vai acontecer com você quando o dia de hoje acabar?” ele sussurrou. “Você vai desaparecer? Você será caçado como os outros em sete anos?”

Ela balançou a cabeça. "Eu não sei. Mas . . . Espero que tenha acabado. Tudo isso."

Lore de repente se sentiu desesperada pela visão de sua cidade. Ela se levantou lentamente da cama, soltando a mão de Miles para ir até a janela. Enquanto ela se movia, o poder se movia com ela, fluindo através de seus músculos e envolvendo cada junta e tendão.

Miles veio ficar ao lado dela. “E se o Agon te levar com ele e você não puder voltar? Atena disse que os deuses vivem em um mundo além do nosso, é para lá que você iria?

"Esta é a minha casa", disse Lore. “Mesmo se eu perder este formulário, encontrarei uma maneira de voltar. Estou determinado, e você sabe o que isso significa.

“Você fica com um olhar muito intenso em seu rosto e dá um soco no rim de alguém?”

disse Miles.

“Talvez um pouco disso também.” Lore soltou uma risada verdadeira, mas viu que ele precisava de mais segurança. “Talvez eu precise ir embora por um tempo, mas eu nunca te deixaria para sempre. Não se eu puder evitar.”

"Ok, mas contraponto", disse Miles. “Eu não quero que você vá de jeito nenhum.”

Lore voltou seu olhar para a rua abaixo, observando enquanto as primeiras cores do pôr do sol seguravam sua doce vizinhança em um momento de luz perfeita. Um casal passeava com seu cachorro e carrinho, os homens rindo juntos

enquanto o bebê jogava um pequeno brinquedo em forma de estrela na rua.

Ele olhou para ela novamente, inclinando sua têmpora contra o vidro quente. “Você parece um pouco diferente, mas também não. Não consigo explicar.”

"Nem eu", disse Lore. "Eu só sinto . . . leve."

Ela colocou um braço em volta do ombro de Miles. Ele fez o mesmo.

"Sabe, esta cidade é uma grande merda", disse Lore depois de um tempo. “Mas é uma bela besteira.”

Lore e Miles se juntaram aos outros no telhado. O pôr do sol tinha começado a sério, dando um show espetacular de ouro rosado e violeta.

Castor levantou-se para pegar as sacolas plásticas de salgadinhos que Miles carregava.

Quando ele a viu, ela captou um lampejo de preocupação em seus olhos que ele fez o seu melhor para disfarçar.

Iro e Van estavam sentados no cobertor que haviam estendido sobre a superfície áspera.

O coração de Lore estava cheio ao vê-los, sua alegria tão brilhante que ela quase se assustou com isso. Os dois trocaram um olhar, uma cutucada tácita um para o outro para dizer alguma coisa.

De repente, ela se sentiu tímida – como se o que aconteceu, e o que ela se tornou, fosse

um fantasma que todos podiam ver, mas ninguém queria reconhecer.

Lore realmente odiava se sentir tímida.

"Cara, nós realmente precisamos colocar uma piscina ou jardim aqui", disse Lore, fingindo olhar ao redor. “Qual é o sentido de ter acesso ao telhado se você não pode dominar seus vizinhos?”

“Acho que o objetivo é não violar os códigos de construção da cidade”, disse

Miles levemente. “Para que não tenhamos que pagar uma multa exorbitante.”

"Você não tem uma relação com o governo da cidade?" perguntou Lore. “Quero dizer, imagine – algumas luzes bonitas, algumas plantinhas aqui e ali...”

“Você matou todas as plantas que eu trouxe para casa para você,” disse Miles. “E então eu fui para casa na Flórida para as férias de primavera e você matou minhas plantas porque você não as regou.”

“Eu estava ocupado,” Lore protestou. “Eles pareciam bem.”

“Como chegamos a esse assunto?” Castor perguntou, pegando um pequeno pacote de pretzels e jogando para Van.

“Como você sabia que eu tinha um anseio pelas mini reviravoltas?” Van perguntou, pegando um da sacola.

“Porque estamos comendo como ratos do metrô nos últimos dois dias e você comeu os bolinhos de queijo no café da manhã”, disse Castor.

“Os ratos do metrô pelo menos recebem uma fatia ocasional de pizza caída”, disse Lore.

“Podemos, por favor, parar de falar sobre ratos?” Van perguntou, magoado.

Lore e os outros circularam em torno das sacolas, estendendo-se pelo telhado quente enquanto o sol finalmente mergulhava no horizonte.

Enquanto Miles falava sobre as atualizações que recebera sobre o atraso no início do ano letivo de Columbia, Iro chamou a atenção de Lore.

OK? Lore murmurou.

Iro assentiu. Não havia nenhum hematoma ou arranhão nela que Lore pudesse ver, e isso não parecia possível, dada a briga que ela provavelmente teve no hotel. Castor deve ter curado todos eles depois de cuidar de Lore.

Ela se inclinou para trás e virou o olhar para cima, em direção aos céus. Sem o brilho habitual da cidade, era fácil distinguir as estrelas.

Castor, Miles e Van foram até a beirada do telhado, e o novo deus apontou todas as mesmas constelações que Lore anotou silenciosamente para si mesma.

Seu pai os ensinou a ela e a Castor, contando-lhes os mitos por trás de cada um. Como

os heróis antigos e tantos outros, ela acreditava que a única honra maior do que kleos era que os deuses o colocassem entre as estrelas.

Às vezes, Lore se pegava procurando por sua família naquelas luzes. Quando o peso daquela dor a visitou, quando ela sentiu falta deles com o tipo de dor que tornava o sono impossível, ela fez suas próprias constelações para cada um deles.

Lore pressionou uma mão em seu peito, esfregando-o. Com o tempo, ela sabia que os veria novamente, mas não agora. Ela ultrapassou a morte tantas vezes que parou de contar, mas não estava perdido para ela que o ser que destruiu sua vida também lhe deu uma segunda.

Iro veio e se deitou ao lado dela, contemplando o céu escuro. Lore virou-se para olhar para ela.

"Está tudo bem com a sua linha?" perguntou Lore. “O que aconteceu no hotel?”

"As Odisséias estão feridas, mas se recuperando", disse Iro. “Perdemos apenas um caçador na luta. Assim que os Kadmides descobriram o tanque de fogo do mar, e que estavam presos conosco, a luta parou e eles se dispuseram a nos mostrar como abafar as chamas. Era tudo tão estranho, de certa forma.”

"As Odisséias tiveram sorte de ter você lá para liderá-las", disse Lore.

Iro balançou a cabeça. "Se fosse assim tão simples. Eu quero que eles me escutem, mas ainda há uma pequena parte de mim que parece... . . Eu não sou feito para liderar.”

“Você é,” Lore disse a ela.

Iro respirou fundo. “Não sei como convencer os mais velhos de que temos que encontrar um novo papel a desempenhar neste mundo, mas espero que minha mãe possa ajudar.

Ela vai nos encontrar na propriedade no Vale do Loire. Lutaremos juntos pela alma das Odisseides.”

"Bom", disse Lore. “Isso é bom, Iro. Não tenho certeza se há algo que eu possa fazer para ajudá-lo, mas vou tentar.

Iro zombou. “O que você não pode fazer?”

"Vencer você no sparring?" Lore oferecido.

"Nunca se esqueça disso", disse Iro. “Não importa quantas eternidades você veja.”

“Se eu tiver a sorte de ter tanto tempo,” Lore disse calmamente.

"Você . . .” Iro parecia incerto de como fazer sua pergunta. “Você quer isso para você?”

“Não sei o que quero, ou o que realmente sinto. Principalmente triste, eu acho”, disse Lore. “Talvez essa nem seja a palavra certa. É como se eu estivesse perdendo tudo, e todos vocês, e eu ainda estivesse aqui. Não consigo afastar a sensação de que ter o poder de Athena só vai criar mais problemas. Que, não importa o quanto eu tente, perderei contato com minha humanidade e me encontrarei nos mesmos padrões

destrutivos em que os antigos deuses caíram.”

Lore não queria que eras parecessem momentos, ou que o tempo perdesse seu significado para ela. Ela não queria decidir como e quando usar seu poder e sabia que inevitavelmente cometeria erros.

Ela não queria estar viva depois que todos os seus amigos se fossem.

“Nós não sabemos o que vai acontecer até a hora chegar,” Iro disse enquanto os outros faziam seu caminho de volta para eles. “Mas até lá, ficaremos aqui juntos enquanto a noite nos levar.”

Lore assentiu, mas ambos sabiam exatamente quanto tempo isso levaria. O dia viraria à meia-noite.

Comeram e beberam ao cair da noite. Finalmente, Lore contou a eles o que havia acontecido no túnel e o que Athena havia feito. Ela respondeu a todas as perguntas que podia, mesmo que tivesse mais perguntas.

À medida que as horas passavam, a noite parecia um sonho para ela. O fluxo de conversas e risos, os rostos iluminados pela luz das velas. Lore assistiu, com muito medo de desviar o olhar no caso de perder um segundo da vida que amava.

LORE SENTIU O MOMENTO em que a lua se aproximou do cume de seu arco no céu.

Extraindo-se do calor confortável dos braços de Castor, ela se sentou. Os outros dormiam ao redor dela, esparramados sob as estrelas. Van e Miles com as mãos entrelaçadas, Iro com o olhar suave de sonhar.

Ela pegou o telefone, verificando a hora. 23h50

Lore havia prometido a Miles e aos outros que ela e Castor iriam acordá-los antes da meia-noite. No entanto, quando sua mão pairou sobre o ombro dele, ela não conseguiu se forçar a continuar com isso. Ela já havia enfrentado tantas despedidas em sua vida, todas dolorosas, e nenhuma delas em seus próprios termos.

Em vez disso, ela pegou o telefone de Miles onde ele o havia deixado ao seu lado, fez uma careta, tirou uma foto e a colocou como plano de fundo. Então, em um rascunho de e-mail, ela deixou instruções sobre como acessar a conta bancária intocada que Gil —

Hermes — havia deixado para ela e onde encontrar as chaves do cofre que continha a escritura do brownstone.

— Do que você está sorrindo?

Castor estava cochilando na última hora, mas ele deve ter sentido a mudança no mundo também. Ele se levantou e se espreguiçou agora, rolando os ombros para trás e balançando os braços, como se lembrasse da sensação.

Lore colocou o dedo nos lábios, acalmando-o enquanto colocava o telefone ao lado da forma adormecida de Miles. Ela estendeu a mão para pegar a mão que

Castor ofereceu a ela. Eles caminharam, seus dedos entrelaçados, para o outro lado do telhado.

Ele olhou para a cidade escura, ainda sem suas luzes ofuscantes. "Lembrei-me."

Ela olhou para ele, esperando que ele continuasse.

“Eu sonhei, agora mesmo”, disse Castor. “Apolo me deixou matá-lo, mas ele não morreu.

Ele ascendeu.”

Exatamente como Atena.

“Foi isso o tempo todo?” perguntou Lore. “Eles tiveram que dar voluntariamente suas vidas a um humano?”

“Acho que é mais do que isso. Você se lembra do que o Folião disse?” perguntou Castor.

“Que mesmo Apolo sabia que nunca terminaria, e tudo isso – o Agon, a matança, tudo era simplesmente inútil? Eu vi isso nele. A percepção o estava destruindo. Ele me disse que podia sentir a doença em mim e ficou com raiva. Ele rasgou ao redor da sala, destruindo tudo o que tocou. Eu pensei que era porque ele estava furioso que eu ousei encontrar seu olhar, ou que ele foi encontrado, mas não foi isso.

Castor respirou fundo novamente. “Ele ficou quieto. Toda aquela fúria, e então. . . silêncio.

Pensamento. Ele puxou a lâmina da bainha ao seu lado e veio em minha direção.”

“Você ficou com medo?” sussurrou Lore.

Castor balançou a cabeça. "Não. Havia algo diferente em sua expressão, havia esse foco.

Ele me perguntou se eu queria viver. Eu disse a ele que não tinha medo de morrer. Não mais. E ele disse: Se um mero menino não tem medo, eu igualarei

sua coragem. Ele colocou a adaga na minha mão e fechou a sua ao redor da minha. Eu não podia recuar.

Eu não poderia quebrar seu domínio. Ele disse, eu não estou sem poder ou propósito, e ele puxou a lâmina em minha mão em seu coração."

Lore não conseguiu falar por um momento. "Por que ele simplesmente não curou você?

Ele tinha a habilidade, não tinha?

"Não sei", disse Castor. "O Agon estava quase no fim. Ele teria todo o seu poder de volta dentro de momentos. Mas acho que ele queria ser libertado disso – ele queria escapar da dor, violência e perda sem fim tanto quanto nós."

"E ele deixou da única maneira que sabia", disse Lore. "Deixando você matá-lo."

Ele assentiu, esfregando o rosto. "Não sei se foi um verdadeiro sacrifício, porque de certa forma serviu para ele. Eu acho que eles tinham que se lembrar de seu verdadeiro propósito, e eles só poderiam fazer isso abrindo mão do poder que eles tentaram desesperadamente manter."

Um suspiro suave escapou dela.

Onde estavam os outros deuses agora? Lore se perguntou. Livre, ou ainda preso no

mundo escuro abaixo?

Suas mãos se fecharam em torno de uma de Castor, precisando de seu toque. "Será a mesma sensação na estação? Vai doer ir embora?"

"Eu não sei", disse Castor, alisando o cabelo para trás de seu rosto. "Não tenho certeza do que vai acontecer."

Os segundos estavam passando rápido demais. Lore apertou a mão de Castor. Seu coração batia forte em seu peito, e ela se perguntou como seria não sentir mais isso.

Lore ficou na ponta dos pés, capturando o rosto dele entre as mãos e puxando-o

para um beijo antes que fosse tarde demais.

"Você está com medo?" ele perguntou.

Ela balançou a cabeça. "Somente . . . preocupado em deixar os outros."

Mas era mais do que isso. Eu não quero ir de jeito nenhum.

"Se você pudesse escolher," Lore começou. "Com tudo o que você sabe. . . você manteria seu poder?"

Ele considerou a pergunta, acariciando ao longo de sua mandíbula. "Não. Eu nunca quis para sempre. Quando eu estava doente, eu só queria um momento a mais. Mais uma hora. Mais um dia. Eu queria lutar com meu pai, continuar meu treinamento para ser uma curandeira e correr pela cidade com você. . . ."

Lore fechou os olhos, concentrando-se na sensação dele, no som de sua voz.

"Eu precisava do poder esta semana, não importa o que eu pensasse disso", disse Castor.

"Mas ainda me sinto como naquela época, quando era menino. Grato pelos dias bons, quando me sinto forte no meu corpo. Grato por qualquer tempo que tenho com você."

Lore envolveu seus braços ao redor de seu centro. Ele descansou a bochecha contra o cabelo dela.

Eu não quero ir, ela pensou. Não quero perder isso, nem por um momento.

Ela não queria a eternidade. Ela só queria segurar Castor. Para saber que seus amigos estavam seguros e por perto. Ouvir os batimentos cardíacos de sua cidade, cada vez mais firmes a cada dia.

"Por favor," sussurrou Lore – para o próprio Cloudbringer, para quem quer que estivesse ouvindo. "Deixe-nos ter uma escolha. Deixe acabar."

O ar se moveu ao redor deles, como se fosse uma resposta. Ela sentiu uma carga, espalhando-se em uma dança selvagem em seus sentidos. Uma presença se reuniu atrás deles, uma parede de pressão imensa e retumbante. Ela não se virou

para enfrentá-lo.

“Por favor,” Lore sussurrou novamente, repetindo a oração desesperada. "Vamos."

Liberte-nos.

Rosa dos ventos, despenteando seu cabelo. Ele cantou uma canção antiga, carregando tudo o que tinha visto através de terras, mares e séculos. Ela respirou fundo quando passou por ela - um calor repentino que se espalhou por sua alma. Lore agarrou Castor com mais força, mas não houve dor. Havia apenas luz além de suas pálpebras fechadas.

A pressão cedeu quando o poder que brilhava dentro dela se libertou de seu corpo como um fio se desenrolando. Ela respirou fundo com a sensação, e novamente quando ela desapareceu. O ar se acalmou e os sons da cidade se elevaram mais uma vez.

Lore abriu os olhos. “Cas. . . ?”

Ele abriu o seu. Por um momento, ela só pôde olhá-lo com admiração silenciosa. Seus olhos estavam escuros novamente sem as faíscas de poder em suas íris. Eram os olhos que ela via todos os dias quando criança. Eram os olhos que ela amava.

Seu corpo mortal estava quente ao lado dela. Ela sentiu o coração dele começar a bater loucamente em seu peito. Pura euforia se espalhou por ela.

Obrigado, ela pensou. Obrigada.

Castor soltou uma risada suave e alegre, suas mãos tocando seus braços, seu cabelo, seu rosto, como se precisasse ter certeza de que não era um sonho.

Quando o oitavo dia começou, Lore sorriu e o beijou.

DEUSES

MORTOS NO INÍCIO DO AGON

Afrodite – deusa da beleza, procriação, prazer e amor

Ares – deus da guerra, bravura, brutalidade e sede de sangue Dionísio – deus da festividade, êxtase religioso, frenesi, teatro, vinho e vegetação Hefesto (poderes removidos do Agon) - deus do fogo, ferreiros e trabalhos em pedra e metal

Poseidon - deus do mar, inundações, seca, cavalos e terremotos VIVO NO INÍCIO DO AGON

Ártemis - deusa do deserto, da caça , animais selvagens, parto e meninas Atena — deusa da sabedoria, artesanato e estratégia de guerra; defensor das cidades

Hermes — deus dos rebanhos e manadas, ladrões, mercadores, viajantes e linguagem; guia dos mortos e mensageiro dos olimpianos

STATUS DESCONHECIDO NO INÍCIO DO AGON

Apolo—deus da profecia, canção, poesia, arco e flecha, cura e luz, bem como pragas e doenças

NOVOS DEUSES ATUAL

Guardião do coração, possuindo o poder de Afrodite

O Foliador, possuindo o poder de Dionísio

Tidebringer, possuindo o poder de Poseidon

Wrath, possuindo o poder de Ares

CASA DE PERSEU, FUNDADOR DE MICENAS E MADADOR DE MEDUSA Rhea Perseous—mulher mortal que se tornou Tidebringer, o novo Poseidon; parentesco distante com Lore

Demos Perseous — o pai de Lore e o arconte das Perseides; assassinada no final do último Agon

Helena Perseous — mãe de Lore; nascido na Casa de Ulisses; assassinado no final do último Agon

Melora Perseous - também conhecido como Lore; o último membro mortal do Perseides Olympia Perseous—irmã de Lore; assassinada no final do último Agon Damara Perseous — irmã de Lore; assassinado no final do último Agon CASA DE ACHILLES, HERÓI DA GUERRA DE Tróia

Philip Achilleos — o arconte dos Aquilides; parentesco distante com Castor e Evander Acantha Achilleos — ex-leoa; esposa de Philip

Healer Kallias—ex-instrutor de cura

de Castor Cleon Achilleos—pai de Castor; falecida

Fedra Achilleos — mãe de Castor; morto durante um anterior Agon Castor Achilleos - amigo de infância mais próximo de Lore e ex-parceiro de treinamento Evander Achilleos - primo distante de Castor; mensageiro do Aquilides Orestes Achilleos — membro da classe de treinamento de Lore e Castor CASA DE KADMOS, FUNDADOR DE TEBE E MADADOR DA SERPENTE

Aristos Kadmou — antigo arconte dos Kadmides que se tornou Ira, o novo Ares
Belen Kadmou — filho de Aristos; nascido fora do casamento CASA DE ODISSEU, O ASTUTO REI DE ÍTACA

Iolas Odisseu — pai de Iro e antigo arconte das Odisséias que se tornou Guardiã do Coração, a nova Afrodite; depois de ascender, sua posição como arconte foi herdada por um parente masculino distante

Dorcas Odysseos - a mãe de Iro que desapareceu misteriosamente; um amigo íntimo da mãe de Lore durante sua vida

Iro Odysseos—amigo de Lore e ex-parceiro de treinamento CASA DE HERAKLES, HERÓI DOS DOZE TRABALHOS

Iason Herakliou—assassinou o resto de sua linhagem quando se tornou o Foliador, o novo Dionísio

OUTRAS CASAS

A Casa de Belerofonte, matador da Quimera e cavaleiro de Pégaso (linhagem extinta) A Casa de Jasão, líder dos Argonautas que recuperou o Velocino de Ouro (linhagem

extinta)

A Casa de Meleager, príncipe de Cálidon e matador do javali de Cálidon (linhagem extinta) A Casa de Teseu, rei de Atenas e matador do Minotauro

MINHA INTRODUÇÃO À MITOLOGIA GREGA veio através de uma cópia surrada do Livro de Mitos Gregos de D'Aulaires, que meus irmãos e eu herdamos de nossa mãe, que estava ansiosa para começar a nos apresentar nossa herança grega. Fui abençoado com uma grande família grega que é tudo o que os caçadores deste livro não são: incrivelmente amorosos, solidários, engraçados e sempre prontos com uma vasta coleção de lendas familiares. Gostaria de começar agradecendo a todos eles.

Além da contribuição da minha família sobre o grego neste livro, devo uma enorme gratidão a Brendon Zatirka e Kiki Hatzopoulou por me ajudarem a verificar novamente o uso e a ortografia, e por serem heróis do mais alto nível quando se trata de para responder minhas muitas perguntas. Eles, juntamente com Katalina Edwards e Joel Christensen, tiveram a gentileza de também avaliar as transliterações do original grego e discutir as diferentes maneiras de abordar os nomes das linhagens. (Se você fala qualquer versão do idioma, você pode notar que eu me inclinei para usar os nomes romanizados para maior clareza do leitor, mas tentei preservar um pouco da “pureza” do idioma, por assim dizer, sempre que Este livro também se beneficiou muito dos escritos de Mary Beard e Christine Downing, que me ajudaram a refinar minha própria visão de Atena e muitos dos mitos discutidos nesta história, bem como o trabalho de tradução feito por Richmond Lattimore, Emily Wilson, Samuel Butler, Robert Fagles e Hugh G. Evelyn-White. Meus colegas fãs de mitologia grega verão que fiz algumas ligações sobre quais versões dos mitos eu queria usar (por exemplo, ter a égide um escudo em vez de uma espécie de couraça) - acredite em mim quando digo que todos eram difíceis chamadas e foram finalmente feitas para ajudar a contar esta história.

Lore e eu tivemos a sorte de ter várias mentes editoriais brilhantes avaliando essa história. Obrigado a Laura Schreiber, Hannah Allaman, Marissa Grossman e Rachel Stark por me ajudarem a descobrir a melhor forma de contar essa história. Eu também gostaria de dar um agradecimento especial a Kieran Viola por toda sua ajuda.

Sinto muita gratidão a Ashil Lee por seu feedback maravilhoso e detalhado, que me ajudou a abordar esta história de um ângulo mais sensível e sutil, e acrescentou muito ao meu próprio entendimento.

Para Emily Meehan, Seale Ballenger, Melissa Lee, Augusta Harris, Dina Sherman, LaToya Maitland, Holly Nagel, Elke Villa, Andrew Sansone, Sean Weigold, Jennifer Chan, Guy Cunningham, Meredith Jones, Dan Kaufman, Sara Liebling, Shane Jacobson, Alexandra Sheckler, Kim Greenberg e toda a equipe de vendas: Obrigado por todo o seu trabalho duro e sua dedicação em dar aos livros a melhor vida que eles podem ter. Marci Senders: Essa capa é linda além das palavras. Eu também gostaria de agradecer a Billelis pela arte da capa incrivelmente atraente (trocadilho intencional) e Keith Robinson pela linda arte do interior.

Estou enviando um grande agradecimento a Merrilee Heifetz por estar ao meu lado, Rebecca Eskildsen, e à equipe de direitos estrangeiros da Writers House por ajudar este livro a encontrar leitores em todo o mundo.

Não posso começar a descrever o quanto sou grato à minha incrível amiga Anna Jarzab por acreditar nesta história e por me ajudar a pensar nela. Obrigado a Susan Dennard por estar sempre disposta a pesar quando preciso de outra opinião confiável e por sua compaixão ilimitada. Finalmente, obrigado a Erin Bowman, Leigh Bardugo, Victoria Aveyard e Amie Kaufman por serem um coro de vozes de apoio!

ALEXANDRA BRACKEN é a autora best-seller nº 1 do New York Times da série Darkest Minds e da série Passenger. Nascida e criada no Arizona, ela se mudou para o leste para estudar história e inglês no College of William & Mary, na Virgínia. Depois de trabalhar na publicação por vários anos, ela agora escreve em tempo integral. Seu trabalho está disponível em todo o mundo em mais de quinze idiomas e foi adaptado para a tela grande. Visite-a online em www.alexandrabracken.com e no Twitter e Instagram

@alexbracken.

Índice

Página de rosto Dedicação de

direitos autorais Linhas vivas Linhas mortas A Origem Poema Prólogo Parte Um: Cidade dos Deuses Um Dois Três Quatro Cinco Seis Sete Oito Dez Anos Antes Nove Dez Onze Doze Treze Quatorze Quinze Parte Dois: Carregando Fogo Dezesseis Dezessete Dezoito Dezenove Vinte E vinte -Um Sete Anos Antes Vinte e Dois Vinte e Três Vinte e Quatro Vinte e Cinco Vinte e Seis Vinte e Sete Vinte e Oito Parte Três: Imortal Vinte e Nove Trinta e Um Trinta e Dois Trinta e Três Trinta e Quatro Trinta e Cinco Trinta -Seis Trinta e Sete Parte Quatro: Dark Rivers Sete Anos Antes Trinta e Oito Trinta e Nove Quarenta e Sete Anos Antes Quarenta e Um Quarenta e Dois Sete Anos Antes Quarenta e Três Parte Cinco: Mortal Quarenta e Quatro Sete Anos Antes Quarenta e Cinco Quarenta- Seis Quarenta e Sete Quarenta e Oito Quarenta e Nove Cinqüenta e Um Cinqüenta e Dois Cinqüenta e Três Cinqüenta e Quatro Cinquenta e Cinco Cinquenta e Seis Cinquenta e Sete Cinqüenta e Oito Elenco de Personagens Agradecimentos Sobre o Autor